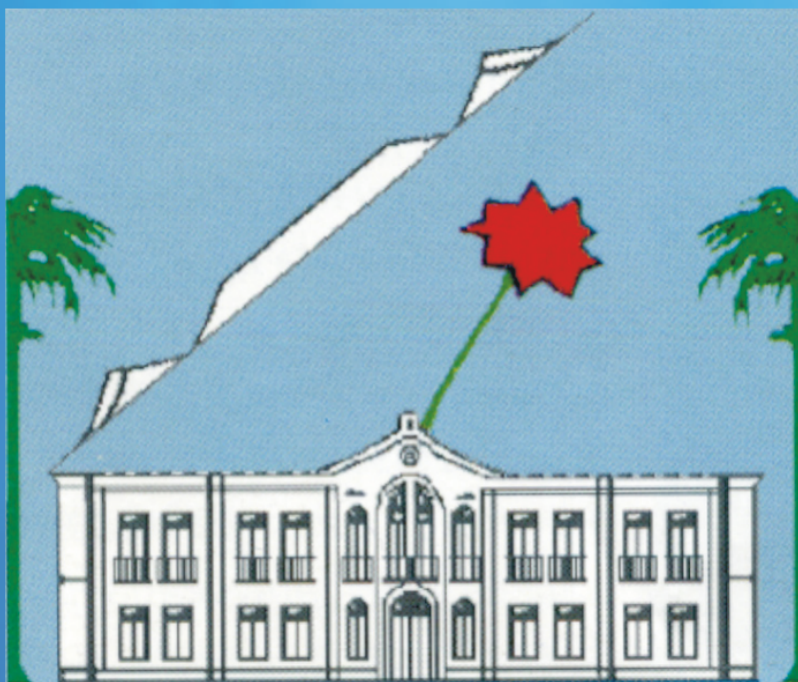




# III ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS

COMUNIDADE, PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



## IX ICOFOM LAM

MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE /  
MUSEOLOGÍA Y DESARROLLO SUSTENTABLE  
EN LATINOAMÉRICA Y EL CARIBE

Santa Cruz - Rio de Janeiro - Brasil  
17 - 20 maio de 2000 / 17 - 20 mayo 2000

**II ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS / II ENCUENTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEOS / II RENCONTRE INTERNATIONAL DES ÉCOMUSÉES**

*Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável*

*Comunidad, Patrimonio y Desarrollo Sustentable*

*Communauté, Patrimoine et Développement Soutenable*

**IX ICOFOM LAM**

*Museologia e Desenvolvimento Sustentável na América Latina e no Caribe*

*Museología y Desarrollo Sustentable en Latinoamérica y el Caribe*

**Santa Cruz, Rio de Janeiro – Brasil**

**17-20 Maio 2000 / 17-20 Mayo 2000 / 17-20 Mai 2000**

## II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX ICOFOM LAM

Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável / Museologia e Desenvolvimento Sustentável. *Comunidad, Patrimonio y Desarrollo Sustentable / Museología y Desarrollo Sustentable / II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX ICOFOM LAM.* Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda., 2001. 362p. il., 21,59 x 27,94cm.

Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX Encontro Anual do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe - ICOFOM LAM.

1. Museu. 2. Museologia. 3. Ecomuseus e Museus Comunitários.
4. Desenvolvimento Sustentável.

## **II ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS / II ENCUESTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEOS / II RENCONTRE INTERNATIONAL DES ÉCOMUSÉES**

*Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável*

*Comunidad, Patrimonio y Desarrollo Sustentable*

*Communauté, Patrimoine et Développement Soutenable*

### **IX ICOFOM LAM**

*Museologia e Desenvolvimento Sustentável na América Latina e no Caribe*

*Museología y Desarrollo Sustentable en Latinoamérica y el Caribe*

**Santa Cruz, Rio de Janeiro – Brasil**

**17-20 Maio 2000 / 17-20 Mayo 2000 / 17-20 Mai 2000**

### **Organização / Organización**

MINOM                      Movimento Internacional para a Nova Museologia  
Movimiento Internacional por una Nueva Museología

ICOFOM LAM              Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe  
Subcomité Regional del ICOFOM para Latinoamérica y el Caribe

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro  
Secretaria Municipal de Cultura/ Depto. Geral do patrimônio Cultural  
Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro

### **Coordenação do Evento / Coordinación del Evento**

Hugues De Varine	- MINOM - ASDIC
Odalice M. Priosti	- Vice Presidente, MINOM / NOPH
Tereza Scheiner	- Presidente, ICOFOM
Nelly Decarolis	- Presidente, ICOFOM LAM
Walter V. Priosti	- Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro
Newton Costa	- Coordenador Geral - NOPH
Jacob Gribbler Neto	- Diretor - FAMA (Faculdades Machado de Assis)
Paulo César Resende	- Coordenador Geral - 10 <sup>a</sup> CRE
Edna Lassance	- Curso de Turismo / FAMA
Américo Mano	- Depto. Cultural / FEUC
Rita Gemino	- Depto. Cultural / FEUC
Alan Castilho	- NOPH

### **Documentos de Trabalho / Documentos de Trabajo / Documents de Travail**

#### **Preprints / Pré - edição**

#### **Coordenação / Coordinación**

Priosti, Odalice Miranda

Priosti, Walter Vieira

#### **Projeto Gráfico e Edição / Proyecto Grafico y Edición**

NOPH - Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica

#### **Apoio / Auspicios**

AEDIN - Associação das Empresas do Distrito Industrial de Santa Cruz



## **Anais do Encontro / Actas del Evento / Actes du Colloque**

### **Edição / Edición / Édition**

#### **Coordenação da Edição / Coordinación de la Edición / Coordination de L'édition**

Tereza Scheiner - ICOFOM  
Odalice M. Priosti - MINOM  
Walter V. Priosti - Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro

#### **Edição / Edición / Édition**

Tacnet Cultural Ltda.

#### **Formatação dos Originais, Projeto Gráfico e Composição Preparo de los Originales, Proyecto Grafico y Composición Préparation des Originaux, Project Graphique et Composition**

Patrícia Maria Branco  
Andrei Moletta Scheiner

#### **Reprodução / Reproducción / Reproduction**

Duplicasom Indústria e Comércio Ltda.

#### **Fotografias / Fotos / Photos**

Tereza Scheiner  
Artfícios

#### **Traduções / Traducciones**

Ana Paula Barbosa Lima Veeren  
Cláudio Estrella (in memoriam)  
Flávia de Melo Seabra  
Hugues de Varine  
Jacob Gribbler Neto  
Nelly Decarolis  
Odalice Miranda Priosti  
Vander Miranda Priosti

#### **Agradecimentos Especiais / Agradecimientos Especiales**

Comunidade de Santa Cruz  
Integrantes dos Grupos de Trabalho (GT's) para o II EIE / IX ICOFOM LAM:

GT Planejamento e Pesquisa;  
GT Secretaria e Administração;  
GT Recursos Financeiros;  
GT Comunicação;  
GT Manifestação Cultural;  
GT Recepção e Turismo

Ana Cláudia Lescault (DGPC)  
Hamad Amaral (Site)  
Marcelo Godinho (Informatização, Diagramação)  
Rubem Gonçalves (Impressos)

# ÍNDICE

<b>Apresentação / Presentación</b> .....	9
<b>I . Textos Provocativos / Documentos Provocativos / Provocative Papers</b>	
Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus.....	12
<i>Mário Chagas - Brasil</i>	
Museología y Desarrollo Sustentable.....	19
<i>Karina Durand - México</i>	
<b>II . Conferências de Abertura / Conferencias Magistrales – Dia 18 Maio / Día 18 Mayo</b>	
The Ecomuseum projects in the Indian Context.....	23
<i>Bedekar, V. H. - Índia</i>	
Les Musées d’Histoire de Ville: leur contribution au développement social contemporain ....	28
<i>Costa, Heloisa Helena - Brasil</i>	
Places, “cultural touchstones” and the concept of the ecomuseum .....	33
<i>Davis, Peter - UK</i>	
Museología y Desarrollo Sustentable - El valor de un desafío.....	37
<i>Decarollis, Nelly - Argentina</i>	
Junta Vecinal Pro Conservación y Difusion del Patrimonio Histórico-Cultural de Acaponeta, AC .....	44
<i>Hidalgo, José Ricardo S. M. - México</i>	
Museologia, Identidades, Desenvolvimento Sustentável: Estratégias discursivas.....	46
<i>Scheiner, Tereza - Brasil</i>	
La place du Musée Communautaire dans les stratégies de développement.....	57
<i>Varine, Hugues de - França</i>	
<b>III . Conferências / Conferencias</b>	
Ecomusées, Patrimoines et Développement Durable .....	64
<i>Mayrand, Pierre - Canadá</i>	
Vinte anos de Museologia: um caminho de dúvidas e opções.....	70
<i>Moutinho, Mário - Portugal</i>	
Ecomuseu Urbano e Iniciativas Comunitárias: autonomia, liberdade e cidadania na relação com Patrimônio.....	77
<i>Priosti, Odalice Miranda - Brasil</i>	
<b>IV . Documentos de Base (II EIE)</b>	
Ecomuseu de Itaipu - Integração Regional, Memória Regional e Educação Ambiental .....	86
<i>Amâncio, Hélio; Curtis, Marlene e Turmina, Rosana - Brasil - PR</i>	

El Renacer de un país .....	90
<i>Andres, Mateo - Espanha</i>	
Colônia Japonesa de Santa Cruz: os frutos de uma cultura .....	96
<i>Carvalho, Ana Paula C. - Brasil - RJ</i>	
Red de Museos y Comunidades Sostenibles: abriendo nuevas vias de encuentro y cooperación.....	98
<i>De Carli, Georgina - Costa Rica</i>	
A natureza como objeto museológico. Patrimônio e Memória na Museologia .....	104
<i>Evres, Ana Cristina Léo Barcellos - Brasil - RJ</i>	
Ecomuseu Municipal do Seixal - 18 anos: maturidade e renovação.....	105
<i>Filipe, Maria da Graça - Portugal</i>	
The Future of Ecomuseums .....	109
<i>Maggi, Maurizio e Zatti, Federico - Itália</i>	
“Scanerizando” a mente dos visitantes do Museu Nacional .....	116
<i>Martins, Ângela Maria M. - Brasil - RJ</i>	
Proposta para criação de uma nova Unidade de Conservação na Região de Sepetiba.....	133
<i>Melo, Adriano Lopes de et alii - Brasil - RJ</i>	
Dinamização do Acervo Museológico da Universidade Federal de Pernambuco .....	135
<i>Oliveira Júnior, Albino - Brasil - PE</i>	
Sambaquis de Guaratiba -Sítios Arqueológicos com potencial científico, cultural e turístico .....	137
<i>Peixoto, Ariane Luna et alii - Brasil - RJ</i>	
Trilhas interpretativas na Área de Proteção Ambiental das Brisas .....	139
<i>Peixoto, Gustavo Luna - Brasil - RJ</i>	
“História das Cidades da Baixada Fluminense” (Vídeo Documentário).....	141
<i>Prado, Walter - Brasil - RJ</i>	
Os Ecomuseus no contexto das Agendas 21 Locais: contribuição ao desenvolvimento.....	142
<i>Prazeres, Luciana Martins - Brasil - RJ</i>	
Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro: território de memória e instrumento da comunidade.....	148
<i>Priosti, Odalice M. - Brasil - RJ</i>	
Oficina de Turismo Cultural ECOTOUR Santa Cruz- Projeto Mini - Guias do Patrimônio ..	155
<i>Priosti, Odalice; Veeren , Ana Paula B. Lima ; Plaza, Mônica - Brasil - RJ</i>	
Museus citadinos e Patrimônio .....	159
<i>Rangel, Marcio Ferreira</i>	
Programa de Educación Ambiental, no formal y urbano. Formación de Promotores Ambientales .....	164
<i>Romero, Elba - Argentina</i>	
Projeto de Educação Ambiental “Quarteirão Cultural do Matadouro”- Santa Cruz.....	167

<i>Rosa, Alvimar Rocha da et alii - Brasil - RJ</i>	
Museo Agrario del Azul.....	169
<i>Rusconi, Norma; Borioli, Liliana e Garcia, Héctor - Argentina</i>	
Patrimônio Cultural e a Escola: construindo um museu didático comunitário.....	177
<i>Santos, Maria Célia T. M. - Brasil - BA</i>	
Museu Paraense Emílio Goeldi e a preservação da memória social do caboclo amazônico.....	189
<i>Silva, Ana Cláudia dos Santos - Brasil - PA</i>	
Iniciativas locais em extensão universitária: programa para capacitação de jovens de áreas carentes.....	196
<i>Silva, Célia Regina Neves da - Brasil - RJ</i>	
Museus e Desenvolvimento: Pólo Turístico do Vale do Alto Médio Tietê.....	204
<i>Souza, Jonas Soares de - Brasil - SP</i>	
As marisqueiras de Sepetiba: Uma abordagem sistêmica a uma base sustentável?.....	209
<i>Souza, Sinvaldo do Nascimento - Brasil - RJ</i>	
Um ecomuseu mineiro para a Faixa Piritosa Ibérica.....	214
<i>Tinoco, Alfredo - Portugal</i>	

## **V . Documentos de Base (IX ICOFOM LAM)**

Intervenções urbanas: o grafite como objeto museológico.....	222
<i>Chicanel, Marize - Brasil - RJ</i>	
Muséologie et Développement Soutenable.....	227
<i>Costa, Heloisa Helena - Brasil - RJ</i>	
Museos y Nuevas Tecnologías - Una Cosmovisión.....	232
<i>Durand, Karina - México</i>	
El Museo del Desierto en la Ciudad de Saltillo, Coahuila.....	240
<i>Figuroa, Judith Alanis - México</i>	
A Museologia diante do virtual: repensando os elementos conceituais e a memória, a partir das novas tecnologias informáticas.....	245
<i>Godoy, Karla Estelita - Brasil - RJ</i>	
La colección del Museo Regional Cuauhnáhuac.....	246
<i>Icaza, Lorenza del Rio de - México</i>	
Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible como categoría de análisis.....	251
<i>Mercuri, Mónica - Argentina</i>	
Desarrollo Sustentable, Medio Ambiente y Patrimonio Cultural (Histórico Artístico).....	256
<i>Pereiro Grigaravicius, Maria Delia - Argentina</i>	
Isla del Cerrito (Provincia del Chaco - Rep. Argentina) - Posibilidad de conservación de Ecosistemas y paisajes. Plan de manejo de uso y gestión.....	260

*Romero, Elba - Argentina*

Comunidades y Desarrollo Sustentable: incidencia de la labor del museo y de la museología..... 267  
*Rusconi, Norma y Borioli, Liliana - Argentina*

Museologia, Identidades, Desarrollo Sustentable: Estrategias discursivas ..... 272  
*Scheiner, Tereza - Brasil*

Experiência de pesquisa em Educação Ambiental - a visão da comunidade de Salvaterra sobre os problemas ambientais ..... 284  
*Silva, Ana Claudia dos Santos - Brasil - PA*

Museology and Heritage in relation to the future environment of a community..... 292  
*Vitagliano, Carol - Argentina*

## **VI . Posters e Vídeos / Paneles y Videos**

**A – Posters / Paneles** ..... 296

**B – Vídeos**..... 297

## **VII. Conclusões / Conclusiones**

### **Manifiesto de Santa Cruz**

Manifiesto de Santa Cruz (português) ..... 299

Manifiesto de Santa Cruz (español)..... 301

Manifiesto de Santa Cruz (français)..... 303

### **Carta de Santa Cruz**

Carta de Santa Cruz – ICOFOMLAM (português) ..... 305

Carta de Santa Cruz – ICOFOM LAM (español) ..... 309

Carta de Santa Cruz – ICOFOM LAM (english) ..... 313

**VIII . Autores (Textos e Resumos) / Autores (Textos y Resúmenes)**..... 318

**IX . Apoios / Auspicios**..... 322

## **ANEXOS**

### **Anexo I**

Programa de Atividades / Programa de actividades ..... 326

### **Anexo 2**

Imagens do Evento (fotos) ..... 328

# Apresentação

No marco dos 500 anos do encontro entre a civilização européia e a nativa na terra que viria a ser o Brasil, o ano 2000 sela em Santa Cruz um acontecimento histórico: o II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX ICOFOM LAM.

E justamente, não por acaso, mas porque sua comunidade traçou e buscou esse encontro, Santa Cruz, bairro distante 60 quilômetros do epicentro cultural do Rio de Janeiro, é a sede desse acontecimento que valoriza o reencontro do Brasil com sua identidade, o encontro entre as preocupações presentes do homem com a natureza e a cultura, o encontro dessa comunidade com o seu patrimônio e das forças vivas da cultura local apoiando a iniciativa do NOPH-Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica e do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro e, finalmente, o encontro da Museologia com as novas práticas sociais, o encontro do MINOM-Movimento Internacional para uma Nova Museologia e do ICOFOM LAM - Subcomitê Regional de Museologia para América Latina e Caribe.

O Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro - experiência concreta de ecomuseu urbano deu a partida para esse encontro há três anos, em 1997, durante as X Jornadas sobre a Função Social do Museu, em Póvoa de Lanhoso, Portugal, onde se fez representar a convite do MINOM. Saiu dali a proposta para a realização do II Encontro Internacional de Ecomuseus no Rio de Janeiro, em Santa Cruz.

A adesão do ICOFOM LAM em Melbourne, Austrália, em 1998, durante a XVIII Conferência do ICOM - Conselho Internacional de Museus, fortaleceu o espírito integrador desse encontro, significando para toda a comunidade museológica uma perspectiva da retomada de um diálogo possível entre o exercício acadêmico regional e da reflexão teórica aplicada à realidade da América Latina e as mais diversas experiências iluminadas pela Nova Museologia, aportando novas abordagens, novos caminhos, novos olhares, novas significações

e novas interpretações das atividades museológicas no Brasil, na América Latina e no mundo.

Reunir em Santa Cruz, sítio da experiência urbana de ecomuseu no extremo Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, comunidades, especialistas, potenciais interessados nos temas “**Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável**” (II EIE) e “**Museologia e Desenvolvimento Sustentável**” (IX ICOFOM LAM), foi o desafio que se nos antepôs, desde que decidimos responder de forma concreta às **Llamadas à la acción** proposta na **CUMBRE DE MUSEOS DE LAS AMÉRICAS** em 1998, em San Jose da Costa Rica, sob o tema “Museos y Comunidades Sostenibles”.

A preocupação com uma relação integrada e dinâmica entre os museus e/ ou atividades museológicas com as necessidades vitais das populações apontava, desde a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, para a urgência de caminhos para a sustentabilidade dos povos da América Latina, valorizando suas iniciativas. Essa reflexão traz para esse encontro a possibilidade de um aprendizado de gestão das futuras mudanças na sociedade, no que concerne à própria vida, onde natureza e cultura são sua expressão.

A numerosa produção acadêmica e o envolvimento de diversas experiências apresentando as mais diferentes expressões de pensamento sinalizam um potencial reencontro do homem com sua vocação museológica, orientada para o desenvolvimento qualitativo nessa área do conhecimento humano.

A comunidade de Santa Cruz, que propôs esse encontro, acreditou nele e investiu toda a sua capacidade de criação, organização e integração, aos representantes da área acadêmica e aos especialistas nos mais diversos campos, que se solidarizaram com essa iniciativa comunitária, nossos agradecimentos.

Esperamos que esse trabalho traduza todo o esforço coletivo da sociedade pelo bem comum, através do Encontro entre as teorias e as práticas museológicas, buscando refletir sobre as questões mais recentes quanto à relação das comunidades com o seu patrimônio e a sua própria sustentabilidade, questões essas trazidas pelas sociedades face às mudanças e ao ingresso no terceiro milênio.

A Comissão Organizadora  
Maio/2000

# Presentación

En el marco de los 500 años del encuentro entre la civilización europea y la nativa, en la tierra que llegó a ser Brasil, en el año 2000 ocurre un acontecimiento histórico en Santa Cruz: el *II Encuentro Internacional de Ecomuseos* y el *IX Encuentro del Subcomité Regional del ICOFOM para América Latina y el Caribe*.

No es éste un hecho casual, dado que la comunidad proyectó este encuentro. Santa Cruz, barrio que dista 60 kilómetros del epicentro cultural de Río de Janeiro, es la sede de este acontecimiento que valoriza el reencuentro del Brasil con su identidad; del hombre actual con la naturaleza y la cultura; de la comunidad con su patrimonio, de las fuerzas vivas de la cultura local que apoya la iniciativa del NPH - Núcleo de Orientación e Investigación Histórica- y del Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro y, finalmente, de la museología con sus nuevas prácticas sociales: el encuentro del MINOM - Movimiento Internacional para una Nueva Museología y del ICOFOM LAM - Subcomité Regional de Museología para América latina y el Caribe.

El Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro -experiencia concreta de un ecomuseo urbano- fue presentado por invitación del MINOM hace tres años, en 1997, durante las X Jornadas sobre la Función Social del Museo, realizadas en Póvoa de Lanhoso, Portugal, punto de partida donde surgió la propuesta para la realización del *II Encuentro Internacional de Ecomuseos* en Santa Cruz, Rio de Janeiro.

La adhesión del ICOFOM LAM en Melbourne, Australia, en 1998 durante a XVIII Conferencia General del Consejo Internacional de Museos - ICOM - fortaleció el espíritu integrador de este encuentro. Este hecho significa para toda la comunidad museológica la perspectiva de retomar el diálogo entre el ejercicio académico regional y la reflexión teórica aplicados a la realidad de América latina y a las más diversas experiencias inspiradas por la Nueva Museología, ofreciendo nuevos abordajes, nuevos caminos, nuevas visiones, nuevos significados y nuevas interpretaciones de las actividades museológicas en el Brasil, en América latina y en el mundo.

Reunir en Santa Cruz, sitio en que se lleva a cabo la experiencia urbana de un ecomuseo situado en el extremo oeste de la Ciudad de Río de Janeiro, a comunidades, especialistas e interesados potenciales en "Comunidad, Patrimonio y Desarrollo Sustentable" ( *II EIE* ) y "Museología y Desarrollo Sustentable en América Latina y el Caribe" ( *IX ICOFOM LAM* ), fue un desafío que se nos presentó a partir del momento en que decidimos responder en forma concreta las llamados a la acción propuestos en 1998 en la CUMBRE DE MUSEOS DE LAS AMÉRICAS, en San José de Costa Rica, donde se debatió el tema "Museos y Comunidades Sostenibles".

La preocupación por una relación integrada y dinámica entre los museos y sus actividades museológicas y las necesidades vitales de la población apuntaba, desde la Mesa Redonda de Santiago de Chile de 1972, a la necesidad de encontrar los caminos para la sustentabilidad de los pueblos de América latina, valorizando sus propias iniciativas. Esa reflexión trajo aparejada la posibilidad de emprender un aprendizaje sobre la gestión para enfrentar los cambios de la sociedad en lo que se refiere a la vida misma, donde la naturaleza y la cultura fueran su expresión.

La numerosa producción académica y la realización de variadas experiencias que presentan las más diversas expresiones del pensamiento señalan un potencial reencuentro del hombre con su vocación museológica orientada hacia un desarrollo cualitativo.

La comunidad de Santa Cruz que propuso este encuentro creyó en él y en él volcó toda su capacidad de creación, organización e integración. A los representantes académicos y a los especialistas de los más diversos campos que colaboraron con esta iniciativa comunitaria, reflexionando sobre los temas propuestos, nuestros agradecimientos.

Esperamos que este trabajo refleje, a través del encuentro de la teoría con la praxis museológica, todo el esfuerzo que realiza la sociedad por el bien común al reflexionar sobre los problemas más recientes que relacionan a las comunidades con su patrimonio y su sustentabilidad frente a los cambios producidos en el ingreso al tercer milenio.

La Comisión Organizadora  
Mayo 2000



# **Textos Provocativos**

# **Documentos Provocativos**



# MEMÓRIA E PODER: CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA E A PRÁTICA NOS ECOMUSEUS

Mário Chagas – UNIRIO, Escola de Museologia / Brasil  
(Documento Provocativo apresentado ao II EIE)

---

## 1ª parte – Entre a memória do poder e o poder da memória

*“Penso na moda ‘retro’ atualmente em voga. Que vem a ser esta moda? Quer dizer que se descobrem certas raízes ou que se querem esquecer as dificuldades do presente?”*  
Jacques Le Goff

Os agentes museais confrontam-se sistematicamente com dois movimentos de memória: um que se dirige ao passado e lá se cristaliza - como lembrança que aliena e evade o sujeito de si e do seu tempo, lembrança retificada e saturada de si mesma e por isso sem possibilidade de criação e inovação – e outro que se orienta para o presente.

Dirigir-se ao passado, sem nenhuma perspectiva de mudança, implica a comemoração da ordem estabelecida, a afirmação da ordem jurídica, dos valores culturais dados, da verdade científica imposta. Orientar-se para o presente implica a operação com uma espécie de contramemória, que articula-se com a vida e se instala, como diria Nietzsche, “no limiar do instante, esquecendo todos os passados.” Segundo o autor de *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1999: p.273), aquele que não for capaz desses esquecimentos não conseguirá manter-se concentrado num ponto como uma deusa de vitória e “nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne os outros felizes.” Um homem que não pudesse mais esquecer<sup>1</sup>, perderia a própria humanidade e em seguida o poder de agir.

O confronto entre esses dois movimentos mantém a dinâmica da vida. A vitória do primeiro sobre o segundo configura-se como a perda da utopia, a perda dos sonhos ou a “perda do tesouro” a que se refere Hannah Arendt:

“A história das revoluções - do verão de 1776, na Filadélfia, e do verão de 1789, em Paris, ao outono de 1956, em Budapeste - que decifraram politicamente a estória mais recôndita da idade moderna, poderia ser narrada alegoricamente como a lenda de um antigo tesouro, que, sob as circunstâncias mais várias, surge de modo abrupto e inesperado, para de novo desaparecer qual fogo-fátuo, sob diferentes condições misteriosas. (...) A perda, talvez inevitável em termos de realidade política, consumou-se, de qualquer modo, pelo olvido, por um lapso de memória que acometeu não apenas os herdeiros como, de certa forma, os atores, as testemunhas, aqueles que por um fugaz momento retiveram o tesouro nas palmas de suas mãos; em suma os próprios vivos.” (1992:30-1)

Às instituições de memória, e de modo particular aos museus, é freqüentemente atribuída a função de casas de guarda do tesouro. Mas, se o tesouro foi perdido o que elas guardam? E se guardam de fato um tesouro, que tesouro é esse?

Nos museus normalmente estão guardados os testemunhos materiais de determinados períodos históricos. No entanto, a estes testemunhos materiais (alguns com valor de mercado) associam-se valores simbólicos e espirituais de diferentes matizes.<sup>2</sup> Assim, o tesouro guardado nos museus não está necessariamente relacionado a valores monetários. Esse tesouro museológico, apenas aparentemente reside nas coisas, uma vez que as coisas estão despidas de valor em si. O que está em jogo é a tentativa de construção de uma tradição que possa vincular o presente ao passado (e quem sabe, por uma vereda de memória insubmissa, o passado ao presente?). Em outros termos: se o museu pode, por um lado, significar que o tesouro foi perdido e ali está apenas o seu duplo, sem potência e sem vida; por outro, pode também lembrar que o tesouro existiu, que ele já esteve nas mãos dos vivos e que pode reaparecer abruptamente, permitindo que o sentido da vida seja reapropriado.

Pensado por essa estrada, o museu (despido também de valor em si) é um campo onde encontram-se os dois movimentos de memória e desde o nascedouro está marcado com os germes da contradição e do jogo das múltiplas oposições.

O vocábulo museu, como se sabe, tem origem na Grécia, no Templo das Musas (Museión). As musas, por seu turno, foram geradas a partir da união mítica celebrada entre Zeus (identificado com o poder) e Mnemósine (identificada com a memória). O retorno à origem do termo museu não tem nada de novo. Diversos textos trazem essa referência. Avançando um pouco pode-se reconhecer, ao lado de Pierre Nora (1984), que os museus vinculados às musas por herança materna (matrimônio) são “lugares de memória”; mas por herança paterna (patrimônio) são configurações e dispositivos de poder. Assim, os museus são a um só tempo: herdeiros de memória e de poder. Estes dois conceitos estão permanentemente articulados nas instituições museológicas.

É fácil compreender, por esta picada mitológica, que os museus podem ser espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória. Essa compreensão está atrelada ao reconhecimento da deficiência imunológica da memória em relação ao contágio virótico do poder e da inteira dependência química do poder em relação ao entorpecimento da memória. A memória (provocada ou espontânea) é construção e não está aprisionada nas coisas, ao contrário, situa-se na dimensão inter-relacional entre os seres, e entre os seres e as coisas.

Com todos esses ingredientes, o agente museal está habilitado para o entendimento de que a constituição dos museus celebrativos da memória do poder decorre da vontade política de indivíduos e grupos e representa a concretização de determinados interesses. Os museus celebrativos da memória do poder - ainda que tenham tido origem, em termos de modelo, nos séculos XVIII e XIX - continuaram sobrevivendo e multiplicaram-se durante todo o século XX. Aqui não se está falando de instituições perdidas na poeira do tempo; ao contrário, a referência incide em modelos museológicos que, superando as previsões apocalípticas de alguns especialistas, sobrevivem e continuam deitando regras.

Para estes museus, a celebração do passado (recente ou remoto) é a pedra de toque. O culto à saudade, aos acervos valiosos e gloriosos é o fundamental. Eles tendem a se constituir em espaços pouco democráticos onde prevalece o argumento de autoridade, onde o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos. Os objetos (seres e coisas), para os que alimentam estes modelos, são coágulos de poder e indicadores de prestígio social. Distanciados da idéia de documento, eles querem apenas monumentos. O poder, por seu turno, nestas instituições, é concebido como alguma coisa que tem lócus próprio, vida independente e está concentrado em indivíduos, instituições ou grupos sociais. Essa concepção está distante daquela enunciada por Foucault:

“O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E ‘o’ poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalista: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.” (1997: p.89)

A tendência para a celebração da memória do poder é responsável pela constituição de acervos e coleções personalistas e etnocêntricas, tratadas como se fossem a expressão da totalidade das coisas e dos seres ou a reprodução museológica do universal, como se pudessem expressar o real em toda a sua complexidade ou abarcar as sociedades através de esquemas simplistas, dos quais o conflito é banido por pensamento mágico e procedimentos técnicos de purificação e excludência.

As relações estreitas entre a institucionalização da memória e as classes privilegiadas têm favorecido esta concepção museal. Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos “poderosos”.

Importa esclarecer, no entanto, que os museus surgidos com caráter celebrativo não estão maculados por pecado original e fadados à reprodução de modelos que eliminam a

participação social e a possibilidade de conexão com o presente. Até mesmo porque essa afirmação seria a negação do entendimento do museu como um “corpo” por onde o poder circula. Assim, dentro dos próprios museus desenvolvem-se canais de circulação de poder que permitem a produção de programas, projetos e atividades que traem a missão original da instituição.<sup>3</sup> Para o bem e para o mal os museus não são blocos homogêneos e inteiramente coerentes.

Ali mesmo em suas veias circulam corpos e anticorpos, memória e contramemória, seres vivos e mortos. De qualquer modo, para além dessa visão microscópica, não se deve desconsiderar as tendências gerais predominantes. Interessa aqui afirmar que alguns museus, dando provas de que a mudança é possível, buscam transformar-se em equipamentos voltados para o trabalho com o poder da memória.

O diferencial, neste caso, não está no reconhecimento do poder da memória, mas sim na colocação desse poder ao serviço do desenvolvimento social, bem como na compreensão teórica e no exercício prático da apropriação da memória e do seu uso como ferramenta de intervenção social.

Trabalhar nesta perspectiva (do poder da memória) implica afirmar o papel dos museus como agências capazes de servir e de instrumentalizar indivíduos e grupos para o melhor equacionamento de seu acervo de problemas. O museu que adota este caminho não está interessado apenas em ampliar o acesso aos bens culturais acumulados, mas, sobretudo, em socializar a própria produção de bens, serviços e informações culturais. O compromisso, neste caso, não é com o ter, acumular e preservar tesouros, e sim com o ser espaço de relação, capaz de estimular novas produções e abrir-se para a convivência com as diversidades culturais.

Operando com objetos herdados ou construídos, materiais ou não-materiais, os museus trabalham com o já feito e já realizado, sem que isso seja, pelo menos em tese, obstáculo para a conexão com o presente. Essa assertiva é válida tanto para os museus de arte contemporânea, quanto para os ecomuseus envolvidos com processos de desenvolvimento comunitário. A questão fundamental, como indicou Le Goff, é saber se a instituição museológica está aderindo ao passado e à moda “retro”<sup>4</sup> para compreender e atuar aqui e agora ou para esquecer “as dificuldades do presente”. Em qualquer hipótese, remontar (museograficamente) ao passado é reinventar um passado, uma vez que dele guardam-se apenas restos. Contudo, à tentativa de “esquecer as dificuldades do presente” alia-se muitas vezes um movimento de promoção passadista<sup>5</sup> que, vinculando o conceito de patrimônio aos objetos materiais, busca afirmar que a memória e a história estão sendo preservadas, sem conflito, sem contestação, sem produção inovadora. (Le Goff, 1986: p.55).

Trabalhar com a perspectiva de um movimento de memória que se conecta estrategicamente ao presente sem querer esquecer-lo, mas olvidando necessariamente alguns aromas do passado, conduz o agente museal ao reconhecimento de que aquilo que se anuncia nos museus não é a verdade, mas uma leitura possível, inteiramente permeada pelo jogo do poder. Onde há memória há esquecimento e “lá onde há poder há resistência”.(Foucault, 1997: p.91) A possibilidade de múltiplas leituras resgata para o campo museológico a dimensão do litígio: é sempre possível uma nova leitura.

Onde há poder há memória.

O poder em exercício empurra a memória para o passado, subordinando-a a uma concepção de mundo, mas como o passado é um não-lugar e o seu esquecimento é necessário, as possibilidades de insubordinação não são destruídas. O tesouro perdido não está no passado, está perdido no presente, mas importa lembrar (ou não esquecer) que ele pode surgir abruptamente incendiando os vivos.

## 2ª parte – O acervo de problemas e o patrimônio espiritual

*“A agonia das coleções é o sintoma mais claro de como se desvanecem as classificações que distinguem o culto do popular e ambos do massivo.”*

*Néstor Garcia Canclini*

Os estudos até agora desenvolvidos permitiram perceber que onde há memória há poder e onde há poder há exercício de construção de memória. Memória e poder exigem-se. O exercício do poder constitui “lugares de memória” que, por sua vez, são dotados de poder. Nos grandes museus nacionais e nos pequenos museus voltados para o desenvolvimento de populações e comunidades locais, nos museus de arte, nos de ciências sociais e humanas, bem como nos de ciências naturais o jogo da memória e do poder está presente, e em conseqüência participam do jogo o esquecimento e a resistência. Este jogo concreto é jogado por indivíduos e coletividades em relação. Não há sentido imutável, não há orientação que não possa ser refeita, não há conexão que não possa ser desfeita e refeita.

Ao tratar dos dois movimentos de memória, com orientações vetoriais distintas, tratei esquematicamente de sublinhar a vinculação com o passado ou a conexão com o presente, mas esses movimentos são complexos e não são lineares, existem avanços e recuos em diversos sentidos.

Para finalizar quero introduzir um debate que talvez interesse, de modo especial, aos museus voltados para o desenvolvimento social e a operação com um acervo de problemas que afetam indivíduos e grupos a eles ligados.

As experiências que nos anos 70 opunham-se teórica e praticamente ao caminho adotado pelos museus clássicos, de caráter enciclopédico<sup>6</sup>, desaguaram caudalosas nos anos 80<sup>7</sup>, permitindo a construção de veredas alternativas e a busca de sistematização teórico-experimental. Entre essas experiências quero destacar as seguintes:

1º O Museu Nacional do Níger, em Niamei. Existindo pelo menos desde 1958, esse museu ganhou notoriedade na década de 70. Trata-se de um projeto original desenvolvido por Pablo Toucet<sup>8</sup> (1975: p.32-5), museólogo e arqueólogo catalão em exílio, sensível às necessidades e problemas da população. Numa área de aproximadamente 24 hectares instalou-se um complexo museológico que no dizer de Hugues de Varine, abrangia:

*“um museu etnológico ao ar livre, jardim para crianças, jardim zoológico e botânico, lugar para espalhar e passear, para os desfiles de moda africana e européia, e centro para a promoção de um artesanato de qualidade que fabrica objetos úteis; constitui, afinal a maior escola de alfabetização e, quando é o caso, um centro de difusão de programas musicais.” (1979: p. 73)*

2º A Casa del Museo, no México. Após a Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) o Museu Nacional de Antropologia do Instituto Nacional de Antropologia e História do México lançou o Projeto experimental a Casa del Museo, em três áreas populares: Zona do Observatório, El Pedregal de Santo Domingo e Nezahualcoytl. A prática nessas áreas apontou para uma concepção museológica, segundo a qual o museu passava a ser um veículo de educação e comunicação integrado ao desenvolvimento da comunidade. Como assinala Moutinho:

Aconteceu, porém que o sucesso do trabalho em El Pedregal, fruto aliás dos ensinamentos recolhidos na primeira experiência [Zona do Observatório] e que em 1980 se cimentavam através do curso de formação de novos museólogos [cidade Nezahualcoytl], foi pressentido pelos conservadores da museologia tradicional como uma ameaça aos museus instituídos.(...) Num meio adverso, receoso de mudança, ao projeto da Casa do Museo foram sendo retirados progressivamente todos os apoios, de modo que em 1980 foi dado por encerrado. (1989: p.39-40)

3º Museus locais em Portugal. Após a Revolução de abril de 1974, diversas experiências museológicas aconteceram em Portugal, decorrentes de iniciativas locais, realizadas por associações culturais ou autarquias. Alguns museus surgidos ou transformados com base nessas experiências passaram a considerar as suas coleções como um “meio” para a realização de trabalhos de interesse social; suas intervenções ampliaram-se e orientaram-se para a valorização da localidade, o fomento do emprego e as áreas de comunicação e educação. Como afirma o responsável pelo Museu Etnológico de Monte Redondo:

Esta é a verdadeira riqueza [tesouro] que estes museus contém, riqueza essa sempre em transformação, e em correspondência, com os processos de transformação que abrangem todas as áreas da vida do país.

É nossa convicção que o acervo de um novo museu é composto pelos problemas da comunidade que lhe dá vida. Assim sendo, fácil é de admitir que o novo museu tem de ser gerido e equipado por uma forma a poder lidar com um acervo, cujos limites são de difícil definição e pior ainda, sempre em contínua mudança. (1985: p.46)

O esforço para sistematizar as novas experiências museológicas e marcar as diferenças com outros referenciais teóricos levou os especialistas a estabelecerem o seguinte quadro esquemático:

**Museu tradicional = edifício + coleção + público**

**Ecomuseu/Museu Novo = território + patrimônio + população**

Visualizo aqui um problema teórico-prático de grande interesse museológico. Como busquei demonstrar a relação entre memória e poder nos museus não é fortuita ou ocasional, ao contrário faz parte da própria constituição museal. Ainda que nos museus tradicionais essa relação alcance maior visibilidade através do edifício (tipologia arquitetônica), da coleção (anéis, armas, bandeiras, pinturas e esculturas monumentais, coroas e artefatos de povos “primitivos”), do público (vigiado, seletivo e pouco participativo) e do discurso museográfico; ela não está ausente nos projetos alternativos de museus, sejam eles ecomuseus, museus regionais, comunitários, locais ou tribais. Contudo, é preciso reconhecer que nesses casos ela ganha algumas especificidades.

Também nos ecomuseus a memória poderá estar orientada para o passado ou para o presente, também ali ela poderá vir a ter uma função emancipadora ou coercitiva. O modelo não tem funcionamento automatizado e a prática tem permitido compreender que ecomuseus também se tradicionalizam.

O termo território, por seu turno, exige cuidado conceitual. O estabelecimento e a defesa de territórios museológicos não têm valor em si. A prática de demarcação de territórios pode também ser excludente e perversa. Qual é afinal de contas o território do humano? Arrisco-me a pensar que as práticas ecomuseológicas não têm sido sempre de territorialização<sup>9</sup>, ao contrário elas movimentam-se entre a territorialização e a desterritorialização, sem assumir uma posição definitiva. Lembro-me de um dos responsáveis pelo Museu Etnológico de Monte Redondo, dizer em certa reunião de trabalho: “O Museu é a Taberna do Rui quando lá nos reunimos para a tomada de decisões, e também a casa do Joaquim Figueirinha, em Genebra, quando lá estamos trabalhando.” Não há noção de território que suporte esses deslocamentos abruptos. De outra feita, essa mesma pessoa achava importante fazer coincidir o território de abrangência física do Museu Etnológico com um mapa da Região de Leiria em termos medievais (Gomes, 1986: p. 9). As idéias: museu estilhaçado, museu de múltiplas sedes, museu descentralizado, museu com antenas e outras, são ao meu ver, a confirmação do que aqui foi exposto.

Se por um lado, marcar o território pode significar a criação de ícones de memória favoráveis à resistência e a afirmação dos saberes locais frente aos processos homogeneizadores e globalizantes; por outro, assumir a volatilidade desse território pode implicar a construção de estratégias que favoreçam a troca, o intercâmbio e o fortalecimento político-cultural dos agentes museais envolvidos.

O conceito de patrimônio também não é pacífico, envolve determinados riscos e pode ser utilizado para atender a diferentes interesses políticos. Portanto, ao se realizar uma

operação de passagem do conceito de coleção para o de patrimônio, os problemas foram ampliados. No entanto, as práticas ecomuseológicas também aqui não parecem, em muitos casos, reforçar a idéia de coleção ou mesmo de patrimônio, concebido como um conjunto de bens culturais. Práticas museológicas como as do Museu Didático-Comunitário de Itapuã (BA), do Ecomuseu de Santa Cruz (RJ) ou do Museu Etnológico de Monte Redondo operam com o acervo de problemas dos indivíduos envolvidos com os processos museais. O que parece estar em foco, aqui também, é uma descoleção, na forma como a conceitua Canclini. (1997: p.283-350).

Nos três casos, não há uma preocupação patrimonial no sentido de proteção do passado, mas sim um interesse na dinâmica da vida. Em outros termos: o interesse no patrimônio não se justifica pelo vínculo com o passado seja ele qual for, mas sim pela sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, a vida dos seres humanos em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e idéias.

O termo população, além de ancorar o desafio básico do museu, é também de alta complexidade. Primeiramente, é preciso considerar que a população não é um todo homogêneo, ao contrário, é composta de orientações e interesses múltiplos e muitas vezes conflitantes. Em segundo lugar, numa mesma população encontram-se processos de identificação e identidades culturais completamente distintos e que não cabem em determinadas reduções teóricas. Assim, as identidades culturais locais também não são homogêneas e não estão dadas a partida.

Questão síntese: o repto para as propostas museológicas alternativas que teimam em não perder o seu potencial transformador não estará colocado na utilização do poder da memória ao serviço dos indivíduos e da sociedades locais, cada vez mais complexas?

O que está em jogo nos museus é memória e é poder, logo também é perigo. Um dos perigos é o exercício do poder de forma autoritária e destrutiva, outro é a saturação de memória do passado, a saturação de sentido e o conseqüente bloqueio da ação e da vida.

\*Doutorando em Ciências Sociais pela UERJ;  
Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO;  
Professor da Escola de Museologia - UNIRIO

## BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, A.A.(org.). Produzindo o passado. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARENDRT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1992
- BAUDRILLARD, Jean. A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos. Lisboa: Terramar, 1992.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANCLINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1998.
- CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DEPARTAMENTO do Patrimônio Histórico/ Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, 1992.
- FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Lisboa: Portugal Editora. 1966.
- \_\_\_\_\_. História da loucura. São Paulo: Perspectiva. 1972
- \_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal. 1999.
- \_\_\_\_\_. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 1997.
- \_\_\_\_\_. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes. 1977.
- GADOTTI, Moacir. Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.
- GIRAUDY, Danièle e BOUILHET, Henri. O museu e a vida. Rio de Janeiro: FNPM, Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, Belo Horizonte: UEMG. 1990.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GOMES, Saúl Antônio. Documentos medievais sobre Monte Redondo. Monte Redondo:

- Museu Etnológico. Coleção Cadernos Patrimônio 2, 1986.
- HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. Paris: PUF, 1968.
- HERNÁNDEZ, F.H. Manual de museología. Madrid: Síntesis, 1994.
- HOBSBAWM, Eric J.. Nações e nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- INSTITUTO Brasileiro do Patrimônio Cultural. Ideólogos do patrimônio cultural. Rio de Janeiro. Cadernos de debates no. 1, 1992.
- KRISHNAMURTI, J. Liberte-se do passado. São Paulo: Cultrix. 1971.
- LE GOFF, Jacques (org.) Enciclopédia Einaudi. Memória -História,v.1. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1984.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre a história. São Paulo: Edições 70, 1982.
- LEON, Aurora. El Museo. Madrid: Ediciones Cátedra, 1988.
- MICELI, S. (org.) Estado e Cultura no Brasil. São Paulo: DIFEL, 1984.
- MOUTINHO, Mário. Museus e Sociedade. Monte Redondo (Portugal): Museu Etnológico, Col. Cadernos do Patrimônio, no 5, 1989.
- NICOLAS, Alain.(org.) Nouvelles Muséologies. Marseille: Association Museologie Nouvelle et Experimentation Sociale, 1985.
- NIETZSCHE, F. Obras incompletas. São Paulo: Nova cultural, 1999.
- NORA, P. Mémoire et Histoire - la problematique des lieux. Les lieux de mémoire. vol. I. La République. Paris: Gallimard, 1984.
- RIVIÈRE, Georges Henri. Muséologie. Paris: Dunod, 1989.
- SANTOS, Maria Célia T. M. Processo museológico e educação - Construindo o Museu Didático – Comunitário Prof. Lomanto Júnior, em Itapuã (tese de doutoramento em Educação) Salvador: UFBA, 1995.
- SANTOS, Myrian S. dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. Em: RCBS, n.23, ano 8, outubro de 1993.p.71-84
- SCHWARCZ, Lília K.M.. O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910. Em: MICELI, Sérgio (org.) História das Ciências Sociais no Brasil. v.1. São Paulo: Finep/Vértice, 1989.
- SUANO, M. O que é museu? São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TOUCET, Pablo. Um museu original a céu aberto. Em: O Correio. Abril, 1975. p.32-5
- VARINE, Hugues. Entrevista. Em: ROJAS, Roberto (org.). Os museus no mundo . Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

- 1- É impossível não estabelecer uma conexão entre essas idéias de Nietzsche e o conto de Jorge Luís Borges, denominado: Funes, o memorioso.
- 2- Faço coro com Jacques Le Goff: “Pessoalmente, não hesito em usar as expressões de Michelet quando dizia que o patrimônio é espiritual. Com isto entendo a introdução no campo do patrimônio de uma noção da diversidade das tradições, os movimentos insurrecionais, os de contestação, tudo o que permitiu a um povo ser aquilo que é. Fazer coincidir este conceito com objetos de um passado mitizado é perigosíssimo.” (1986: p.54-5)
- 3- Em termos administrativos e gerenciais essa missão deveria ser reavaliada e revista de quando em quando.
- 4- À medida em que se aproximam o fim do ano, o fim do século e o fim do milênio, a moda “retro” se amplia. É como se o presente perdesse força e vigor e o passado sugasse os sujeitos da história para o seu ventre de Saturno.
- 5- Exemplos de promoção passadista na Polônia, na Itália e na França são analisados por Le Goff no livro Reflexões sobre a história. Esse autor identifica no conceito de patrimônio apontando para o passado um grande perigo.
- 6- Esses museus herdaram “conceitos novecentistas que os condenaram a ser um templo sacrossanto e abstrato da cultura (...)” (Monreal, 1979: p.104)
- 7- Em 1984, foi criado o Movimento Internacional da Nova Museologia (MINOM).
- 8- Dirigiu também escavações em sítios arqueológicos na Tunísia.
- 9- A professora Myrian S. dos Santos, minha orientadora de doutorado, estimulou essa reflexão com a seguinte questão: abandonar a idéia do edifício, como elemento definidor do museu, não é também abrir mão do território?

## **IX ICOFOM LAM: MUSEOLOGÍA Y DESARROLLO SUSTENTABLE**

*Karina R. Durand V.\* - Museo Nacional del Virreinato – México – ICOM México*  
(Documento Provocativo presentado ao IX ICOFOM LAM)

---

### **PROVOCATIVE PAPER**

**1987, Informe Brundtland: “Nuestro futuro común”**, realizado por una comisión mundial de la ONU, fue el primer diagnóstico sobre la situación del ambiente y el desarrollo en el mundo.

Este documento indicó que: “el desarrollo sustentable es aquél que satisface las necesidades del presente sin comprometer la capacidad de las generaciones futuras para satisfacer sus propias necesidades”.

Es un concepto integral que va más allá de un enfoque ecologista; se refiere al hombre y a la totalidad del entorno. Es así como la cultura, parte sustancial del desarrollo sustentable, debe tener canales de expresión tan versátiles como la comunidad misma, ya que en esa delicada y diversa relación entre sociedad y naturaleza se centra, para cada civilización, la sustentabilidad.

*¿Cómo ha enfrentado y debe afrontar la museología, como ciencia social, el estudio teórico de este contenido así como la responsabilidad de mantener, interpretar y comunicar la relación entre patrimonio natural y cultural? ¿No es el museo el medio ideal para estudiar, difundir, explicar, fomentar, conservar esa delicada y diversa relación entre el hombre, la cultura y la naturaleza?*

**1992, Cumbre de la Tierra: más de 170 jefes de estado y de gobierno se reúnen en Río de Janeiro para discutir la situación del ambiente y el desarrollo en el mundo.**

Realizan la Agenda 21 en la que se establece que el desarrollo para el futuro del planeta estaría basado en el desarrollo sustentable. La histórica declaración de Río contempla cuatro secciones: dimensiones sociales y económicas; conservación y gestión de los recursos para el desarrollo; fortalecimiento del papel de los grupos sociales y núcleos de población, así como los medios de ejecución.

Sin duda un avance fundamental, una posibilidad para empezar a diagnosticar los males que aquejan a nuestra gran casa que es el planeta pero, *¿cuál fue el papel que jugó la cultura en esta importante declaración? ¿por qué se enfermó el ecosistema llamado tierra? A través de todas las manifestaciones de nuestro ser debemos responder esas preguntas porque, además de curar al hombre y a la tierra nos preguntamos, ¿cómo pueden practicarse medios preventivos para evitar mayores males? ¿cómo se contagian las enfermedades entre los sistemas del planeta? ¿cuál es el papel de la cultura y, en nuestro caso, de la museología ante esta panorámica en la cual estamos inmersos?*

Para América Latina y el Caribe hay una particular concepción y preocupación por este problema: *¿cuál es, ha sido y debe ser el papel de los museos comunitarios y ecomuseos, vistos como ventana y espejo de un mundo local y global a la vez?*

1991, en la XXVI Conferencia General de la UNESCO se crea la Comisión Mundial sobre Cultura y Desarrollo ante la necesidad de aclarar y profundizar de manera práctica y constructiva la relación entre cultura y desarrollo y la realización de una agenda mundial para atender esa necesidad.

La Comisión trabajó convencida y comprometida con el respeto al pluralismo de las culturas en cuanto a su igualdad en dignidad, diversidad y vigor multifacético y con los diferentes caminos hacia el desarrollo. Lograron crear un mecanismo permanente para investigar y puntualizar las cuestiones clave de la cultura y el desarrollo, señalaron además un



conjunto de principios y procedimientos internacionales que permitieran crear un foro de discusión: una Agenda Internacional.

**1996, la Comisión presenta una importante publicación, “Nuestra diversidad creativa”,** con el objetivo de movilizar energías en todo el mundo para reconocer los nuevos desafíos culturales de nuestro tiempo.

Es un texto ilustrativo, pero no exhaustivo, que busca promover el debate y la participación democrática de la manera más amplia posible. Entre otros aspectos, se refiere a una nueva ética global, al compromiso con el pluralismo y a la evaluación de las políticas culturales y el patrimonio cultural al servicio del desarrollo. En este último punto se reflexiona en torno a la responsabilidad de los museos y la museología, con una visión de futuro.

Consideran que la museología tiene compromisos con el patrimonio tangible e intangible y con la población que van más allá de los muros de los museos.

*En el foro del museo, ¿cómo estamos manejando que hoy el factor económico no tiene compromiso con el factor social, ideológico o ecológico, sino con el económico mismo, y que ese interés es avasallador? ¿Todo en este mundo puede ser considerado “mercancía” ? ¿Para todos la “mercancía” tiene el mismo valor y significado?*

**1998, se lleva a cabo en Costa Rica la Cumbre de Museos de América, Museos y Comunidades Sustentables”,** como seguimiento a las acciones y agendas antes señaladas.

Durante 4 días, delegados de 32 países del Hemisferio se reunieron en mesas de trabajo, organizados en grupos regionales y en áreas comunes de especialización profesional: ciencia y tecnología, arqueología, arte, historia y patrimonio natural. También definieron tareas específicas a realizar en torno a la educación, la preparación para emergencias, el patrimonio cultural, la tecnología y el turismo cultural.

Finalmente presentaron una Agenda para la acción en la que se sintetizan las conclusiones de la Cumbre; se considera que “el desarrollo sustentable es un proceso de mejoramiento de la calidad de vida en el presente y futuro, que promueve un balance entre el ambiente, el crecimiento económico, la equidad y la diversidad cultural y que éste requiere de la participación y la autoafirmación de todos y todas”. En este contexto, resaltó la necesidad de llevar a cabo tres acciones concretas:

- Crear políticas culturales que permitan fortalecer la capacidad de los museos y otras instituciones en el establecimiento de relaciones respetuosas y armoniosas con las comunidades.
- Fomentar la interacción entre los museos de América e instrumentar redes que permitan compartir información
- Educar y capacitar al personal de los museos para alcanzar estos nuevos retos.

Esta agenda se envió a todos los organismos gubernamentales y no gubernamentales de todos los países involucrados, convocando la participación para su realización.

**2000, II Encuentro Internacional de Ecomuseos y la IX Reunión Anual del ICOFOM LAM en Santa Cruz, Río de Janeiro.**

Se enfocarán conceptos cruciales que siguen la misma temática que está preocupando y revolucionando al mundo entero en los últimos años. Con el mismo espíritu con el que diversos especialistas y colegas de todo el mundo han pugnado por la reflexión, el cambio, el respeto, el compromiso, la templanza, la investigación y la comunicación, estaremos trabajando en jornadas que seguirán el análisis y las acciones a tomar en torno a comunidad, patrimonio, museología, museos y desarrollo sustentable.

*¿Será acaso que hoy tenemos mas conocimientos pero menos criterio para manejar esos mismos conocimientos? Precisamente ahora, cuando existe un desarrollo impresionante*

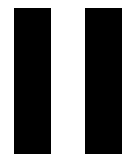
de los medios de comunicación ¿existe un mayor alejamiento, una falta de conocimiento y respeto por el otro?

En el tan esperado año 2000, ¿sabemos enfrentar cuestiones tan paradójicas como las siguientes? Si bien se multiplican las posesiones y los significados de posesión ¿hasta qué punto hemos reducido nuestros valores y nuestra ética? Si gastamos mayores recursos y energía ¿cada vez tenemos menos y disfrutamos menos de todo?

¿Cómo puede ocurrir que existiendo un mayor desarrollo en el campo de la medicina haya menos salud? ¿Cómo en estos tiempos de mayor y más diversa producción de comida, falla la nutrición? ¿Cómo frente a los grandes proyectos de urbanismo -cuerpos y extremidades de concreto- se observa una disminución gradual de la fuerza y el significado de los lazos familiares?

Nos preguntamos al fin, ¿estamos viviendo nuestro presente resignados, temerosos y melancólicos o por el contrario, valerosos, vigorosos y vanguardistas ante los procesos de constante transformación de las instituciones sociales, entre las que destaca el Museo?

Estos cuestionamientos deben llamarnos a una reflexión profunda y constructiva que será el germen de nuevas líneas de conducta y de pensamiento destinadas a afirmar la capacidad del museo para ofrecer soluciones al desconocimiento y a la inercia que aquejan a nuestra sociedad; para que luchemos, desde diversas trincheras, por un desarrollo decididamente equilibrado: un desarrollo sustentable, donde la cultura jugará un papel primordial.



**Conferências de Abertura**  
**Conferencias Magistrales**

**18 Maio / 18 Mayo**

## THE ECOMUSEUM PROJECTS IN THE INDIAN CONTEX

*V. H. Bedekar\* - Índia*

---

### ABSTRACT

The paper is not about the history of ecomuseums movement or about different forms of ecomuseums the paper focuses attention to the two ecomuseums projects in Korlai and Chaul-Revdanda about 125 kms south of Bombay on the western Indian coast.

The paper refers author's dissatisfaction with the prevalent view that the museums practices are the subject matter of museology. It is argued that heritage which helps communities in self knowledge and which reinforces identities is the true subject matter of museology.

The paper explains why the information about new / ecomuseum movement reach India very late because it is " English speaking " India where French published material is not easily accessible. But finally when it was available in UNESCO MUSEUM quarterly, it attracted attention of Indian museum workers leading to a Seminar of the museum association of India in 1988 on new museology. At the end of it " The Guwahati Declaration on New Museology " was passed and in that the Gandhian idea of Trusteeship was incorporated. Author wrote a book " New Museology for India " in 1995 and found in Korlai, Chaul-Revdanda as ideal places to organize ecomuseum projects to test hypothesis.

In Korlai it was found that the indigenous Indo-Portuguese community had identity problems. In Revdanda the man nature relationships and ecosystems and bio-diversity can be represented in relation to the territory. In a museum where people will support and control it's organization voluntarily. The paper describes the lesson learned from the projects in the context of an area which in the opinion of the author deserves to be declared as World Heritage Site. Reasons for that claim is given in this paper.

\* Museum Consultant. Ex-Professor of Museology, Faculty of Fine Arts M. S. University of Baroda, India

## THE ECOMUSEUM PROJECTS IN THE INDIAN CONTEX

*V. H. Bedekar\* - Índia*

---

In this presentation, the main focus is on the lessons I have learned from my experience of planning two small museums as ecomuseums in India. They are in Korlai and Chaul-Revdanda. Here It is not my intention to refer to the history of ecomuseum movement. Nor do I intend to list the characteristics which distinguish ecomuseums from other kinds of museums. There are competent persons present here who can speak on these issues more authoritatively.

I wish to place on record my gratitude to Mr Hugues de Varine the co-founder of Ecomuseology . He has very constantly and sympathetically encouraged me in extending his movement in India. I felt it my duty to acknowledge his help and his long dedication to the cause of Ecomuseology. I always refer to his work in my writings and speeches in India. I was drawn to him conceptually because

I was not satisfied with the kind of Museology uncritically equated with the museum practices. What was urgently required in India was to use the power and potentiality of museum resources for helping people in connecting them with their own worlds. At that time, I was so much enamored by the writings of Allvin Toffler that I believed the essence of museum lies in facilitating worthwhile experiences which can be validated and revalidated by using evidences in the museum collections. My concern for the centrality of human experience led me in search of alternative theories of museum work. At that stage, through the articles in UNESCOs MUSEUM Special number 4, of volume XXXVII,1985, on New Museology, Indians were made aware for the

first time of the parting of ways of thinking between the traditional, conservative museologists and the champions of New Museology. Pierre Mayrand's article "The new museology proclaimed" was a wake up call for persons like me in India. The Declaration of Quebec made us sit up and take note of the new movement to which we were oblivious, because we were in "English knowing" country. I did not lose more time and began search for published information on the ecomuseological projects. The MUSEUM special number dedicated to the memory of Georges Henry Riviere, with the title "Images of the ecomuseum" referred to revolutionary objectives which contemporary museums all over the world can and ought to attain. Only in 1987, during the seminars of ICOFOM in Helsinki and Stockholm, I became aware of the deepening chasm between the so-called "conservatives" and the "radicals/rebels." From what I heard from friends like Peter van Mensch, Mathilde Bellaigue and Vinos Sofka, I got some broad ideas underlying Ecomuseum experiments which appeared worth studying. The new ideas and idealism looked revolutionary against the background of the Indian museum situation where nothing seemed to be in tune with the contemporary socio-cultural demands on the potentiality of museums to empower the communities to protect their heritages for experiencing dignity, and regenerating self confidence in their abilities to control their destinies. So deep was my interest in the new developments that I proposed that a seminar be held on the topic of "New Museology". The proposal was accepted and I was asked to work as the Coordinator for the seminar on New Museology, first on the subject about which most of the members of the Museums Association of India had hardly any idea. But it did not deter me from planning the seminar. I prepared a background document for prior circulation to members. It traced the genesis of the concept of the New Museology/community museology, quoting extensively from the published articles on the subject. I posed the question to the participants "Is New Museology relevant in the Indian context?" That question provoked two day long discussion. Some considered New Museology as an irrelevant imported fad and, even detrimental to development of museums in India, because it might create division amongst museum personnel. Others were ready to try new ideas. We referred to the Indian concept of trusteeship as elaborated in the Gandhian philosophy and resolved to extend it to the sphere of museums. They should be established, maintained and operated as trusts in the hands of the representatives of the concerned communities for the value-based museological work in the directions chosen by each community itself. That unanimous sentiment became a part of the conclusion of the seminar in Guwahati, capital of the state of Assam, where the seminar was held. The conclusion was announced on 28th December, 1988 as the "Guwahati Declaration on New Museology". It is an irony of fate that such a gem of a document went unnoticed. The term "trusteeship" has special connotations for an Indian. Even a king's duty is to hold his kingdom in "trust" for the welfare of his people. It will be a test of the Indian Ecomuseologists in partnership of local people to consider themselves as trustees of the heritages of the communities. In fact, it will not be an exaggeration to consider the idea of trusteeship of community heritage as a contribution of India to the ecomuseological concept.

I was asked to write a book for students of museum training courses on the subject of New Museology. I completed it which was published by the National Museum of India Institution of History of Art, Conservation and Museology in 1995, in which a seven page text by Mr Hugues de Varine is incorporated enhancing its worth. The main motivation behind writing the entitled as, "New Museology For India" was to oppose the opinion of some that Museology is about museum methods and techniques of practical nature. I wanted to argue that such museographical knowledge/skills do not constitute the essence of Museology. I tried to prove that the real subject matter of Museology is not to be restricted to museums. To be a true academic discipline, Museology should deal with a universal phenomenon in life which it in fact does. To differentiate the traditional narrow idea of Museology from the discipline dealing with the use of heritage by man any time any where for self-knowledge/identity-reinforcement, I gave it the name New Museology. The book discusses in details the cultural-Social context in India in which the discipline as named by me can be useful. I was waiting for opportunity to test hypotheses in my book. During my search for a place suitable to start an ecomuseum, I came to Chaul-Revda. It is a well known place with a long history as old as 1200 B.C. It is mentioned in 150 A.D. by Ptolemy and in 247 A.D. by Periplus. Its trade and industry flourished to such an extent that Arabs, Christians, Jews, Persians and other foreigners came and settled in that place. No wonder Portuguese arrived in Chaul in the year 1505, ten years before they went to Goa.

Portuguese used the harbor area known as Revdanda to build a fort to protect their trading activity. Their control lasted till 1740 when they had to quit to reach Goa the Western headquarters of Portuguese command. Meanwhile, many Portuguese had married the local women giving birth to a mixed population. That community gained identity because they used a Portuguese creole. They served their masters well. At the time of leaving Revdanda fort, the Portuguese asked the Indo-Portuguese community to accompany them to Goa. This the latter community refused to do. According to me, the refusal was a proof of their attachment to the territory as well as powerful desire to maintain their cultural identity. When I met the members of that community three years ago and when I found that their unique heritage is under threat of influence from the majority communities, I saw a fitting situation to organize an Ecomuseum. In the course of time, I did my field work, I collected data, interacted with the members of the community, attended festivals, and persuaded them to take control of their heritage for their uses. The local historian Mr Rozario and the head of the Mount Carmel Church by name Rev. Fr. Rudolph V. Andrades were convinced about the need for them to set up a museum of, by, and for their heritage. On 23rd January 1999 the Korlai Community Museum was inaugurated by the Archbishop of Bombay.

Another museum with popular support is about to be formally established in Chaul-Revdanda area. During the field work and preparatory surveys, the following facts and public attitudes became very clear.

India has a long history in which political power changed hands but at the level of villages, the common people continued to live in their traditional ways, centuries after centuries, undisturbed by the political upheavals in the urban centers of power. At village level, the people had their arrangements to take care of their common problems like land and water management, security, settling local disputes amongst individuals, families and groups, which were accepted unanimously. By turn, five representatives of every community, took final decisions in the light of their experiences but solely out of their concern for the long-term good of the whole village. This tradition of collective action is based on the collective memory of the social unit as enshrined in the unwritten tales, myths, beliefs, proverbs, sayings of the wise men, anecdotes, respect for the ancestors. It will be wise to take advantages of the long tradition of village autonomy for setting up ecomuseums.

The matter of collective memory in the Indian context needs attention. Generalizations may not help. We have, identified 4635 scientifically identified distinct communities which have their separate identities. They coexisted during centuries of known history almost till today. If ecomuseums are to be conceived for these communities, they will defy the criteria useful outside India. It does not mean that in India every where only the matter of community is the only basis for collective concern for local heritage. But it is an important reference point for people's affiliations on common issues. This has great relevance in using territory as the only basis for ecomuseums. In India, concerns felt by one community may or may not be in harmony with those found by others even both live in the same territory. This became apparent in Korlai and Chaul-Revdanda. Yet, in reality, any one campaigning for organizing ecomuseums (if not by that name but in spirit), has to accept the heterogeneity as a starting point of planning ecomuseums/heritage centers. This has been my personal experience in the last three years.

The relationships amongst groups of people are influenced by their perceptions of economic gains. In the olden days, there was a relatively stable pattern of interdependence amongst the communities for economic reasons though some were exploited and others marginalized. After the Independence, with the emphasis on emancipation of the downtrodden, there are new alignments amongst these groups. But they are not stable. The process of elections, amongst other reasons, is generating kaleidoscopic changes in politically oriented friendships or rivalries amongst groups. If one is working on ecomuseum projects and bringing together people for taking control of their heritage, one has to take into account the levels of concern of different groups for the collective heritage. The collective memory may not be only one in each community. Some members in that community may have very contrasting perceptions. This is usually so when grave injustice is done to one section. There is no easy way of convincing those members that the injustices or disappointments of the past are better forgotten so that they can make new beginnings. It takes time and special efforts to attract the attention of those who were wronged, to the common heritage. The Ecomuseologists will have to

remember that different groups may have dissimilar political/economic strengths. So, the weaker ones will require assurances, even reassurances, from time to time, that heritage is sharable. What complicates the matter is the intervention of political parties and agents who have penetrated even in remote villages. The villagers are told not to support projects which are not approved by parties. During my field work, I got a real taste of this all-pervasive politicization. Very few groups are free from this sickness.

It is still easy to impress the rural communities that heritage is important for them both as an end and as means for development. But they cannot easily understand how heritage can be preserved forever. Firstly, to an average other-worldly Indian person, life is transitory, here today, gone to-morrow. Also, to him, the history is history of kings, of famous dynasties and of battles for power. The idea of starting a local museum of "Social History" of his community, and, particularly, of his native place, based on evidences, is as extra-ordinary idea for an average villager. To him, real history is found place in text books and museums ought to be in big cities. It is possible to convince people that good things from their area need not be collected or rounded up and kept in a far away museum permanently out of sight/reach. The significant things of the place/community ought to remain where they are even in their houses. Only their whereabouts be made known to guests of the villagers. Anyone who is known to any member of the village community is treated as a guest. Under such circumstances, the common collective ownership of local heritage is taken for granted as much as the need to take its care is apparent. But to the average villager, anything which they cannot do themselves must be left to the government. So also the preservation of heritage. Even the local school teacher of science subjects will be reluctant to get training in techniques of preservation. I am trying to provide simple instructions in vernacular languages to encourage the local people to take preliminary care of their original heritage materials either in site or brought indoor.

From my experience in Korlai, it is not difficult to explain the many advantages of safeguarding heritages by the local people themselves. The bare fact of ownership of heritage is a joy in itself, besides a matter of pride. In India, if a village gets visitors, especially from bigger cities and foreigners, the local heritage gains in esteem. Here is a dilemma: should a community care for its heritage for its own sake? Or, for increasing reputation in the eyes of outsiders? Or to raise finances for supporting museum projects. Undoubtedly, possibility of earning good name will encourage them to pay more attention to the security of the heritage. It has been my experience that any abstract statement about the use of heritage for sustainable development is not easily understood specially in the countryside. It is better to narrate what some ecomuseums have actually achieved for the betterment of their communities. Real examples create curiosity/motivation. I had great difficulty in citing examples of ecomuseums. It is time the "success stories" of ecomuseum projects are made available in audio-visual medium e.g. print, sets of color slides, films, video or on internet. Recently, I have established contacts with those persons in Philippines and Bangladesh and India with an appeal to form an "internet forum" for Ecomuseum development in the region. I am aware that there cannot be "manuals/Textbooks" to create Ecomuseums, yet pooling of experiences is indispensable. A special website on Ecotourism by, for, and on Ecomuseum projects should be a high priority for us. Till I wrote this paper I was not aware of any such facility although plenty of websites are found on, Tourism, and Ecotourism in museums. We urgently need a website on "Ecomuseum-specific Ecotourism".

The matter of sustainable development in relation to heritage is commonly equated by the local people with revenue from tourism. The local shopkeepers who are flocking in places of tourism try to turn this popularity into profits. For that reason, we are aiming at the tourist-oriented services, ensuring local participation, in our ecomuseological projects in Korlai-Chaul-Revdanda area in India. That appears to work as the local people have started talking about tourism in their areas. There are indications that tourism will provide motivation to the local community, firstly, to understand what they possess of interest, secondly, to protect it, thirdly, to learn to be collectively responsible for its continuous use. We have yet to face the possible problems of proportionate sharing of the gains out of tourism. At present the local families who can offer accommodation to the tourists are favorably inclined to actively participate in supporting the ecomuseum's public services. But many others are also enthusiastic. A local philanthropist has acquired a building which is unoccupied at present. It is made available for the museum exhibitions and activities. The philanthropist, at his own cost, brings from Bombay

the best medical doctors and specialists to Revdanda for serving the local farmers, plantation owners and lay people under the auspices of a charitable trust. He is enthusiastic about the ecomuseum project in Chaul-Revdanda. His reputation as an unselfish social worker and his deep interest in the local cultural/natural heritage have created firm basis for widening public participation in the project. Mr Katvi, our philanthropist, is, by profession, an architect engaged in the movement to save architectural heritage in Bombay. His commitment to the heritage of Chaul-Revdanda over the last several decades is the main consideration behind inviting his cooperation in the ecomuseological project. Mr Railkar, a renowned naturalist is another key-person in our team of volunteers. Having done a survey during the last three years in that area, it was decided not to rush into starting an ecomuseum till people's participation is possible for future developmental activities and for ensuring development of the new museum without depending on government grants. That is the reason why we will begin with exploring the possibility of participatory ecotourism, as the initial activity of the museum. It will lead to participation by many inhabitants of Chaul-Revdanda in the collection of data on the distinct natural/cultural heritages of the area. One source will be the aged Eventually, introductory exhibits will be installed in areas in which monuments, architectural remains, indigenous water management systems, local arts/crafts, religious places of Hindus, Muslims, Christians, even Jews are located. In these exhibits, the traditional festivals, rites and rituals of these faiths with their local flavor, will be represented in photographs, accompanied by a full yearlong time-table of real events. The area is an excellent place to offer open-air lessons on eco-systems and biodiversity which is almost encyclopedic in the area. Already an experimental open-air plantation is ready as a part of the proposed ecomuseum at Chaul-Revdanda. In that, local youths are being trained as guides. Some more introductory exhibits will be in the Portuguese fort of Revdanda. Its walls, bastions, cannons, dilapidated monasteries, fallen stones with Portuguese inscriptions, offer unique sights to delight tourists. In fact, the entire area is an open-air museum. The area played great role in catapulting Western coast of India into the Intercontinental 16th-17th maritime trade, stretching from China to Portugal. It has still the evidences of the long story of two thousand years of glorious past. It deserves to be recognized as a World Heritage Site.

On January,23rd, 1999, the Archbishop of Bombay inaugurated the Korlai Community Museum in the historic village of Korlai at the foot of the Fort Korlai for the control of which innumerable battles were fought in 16th to 18th centuries. It is a wonderful site for ecotourism to be conducted by local people to support their own museum. It is a fishing village. Besides swimming, fishing boating, one can see the practical demonstrations of boat repairing. Tourists can collect shells and corals on shore. The adjacent forest on hills are known for the peculiar vegetation and medicinal plants. In short, ecotourism is bound to thrive in this area to provide employment opportunities for the local people as an extension of museum services as well as proving that heritage can help sustainable development, in community-specific heritage-centers.

\* Museum Consultant; Ex-Professor of Museology, Faculty of Fine Arts; M.S. University of Baroda, India.



# **MUSEUS DE HISTÓRIA DE CIDADE: SUA CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO**

*Heloisa Costa\* - Universidade Federal da Bahia - UFBA - Brasil - BA*

---

## **RESUMO**

Ao fazermos uma pesquisa comparativa entre os museus quebequenses e os do Estado da Bahia, no Brasil, analisamos a museologia dentro da trama do movimento histórico-social do período 1980-1999 no qual a nova museologia se desenvolveu. A finalidade desta pesquisa é analisar o impacto das novas estratégias de gestão do patrimônio histórico-cultural sobre o público dos museus de história da cidade, e muito particularmente os meios que eles utilizam para transmitir a mensagem histórica

Atualmente, diversas estratégias inovadoras podem ser utilizadas, tanto nos museus tradicionalmente clássicos quanto nos projetos patrimoniais comunitários, a fim de promover uma intimidade entre os museus e seus públicos, entre a comunidade e seu patrimônio. Nós apresentaremos assim as relações que vem sendo estabelecidas entre os museus de história de cidade e seus públicos, procurando mostrar como a ação cultural e educativa desses museus contribuem para o desenvolvimento social contemporâneo quando esses museus utilizam os princípios de base da ecomuseologia.

Nossa pesquisa busca compreender as relações que se estabelecem entre as equipes dos museus e a comunidade. Este estudo é fundamentado na abordagem holística e interdisciplinar da nova museologia, que considera a memória coletiva como um patrimônio intangível em um território específico. A análise dos dados coletados poderá orientar a avaliação do modelo atual dos museus de história da cidade e identificar o papel social que esse tipo de museu pode ter em relação à cidade contemporânea.

As palavras chaves associadas à essa pesquisa são: educação, ética, história, identidade, memória, ecomuseu, patrimônio, estratégia, desenvolvimento social e cidade.

\* Doutora em Sociologia da Cultura pela Universidade do Québec em Montreal:  
Profª assistente no Departamento de Museologia da UFBA:  
Museóloga especialista em Educação Patrimonial:  
Coordenadora do pro-Educação Patrimonial:  
Coordenadora do projeto Cultura Educação para a Paz

## **LES MUSÉES D'HISTOIRE DE VILLE: LEUR CONTRIBUTION AU DEVELOPPEMENT SOCIAL CONTEMPORAIN**

*Heloisa Costa\* - Universidade Federal da Bahia - UFBA - Brasil - BA*

---

### **RÉSUMÉ**

Dans le cadre d'une recherche comparative entre les musées québécois et ceux de la province de Bahia, au Brésil, la muséologie est analysée dans la trame du mouvement sociohistorique de la période 1980-1999 où la «nouvelle muséologie» s'est développée. Le but de cette recherche est d'analyser l'impact des nouvelles stratégies de gestion du patrimoine historique et culturel sur le public des musées d'histoire de ville et de façon plus particulière les moyens qu'ils mettent en oeuvre pour transmettre le message historique.

De nos jours, diverses stratégies innovatrices peuvent être utilisées, tant dans les musées traditionnellement classiques que dans les projets patrimoniaux communautaires, afin de rejoindre les musées et leurs publics, les communautés et leur patrimoine. Nous présenterons donc les relations qui se sont établies entre les musées d'histoire de ville et leur public et nous verrons comment l'action culturelle et éducative de ces musées contribuent au développement social contemporain lorsqu'ils utilisent les principes de base de l'écomuseologie.

Notre recherche tente de comprendre les relations qui se sont établies entre les équipes qui oeuvrent dans les musées et la communauté. Cette étude se base mémoire collective comme un patrimoine intangible dans un territoire spécifique. sur l'approche holiste et interdisciplinaire de la nouvelle muséologie, qui considère la L'analyse des données recueillies pourra mieux orienter l'évaluation du modèle actuel des musées d'histoire de ville et identifier le rôle social que ce type de musées peut jouer dans la ville contemporaine.

Les mots clés associés à cette recherche sont: éducation, éthique, histoire, identité, mémoire, écomusée, patrimoine, stratégie, développement social et vill

## **LES MUSÉES D'HISTOIRE DE VILLE: LEUR CONTRIBUTION AU DÉVELOPPEMENT SOCIAL CONTEMPORAIN**

*Helôisa Helena F. G. da Costa\* - Université Fédérale de Bahia - Brasil - BA*

---

L'élargissement de la notion de patrimoine culturel est une des caractéristiques marquantes de la société contemporaine. Il y a une vague de conservation et de préservation dans laquelle de plus en plus de choses sont considérées comme des objets témoins et donc des composantes du patrimoine historico-culturel. Plusieurs raisons peuvent expliquer ce phénomène que Sylvestre (1996) appelle la patrimonialisation généralisée; cependant la plus importante est, sans doute, la peur du déracinement provenant des profondes transformations sociales des dernières décades du 20<sup>e</sup> siècle. Cette notion élargie nous amène à poser des questions aussi fondamentales que: quelles choses doivent être préservées; qui ira profiter de cette préservation; comment gérer les différents types de patrimoine, compte tenu du fait que le patrimoine est devenu un ensemble de témoignages tangibles et intangibles, de la création humaine.

André Micoud contribue éloquemment à la réflexion sur l'influence de la patrimonialisation sur les institutions muséales en établissant en quoi conserver et sauvegarder divergent:

Conserver, c'est protéger contre les altérations du temps quelque chose qu'il est donc possible d'imaginer comme pouvant être inaltérable, pouvant rester égal à lui-même, intègre, échappant donc au temps et pouvant ainsi accéder à l'éternité. C'est une «sortie vers le haut», vers le sacré par des procédures qui sauvent de l'oubli [...]. Sauvegarder au contraire, c'est sauver contre un péril, agir dans l'urgence pour garder vivant quelque chose de fragile qui sans cela en viendrait à mourir, à disparaître définitivement, à s'absenter du temps, à perdre toute forme. Sauvegarder c'est donc sauver contre la mort. (Micoud, 1996, p.121)

Autrement dit, sauvegarder c'est préserver de l'oubli.

Le terme préservation, qui vient du latin *praeservare*, est utilisé ici dans le sens de sauvegarde. «Sauver qui veut dire maintenir sauf (de sain et sauf), maintenir en vie quelque chose qui est ou qui a été en risque de mourir, et garder qui ne veut pas seulement dire prendre soin, mais aussi garantir, s'engager à répondre de» (Micoud, 1997, p. 119).

Pourtant, l'action de préserver n'a pas toujours été la même au cours de l'histoire, car la notion de patrimoine s'est appliquée à différents objets dans la société occidentale: «d'abord les monuments historiques, puis les sites remarquables, ensuite les arts et traditions populaires et les milieux naturels, et enfin, plus récemment, les espèces vivantes ou les ressources génétiques» (Micoud, 1997, p.120).

En observant les collections muséales dans l'ensemble du vaste patrimoine humain, on constate en effet que les tendances muséologiques ont beaucoup changé depuis les années quatre-vingt. Il y a eu un important effort de réinterprétation et de resymbolisation dans lequel les institutions muséales ont été incitées à développer un travail social d'interprétation de leurs collections, ce qui a conduit à «l'institution d'un nouveau rapport aux choses [...] et au temps» (Micoud, 1997, p. 117-119).

En considérant le patrimoine comme un phénomène social, notre recherche s'intéresse à l'impact d'une nouvelle stratégie de gestion du patrimoine historique et culturel sur l'évolution des relations entre les équipes de préservation du patrimoine et les membres des communautés dans lesquelles les musées sont localisés. Notre étude s'est inspirée de l'approche holiste de la nouvelle muséologie centrée sur l'analyse de la dynamique des rapports sociaux dans une perspective pluridisciplinaire et constructiviste.

En effet, les stratégies développées par les musées contemporains s'appliquent à augmenter la fréquentation et à créer un nouveau modèle d'institution culturelle davantage intéressé au tourisme culturel. Cela signifie que le musée devient un outil très important pour le développement du tourisme et l'économie d'une région.

La question, pour nous, sera de savoir quel est le rôle social des musées d'histoire dans nos villes contemporaines et comment les nouvelles stratégies muséales font partie du processus d'intégration du public à l'action culturelle de ces musées

L'émergence de groupes d'études muséologiques de plus en plus intéressés à l'approche holiste de la sauvegarde du patrimoine comme par exemple au Québec, au Mexique, au Brésil; l'utilisation de techniques interactives en permettant la création des expositions "high-tech" dans divers pays de l'Europe, aux États-Unis et au Canada; les effets contradictoires de l'usage des nouvelles technologies dans la muséographie contemporaine et la grande variété de modèles d'exposition ont fait que, pendant les années 80, les stratégies muséales aient connu un processus d'analyse et de réflexion.

Les mécanismes de transmission du contenu historico-culturel et les méthodes d'évaluation, utilisés dans les anciens musées d'art et d'histoire, sont déjà bien connus et lorsqu'ils sont appliqués adéquatement ils peuvent assurer une bonne fréquentation des visiteurs. La majorité des stratégies muséales en vigueur depuis les années 80 ont intégrée les nouvelles technologies de communication. Cela a permis la création d'expositions avanguardistes et plus attirantes, en augmentant la fréquentation et en modifiant le profil du visiteur. Parallèlement, on a développé une muséologie populaire, souvent "extra-murale", dans laquelle les stratégies muséales sont appliquées sur un territoire, que se soit un quartier ou une communauté rurale, avec la participation de la population locale.

Cette muséologie populaire dit "nouvelle muséologie" s'a développée et elle a permis la formation du MINOM - Mouvement international pour une nouvelle muséologie, dans lequel des professionnels du Québec et du Portugal se sont beaucoup impliqués. Ce mouvement considère que les stratégies muséales adoptées pour la création d'un écomusée peuvent impliquer la population de façon continue à travers un processus d'éducation patrimoniale qui contribue à la formation de la citoyenneté.

En considérant la trajectoire des principes de base de la "nouvelle muséologie" on se rend compte que le point tournant de cette réflexion a été la Table ronde de Santiago du Chili, en 1972, à l'époque où de nombreuses questions sociales et politiques agitaient l'Amérique Latine. Plus tard, en 1984, le Québec a présentée à la communauté muséale le document intitulé "Déclaration de Québec" et, en 1985, le Portugal a créé le MINOM avec une grande participation de la communauté internationale. Depuis cela le Québec a été un des principaux promoteurs de ces principes et le Brésil, qui suit de près le mouvement dynamique de la muséologie mondiale, a parcouru une voie similaire à partir 1990.

De nos jours, plusieurs auteurs parlent de "nouvelles muséologies". Ce qui implique que divers stratégies innovatrices peuvent être utilisées, tant dans les musées traditionnellement classiques que dans les projets patrimoniaux communautaires, à la fin de rejoindre les musées et leurs publics. Le musée-miroir, le musée-acteur-social, le musée spectacle, le musée conservateur sont quelques exemples de manières d'agir des musées.

Néanmoins, la connaissance approfondie des relations qui se sont établies entre le musée et le public et l'analyse de la contribution que les activités muséales contemporaines offrent à la société, tout cela constitue encore un grand défi pour la recherche. Nous nous demandons encore si les musées doivent être des lieux de célébration ou des lieux de dialogue; s'ils doivent se dédier à la recherche scientifique ou à la vulgarisation de leur message; si dans le processus de globalisation ils doivent favoriser l'approfondissement des spécificités régionales ou s'ils doivent s'intégrer davantage au réseau international comme un espace culturel virtuel.

Nous en savons très peu sur l'impact que les stratégies développées et utilisées depuis des années 80 ont eu sur le public. Aussi les équipes de professionnels de musées ont dû de faire face aux nouvelles directions de la muséologie, de la recherche historique et de la planification des expositions. Ce dont nous pouvons nous rendre compte c'est que nombreux musées, grâce aux nouvelles technologies de communication et au design innovateur, sont devenus plus modernes et attirants tout en perdant l'aspect sérieux et poussiéreux. Les jeunes en particulier, sont séduits par les musées de science qu'ont trouvés la manière de diffuser et de vulgariser la connaissance scientifique de base. Quelques musées d'histoire, en adoptant les mêmes stratégies ont présenté des expositions plus décontractés et scéniques.

Malgré tout cela, dans l'ensemble des institutions culturelles qui offrent une programmation permanente aux gens, les musées d'histoire sont ceux qui attirent le moins le

public qui semble s'en désintéresser. Cela est dû au fait que peut-être les expositions restent trop descriptives, présentées dans un jargon scientifique qui fatigue les gens ou peut-être parce que le message diffusé par le musée est très éloigné de l'histoire actuelle et du quotidien de la collectivité. Une autre raison de ce manque d'intérêt vient peut-être de la prédominance de la connaissance technologique, qui a relégué l'apprentissage de l'histoire en arrière plan, tendance qui s'est accentuée dans cette fin de siècle. De plus, peu des sociétés contemporaines ont développées un principe de conscientivité sur la valeur historico- culturel de ses racines. Il y a beaucoup d'inconnus et peu de certitudes.

En essayant de répondre à toutes ces questions, la recherche que nous avons fait tente de comprendre l'impact des nouvelles stratégies de gestion du patrimoine historico-culturel sur les relations qui se sont établies entre les équipes qui oeuvrent dans les musées et la communauté. Cette étude se base sur l'approche holiste de la nouvelle muséologie, qui est fondée sur l'analyse de la dynamique des relations sociales tout en maintenant une perspective pluridisciplinaire et constructiviste.

Pour cette étude nous avons choisi le *musée de ville* car l'histoire de la ville peut être documentée et présentée sous diverses façons, permettant ainsi au musée d'agir comme médiateur. Notre choix est porté sur le *Centre d'histoire de Montréal*, qui a pour mission première de montrer l'évolution de la ville à travers ses aspects urbain, social, architectural et économique et sur l'*Écomusée du fier monde* qui s'est donné pour mission la recherche et la diffusion de l'histoire d'un ancien quartier ouvrier de Montréal et la protection de son patrimoine industriel. À Salvador, Bahia, notre choix s'est porté pour cette étude de cas sur le *Museu da Cidade de Salvador*, dont le mandat premier était de montrer l'histoire politique, économique, sociale et culturelle de Salvador, la première capitale du Brésil, et qui maintenant s'intéresse davantage à l'histoire sociale et culturelle de la ville et sur la Fondation Museu Carlos Costa Pinto qui s'a donné pour mission de reconstituer une partie de l'histoire sociale et culturelle de la ville grâce à sa collection d'objets d'art décoratif. Cette collection, qui à l'origine était privée, témoigne les habitudes quotidiennes d'un groupe social de la ville entre le XVIIIe et le XXe siècles et l'histoire politique, économique et sociale du Portugal du XVIIe siècle.

La spécificité régionale en vient à être un des objets d'étude de cette analyse comparative sur les manières de sauvegarder et de diffuser le patrimoine historico-culturel. Cependant, cette étude de cas ne peut pas être restreinte aux documents officiels de chaque musée. Pour comprendre l'adoption des différentes stratégies muséales, il faut chercher les documents qui font référence aux choix politiques qui ont influencée la création des spécificités régionaux. Ces documents, élaborés et approuvés à partir des années 80, se sont retrouvés dans les Ministères de la Culture du Brésil, du Québec et du Canada ainsi que dans les comités nationaux du Conseil international des musées de chaque pays. En plus, les entrevues auprès du public ont été des outils complémentaires fort intéressants.

Notre conclusion a identifié des stratégies communs aux quatre musées et en plus nous avons proposée des stratégies nouvelles faisant partie d'un modèle d'action muséale qui nous avons aussi proposée pour les musées d'histoire de ville. Ces stratégies sont liées à l'action culturelle et éducative des musées et en plus, elles sont surtout dirigées vers la formation d'un nouveau professionnel muséal, un *muséologue-delphinus*.

## Bibliographie

Micoud, André. 1997. ZMusée et patrimoine: deux types de rapport aux choses et au temps?». In *Toutes les pratiques culturelles se valent-elles?*, sous la dir. de Dominique Wolton, p. 115-123. Paris: CNRS Éditions Hermès 20.

Sylvestre, Jean-Pierre. 1997. *Patrimoines et musées, introduction*. In *Toutes les pratiques culturelles se valent-elles?*, sous la dir. de Dominique Wolton, p. 101-103. Paris: CNRS Éditions Hermès 20.

UNESCO. 1985. *MUSEUM*, numero portant le titre «Images de l'écomusée», vol.148. Paris: UNESCO, 244 p.

## **PLACES, “CULTURAL TOUCHSTONES” AND THE CONCEPT OF THE ECOMUSEUM**

*Peter Davis\* - Newcastle University - United Kingdom - UK*

---

### **ABSTRACT**

In England, an organization known as Common Ground have campaigned for the special nature of places, arguing that there are features of each locality that give them 'local distinctiveness', which they define as 'the sum of the points of connection between the place and the person'. Common Ground suggest that local distinctiveness is both a physical, tangible thing and an invisible, intangible web of connections - places are about process, history, stories and legends as well as a multi-layered artifact. And all places are different.

The individual nature of places can be distinguished by four features - detail, authenticity, patina and particularity - yet remains a compound and elusive thing. One means of quantifying local distinctiveness is by making a list of key elements that we could call 'cultural touchstones'. The end result is often a mixture of architecture, structures, art, dress, accent, pastimes, food and drink, behaviors, attitudes, people, past achievements, natural features, traditions, song and a sense of history.

\* Senior Lecturer in Museology - University of Newcastle.  
Author: "Ecomuseums: A sense of place. London/New York, 1999

## **PLACES, “CULTURAL TOUCHSTONES” AND THE CONCEPT OF THE ECOMUSEUM**

*Peter Davis\* - Newcastle University - United Kingdom - UK*

---

The concept of the environment was pivotal to the development of the ecomuseum philosophy. However, for ecomuseological purposes it is important to recognize that the term environment has special meaning. It is not an 'ecological' or 'biological' definition which is used in an ecomuseum context, but a much broader concept, where the term environment includes notions of geographical area, the communities that live there, the landscapes that they have modified, their material culture and ways of life.

In my opinion it is much easier to explore the idea of 'environment' through the much simpler term of 'place'. What is it about places that make them meaningful to us? Are there certain aspects of place that are so important that we might give them special significance - those features that we might refer to as 'cultural touchstones'? And is the ecomuseum one way in which the significance of place can be conserved, enjoyed and promoted to a wider public?

### **Places and local distinctiveness.**

The Mediterranean island of Crete is a very special place for me, yet I find it difficult to quantify why it is. Some of the elements that make it delightful are its snow-capped mountains, deep steep-sided gorges, vultures circling on thermals, cobbled donkey trails and its tiny white churches in accessible places. Added to that there are Venetian houses, Roman wells, Turkish inscriptions, the sound of goat bells, Minoan palaces, retsina, raki, blue seas, colourful fishing boats, friendly taverns, friendly Cretans, crazy taxi drivers - and much more. These are the things that make it special to me - but I am sure that if a Cretan were to compile a list of what

makes his/her place special it would be very different. In particular it would probably reflect a much tighter geographical notion of place - a village - and I am sure the list of what was 'special' about it would be much more 'people centered'. Place is a very individual thing, yet is also has a community expression too.

'Local distinctiveness' is another way of expressing the special nature of individual places, and is a term coined in the UK by an organization called Common Ground, which has greatly influenced my thinking and ideas. Common Ground define local distinctiveness as 'the sum of the points of connection between the place and the person'. Places speak to us in a variety of subtle ways. Local distinctiveness is a richness that it is far too easy to take for granted, and yet it might be argued that the cultural landscape that is our greatest creation. Underpinned by nature it is both a physical, tangible thing and an invisible, intangible web of connections. Places are also about process, history, stories and legends as well as a multilayered artifact. And - every place is subtly different: "Every place is its own living museum, dynamic and filled with sensibilities to its own small richness ... symbolism and significance cling to seemingly ordinary buildings, trees, artifacts ... Places are different from each other" (Clifford and King, Common Ground, 1993). Places are also dynamic entities, changing and evolving. In Britain people from other countries have brought ideas, food, music, festivals, language, cultural differentiation, which has added to the mix of local distinctiveness, and has brought new dynamism.

But, the greatest problem we face is the dilution of the special nature of places. Shops, architecture, national identities, corporate identities, the search for the one perfect strain of genetically modified organism are all leading to uniformity, blandness and placelessness. To combat this Common Ground have championed the cause of local distinctiveness. They have coined four words to help to define what it is - detail, particularity, patina and authenticity.

*Detail* indicates that we recognize where we are through many different visual cues that we see but may not be able to describe. We put these individual cues together to make a whole - and we recognize that something is different if change has taken place. *Authenticity* underlines our appreciation of real objects and the genuine nature of places, and we can tell the difference. People look for authentic markers as indicators of place. *Patina* is the way that we begin to appreciate the impact of time. As elements become indicators of time and continuity they become increasingly valued. Hence we value the continuity of landscapes, festivals, traditions, and begin to be aware of fragments from the past - old woodlands, archaeological sites, former industrial complexes. Through *particularity* we appreciate the special, the strange, the rare which are found in places, but more importantly we place a value on the commonplace things around us. Thus we might be aware of the locality of a rare orchid, but equally value a meadow of common wild flowers. It is evident that local distinctiveness is a compound and elusive thing, but it has unity and integrity in the mingling of its parts.

The *scale of place* is also important. How do you define where you belong? It is your choice, perhaps a geographical area that is familiar to you, which you claim as your own. It is probable that you feel you belong to a village or a town, but it might be a suburb or a single street or neighborhood. Whatever your place is, it will have 'local distinctiveness'. However, note that local distinctiveness is not the same as regional variation - it works best at the small scale. Nations are abstractions, regions are defined from the outside as political or institutional creations, but the local is defined from within.

### **"Cultural touchstones" - a means of quantifying local distinctiveness.**

Above I mentioned those aspects of Crete that held special significance for me - these were just some of my cultural touchstones for the island. It is a very interesting experiment to try to make a simple list of those things that make places special for you. Common Ground suggest making 'illuminated alphabets' to help us define and identify our place.

I have done this with my students, attempting to create an alphabet for Newcastle. The end result was a list that included architecture, structures, art, buildings, dress, accent, pastimes, food and drink, societies, behaviors, attitudes, people, past achievements, natural features, traditions, song and a sense of history. Perhaps we should do this for Santa Cruz?

## **Can traditional museums capture the essence of place?**

In my view the complex nature of what places represent to individuals and communities makes it evident that the traditional museum cannot capture its elusive properties. It fails to capture place because of the emphasis on the rare and the beautiful - the commonplace is too often ignored. In the traditional museum those objects (and it is usually objects) that epitomize the concept of place - or more strictly local cultural identity - are chosen by an expert, and not by the people who experience places. I feel it is impossible for the curator to acquire place, carefully label it and store it in an acid-free container. Traditional museums can acquire fragments of place, and exhibit them together to re-create their version of place, but that is all. The essence of place lies beyond the museum, in the environment itself, and is defined by the individuals and communities who live there.

## **New museology, communities and local distinctiveness.**

This conference needs no introduction to the pioneering work of Georges Henri Riviere and Hugues de Varine, and the subsequent history of new museology and the ecomuseum, so there is no need to describe it again here - and I have tried to document it fully in *Ecomuseums - a sense of place*. 'New museology', and its derivatives 'community museology', or 'popular museology' continue to reflect the frustrations felt by the disenfranchised - those who have little control of their heritage, the smaller and poorer nations and their peoples for whom the traditional nature of the museum has little meaning. Over a period of some 30 years we have seen the beginnings of evolutionary divergence of the museum. Assisted by a growing awareness of the loss of heritage a diverse array of new species of museums - open-air museums, site museums, community museums, museum houses, neighborhood museums, industrial museums, folk museums, nature centers, interpretive centers and ecomuseums - have been created.

If we were to try and find the one feature common to all these new museums it would be pride in a place - an attempt to conserve aspects of places that were felt to be important to local people. And - importantly - they were created by non-traditional means - by local people striving to conserve their own heritage rather than an imposed wisdom of a local authority, a national organization or a local university.

This emphasis on place has influenced my view that community museology, and Common Ground's efforts to conserve local distinctiveness have the same goals, namely empowerment, social goals and economic goals.

Empowerment, local responsibility for local heritage, encourages people to change places for the better, discouraging fossilization, and accepting that history is a continuing process. It also ensures the retention of local identity and local character, so preserving the fingerprint of the cultural landscape. Empowerment encourages local dialect, celebrates time, place and the seasons through festivals and feasts, fights for authenticity, values the commonplace and defends detail by responding to the character of the vernacular. It seeks to enhance natural features by good management, leading to places of local enchantment, and keeps stories and legends alive. Empowerment means that people strive for high standards, not standardization.

Setting social goals demands that local people encourage local pride, and create a better environment and a better place to live, whilst economic goals can be achieved by using local distinctiveness and cultural touchstones to create a base for employment through tourism, so leading to economic regeneration. This means creating a 'window' on places as part of planned green tourism (ecotourism) or cultural tourism - or both.

These ideas are also consistent with the concept of the ecomuseum, which itself uses a variation on place - territoire (territory) - as a cornerstone of its philosophy. The ecomuseum is also about conserving the very special nature of places - a territory, with its landscapes, wildlife, historic artifacts, peoples, customs and folklore that is managed by local people - with certain special 'touchstones' that are valued and exhibited to local people and visitors. These have become the 'antenne' of the ecomuseum.



## **Ecomuseum Models.**

Museological theorists have suggested several models for what an ecomuseum is, and I do not need to remind this conference of the excellent work carried out here by Rene Rivard and Pierre Mayrand. These models contrasted the traditional museum - an organization set apart from its environment and its community - to the ecomuseum, embedded within its community and territory. Most recently Pierre Mayrand proposed his creativity triangle to demonstrate how the ecomuseum can be created and eventually transformed over time.

My research on ecomuseums persuaded me that ecomuseums are closely linked to places and the people that live, and have lived there. Ecomuseums, in my view, have been one way in which people have tried to capture the special nature of places, that elusive thing we call sense of place or spirit of place. They have tried to capture the essence of 'local distinctiveness' and by so doing have created a means of promoting their place with resulting economic and social benefits. Yet not all ecomuseums appear to fit the theoretical models that have been proposed - indeed some of them would be better defined as open air museums, or site museums or community museums. My view is that perhaps we should restrict the use of the term to those ecomuseums that consist of several connected sites that attempt to tell a holistic story of a territory.

I think there is a way in which we can express this more precise definition of the ecomuseum in a new model - one that I have called the 'necklace model' - here the ecomuseum acts as a thread connecting ecomuseum themes, and as a thread connecting ecomuseum sites. Flaubert wrote that 'les perles ne font pas le collier, c'est le fil' - in my opinion this nicely encapsulates the concept of the ecomuseum as a mechanism that holds together the cultural touchstones that make places locally distinctive.

\*Senior Lecturer in Museology; Archaeologist

## MUSEOLOGÍA Y DESARROLLO SUSTENTABLE: EL VALOR DE UN DESAFÍO

Nelly Decarolis\* - ICOFOM LAM - Argentina

---

*"El fin último del desarrollo es el bienestar físico,  
mental y social de todos los seres humanos."*  
Nuestra Diversidad Creativa.  
UNESCO 1997

El desarrollo es, en sí mismo, un proceso social. Aún en sus aspectos de crecimiento económico, expansión rápida y sostenida de la producción, la productividad y el ingreso por habitante, subyace la trama de relaciones sociales que lo sustenta. Si se vincula el análisis estrictamente económico con el desarrollo político, social y cultural, se deben tener en cuenta factores tales como la orientación, el tipo de actuación e incidencia de las fuerzas sociales en el equilibrio de los grupos. Asimismo, en los esquemas que enfatizan la viabilidad del paso del subdesarrollo al desarrollo se suman esfuerzos de interpretación sociocultural que permiten explicar la transición de sociedades tradicionales a sociedades modernas.

El cambio de las estructuras sociales no es un proceso acumulativo en el que se agregan nuevas variables que se incorporan a la configuración estructural.<sup>1</sup> Implica fundamentalmente un proceso de relaciones entre los distintos grupos y clases sociales a través de las cuales algunos de ellos logran imponer al resto su propia forma de dominación.

Siempre ha sido un supuesto metodológico que las pautas de los sistemas político, social y económico de los países de Europa Occidental y de los Estados Unidos anticipen el futuro de los países subdesarrollados. De este modo, el proceso de desarrollo consistiría en reproducir las diversas etapas que caracterizaron las transformaciones sociales de aquellos países. No obstante, la propia historia de América latina se encarga de mostrar la existencia de múltiples procesos de diferenciación respecto a la evolución de los países desarrollados. Para analizar en una primera instancia el desarrollo y poder finalmente evaluar su sustentabilidad, será necesario entonces conocer los condicionantes de las estructuras culturales y los factores sociales que las conforman; las influencias históricas subyacentes y los objetivos, valores, ideologías e intereses que le dan sentido y proyección de futuro.

La problemática sociológica del desarrollo implica el estudio de las estructuras de dominación, las formas de estratificación social que lo condicionan y la diversidad de sus mecanismos en cada situación particular. Comprende asimismo el análisis de los comportamientos políticos y las orientaciones valorativas que otorgan a cada acción su marco de referencia. Esto supone que dicho análisis no descarte la dimensión cultural del desarrollo en el devenir histórico, ya que "...para lograr un enfoque teórico de esta naturaleza [...] es necesario buscar las categorías que expresen los distintos momentos y características estructurales del proceso histórico, significativos para el desarrollo sustentable".<sup>2</sup>

En el proceso del desarrollo latinoamericano, los cambios históricos van siempre acompañados por la adopción de nuevas formas de relación entre grupos y clases sociales. El concepto de dependencia otorga significado a una serie de hechos y situaciones en ese punto de intersección donde el poder económico se expresa a nivel político. Y es precisamente a través de estos procesos políticos que un grupo económico procura subordinar al resto con el fin de alcanzar sus propios intereses y objetivos.

"En la actualidad, el desarrollo sustentable se ha convertido en un poderoso y controvertido tema, creando metas que parecen imposibles de alcanzar para los políticos y funcionarios de las instituciones de desarrollo."<sup>3</sup>

Existe el reconocimiento de la imposibilidad de homologar los niveles de consumo de recursos per capita de los países más desarrollados con los de las gentes que viven en el resto del mundo. Dentro de esta perspectiva en que el desarrollo comprende el acceso a los bienes y servicios esenciales, la pobreza implica carecer de ellos y de las oportunidades para elegir una existencia mejor o más satisfactoria en todos los niveles.

El análisis de los recursos necesarios para un desarrollo sustentable no sólo incluye materias primas tales como los productos del suelo, del subsuelo, la calidad del agua y del aire, los bosques, las selvas, los océanos, las tierras fértiles, etc. sino también entre otros ítems- la capacidad de nuestro planeta para absorber los desperdicios generados por nuestros sistemas productivos y la calidad de vida que condicionan los ambientes construidos en los que se habita y se trabaja.

El desarrollo sustentable, más que un conjunto de metas específicas, es un proceso de lucha por la diversidad en todas sus dimensiones. En este punto, hay que tener en cuenta que la biodiversidad no abarca solamente la fauna y la flora amenazadas, sino también, en un sentido más amplio, la supervivencia de aquellas comunidades humanas productoras y protectoras del ambiente. Aunque las campañas internacionales se multipliquen, la mayor parte de ellas continúan enfrentando, fuertemente presionadas, la defensa de su individualidad y sus derechos.

"Una estrategia para promover la sustentabilidad debe revalorizar la participación local y la revisión de la forma en que la gente vive y trabaja." 4

Todas las formas de desarrollo humano están determinadas, en última instancia, por factores culturales. Las culturas no están aisladas: interactúan y evolucionan; moldean el pensamiento y el comportamiento de los individuos.

"A diferencia del ambiente natural, cuyos dones no nos atreveríamos a perfeccionar, la cultura es fuente de progreso, de creatividad y libertad, ya que remite a grupos de personas a elegir su modo de vida y, al proteger sus derechos, protege los de todos sus miembros. Es la cultura quien vincula a las personas y hace posible su desarrollo [...] define las relaciones del individuo con la naturaleza y con su medio, con el planeta y el cosmos y a través de ella se expresan nuestras actitudes y creencias en lo relativo a otras formas de vida, animal y vegetal." 5

Al decir de Lévy-Strauss, "...la diversidad cultural está detrás de nosotros, a nuestro alrededor y ante nosotros."

Los derechos económicos y políticos no se pueden separar de los derechos sociales y culturales ya que "...un desarrollo disociado de su contexto humano y cultural es un crecimiento sin alma". 6 Cualquier cuestión que plantee el desarrollo debe centrarse en los valores culturales y en las ciencias sociales por sus hondas repercusiones intelectuales y morales, tanto para los individuos como para las comunidades. El desarrollo y la economía de cada pueblo son aspectos esenciales de su cultura.

El interés por la sustentabilidad del desarrollo se generaliza día a día, reflejando cada vez más el temor del individuo por el creciente deterioro de su calidad de vida al agotarse progresivamente las reservas mundiales de riqueza natural. ¿De qué manera seguirán viviendo los distintos grupos humanos? ¿Podrán mantener vivas sus formas de organización social y productiva, sus mitos y tradiciones, su relación con los ambientes naturales, sus herencias culturales? La protección general del medio ambiente tiene por objeto conservar no sólo el espacio de vida natural, sino también el que ha sido creado por el hombre en el curso de la historia. Para abordar esta cuestión es necesario desarrollar tácticas puntuales que faciliten la eficacia de las instituciones existentes y crear nuevos organismos que contribuyan al fortalecimiento de estrategias de desarrollo basadas en la preservación del medio ambiente y la justicia social y en la supervivencia del individuo y su cultura.

"Hoy la comunidad científica y ambiental del mundo se ha movilizado para identificar y proteger un creciente número de áreas particularmente valoradas. Estas 'reservas de la biosfera' en las selvas o montañas y los centros culturales urbanos, 'patrimonio de la humanidad', son guardianes de parte de los tesoros naturales y producidos del ecosistema." 7

Uno de los máximos logros culturales del ser humano en su afán de trascendencia es el de ser capaz de transmitir los auténticos mensajes del pasado a las generaciones presentes y futuras. Para lograr este objetivo es imprescindible destacar la importancia acordada al rescate de la memoria a través de la preservación del patrimonio cultural, allí donde lo tangible y lo intangible se superponen y añan en la realidad del monumento o el objeto, testimonios ambos de la creatividad del hombre, documento que registra su paso por la historia en un momento dado del tiempo y el espacio...

Y es precisamente ese patrimonio cultural una de las primeras áreas culturales a las que se ha reconocido un potencial económico. La preservación de centros históricos, la reutilización de monumentos debidamente adaptados en calidad de edificios públicos o museos, el desarrollo y comercialización de las artesanías más diversas, generan ingresos y empleos. No obstante, el costo de la preservación del patrimonio histórico sigue siendo difícil de justificar en los países donde existen grandes bolsones de pobreza e importantes deficiencias en términos de infraestructura.

Por otra parte, la comunidad museal ha debido hacer frente en muchas oportunidades a situaciones dramáticas creadas en relación con la protección y salvaguardia del patrimonio cultural debido a la inseguridad, la violencia y los conflictos armados de los que ningún país se encuentra libre. Del mismo modo, la intensificación del tráfico ilícito de bienes culturales constituye un fenómeno mundial que afecta a todos los países sin distinción y menoscaba toda acción tendiente a la custodia y preservación de la herencia cultural de la humanidad.

En lo que se refiere al patrimonio natural, ya en 1986 en Buenos Aires el ICOM dio una señal de alarma al decir "... sobre una importante proporción del patrimonio natural de la humanidad pesa una amenaza grave e inmediata de pérdida como consecuencia de la destrucción y de la rápida degradación de nuestro entorno natural [...] La calidad de vida de todos los pueblos ha quedado disminuida y puesta en peligro por la eliminación no planificada y sin discriminación de un gran número de especies vegetales y animales [...] los museos de historia natural, los jardines zoológicos y botánicos y las reservas naturales del mundo entero deben trabajar en común y en el seno de organismos públicos y privados formando jóvenes científicos para la investigación fundamental sobre la diversidad biológica de la tierra y , al mismo tiempo, crear mecanismos con miras a la preservación de hábitats suficientes para que pueda continuar y prosperar esta diversidad en las generaciones futuras."

Finalmente, tanto el patrimonio natural como el cultural contribuyen en gran medida a la promoción del turismo al punto que éste se ha convertido en una de las más importantes industrias del mundo. La simbiosis entre patrimonio y turismo ha generado lo que se ha dado en llamar la "industria del patrimonio". Sin embargo y a pesar de los beneficios económicos que genera, el patrimonio se degrada y empobrece día a día frente al excesivo número de visitantes. El estado de conservación de yacimientos arqueológicos, sitios y monumentos históricos, como asimismo del tejido social que los rodea, se ve negativamente afectado al punto que ya ciertas instituciones gubernamentales -y fundamentalmente los ONG'S- plantean la posibilidad de ejercer mayores controles, especialmente en favor de las comunidades locales.

Hoy, una nueva ética medioambiental apela a la utilización adecuada del patrimonio cultural y natural dentro del contexto de los valores sociales y culturales, modificando marcos conceptuales ya perimidos y elaborando otros que los reconcilian. En este contexto, los planes nacionales de desarrollo deben incorporar políticas de conservación proyectadas en la trama general de la política medioambiental, integrando objetivos ecológicos, sociopolíticos, económicos y culturales tendientes a un desarrollo verdaderamente equilibrado que promueva la participación corresponsable de la sociedad en la programación, ejecución, evaluación y vigilancia de una política ambiental basada en la preservación y el mejoramiento del entorno natural y cultural como un todo integrado.

\*Presidente do ICOFOM LAM

México, abril de 2000

## BIBLIOGRAFÍA

BARKIN, David: Riqueza, Pobreza y Desarrollo Sustentable / Wealth, Poverty and Sustainable Development. Centro de Ecología y Desarrollo. Editorial Jus. México 1998.

CARDOSO, F.H. y FALETTO, Enzo: Dependencia y Desarrollo en América Latina. Ensayo de interpretación sociológica. Siglo XXI editores. México 1978.

GARCÍA CANCLINI, Néstor y MONETA, Carlos Juan (Coord.): Las Industrias Culturales en la Integración Latinoamericana. Ed. Grijalbo, México 1999.

H. CONGRESO DE LA UNIÓN: Ley General del Equilibrio Ecológico y la Protección al Ambiente. Delitos Ambientales. Secretaría de Medio Ambiente, Recursos Naturales y Pesca. México 1997.

PÉREZ DE CUÉLLAR, Javier et al. Nuestra Diversidad Creativa. Informe de la Comisión Mundial de Cultura y Desarrollo. Ediciones UNESCO. México 1997.

SEN, Amartya: "Culture, Economics and Development" en Nuestra Diversidad Creativa. Comisión Mundial de Cultura y Desarrollo. Ed. UNESCO. Mayo 1997.

1 Véase Peter Heintz en su Análisis contextual de los países latinoamericanos, Berkeley, Edición mimeografiada.

2 Cardoso, F.H. y Faletto, Enzo: Dependencia y desarrollo en América latina. Ensayo de interpretación sociológica. Siglo XXI editores.s.a. México.1978.

3 Barkin, David. Riqueza, Pobreza y Desarrollo Sustentable. Centro de Ecología y Desarrollo. Ed. Jus. México. 1998

4 Ibídem

5 Amartya Sen. Culture, Economics and Development, documento preparado para la Comisión Mundial de Cultura y Desarrollo. Mayo 1995

6 Barkin, David: Op.cit.P. 67

7 Ibídem

## MUSEOLOGY AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT: THE VALUE OF A CHALLENGE

*Nelly Decarolis\* - ICOFOM LAM - Argentina*

---

*"The ultimate aim of development is the physical,  
mental and social wellbeing of humanity."  
Our Creative Diversity. UNESCO. 1997*

Development is in itself a social process. Even in its different aspects concerning economic growth, rapid and sustained expansion of production, productivity and income per inhabitant, there is an underlying fabric of social relations to support these concepts. If the strictly economic analysis is linked to political, social and cultural development, the orientation, type of actions and incidence of the social forces on group equilibrium must be taken into account. Likewise, in the schemes that stress the feasibility of passage from underdevelopment to development, there are joint efforts of social and cultural interpretation that explain the transition from traditional to modern societies.

The change in social structures is not a cumulative process in which new variables are included in the structural configuration. It essentially entails a process of relationship between different groups and social classes through which some of these impose their form of authority over the rest.

There has always been a methodological hypothesis that the guidelines of the political, social and economic systems of Western European countries and the U.S.A. anticipate the future of underdeveloped countries. In this way, the development process would consist in reproducing the different stages which characterized social transformation in those countries. However, Latin America's own history shows the existence of several processes that differentiate their evolution vis-à-vis that of the developed countries. In order to be able to analyze development, in the first place, and then finally assess sustainability, it will be necessary to know the conditioning factors of the cultural structures and the social factors that make them up; as well as the underlying historical influences and the objectives, values, ideologies and interests that give them a meaning and project them into the future.

The sociological problem of development entails studying the structures of power, the different forms of social stratification that condition such power and the diversity of mechanisms of each specific situation. It also encompasses the analysis of the political behaviors that provides a reference framework for each action. This presupposes that such analysis does not disregard the cultural dimension of development throughout history, since "... in order to achieve a theoretical approach of this sort [...] it is necessary to look for categories that express the different times and structural characteristics of the historical process that are meaningful for sustainable development".

Within the Latin American development process, historical changes always go hand in hand with the adoption of new forms of relationship between social classes and groups. The concept of dependency gives a different meaning to a series of events and situations at this crossing point where economic power is manifested at the political level. And it is through these political processes that an economic group attempts to subordinate the rest in order to achieve its own interests and objectives.

"Sustainable development has currently become a powerful and controversial issue, creating goals that seem impossible to reach for the politicians and officials of development institutions".

It is acknowledged that it is impossible to homologate the resource consumption levels per capita in the most developed countries with those of the people that live in the rest of the world. Within this perspective that sustains that development comprises access to the essential goods and services, poverty entails the lack of these goods and services and of the opportunities to choose a better or more satisfactory life at all levels.

The analysis of the necessary resources for sustainable development not only includes raw materials such as soil and subsoil products, the quality of water and air, forests, jungles, oceans and fertile land, etc., but also, among other items, our planet's capacity to absorb the waste generated by our productive systems and the quality of life that conditions the built-up environments where one inhabits and works.

Sustainable development, more than a set of specific goals, is a struggle for diversity in all its dimensions. At this point, it is necessary to bear in mind that biodiversity not only encompasses endangered fauna and flora, but also in a wider sense, the survival of those communities that produce and, at the same time, protect the environment. Although there are more and more international campaigns, most of them still suffer great pressure in the defense of their individuality and rights.

"A strategy to promote sustainability must revalue local participation and review the way in which people live and work".

All forms of human development are, in fact, determined by cultural factors. Cultures are not isolated: they interact and evolve; they shape the individuals' thoughts and behavior.

"Unlike the natural environment, whose endowments we would dare perfect, culture is the source of progress, creativity and freedom, since it enables groups of people to choose their way of living and, by protecting their rights, protects those of all their members. Culture links people and enables their development [...], it defines the relations of individuals with nature and the environment, with the planet and the cosmos, and through culture, our attitudes and beliefs with respect to other forms of life, both animal and vegetal, are expressed".

Lévy-Strauss said that "... cultural diversity is behind us, around us and before us".

Economic and political rights cannot be set apart from social and cultural rights since "... development separate from a human and cultural context is like growing up without a soul". Any issue that refers to development must focus on the cultural values and on the social sciences because of their deep intellectual and moral repercussion on individuals and on communities. The development and economics of the different peoples are essential aspects of their culture.

Interest in sustainable development is more and more widespread, reflecting the individual's growing fear regarding an increasing deterioration in the quality of life, as world natural resource reserves are progressively depleted. How will the different groups of human beings continue living? Will they be able to maintain their social and productive organization alive, as well as their myths and traditions, their relationship with the natural environment, and their cultural legacy? The general protection of the environment aims at preserving not only the space for natural life but also that which was created by mankind throughout history. In order to tackle this issue, it is necessary to develop specific tactics that will facilitate the efficacy of existing institutions, and to create new organizations that will contribute to strengthening development strategies, based on the preservation of the environment and of social justice and on the survival of the individuals and their culture.

"Nowadays the world's scientific and environmental community has been mobilized in order to identify and protect a growing number of areas which are particularly valued. These 'biosphere reserves' in the jungles or mountains and the urban cultural centers, 'patrimony of humanity', are the guardians of part of the natural and produced treasures of the ecosystem".

One of the main cultural achievements of human beings in their will to transcend is that of being capable of conveying authentic messages of the past to present and future generations. In order to achieve this objective, it is essential to highlight the importance attached to redeeming memory through preservation of the cultural heritage, there where the tangible and intangible overlap and join together in the reality of a monument or object, testimonies of man's creativity, a document that records his passage through history at a certain point in time and space....

The cultural heritage is precisely one of the first cultural areas to which an economic potential has been attached. Preservation of the historical centers, the reutilization of monuments duly adapted as public buildings or museums, the development and marketing of several types of handicrafts, all generate income and employment. However, the cost of preserving historical patrimony is still difficult to justify in countries where there are great poverty "pockets" and important deficiencies in terms of infrastructure.

On the other hand, the museums' community must on many occasions face dramatic situations created in relation to the protection and safeguarding of cultural heritage due to insecurity, violence and armed conflicts which no country is free from encountering. In the same way, the intensification of the illegal trafficking of cultural objects is a worldwide phenomenon that affects all countries without distinction and impairs all actions aimed at the custody and preservation of humanity's cultural heritage.

Regarding natural heritage, in 1986 ICOM Buenos Aires warned that "... an important proportion of humanity's natural heritage is threatened by its serious and immediate loss as a result of the destruction and quick degradation of our natural environment [...] Quality of life of all the peoples has decreased and has been endangered by the unplanned elimination, without any discrimination, of a great amount of vegetal and animal species [...]. Natural history museums, zoos and botanical gardens as well as natural reserves throughout the world must work jointly, within public and private organizations, so as to train young scientists for carrying out essential research on the earth's biodiversity and, at the same time, create mechanisms with a view to preserving enough habitats for such diversity to continue and prosper into future generations."

Finally, both the natural and cultural heritage greatly contribute to promoting tourism to such an extent that the latter has become one of the most important industries in the world. Symbiosis between heritage and tourism has brought about the so-called "heritage industry". However, and despite the economic benefits it renders, heritage is degraded and impoverished day by day vis-à-vis the excessive amount of visitors. The conservation status of the archeological fields, historical sites and monuments, and of the surrounding social fabric, is negatively affected to the extent that certain governmental institutions –and mainly NGOs- are talking about the possibility of exerting a stricter control, particularly in favor of the local communities.

Nowadays, a new environmental ethics resorts to the adequate use of cultural and natural heritage within the context of social and cultural values, modifying backward conceptual frameworks and elaborating others to reconcile them. Within this context, national development plans should include conservation policies projected within the general scope of environmental policies, bringing together ecological, sociopolitical, economic and cultural objectives aimed at a balanced development that promotes the responsible participation of society in the programming, execution, evaluation and monitoring of an environmental policy based on preserving and improving the natural and cultural environment as a whole.

Mexico, April 2000

## BIBLIOGRAPHY

- BARKIN, David: Riqueza, Pobreza y Desarrollo Sustentable/Wealth, Poverty and Sustainable Development. Center for Ecology and Development. Ed.Jus. Mexico 1998.
- CARDOSO, F.H. y FALETTO, Enzo: Dependency and Development in Latin America. Sociological Interpretation Essay. Siglo XXI editores. Mexico 1978.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor y MONETA, Carlos Juan (Coord.): Cultural Industries in Latin American Integration. Ed. Grijalbo, Mexico 1999.
- H. CONGRESO DE LA UNIÓN: General Law on Ecological Balance and Protection of the Environment. Environmental Crimes. Secretariat for Natural Resources, Fisheries and the Environment, Mexico 1997.
- PÉREZ DE CUÉLLAR, Javier et al. Our creative diversity. Report of the World Commission on Culture and Development. UNESCO. Mexico 1997.
- SEN, Amartya: "Culture, Economics and Development" in Our Creative Diversity. World Commission on Culture and Development. UNESCO. May 1995.



## **JUNTA VECINAL PRO-CONSERVACIÓN Y DIFUSIÓN DEL PATRIMONIO HISTÓRICO Y CULTURAL DE ACAPONETA, A.C.**

*Jose Ricardo Morales S. Hidalgo\* - Junta Vecinal de Acaponeta - México*

---

Esta invitación llega a oportuna y cierra una etapa más en el trabajo que realizamos en pro de la protección de nuestro rico patrimonio histórico y cultural de la comunidad de Acaponeta, Nayarit; ya que tres años después de labor constante e ininterrumpida hemos llegado a consolidar nuestro programa de actividades, incrementado los proyectos y calendarizado las actividades, todo con una correcta metodología científica, la capacitación adecuada, y lo más importante, vocación de los miembros titulares de la Junta Vecinal de Acaponeta A. C.

Por lo anterior hemos avanzado en la promoción cultural logrando el reconocimiento de nuestra población. También nos hemos colocado como punta de lanza en este movimiento cultural en un Estado que pretende salir de la modorra llena de apatía e inmovilismo de parte de la autoridad y de una sociedad conformista, dormida por los medios de comunicación y el exagerado comercialismo y consumismo que pretende mediocrizar a un pueblo que le han negado una educación con excelencia.

Sabemos que la lucha es desigual, difícilmente podremos competir contra las poderosas empresas televisoras, la penetración telenoveler y el fútbol; las transnacionales que erosionan nuestro idioma, nuestra ideología, nuestro paisaje, nuestra historia, con su incisivo golpeo: “come fútbol, sueña cocacola” y cosas aún peores.

Todo lo anterior ayudado por la autoridad en el poder, la cual propone una incorrecta presupuestación de los recursos destinados a la cultural y una equivocada apreciación en el significado de la misma, que aplican solo a las actividades artísticas, ignorando y menospreciando a la investigación, a los procesos y fenómenos sociales, políticos, filosóficos, históricos, ecológicos, étnicos, religiosos, etc.

Hoy nuestros pueblos sufren la pérdida de su identidad, el aumento ignominioso de la violencia, la narcocultura apropiándose del poder, la inseguridad pública, el deterioro criminal del entorno ecológico, la anarquía arquitectónica, la penetración extranjera con sus mercenarios intereses y otros muchos males más.

En este sentido la función de los Museos Comunitarios y Ecomuseos, el trabajo de los grupos organizados como el **Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz** y de la **Junta Vecinal de Acaponeta A.C.** tienen una importancia capital. A través de exposiciones, publicaciones, conferencias, mesas redondas, paneles, cursos, seminarios, coloquios, talleres, investigaciones y promociones y difusión de cualquier tipo, poder hacer frente a la avalancha que estos tiempos de fin de siglo nos han dejado.

Por supuesto que el panorama no está completamente negro, aceptamos el reto y desde la trinchera proponemos con coherencia y proyectamos con ambición.

**La Junta Vecinal de Acaponeta, A.C.** ha pasado por un proceso natural de evolución. Al día de hoy podemos asegurar que hemos dejado muy atrás los vicios y fallas de todo grupo nuevo que pretende organizarse.

1. No practicamos el “espontaneísmo”, tenemos y hacemos proyectos concretos y realizables.
2. No somos intolerantes: nuestra razón es la suma de las opiniones, comentarios, sugerencias, tesis, propuestas, investigaciones y sentir de la comunidad.
3. No estamos aislados: formamos parte fundamental de un movimiento muy activo en el Estado de Nayarit, que se mueve acorde a la visión nueva y activa de la comunidad internacional, que Ustedes muy bien pudieran representar con su premisa Orden y Progreso. No somos un grupo autista que se refulgía en sus ínsulas y que piensa que toda acción suya es crucial para el país; por el contrario, proponemos la democratización de la cultura.
4. No encasillamos en esquemas el trabajo de los demás, solo señalamos las posibles fallas y proponemos alternativas de solución, exclusivamente en el área que nos corresponde.
5. No sufrimos confusiones, conocemos nuestro campo de trabajo y en él y por él nos movemos en base a una siempre perfectible metodología.

6. Proponemos e constantemente abrimos foros de expresión, desechemos el “asambleísmo” y la perorata estéril.
7. Nunca hemos enfrentado a nadie y le sacamos la vuelta a los provocadores y amargos de siempre que temen y se amedontran ante cualquier movimiento, ante cualquier cambio. Todo lo solucionamos por la vía del diálogo y valoramos la gestión.

Queridos amigos Brasileños:

El trabajo realizado por la Junta Vecinal de Acajoneta A. C. a lo largo de tres años ha merecido el reconocimiento oficial de los importantes institutos: primero el instituto Nacional de Antropología e historia, con la invaluable ayuda y promoción de nuestro mutuo amigo el Antropólogo Raul Andrés Mendez Lugo, con quien Ustedes han convivido en Portugal e Costa Rica. El segundo, el Seminario de Cultura Mexicana, asociación con 25 miembros titulares, destacados personajes en el ámbito general de la cultura: filósofos, científicos, artistas, humanistas etc, del cual hoy honrosamente somos miembros correspondientes. Existen 62 Corresponsalías en el país y con orgullo les puedo comentar que estamos considerados como una de las 6 mejores y más productivas.

El futuro es promisorio en el Estado de Nayarit, han cambiado los vientos políticos, después de 70 años en el poder, el partido oficial en un democrático proceso perdió la contienda electoral, resultando triunfador el candidato de una coalición de partidos. Las expectativas para la cultura se esperan muy amplias; de cambios profundos y sobre todo, con la total participación de la sociedad civil .

En este proceso, nuestro grupo propone e tiene proyectado lo siguiente:

1. La formación de un Consejo Estatal de Cultura y sus similares en los diferentes municipios, con la participación primordial de la ciudadanía.
2. La reglamentación de la legislación existente en materia de cultura.
3. La formación de empresas culturales, generadoras de recursos, que eventualmente resuelvan la problemática económica.
4. La correcta y adecuada conformación del Museo Comunitario en base a la experiencia del primer intento, desafortunado por estar en un lugar inadecuado y por los vaivenes políticos; con una capacitación adquirida posteriormente a este hecho, incluso formamos parte del Programa Nacional de Museos Comunitarios y además contamos con el apoyo de la opinión pública, esperamos también el visto bueno de los nuevos gobiernos, la solidaridad de las empresas particulares, grupos organizados, clubes de servicio, artistas e intelectuales, sindicatos, etc.

La posibilidad de viajar a su enorme y hermoso país, tan lejano en la distancia pero tan cercano a nuestro corazón, será una gran oportunidad para incrementar los conocimientos y capacitarnos “in situ” en la nueva museografía, de la que el NOPH es punta de lanza. Pero lo que más valoramos es la alternativa de intercambiar nuestras propias experiencias con hermanos de ideas afines. Sería un acto muy desafortunado no aprovechar su buena y noble disposición y conocer de cerca la labor en pro del patrimonio cultural de Santa Cruz, y en general de Brasil.

# MUSEOLOGIA, IDENTIDADES, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Tereza Cristina Scheiner

Presidente, ICOFOM e

Diretora, Escola de Museologia – UNIRIO - Brasil

---

**La identidad no es un puerto Es el viaje**

(Miguel Wiñazki – Travesías Argentinas)

## INTRODUÇÃO

A paisagem cultural do contemporâneo caracteriza-se pela complexidade, pelo movimento e pela fragmentação: Real e identidades são percebidos de forma fragmentária, por um sujeito em processo, gerador de sentidos múltiplos – em oposição ao 'eu' unificado e dotado de razão, consciência e ação, característica do pensamento moderno. Representações tradicionais do mundo moderno, sociedade, cultura e nação são entendidas já não mais como realidades materializadas em espaços, pessoas e objetos, mas - e portanto, continuamente recriadas, de acordo com as percepções identitárias de cada indivíduo, grupo ou coletividade. O próprio conceito de indivíduo mudou, hoje vinculado à percepção complexa do Ser em multiplicidade, em permanente interação com o Real. Globalização e novas tecnologias povoam o mundo de novas imagens e sentidos, subvertendo os sentidos da modernidade - fundados no conceito de separação entre a ordem do mundo e a consciência humana, e cujos paradigmas são a igualdade, a liberdade e os direitos humanos, identificados com ideais democráticos. Neste ambiente, novos paradigmas se desenham, criando uma nova ordem, definida pelo poder do capital e associada aos mercados unificados. Mas a globalização certamente não resolveu os problemas do mundo, ao contrário, criou novas categorias marginais em todas as sociedades. Este seria o grande paradoxo da contemporaneidade.

Mas, se pensarmos o mundo sob os novos paradigmas, entenderemos que não há solução '*global*' possível num universo de multiplicidades e contradições, e que a verdadeira nova ordem é a da complexidade – onde tudo se vê subvertido pela aceitação do impreciso, e o que até bem pouco era *doxa* ou *dogma* vem sendo relativizado. E é em sintonia com essa nova ordem que deve ser percebido e analisado o Museu – a partir de sua natureza fenomenica e de sua pluralidade enquanto representação; já não apenas como instituição, mas como espaço perceptual, como espaço/tempo de revelação, de criação, de celebração do Homem sobre si mesmo e sobre o Universo. Plural, apaixonado, contraditório, o museu-fenômeno pode ser identificado pela relação muito especial que estabelece com o tempo, o espaço, a memória e os valores do homem. Suas características intrínsecas são: liberdade, pluralidade, potencial enquanto agência de produção do conhecimento e potencial de realização em diferentes tempos e espaços.

O reconhecimento do caráter fenomenico do Museu refere-se à possibilidade de percebê-lo através da experiência de mundo do indivíduo - em si mesmo e na sociedade, através do entrecruzamento de relações que cada ator ou conjunto de atores estabelece com o Real complexo. E, se a percepção é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam, o mundo, mais que objeto, é o meio natural e campo de todos os pensamentos e percepções. E o que importa é o sentido que aparece na interseção destas experiências. **Mais que representação, o Museu será, portanto, criador de sentidos, na relação** - dos sentidos que aparecem na interseção de todas estas sensações, de todas estas experiências. Forma em permanente construção, transcende a materialidade dos objetos que o representam e cria conjuntos sógnicos que sintetizam práticas, valores e sensações do indivíduo como ser biológico e social,

especialmente aqueles que permanecem, de alguma forma, na memória afetiva dos homens, constituindo o que se compreende como *patrimônio*.

**Entendidos como instrumentos semióticos, Museu e Patrimônio desdobram-se em todas as direções: do interior (mundo da percepção e dos sentidos) ao exterior, do material ao virtual, do tangível ao intangível, do local ao global.** Perceber **Museu e Patrimônio em pluralidade** (não como Um, mas Muitos), permite ainda admitir a existência de um museu e de um patrimônio virtuais, originados nos múltiplos cruzamentos entre a criação e a informação; compreende-se também que patrimônio e museu tem uma face intangível - não de coisa dada, mas que se configura em ato, no momento da relação. Mas, se é no mundo que o patrimônio se constitui, e que o museu se realiza, **podemos ainda reafirmar que a verdadeira relação Museu x Patrimônio é a que se institui na prática, a partir das relações de cada grupo social com os tempos e os espaços da memória individual e coletiva.**

Pouco estudado no âmbito das ciências humanas, o patrimônio é uma poderosa construção sócio-cultural, que se constitui e institui a partir de percepções identitárias. Vinculado ou não ao território geográfico, está presente no sentido de pertencimento que atravessa o corpo e a alma do homem, deixando entrever-se em todos os jogos da memória e expressando-se em todas as formas de Museu. Erroneamente vinculado aos sentidos do passado, vem agora sendo percebido enquanto '*construção para o futuro*' e usado como instrumento de resistência, no âmbito dos discursos sócio-econômico-culturais. É preciso, pois, investigar *o quê e como* as relações entre Museu e Patrimônio significam, no ideário das sociedades contemporâneas.

Quanto à Museologia, como campo disciplinar que trata das relações entre o fenômeno Museu e as suas diferentes expressões, cabe-lhe agora transcender espaço e tempo e dimensionar como se dão, no presente, as múltiplas relações entre museu e patrimônio, concebendo e atuando estas relações no plano do Real complexo. E uma das formas de fazê-lo é analisando os diferentes discursos que sobre eles se constroem e se estabelecem.

## 1. MUSEOLOGIA E OS LUGARES DA IDENTIDADE

Em seu livro *Travessias Argentinas*, Miguel Wiñazki nos lembra que as cenas sociais são narrativas que provêm de uma história, de uma trajetória no tempo e no espaço. Ainda que de certa forma congeladas para efeito de relato, tais narrativas integram um contexto que existe em continuo movimento, e onde as pessoas transitam continuamente, em permanente busca - para, "*como Ulisses, retornar à casa ou, como Moisés, chegar a uma nova terra*"<sup>1</sup>. O tempo pode ser entendido, assim, como uma sucessão de viagens, ainda que ilusoriamente os homens busquem congelá-lo em cenas; mas não é possível detê-lo, tudo está em movimento, ou em permanente recomeço.

Estamos em permanente viagem, seja de busca ou de êxodo: busca enquanto projeção no vir-a-ser, visando a construção de identidades pelo movimento; êxodo enquanto movimento messiânico em direção à liberdade. Há os que viajam sozinhos, e tecem, no seu caminho, uma relação muito específica com o mundo; mas geralmente a caminhada se faz em grupo, em movimento solidário, onde os que caminham, caminham cúmplices, em busca do mesmo objetivo. Esse objetivo pode ser a construção ou a reafirmação da identidade - aqui compreendida enquanto movimento, enquanto processo onde *somos* em permanente devir, mas que também nos significa no deixar-de-ser. Ou como tênue película, que "*quando parece captada pelas filosofias ou pelos dogmas, já está em outro lugar*"<sup>2</sup>.

**Em tempos de globalização, quando as fronteiras são '*um monumento histórico*'<sup>3</sup>, a questão das identidades se recoloca com ênfase especial. Onde somos? Quais as fronteiras - se é que existem - que nos definem?** Há quem diga que todos os limites se perdem na virtualidade das redes de comunicação. Mas pode ser falsa a impressão de que tudo caminha para a virtualidade: estamos, sim, virtualmente em todos os lugares e em nenhum lugar; mas, **ainda que as redes virtuais nos diluam os limites e nos projetem de maneira**

**irremediável rumo aos universos simulados das novas tecnologias, restam algumas fronteiras reais, palpáveis – como a do corpo e a da consciência.** São esse corpo e essa consciência que ainda nos dão o sentido do limite, e é por causa deles que precisamos, ainda, em algum momento de nossas vidas, estar em algum lugar no tempo, em algum lugar no espaço. Através do corpo e da consciência percebemos os outros corpos, nos espaços reais e virtuais que nos cercam - e com eles interagimos, por meio daqueles estados da mente aos quais damos o nome de emoções. É do entrecruzamento desses sutis movimentos que se alimenta a percepção da identidade – *“esse fio de Ariadne que desenrolamos continuamente ao longo de nossas vidas, e que às vezes se retesa, tenso, quando nos projetamos de peito aberto rumo ao devir”*<sup>4</sup>, mas que outras vezes se enovela com os muitos outros fios que nos envolvem para formar a tessitura (às vezes, tênue como gaze, às vezes, firme como lã) das identidades coletivas.

Imersos nesse processo, nem sempre nos damos conta de que é esse entrecruzar de fios que nos define frente ao mundo exterior e a todos os outros mundos fora de nosso corpo – o virtual e o tangível. **E muitas vezes, tampouco nos damos conta da imensa força que possuímos como indivíduos e como coletividades – do enorme potencial de mobilização e de resistência que representa a ação coletiva num dado tempo, num dado espaço.** É certo que o mundo se espetaculariza, mas, *“para além do espetáculo, a vida continua, e o duro trabalho de viver prossegue por trás das câmaras de televisão, ou mesmo quando não prolongamos nosso corpo no computador”*<sup>5</sup>. É preciso, portanto, voltar a pensar no cotidiano, nessas pequenas coisas que nos definem, para através delas e por meio delas tentar desenhar um chão que dê sentido e forma às nossas trajetórias. E, ainda uma vez, buscar relativizar a avassaladora onda globalizante e reconhecer o enorme poder de resistência que existe no interior das pequenas coisas, dos pequenos gestos – e nos movimentos dos pequenos grupos.

**...Quais as estratégias possíveis de valorização dos sujeitos identitários, num ambiente de permanente câmbio cultural? Depende do lugar de onde sentimos e do lugar de onde falamos. Pois, imersos no avassalador e recorrente discurso da globalização, muitas vezes não nos damos conta de que a contemporaneidade não expulsou o moderno, e que moderno e contemporâneo se articulam, no espaço do vivido, deixando entrever suas máscaras em cada lugar, a cada momento.**

Tavares d’Amaral nos lembra que moderno e contemporâneo, mais que *‘períodos’* identificáveis numa trajetória linear do Homem no planeta, fazem-se presentes através de conjuntos de significantes - possíveis de coexistir no tempo e no espaço. O moderno ainda permanece, e o próprio contemporâneo já se vinha configurando desde o século passado - deixando-se entrever no movimento que, iniciado como ocidentalização do mundo, pouco a pouco resultou na mundialização econômica e das comunicações. É também do cenário moderno que advém a idéia de *‘humanidade’* enquanto coletivo - num primeiro momento aliada ao conceito de *‘progresso’* e posteriormente vinculada ao sentimento de que há, no planeta Terra, uma coletividade humana que vive e se comunica, apesar das diferenças. O mundo começa a ser percebido como holograma: *“não apenas cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes”*<sup>6</sup>.

O contemporâneo se esboça já na consciência planetária, propiciadora do surgimento de uma consciência ecológica e de uma cultura mundializada, mas também de um enfraquecimento das velhas diversidades. E é neste ambiente que se dão as novas sínteses e diversidades: *“ao antigo substrato bio-antropológico que constitui a unidade da espécie humana acrescenta-se agora um tecido comunicacional, civilizacional, cultural, econômico, tecnológico, intelectual, ideológico”*<sup>7</sup> que, por um lado, configura uma unidade planetária, e por outro desvela, em nível mundial, a realidade e a pluralidade das diferenças. Mas agora a diferença já não assusta, pois a ciência nos diz que a própria Terra é um ser caótico, onde se confrontam a ordem e a desordem. E, sendo possível pensar a Terra como caos em sua própria gênese, pode-se também admitir que a vida aconteça de forma não-linear, resultando de encontros aleatórios entre moléculas.

Mundialização e complexidade, eis o ambiente em se que se instaura o contemporâneo, essa maneira de pensar o mundo permeada pela presença da finitude do homem e pela permanente sensação de que já não há um espaço configurado: estamos todos na itinerância - não errância ao acaso, como lembra Morin, mas um permanente negociar com nossas próprias contradições. E é essa itinerância que nos permite "*plenamente viver o tempo não apenas como continuum que liga passado/presente/futuro, mas como retorno às fontes*"<sup>8</sup>.

Voltemos, assim, à questão das identidades - e ninguém melhor que Canclini para expressar como esta questão se revela em nossa América Latina. Aqui, onde "*as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar*"<sup>9</sup>, os cruzamentos socioculturais misturam tradicional e moderno, erudito e popular, relativizando essas categorias em mil nuances e hibridizações, que dão origem a formas muito específicas. No entrecruzamento entre tradicional e moderno (e ressaltamos aqui a sutileza das categorias usadas por Canclini), estariam ocorrendo tentativas de renovação onde aos valores tradicionais se incorporariam novos valores, derivando numa heterogeneidade cultural muito própria da região, onde hábitos autoritários e regimes paternalistas convivem com instituições liberais e movimentos democráticos. Neste ambiente, o universo do 'popular' - construção da Antropologia e dos populismos políticos - sofre agora uma reavaliação: já não é mais tão importante o que se extingue, mas o modo pelo qual as coisas se transformam. Pois o que se desvanece não são tanto os bens antes conhecidos como cultos ou populares, mas a pretensão de uns e outros de configurar universos auto-suficientes.

A proposta de Canclini é **pensar a cultura e a produção simbólica do universo latino-americano na interseção entre as diferentes práticas sociais e as diferentes formas de discurso que sobre elas se estabelecem - pois o popular não se define por uma essência a priori, mas pelo modo como a cultura popular é representada no museu ou na academia, ou divulgada pela mídia**. E também porque "*hoje concebemos a América Latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (...), um continente heterogeneo formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento*"<sup>10</sup>. Assim, a pós-modernidade não seria uma etapa ou tendência a substituir o mundo moderno, mas um modo de problematizar os vínculos armados entre modernidade e tradição. Nesse contexto, é importante analisar não apenas as contradições entre a utopia de autonomia cultural e a industrialização dos mercados simbólicos; ou reinterpretar os vínculos entre modernismo e modernização, estabelecendo as diferenças entre inovar e democratizar: mas é preciso, também, buscar compreender quais as estratégias de utilização do patrimônio histórico e das tradições populares pelos museus e escolas - ou pelas antropologias, sociologias e populismos políticos.

Na América Latina, o popular e tem sido identificado como o excluído, aquele "*que não tem patrimônio ou não consegue que ele seja reconhecido ou conservado*"<sup>11</sup>: são os artesãos (excluídos do mercado de bens simbólicos 'legítimos'), ou aqueles que não tem acesso às universidades e museus e desconhecem os códigos que lhes daria acesso às expressões da 'alta cultura'. Produto de uma construção maniqueísta, que opõe tradicional a moderno, popular a culto e subalterno a hegemônico - e que elabora o folclore como espaço melancólico das tradições, esta visão não chegou a incorporar as manifestações originárias das sociedades de massa, especialmente nos meios urbanos<sup>12</sup>. Mas o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais - que, aliás, já nem sequer representam a parte majoritária da cultura popular; o *folk* também não se concentra nos objetos, e portanto não depende de forma direta dos processo de produção e consumo de bens estáveis; tampouco é monopólio dos setores populares, podendo estar presente nas mais diversas práticas sociais e processos comunicativos. E portanto, não é vivenciado pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as tradições - podendo estar presente nas comemorações carnavalescas, no humor e em muitas outras práticas que transgridem os rituais da ordem tradicional.

Em 1998, Rusconi<sup>13</sup> referia-se ao caráter pulsante das culturas populares, especialmente em nossa região. Citando Paulo Freire, lembrava que nossas culturas tradicionais permanecem vivas e se perpetuam na prática cotidiana – em contínuo processo de transformação, autoconstituindo-se na permanência e na criatividade. E ninguém melhor que Paulo Freire defendeu a dignidade dos elementos culturais nacionais e populares, rejeitando a imitação e lembrando, em todos os momentos de sua trajetória, que **a dignidade humana e as identidades culturais se constroem no cotidiano, a partir da valorização dos traços que definem cada indivíduo frente a si mesmo e na sua relação com o mundo.**

Ora, as interações entre o moderno e o contemporâneo vem produzindo novas matrizes simbólicas, como parte de um processo de recomposição do tecido social. Novos processos de produção, circulação, recepção e apropriação de bens simbólicos se desenvolvem e articulam, especialmente no meio urbano, resultando nos mais diferentes cruzamentos entre cultura popular 'tradicional', cultura de massa e cultura 'erudita'; o mesmo ocorre nas ou nas zonas de fronteira – estas '*fendas entre dois mundos*'<sup>14</sup>, onde se desenvolve um tecido cultural muito específico, híbrido de todas as matrizes identitárias disponíveis.

## 2. MUSEOLOGIA, IDENTIDADES E AS NARRATIVAS DO PATRIMONIO

Saber compreender como, onde e quando se dão esses cruzamentos é essencial para o entendimento dos processos interativos entre tradição, modernidade e contemporaneidade na América Latina. No âmbito da Museologia, esse entendimento servirá como base para a ação museológica. E, se devemos pensar a cultura e a produção simbólica na interseção entre as diferentes práticas sociais e as diferentes formas de discurso que sobre elas se estabelecem, **é fundamental buscarmos compreender como tem-se articulado esses discursos, e quais as narrativas desenvolvidas.**

Sabemos – porque já o propunha Lyotard em 1973<sup>15</sup>, que toda narrativa organiza o discurso de acordo com um certo número de operações específicas, utilizando os fatos como material operativo. Mas a atividade narrativa depende do narrador - e portanto, todo discurso nada mais é do que o resultado de operações mediáticas entre os fatos em si e a personalidade e intenções daquele que narra. **Todo discurso pode ser entendido como uma 'metamorfose de afetos'**, que produz a partir de si mesmo outra forma de discurso: a história. O que faz a história é assim, muito menos o conjunto de acontecimentos ocorridos no espaço e no tempo, do que a nova '*realidade*', reinstaurada por aqueles que narram os fatos. Jamais saberemos como os fatos realmente se dão, a não ser que estejamos participando diretamente dos mesmos – e ainda assim estaremos influenciados pela nossa percepção muito pessoal daqueles segmentos de realidade.

Lyotard nos lembra que, no volume teátrico aberto pela narração, o narrador sabe que o espetáculo não pode ser levado a cabo sem que concomitantemente exista uma realidade. Mas ele escolhe, segmenta, interpreta, nomeia, faz de cada fato em si apenas referência, para criar, através do discurso, um novo fato – que, na verdade, só existe em sua percepção. **A instância narrativa pode ainda reforçar a história interpretando os fatos a partir de operações ideológicas definidas**, dando-lhes a dimensão diacrônica de sujeito supostamente social, engendrando a história como totalidade organizada de acordo com uma certa temporalidade. **E, ainda que algumas formas de discurso se detenham nos fatos, outras existirão, construídas, intencionalmente, para provocar certos efeitos emocionais no interlocutor – buscando canalizar e regular movimentos de afetos.** E então seremos colocados diante de uma '*história referencial*'<sup>16</sup>, engendrada menos pelo fato, pela causa, do que pela intenção de provocar, no interlocutor, determinados efeitos emocionais. Tudo pode ser reinventado, adaptado ou até mesmo manipulado: lugares, fatos, personagens – até mesmo o próprio tempo da história pode ser efeito da narração. É disto que se alimentam as ideologias partidárias, o teatro, a mídia impressa e televisiva e a prática jurídica dos tribunais. E é disto que se alimenta,

de certa forma, a Museologia, especialmente no que diz respeito aos movimentos interpretativos feitos pela museografia tradicional, mas também - e muito freqüentemente - em muitas das narrativas que vêm configurando aquilo que se convencionou chamar, no âmbito de algumas experiências, '*museologia social*' (como se toda museologia, ao trabalhar com o Homem e sobre o Homem, não fosse social em sua própria essência...).

Qual a proposta da Museologia teórica? Ora, é buscar identificar, caso a caso, quais os fatos que se inscrevem em perspectivas históricas e sociais definidas e quais os acontecimentos que, por imprevistos ou espontâneos, só ocupariam lugar no contexto social como singularidades. Pois já não é mais possível acreditar que cada fato tenha causas e conseqüências específicas: não existe uma temporalidade possível de analisar-se como sistema vetorial (causa – fato – conseqüência) para garantir a veracidade do dispositivo narrativo; ao contrário, cada fato pode ser entendido como "*tensor ou passagem intensa (...), que requer não o espaço tridimensional do corpo social organizado, mas o espaço n-dimensional, neutro e imprevisível*"<sup>17</sup> da película de afetos e desejos que reveste cada acontecimento. E assim, a relação *causa x fato x conseqüência* não é linear, encontra-se permanentemente atravessada pelos movimentos emocionais e sensoriais já tão bem identificados pela Gestalt.

Poderíamos, então, pensar que basta reconhecer a qualidade orgânica dos acontecimentos para extravasar esta linearidade: mas o corpo orgânico é um volume que ocupa um espaço tridimensional e tem limites que dissociam o exterior do interior; suas unidades tem relação com um grupo de unidades em funcionamento. É um corpo político, dotado de limites que circunscrevem sua propriedade, e afetado por um regime que o constitui e o faz funcionar. E o corpo social, "*corpo meta-organico*", é um receptáculo, a superfície sobre a qual se irão inscrever os acontecimentos, em temporalidade. Aqui, **o que desejamos é enfatizar o caráter afetivo (libidinal, diria Lyotard) que inscreve os acontecimentos numa realidade mais ampla, praticamente ilimitada**, e onde cada gesto, cada palavra, cada olhar se desdobram infinitamente – como fractais – ou evoluem em torno de si mesmos, como numa mandala ou numa faixa de Moebius, impregnando a tessitura de uma rede onde somos ao mesmo tempo atores, intérpretes e objetos. Esta é realidade que nos atravessa.

**No que se refere à Museologia, é preciso reconhecer a inviabilidade de desenvolvê-la adequadamente em nível teórico sem reconhecermos a existência dessa pluralidade de relações**, que se inicia na identificação de um '*museu interior*', de uma memória afetiva que nos configura no mundo e para o mundo, e que interfere permanentemente em nossa forma de ver, selecionar, reter e interpretar os fatos. Reconhecer que o dispositivo narrativo não opera entre história e discurso, mas entre a singularidade do desejo e sua ocorrência no tempo e no espaço, "*entre película tensorial e corpo social articulado, entre a intensidade dos acontecimentos e a regulação unitária*"<sup>18</sup>, e que tanto os discursos que se elaboram sobre os fatos como a própria análise das práticas do cotidiano para fins de '*interpretação museológica*' devem levar em conta essas realidades.

É por isto que tantos teóricos da Museologia vem utilizando elementos da análise do discurso para buscar articular as relações entre museu e sociedade. O '*discurso museológico*' faz-se a partir dos códigos e processos narrativos já explicitados, e pode ser entendido a partir das relações já descritas por Genette, que se estabelecem entre:

- a **duração dos fatos** no tempo e no espaço (aquilo que os franceses tão lindamente denominam *la durée*), em suas relações com as diferentes narrativas que sobre eles se estabelecem;
- a **freqüência**, ou repetição (extensiva ou detensiva) dos acontecimentos;
- **modo, ou distancia** entre os acontecimentos e as referencias que a partir deles se constróem – em intensidade e pluralidade;
- **foco, ou perspectiva** segundo a qual tais referencias se constróem;
- a voz, ou o **tempo da narração** – com relação ao instante mesmo em que se dão (ou deram) os fatos;
- a **função do narrador** – se visa reproduzir os fatos acontecidos ou testemunhar, através do discurso, seus próprios afetos.



Também é importante especificar **a quem se dirige o discurso**: pois ao não dirigir-se a ninguém especificamente, o narrador anula o interlocutor. Ou se anula, possibilitando ao receptor tomar o seu lugar e acrescentar, a cada fato narrado, seus próprios afetos – de tal forma que, inexoravelmente, levará a muitas distorções.

### 3. MUSEOLOGIA, DISCURSO E AÇÃO COMUNITÁRIA

A teoria museológica pode identificar, no discurso que os museus elaboram sobre a cultura e o patrimônio popular, uma série de **operações anulatórias**, seja do narrador (caso mais específico dos museus tradicionais, onde é comum não se poder identificar quem fala), ou do interlocutor (caso dos museus que não conhecem seu público). Mas existem também as operações de anulação do próprio fato, ou do conjunto de realidades sobre as quais se deveria desenvolver o discurso: nesses casos, ou se privilegia o enfoque ideológico ou prevalecem as emoções e propostas pessoais do narrador - tão preocupado em descrever seu trabalho sobre um determinado sujeito ou objeto que tudo o que resta em seu discurso é ele mesmo e suas estratégias de intervenção. Estas duas formas de operação anulatória são mais comuns do que se percebe, e podem ser desastrosas quando se trata do trabalho museológico sobre uma comunidade específica – caso em que a comunidade verdadeira ‘desaparece’, substituída por um simulacro só existente nos relatórios do narrador. E portanto, as diferentes narrativas da cena social devem fazer-se em pluralidade, dando ensejo a que as muitas identidades constituintes do corpo social se possam manifestar. Ninguém melhor para falar por uma comunidade específica do que a própria comunidade. Ela o fará através de muitas falas, com diferentes vozes, e contará muitas histórias – algumas divergentes, outras sincrônicas; algumas privilegiando o fato, outras perdidas no tempo, ou recuperando detalhes; algumas brilhantes, outras singelas – mas todas tecendo um ponto na imensa rede de reconhecimentos, afetos, saberes, ações e conflitos que constitui o seu Ser, no cotidiano.

Ao trabalhar as relações entre Museologia, identidades e desenvolvimento, no âmbito do discurso, identificaremos, enquanto sujeitos narradores, diferentes comunidades:

- a) as comunidades dos museus de território (incluindo ecomuseus), interventoras nos processos de constituição de sua própria identidade, de gestão do seu patrimônio e de elaboração de suas estratégias de desenvolvimento;
- b) as comunidades definidas na tessitura urbana, e que geralmente constituem o público dos museus tradicionais;
- c) as comunidades de profissionais que atuam em museus;
- d) a comunidade acadêmica, cuja relação com o Museu pode ser apenas da ordem do discurso, ou mesclar discurso e ação;
- e) a comunidade global, sujeito e objeto do discurso e das políticas desenvolvidos pelas agências internacionais sobre o ambiente, a cultura e o desenvolvimento sustentável.

Cada um desses grupos elabora discursos muito específicos sobre museus e Museologia.

Cabe, aqui, lembrar que o discurso elaborado sobre os ecomuseus nem sempre se fundamenta nas narrativas das comunidades locais (grupo a), estando freqüentemente construído a partir de narrativas dos profissionais (c), ou da comunidade acadêmica (d). Foram estes dois últimos grupos que elaboraram e difundiram as teorias do ecomuseu e da nova museologia – certamente atravessadas por vieses filosóficos e ideológicos definidos. As principais narrativas sobre o ecomuseu podem ser encontradas na magnífica compilação elaborada por André Desvallées e Odile de Barry e editada por Françoise Wasserman: **Vagues, uma antologia da Nova Museologia**. É em *Vagues* que vamos encontrar o texto clássico *Museu: templo ou fórum?*, onde se questiona o imobilismo da museologia tradicionalista e se apresenta a possibilidade de o museu ser um espaço de encontro e diálogo – uma ágora, um

espaço de trocas sociais ativas. Ou o texto de Jean Clair sobre *As Origens da Noção de Ecomuseu*, ou mesmo a *Definição Evolutiva de Ecomuseu*, de Rivière, além de estudos de caso.

É fundamental compreender esses textos a partir da ótica vigente no momento em que foram produzidos: quem são essas pessoas, e de onde falam? Importante, ainda, é buscar conhecer os relatos de experiências feitos por aqueles que efetivamente trabalharam – ou trabalham – em ecomuseus, como Marcel Évrard e Mathilde Bellaigue, responsáveis pela estruturação do Ecomuseu do Creusot. Ou Hughes de Varine. Ou Pierre Mayrand e René Rivard, que atuaram no Canadá para estruturar a Nova Museologia. Ou mesmo Mário Moutinho e Antonio Nabais, em Portugal. Na Escandinávia, Marc Maure, John Gjestrum e muitos outros. São essas pessoas, ainda que através do trabalho nas comunidades, que vem contribuindo para desenvolver uma filosofia (quase uma ideologia) dos ecomuseus, da ação comunitária e do desenvolvimento integrado - muitas vezes baseada nas idéias de Paulo Freire. Pouco sabemos das comunidades a que se referem, e delas temos notícias quase sempre pelos seus relatos. E, ainda que muitos desses profissionais falem em nome de uma comunidade da qual efetivamente fazem parte e onde efetivamente atuam de forma transformadora, caberia identificar, para efeito de análise do discurso, quais os mecanismos que os elegeram como sujeitos narradores dessas experiências. Dentre os textos desses profissionais, chamaríamos a atenção para aqueles que apontam para as dificuldades do trabalho comunitário, identificando o alto potencial de conflitos presente neste tipo de experiência e buscando elaborar estratégias para o desenvolvimento de ações. É por meio dessas ações que efetivamente os ecomuseus se realizam, definindo-se como instâncias de renovação e como movimentos de resistência.

#### **4. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COMO DISCURSO GLOBAL**

Há um outro tipo de discurso, que é o elaborado pelas agencias internacionais dedicadas à implementação de políticas sobre cultura, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Aqui, pouco se faz a narrativa de fatos acontecidos, mas trabalha-se sobretudo com cartas de intenções e com projeções para o futuro. Tomemos como exemplo o *Earth Charter*, organizado em 1999 pela IUCN<sup>19</sup> como fórum de discussão das questões relativas ao desenvolvimento das sociedades no planeta, em âmbito global – e que elaborou uma Declaração de Princípios, endossada pelas Nações Unidas, defendendo o estabelecimento de uma ética global com relação ao ambiente e ao desenvolvimento. Baseado na experiência prática de sustentabilidade dos diferentes povos, legitima um crescente senso de comunidade e de responsabilidade moral, relativo a todas as sociedades, bem como a todas as comunidades vivas do planeta – reafirmando valores tais como o respeito por todas as suas formas de vida; a proteção e a restauração da diversidade; a produção, consumo e reprodução sustentados; o respeito pelos direitos humanos, incluindo o direito a um ambiente adequado à dignidade e ao bem estar dos povos; a erradicação da pobreza; a solução dos conflitos pela não-violência; a distribuição eqüitativa dos recursos da Terra; a participação democrática nas tomadas de decisões; a educação universal para a vida sustentável; e o desenvolvimento de responsabilidades partilhadas pelo bem-estar da comunidade global e das futuras gerações. A política implementada pelo Fórum da Terra fundamenta-se na filosofia das Nações Unidas, e legitima-se na preocupação com a segurança ecológica, instaurada a partir de 1972, com a I Conferencia Mundial sobre o Desenvolvimento (Estocolmo, Suécia).

Poderemos relacionar esses fatos com o discurso da Museologia, se recordarmos que este é também o ano da Mesa Redonda de Santiago, que definiu as bases teóricas para o museu integral. Mas as ligações não param por aí: em 1982, a Assembléia Geral da ONU cria a *Carta da Natureza* – uma declaração de princípios éticos e ecológicos que constitui o mais representativo dos documentos relativos a uma ética ambiental. E logo em 1983 temos a *Declaração de Quebec*, que instaura o movimento pela Nova Museologia. O documento de 1987 – *Nosso Futuro Comum* – recomenda a consolidação dos princípios de 82, através de uma

Convenção sobre o patrimônio ambiental e o desenvolvimento sustentável. A questão é retomada em 1992, na II Conferencia Mundial sobre o Desenvolvimento (Rio92). A *Declaração do Rio de Janeiro* não chega a reafirmar o valor intrínseco de todas as formas de vida para o desenvolvimento sustentável; mas já constam da *Agenda 21* – o Plano de Ação da Rio92 - uma série de pontos que especificam as relações entre cultura, sociedade, ambiente integral e desenvolvimento.

Entre as iniciativas que se sucederam destacamos o Rio+5, (1996-97)<sup>20</sup>, a Cúpula da Terra II (*Earth Summit II*, 1997), e as reuniões efetuadas pela UNESCO no âmbito do Decênio Mundial para o Desenvolvimento Cultural – a partir das quais se gerou o documento ***Nossa Diversidade Criativa – que define a cultura como o último catalisador para o desenvolvimento***. Mais importante que relacionar esses fóruns internacionais é analisar sobre que conceito de desenvolvimento trabalham. A Cúpula Hemisférica das Américas, sobre Museus e Comunidades Sustentáveis, realizada em 98 na Costa Rica, entendeu como desenvolvimento sustentável “*um processo de melhoria da qualidade de vida no presente e no futuro, que promova um equilíbrio entre o meio ambiente, o crescimento econômico e a auto-afirmação*” das sociedades.<sup>21</sup> Esta reunião estabeleceu um paralelo entre as tendências do desenvolvimento internacional e o papel das comunidades, enfatizando a importância da comunidade ‘museológica’ no desenho das estratégias de ação para o desenvolvimento integral - a ponto de o Banco Mundial ter formalizado seu compromisso em fazer da cultura uma parte vital na tomada de decisões sobre o desenvolvimento. As conclusões incorporam algumas diretrizes filosóficas da contemporaneidade, entre as quais ‘*participar da construção de um projeto de futuro no marco da diversidade*’ e visam envolver todos os segmentos da sociedade na geração de modelos alternativos de conservação do patrimônio e de desenvolvimento.

Entre as organizações de âmbito mundial, não poderíamos deixar de mencionar o **ICOM**, cujo ***Plano Estratégico para 1995-2004*** prevê, entre outros objetivos:

- a) suportar os museus como instrumentos de desenvolvimento social e cultural
- b) reforçar a ética profissional, sob a forma de legislação nacional e internacional para a proteção e desenvolvimento da herança natural e cultural dos povos
- c) implementar redes regionais e internacionais de cooperação
- d) estabelecer mecanismos de defesa e proteção legal da herança natural e cultural
- e) responder às tendências da liberalização econômica que atingem os museus
- f) expandir e consolidar as redes de comunicação entre e para museus

A grande contribuição desses documentos é reunir, de forma organizada, as principais aspirações dos segmentos que representam, buscando definir estratégias de ação em âmbito abrangente. Identificar até que ponto são eficazes, ou até que ponto correspondem às aspirações desses segmentos, ou servem efetivamente às necessidades das sociedades em nome de quem se apresentam, seria a nossa tarefa e o nosso papel. Muitas vezes substitui-se a ação pelo mero discurso, ou, por motivos políticos, evita-se debater os pontos de conflito das situações analisadas – como se fosse fácil (ou mesmo possível) encentar ações de âmbito global ou regional a partir de uma carta de intenções.

## 5. POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

... Pouco analisados no âmbito da Academia, os discursos sobre Museologia, Patrimônio, Identidade, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável nem sempre chegam a ser conhecidos (ou reconhecidos) pelas comunidades e/ou segmentos das sociedades aos quais se referem. Nem mesmo têm sido entendidos e aproveitados corretamente pelos especialistas, ou pelos profissionais que atuam nos museus e com Museologia: permanecem na esfera das intenções estratégicas, ou limitados às narrativas de casos, de influência local. Enquanto isto, magníficos trabalhos se desenvolvem em numerosos países, sem que os atores tenham conhecimento do valor de sua experiência. Seria necessário, portanto, realizar um trabalho

urgente no sentido de: reconhecer, mapear e analisar tais experiências; comparar essas iniciativas, estabelecendo pontos de convergência e de divergência; identificar o seu potencial transformador, à luz das filosofias de trabalho existentes; estabelecer sua pertinência, em relação aos discursos e narrativas do Museu, do Patrimônio, da Identidade, do Meio Ambiente e do Desenvolvimento.

É neste sentido que trabalha o MINOM, e que se desenvolve a atuação do ICOFOM LAM. Dedicado às estratégias de ação comunitária, o MINOM trabalha mais especificamente com as iniciativas locais, e gera um discurso simples e diretamente voltado para a ação. **Quanto ao ICOFOM LAM**, ainda que especificamente voltado para a esfera do discurso, por sua característica de grupo teórico, **vem-se dedicando, desde a sua primeira conferência (Buenos Aires, 1992), a discutir as relações entre Museologia, ambiente integral, patrimônio e desenvolvimento sustentável – não apenas como linha filosófica, mas como proposta ética.** O trabalho desenvolvido ao longo desses dez anos começa a fazer-se sentir, na influência exercida sobre a produção da comunidade acadêmica voltada para a Museologia, no desenho de programas acadêmicos e de treinamento técnico em diversos países da região, e principalmente no reconhecimento, por parte de lideranças comunitárias, de que o trabalho que desenvolvem se inscreve no âmbito de Museologia.

Um dos exemplos é a comunidade de Santa Cruz, articulada há muitos anos sobre a sua identidade e sobre o seu patrimônio, mas que a partir de 92, e por contato com o discurso dos profissionais do MINOM e do ICOFOM LAM, identificou-se e legitimou-se como Ecomuseu.

*Rio de Janeiro, maio de 2000*

**Tereza Cristina Scheiner**  
**Presidente, ICOFOM e Diretora, Escola de Museologia / UNIPIO**

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASTUDILLO, Lucia, DECAROLIS, Nelly & SCHEINER, Tereza C. (org.). **Museus, Espaço e Poder na América Latina e no Caribe.** Cuenca, Equador: ICOM/ICOFOM LAM, 1993. Co-auspícios OEA e Consejo Nacional de Cultura del Ecuador. 134 p.
2. ATLAN, Henri. **Entre o Cristal e a Fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo.** Trad. de Vera Ribeiro. Rev. de Henrique Lins de Barros. RJ: Zahar, 1992. 268 p.
3. DAVALON, Jean, GRANDMONT, Gerald & SCHIELLE, Bernard. **L'environnement entre au Musée.** Collection Muséologies. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992. 206 p. il.
4. DESVALLÉS, André, DE BARRY, Marie Odile e WASSERMAN, Françoise (coord.). **Vagues: une antologie de la Nouvelle Muséologie.** Collection Museologia. Éditions W, M.N.E.S., 1992 (vol. 1). 529 p. e 1994 (vol. 2). 573 p.
5. DE VARINE, Hughes. **L'initiative Communautaire: recherche et experimentation.** Collection Museologia. Editions W, M.N.E.S. 1991. 265 P.
6. GARCIA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** RJ: Ed. UFRJ, 1995. 266 p.
7. \_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade.** Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. 385 p. il.
8. GJESTRUM, John Aage & MAURE, Marc. **Økomuseumsboka.** Identitet, økologi, deltakelse. ICOM, Tromso Museum, 1988. 192 p. il.
9. HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. RJ: DP&A, 1997. 111p.
10. **ICOM/ICOFOM. ICOFOM STUDY SERIES.** *Anais dos Encontros Anuais do Comitê Internacional de Museologia do ICOM.* ICOM/ICOFOM, vols. 1 a 20. Vol. 1-19 ed. por Vinos Sofka. Vol. 20 and reprint by Martin R. Schärer. 1978 / 1995.
11. \_\_\_\_\_. *Museum and Community I.* ISS no. 24. Symposium Museum and Community. Beijing, China: ICOM/ICOFOM, September 1994. 124 p.

12. \_\_\_\_\_ . *Museum and Community II* ISS no. 25. Symposium Museum and Community. Stavanger, Norway: ICOM/ICOFOM, July 1995. 217 p.
13. **ICOM/ICOFOM. ICOFOM LAM. *Museus, Memória e Patrimônio na América Latina e no Caribe*.** Coord: Teresa Scheiner. VI Encontro Regional do ICOFOM LAM. Cuenca, 29 nov. / 03 dez. 1997. 200 p. Pré-ed.
14. \_\_\_\_\_ . *Museus, Museologia e Diversidade Cultural na América Latina e no Caribe*. Coord: Decarolis, Nelly & Scheiner, Teresa. VII Encontro Regional do ICOFOM LAM. 13-20 Junho 1998. México. Pré-ed. 160 p.
15. JEUDI, Henri Pierre. **Memórias do Social**. Tradução de Márcia Cavalcanti. RJ: Forense Universitária, 1990. 146 p.
16. LYOTARD, Jean-François. *Petite économie libidinale d'un dispositif narratif: le Régie Renault raconte le meurtre de Pierre Overney*. In: **Des dispositifs Pulsionnels**. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1973: 171-213.
17. MOLES, Abraham. **As Ciências do Impreciso**. Trad. de Glória de Carvalho Lins. RJ: Civilização Brasileira, 1995. 371 p.
18. MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Trad. de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Bibl. Universitária no. 19. Lisboa: Publ. Europa-América Ltda., 327 p.
19. MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1995. 189 p.
20. SCHEINER, Tereza Cristina (org.). **Interação Museu-comunidade pela Educação Ambiental**. Manual de Curso de Extensão. RJ: Tacnet Cultural, 1991. 200 p. il.
21. \_\_\_\_\_ . *Museum Ethics and the Environment: in search of a common virtue*. In: **Museum Ethics**. Ed. by Gary Edson. London: Routledge, 1997. p. 176-178.
22. RUSCONI, Norma. *Extensão Cultural e Pedagogia do Desenvolvimento: um desafio para a contemporaneidade da Museologia Latinoamericana*. Trad. Tereza Scheiner. In: **ICOM/ICOFOM LAM - Museologia e Globalização na América Latina e Caribe**. Mexico, 1998.
23. TAVARES D'AMARAL, Márcio (org.). **Contemporaneidade e Novas Tecnologias: comunicação e sistemas de pensamento**. Seminários de Pesquisa, IDEA/ECO/UFRJ. RJ: Sette Letras, 1996. 165 p.
24. WIÑAZKI, Miguel. **Travesías Argentinas. Diez historias en busca de la identidad perdida**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. 142 p.

## NOTAS

1Travesías Argentinas., p. 20

2 Ibid., p. 24

3 Ibid., p. 128

4 Ibid., p. 130

5 Ibid., p. 131

6 Terra-Pátria, p. 35

7 Ibid., p. 42

8 Ibid., p. 50

9 Culturas Híbridas, p. 18

10 Ibid., p. 28

11 Ibid., p. 205

12 Analisando a *Carta do Folclore Americano*, elaborada pela OEA em 1970, Canclini encontra as seguintes afirmativas: a) o folclore é constituído por manifestações tradicionais de caráter oral e local, sempre inalteráveis; b) assim entendido, constitui a essência da identidade e do patrimônio cultural de cada país; c) o progresso e os meios de comunicação, ao acelerar o processo final de desaparecimento do folclore, desintegram o patrimônio e fazem os povos americanos 'perderem sua identidade' In Op. Cit., p. 214

13 *Extensão Cultural e Pedagogia do Desenvolvimento: um desafio para a contemporaneidade da Museologia Latinoamericana*, ICOFOM LAM, 1998.

14 Canclini, Op. Cit., p. 324

15 Les Dispositifs Pulsionnels, p. 171

16 especialista francês em análise do discurso

17 Lyotard, Op. Cit., p. 177

18 Ibid, p. 182

19 União Internacional para a Conservação da Natureza

20 iniciativa da UNCED – Comissão das Nações Unidas para o Desenvolvimento

21 Primera Cumbre Hemisferica de los Museos de las Américas. Agenda para la acción. Acuerdos. San José, Costa Rica, abril de 1998.

## LA PLACE DU MUSÉE COMMUNAUTAIRE DANS LES STRATÉGIES DE DÉVELOPPEMENT

*Hugues de Varine\* - MINOM - ASDIC - França*

---

### RÉSUMÉ

Les processus et les méthodes du développement local s'appuient nécessairement sur la culture vivante des citoyens: aucun développement ne peut être durable sans une participation des citoyens, participation qui doit se faire dans le langage de leur culture. Pour cela, il faut inventer des formules de communication et de médiation entre les logiques technocratiques et les logiques politiques d'une part, les logiques de la vie quotidienne et de la vie en société d'autre part. Le musée communautaire, parce qu'il parle le langage de la communauté, peut être l'un de ces médiateurs.

D'autre part, tout développement est basé sur l'utilisation des ressources locales. L'une de ces ressources est le patrimoine, l'autre est la créativité, la capacité d'initiative des gens. Le musée est l'instrument par excellence de la connaissance, de la compréhension, de la valorisation des ressources patrimoniales, naturelles et culturelles, à condition d'être conçu comme un territoire global. D'autre part, les activités du musée communautaire, parce qu'elles impliquent les citoyens, sont des moyens de susciter la confiance en soi, l'imagination et la créativité.

Le musée communautaire est donc un outil stratégique qui intervient à un moment du développement, mais qui n'est pas nécessairement aussi durable que le développement. Il ne faut pas chercher à le faire vivre au delà de son temps utile: le musée peut disparaître, ou se transformer en une institution culturelle classique (conservation, éducation, tourisme, etc.) dès lors qu'il a fini de jouer son rôle.

\*Membro fundador do MINOM; Consultor Internacional para o Desenvolvimento Local e Comunitário; Ex-Presidente do ICOM

## LA PLACE DU MUSÉE COMMUNAUTAIRE DANS LES STRATÉGIES DE DÉVELOPPEMENT

*Hugues de Varine\* - MINOM - ASDIC - França*

---

### Rencontre de Sta Cruz – mai 2000 ( HdV / 16-02-00)

Il est étonnant de constater que les membres du personnel des musées sont sans doute les seuls professionnels qui aient osé créer autour de leur institution une discipline scientifique, la muséologie. Les bibliothécaires parlent de "bibliothéconomie", les écoles, les théâtres, les opéras, les hôpitaux n'ont pas de "logie". Habituellement, ce sont des sciences humaines ou exactes qui utilisent cette désinence - géologie, musicologie, théologie, etc. – pour qualifier leur discipline, mais pas les institutions dans lesquelles ils travaillent.

Je comprends pourquoi les anglo-saxons, et même les français, ont si longtemps été réticents à utiliser couramment le mot de muséologie pour nommer une science des musées qui, au premier regard, ne peut pas exister. On ne fait pas une discipline à partir d'un bâtiment, de statuts administratifs, de responsabilités de service public. Parler de muséologie serait faire du musée une idée, un champ intellectuel, un ensemble de concepts, un objectif en soi. C'est beaucoup d'honneur pour ce qui n'est après tout, habituellement, que la combinaison d'un bâtiment, d'une collection et d'un public et de spécialistes au service de ces trois composantes. Conservateur, curator, directeur sont des termes beaucoup mieux adaptés à de telles fonctions que muséologue...

L'apparition, depuis des décennies, de nouvelles formes de musée, de nouvelles pratiques du musée, que je préfère appeler communautaires, parce que émanant d'un territoire et d'une population, utilisant la culture et le patrimoine comme des ressources pour le développement, remet en cause le vocabulaire admis et les définitions traditionnelles. Leurs promoteurs ne servent plus le musée, ou la culture, ou le patrimoine, mais une population, on peut les appeler pédagogues, développeurs, animateurs, médiateurs, agitateurs, mais certainement pas muséologues !

Ce que je voudrais exprimer ici n'est donc pas de la muséologie, mais une réflexion théorique sur les stratégies de développement et sur des méthodes qui permettent d'appuyer celui-ci sur le territoire, sur le patrimoine, sur la population.

### **Qu'est-ce qu'une stratégie de développement ?**

C'est essentiellement un plan d'action (en vue du développement d'un territoire) qui comprend un diagnostic de situation, un tableau des objectifs politiques et opérationnels poursuivis, un inventaire des ressources et des moyens disponibles, un choix des acteurs à mobiliser et des méthodes à utiliser, un calendrier.

L'action quotidienne, la déclinaison des objectifs immédiats et des programmes concrets, le mode d'intervention, la formation des acteurs, cela constitue ce que les militaires appelleraient la tactique. Je n'en parlerai pas ici.

La stratégie de développement doit prendre en compte trois dimensions essentielles: culturelle, sociale et économique. L'hérésie moderne, qui est aussi une erreur culturelle et sociale, consiste à limiter le développement, et ses stratégies, au seul champ économique, comme si produire de la richesse était une garantie de qualité de vie et de créativité culturelle pour tous. Je mets, pour ma part le culturel en premier, parce que, comme disait R. Colin, le développement d'un peuple ne peut se faire que dans la culture de ce peuple. Je place ensuite le social, car le développement est une dynamique qui se place à l'intérieur de la société, et non pas dans les bureaux des fonctionnaires ou dans les assemblées des élus. L'économique arrive en dernier, car le succès économique est la résultante des forces rassemblées par les deux premiers, appliquées aux ressources endogènes et exogènes disponibles.

La stratégie de développement doit prendre en compte trois approches complémentaires: celle de la communauté (les habitants, les citoyens, la société civile, selon les vocabulaires) celle de la collectivité (les élus et les institutions publiques qui en dépendent), enfin celle des partenaires (les personnes et les institutions qui sont à l'extérieur du territoire, mais qui interagissent avec celui-ci). La communauté représente la somme des intérêts particuliers, des individus et des groupes. Elle est aussi finalement l'ensemble des acteurs et des bénéficiaires du développement. La collectivité représente l'intérêt général et tire sa légitimité des modalités de la délégation démocratique du pouvoir politique, administratif, financiers, etc. Les partenaires sont les représentants des autres territoires, des différents niveaux de décision, en somme les acteurs du macro-développement.

Chaque approche a sa logique, qui doit tenir compte de celle des autres, pour éviter que l'une des trois prédomine, au détriment des deux qui seraient laissées de côté. Bien entendu, la logique de la collectivité vient en premier, mais elle ne peut exister seule: aucun développement ne serait durable s'il ne s'appuyait sur la communauté et sur la reconnaissance des facteurs extérieurs au territoire. N'oublions jamais que si le développement local, celui qui est ancré dans un territoire donné et met en jeu une communauté donnée, est le meilleur antidote aux effets pervers de la mondialisation, il doit tenir compte de celle-ci comme des intérêts régionaux et nationaux.

## **Les deux ressources de base du développement: les gens et le patrimoine**

Une stratégie de développement repose nécessairement sur l'exploitation rationnelle de ressources, et d'abord des ressources présentes sur le territoire. Deux ressources existent toujours, sur tout territoire habité.

Les gens, la population, l'ensemble des habitants, ce que l'on appelle la ressource humaine

On sait bien que la principale richesse d'un territoire est sa population, sa démographie, sa force de travail, la créativité et la compétence de ses habitants. Ils composent évidemment la communauté, mais ce sont aussi des individus, des groupes, un ensemble de cultures vivantes qui réagissent entre elles. Ils sont terreau, semence et fruit.

Cette ressource humaine n'est pas d'abord un ensemble statistique. C'est pourquoi j'utilise pour la qualifier en premier le terme familier et non scientifique "les gens". Elle est un ensemble d'êtres humains avec leurs caractéristiques propres, de forces à connaître et à mobiliser, à enrichir aussi, à former et à renforcer.

Les approcher, les mobiliser, les faire agir ou les associer à l'action sont des expériences profondément culturelles, car il faut tenir compte de ce qu'ils sont de la somme d'expériences, de qualités et de défauts, d'atouts et de handicaps qu'ils représentent.

Il ne faut jamais oublier que ces "gens" ne sont pas seulement une ressource exploitable en vue du développement. Ils en sont à la fois les sujets et les objets, les auteurs/acteurs et les bénéficiaires. Ils ont donc un droit inaliénable à participer aux décisions qui les concernent, et pas seulement lors d'élections formelles qui donnent des délégations aveugles à des personnes que l'on ne connaît que par leurs déclarations de circonstance.

### **Le patrimoine naturel et culturel**

Cette communauté, ces "gens" possèdent collectivement un patrimoine multiforme, au milieu duquel ils vivent: d'abord le territoire avec tout ce qu'il comporte d'éléments naturels, bien entendu déjà fortement modelés et modifiés par l'homme, mais possédant une vie propre, ensuite les biens culturels matériels et immatériels, produits dans la continuité du temps et même produits aujourd'hui ou par la génération vivante.

Il y a les sites, les paysages, les êtres vivants, les matériaux, les objets d'usage, de culte ou de décor, les mémoires, les savoirs et les savoir-faire, les jeux et les productions artistiques, les croyances et les légendes, les coutumes, etc.

Ces deux patrimoines, comme tout patrimoine, doivent être à la fois utilisés (donc transformés), enrichis et transmis.

Il faut évidemment les (re)connaître (ce qui ne veut pas dire les collecter), les respecter (ce qui ne veut pas dire une conservation absolue), les gérer (ce qui ne veut pas dire en déposséder leurs propriétaires individuels).

Toute stratégie de développement qui ne s'appuierait pas d'abord sur ces deux ressources serait condamnée à l'échec: on peut faire de la culture hors-sol en agriculture, on ne fait pas de développement hors-territoire, hors-culture. Encore une fois, le développement ne se limite pas à la production de richesse financière. Il est le résultat d'un processus culturel enraciné.

### **Un outil stratégique: le musée communautaire**

Restons dans la stratégie et voyons en quoi le musée peut nous proposer une partie de ce dont nous aurons besoin pour les différentes étapes de sa conception. Pour cela je vais reprendre les composantes listées plus haut.

En préalable rappelons que le musée communautaire, contrairement au musée classique, est un processus continu, et non pas un produit fini. Il a donc sa place à toutes les étapes du développement, non seulement pour l'élaboration d'une stratégie, mais aussi pour sa mise en œuvre.



## **Le diagnostic de situation**

Le musée appuie nécessairement tout son travail sur la recherche, et sur une recherche "co-opérative", puisque les chercheurs scientifiques, les praticiens de la vie culturelle, sociale et économique locale et d'une manière générale tous les habitants possèdent à la fois les données qui définissent la communauté et les clés d'interprétation de ces données. Il est même la seule structure locale qui le fasse de façon globale et permanente.

Il revient donc au musée et à son équipe technique de recueillir auprès de l'ensemble des acteurs locaux toutes les données nécessaires au diagnostic, de les classer, de les expliciter, de les mettre en relations et en interactions, de les présenter aux responsables de la synthèse du diagnostic. Le musée peut aussi présenter à la population, selon ses méthodes et son langage propres, les différents choix de diagnostic. Il peut enfin contribuer à faire évoluer le diagnostic puisque son action (et l'ensemble de son processus) ne s'arrête pas à un moment donné dans la prise de décision stratégique ou opérationnelle.

## **Les objectifs**

Il n'appartient évidemment pas au musée seul de définir les objectifs du développement qui vont orienter les choix stratégiques. Mais le musée peut les présenter et les faire discuter, ou même valider, selon le principe des "subjectivités simultanées": chaque individu membre de la communauté, chaque groupe a sa propre appréciation des problèmes qui se posent à la communauté et des solutions qui peuvent leur être trouvées. Il n'y a donc pas d'objectivité en matière de stratégies de développement, mais seulement une recherche de consensus et une sorte de négociation entre les différentes approches et les différents jugements subjectifs qui co-existent au sein de la communauté.

Ici, le musée a un rôle à la fois démonstratif et pédagogique, qui se prolonge tout au long des programmes de développement. Il peut également servir de média pour l'expression des avis et des propositions de la population en direction des autorités: c'est un lieu d'échange. C'est ainsi qu'il peut faciliter l'évolution des objectifs, ou l'apparition de nouveaux objectifs.

## **L'inventaire des ressources**

Nous avons vu que les ressources fondamentales pour le développement de tout territoire se résumaient à deux mots-clés: la ressource humaine et la ressource patrimoniale. Si même le musée n'a pas de vocation statistique ou démographique, il a, ou peut avoir, vocation à tout savoir des savoirs, des compétences, des richesses matérielles ou immatérielles de la communauté ou des communautés qu'il sert. Il peut aussi les mobiliser et le faire connaître.

Leur inventaire est donc de son ressort, ainsi que la mise à jour de cet inventaire, qui doit rester vivant, et non figé dans une attitude conservatoire, sinon conservatrice. C'est à dire que le musée ne se borne pas à remplir des fiches, encore moins à tout recueillir, mais qu'il replace chaque donnée dans un contexte complexe et qu'il lui donne des significations: un individu sera ainsi repéré pour sa place dans la société, dans la continuité généalogique, pour ses compétences, sa mémoire, ses aptitudes, son expertise, sa disponibilité, en d'autres termes la totalité de son "potentiel"; un élément de patrimoine sera considéré pour sa valeur d'usage, symbolique, affective, scientifique, ou pour toutes ces valeurs combinées, ce qui définira également son "potentiel" en termes de contribution au développement.

## **L'inventaire des moyens**

Le musée est généralement pauvre, il ne peut donc pas être pris en compte dans le financement du développement. Par contre, il possède des moyens d'expression, d'éducation, de formation non monétaires et non économiques, ainsi que des espaces de stockage, de documents, d'exposition, de rencontre qui peuvent être utilisés par la communauté pour son développement.

De même la collectivité peut, en aidant le musée à se doter de ces atouts, y trouver ensuite un complément de moyens. Enfin, les acteurs économiques recherchent souvent des

lieux et des programmes, capables de faire valoir leurs production, leurs projets: le musée, parce qu'il est ouvert à tous et parce qu'il parle un langage accessible à tous, est à leur disposition. Encore faut-il que la raison d'une coopération entre eux soit le développement de la communauté et non pas un intérêt strictement mercantile.

### **Le choix des acteurs**

Parce que le musée communautaire est un processus porté par les forces vives de la communauté, il est un des points de rencontre de celles-ci, un des lieux de débat, de prise d'initiative, de montage de projet.

Il est aussi un lieu privilégié de la formation des acteurs du développement: le musée est une université populaire, à laquelle rien de vivant n'est étranger.

Mais il est aussi un acteur à part entière, qui a son mot à dire à tous les stades du développement, surtout lorsqu'il est statutairement une structure associative représentative de l'ensemble de la société civile et de ses différents secteurs.

### **Le choix des méthodes**

La stratégie est affaire de méthodes. La bonne méthode n'est pas seulement celle qui répond techniquement aux objectifs et aux moyens, c'est aussi celle qui est comprise et effectivement mise en œuvre par l'ensemble des acteurs.

Elle doit donc être expliquée, dans un mode d'expression compréhensible par tous. Elle doit aussi suivre l'évolution des objectifs et des moyens, dans le temps. Le musée, aux côtés des médias et de modes d'animation participative, a son rôle à jouer dans la présentation et l'interprétation des choix méthodologiques faits par les stratèges du développement.

Pour cela, le musée doit lui-même choisir et adapter ses méthodes, en restant toujours attaché à sa spécificité qui est le réel dans toutes ses dimensions. Le musée doit être en quelque sorte polyglotte, pour parler les langages de toutes les catégories culturelles présentes dans la communauté, c'est à dire de leurs cultures vivantes.

### **Le calendrier**

Ce point est sans doute le plus difficile à expliciter. Le développement local, tout comme le processus du musée communautaire, est affaire de rythmes, en particulier celui des générations: conçu par une génération, il passe ensuite à la suivante et les paramètres du diagnostic, l'état des ressources, les objectifs et les méthodes envisageables changent nécessairement.

Le musée doit suivre le même chemin et ne pas se conserver lui-même dans un état historique qui ne correspond pas aux besoins des générations actives du moment. J'ai déjà expliqué à de nombreuses reprises, fort de l'expérience du Creusot et d'autres musées analogues, mais aussi de mon expérience du développement local, cette nécessaire transformation du musée d'une génération à la suivante, sous peine de disparition ou d'institutionnalisation, donc d'aliénation par rapport à la communauté.

### **Le musée est-il aussi durable que le développement ?**

Tout le monde, ou presque, aujourd'hui, est d'accord sur le principe selon lequel le développement, local ou global, doit être durable, c'est à dire remplir les conditions pour que le cadre naturel et culturel dans lequel il s'inscrit soit respecté et valorisé, et non pas détruit ou altéré de façon irréversible.

Il en résulte que les ressources du territoire, sur lesquelles nous avons vu que s'appuyait le développement local, doivent être elles aussi respectées et valorisées, aussi bien dans leur conservation, dans leur interprétation que dans leur utilisation, voire même leur transformation.

Nous devons bien être cependant conscients du fait que tout développement entraîne des changements substantiels, que l'on espère positifs, mais qui sont troublants et peuvent donc

être rejetés comme discutables, ou apparemment destructeurs d'un état de chose auquel on est habitué, alors que le nouvel état reste difficile à apprécier dans ses conséquences.

Le musée est un instrument pédagogique au service du changement, ou même un instrument critique, qui donne la parole aux différents points de vue et met en scène leurs arguments.

Cela ne veut pas dire que le musée, comme structure, comme processus, comme ensemble de personnes responsables, doive être conçu comme durable. Il est utile, ou nécessaire, à un moment du développement, on l'a vu, en tout cas au moment de l'élaboration de la présentation de la stratégie. Mais il ne faut pas, à mon sens, qu'il en vienne à se vouer à sa propre conservation. Le but du musée communautaire n'est pas le patrimoine, pas plus que le but de l'ordinateur n'est l'informatique, ou que le but de la poule n'est l'œuf.

L'utilité du musée s'arrête lorsque le développement n'a plus besoin de lui. Il est tout à fait envisageable qu'une dynamique patrimoniale, différente du musée, émerge sans lui ou après lui. On connaît d'ailleurs déjà plusieurs expériences de grande envergure qui avaient entamé un processus de musée et l'ont abandonné très vite pour rechercher d'autres moyens pour remplir, dans leurs stratégies de développement, le rôle que j'ai attribué ici au musée.

\*Membre Fondateur du MINOM; Ex-Président de l'ICOM;  
Créateur du concept d'écomusée - ASDIC



# **Conferências**

# **Conferencias**

## HERITAGE AND SOCIAL MUSEOLOGY FOR DEVELOPMENT

*Pierre Mayrand\* - International Movement for a New  
Museology (MINOM) - Canadá*

---

### ABSTRACT

So much has been said about ecomuseums ever since the early 70s when the basic concepts of this new approach for museological work was founded, but strangely enough little is known about ecomuseology, in its evolutive and changing components. It is, for instance, often looked upon as an unitary movement, with sacred and immutable principles, when not identified (which is a contradiction) in a bloc to New Museology. The sympathetic attention it draws even from its more sarcastic or sceptical detractors keeps its observers from attempting a deeper insight into a phenomenon which is far more complex than it appears at first. Most analysts do not exceed the treacherous edges of the late 70s, confining the phenomenon to a French experience as they are obnubilated by the kaleidoscopic figure of Georges-Henri Rivière, troubled by the fall of the Creusot and the questionable new generation of "musées de sociétés" in that country. Ecomuseums, in their mind, is seen as a concept and organization defined in their definitive assessments in the context of that decade: This originating from the French revolutionary movement of the late 60s, and coming to its perfection at the fall of the great Creusot and the opening of the era of new - liberally. Although scholars such as Peter Davis (Newcastle, UK, Ecomuseums, a sense of place) has given a refreshing vision of the ecomuseum/linked to interpretation and environmental studies, and the tireless Hugues de Varine (France) who, with others, cannot foresee any future for the community museums out of the new practices and theories of local and regional development (in its human components), they will be heard with sympathy but the existing gap between the old and the new ecomuseums will remain. Only a better general understanding of the relationship between heritage, sustainable development and human ecology, and a clarification of their individual specificities, could reverse a state of troubling ambiguity and give back ecomuseology as a philosophy of life a new impulse in the realm of the new-museologies. The theory of passages and the evolutionary process of triangulation may further help grasping the instable organic matter of the ecomuseum process, quoted as biological by G. Henri Rivière, seen as synthetical by the author of this essay, resulting in symbolical references.

\*Ecomuseólogo da 3ª Geração Membro fundador do MINOM  
Conselheiro do MINOM

## **ECOMUSÉE, PATRIMOINES ET DÉVELOPPEMENT DURABLE**

*Pierre Mayrand\* - Mouvement International pour une  
Nouvelle Museologie(MINOM) - Canadá*

---

### RESUME

Nous sommes en présence de deux termes à la mode qui encadrent le patrimoine: Ecomusée et développement durable. Le premier depuis trente ans, le second depuis une dizaine d'années. Deux notions, étroitement liées par leur commun dénominateur l'environnement et l'écologie, qui se sont donnés rendez-vous une première fois au Costa Rica (Museums and Sustainable Communities, San Jose, Costa Rica, April 1998) et qui font surface aux confins de Rio de Janeiro où l'Histoire et les Sans Terre voisinent dans une région jadis privilégiée par les seigneurs et réputée fertile. L'Ecomuséologie, un peu fatiguée et malmenée, le développement durable appliqué aux traditions culturelles et à la maîtrise communautaire confronté à la prédominance des systèmes économiques qui réduisent ces aspirations à des vœux pieux, pouvant cependant être considérés comme le couple idéal placé dans le lit patrimonial. Malheureusement deux termes qui recèlent encore des concepts mal assimilés et dont les pratiques liées au champ culturel sont peu maîtrisées. Comment les rendre fertiles, leur faire place dans l'évolution actuelle de la société mondialisée, reconnaître l'apport de quelques expériences significatives dont les principes peuvent encore servir ? Il sera fait référence aux actions les plus récentes, dites de la 3e. génération, qui utilisent les patrimoines et les nouvelles muséologies sociales de développement territorial comme fondement d'une réconciliation possible des populations avec leur histoire.

\* Ecomuséologue de la 3e. génération;  
Membre fondateur du MINOM  
Conselheiro do MINOM

## **ECOMUSÉE, PATRIMOINES ET DÉVELOPPEMENT DURABLE**

*Pierre Mayrand\* - Mouvement International pour une  
Nouvelle Museologie(MINOM) - Canadá*

---

### **Écomuséologue de la 3e. Génération (1)**

### RÉSUMÉ

Nous sommes en présence de deux termes à la mode qui encadrent le patrimoine: Écomusée et développement durable. Le premier depuis trente ans, le second depuis une dizaine d'années. Deux notions, étroitement liées par leur commun dénominateur l'environnement et l'écologie, qui se sont donnés rendez-vous une première fois au Costa-Rica (Museums and Sustainable Communities, San José, Costa Rica, April 1998) et qui refont surface aux confins de Rio de Janeiro où l'Histoire et les Sans Terre voisinent dans une région jadis privilégiée par les seigneurs et réputée fertile. L'écomuséologie, un peu fatiguée et malmenée, le développement durable appliqué aux traditions culturelles et à la maîtrise communautaire confronté à la prédominance des systèmes économiques qui réduisent ces aspirations à des vœux pieux, pouvant cependant être considérés comme le couple idéal placé dans le lit patrimonial. Malheureusement deux termes qui recèlent encore des concepts mal assimilés et dont les pratiques liées au champ culturel sont peu maîtrisées. Comment les rendre fertiles, leur faire place dans l'évolution actuelle de la société mondialisée, reconnaître l'apport de quelques expériences significatives dont les principes peuvent encore servir? Il sera fait référence aux

actions les plus récentes, dites de la 3e. génération, qui utilisent les patrimoines et les nouvelles muséologies sociales de développement territorial comme le fondement d'une réconciliation possible des populations avec leur histoire.

### **DES LIENS INDISSOCIABLES**

L'écomuséologie, comme le développement durable lié au travail et à l'action muséales, ont tous deux une double connotation, à la fois sociétale et environnementale. Tous deux peuvent être considérés, du moins théoriquement, comme des approches globales aux interventions qu'ils initient. Tous deux, encore, s'appliquent à l'intégrité territoriale, circonscrite dans le cas de l'écomusée, s'appliquant à de vastes étendues dans le cas du développement durable. On verra comment se fera le passage de l'un à l'autre par l'utilisation de la médiatisation patrimoniale dans le cadre d'une démarche de développement local. Tous deux défendent des intérêts vitaux qui touchent à la survie de l'espèce humaine, tout au moins à son bien-être, soit par la préservation de micro-environnements ( l'écomusée) par l'action conjuguée d'une population et de ses experts, soit par la conservation des ressources énergétiques et alimentaires à une échelle planétaire (le développement durable) par l'action concertée des gouvernements, des agences non gouvernementales, des communautés locales, et des multi-entreprises d'exploitation. Les patrimoines se situent en quelque sorte au centre de cet enjeu dual. Ils sont l'enjeu du point de vue symbolique. Ils nous ramènent aux questions identitaires, aux solutions apportées par les populations dans différents contextes culturels et de civilisation depuis les temps les plus reculés. Les patrimoines, ainsi révélés et mis en action, font ressortir le lien indissociable entre l'homme (vivant) et son environnement. Enjeux symboliques, les patrimoines (naturels, matériels, spirituels) sont également références historiques, vigiles environnementales, espaces de veille et d'éveil écologique, lieux de rencontres et de réconciliation, comme on les décrit de plus en plus.

### **FONCTIONS PROPRES DE L'ÉCOMUSÉE**

Comment donc l'écomusée, défini et fondé dans les années 70, dans des contextes bien particuliers (Environnement - France - Démocratisation - Décolonisation - Contestation) (Socialisation - Pays Latins - Vie démocratique - Luites populaires - Révolutions sociales et politiques) puis s'étant déplacé en fin de décennie vers l'Amérique du Nord (Opérations dignité - Québec - Autonomie) avant de s'étendre dans différentes régions du monde (plus comme concept et débat de société que de pratique systématique: Indes, Japon, Brésil) en renouant avec les expériences passées, devenues mythes, du Mexique, des États-Unis (Musées communautaires, musées de voisinage), nous interpelle-t-il encore aujourd'hui devant les organisations des Musées d'Amérique Latine ( LAM ) du Comité spécialisé de muséologie, (ICOFOM), de représentants du Mouvement International de la Nouvelle Muséologie ( MINOM )? Comment se fait-il qu'il puisse encore faire l'objet d'un débat transversal entre ces organisations divisées dans le passé et ceux des nouvelles pratiques du Matadouro, à Santa Cruz, cristallisées autour du projet de MAT - SUD II ? Qu'est - ce qui explique que trente ans plus tard, s'ouvrent des chantiers de réflexion sur l'écomuséologie ( Rencontre de Pascuaro, de Salvador, ouvrages de Bedekar, de Davis, travaux sur G. Henri Rivière sous la direction de Patrick Boyland, thèse de Doctorat sur le système d'évaluation / accréditation de l'écomusée soutenue par Fr. Mairesse, etc.) ? Besoin rationnel de clarification de concepts demeurés ambigus, de rattrapage de pratiques ayant évolué bien au-delà des principes fondateurs de l'écomuséologie ? Ou bien, simplement, le fait qu'il nous est à présent permis de questionner la muséologie sans entrer dans une guerre de positions (Rappelons-nous le débat ICOFOM / MINOM en 1983, et les débats internes du MINOM en 1985 et en 1987), le questionnement sur la mission sociale et politique du musée étant devenu un ordre du jour incontournable depuis quelques années (les thèmes de la réconciliation, de la jeunesse maltraitée, de la restitution, de la solidarité, des minorités culturelles, etc) ? Tout cela à la fois, sans doute, mais aussi parce que plusieurs sentent bien qu'une portion considérable de la muséologie est en train d'échapper aux paramètres de la profession. Lorsque Hugues de Varine, notre Che, affirme sans réserves (salvador, novembre 1999) que seul le développement local peut encore légitimer les fonctions

sociales du musée, il n' est pas le seul à partager ce point de vue. Il prend ainsi le contrepied de la forte tendance managariale et libérale des principales institutions muséales qui elles aussi s'attaquent aux fonctions conventionnelles du musée. En Espagne (Maestrazgo III), au Québec (Haute-Beauce II), aux Indes (Déclaration sur la nouvelle muséologie, Guwahati, 1998), ailleurs sur des échelles plus modestes, poussent les théories de l'opérationnalisation du changement utilisant plusieurs principes fondamentaux de l' écomuséologie, érigés à présent en philosophie de la conservation globale, poussés dans leurs applications extrêmes. À la fois continuités et ruptures, il est toujours difficile de tracer la limite précise. Les approches renouvelées du développement s'appliquant à notre trilogie tentent de réconcilier celle-ci dans une perspective intégrative, parfois qualifiée d' euristique, mais aussi révolutionnaire des changements / résistances et mutations du XXIe. siècle. Notre héritage de l'esprit critique comme le regain de la convention, la reprise de dialogues interrompus à l' intérieur de paramètres étendus à l' infini. Ainsi, pour moi-même, l' écomuséologue peut se prétendre philosophe par sa manière de regarder le monde et d' agir sur celui-ci. Sa pensée puise dans la tradition de l' animation sociale, associative et militante, telle que véhiculée dans les cinquante dernières années.

### **VERS UNE THÉORIE TRANSFORMATIONNELLE**

Le théorème, UN PATRIMOINE / UN TERRITOIRE / UNE POPULATION, demeure toujours valable, de même que l' assertion que la valeur de l' action écomuséale repose dans sa PLUS OU MOINS GRANDE RELATION ENTRE LES TROIS TERMES, donnant ainsi dans le processus de triangulation de l' écomusée (modèle primaire) qui fut appliqué en Haute-Beauce (Québec) le principe d' évaluation du parcours écomuséal PLUS ou MOINS.

#### **Interprétation**

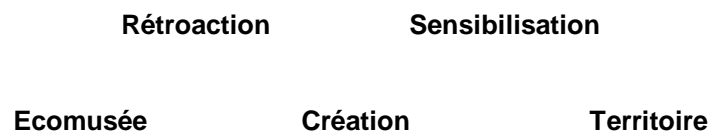


Fig. 1 Modèle de triangulation, Haute-Beauce ( P. Mayrand)

Le processus conscientiseur, formateur et dynamique de la TRIANGULATION demeure par conséquent, pour nous, un préalable. Théorème et processus s' inscrivant à présent dans une logique de mouvance des sociétés, de passage (2) illustrés par la théorie des stades.

---

### **PRE MUSEO - MUSEO - PARA MUSEO - POST MUSEO - TRANS MUSEO**

---

Faisant en sorte que l' objectif sociétairer primera sur la mission institutionnelle du musée (le musée pris dans l' acceptation la plus large du terme) et, qu' en fin de compte, à la limite du processus, la fonction muséale échappera au musée, qu' elle ira se ressourcer dans le contexte plus global du développement durable. Dans une telle logique, le musée/écomusée accompagnera pendant un certain temps encore le processus de développement , d' évolution et de changement d' une société (3) avec les moyens qui lui sont propres, puis pourrait s' en démarquer. L' organisation mise en place par le musée prenant éventuellement, si le processus est mené à terme, (fait rare), sa propre distance sur le musée qui l' a fait naître. Ainsi le musée ECOMUSÉE/MUSÉE TERRITOIRE/MUSÉE DE DÉVELOPPEMENT (Socioculturel et économique), pourra ainsi continuer, dans les stades évolués de ses passages, à assurer un certain appui logistique à ses propres créations devenues autonomes, il demeurera néanmoins de plus en plus clairement identifié comme un outil de référence à la MÉMOIRE DU DÉVELOPEMENT, comme un lieu symbolique d' éveil, comme observatoire culturel sur le monde. C' est ce qui précisément s' est produit en Haute-Beauce (Écomusée / Musée territoire, Québec) lorsqu' il est entré dans le stade de la para-muséologie, vers 1989 (activités



muséales devenues équivalentes aux activités et services non muséaux - alphabétisation, travail social, formation professionnelle élargie ... - offerts à la population) ce qui aura contribué à entrainer sa désacrédition, en 1996 (thèse de Doctorat de François Mairesse. ULB Bruxelles, 1998). Dès lors, cet écomusée de la 3e génération entrera, dans une forme non institutionnalisée, dans l'étape de la post-muséologie (ou l'après muséologie, conservant certains éléments symboliques des processus préalables) inspirée par sa coopération avec le Maestrazgo (Centre de développement du Maestrazgo, Aragon, Espagne, 1987 - ), ce dernier étant né lors de l'Atelier International de la Nouvelle Muséologie "Enjeux politiques de la Nouvelle-Muséologie, Molinos).

### **LE SAUT GÉNÉRATIONNEL DE LA HAUTE-BEAUCE**

Un nouveau regroupement naît en Haute-Beauce, rassemblant les jeunes formés par dix années de développement écomuséal, autour du concept d'un "triangle environnemental" (une référence au modèle de triangulation). Structuré en réseau coopératif, commercial et culturel, environnemental et éducatif, il fait appel aux associations existantes, dont certaines doivent leur existence à l'écomusée. Celles-ci se transforment afin de participer aux nouveaux objectifs de développement, sur un fond de solidarité qui caractérise l'écomusée (l'écomusée étant devenu pour tous la référence à une expérience de solidarité qui l'a fait naître, vivre et se transformer), mais aussi des nouveaux enjeux sociétaux et débats qui les accompagnent (Société civile versus multinationales, etc).

### **LE PATRIMOINE DEVENU SYMBOLIQUE**

Le MAT-NORD I de l'artiste français Antoine de Bary (1992), comme tous les mâts du même auteur installés dans le monde (4), est devenu pour plusieurs le symbole rassemblant tous les patrimoines, des lieux de rencontres inter-culturelles, de méditations environnementales et d'expressions artistiques. Le MAT du Québec, situé au "sommet du monde" (Le promontoire de Saint-Hilaire de Dorset, dans les Appalaches), face au Morne incantatoire et à la forêt traditionnelle "enchantée" permet à une population et à ses entrepreneurs culturels "bien d'aujourd'hui" de puiser leurs énergies à même celles léguées par des millénaires de transformations physiques et humaines (Glaciations, présence humaine). C'est là le véritable sens attribué par le nouvel écomusée, tributaire du développement durable et de son écologie patrimoniale, soit celui qui a su intégrer dans une démarche continue de récréation de l'histoire, symbolisée, les trois thèmes de la proposition qui nous est faite pour cette rencontre qui sera sans doute déterminante pour une revitalisation de l'écomusée.

### **PLACE AUX QUESTIONS**

La question se pose sans doute à l'horizon: Quels sont les coupables, s'il en est, d'une perception encore sclérosée de l'écomusée, et de l'enfermement de celui-ci dans une interprétation trop rigide, voire orthodoxe, de ses finalités? Alors que la muséologie mondiale se transforme, devient autre, à un rythme jamais égalé auparavant, pourquoi la philosophie de l'écomusée demeurerait-elle en reste, pourquoi ne reconnaîtrait-elle pas la valeur de ses transgressions, ses contributions à la théorie et aux pratiques de la muséologie, son droit d'expression propre comme outil culturel privilégié des populations qui en adoptent les principes, voir sa faiblesses? La réponse à la question me paraît relever d'un tout ordre de préoccupations: D'une part le paupérisme qui lui est attribué, le procès d'intention de paternalisme, d'autre part la menace au corporatisme des professions muséales qui pourraient se sentir visées dans leurs positions institutionnelles et carriéristes par le petit David compte tenu des positions de plus en plus affirmées sur le facteur changement de l'écomusée. À vous, chers amis, d'en juger et d'en débattre. À moi, bien chers ami (e)s de vous faire part un peu brutalement, peut-être, d'une réflexion qui s'enrichit d'expériences continues, menées depuis trente ans, portant les germes d'une transmutation de la génétique écomuséale.

DÉVELOPPEMENT DURABLE	DEVELOPPEMENT ECOMUSÉAL	L'HOMME/FEMME LE VIVANT LA NATURE LE TEMPS LEURS PRODUCTIONS
BIODIVERSITÉ	DÉVELOPPEMENT LOCAL	

Figure 2a La traversée des temps, des espaces, des mentalités: Une démarche fondée sur l'écologie et la solidarité humaine.

PATRIMOINE D'ÉMERGENCE Histoire fondatrice	PATRIMOINE SYMBOLIQUE Sujet de référence	TRANSCENDANCE Génération
Patrimoines-Prétextes	Patrimoines de référence	Patrimoines de partage
ARCHEOLOGIA		UTOPIA
POPULATION A	CRÉATION DE MYTHES	POPULATION B

Figure 2b Le processus de développement durable associé au patrimoine

\*Ecomuséologue de la 3e. génération; Membre fondateur du MINOM Conselheiro do MINOM; Action muséale indépendante et solidaire; Expert-Conseil en Muséologies et patrimoines de développement

Le 1er février 2000

- (1) Actif dans le domaine depuis 1976. Connu plus particulièrement pour ses travaux sur la Haute-Beauce, ses communications, enseignements, formations populaire et professionnelles et recherches en modélisation sur les muséologies territoriales de développement social.
- (2) Les temps d'un contrat social: Le passage, une exigence, Pierre Mayrand, in Patrimoine et postmodernité: Transactions et contradictions. Trames. No.12, 1998, pp. 90-92.
- (3) La réconciliation possible de deux langages, Pierre Mayrand, in Le développement local c'est aussi le développement de la culture, Les cahiers du Développement local, Vol 3, No 1, 1994, et Parcours dissymétrique de la Muséologie Québécoise acutelle. in Écomuseologia como forma de desenvolvimento integrado. Actas. Jornadas sobre a função social do museu, Póvoa de Lanhoso, 1998.

Les objets mémoire des gens d'Ouroux, Ouroux en Morvan, France, Le Journal du Centre, 10 juillet. Des Mâts pour des Oasis.

## **20 ANOS DE MUSEOLOGIA: UM CAMINHO DE DUVIDAS E OPCÇÕES**

*Mário Moutinho \* - MINOM Portugal /*

*Museu Etnológico de Monte Redondo - Portugal*

---

### RESUMO

Confesso que nunca gostei de museus, até ao dia em que percebi que a museologia podia ser uma forma de relacionamento com os outros, um meio de aprofundar solidariedades, um lugar de acção e de reflexão.

Mas fico com o meu próprio espanto em relação à capacidade que os museus do dia a dia, ou seja os museus de coleções dependentes de Ministérios e Fundações, têm para afastar o público que tanto pretendem convencer, para cercear a imaginação, para criar a indiferença e no fim de contas promover o afastamento.

Tenho, hoje mesmo, dúvidas que o museu tradicional seja o lugar mais indicado para ver e apreciar “obras de arte”, pois colocam um dilema sem solução:

- se o Museu é pequeno, tem pouca coisa para ser vista ou mesmo olhada e só com esforço se faz sair da medianidade um objecto ou dois para assumirem a difícil justificação da visita;
- se o Museu é grande, cheio de coisas raras e belas, fica sempre o comentário idiota, de que para ver tudo seriam precisos muitos dias, meses, ou anos, adiando assim eternamente uma satisfação que provavelmente nunca virá.

Por outro lado, uma museologia que inquiete, que amedronte os donos do mundo, que seja seiva de cidadania, tem ainda, ou cada vez mais, contornos de difícil percepção, pois procura afirmar-se num mundo onde os valores do direito ao pensamento são repudiados por uma ideologia e prática, que por todo lado pretende impor o fim da História num mundo onde a desigualdade é agora um valor e a pobreza uma inevitabilidade.

\* Fundador do MINOM

## **20 ANOS DE MUSEOLOGIA: UM CAMINHO DE DUVIDAS E OPCÇÕES**

*Mário Moutinho \* - MINOM Portugal /*

*Museu Etnológico de Monte Redondo - Portugal*

---

A presente comunicação não é certamente nem uma lição sobre museologia em geral nem tão pouco uma ocasião para aprofundar um determinado assunto. Procurarei apenas retrazar o meu caminho dentro da museologia e dar conta de alguns problemas, fracassos, encantamentos, desesperos e também sucessos aos quais assisti ou participei nestes últimos 20 anos.

É tempo mais que suficiente para fazer um balanço, não sob a forma autobiográfica, mas sob a forma de um enunciado de questionamentos que são de algum modo, questões da museologia que provavelmente também terão um encadeado mais ou menos evidente.

Confesso que nunca gostei de museus, até ao dia em que percebi que a museologia podia ser uma forma de relacionamento com os outros, um meio de aprofundar solidariedades, um lugar de acção e de reflexão.

Mas fico com o meu próprio espanto em relação à capacidade que a generalidade dos museus do dia a dia, ou seja os museus de coleções dependentes de Ministérios e Fundações, têm para afastar o público que tanto pretendem convencer, para cercear a imaginação, para criar a indiferença e no fim de contas promover o afastamento.

Tenho, hoje mesmo, dúvidas que o museu tradicional seja o lugar mais indicado para ver e apreciar “obras de arte”, pois colocam um dilema sem solução:

- se o Museu é pequeno, tem pouca coisa para ser vista ou mesmo olhada e só com esforço se faz sair da medianidade um objecto ou dois para assumirem a difícil justificação da visita;

- se o Museu é grande, cheio de coisas raras e belas, fica sempre o comentário idiota, de que para ver tudo seriam precisos muitos dias, meses, ou anos, adiando assim eternamente uma satisfação que provavelmente nunca virá.

Mas se o público for de especialistas, aquele público microscópio mas tanto enfatizado, então provavelmente também o seu desejo é o de ir para as reservas longe dos empurrões que perturbam o seu êxtase e das proibições que impedem o tocar impossível mas tão desejado. (É com satisfação que sempre me recordo da sensação, quando pouco mais que adolescente consegui tocar com os meus próprios dedos na pintura de Munch “O grito”, aproveitando a distração faltosa e adormecida do guarda da sala.

O meu caminho na museologia começou de facto no dia em que a idéia de criar um museu na minha aldeia despontou no horizonte.

Assim quando pensei e rapidamente pensamos, pois foi fácil reunir adeptos para esse projecto, criar um museu de Etnologia, bastava reunir uma colecção que representasse uma área, que correspondesse a um povo e seu passado, um edifício para guardar os objectos que iríamos herdar e depois conservá-los com todos os princípios da ciência museológica contida nos manuais. Depois expor recorrendo a todos os esquemas de iluminação, vitrines e painéis que a arte de bem expografar ditava.

Aguardar um público que no espaço de uma hora ou duas entrasse ignorante e saísse com a compreensão da comunidade desnudada, por mim antropólogo, com a alma lavada de vícios, a serenidade do conhecimento e naturalmente todo o respeito pelo museólogo que tudo tinha preparado com o trabalho de sua equipa de especialista sabiamente dirigida.

Tal era o conteúdo do projecto inicial, no qual reconhecemos hoje os limites de uma museologia desligada, na verdade, do meio material e social que a rodeava e que, por isso, estava condenada a mais não ser que uma certa forma de monólogo.

No entanto, cedo nos apercebemos que a população local exigia mais do que nos propúnhamos e menos do que pretendíamos.

Certo é que ambas as partes consideravam importante a recolha de materiais que testemunhassem da memória da região. O que se revelou novo foi a possibilidade de desenvolver um projecto museológico, através do qual a população em geral e nós próprios (grupo dinamizador) pudéssemos exprimir preocupações e anseios do nosso quotidiano.

Paradoxalmente o museu deveria estar voltado para os problemas do presente, revelando-se como meio de expressão ao serviço da comunidade. Foi aqui que o projecto escapou aos museógrafos que pretendíamos ser, para se transformar num trabalho colectivo com um vasto campo de acção até aí desconhecido.

A realidade era mais madrastra do que Mãe, como também a idéia do museu era redutora.

Por isso dois problemas se colocaram. Por um lado a credibilidade do projecto assentava exactamente no caracter redutor da idéia de museu, quanto mais conservador mais as entidades financiadoras ficavam tranqüilas sobre a consistência do projecto, que então era nossa; e por outro lado a adesão da comunidade era tanta que ninguém poderia ver nódoa nenhuma, no processo.

Todos os objectos eram oferecidos para o museu, as casas e os celeiros abriam-se, o convívio era franco e a nossa alegria galopante, pelo menos tanto, quantos eram os muitos quilómetros percorridos por dia e os objectos que às centenas se submetiam aos primeiros tratamentos e processos de documentação museológica e que acabávamos de herdar.

Por um lado, tínhamos um projecto museológico consistente. Por outro lado, o apoio da população.

Na verdade, a consistência do projecto revelou-se ser mais tarde não mais que barreiras e obstáculos que inconscientemente colocávamos a nossa volta, tal qual um campo minado.

E o apoio da população, que numa primeira leitura parecia transparente era bem mais complexo do que pensávamos. Oferecer não queria dizer obrigatoriamente participar e muito menos participar no projecto que era o nosso: o tal museu etnológico.

Oferecer era simplesmente oferecer, para que não se perdesse, porque era uma forma de transmitir para alguém responsabilidade da sua conservação ad eternum. Claro que quem

oferecia, sabia que museu era para isso mesmo, como também tinha uma consciência mais ou menos teorizada, mas não menos verdadeira, da idéia de património cultural, de responsabilidade na passagem para as novas gerações de memórias construídas e herdadas de um tempo, que já não dava garantias de permanência, mas antes pelo contrário, estava em rápida mudança e desaparecimento.

Ou seja, o que parecia ser um entendimento não o era na verdade.

A experiência então em curso revelava que este projecto acabava por estar desligado do meio material e social que o circulava e por isso mesmo condenado a mais não ser que uma certa forma de monólogo.

Nesta época, passamos por um dilema real que se podia resumir da seguinte maneira:

- Museu tradicional com participação formal da população, voltado para os testemunhos do passado.

- Museu incógnita, voltado para o meio social e material que o rodeava.

A primeira situação apresentava-nos um caminho suficientemente estudado, sem outras dificuldades de realização que não fossem os recursos financeiros para manter o museu aberto.

A segunda situação deveria avançar por terrenos mal conhecidos, afrontando a incompreensão das outras instituições museológicas, recorrendo a conceitos também mal definidos do que se constituía como sendo expressões de uma nova museologia.

Esta segunda situação implicava, sem qualquer dúvida, o repensar do papel do dinamizador, pondo em questão a função do conservador e a própria estrutura da instituição.

Na verdade, trabalhar com pessoas e com os seus problemas implicava posturas e saberes diferentes daqueles exigidos para quem simplesmente pretendia criar um museu de objectos herdados.

Nesta ocasião, lembro-me de uma conversa com René Rivard que no âmbito da preparação do I Atelier Internacional da Nova Museologia que viria a ter lugar em 1993, me ter perguntado como encarávamos a questão da participação; ao que respondi que não sendo esta formal era não menos evidente pela participação a quando da recolha das coleções e das sugestões que então nos eram feitas.

René Rivard propôs então que isso poderia ser entendido como uma forma de delegação, ao que eu respondi afirmativamente.

Na verdade, era apenas mais um engodo, ninguém tinha delegado nada, mas como tábuas de salvação, ao admitir essa possibilidade, nada mais estava a fazer do que procurar uma justificação e credibilidade democrática que só existia na aparência.

Foram tempos em que procurava desajeitadamente dar à prática da museologia tradicional a roupagem do novo.

Uma outra questão da qual não tínhamos a mínima consciência, mas de certa forma é aparentada é a forma de relacionamento entre nós e o "nosso" património, relação que nessa altura apenas começávamos a equacionar.

A ocupação de edifícios e de espaços para lá da utilização que lhes é dada reveste em nosso entender um outro significado talvez ainda mais profundo. Trata-se da aquisição do direito de propriedade, propriedade essa que liga estreitamente os autores de cada processo ao meio onde se inserem.

Ao definir-se uma área de influência, assinalada por limites mais ou menos materializados e marcas de propriedade (uma serra com toda a vida animal e vegetal própria, moinhos ou escavações arqueológicas, etc.) mais não se está a fazer que a tomar posse, do acabado de ser criado - seu território.

Os circuitos de descoberta tão desenvolvidos na ecomuseologia são formas de posse que ultrapassam o discurso museológico, o qual, numa primeira abordagem, lhes serve de justificação.

Num caso extremo, viu-se a população das aldeias, que compõem um ecomuseu no Québec, assinalar por meio de pequenas construções todo o território de intervenção. Essas construções "exibits" cuja forma e conteúdo foram largamente debatidos durante reuniões preparatórias, foram então colocadas em lugares privilegiados. A cartografia, as setas indicadoras de percursos, os espaços de paragem e observação são uma nova forma do cadastro rural. São o cadastro cultural de cada território. Uma delimitação e apropriação, tal qual os lobos fazem quando demarcam a seu território em tempo de cio.

Uma consciência crítica do trabalho em curso foi obra de anos e reconheço hoje a importância dos contactos estabelecidos no seio do MINOM e uma mais profunda leitura de textos de referência, como por exemplo a Declaração de Santiago; Que a transformação das actividades do museu exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis dos museus assim como das estruturas das quais eles dependem".

Outras áreas como a economia, ajudaram a entender a museologia em mudança no âmbito da sociedade em mudança. Também John Naisbitt e Patrícia Aburden num clássico "Reinventar a empresa- transformar o trabalho e a empresa para a nova sociedade da informação", afirmavam que o desafio para os anos 80 não era o de reciclar os trabalhadores mas sim os gestores.

Foi nesse contexto que criamos o primeiro curso de museologia no ensino universitário em Portugal, o qual desde então tem sido uma fonte inesgotável de aprendizagem. Verdadeiro fórum onde os docentes brasileiros e portugueses partilham em igualdade um enquadramento para uma reflexão cada vez mais profunda.

No entanto, reconhecemos hoje que a formação é algo mais complicado do que pensávamos numa primeira abordagem. Em cada curso que começa, coloco agora desde o início aos alunos, que, na sua maioria, trabalham nos museus e/ou instituições afins: "Como entras neste curso assim saíres, só ouvirão o que desejarem escutar, só olharão o que desejarem ver e só pensarão naquilo que de facto vos preocupa".

Ou seja, em domínios em que a consciência crítica do mundo em que vivemos dá de facto forma à postura que pretendemos ter na prática museológica, não é certamente a universidade que poderá alterar a percepção do mundo com que cada um entra no curso, mas tão somente corresponder ou não, àquilo que se vem buscar.

Foi assim que progressivamente fomos tentando compreender os dados concretos de uma possível caracterização da Nova Museologia e que resumimos num documento que elaboramos num âmbito de um grupo de trabalho do MINOM e que se chamou: "Contribuição à redação de um texto de base sobre a Nova Museologia".

"A busca de soluções para os problemas, com os quais cada comunidade é confrontada, conduziu desde sempre a humanidade a organizarem e a criarem os seus próprios instrumentos de gestão e de desenvolvimento.

Neste processo a nova museologia aparece como uma forma particular de museologia onde a função social do museu é posta em evidência.

### Os intervenientes

Os produtores da nova museologia são os membros de uma comunidade ou sectores de uma população que se agrupam para promover projectos que correspondem a seus interesses comum.

### O território de intervenção.

Cada grupo tem um território de intervenção que é composto pelos património humano e natural, onde cada projecto se inscreve.

### A Área de influência do museu.

A articulação entre os conjuntos de grupos de produtores e dos seus territórios de intervenção permite definir a área de influência de cada museu. Esta área de influência pode ser definida para cada período de sua actividade. Ela é evolutiva e exprime as contradições sociológicas de cada comunidade.

### Conhecimento do meio

Toda a intervenção realizada no quadro da Nova Museologia implica um estudo rigoroso dos dados de cada projecto. A investigação desenvolvida com este sentido corresponde às necessidades de cada projecto.

### A comunicação.

Cada projecto sendo um trabalho colectivo, tem necessidade para o seu desenvolvimento da criação de meios de comunicação em particular no interior do grupo e entre o grupo e a comunidade à qual ele pertence.

### O direito de decisão.

É a produção e troca de informação que utiliza em particular os meios da museografia e que faz apelo a imaginação criativa, que permite ao novo museu instalar uma situação de formação permanente. É esta formação permanente que permite que o direito de decisão seja efectivo e consciente por parte de cada interveniente.

### Formas de participação.

A participação e os graus de compromisso no seio de cada grupo expressam não somente a natureza dos objectivos dos projectos, mas também o estado de desenvolvimento das condições da formação permanente.

### A função do museólogo.

O funcionamento do novo museu, baseado na existência de grupos agindo sobre o seu próprio futuro retira ao museólogo a função de decidir sobre a definição de cada acção. A sua competência afirma-se quando ele coloca a sua formação específica a serviço dos diferentes projectos.

### O museu e o exterior.

Os laços de interdependência entre o museu e o exterior exprimem-se pela :

- ligação entre a comunidade e as instituições regionais, nacionais e internacionais;
- carência no seio da comunidade de determinados recursos;
- capacidade de abertura para com todos aqueles que partilham as preocupações do grupo e desejam em consequência participar em suas acções.

Estes nove pontos parecem-nos ainda hoje válidos, para perspectivar novos rumos para a museologia.

Um outro assunto, que hoje se coloca em muitas instituições que têm vindo a trabalhar no espírito da nova museologia é o que tem a ver com a continuidade do processo, quando os mentores por várias razões da vida acabam por se afastar. O problema da continuidade coloca-se aqui de forma flagrante. Considerei durante muito tempo que a continuidade era uma resultante do funcionamento normal de cada instituição onde o poder se tinha exercido de forma partilhada.

Agora pergunto-me se a continuidade, para lá dessa partilha, não é também e tão só, o desejo de transferir para outros as responsabilidades que conscientemente tomámos e uma forma de eternizar a nossa própria existência. Por outras palavras, julgo que a continuidade é uma questão complexa, menos evidente e transparente do que a primeira vista parece ser e que traduzem resistências dentro da museologia.

Essas resistências também no que diz respeito ao entendimento do Museu como sendo um meio de comunicação, temos hoje algumas dúvidas sobre esse processo

Desculpem-me se retomarei agora algumas das idéias apresentadas há um mês em São Paulo, pois de lá para cá nada de novo ocorreu na minha reflexão sobre todos estes problemas

Considerei então que tinha sido em quatro áreas determinadas em que tínhamos constatado mais claramente as mudanças nos Museus e o desejo mais ou menos bem sucedido de adaptação ao mundo contemporâneo: o direito à diferença, a relativização da colecção, a crítica da expografia, e a museologia entendida como recurso ao serviço dos desenvolvimentos. E dizia também que isto não nos pode fazer esquecer que muitas outras coisas não mudaram.

Domínios há em que o Museu se mantém obstinadamente insensível às mudanças da sociedade e por isso mesmo vai aprofundando o fosso que separa uma parte considerável da museologia da sociedade envolvente.

Em nosso entender, são três os domínios mais generalizados de inércia:

- O discurso museológico mantém-se dependente das coleções.
- Não se reconhece um novo grau de autonomia na aquisição de informações por parte dos visitantes.
- O discurso dos museus mantém-se defasado do quotidiano.

Ora, na verdade, o que nos interessa é entender a razão destas resistências por forma a poder equacionar eventuais alternativas.

a) Sobre o primeiro ponto - O discurso museológico mantém-se dependente das coleções, julgamos que isso tem a ver particularmente com a própria origem de cada museu que tem sempre por base uma colecção seja ela de que natureza for.

Apenas os museus de divulgação científica se colocam noutra situação na medida em que procuram expor e explicar, processos e leis, do domínio de diferentes ciências (geralmente das ditas ciências exactas). Por isso os seus recursos expositivos são no essencial fabricados, facto que, paradoxalmente, não parece incomodar os sectores do pensamento museológico que se reconhece nas funções tradicionais dos museus.

Nos museus de ciência a palavra obra de arte, raridade, património dão lugar à busca do trabalho eficiente da comunicação.

Deixemos agora em aberto a questão de saber qual a forma que poderiam adquirir museus que tivessem por objectivo explicar, leis e processos, não do foro das ciências exactas mas sim Museus da Sociologia, da Economia ou da Psicologia. Provavelmente seguiriam um processo idêntico aos dos outros museus de ciência. Ou seja teriam de criar os recursos necessários para transmitir formas de entendimento ou de questionamento.

Michel Thevoz expressou, de modo particularmente forte, uma ideia de exposição, que subscrevemos plenamente e que de certa maneira dá embasamento à nossa reflexão.

"Expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refractária da ignorância: a ideia pré - concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. Expor é tomar e calcular o risco de desorientar - no sentido etimológico: (perder a orientação), perturbar a harmonia, o evidente, e o consenso, constitutivo do lugar comum ( do banal). No entanto também é certo que uma exposição que procuraria deliberadamente escandalizar traria, por uma perversão inversa o mesmo resultado obscurantista que a luxúria pseudo - cultural. ... entre a demagogia e a provocação, trata-se de encontrar o itinerário subtil da comunicação visual

b) Para avançar um pouco mais no que referimos como a dificuldade dos museus em não reconhecerem os novos graus de autonomia dos seus públicos, é necessário abordarmos o difícil reconhecimento de que a museologia é cada vez mais um meio de Comunicação.

Podemos fazer um paralelo: se a escrita não é apenas um recurso ao serviço dos editores de texto, mas sim uma forma de expressão cada vez mais acessível e democratizada, a expografia também não é apenas um recurso que só tem sentido ao serviço dos Museus Mas para os Museus isto traz conseqüências importantes e de difícil aceitação. A expografia, deixando de estar acorrentada ao serviço das coleções, passa a poder ser um recurso para desenvolver e apresentar ideias dentro e fora do Museu.

Reconhecemos no passado que as coleções dos museus tradicionais são compostas por objectos e que as coleções dos Museus que buscam novos rumos, são os problemas das comunidades que lhes dão vida.

E se assim for, a expografia orientada para os problemas das comunidades, deverá pelo menos teoricamente assumir formas diferentes, porque passam a trabalhar com os problemas das comunidades.

Esta constatação implica, por sua vez, o reconhecimento de que as regras da expografia de objectos provavelmente não coincidem com a expografia de ideias.

Ao libertarmos o Museu das coleções e enunciar os dados de uma expografia não fundada em objectos herdados mas sim construídos, estamos pervertendo a função mais tradicional do Museu e quebrando por assim dizer as expectativas que o público pode ter do Museu.



Aparentemente esta frustração que parece razoável deixa de o ser, se considerarmos que para uma museologia das idéias também existe um público que se afasta do Museu, porque exactamente este não fala geralmente de idéias e atribui-lhe comportamentos que na verdade já estão há muito profundamente alterados.

Trata-se do segundo elemento que não mudou nos museus e que resumimos como a recusa dos museus em reconhecer um novo grau de autonomia na aquisição de informações por parte dos visitantes

E isto a dois níveis:

Primeiro, cada vez mais se exige uma informação (ou questionamento) sobre o quotidiano (isto não exclui as condições e contextos da sua realidade) e o quotidiano é por natureza o imprevisível, o novo o que não traz agarrado o imediatismo de memórias congeladas.

Segundo o que cada um olha sendo ao mesmo tempo fruto da sua memória, num gesto de bom senso, rejeita o discurso que na sua criação, excluiu essa mesma memória.

Na realidade as coisas passam-se de forma diferente. Os Museus falam por definição do passado e não trabalham para um público que provavelmente se assume como detentor de memória, autónomo e actor.

Mas se o quotidiano é, como dissemos, o imprevisível e o novo, isso implica que teremos de questionar a própria capacidade dos museus para se renovarem cada dia que passa

Esta questão parece-nos fundamental para reflectir sobre o ou os sentidos que os museus podem rumar no futuro.

Faltará pois ter em consideração que mais tarde ou mais cedo os museus terão de deixar esta obsessão pelo passado, para passar a comunicar por meio de objectos que expressam idéias e reconhecer a existência de um público que não precisa de guias, nem legendas.

Enfim, uma museologia que inquiete, que amedronte os donos do mundo, que seja seiva de cidadania, tem ainda, ou cada vez mais, contornos de difícil percepção, pois procura afirmar-se num mundo onde os valores do direito ao pensamento são repudiados por uma ideologia e prática, que por todo lado pretende impor o fim da História num mundo onde a desigualdade, pretendem, é agora um valor e a pobreza uma inevitabilidade.

Este texto utiliza os seguintes documentos:

- Sobre o Conceito de Museologia Social, Cadernos de Museologia, Centro de Estudos de Sociomuseologia, ISMAG, nº1, 1993, Lisboa.
- A Museologia Informal, Boletim da Associação Portuguesa de Museologia, nº 3, APOM, 1996, Lisboa.
- Theory and Practice of Social Museology, Stoneterior, nº46, 1997, Toquio.
- Notas para apresentação do tema Museologia e Desenvolvimento, "Understanding Culture in Sustainable Development: Investing in Cultural and Natural Endowments". World Bank, Washington, 1998.
- A construção do objecto museológico, Cadernos de Sociomuseologia, nº 4. ULHT, Lisboa 1994

# ECOMUSEU URBANO E INICIATIVAS COMUNITÁRIAS: AUTONOMIA, LIBERDADE E CIDADANIA NA RELAÇÃO COM O PATRIMÔNIO

Odalice Miranda Priosti \* -

*Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro - Brasil - RJ*

---

## RESUMO

Através da experiência do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, em Santa Cruz, Rio de Janeiro, é analisada a construção do sujeito coletivo que gestou a ação sociocultural reconhecida como ecomuseu urbano, questão principal desse trabalho. Estudo de caso, discutem-se nele a participação da comunidade na gestão do presente, sua identificação com o território que a abriga, o uso do patrimônio como recurso da comunidade para o desenvolvimento local e sustentável. Explica-se a emergência do Ecomuseu de Santa Cruz, reconstruindo e reinterpretando, nas etapas diferenciadamente marcadas na história local, as relações de poder e seus reflexos, fatores que contribuíram para a formação de uma memória de resistência. A correlação entre as relações de poder em Santa Cruz e a emergência do Ecomuseu sinaliza um território de memória em construção. Através de uma análise teórica e documental, incluindo os depoimentos de contemporâneos dessa experiência, definem-se os contornos conceituais de ecomuseu, sua prática, seus conflitos, convergências e divergências. Pensar o Ecomuseu como uma alternativa viável no discurso museológico, através da experiência de Santa Cruz, pode contribuir para a ampliação do conceito de museu e questionar alguns pontos referentes ao divórcio entre o museu e a comunidade.

\* Educadora e museóloga  
Mestre em Memória Social e Documento / UNIRIO  
Coord. Assuntos Adm. do NOPH, Membro da equipe  
dinamizadora do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro;  
MINOM

## ABSTRACT

Through the experience of *Quarteirão Cultural do Matadouro's* Ecomuseum at Santa Cruz, Rio de Janeiro, is analyzed the collective subject construction which generated the socialcultural action known as an urban ecomuseum, the focal point of this research. A study of case, it is discussed within it the community's participation in managing the present, its identification towards the territory where it is located, the use of its heritage as a community source for the local and sustainable development. The emergence of Santa Cruz' Ecomuseum is explained by rebuilding and reinterpreting, at different and marked times in local history, the relations of power and theirs reflexes which contributed to the genesis of a memory of exclusion and resistance. The correlation between the relation of power in Santa Cruz and the Ecomuseum's emergence signalize an inbuilt territory of memory. Through a theoretical and documental analysis, including oral history by people who have been living that experience, defines the Ecomuseum's concept and its conflicts, convergences and divergences. Thinking Ecomuseum as a practicable option within museological speech, through Santa Cruz' experience, can contribute to broad the concept of museums and to brighten some points related to the divorce between museum and community.

## **ECOMUSEU URBANO E INICIATIVAS COMUNITÁRIAS: AUTONOMIA, LIBERDADE E CIDADANIA NA RELAÇÃO COM O PATRIMÔNIO**

*Odalice Miranda Priosti \* -*

*Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro - Brasil - RJ*

---

As relações entre poder e comunidade trazem à discussão diversas questões e entre elas a autonomia do museu, as intervenções urbanas e suas conseqüências, interferindo no patrimônio imaterial ou intangível dessa comunidade. As iniciativas comunitárias são, portanto, nesse caso, estratégias para resolver muitas vezes questões ligadas à defesa do patrimônio. Depreende-se daí que a emergência do ecomuseu em Santa Cruz, a partir da iniciativa comunitária, foi uma estratégia da memória na defesa não só desse patrimônio como também dos traços identitários da comunidade.

No rastro da proposta de avaliar a experiência ecomuseológica de Santa Cruz, seguiu-se paralelamente uma retrospectiva da história local, enfatizando-se a correlação entre o jogo do poder e a emergência do Ecomuseu, a partir de 1983.

Restauraram-se os períodos de prosperidade e os de declínio, associando-os à proximidade do poder instalado temporária ou definitivamente na localidade. Aprendeu-se com a própria vivência que as melhorias conquistadas tinham sempre um vínculo com o exercício de um poder verticalizado e na sua relação com o saber.

O crescimento e a modernização das cidades, acentuados nos últimos anos do século XX, e a expansão das novas formas de difusão e comunicação desenham, cada vez mais nitidamente, a transformação das sociedades e de seu *habitat*.

Sob o impacto dos novos papéis, vivem mudanças aceleradas na constituição do tempo e do espaço da vida social, onde novas formas de interação são criadas no partilhar um mesmo lugar.

Não escapa ao processo a Cidade do Rio de Janeiro, cujos centros de bairros têm vivenciado profundas transformações na sua paisagem física e social, principalmente os considerados de feição anacrônica no parecer técnico, situados nos limites das intervenções destinadas a aparelhar o grande centro com equipamentos urbanísticos que trazem uma visão e um uso futurístico da cidade.

Mesmo para os mais comuns “consumidores e cidadãos” (Canclini: 1995), é facilmente perceptível a relevância do tema, porque há poucos trabalhos orientados para essa vertente que merece um aprofundamento reflexivo para a compreensão do impacto das intervenções físicas e, em efeito cascata, no plano simbólico das comunidades.

Refletindo sobre os tipos de intervenção racional urbanística para oferecer espaços coletivos de lazer às comunidades e questionando as intervenções traumáticas e autoritárias que afetam a vida física e simbólica das sociedades sem a sua participação no processo e reconhecer a participação comunitária como uma contribuição criativa na gestão do espaço físico e político, pretende - se retomar as discussões acerca das formas de apropriação desses espaços de uso coletivo e iluminar algumas experiências que podem esclarecer pontos nebulosos ou ambíguos no processo de desenvolvimento das cidades.

A pesquisa sobre a apropriação é pertinente, por ser o tema concernente ao entendimento do ecomuseu como uma experiência local de apropriação do patrimônio cultural, que se esparrama pela área da antiga Fazenda de Santa Cruz, hoje bairro de Santa Cruz. Constata-se no ecomuseu uma apropriação de espaços, sejam eles bens patrimoniais preservados ou espaços políticos de cidadania e de expressão de uma comunidade.

É possível aproximar questões levantadas pela intervenção feita no bairro de Catumbi(FINEP/IIBAM: 1991), no Rio de Janeiro, entre as décadas de 80 e 90., às vividas no Ecomuseu de Santa Cruz. Ainda que se trate de objetos diferentes - análise das intervenções urbanísticas no primeiro caso e a ação ecomuseológica no segundo, tem-se delineada uma possibilidade de refletir sobre ações locais em campos de vivência semelhantes. Os dois são bairros tradicionais com uma comunidade reagindo ao processo de desenvolvimento e orientando a busca de soluções menos traumáticas quanto as que resultaram da abertura da

Avenida Presidente Vargas, na década de 30, que desmontou a vida contida nos quarteirões adjacentes( Lima: 1990).

A questão antropológica - apropriação do espaço pelo homem na sua relação com o patrimônio cultural existente no território - apresenta trilhas para um estudo dessas duas experiências - Catumbi e Santa Cruz - duas áreas tradicionais da cidade, cujos históricos falam de uma diversidade enriquecedora, de uma ocupação criativa, embora desorganizada, atendendo aos anseios de sua população. Falam também de um movimento de resistência de suas comunidades a intervenções violentas na paisagem e na estrutura social.

Conhecer as experiências vividas dos quarteirões desalojados na abertura da Presidente Vargas e na comunidade do Catumbi foi fundamental para a compreensão do drama vivido por Santa Cruz, a partir da década de 60, quando em seu território foram criados inúmeros conjuntos habitacionais para instalar as comunidades desabrigadas pelo desmonte das favelas do Rio.

Em resumo, sinaliza-se também a outra face dos acontecimentos, a dos “removidos das favelas” e do novo problema que se criou, tanto para eles quanto para a sociedade que os recebeu.

Observando - se a comunidade de Santa Cruz no movimento de apropriação do seu espaço físico, cultural, simbólico e político, a que se tem denominado Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, ou seja, a sua relação com o espaço, mais do que descrever e analisar uma experiência, pretende-se incitar uma reflexão epistemológica e conceitual na Museologia, a partir da aproximação do Ecomuseu aos museus convencionais e, simultaneamente, a experiências locais de intervenção, no que se refere ao uso dos espaços coletivos. Através dessa estratégia, examinam-se os limites conceituais de ecomuseu, intervenção urbana, espaço social, lugar praticado, participação comunitária, resistência, autonomia, entre outros, problematizando pressupostos já sedimentados na Museologia.

A diferença entre as duas experiências apóia-se no fato de ser a equipe de Santa Cruz composta por pessoas voluntárias da comunidade, que, alternadamente, se vinculam ao trabalho, de acordo com as suas disponibilidades e interesses, sendo, portanto, uma equipe fluida, vivendo no Ecomuseu uma “Museologia popular” como a definida por Hugues de Varine, sem muito profissionalismo, mas atenta com as verdadeiras necessidades culturais da comunidade.

Documentos de diversa ordem como mapas, fotografias, desenhos e depoimentos de moradores comuns reconstituem a representação do bairro. Em Santa Cruz, recorre-se a projetos onde os diversos segmentos da sociedade (escolas, clubes, associações, unidades militares, setores públicos e privados, comércio, etc) são parceiros em atividades que reinterpretam a história local e dinamizam a memória e a cultura viva da região.

A aproximação entre as duas experiências comunitárias traz para a comunidade de pesquisadores das relações população/espaço urbano constatações importantes que poderão, no futuro, reorientar as intervenções. Um novo confronto, dessa vez entre esse novo museu e o museu convencional, poderá esclarecer a questão da dissociação entre museu e sociedade e a da própria autonomia de uma comunidade, administrando seu patrimônio cultural.

Dessas duas dimensões, tira-se a contribuição das *praxis* para a reflexão teórica de diversa natureza, mas que buscam, de algum modo, uma relação mais harmoniosa e criativa da comunidade com o seu espaço social.

Dissociar os dois elementos do binômio - sociedade / cidade - é violentar a estrutura de ambos, amalgamados que estão no tempo e no espaço. Entretanto, ainda que se possa constatar entre elas um descompasso, a sociedade renovando sempre mais rapidamente no alucinante ritmo do desenvolvimento, a cidade envelhecendo e se deteriorando, alquebradamente buscando novas fórmulas de adaptação e rejuvenescimento, a silenciosa cumplicidade entre elas garante preservar o que há de mais simbólico e afetivo, escolhido para durar.

Entender essa relação entre a sociedade e a cidade é avançar no sentido de compreender porque se pode ler as cidades, em cujo texto uma sociedade descreve sua alma. O espaço urbano é então um texto histórico, onde se podem ler os conflitos de uma época, em cenários que evocam memórias significativas para a sociedade. Ali podem estar não apenas os produtos culturais de uma população, mas também os modos como os seus usuários dele se

apropriam, que, no dizer de Michel de Certeau, refletem “as práticas culturais, as maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática” (Certeau: 1994, 13). Essa cultura comum, anônima e cotidiana, reinventada segundo as necessidades são “criações anônimas e perecíveis que irrompem com vivacidade e não se capitalizam”. (Idem, ibidem)

As intervenções, sejam elas de caráter físico ou social, são fórmulas de uma relação Poder/Saber sobre uma comunidade. Não há dúvidas de que o homem é o único ser vivo que pode intervir no seu *habitat*, modificá-lo, dar-lhe um sentido e uma orientação e as cidades mostram processos naturais e graduais das comunidades, em que as intervenções que partem delas são incorporadas sem traumas, pois

*“Crescer entre nós é algo mais que crescer entre as árvores ou entre os animais, que, diferentemente de nós, não podem tomar seu próprio crescimento como objeto de sua preocupação. Crescer entre nós é um processo sobre o qual podemos intervir”. (Freire: s/d)*

É preciso questionar processos que desalojam cidadãos, comunidades inteiras, destroem seus símbolos e provocam a perda de importantes fragmentos da memória. É quando as decisões tomadas unilateralmente desfiguram a cumplicidade entre a sociedade e a *polis*, desterritorializando-as e provocando impacto e estranhamento. Nesse caso, não são as necessidades da sociedade que pesam, mas os valores de alguns orientados por critérios vazios de significação para os usuários. As intervenções orientadas dessa forma impõem a organização espacial racionalista e expõem as perdas físicas e simbólicas da sociedade.

Outros modelos de intervenções vêm confirmar o seu princípio devastador. Em que pese a posterior pesquisa *in situ*, reivindicada pelos moradores de um trecho do Catumbi, salvo da demolição, novamente é o poder governamental quem decidira o destino do bairro, pelo anacrônico do seu *modus vivendi* próximo ao centro da cidade que, por sua vez, reclamava quarteirões para a sua insaciável fome de espaços e de modernização.

De outra forma, o desmonte das favelas no trecho do Rio onde se erigiu a Selva de Pedra, entre as décadas de 60/70, repete e denuncia uma vez mais o critério autoritário de “saneamento” da cidade, expulsando as populações indesejadas para longe dos olhos de quem detém o poder. A intervenção planejada, que substituiu a comunidade favelada e removida por uma outra, traz uma concepção de cidade calcada em um novo *modus vivendi*, individualizante e homogêneo, abortando a diversidade no nascedouro.

No Catumbi, no trecho demolido, intencionalmente ou não, não se pensou na ruína social que se causaria nas comunidades desalojadas, cujo destino não foi prioridade.

À guisa de ratificar a postura arbitrária das intervenções urbanísticas como pressuposto de estados autoritários, recorre-se também à “solução” encontrada para essas populações que, a partir da década de 60, foram assentadas em conjuntos habitacionais criados na Zona Oeste do Rio.

Se a justificativa para a remoção era mascarada com o argumento da segurança e do eldorado do Pólo Industrial implantado naquela região, as conseqüências, tanto para os desalojados como para os que foram afetados pela sua chegada, foram tão drásticas quanto a abertura da Presidente Vargas. O deslocamento para uma área de difícil acesso, sem o suporte de uma infra-estrutura compatível (saúde, saneamento básico, transporte, emprego, cultura, educação etc) trouxe os inconvenientes de um desarranjo das comunidades envolvidas, desorganizando o espaço físico, social e simbólico de regiões tradicionais, além de desenvolverem em curto espaço de tempo cidades-dormitórios nos bairros circunvizinhos à linha férrea, já que continuaram os penosos deslocamentos para o centro da cidade, com o retorno apenas para dormir.

Análises aprofundadas chegam à constatação das condições que propiciaram a emergência do Ecomuseu em Santa Cruz, como prática cultural dessa comunidade para coabitar com os novos problemas e a eles responder.

Em entrevista a Paul Rabinow - “Espaço e Poder” (Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pp. 139-145), Michel Foucault nos fala que “sempre há a possibilidade de resistência, desobediência e insurreição ... a liberdade é uma prática. Assim, de fato, sempre

haverá um certo número de projetos cujo objetivo é modificar situações opressivas, atenuá-las ou mesmo mudá-las” (p. 139).

No caso de Santa Cruz, a imposição de uma ordem, a remoção das favelas do Rio e a transferência das suas comunidades para a Zona Oeste, criou um contexto de resistência à perda da identidade e da memória das comunidades autóctones, que pode explicar o surgimento do Ecomuseu. Uma memória de resistência que perpassou o tempo, desde os Jesuítas, até as décadas mais recentes da regime militar, emergiu num momento de intensa desorganização da sociedade e uniu os moradores em torno da História e dos símbolos locais.

Ressaltem-se, na experiência do Catumbi, a apropriação lúdica da área do viaduto, nas atividades dos baloeiros, as pipas, o futebol, o estrangulamento da diversidade com o fechamento de estabelecimentos comerciais e a própria reação - a mobilização comunitária para resolver questões que afetavam a todos. É nesse ponto que a experiência do Catumbi mais se aproxima da experiência de Santa Cruz: o impacto social decorrente de uma ordem imposta e a resistência comunitária.

Embora por motivos diferentes - o Catumbi reagindo ao desaparecimento do bairro, Santa Cruz à perda da identidade e da memória e ao esquecimento político-cultural, as duas comunidades mostraram, como diria Hugues de Varine em uma de suas entrevistas publicadas no Jornal Quarteirão, a sua vitalidade criativa, apropriando-se dos espaços coletivos para preservar a própria identidade.

*“O patrimônio pode ser um objeto de deleite para as pessoas que já têm todo o resto, o ter, o poder, o saber, quer dizer, pessoas “cultas”. Para a grande maioria dos outros, que não têm nem o ter, nem o poder, nem o saber, resta-lhes a sua capacidade de criar um novo patrimônio a partir do antigo e de um enriquecimento pelos aportes exteriores (trocas). Mas é preciso que eles reconheçam o seu patrimônio como tal, em seguida, que tenham confiança neles mesmos como detentores e usuários deste patrimônio, enfim, que se tornem capazes de iniciativa, portanto, de criação.” (Jornal Quarteirão nº 26)*

Rico objeto de análise para Paul Rabinow, as práticas sociais são um veio para estudar as influências das redes sociais na problematização das relações do saber com o poder. Contrário ao pensamento de se buscar a essência da razão, Rabinow “tenta antes analisá-la, construindo argumentos materiais, olhando para o que as pessoas de fato estão fazendo.”<sup>1</sup>, analisando como os conceitos emergem das práticas sociais.

Fundamentado nas teorias foucaultianas, Rabinow traça um caminho vendo “o que as pessoas fazem, como usam os seus conceitos e como tais circulam em, diferentes domínios, como afetam as pessoas.”

O pragmatismo que se desenha na experiência de Santa Cruz torna-a um campo propício para o estudo das relações de poder e saber, a que a comunidade tem sido submetida, para ver nelas não apenas a construção do sujeito coletivo, mas a evolução do próprio conceito de ecomuseu.

Sob esse ângulo, a experiência de Santa Cruz pode explicar as especificidades desse ecomuseu construído no seio da comunidade, contaminando suas relações com o poder e o saber, ao longo do seu tempo histórico.

A trama de relações comunidade/poder/saber no Ecomuseu do Quarteirão revela, nessa perspectiva, a questão da autonomia conquistada no exercício da cidadania e da responsabilidade pela guarda do patrimônio. Portanto, “as redes históricas, sociais, políticas e culturais que envolvem as pessoas e suas vidas” ( Rabinow) criaram a situação para que a comunidade de Santa Cruz inventasse o seu museu, não apenas para ser visitado, mas para ser utilizado como seu instrumento de expressão, inclusão e desenvolvimento.

Torna-se fácil compreender, na análise das relações entre o saber e o poder e as redes sociais dessa comunidade, o transbordamento do conceito de ecomuseu, partindo de suas ações criativas e concebido para a busca de soluções para o seu “acervo de problemas”. (Chagas: 2000)

---

<sup>1</sup> Jornal do Brasil. Idéias. 05/01/2000. Comentários sobre *Antropologia da Razão* João Guilherme Behl, Relume Dumará

Autonomia aprendida na prática da liberdade, o poder agora não mais verticalizado, mas dialogado nas diferentes esferas, comprova o que diz Varine sobre quem decide no museu comunitário:

*“... diferentemente do museu clássico, é a parte ativa da população, aquela que detém o poder, em qualquer nível que seja, quem decide as opções essenciais do museu, desde a sua concepção até o seu funcionamento cotidiano, em outros termos, quem orienta o processo. Isto pode se fazer de maneira institucional, a partir da coletividade (municipalidade por exemplo) ou de maneira comunitária (por uma associação, um grupo informal) ou pela iniciativa de um “líder comunitário” ou ainda de modo participativo, pela ação de vários atores e parceiros locais.” (Varine: 1999)*

No Ecomuseu de Santa Cruz é nessa última feição que se delinea a ação cultural, exercitando a população na expressão de sua cultura viva, da plena cidadania e da responsabilidade pela duração e uso do patrimônio. Sintetiza-se ali o sentido do Ecomuseu e sua contribuição para o fenômeno da aldeização( Canevacci:98/99), que se contrapõe à globalização para minimizar seus efeitos colaterais.

Um dos colaboradores no projeto de História Oral em Santa Cruz relata momentos áureos, entre as décadas de 40 e 60: apogeu de clubes sociais, teatro, sociedades carnavalescas, sociedades musicais, clubes esportivos, entre outros. O esvaziamento cultural, sentido já nas décadas de 70 e 80, em face da queda do poder aquisitivo da população brasileira, da desagregação social, além do impacto social vivido pela sociedade santacruzense, com a mudança de sua vocação agrícola para Zona Industrial, foi o contexto que colocou o NOPH - Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica, num reconhecido lugar em Santa Cruz como o grupo que resistiu e tentou conter o asfixiamento da identidade pela valorização local, pela pesquisa da História, pela preparação da comunidade do futuro, pelo sentido de valorização cultural e preservação processual que lhe é ensinado, que deu origem ao Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro. No reconhecimento desse trabalho como atividade ecomuseológica, declara entender o Ecomuseu como “uma busca de melhorias para a vida da comunidade e uma vontade de crescer, não pessoalmente, mas em grupo”.

Expostos os conflitos e rupturas que a comunidade teve que vencer, sejam eles de ordem política ou relativos à própria coesão, rompeu-se com a postura passiva frente aos poderes, assumindo o diálogo e a intervenção naquilo que afeta diretamente seu cotidiano. Rompeu-se com um conservadorismo nefasto que a impedia de avançar para o futuro e absorveram-se as contribuições adquiridas no diálogo com as comunidades transplantadas. O Ecomuseu, em sua ação integradora, sensibilizou as esferas legislativa e executiva que o ampararam legalmente, reconhecendo-o e integrando-o na estrutura da Prefeitura do Rio, a partir de 1995. Selou-se a parceria entre a comunidade e o governo, buscando não só uma reconciliação, mas também uma nova forma de gestão participativa no devir.

Simultaneamente, assumindo a gestão da memória como partícipes responsáveis por sua construção, os membros da comunidade, potencialmente atores e beneficiários de seu próprio movimento, formulam as próprias regras da autonomia conquistada na prática da responsabilidade civil. A experiência santacruzense de ecomuseu urbano mostra as respostas culturais da sociedade e cria a **noção de patrimônio vivido ou praticado** no cotidiano, abrindo caminhos para um futuro melhor.

Resta saber agora até quando será possível a prática da liberdade e da autonomia desse ecomuseu e como continuará sua trajetória nesse exercício de sustentabilidade, que é sua única condição de existir, refletindo as aspirações e necessidades culturais de sua comunidade.

Contrariando a ordem do discurso institucional, o qual Foucault nos leva a aceitar como inevitável, resiste-se no Ecomuseu a se deixar seduzir pela segurança do previsível para ousar na luta pelo poder de ser, não dominante, mas senhores das próprias escolhas e ações, “deixando-nos levar nelas e por elas, como um destroço feliz”. (Foucault: 1996 p. 7)

A cidade, ligada indelevelmente ao destino do homem, tem hoje suas fronteiras flexibilizadas de tal modo que se entrelaçam em redes e nelas se abrigam as desigualdades que aí coabitam pacífica ou traumáticamente. O mundo do capitalismo nos mostra que a “cidade não

está mais no espaço e sim no consciente dos indivíduos” e, conseqüentemente, no consciente das populações. As cidades alargaram seus limites e se tornam um só habitat humano.

Desterritorializou-se a cidade, tornando-se por isso mais violenta e menos humana, por mais que o mundo, pela via da comunicação, tenha se tornado pequeno e cada povo tão próximo e familiar. Globalizou-se a economia, mas repartiram-se os seus efeitos positivos e negativos: socializaram-se a indiferença e a miséria, sempre contra os mais desfavorecidos, dominados pela cúpula que detém o poder.

Esse é o contexto que criou as megacidades, repetidoras de um modelo e mantenedoras do *status quo*, clonando indivíduos e apagando neles a pessoa, ofuscando a produção de subjetividade que, no trabalho coletivo, faz aflorar o melhor de cada um, a cidade subjetiva.

Guattari analisa a cidade, projetando-a para um tempo futuro, onde a cronologia enlouquece, pois não tem começo nem fim, onde o sujeito se compraz em ser indefinidamente outro, ajustando-se à cidade que cresce, se globaliza e se desumaniza, enfadada da previsibilidade.

É para essa cidade subjetiva, só possível quando os seus partícipes se reconhecem iguais - desiguais em si e no outro, (que cada um pode restaurar dentro de si mesmo), que Guattari orienta sua reflexão, alertando para os riscos comprometedores da biodiversidade e da própria vida planetária no mundo da oposição.

Cabe então perguntar onde está essa cidade subjetiva. Em que medida ela é viável no mundo que a destruiu? Seria possível um mundo com espaço para todos? Ou será que a industrialização e a competitividade atrofiaram irreversivelmente a capacidade humana de conviver com a diferença? Como reconstruir o homem ser solidário e pensador coletivo sem que isto parta dele mesmo?

Não se resolve o problema da cidade arruinada sem definir nela as trilhas da ecologia social e humana. Recuperar o homem dentro do indivíduo, deixá-lo reumanizar - se em liberdade é dar-lhe condições para fazer renascer nele e na sociedade as forças criativas. Paradoxalmente, é a própria cidade quem deve fornecer esse ambiente para que o novo transforme as respostas já calcificadas de um homem engessado dentro de si, embora senhor do mundo pela tecnologia.

*“Falta apenas o desejo e a vontade política de assumir tais transformações. É verdadeiramente indispensável que um trabalho coletivo de ecologia social e de ecologia mental seja realizado em grande escala. Essa tarefa concerne às modalidades de utilização do tempo liberado pelo maquinismo moderno, novas formas de conceber as relações com a infância, com a condição feminina, com as pessoas idosas, as relações transculturais ...”(Guattari: 174)*

Seria necessário serializar não os indivíduos, mas as ações solidárias, transformando o indivíduo coletivo sem deixar de ser singular. Isto seria preservar a diversidade, único caminho para a não extinção do homem criativo, sujeito de sua história, potencial multiplicador da vida e garantia do devir, a célula-mater da construção do sujeito coletivo numa comunidade.

1.Jornal do Brasil. Idéias.05/01/2000.Comentários sobre . *Antropologia da Razão*. João Guilherme Behl, Relume Dumará.



## Referências bibliográficas:

- CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995
- CANEVACCI, Massimo. *Sincretismo cultural das metrópoles*. São Paulo: Revista Rumos. Ano I, nº1, dez98/jan.99
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- CHAGAS, Mário. *Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus*. Texto provocativo para o II Encontro Internacional de Ecomuseus. Santa Cruz, Rio de Janeiro: 2000
- FINEP/IBAM. *Quando a rua vira casa...* Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, 1991
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Grahal, 1998 13ª ed.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 1996, 3ª Ed.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983
- \_\_\_\_\_. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo. Ed. Olho d'Água, 2ª Ed.
- GUATTARI, Félix. *Restauração da Cidade Subjetiva*. In: *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- LIMA., Evelyn Furquim. *Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia*. Rio de Janeiro: SMC, DGI, 1990
- PRIOSTI, Vander Miranda. *O Distrito Industrial de Santa Cruz: implantação, impactos para a região e perspectivas*. Monografia de Bacharelado. Rio de Janeiro, UFRJ, Instituto de Economia, 1997
- VARINE, Hugues de. *O Tempo Social*. Rio de Janeiro: Ed. Eça, 1987
- \_\_\_\_\_. *Contribuição ao VIII Atelier do MINOM*, 1999, Salvador, Bahia

# **IV**

## **Documentos de Base**

### **(II EIE)**

## **ECOMUSEU OF ITAIPU - REGIONAL INTEGRATION, REGIONAL MEMORY AND ENVIRONMENTAL EDUCATION**

*Hélio Amâncio, Marlene Osowski Curtis and Rosana L. Turmina\* -  
Itaipu Binacional - Brasil - PR*

---

Inaugurated in 1987, the Ecomuseum of Itaipu accomplishes the objectives and guidelines proposed in the Master Plan of the Area of the Itaipu Reservoir, through the rescue of the history of the enterprise Itaipu.

The mission of Ecomuseum is to promote the regional integration and the strengthen the institutional image through the valorization of the Memory and of the Environmental Education.

We can stand out, in that period, the accomplishment of seminars on environment for teachers; meetings (Ecology and Community / the Museum and the Environmental Impact); meetings of Secretaries of Education of the Bordering Municipal districts; Fairs of Sciences and Culture, that introduced the "José Reis – Discovering Talents Award"; Creches Displays, meetings of Museums of the Itaipu Reservoir; Regional seminar of Environmental Education; I Binational Meetings of Environmental Education of the Itaipu Reservoir; Photographic displays of Environmental Education; Panorama of the Artistic and Cultural Manifestations of the Itaipu Reservoir – "The sight of the Earth"; Course of Basic Formation in Environmental Education; Extension courses in Environmental Education for teachers and students; Course on Tourism and environment, for Tourism of students of UNIOESTE – University of the West of Parana; Technical course of Tourism for FOZTUR technicians (actually Municipal Secretary of Development and Tourism); promotion of hundreds of institutional exhibitions; Participation in technician-scientific events, artistic-cultural projects, adding more than 426.000 visitors, only assisted at the museum, with an average of 35 thousand visitors/year.

There were created itinerant exhibitions as "Iguassu – Past and Present time", "Historical Rescue of the Mate Herbage in the Area of Itaipu" and "Ecomuseum of Itaipu". It was also allowed the exchange of exhibitions among partners as ELETROBRAS, IAP –Environmental Institute of Parana, Museum Emílio Goeldi from Para, SANEPAR –Company of Sanitation of Parana, Boticário Foundation, ACAPI – Cultural Association of the Plastic Artists of Iguaçu, Secretary of State of the Culture of Parana. Environmental Education partnerships were accomplished with IAP, IBAMA, Municipal City Hall of Iguaçu, EMATER – Enterprise of Technical Attendance and Rural Extension and SANEPAR (in the Projects of Environmental Despolution of Monjolo river and Recovery of Ciliary Forests of the Tamanduá and São João rivers.

In the nineties, the Ecomuseum intensified the partnerships, following the same steps of environmental education in the Brazilian scenery. It took place several environmental education meetings and courses, inviting teachers of the whole neighborhood on order to participate of an Environmental Education network of multipliers.

Then, as result of the integrated work among the Company (Itaipu Binacional), the University (UNIOESTE) and the Public Administration (represented by the bordering municipal districts of the Reservoir of Itaipu), the area benefited with 87 projects of Environmental Education implemented by those multipliers, the teachers.

In 1997, we are rewarded with "Environmental Parana Award", as the best Project of Formal Education of the State.

A course of Specialization in Environmental Education promoted by Itaipu Binacional, gathered for 360 hours, in Ecomuseum, Brazilian and Paraguayan technicians, friends of the City Hall of Iguassu and teachers of UNIOESTE; 15 monographs were generated in a wide conception of sustainability development; one of them became an article about education in the museums "Museum, a treasure to be discovered".

Iguassu also receives a letter "Dialoguing from the pedagogic proposal", registered in another book: "The Forest and the School: for a pos-modern environmental education".

Those actions have been implementing a larger interaction of the Binational with the regional community, represented by the 16 bordering municipal districts, and insured the

Ecomuseum functions of education, research, conservation, interpretation and popularization of the representative elements of the regional patrimony.

Nowadays, the Ecomuseum is a remarkable presence in the awakening process of our internal public (the Itaipu's employees); also in the process of regional integration in the Space of Arts, where usually the regional, national and international artistic are celebrated; in the valorization of the good initiatives (in the environmentally context) of common people as fishers, farmers, etc in the process of showing to the public visitor or tourists, the real face of Itaipu: that one, which is more and more committed, besides the productive process, with the social and ecological responsibility; and finally, through the interaction with its special public: the teacher, its principal partner, in its mission, which is, the valorization of the memory of our area and of environmental education.

In its 13 years of existence, Ecomuseum has become a privileged space, where the educational act takes place, in the dialogue with the region and its public, and in the movement towards the sustainable development.

## **ECOMUSEU DE ITAIPU - INTEGRAÇÃO REGIONAL, MEMÓRIA REGIONAL E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

*Hélio Amâncio, Marlene Osowski Curtis and Rosana L. Turmina\* -  
Itaipu Binacional - Brasil - PR*

---

Inaugurado em 1987, O Ecomuseu de Itaipu vem concretizando os objetivos e diretrizes propostos no Plano Diretor da Área do Reservatório de Itaipu, através do resgate da história do empreendimento Itaipu e da região de sua abrangência.

É missão do Ecomuseu promover a integração regional e o fortalecimento da imagem institucional através da valorização da Memória e da Educação Ambiental.

Podemos destacar, nesse período, a realização de Seminários sobre meio Ambiente para professores; Simpósios (Ecologia e Comunidade / O Museu face ao Impacto Ambiental); Encontros de Secretários de Educação dos Municípios Lindeiros; Feiras de Ciências e Cultura, com a instituição de prêmio José Reis - descobrindo talentos. Mistras de Presépios; Encontro de Museus de Ares do Reservatório de Itaipu; Seminário Regional de Educação Ambiental; I Encontro Binacional de Educação Ambiental; panorama das Manifestações Artísticas e Culturais do Reservatório de Itaipu - Olho da terra; Curso de Formação Básica em educação Ambiental; Cursos de extensão em educação Ambiental para professores e alunos do Curso de Magistério; Curso sobre Turismo e Meio Ambiente, para professores e alunos do Curso de Turismo da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Curso Técnico de Turismo para técnicos da FOZTUR (atual Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Turismo); Montagem de centenas de exposições institucionais, itinerantes e temporárias; Participações em eventos técnico-científicos; Eventos comemorativos, Projetos artístico-culturais, somando mais de 426.000 visitantes, atendidos somente no museu, com uma média aproximada de 35 mil visitantes/ano.

Criou as exposições itinerantes “Foz do Iguaçu - Passado e Atualidade”, “Resgate histórico da Erva-Mate na Região de Itaipu” e “Ecomuseu de Itaipu”. Oportunizou também o intercâmbio de exposições com instituições parceiras como ELETROBRÁS, IAP-Instituto Ambiental do Paraná, Museu Paraense Emílio Goeldi, SANEPAR - Companhia de saneamento do Paraná, Fundação O Boticário, ACAPI - Associação Cultural dos Artistas Plásticos do Iguaçu, Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Fez parcerias de educação ambiental com a IAP, IBAMA, Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, EMATER - Empresa Paranaense de Assistência Técnica e extensão Rural e SANEPAR, nos Projetos de Despoluição Ambiental do Rio Monjolo e Recuperação de Matas Ciliares dos rios Tamanduá e São João.

No contexto dos anos 90, o Ecomuseu intensifica as parcerias num movimento de abertura cada vez maior, que coincide com os largos passos conquistados pela Educação Ambiental, que convidam professores de toda a região a constituírem uma grande rede regional de multiplicadores de Educação Ambiental.

E é assim que, como fruto do trabalho integrado entre a Empresa (Itaipu Binacional), a Universidade (UNIOESTE) e a Administração Pública (representada pelos municípios lindeiros ao Reservatório de Itaipu), a região se beneficiou com 87 projetos de Educação Ambiental implementados por esses multiplicadores, os professores.

E, então, em 1997, somos todos premiados com a Paraná Ambiental, como o melhor Projeto de Formação de Agentes Multiplicadores em Educação Ambiental do Estado.

Um curso de Especialização em Educação Ambiental pela Itaipu Binacional, reuniu durante 360 horas, no Ecomuseu, técnicos brasileiros e paraguaios, colegas da Prefeitura de Foz do Iguaçu e da UNIOESTE; foram geradas 15 monografias numa ampla concepção de sustentabilidade, uma delas se transforma em artigo sobre educação nos museus “Museu, um tesouro a ser descoberto” que faz parte do livro Verde Cotidiano - o meio ambiente em discussão.

Foz do Iguaçu também recebe uma carta “Dialogando a partir da proposta pedagógica”, eternizando em outro livro: A Floresta e a Escola por uma educação ambiental pós-moderna, onde o autor faz comentários sobre alguns trabalhos de colegas do Ecomuseu, do Museu de História Natural do Paraguai e professores de Foz.

Essas ações têm permitido uma maior interação da entidade Binacional com a comunidade regional, representada pelos 16 municípios lindeiros, e assegurado as funções específicas da educação, pesquisa, conservação, interpretação e divulgação dos elementos representativos do patrimônio regional, de interesse científico, cultural e tecnológico.

Hoje o Ecomuseu está presente no processo de conscientização do nosso público interno empresarial, no trabalho de gestão ambiental; na integração regional, seja no espaço reservado aos municípios lindeiros como no Espaço das artes a que celebra constantemente o talento artístico regional, nacional e internacional, na valorização e socialização da arte, da história e reconhecimento das iniciativas e ações bem sucedidas das comunidades divulgadas através dos lindeiros em Destaque (pescadores, agricultores, etc); na apresentação ao público visitante e turista, da outra face da empresa - Itaipu - que exercita cada vez mais além da visão de compromisso com o processo produtivo, a sua responsabilidade ecológica e social; e na interação com este nosso público tão especial, o professor, nosso principal parceiro, no desempenho de nossa missão, qual seja, a do resgate de valorização da memória de nossa região e de educação ambiental junto a nossas crianças e jovens.

Em 13 anos de existência, o Ecomuseu tem se constituído um espaço privilegiado, onde o ato educador se realiza, no dialogar com a região e seu público, no movimento de busca e construção de um desenvolvimento sustentável.

## LA RENAISSANCE D'UN PAYS

*Mateo Andres\* - Centro para el Desarrollo del Maestrazgo - Espanha*

---

### RESUME

L'identité sociale d'un territoire est dans le substrat du patrimoine, lequel transmet le savoir et laisse ce qui est fait. Le patrimoine culturel et naturel articulé avec le concept de territoire, où la population locale s'identifie, permet par l'interrelation de ces trois concepts l'intervention globale pour le développement. En synthèse, le patrimoine est l'instrument pour l'aménagement du territoire.

La planification et gestion du développement dès le propre territoire suppose un changement radical à la méthodologie d'intervention, et, considérant qu'il concerne aux domaines social, économique, culturel et spatial, doit se construire un niveau politique local pour exécuter toutes les actions avec des mécanismes de complémentarité et articulation des politiques des différents niveaux supranationaux, de l'état et régionaux. Les actuels changements historiques dans l'espace rural requèrent nouvelles formes d'organisation souveraines, synthèse de démocratie représentative et démocratie participative, qui structurent les sphères sociales et spatiales sans relations de dépendence, mais inscrites dans la globalisation.

Le Parc Culturel du Maestrazgo (2.700 km<sup>2</sup>, 12.000 habitants, Chaîne Iberique, nord-est de l'Espagne, région de l'Aragon) se définit comme élément d'identité collective et exposant de ses ressources, interaction dialectique entre la nature et l'habitant au cours des temps, germe du développement géré par la population locale. Constitué par des parcs thématiques et centres d'exposition animés par les groupes d'action sur le patrimoine de chaque village, lieux de rencontre des associations locales, municipalités, petits entrepreneurs et université.

Le concept de patrimoine compris comme globalité conduit à la notion de gestion de l'espace rural, ce que implique une ordonnance et planification de l'usage des ressources naturelles, la potentiación d'activités compatibles, les relations de production, distribution et consommation à l'espace, et les critères d'intervention des politiques sectorielles et ordonnées des activités publiques et privées. Les Consortiums fluviaux du Guadalope aménagent les berges, valorisent les espaces, épurent les eaux des déchets, mettent en place des énergies renouvelables et une politique forestière.

L'initiative économique, avec l'appui du Centre pour le Développement du Maestrazgo, a généré les dix dernières années plus de 260 projets de petites entreprises aux secteurs agroalimentaires, artisan, touristique et services. Organisées dans des associations de caractère sectoriel, poussent des plans de commercialisation, qualité, dynamisation, formation et recherche, image de marque, lesquels situent les produits dans des conditions de compétitivité aux marchés extérieurs.

Les nouvelles technologies de la société de l'information doivent s'implanter dans les territoires ruraux pour les désenclaver. Le Maestrazgo dispose de systèmes de communication entre les villages et l'extérieur par visioconférence, journaux télématiques "Bonjour, Maestrazgo" et "Courrier Info Ager" sur ce qui se passe chaque jour au pays et sur des documents du monde, lesquels sont distribués par courrier électronique aux agents publics et privés, à l'intérieur et à l'extérieur du territoire, services télématiques aux entreprises et appui au télétravail.

Molinos, village de 350 habitants a commencé ce processus à 1.985 avec la constitution du Parc Culturel de Molinos. Organisa avec le MINOM à 1.987 le IV Atelier International de Nouvelle Muséologie avec le thème "Les enjeux idéologiques de la Nouvelle Muséologie". Quince années plus tard on peut constater que les principes théoriques sont aussi valables que depuis le début, dans le chemin les gens on su se faire valoir et avoir l'appui des institutions européennes, nationales et régionales, marquer le chemin où le patrimoine est un arme de futur.

\*Coordinador del Centro para el Desarrollo del Maestrazgo  
Alcaide de Molinos

## **MAESTRAZGO: EL RENACER DE UN PAÍS**

*Mateo Andrés\* - Centro para el Desarrollo del Maestrazgo - Espanha*

---

Hace seis años cualquier persona hubiera relacionado el Maestrazgo sólo con un espacio geográfico imprecisamente definido en las tierras turolenses, con alguna cita literaria mal referenciada o apurando mucho la agudeza Del observador con un enorme territorio promocionado por una mancomunidad turística de carácter interprovincial más asociada a nuestros vecinos de Castellón que no a las instituciones aragonesas. Sin embargo hoy mucha gente ha pasado a tener una visión dinámica de esta comarca y genéricamente piensa que allí se "están haciendo cosas". Otros la asocian a la idea de un desarrollo rural unido a la utilización de fondos europeos y algunos que se han acercado a conocerla de cerca creen que allí se están intentado poner en marcha nuevas alternativas convirtiéndose en objeto de análisis. Vamos a aproximarnos a la realidad de los hechos y a la trayectoria de un trabajo que en estos últimos años está intentando dar un vuelco a la situación que presentaba el Maestrazgo, haciendo hablar a sus promotores del "renacer de un país".

A mediados de 1991 el equipo de dirección de la Escuela Taller de Molinos baraja la posibilidad de acceder a nuevas líneas de financiación para dar continuidad a sus propios programas, en particular el del Parque Cultural que representaba la continuidad en la estrategia de valorización del patrimonio de este pequeño municipio hasta ese momento fundamentada en la explotación de las conocidas Grutas de Cristal. En dicho afán contactan con diversos estamentos de la Unión Europea y es aquí cuando tienen conocimiento de la preparación de una nueva iniciativa comunitaria para el desarrollo rural con un enfoque radicalmente transformador: el programa LEADER.

En efecto la Comisión Europea venía barajando en sus reflexiones la posibilidad de poner en marcha un mecanismo que permitiera el impulso de programas de acción local gestionados por la unión de los diversos agentes sociales y económicos existentes en el territorio, todo ello en la perspectiva de otorgar un protagonismo mayor a la propia población, mejorar el marco de acción de los fondos estructurales y analizar las tendencias que se estaban originando en el medio rural europeo de cara a la transmisión de experiencias que permitieran hacer compartir todo una s. de elementos innovadores.

De esta forma, a iniciativa del Ayuntamiento de Molinos, nace el Centro para el Desarrollo del Maestrazgo como entidad encargada de la ejecución del programa LEADER de esta comarca y como aglutinante de una serie de entidades e instituciones que en un primer momento ejercieron un papel tutelar dentro de un proceso para el que no se podía contar con una práctica preestablecida. Jamás el Maestrazgo había funcionado como una unidad administrativa o económica y era muy difuso el sentimiento de cooperación intermunicipal lo cual hacía temer que en el arranque aparecieran las lógicas tensiones localistas. Por otra parte se corría el riesgo de que un programa que persigue desatar una nueva dinámica en el territorio pudiera descafeinarse bajo la presión de los intereses municipales de tal forma que lo convirtieran en un simple plan de obras y servicios similar al que gestionan las diputaciones provinciales. El trabajo de animación realizado durante la fase de elaboración del proyecto permitió, no obstante, detectar la existencia de un buen número de iniciativas empresariales que tal vez hasta la fecha no hubieran encontrado un marco adecuado para manifestarse, sea por la falta de mecanismos de apoyo o la insuficiencia de los mismos ateniéndonos a los límites en la intensidad de las ayudas europeas que Teruel por desgracia ha tenido que soportar al estar inscrita la provincia en el objetivo 5b y a pesar de los múltiples esfuerzos que en sentido corrector o compensatorio se han puesto en marcha.

Con este bagaje de pequeños proyectos empresariales se inicia en 1992 un programa ilusionante que al pasar del tiempo se ha convertido en bandera y signo de identidad para un número creciente de personas y colectivos, en una acción cada vez más diversificada y en la perspectiva de ser útil a la comarca del Maestrazgo desde todos los frentes posibles. Sin embargo no se ha abandonado nunca uno de los principios rectores de toda la acción: la urgencia de recuperar o crear un nuevo tejido económico que haga factible pensar en que es



posible mantener algunas actividades tradicionales, generar otras nuevas adaptadas a las crecientes funciones de ocio que caracterizan a estos territorios y diversificar, en suma, la estructura productiva sobre la base de la cultura del pequeño emprendedor que es capaz de asociarse con otros para redimensionar su propia empresa y acometer los necesarios retos de calidad y competitividad. Este factor sin duda fue el determinante a la hora de convencer al Gobierno de Aragón sobre la bondad de un sistema de hacer las cosas que descansa en buena medida en la creación de un ambiente de confianza creciente entre la población y el Centro para el Desarrollo del Maestrazgo tanto a nivel de sus órganos de decisión como de su equipo gestor. De esta forma, a principios de 1993 se produce un hecho capital: el entonces Consejero de Economía Santiago Lanzuela decide apostar por el LEADER del Maestrazgo garantizando no solo la cofinanciación del programa, necesaria a los ojos de Bruselas, sino también complementándolo con algunas acciones enmarcadas en el Plan Especial de Teruel.

Setenta iniciativas empresariales en LEADER y otras tantas actualmente en curso en el programa LEADER 2, continuador del anterior, testimonian la respuesta favorable de una comarca por la que pocos hubieran apostado y que sin embargo manifiesta un cambio en la percepción de sus propias posibilidades máxime a la vista de nuevos recursos susceptibles de ser aprovechados: el medio ambiente y el patrimonio cultural. Queda claro que siempre es el recurso humano el más preciado para un Maestrazgo que ha visto reducirse su población en un 75% de la que existía en 1900 y que en algunas zonas presenta síntomas de auténtico desierto demográfico. De esta manera junto al impulso de la actividad económica ha quedado siempre bien patente la necesidad de una vertebración social manifestada ejemplarmente en la creación de las Asociaciones Empresariales Turística y Agroalimentaria del Maestrazgo, las cuales junto a Maestur (asociación de propietarios de viviendas de turismo rural) y la Asociación Empresarial de Alcorisa, representan uno de los ejes dorsales actualmente establecidos. En estos momentos la redacción de planes de calidad, excelencia y comercialización conjunta es el nuevo reto al que se enfrentan una vez que han conseguido consolidarse en sus respectivos sectores tras un laborioso proceso en el que la acción formativa ha jugado un papel capital junto a algunas acciones emblemáticas entre las que puede destacarse la realización de la Feria del Maestrazgo en Zaragoza en noviembre de 1995. No todo ha quedado limitado a las posibilidades de LEADER. Desde 1993 ha sido continuo el empeño del Centro para el Desarrollo del Maestrazgo por optar a nuevos mecanismos complementarios dentro del programa de desarrollo rural. Así durante tres años consecutivos han sido aprobados, entre 1993 y 1995, sendos programas acogidos al Plan de Modernización del Turismo Español, FUTURES, merced a los cuales ha sido posible acometer acciones que permiten dotarse de infraestructuras y elementos de promoción comunes tanto a los empresarios turísticos como a las iniciativas que conforman el Parque Cultural del Maestrazgo: folletos, vídeos, senderos, paneles y mesas de interpretación, etc. Igualmente en 1994 fue seleccionado un proyecto presentado al programa LIFE. En él se planteaba la creación de un "modelo de gestión medioambiental" acorde con los objetivos del programa de desarrollo, sobre la base de un centro de gestión y previamente un diagnóstico de la situación que ha permitido a posteriori estar bien preparados para la preparación de propuestas al Plan de Actuación de las Cuencas Mineras.

Un capítulo especial merece la creación a comienzos de 1994 del Centro Aragonés de Información Rural Europea (CAIRE) acogido a la red Carrefour de la Comisión Europea, compuesta por unos noventa centros de similares características en los quince estados miembros de la Unión. A través de diversas modalidades y en particular del boletín INFO-AGER, se distribuye información para todo Aragón sobre los programas, acciones, oportunidades y experiencias acogidos a líneas comunitarias de apoyo permitiendo no solo una acción de divulgación sino animando la cooperación transnacional necesaria para acogerse a dichas ayudas. Fruto del mismo son, por ejemplo, los Encuentros Aragoneses de Agricultura Ecológica, acogidos a la línea comunitaria de sensibilización ambiental en los que han participado además el Comité Aragonés de Agricultura Ecológica y los diversos programas LEADER 2 que componen la Red Aragonesa de Desarrollo Rural, entidad en cuya génesis tuvo también un papel destacado. Más recientemente puede mencionarse como directamente vinculada la creación de la Escuela de Desarrollo Rural del Maestrazgo que programa cursos de teoría y práctica del desarrollo rural para gestores municipales, técnicos o estudiantes.

Nuevos proyectos vienen a demostrar que el esfuerzo debe tener su continuidad a través de la adecuación de acciones innovadoras conforme a las orientaciones marcadas por Bruselas. Por ejemplo, en breves fechas arrancará el funcionamiento del telecentro ubicado en Mosqueruela, el cual se configura como pionero en la introducción de las nuevas tecnologías de la comunicación en el medio rural aragonés incorporando la vertiente Del teletrabajo como nuevo campo de oportunidades para gente que se resiste a dejar un entorno en el que todavía encuentran suficientes elementos de un marco de calidad de vida. Asimismo la creación de una red intranet entre cincuenta terminales de toda la comarca representa no sólo la extensión de la sociedad de la información, dentro del llamado proyecto Duende, a una comarca entera sino poner al servicio de una mayor participación y transparencia dichas herramientas. Esta línea de innovación es la que ha impulsado la presencia del Centro para el Desarrollo del Maestrazgo en foros de la importancia del Proyecto RIS que, coordinado por el Instituto Tecnológico de Aragón, plantea la reflexión sobre el sistema regional de innovación y su importancia particular para la superación de los handicaps con que se encuentra el mundo rural.

## **EL PARQUE CULTURAL DEL MAESTRAZGO**

La identidad social de un territorio está en el sustrato del patrimonio, que transmite el saber y deja el hacer. El patrimonio cultural y natural articulado con el concepto de territorio, en el cual se identifica la población local, permite con la interrelación de patrimonio-territorio-población la intervención global para el desarrollo. En síntesis, el patrimonio es el instrumento ordenador de los territorios rurales.

El Parque Cultural del Maestrazgo se define como elemento de identidad colectiva, mirador de la interacción dialéctica entre la naturaleza y el habitante en el curso de los tiempos, germen del desarrollo gestionado por la población local. Constituido por parques temáticos y centros expositivos, actualmente se pueden visitar el Parque Geológico de Aliaga, que aprovecha la variedad y singularidad de las formaciones geológicas Del territorio para la creación de itinerarios y mesas de interpretación; el Parque Paleontológico de Galve da a conocer la enorme riqueza en fósiles mediante las reproducciones a tamaño natural de varios saurios, itinerarios para visitar las huellas y una sala de exposición; el Parque Escultórico de Hinojosa de Jarque dedicado a la "memoria de los pueblos" incorpora cada año con ocasión de un Simposio Internacional nuevas esculturas diseminadas por el pueblo y entorno; el Museo de Mas de las Matas reúne colecciones de arqueología y artísticas, espacios como el molino harinero y la almazara de Jaganta, y trabajos de investigación editados en publicaciones periódicas; el Parque Cultural de Molinos presenta la geología, flora, fauna, arte e historia, mediante salas expositivas e itinerarios temáticos, jardín botánico, programas multimedia y recorridos por edificios históricos; el Centro de Interpretación de la Naturaleza de Villaluengo permite conocer el hábitat y los espacios naturales del Maestrazgo. La recuperación de caminos históricos, senderos, mesas de lectura del patrimonio cultural y natural, guías documentales y las unidades didácticas del Aula Maestrazgo completan una vasta oferta destinada al turismo cultural, al mundo educativo y a la población que vive en esta tierra.

La movilización cultural es un instrumento clave para que la población gestione el patrimonio como herencia, adopción e invención de soluciones ante los desafíos que le plantea un entorno mundializado, y como un mecanismo de articulación de los diferentes sectores sociales mediante la formación técnica y la información. Reconstruir la memoria como movilización de energías latentes, personales y sociales, tiene como objetivo la asunción por la población de la cultura-sujeto, a diferencia de la cultura-objeto estática y exterior, que permite reinventar el patrimonio, configurar la nueva identidad colectiva, agruparse para sentirse seres sociales y reconocerse en la persecución de objetivos comunes, e instrumentalizar una democracia profundamente participativa.

El verdadero motor del Parque Cultural del Maestrazgo son los Grupos de Acción sobre el Patrimonio de cada pueblo, lugares de encuentro de asociaciones locales, ayuntamientos, pequeños empresarios y universidad (Seminario de Arqueología y Etnografía Turolense y Facultad de Ciencias de la Universidad de Zaragoza). Actualmente, 17 pueblos, además de aquellos que ya están gestionando los parques temáticos, han imaginado e iniciado proyectos sobre la minería, la cerámica, el textil, ciclo del aceite, órdenes militares, órdenes religiosas,

arquitectura popular y monumental, entornos urbanos, casa natal de Pablo Serrano, parque de arte rupestre, el fuego, los pinares, las estepas, ciclo del cereal, cultura pastoril, entomología, la historia, el arte sacro, la música, la sociedad y la economía de hoy. Todas estas unidades están vinculadas entre sí por nexos de complementariedad en la globalidad discursiva del Parque Cultural que refleja una realidad viva y dinámica, configura un imaginario simbólico, un recurso social y económico, y crea una imagen diferenciada del territorio.

El concepto de patrimonio entendido como globalidad conduce a la noción de la gestión del espacio rural, que implica una ordenación y planificación en el uso de los recursos naturales, la potenciación de actividades compatibles con el uso de esos recursos, las relaciones de producción, distribución y consumo en el espacio, y los criterios de intervención de las políticas sectoriales y ordenadas de las actividades públicas y privadas. Las acciones emprendidas sobre los espacios naturales suponen un salto cualitativo del Parque Cultural del Maestrazgo en la medida que permiten la planificación y gestión del patrimonio natural: Planes de recuperación de los ríos Guadalope, Guadalopillo, Bergantes, Estercuel y río de la Val de Jarque, mediante la rehabilitación de riberas, valorización de los espacios, depuración de aguas residuales, y reforestación de espacios naturales.

## **ANTE EL PLAN DE LAS CUENCAS MINERAS**

Hemos visto cómo el modelo de desarrollo que se ha venido impulsando en el Maestrazgo muestra síntomas alentadores de éxito. Sin embargo, en la actualidad, dicho modelo se enfrenta a una serie de retos que condicionan su futuro a medio plazo.

El más decisivo de ellos es la necesidad de afrontar la crisis del sector minero-energético, que durante muchos años ha sido el más importante para la economía de la provincia de Teruel, y desde luego para buena parte de los municipios del área de actuación del CEDEMATE. La experiencia acumulada en procesos de reconversión anteriores y el importante volumen de fondos transferido a través del Plan de la Minería 1998-2005 han de constituir elementos positivos de cara a una eficaz ejecución de los proyectos para las Cuencas Mineras. Pero sobre todo, este Plan debe constituirse en un punto de inflexión a partir del cual se reconozca una realidad, cual es la de la profunda interconexión entre dos crisis (la crisis de la minería y la crisis del mundo rural tradicional), cuyas propuestas de solución deben necesariamente actuar de manera sinérgica, de modo que se generen economías de escala y complementariedades entre los recursos procedentes de ambos espacios.

Desde su experiencia en la gestión de espacios rurales deprimidos, el CEDEMATE ha jugado -y ha exigido jugar- un papel activo en la configuración de la propuesta global de infraestructuras y dotaciones al amparo del Plan de Cuencas Mineras, esforzándose por conferirle un esquema programado, que permita racionalizar los recursos disponibles y asegurar las bases de un futuro sostenible para toda la zona. La propuesta planteada desde el Maestrazgo, que sigue los principales ejes motores del modelo de desarrollo de nuestra comarca, y que ha sido en buena medida asumida por la propia Mesa de la Minería de Aragón, se basa en los siguientes programas: valorización del patrimonio; instalaciones de turismo cultural; gestión integral de cuencas fluviales; acciones transversales en medio ambiente; energías renovables; valorización de productos agroalimentarios; expansión ganadera; atención social y educación.

La adecuada implementación de estos programas, formados por un total de 159 proyectos distintos, permitirá poner en marcha una estrategia de desarrollo que pueda garantizar tanto la durabilidad del mismo como el adecuado grado de participación ciudadana en su gestión. Porque, efectivamente, la horizontalidad de buena parte de estos programas y el interés en implicar a la población local en los mismos, lleva a formular propuestas de ejecución administrativa que trascienden los rígidos límites de la asignación de competencias que opera hasta ahora, exigiéndose desde los territorios un papel más activo y la progresiva asunción de competencias en estas cuestiones, competencias hasta ahora asumidas totalmente por las Administraciones sectoriales a escala nacional y regional, y sólo ejecutadas y planificadas de manera subsidiaria por las poblaciones, Administraciones y entidades intermedias de carácter local. De ahí surge, con carácter general, una demanda de gestión de competencias desde el Maestrazgo y la Cuenca Minera, demanda que se apoya en el consenso y participación de los

agentes locales y de los distintos niveles de gestión (con un particular papel para las entidades de desarrollo como el propio CEDEMATE), así como en la experiencia acumulada por todos ellos en temas como el medio ambiente, patrimonio, educación, etc. En suma, una demanda de participación en la gestión de la cosa pública que se traduce en un proceso de profundización democrática, proceso para el que el Plan de las Cuencas Mineras 1998-2005 representa una gran oportunidad, a pesar de que éste, hasta ahora, no se haya caracterizado por una particular transparencia en su definición.

El reto de una adecuada ejecución del Plan de Cuencas Mineras se une al otro gran desafío que condiciona el futuro del Maestrazgo, como del resto del Aragón rural, y que se refiere a la revisión de los Fondos Estructurales de la Unión Europea, en el marco de la "Agenda 2000": no se ha insistido lo suficiente en lo decisiva que puede resultar para Aragón la pérdida de rentas procedente de dichos Fondos, y en la necesidad de buscar nuevas fórmulas de ocupación del espacio rural que permitan paliar los efectos de dicha pérdida. Esta situación se vive con particular intensidad en la provincia de Teruel, donde la aspiración a ser considerada "Objetivo 1" de la Política Regional comunitaria representa un claro agravio comparativo y un motivo de movilización de la sociedad. En buena medida, Teruel está "aguzando el ingenio" para intentar situarse en el entorno europeo en unas condiciones razonables.

Todo ello sitúa al Maestrazgo ante una encrucijada, en la que todos sus habitantes habrán de demostrar si el modelo de desarrollo hasta ahora puesto en marcha es eficaz en espacios afectados por otras crisis socioeconómicas, y al mismo tiempo es capaz de garantizar su durabilidad en un contexto europeo cambiante y progresivamente más difícil.

\* Coordinador del Centro para el Desarrollo del Maestrazgo  
Alcaide de Molinos

## **COLÔNIA JAPONESA DE SANTA CRUZ: OS FRUTOS DE UMA CULTURA**

Ana Paula Corrêa de Carvalho\* -

UNIRIO - Escola de Museologia – Brasil - RJ

---

### ABSTRACT

This work first analyses the maintenance of the cultural aspects of the Japanese community in Santa Cruz, RJ. Based on a study of the Japanese Society it aims the comprehension of the causes and peculiarities that generated the immigration from Japan to Brazil. Afterwards it intercrosses the social and cultural politics in both countries: Brazil and Japan.

\* Aluna do 8º período da Escola de Museologia da UNIRIO

## **COLÔNIA JAPONESA DE SANTA CRUZ: OS FRUTOS DE UMA CULTURA**

Ana Paula Corrêa de Carvalho\* -

UNIRIO - Escola de Museologia – Brasil - RJ

---

O presente trabalho analisa, inicialmente, a manutenção dos aspectos culturais da Colônia Japonesa e a sua relação com o Ecomuseu de Santa Cruz. Para tanto, empreendeu-se um estudo histórico-cultural da sociedade japonesa buscando compreender as causas e particularidades que geraram o processo de imigração daquele país para o Brasil, para em seguida, inter cruzar as conjunturas culturais e sócio-políticas nos dois países: Brasil e Japão.

Posteriormente, relatamos a presença da Colônia Japonesa em Santa Cruz e sua principal atividade, a agricultura, durante o primeiro governo Vargas.

A metodologia utilizada nesta análise pautou-se em uma perspectiva qualitativa e compreendeu os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas com os setores sociais pertencentes à Colônia citada.

Inicialmente, chegaram a Santa Cruz, em 1938, treze famílias japonesas. Essas famílias em sua maioria foram para Santa Cruz através da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), porém, logo que chegaram tiveram que se alojar em prédios públicos do INCRA e em uma escola pública da região.

Segundo depoimento dos pioneiros (pessoas que vieram na primeira leva, em 1938), a recepção por parte dos moradores de Santa Cruz não foi das melhores: “ ( ... ) olhavam como se tivessem vindo algo de muito diferente”.

Passada essa primeira fase, enfrentaram dificuldades de toda a ordem. As crianças precisavam caminhar horas para ir à escola e eram freqüentes as febres e enchentes. Sobre esta última, um dos atores sociais, pertencente à segunda geração dos pioneiros, afirmou: “( ... ) uma vez meu avô teve que pilotar uma lancha para ir de um lote para outro”. Agravando esse quadro havia, ainda, a falta de água e de luz elétrica.

Vencidas tais adversidades, iniciou-se uma fase de prosperidade na qual os principais produtos cultivados eram o quiabo, o tomate (desenvolveu-se a variedade tomate “Santa Cruz”) e o arroz. A partir de então a Colônia Japonesa de Santa Cruz tornou-se uma das mais produtivas do Estado do Rio de Janeiro, levando algumas revistas e jornais a denominarem aquela região de *cinturão verde do Rio*.

É importante ressaltar o trabalho feminino, principalmente na lavoura. Miyata, por exemplo, enfermeira formada, hoje com mais de 90 anos, inicialmente imigrou do Japão para São Paulo e depois para Santa Cruz, onde passou a ajudar as mulheres da Colônia na hora do parto, além de preparar injeções.

A Colônia Japonesa criou uma **sede** onde se reuniam para festas, lazer, entre outras atividades. As festas mais importantes eram a de aniversário de fundação da Colônia e a festa do ano novo, sempre lembrada por todos os descendentes e que tinha a duração de três dias. Para essa ocasião eram preparados pratos típicos, como o sushi e o sashimi e cantava-se o Hino Nacional brasileiro e o japonês.

Muitas outras tradições e comportamentos da cultura japonesa ainda vigentes na Colônia de Santa Cruz vêm sendo pesquisados e analisados. Torna-se necessário acrescentar que muitos desses costumes sofreram algumas modificações. Aspecto esse também inserido nas preocupações desse estudo. Na década de 70, a Zona Oeste do Rio passou por grandes mudanças, principalmente Santa Cruz, onde foi criado uma área industrial. Concomitantemente, inicia-se a proliferação dos Conjuntos Habitacionais. Alguns membros da Colônia em apreço venderam alguns lotes para a construção desses primeiros conjuntos habitacionais. O fator que parece haver determinado tal atitude por parte de membros da Colônia deve-se às dificuldades relacionadas à agricultura, principalmente pela falta de apoio por parte do governo e às enchentes.

Santa Cruz, que mantinha até então uma tradição rural, recebeu os conjuntos habitacionais e com eles pessoas que não eram acostumadas viver em áreas agrícola (muitos foram retirados das favelas ou áreas de risco). Por outro lado, o pólo industrial criado não absorvia toda a mão-de-obra. Um dos membros da Colônia afirmou: "(...) assim que chegaram, as pessoas nos xingavam dizendo: "Fora daqui, vocês não são brasileiros - e pegavam legumes das nossas plantações. Hoje já temos uma relação boa, de respeito".

À relação da Colônia Japonesa de Santa Cruz com o NOPH se deu através do Sr. Antonio Nicolau e uma das primeiras atividades realizada foi a **Exposição comemorativa dos 50 anos da Colônia japonesa de Santa Cruz**. Os descendentes participaram emprestando ao NOPH fotografias, diplomas, cópias de passaporte, medalhas, entre outros.

Com a criação do Ecomuseu em 1992, deu-se continuidade às atividades conjuntas, como a **Exposição dos 60 anos da Colônia Japonesa (1998)**, envolvendo a Colônia Japonesa e a comunidade de Santa Cruz.

Como ficará a Colônia Japonesa no futuro? Qual e como será a relação entre o Ecomuseu e a Colônia? Esperamos que esse estudo possa ajudar a responder a essas e a outras questões para a preservação de tão importante parte de nossa memória..

\* Aluna do 8º período da Escola de Museologia da UNIRIO

## BIBLIOGRAFIA

- FREITAS, Benedicto. *Santa Cruz - Fazenda Jesuítica, Real e Imperial*. Vols. I, II e III. Rio de Janeiro, Asa Artes Gráficas: 1985
- HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Impérios (1875 - 1914)*. Rio de Janeiro. Editora Paz e terra, 3ª ed. 1988
- SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi. *Estudos Brasileiros. Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil*. São Paulo, ed. Vozes: 1973
- SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *Anais do I Encontro Internacional de Ecomuseus*. Rio de Janeiro, Printel: 1992

## **MUSEUMS AND SUSTAINABLE COMMUNITIES NETWORK: OPENING NEW VENUES FOR COOPERATION**

*Georgina DeCarli\* - Instituto Latinoamericano de Museologia - ILAM /  
Universidad Nacional de Costa Rica - Costa Rica*

---

### ABSTRACT

For the communities to change their current paradigm of development that endangers the diversity and richness of the cultural and natural heritage, they must see with facts (i.e., the development of best practices) that it is more profitable the responsible usufruct of the resources that heritage offers rather than the benefits obtained by its irrational exploitation or destruction.

In several regional forums, museums of Latin America have expressed the need for museums to become "main actors" for making aware and educating visitors on sustainable development. As a result of these discussions several activities have taken place however, we consider that these institutions (museums / parks) can be more than "main actors" and become true agents of change and development for their communities.

Despite their scarce resources and the lack of training, these institutions have the elements and the necessary characteristics to embark the community not only into a process of awareness about the harm of their current paradigm of development but most of all provide the proposals and alternative ways so the community is in capacity of generating its own resources by using their heritage in sustainable ways.

But this will not be possible as long as museums and parks view themselves as ends rather than assuming themselves as means i.e., a channel by which the community (their community) can successfully establish a responsible and committed relationship with their integral heritage. To achieve the before mentioned the responsibility in the preservation and usufruct of the heritage must be a process of shared responsibility between institutions "officially" recognized as keepers of the heritage and communities that "traditionally" have been the owner of the heritage.

In response to this vision several museums of Latin America have been working tirelessly in close relationship with their communities developing successful experiences, unfortunately these experiences seldom have been studied and systematized looking to make them known and sharing their results. This lack of communication provoked the creation of a parallel effort and the reinvention of experienced formulas, losing in that manner a valuable opportunity to exchange them and, in doing so shortening distances and helping in a solid development of the institutions with common goals.

To save this situation the Latin American Institute of Museology (ILAM) is opening new ways of encounter and cooperation among these museums through its Web-site. In this framework of action we present the proposal of creating a Museum and Sustainable Communities Network thought as a space of encounter for museums, professionals and the public interested so they can get in touch, exchange information, learn about experiences and get specialized and up to day documentary material of the subject.

The exchange and systematization of the experiences of the community museums part of the Network will enable them to mutually nurture themselves and become true experts on the subject so at the same time they can advice new museums or traditional museums with the interest in interact with their community in the search of join solutions of their needs, enabling the sustainability of the community and the museum.

\*Antropóloga; Coordinadora do Programa de Museologia  
Universidad Nacional de Costa Rica; Diretora do Instituto  
Diretora do Instituto Latinoamericano de Museologia - ILAM

## **RED DE MUSEOS Y COMUNIDADES SOSTENIBLES: ABRIENDO NUEVAS VÍAS DE ENCUENTRO Y COOPERACIÓN**

*Georgina DeCarli\* - Instituto Latinoamericano de Museología - ILAM /  
Programa de Museología - Universidad Nacional - Costa Rica*

---

### INTRODUCCIÓN

Para que las comunidades cambien su actual paradigma de desarrollo, que pone en serio peligro la diversidad y riqueza del patrimonio cultural y natural, éstas deben ver con hechos (v.g. el desarrollo de practicas exitosas) que es mas rentable el usufructo responsable de los recursos que ofrece el patrimonio, que los beneficios obtenidos por su explotación irracional o destrucción.

Los postulados del Desarrollo Sostenible, expresan con claridad que, para que éste se constituya en un nuevo paradigma que asegure nuestra sobrevivencia, y la del planeta, la toma de conciencia y el cambio de valores debe ser producto de un proceso gestado en las bases de la sociedad civil. Como parte de ésta, las comunidades, deben interiorizar estos valores y llevarlos a la práctica en el ejercicio de su vida cotidiana, y en sus maneras de producir y reproducir sus condiciones de existencia.

Muchos han sido los documentos y reuniones que se han generado a partir de la Cumbre de la Tierra en los que se ha buscado enfocar la atención justamente en el tema de la relación entre cultura y medio ambiente, en los indicadores del desarrollo y el papel que deben jugar en el mismo las culturas locales.

Más aún, se ha denotado la necesidad de una visión integral del patrimonio, y el imperativo de estrechar los lazos de las comunidades con su patrimonio para lograr su sostenibilidad, lo cual ha sido puesto de manifiesto en forma recurrente en los diversos foros regionales de los museos de América Latina.

Ejemplo de esto último ha sido la organización de la Cumbre de Museos de las Américas: "Museos y Comunidades Sostenibles" en 1998, en Costa Rica, con la representación de delegados de 32 países y la participación de 150 instituciones. Su propósito fue el discutir estos problemas, encontrar una base común y proponer acciones, para que los museos se conviertan en "actores principales" en la puesta en práctica del desarrollo sostenible.

Producto de esta histórica reunión, fue la redacción de la Agenda para la Acción, estableciendo acciones de trabajo concretas para las instituciones del continente, y llegando a acuerdos unánimes sobre: la necesidad de fortalecer las relaciones respetuosas y armoniosas de los museos con las comunidades; fomentar la interacción de los museos e instrumentar redes para compartir información y capacitar al personal de los museos para enfrentar estos nuevos retos.

El Instituto Latinoamericano de Museología (ILAM), interpretando el espíritu de la Cumbre, abrió un espacio de encuentro y comunicación: "FORUM: Museos y Comunidades Sostenibles de América" en su sitio Web (<http://www.ilam.org>) En el se encuentra actualmente los acuerdos de la Cumbre (Agenda para la Acción) e información relacionada.

Pero lo anterior, es sólo un primer paso hacia un objetivo mayor, el cual es la creación de una Red de Museos y Comunidades Sostenibles, concebida como un espacio de encuentro de los museos, profesionales y público interesado para que puedan establecer contacto, intercambiar información, conocer experiencias y obtener material documental especializado y actualizado sobre el tema.

El intercambio y sistematización de las experiencias de los museos-comunidad integrantes de la Red, les permitirá nutrirse mutuamente y convertirse en verdaderos expertos en la temática, para que a su vez puedan asesorar a nuevos museos o museos tradicionales con la inquietud de interactuar con su comunidad en la búsqueda de soluciones conjuntas de sus necesidades, posibilitando la sostenibilidad de la comunidad y el museo.



## **LOS MUSEOS COMO AGENTES DE CAMBIO**

Los museos y parques de América Latina y el Caribe (alrededor de 5,000 en la actualidad) han sido, en gran parte, los responsables del rescate y preservación del patrimonio cultural y natural en peligro. En la última década, se hizo evidente la necesidad de cambiar esta concepción, es decir dejar de ser los “únicos responsables” de esta situación, y se abocaron a un proceso de concientización y educación a las comunidades y al público en general, sobre la urgente necesidad de proteger el patrimonio (v.g. exhibiciones temáticas, programas educativos en museos, educación ambiental en los parques, campañas de limpieza, reciclaje, reforestación, entre otros).

Si bien esto ha sido muy importante, y está rindiendo sus frutos, estas instituciones (museos / parques) pueden ser mucho más que “actores principales” para la toma de conciencia y educación del público visitante, y convertirse en verdaderos agentes de cambio y desarrollo de sus comunidades.

A pesar de sus escasos recursos y falta de capacitación, estas instituciones poseen los elementos y características necesarias para lograrlo:

Un buen nivel de aceptación y credibilidad por parte del público, la empresa privada y otras organizaciones en los ámbitos a nivel regional y nacional.

El respeto y reconocimiento por la labor que desempeñan en el rescate y preservación del patrimonio cultural y natural.

La capacidad de establecer alianzas institucionales y contactos con personas claves en diferentes ámbitos.

La capacidad de convocatoria para realizar actividades y conseguir personal voluntario.

Pero todo éste potencial no es suficiente, en la medida que estas instituciones no dejen de verse como un fin en sí mismas, y por el contrario se conciben o se piensan, como un medio, es decir, un canal a través del cual la comunidad (su comunidad) pueda establecer con éxito, una relación responsable y comprometida con su patrimonio natural y cultural.

Los parques y los museos, principalmente los eco-museos, museos comunitarios, regionales, y otros modelos alternativos, productos de los planteamientos de la Nueva Museología y la Museología Social, en su condición de custodios del patrimonio conjuntamente con la comunidad, conllevan un peso particular dentro de la trama social del desarrollo.

A través de ellos se pueden recuperar, legitimar y reactivar las prácticas culturales y ambientales “amigables” del pasado y del presente, que orienten las actividades productivas, el desarrollo científico tecnológico y la convivencia humana.

En esta redimensión de la función social de éstas entidades custodias del patrimonio, ellas están llamadas a convertirse en importantes agentes de cambio dentro del nuevo paradigma del desarrollo.

## **MAS ALLÁ DE LA PARTICIPACIÓN COMUNITARIA**

Todos sabemos de los relativos éxitos y fracasos de la participación comunitaria en procesos permanentes o proyectos de mediana y larga duración.

Por más convicción o buena voluntad que una comunidad, o un sector de la misma, tengan en el proyecto (desde involucrarse en una determinada actividad en la preservación del patrimonio a crear un museo) si éste la distrae de la generación de recursos para su sobrevivencia, su disponibilidad va a ser escasa o de corta duración.

La concepción de que los museos puedan convertirse en agentes de cambio para el desarrollo sostenible de su comunidad, radica en la convicción de que el museo posee las características necesarias para llevar a la comunidad no sólo a un proceso de concientización sobre lo perjudicial de su actual paradigma de desarrollo, sino ante todo proveerle de las propuestas y vías alternativas, para que ésta esté en capacidad de generar sus propios recursos utilizando formas sostenibles de uso del patrimonio.

Para lograr lo anterior, la responsabilidad en la preservación y usufructo del patrimonio debe ser un proceso de responsabilidad compartida entre las instituciones “oficialmente” custodias de ese patrimonio y de las comunidades “tradicionalmente” propietarias del mismo.

La responsabilidad compartida, parte de la actitud consciente del museo de dejar de lado el paternalismo, y compartir en vez de asumir ésta responsabilidad, por medio de establecer las siguientes metas como parte de su quehacer museológico:

Capacitar debidamente al personal del museo para que pueda trabajar conjuntamente con la comunidad en la preservación y usufructo del patrimonio integral.

Educar y concienciar a la comunidad para que asuman su directa responsabilidad en la preservación y salvaguarda de su patrimonio, como requisito previo a su usufructo responsable.

Compartir con la comunidad los conocimientos de la metodología museológica (técnicas de conservación, de investigación, de diseño de exhibiciones, de estudio de público, entre otros) posibilitando a la comunidad la utilización de éstos en su cotidianeidad y en la generación de proyectos exitosos.

Estimular y promover en las comunidades la creación de formas sostenibles de uso del patrimonio con el propósito de preservar, aumentar y enriquecer dicho patrimonio.

Desarrollar en forma conjunta -el museo y la comunidad- actividades o proyectos de reactivación productiva ("prácticas exitosas") que beneficien a ambos y tiendan a un aprovechamiento racional del patrimonio.

Lograr la participación de la comunidad es sin duda la base de este proceso, pero la crítica situación actual del patrimonio integral, necesita de parte de los museos y parques una posición y actitud comprometida, la cual conlleva inevitablemente un replanteamiento de la vinculación del museo con la comunidad, con el objeto de redefinir su misión y metas.

## **NUEVAS VÍAS DE ENCUENTRO Y COOPERACIÓN**

Anteriormente nos referimos a que el museo / parque posee las características necesarias para llevar a cabo la propuesta de acompañar a la comunidad en su proceso a la sostenibilidad, ya que no partimos de cero, tenemos la base de nuestra fuerza institucional, una gran fuente de recursos y contactos y una imagen establecida y reconocida en la comunidad.

Pero en general, la mayoría no posee los conocimientos ni oportunidades para implementarlo en forma eficiente debido a la falta de personal capacitado, de presupuesto, y sobre todo, de incompreensión por parte de la Dependencia Administrativa del Museo (y por lo tanto falta de apoyo y estímulo), imposibilitando así su transformación que los sitúe como verdaderos agentes de cambio.

Sin embargo, a pesar de ésta situación, en las dos últimas décadas en América Latina, varios museos han venido trabajando infatigablemente y en contra del statu quo, en estrecha relación con su comunidad, desarrollando experiencias exitosas, y algunas no tan exitosas, pero de todas formas de gran valor metodológico y epistemológico.

El hecho de que algunas de ellas no hayan sido exitosas, no se ha debido a una falta de claridad en su compromiso con la comunidad, sino porque aún no están preparadas para implementar un desarrollo holístico, participativo y autogestionario, ni están familiarizadas con herramientas de planificación que les ayuden a maximizar la probabilidad de éxito de sus proyectos.

Desgraciadamente éstas experiencias museo-comunidad, rara vez han sido estudiadas y sistematizadas, con el fin de darlas a conocer y socializar sus resultados. Esta falta de comunicación provoca la creación de esfuerzos paralelos y el reinventar fórmulas experimentadas, con lo que se pierde una valiosa oportunidad de que el intercambio de las mismas acorte distancias y coadyuve a un sólido desarrollo de instituciones con metas en común.

Por ello, promover la comunicación entre los museos en estos momentos se presenta como una actividad de vital importancia. Si bien existen foros nacionales y regionales que contribuyen al intercambio de experiencias y nuevos paradigmas, la participación y la información que se genera a partir de ellos está limitada temporal y espacialmente a aquellas personas e instituciones que pueden tener acceso a las mismas.

Salvar esta situación, sólo será posible, en la medida de que se abran nuevas vías de encuentro y cooperación entre nuestros museos.

## RED DE MUSEOS Y COMUNIDADES SOSTENIBLES

Sin lugar a dudas, la tecnología en comunicación y el crecimiento exponencial de su uso en América Latina, abre nuevas perspectivas. Esto está afectando considerablemente la forma de trabajo “aislada” de los museos, al proveerse de las herramientas básicas para su presencia en Internet, dándose a conocer a la comunidad internacional y posibilitando su acceso a información, la cual era muy difícil conseguir por las vías tradicionales.

Si bien es cierto que esta nueva tecnología no es de uso masivo en nuestras instituciones, en un estudio realizado en el ILAM a fines del 99, hemos podido constatar que alrededor del 30% de la totalidad de las instituciones custodias del patrimonio cultural y natural (o sea, alrededor de 1,500 instituciones de un total de 5,000) tienen algún tipo de presencia en la Web. Y por lo menos un 10% (unas 500 instituciones) disponen de la tecnología mínima para enriquecer su trabajo diario, con las posibilidades que éste abre.

Tomando en cuenta la actual situación y considerando:

- El aumento en la región de experiencias museo-comunidad realizadas en forma aislada, sin sistematizar la experiencia, ni compartirla. Y en consecuencia, la necesidad de dotar a estas instituciones de la tecnología adecuada para que puedan enriquecer su trabajo, intercambiar sus experiencias y socializar sus propuestas.
- La necesidad de capacitar al personal de los museos en los campos tradicionales de la museología enfocados a posibilitar una real vinculación museo-comunidad, para lo cual es necesaria la detección de información relevante sobre los diversos temas, como el desarrollo de metodologías didácticas apropiadas.
- El trabajo que el ILAM ha venido realizando en la región y su capacidad instalada diseñada para el trabajo en Internet, que ha posibilitado la creación de la Red-ILAM (Red Electrónica de Museos y Parques) dando acceso a la comunidad internacional al primer Directorio Latinoamericano de Museos y Parques (4,580 instituciones con enlaces a más de 1,400 páginas existentes; Directorio de Opciones de Capacitación en el campo museológico ofrecidas en América Latina (47 opciones distribuidas en 9 países); otros servicios, tales como: Cartelera de Actividades (congresos, exposiciones, pasantías, talleres, etc), Consulta Abierta (donde se da respuesta y se brinda asesoría a profesionales y público en general), y el Boletín de Noticias de la Red-ILAM, entre otros.
- Las acciones realizadas por el ILAM y el Programa de Museología de la Universidad Nacional (UNA) de Costa Rica, en los últimos 5 años sobre la temática del museo, la comunidad y el desarrollo sostenible, entre éstas:
- La investigación y construcción de una propuesta de trabajo para los museos y parques llamado “El Museo Productivo: una propuesta de cambio”, y su puesta en práctica a través de la creación del Museo de Cultura Popular de la Universidad Nacional. Esto nos permitió el diseño de un modelo reproducible en la región, a partir del cual éstas instituciones pueden desarrollar proyectos productivos conjuntamente con las comunidades, que beneficien a ambos y permitan a su vez la preservación del patrimonio integral.
- La organización del Seminario-Taller “Museos y Desarrollo Sostenible en Centro América y el Caribe Hispano”, en 1995, conjuntamente con ORLAC-UNESCO, el Consejo de la Tierra, el ICOM-Costa Rica y el Ministerio de Cultura de Costa Rica. Este evento contó con la representación de 10 países, lo que permitió vislumbrar el potencial de los museos / áreas protegidas como “actores principales” en el proceso de toma de conciencia y educación para el desarrollo sostenible de la comunidad.
- La realización de la Cumbre de Museos de las Américas “Museos y Comunidades Sostenibles”, en 1998, en Costa Rica, organizada por la AAM con la cooperación del ILAM, y

la colaboración del ICOM-LAC, el ICOM Canadá, el MAC, ICOM-Costa Rica y la Universidad Nacional. En ella participaron 32 países del Hemisferio, delegados de 150 instituciones, y observadores de la UNESCO, el Banco Mundial y el BID.

Debido por lo tanto, a las necesidades que comparten nuestras instituciones; a las acciones realizadas y acuerdos tomados hasta el momento; y las posibilidades que se abren con el uso de esta nueva tecnología, proponemos, a los colegas, instituciones y organizaciones participantes en este Foro, aunar esfuerzos en el desarrollo de la “Red de Museos y Comunidades Sostenibles” de América Latina.

Para proceder a la planeación del Proyecto y establecer los criterios de sostenibilidad del mismo, se hace necesaria la constitución de un comité regional voluntario de trabajo, para la convocatoria a las instituciones, como la consecución del patrocinio necesario que posibilite:

El acceso de los museo-comunidad de América Latina a tecnología actualizada, que les permita optimizar su trabajo, participar y fortalecer la Red.

La conformación de un Directorio de Museos-Comunidad que permita la detección de estas instituciones y su vinculación y comunicación, y la estructuración de una metodología que posibilite la sistematización de las diversas experiencias.

La detección de información relevante y el desarrollo de “paquetes de información” en línea (y su posterior publicación) sobre los principales temas vinculados a museos y comunidades sostenibles, que guíen la reflexión y el trabajo diario.

Por lo tanto, los convoco a unirnos en este esfuerzo, con la esperanza y convicción de que los museos latinoamericanos podemos y debemos jugar un papel de “agentes de cambio” en la región, para beneficio de nuestros museos y de las comunidades a las que servimos.

\*Antropóloga; Directora del ILAM: Universidad  
Nacional de Costa Rica

## **A NATUREZA COMO OBJETO MUSEOLÓGICO. PATRIMÔNIO E MEMÓRIA NA MUSEOLOGIA**

*Ana Evres\* - Museu da República - Brasil - RJ*

---

### RESUMO

A museologia será aqui entendida como uma disciplina que tem como objeto de estudo a preservação da memória. Contudo coexistem distintas concepções e abordagens museológicas que levam a compreensão de que este objeto assume diferentes características. Distingue-se três abordagens quanto ao tratamento da Natureza como objeto museológico, a partir de três modelos de coleções. Tais abordagens serão aqui tratadas como matrizes e estão em número de três. A matriz a refere-se às coleções de animais taxidermizados; a matriz b diz respeito às coleções dos jardins botânicos e zoológicos e a matriz c compreende as iniciativas de musealização de territórios, identificadas com os museus comunitários e ecomuseus. O estudo das relações entre as três matrizes terá como fundamentação teórica os trabalhos de Bruno Latour e Clément Rosset sobre a visão da modernidade sobre a Natureza.

Este estudo procura enfocar as diferentes abordagens da natureza como um objeto de estudo da museologia, a partir de documentos oficiais difundidos na América Latina e de textos de museólogos brasileiros. Busca aproximar as idéias de museologia, patrimônio e memória, tendo como referência Néstor Garcia Canclini. Caminha na investigação das várias idéias de natureza que compõem o pensamento contemporâneo. Constrói três matrizes para a compreensão das diferentes idéias de preservação da natureza nos museus. Tenta compreender a distinção entre natureza e cultura como uma idéia da modernidade, em textos de Bruno Latour e Michel Serres. Com os mesmos autores, procura entender uma possível não distinção entre natureza e cultura, na museologia.

\*Mestre em Memória Social e Documento; Assessora  
Técnica do Museu da República

## **NATURE AS A MUSEOLOGICAL OBJECT. HERITAGE AND MEMORY IN MUSEOLOGY**

*Ana Evres\* - Museu da República - Brasil - RJ*

---

### ABSTRACT

This research aims to focalize the different approaches of nature as an object of the study of museology, departing from official documents existing in Latin America and those created by Brazilian museum experts. It intends to analyze the museological heritage and memory ideas using as reference Néstor García Canclini. It adopts most of the ideas of nature which are present on three matrixes for the understanding of the different ideas of prevention of the nature in the museums. It tries to presents the distinction between nature and culture as an idea of modernity, in texts of Bruno Latour e Michel Serres. With the same authors, tries to understand a possible indistinction between nature and culture, on the museology.

\*Mestre em Memória Social e Documento;  
AssessoraTécnica do Museu da República

## **ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL - 18 ANOS: MATURIDADE E RENOVAÇÃO**

*Graça Filipe\* - Ecomuseu Municipal do Seixal - Portugal*

---

### RESUMO

Ao completar 18 anos como entidade museal, o Ecomuseu Municipal abarca hoje um vasto acervo, constituído por importantes coleções móveis (abrangendo muitos milhares de objectos), por fundos documentais, por património imóvel e um sítio arqueológico localizados em duas freguesias do conselho (Seixal e Corroios) e por embarcações tradicionais a navegarem no rio Tejo. Para além desse património museológico, o Ecomuseu preserva e transmite o saber-fazer materializado no trabalho e nas actividades de moagem, de construção naval e de navegação tradicional, decorrentes de componentes como o moinho de maré conservado em funcionamento, a oficina de construção de modelos de barcos tradicionais do Tejo, os dois botes de fragata e o varino reutilizados com fins didácticos e de recreio.

A par do trabalho centrado no seu próprio acervo e nos espaços integrados no Ecomuseu enquanto núcleos museológicos, outras actividades no âmbito da interpretação e da conservação do património concelhio têm acompanhado a intervenção municipal, ora de carácter urbanístico, ora de carácter ambiental, entre outros aspectos do desenvolvimento local.

A decisão de criar o Museu Municipal do Seixal esteve associada aos resultados de um levantamento histórico e cultural promovido pela Câmara Municipal a partir de 1979 e à relação dinâmica entre técnicos, autarcas e sectores da população, que trabalharam articuladamente para o conhecimento, a salvaguarda e a divulgação de testemunhos da ocupação humana no conselho do Seixal e da interacção daquela com o meio envolvente. Preocupando-se em evidenciar e compreender uma identidade, para uma população em mudança, construiu-se, ligado à noção de território, um projecto de valorização integrada de recursos locais. A identificação de bens imóveis e de embarcações a que se atribuía inegável valor histórico e patrimonial ligado à história e à identidade local sobreveio a recolha de objectos e documentos a que passou a atribuir-se um novo estatuto, inerente ao reconhecimento do seu interesse patrimonial e museológico.

É reportada a um tal universo de questões, aqui apenas esboçadas, que se deve entender a construção do museu do Seixal e o trabalho dos últimos 18 anos. Com o contributo essencial e incontornável da história e da arqueologia, o Ecomuseu exerce as suas funções específicas na perspectiva do desenvolvimento do tecido cultural e humano de que provêm e a que pertencem os testemunhos e os bens representativos do território e da sua população, incorporados como património museológico. Inserido na realidade local e sendo ele próprio instrumento e resultado do desenvolvimento a nível regional e, particularmente, à escala do conselho, o Ecomuseu Municipal do Seixal tem por missão contribuir para o enriquecimento das memórias colectivas e o reforço das identidades, assentes em recursos locais, que estimulem as diversas vertentes desse desenvolvimento.

\*Chefe de Divisão de Património Histórico e Natural  
Ecomuseu Municipal do Seixal

## **ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL - 18 YEARS : MATURITY AND REVIVAL**

*Graça Filipe\* - Ecomuseu Municipal do Seixal - Portugal*

---

### **ABSTRACT**

On its 18th anniversary as a diversified museum complex, the Ecomuseu Municipal contains a vast store of assets, including important artifacts (many thousands of objects), documents, estate, archaeological sites located in two of the parishes (Seixal and Corroios) and traditional boats sailing on the River Tagus. In addition, the Ecomuseu has preserved and passes on a know-how of flourmill work and related activities, of naval construction and traditional navigation at some of the museum facilities: the Moinho de Maré (tide mill), which is still in use; a workshop for the construction of models of traditional River Tagus boats; the two “botes de fragata” (frigates) and the “varino” (small frigate), now used for instruction and entertainment purposes.

The activity of the Ecomuseu includes not only the study of its own assets and facilities, but also the interpretation and conservation of the municipal heritage, especially in urban and environmental areas, among other local development issues.

The decision to create the Museu Municipal do Seixal was taken when the results of an historical and cultural survey promoted by the Town Hall after 1979 were disclosed. It is also closely related to the dynamic relationship between technicians, local authorities and specific population groups, which have worked together in order to understand, preserve and pass on information about the remains of human occupation in the Municipality of Seixal and its interaction with the surrounding areas. In order to ascertain the identity of a constantly-changing population, we designed a project to stress the importance of the local resources related to the idea of territory. By identifying buildings and boats which bear undeniable historic and heritage value related to local history and identity, several objects and documents were collected and their value was considered to be higher because of the recognition of their heritage and museological interest.

The creation of the Seixal museum complex and the work of the past 18 years has to be understood within this context. With the essential contribution from History and Archaeology, the Ecomuseu carries out its specific functions towards the development of the cultural and social fabric of the community, using the remains, documents and properties from the land and people. The museum is integrated in local life and is itself the result of regional development, particularly within the municipality. The aim of the Ecomuseu Municipal do Seixal is to contribute to enrich the collective memories and to strengthen local identity through its resources in order to stimulate the different aspects of regional development.

\*Chefe de Divisão de Património Histórico e Natural  
Ecomuseu Municipal do Seixal

## **ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL - 18 ANOS: MATURIDADE E RENOVAÇÃO**

*Graça Filipe\* - Ecomuseu Municipal do Seixal - Portugal*

---

Tendo emergido de um contexto social e político que, aparentemente distante, poderemos ver projectado no actual quotidiano do conselho do Seixal, o museu municipal merece-nos algumas reflexões breves, as quais, por razões diversas, podem ser partilhadas tanto com a comunidade local como, em geral, com pessoas interessadas pelo universo patrimonial e museológico.

O Ecomuseu Municipal do Seixal tem por missão fundamental interpretar, incorporar, valorizar e difundir informação sobre a realidade territorial e populacional do conselho em que se insere, contribuindo para a construção das memórias colectivas, para o processo de aprofundamento das identidades locais - através do trabalho museal nas suas diversas vertentes - e para estimular o desenvolvimento cultural, tornando-se ele próprio instrumento activo (com o reconhecimento da população) e resultado dum desenvolvimento sustentado da região.

Ao completar 18 anos como entidade museal, o Ecomuseu Municipal abarca hoje um vasto acervo, constituído por importantes coleções móveis (abrangendo muitos milhares de objectos), por fundos documentais, por património imóvel e um sítio arqueológico localizados em duas freguesias do conselho (Seixal e Corroios) e por embarcações tradicionais a navegarem no rio Tejo. Para além desse património museológico, o Ecomuseu preserva e transmite o saber-fazer materializado no trabalho e nas actividades de moagem, de construção naval e de navegação tradicional, decorrentes de componentes como o moinho de maré conservado em funcionamento, a oficina de construção de modelos de barcos tradicionais do Tejo, os dois botes de fragata e o varino reutilizados com fins didácticos e de recreio.

A par do trabalho centrado no seu próprio acervo e nos espaços integrados no Ecomuseu enquanto núcleos museológicos, outras actividades no âmbito da interpretação e da conservação do património concelhio têm acompanhado a intervenção municipal, ora de carácter urbanístico, ora de carácter ambiental, entre outros aspectos do desenvolvimento local.

Evoluindo, sob a tutela da Câmara Municipal do Seixal, integrado no Departamento da Cultura, Educação, Desporto e Juventude, em interacção com a mudança do meio social e territorial envolvente, o Ecomuseu - Divisão de Património Histórico e Natural tem procurado renovar-se como serviço público com atribuições funcionais específicas, na área da investigação, em múltiplos campos temáticos ligados às realidades locais, na área da documentação e da conservação de património e na área de difusão, através de exposições, de programas de extensão cultural e educativa e de edição. O conselho dispõe de um alargado património e de serviços museológicos, os quais se tornam progressivamente mais habilitados a responder às necessidades dos públicos e às aspirações da comunidade envolvida no projecto museológico municipal. Por isso, quando comparadas a fase da sua criação e a fase actual, de consolidação e amadurecimento do projecto, constata-se que o Ecomuseu dispõe igualmente de novos recursos, no plano qualitativo e no plano quantitativo, que responsabilizam também a sua equipa técnica por uma gestão cada vez mais exigente e participada.

Sabe-se que a decisão de criar o Museu Municipal do Seixal esteve associada aos resultados de um levantamento histórico e cultural promovido pela Câmara Municipal a partir de 1979 e à relação dinâmica entre técnicos, autarcas e sectores da população, que trabalharam articuladamente para o conhecimento, a salvaguarda e a divulgação de testemunhos da ocupação humana no conselho do Seixal e da interacção daquela com o meio envolvente. Preocupando-se em evidenciar e compreender uma identidade, para uma população em mudança, construiu-se, ligado à noção de território, um projecto de valorização integrada de recursos locais. À identificação de bens imóveis e de embarcações a que se atribuía inegável valor histórico e patrimonial ligado à história e à identidade local - nomeadamente moinhos de maré, antigas fábricas, igrejas paróquias, núcleos urbanos, alguns dos últimos barcos de tráfego local do Tejo - sobreveio a recolha de objectos e documentos a que passou a atribuir-se um novo estatuto, inerente ao reconhecimento do seu interesse patrimonial e museológico.



Num território geograficamente privilegiado e dispendo de recursos naturais que durante séculos foram objecto de fruição, pelas populações aqui fixadas ou pelos que foram atraídos para a rentabilização daqueles, foi sobretudo por via da proto-industrialização e da industrialização que a paisagem adquiriu as principais marcas duma extraordinária relação do Homem com o meio, aproveitando as energias renováveis e diversificando a aplicação das tecnologias e os produtos obtidos. A industrialização abriu surpreendentes caminhos ao crescimento demográfico e à transformação deste mesmo território, ao mesmo tempo que confrontou a sociedade com uma multiplicidade de problemas ambientais, socioeconómicos, culturais ...

É reportada a um tal universo de questões, aqui apenas esboçadas, que se deve entender a construção do museu do Seixal e o trabalho dos últimos 18 anos. Com o contributo essencial e incontornável da história e da arqueologia, o Ecomuseu exerce as suas funções específicas na perspectiva do desenvolvimento do tecido cultural e humano de que provêm e a que pertencem os testemunhos e os bens representativos do território e da sua população, incorporados como património museológico. Inserido na realidade local e sendo ele próprio instrumento e resultado do desenvolvimento a nível regional e, particularmente, à escala do conselho, o Ecomuseu Municipal do Seixal tem por missão contribuir para o enriquecimento das memórias colectivas e o reforço das identidades, assentes em recursos locais, que estimulem as diversas vertentes desse desenvolvimento.

Apesar de diversas dificuldades de funcionamento devidas a carências logísticas, a avaliação geral aponta uma evolução importante, através da articulação de meios, da ligação e do envolvimento, consoante os projectos e os temas tratados, com diferentes sectores da comunidade e do aprofundamento da experiência da equipa na interpretação da sensibilidade dos utilizadores. Experimentaram-se parcerias e puseram-se de pé projectos à partida ambiciosos, cujos principais resultados se traduzem não só na adesão dos públicos, como na confiança manifestada pelos doadores que ajudaram ao enriquecimento e crescente representatividade do acervo museológico e pelos cooperantes - investigadores, informantes locais, instituições diversas - com que se actualiza e renova o banco de dados do Ecomuseu sobre o território.

Tão importante como a participação ou a solução dos problemas logísticos, ou mesmo como o complexo sistema de gestão de tão avultados recursos patrimoniais e museológicos, é o desenvolvimento dos programas de investigação, com a preocupação da inter e da transdisciplinaridade. Deles dependerá, em última instância, a renovação de espaços e de núcleos, a qualificação das exposições e dos projectos educativos, enfim, a satisfação das exigências duma população em crescimento - a que é necessário dar motivos de referência e de identificação com o território - e a resposta aos desafios da globalização e da supremacia das novas tecnologias.

\*Chefe de Divisão de Património Histórico e Natural  
Ecomuseu Municipal do Seixal

## THE FUTURE OF ECOMUSEUMS

*Maurizio Maggi\* / Federico Zatti\*\* - IRES Piemonte - Itália*

---

### ABSTRACT

The transformation of the concept of cultural heritage, less and less tied to aesthetic values or values representative of 'high' culture, and increasingly inclusive of 'social' elements, is a long-term phenomenon that has been in progress since the end of the nineteenth century. Ecomuseums represent an important step in this long process.

IRES conducted an international survey, mailing 193 questionnaires to ecomuseums in various countries and organizing 30 meetings with museum professionals to seek answers to the following questions: how does the ecomuseum initiative fit into the framework of cultural policies and of the attempt to make culture a strategic development factor at regional level? How should the economic, cultural and environmental development of a local area be promoted? How is the ecomuseum movement faring today? Has it been a success or a failure? Which, if any, are the models to follow, and which are the errors to avoid? Does the transformation in progress in the world of museums affect ecomuseums too? If so, does it take on specific characteristics?

The number of institutions which define themselves as ecomuseums is high and increasing all the time. Not all such institutions, however, correspond to the 'integral museum' model defined in Santiago in 1972. Indeed, some of the characteristics believed to be peculiar to ecomuseums, such as interpretation in situ or involvement of the local community, may also be shared by many innovative museums tied to traditional theme typologies. Moreover, the great variety of the historical origins of ecomuseums is one of the root causes of the typological indeterminateness in which the movement operates today. In view of the combination of these two factors, it thus seems realistic to expect to see a panorama of institutions emerging in which each adheres only in part - and each on its 'own' behalf - in the original ecomuseum model.

The relationship between ecomuseums and local development would appear to be the most useful testing ground for analysis of the different experiences. Research results highlight the emergence of two local development models: one adaptive (ie, seeking to increase the visibility of places) and one evolutionary (ie, seeking to transform places). They also point to potential conflict between short-term development goals (tourism) and long-term development goals (social and local competitiveness).

The most promising course to follow would appear to be that of local development in the fullest sense of the term (ie identity reinforcement to increase local area competitiveness through cultural districts), avoiding the dangers of the adaptive model, which induces no changes in the use of local and patrimonial resources, and of tourism, which reaps fruits only in the short term.

\* Pesquisador do Instituto de Pesquisa do Piemonte (Itália)

\*\* Pesquisador do Instituto de Pesquisa do Piemonte (Itália)

# THE FUTURE OF ECOMUSEUMS

*Maurizio Maggi\* / Federico Zatti\*\* - IRES Piemonte - Itália*

---

## 1 . A European Survey

Introduction. In 1995, the Piedmontese Regional Council approved a law for the promotion of ecomuseums. After the law was passed, in 1996, 500,000 euros were allocated to the funding of museum initiatives along the guidelines that had inspired the legislation.

In the years immediately subsequent, allocations increased to a total of 3 million euros in four years. The problem then arose of pinpointing selection criteria to channel funds towards the most interesting user opportunities, namely the ones which best reflected the spirit of the law. Within this framework, IRES Piemonte was commissioned to make a survey of ecomuseums.

More specifically, and through comparative analysis of Italian and European regions where necessary, IRES's aim was to identify criteria for the distribution of available resources functional to socio-economic development.

Questions to answer. The chief problem - and the most immediate one was to define a system of funding. It did not simply boil down to the identification of a set of criteria useful for the screening of applicants, but begged the mirror-like question: how can we improve their performance? In other words, two distinct aspects appear on the agenda:

selection criteria in the distribution of resources (how can we distribute funds according to the spirit of the law? Is it possible to find a non-rigid system which orients funds in such a way as to provide incentives?)

and support and guidelines for participants (how can we help ecomuseums to adapt to the provisions of the law?).

Other questions also have to be asked. They may be less pressing than the ones listed above in so far as they are not tied to specific spending provisions, but they are nonetheless important for the future of ecomuseums.

How can we fit the ecomuseum initiative into the general framework of policies in the cultural field and of the attempt to make culture a strategic development factor at regional level?

How can we promote the economic, cultural and environmental development of a local area? Can ecomuseums help and, if so, how? Is there a latent conflict between the need for tourist development and the conservation and exploitation of memory?

How is the ecomuseum movement faring today? Has it been a success or a failure? Which, if any, are the models to follow, and which are the errors to avoid? Does the transformation in progress in the world of museums extend to ecomuseums too? And does it assume specific characteristics in the case in point?

## 2. Research Methodology

The study was based on a postal survey involving over 190 institutions, as well as interviews and talks with the curators and managers of 24 Italian and European ecomuseums. Direct interviews were also conducted with representatives of international bodies or bodies operating in the ecomuseum field (UNESCO, International Council of Museums, Fédération des écomusées et des musées de société, Federation of Swedish Ecomuseums, Réunion Musées Nationaux and so on).

The research team was formed by Maurizio Maggi (coordinator), Cecilia Avogadro, Giulia Carbone, Paola Ciocca, Vittorio Falletti and Federico Zatti.

The postal survey. A questionnaire drawn up in various languages (English, French, German, Portuguese and Spanish) or in Italian was sent to about 670 museums in European countries, Brazil and Canada.

The survey envisaged museums of various typologies (ecomuseums, demo-ethno-anthropological museums, freilichtmuseums, open-air museums, heimetmuseums and

suchlike), bearing in mind the experiences developed historically in the different countries in terms of initiatives to enhance local communities and areas.

The questionnaires were not distributed randomly, so it would be impossible to speak in terms of a true statistically significant sample. Nonetheless, the collecting of about 200 questionnaires (of which over 70 from museums which define themselves as ecomuseums) represents a relevant stock of information.

The questionnaires received account for about 29% of those sent - a positive result.

Results of the IRES postal survey:

	<i>sent</i>	<i>returned</i>	<i>%</i>
<b>Italy</b>	357	69	19,3
<b>Portugal-Brazil</b>	11	9	81,8
<b>Scandinavian area</b>	30	16	53,3
<b>French-speaking area</b>	150	69	46,0
<b>Germanic area</b>	97	27	27,8
<b>Others</b>	25	3	12,0
<b>Total</b>	670	193	28,8

Direct interviews. In parallel with the postal survey, direct meetings were organized with museum managers (principally museum curators).

The purpose of this type of survey, complementary and not alternative to the postal one, was to use direct interviews, hence the in-depth exploration of a necessarily limited number of cases, to grasp details which the questionnaire survey failed to throw up. Furthermore, the interviews allow us to decipher any ambiguities or unclear answers arising from the postal survey with greater clarity.

A brief initial cycle of meetings also served to draw up the questions to use in the questionnaire more specifically. Visits to museums in the company of professionals also allowed us to explore 'behind the scenes' and to exploit viewpoints that would not come out in normal surveys or normal visits.

The interviews were conducted in Europe with Icom Italy, UNESCO, Federation des ecomusées de France, the curators or managers of three museums in France, five in Portugal, six in Italy, one in Germany, one in Holland and eight in the Scandinavian area.

### 3. Results

A growing phenomenon. The interest for ecomuseums and, more generally, for the improvement of museums of the ethnographic, territorial or material culture heritage is widespread and growing. A sharp increase in the number of museums of this type has been recorded throughout Europe.

More specifically, the institutions which replied to the IRES survey all came into being in the last 30 years, with a notable increase in the phenomenon, numerically speaking, in the Eighties. The European ecomuseum situation today breaks down into four large areas: the Scandinavian area, the Germanic area, the French-speaking area and, more recently, the Portuguese area. Worldwide, the experiences of Brazil, Mexico, Venezuela and, more recently, India too, are seen as particularly promising (De Varine, pers. comm., 1999) and very close to the 'integral museum' concept defined at the Santiago Conference in 1972.

An unexplored phenomenon. Despite the great practical interest that has led and leads to the birth of many institutions of this type, systematic studies which seek to offer an overall vision of the phenomenon are conspicuous by their virtual absence<sup>1</sup>, though many monographic studies and articles exist on single ecomuseums.

A difficult definition. The definition of the ecomuseum concept itself is cloaked in considerable uncertainty. Right from the outset, the ecomuseum was defined by Hugues de Varine, who coined the term in 1971, as a continuously evolving concept. Despite the many attempts to provide further definitions<sup>2</sup>, disputes continue<sup>3</sup>. The French museologist Emilia

Vaillant recently introduced the term 'musée de société' to differentiate the ecomuseums most similar to the original models of the early Seventies from institutions generically dedicated to the improvement of a local area, a trade or a population.

Ecomuseums and Nouvelle muséologie. For some decades now, museums have been undergoing a major transformation. This process stems largely from the strengthening of the bond between museums as institutions and the community, as well as the increased emphasis which they attribute, in their interpretation, to the social aspects of culture<sup>4</sup>. This phenomenon sharply affects ecomuseums, which more than any others have interpreted the innovative concepts of the Nouvelle muséologie.

It used to be easy to define the traditional museum on the basis of the nature of its exhibits, while an institution inspired by the principles of Rivière and de Varine probably requires more elastic categories, in part different from the ones we are accustomed to. Considered in the light of these transformations, any terminological uncertainty appears anything but paradoxical. The difficulty of defining the ecomuseum concept derives partly from the fact that we often try to measure a new type of museum using old parameters. But the fact is that the concept of the museum has changed: moving on from a museum of objects to a museum of ideas, it is, in effect, more difficult to come up with rigid definitions. Moreover, the relative diffusion of the ideas of the Nouvelle muséologie confuses the situation all the more in that many characteristics that were believed to be peculiar to ecomuseums, such as interpretation in situ or involvement of the local community, may actually belong to and be effectively implemented by many innovative museums in traditional theme typologies.

Economics or culture? A creeping conflict is under way between different conceptions of the ecomuseum's mission. More specifically, in the analysis of the literature, but also of the results of the IRES survey, economic development goals - invariably bound up in the exploitation of tourism - are counterpoised by identity reinforcement thanks to the recovery of the historical roots of a community and its memory. Interesting traces of this conflict are to be found in de Varine's 'objections' to his own term of 'ecomuseum' (H. de Varine, 1996), in Hudson's appeal to realism, among economic and cultural objectives (K. Hudson, 1996) and in museum curators' replies to the IRES questionnaire.

Nonetheless, the enhancement of the heritage and its ties with cultural tourism are fascinating and cannot be avoided, especially in regions (such as Piedmont) which intend to make the most of cultural tourism without being able to count upon attractions of noteworthy importance (at least in comparison with neighbouring areas).

Culture and development. The clash between economic and cultural interest may be attenuated when spaces exist for the development of 'exploratory' cultural tourism, attributing top priority - chronological priority included - to the first objective (Anders Jorgensen, pers. comm., 1999).

In reality, the conflict is less of a cause for concern than the declarations of many curators may lead us to believe, especially if we consider the role which culture can play as a strategic development factor, and if we observe the situation in its global context (the need to reinforce local identity as a long-term competitive factor).

#### **4. The Situation of Italian Ecomuseums**

Emerging ecomuseums. Italian museums which address subjects related to the enhancement of local areas and identities boast a wide variety of origins. This multiplicity of sources is one of the roots of the typological indeterminateness in which the ecomuseum movement operates. The fact is that, alongside local groups keen to create totally new ecomuseums, no less important processes of spontaneous transformation of the existing museum heritage are in progress. This process of change is obviously influenced by the past history of single institutions, by the type of enhancement it has sought to develop and by competences accumulated in the course of time. It is thus reasonable to expect a panorama of institutions to emerge in the near future in which only some - and each on its 'own' behalf - will correspond to the original ecomuseum model.

Inside the ongoing transformation process, no museum typologies would appear to come closer than others to the ecomuseum concept. For example, comparison of characteristics such

as percentage of local visitors or the residence of the curator fail to show a difference between ecomuseums and the other local museum typologies examined.

From the point of view of museology (seen as the relationship between museum and society) and of courses followed, it is possible to identify two extreme benchmark models: the adaptive museum and the evolutionary or project-oriented museum. The first, not necessarily born of operational museums, seeks first and foremost to promote the existing heritage, which it may reorganize in a way that is more compatible with the ecomuseum model. Often such museums are nothing but local marketing operations. The second model, which may be born of operational museums, seeks instead to trigger a process of enhancement based on change and the revitalization of the existing heritage.

*FACT SHEET 1 The adaptive and evolutionary ecomuseum models*

Globalization and the risk of cultural leveling and standardization spawn the need to enhance, strengthen, make emerge and, sometimes, 'create' culturally well-defined and identifiable local areas.

The urge to promote local areas may take on characteristics which fit into a spectrum of possibilities defined by two extreme typologies, one adaptive, the other evolutionary.

The adaptive ecomuseum is, basically, an ex-post ecomuseum umbrella (the ecomuseum as a system of more than one existing site) which fails to introduce relevant changes to the organization of local resources, especially human resources (ie, citizens, proprietors, entrepreneurs and organized groups). The focus is more on the concept of the recognisability or visibility of an area or center than on its local identity. The first is an aspect of local area marketing which is certainly useful, but not decisive if isolated from an identity growth process, while the second is a cultural and socio-economic notion.

**Adaptive model**

Targeted at creating the ecomuseum  
 Ecomuseum modeled on the local area  
 Ecomuseum as a place  
 Ecomuseum as a heritage stock  
 Metaphor of the circuit  
 Static ecomuseum  
 Local community receives benefits  
 Ecomuseum as a collection of objects  
 Local area which implodes on the ecom.  
 Ecomuseum nourished by local heritage  
 Ecomuseum of what there is  
 Ecomuseum as an end  
 Short-term tourist enhancement  
 Passive conservation

**Project model**

targeted at enhancing the local area  
 ecomuseum which models the local area  
 ecomuseum as a process  
 ecomuseum as a flow  
 metaphor of the project  
 dynamic ecomuseum  
 local community invents benefits  
 ecomuseum as a working plan  
 e.m. which explodes towards the local area  
 e.m. which transforms and enhances the local area  
 ecomuseum of what there is yet to be  
 ecomuseum as a means  
 identity reinforcement for long-term competition  
 active conservation

From the point of view of economics and the various priority objectives, it is possible to identify options which range from the privileging of short-term tourist growth to the reinforcement of local identity and competitiveness of the local area within a less temporal horizon. The range of possible options in terms of means and ends may be combined to give life to a variety of different theoretical benchmark models.

Real initiatives obviously fall on the borderline on either side of the theoretical 'quadrant'.

The spirit of the 'integral museum' clearly inclines towards the top end of the opportunity diagram, and thus tends to foster local area promotion processes through the transformation and effective mise en valeur of the heritage with a temporal horizon which slopes more towards the short and long term, according to the needs of each single community.

Projects based on promotion alone, that is to say centered on the commercial diffusion of an area's visibility - even when the area has its own autonomous rationality and raison d'être, ought to be funded with a variety of instruments and in different contexts.

On the other hand, initiatives to reinforce local identities incapable of sparking genuine processes of transformation of local realities are entirely abstract in character. Since they respond only formally to the spirit of the law, they deserve to be discouraged.

## 5. The Future of Ecomuseums

The specific nature of ecomuseums. The transformation of the heritage, less and less tied to aesthetic values or values representative of 'high culture' and increasingly inclusive of 'social' elements, is a long term phenomenon which has been in progress since the end of the nineteenth century. Ecomuseums are one step in this long evolution.

It is hard to define ecomuseums in this process because the tendential shift from museum of objects to museum of ideas blurs the borderlines of thematic jurisdiction.

the concept of territory has changed and has been enriched by new social aspects  
the concept of museum has changed and many of its original characteristics are beginning to spread (the Nouveau muséologie); hence only some (such as the enhancement of local areas) remain as distinctive features of the ecomuseum as such  
ecomuseums have many roots (parks, existing local museums, cultural groups), and any institution which comes into being is influenced by the history of its promoters.

More or less faithful adhesion to an abstract model is thus not a crucial aspect. The correspondence of single projects to cultural and area development projects of local communities is, therefore, a more substantial factor by far.

Ecomuseums and development: a crucial node. On account of their nature and history, ecomuseums are particularly tied to the demands of the community. In the present phase, such demands are all about how to ensure economic development in non-traditional sectors and how to conserve an identity in the era of globalization. These preoccupations are common to many rural areas in both industrialized and non-industrialized countries. Hence the need to consider the following premises:

Development is not only tourism, but derives from the balancing of different components (income does not guarantee development)

The tourist phenomenon has to be managed (sustainable tourism) and not suffered (tourist colonization)

Identity is a decisive factor for increasing the competitiveness of a local area within a non-immediate temporal horizon, hence the difference (not necessarily an incompatibility) which exists between short-term development goals (tourism) and long-term goals (social and local area competitiveness).

The cultural district: a possible solution? The course that seems most promising for the future of ecomuseums is that of local area development in the overall sense of the term (economy and identity through the cultural district), avoiding the dangers of the adaptive model, which induces no change in the use of local area and patrimonial resources, and hetero-direct tourism, which reaps fruits only in the short term.

Identity creation-reinforcement is the key to the question. The cultural heritage in the contemporary sense of the term, hence devoid of aesthetics and including material aspects, can play its role to the full, if there is a strong social identity to which the ecomuseum has to contribute.

### *FACT SHEET 2 Cultural districts*

Cultural districts are an original Italian contribution to the problem of local development founded on the dynamic growth of small and medium enterprises closely integrated in the local areas and community.

Industrial districts are identified as areas characterized by a high density of small and very small firms specializing in different phases or methods of the same production process with a human involvement which extends beyond the confines of a real production plant.

The identification of the industrial district concept has been an important step in Italy - together with special legal provisions - for the perfecting of initiatives designed to prompt and

reinforce new alternative ways of economic development with respect to traditional policies of support to large enterprises.

Likewise, when it comes to relations between culture and development, one worthwhile way of promoting cultural districts is to think about the meaning of the concept itself.

Both in economic terms (optimal dimension, positive externalities and structure of the production system) and institutional terms (protection of knowledge and reputation), cultural districts are at the frontier of three modern intellectual revolutions: the revolution of technological knowledge, the revolution of information knowledge, characterized by the explosion of a global retail system (the Internet on which knowledge workers distribute ideas, culture, goods and services) and the cultural knowledge revolution whose expansion transforms life styles and plans, modifies time constraints on the consumer and challenges economic orthodoxy with the presence of symbolic goods which, as in the case of industrial design, subvert the logic of production costs in favor of international competition, which expresses itself increasingly in terms of product quality' (Walter Santagata, promemoria for the World Bank, January 2000).

A recent definition (W. Santagata, *Il giornale dell'arte*, Allemandi, 2000) identifies three typologies of cultural district: the area packed with firms whose products originate largely from local cultural elements; the area whose emergence is facilitated by recognition of property rights over cultural elements (such as areas with products of controlled denomination of origin); and areas in which it is possible to find a high density not so much of firms as of heritage or, better still, of different levels of interpretation and enhancement of that heritage (from landscape to history, art, architecture and food and wine).

In reality, these three models show a good level of reciprocal overlaying. What is important for our purposes is that it seems to emerge from studies of different aspects of local areas (marginality, evolution of agricultural methods and relations with the area, environment and economic development, culture and economic development, geography of identities) that, when the overlaying of different 'patrimonial planes' exceeds a certain threshold, development opportunities are created (in a broad, not only economic, sense).

This opens interesting perspectives for research, in which the study of the local area almost certainly requires a multidisciplinary, holistic approach.

It would be interesting, first and foremost, to develop new paradigms of interpretation of local areas designed to go beyond the traditional concept of marginality/development, and supplementing it with cultural development indicators. This might allow us to recognize areas homogeneous from a cultural (environmental and natural, historical, linguistic, eno-gastronomic, economic) point of view, a first step for the analysis of proposals designed to boost opportunities for enhancement (economic enhancement included) or to prompt or strengthen local entrepreneurs.

\* Research IRES Piemonte;

\*\* Research IRES Piemonte

## BIBLIOGRAPHY

- Boylan P., *Ecomuseums and the new museology: some definitions*, *Museums Journal*, 1992  
Davis P., *Ecomuseums: a sense of place*, Leicester University Press, 1999  
De Varine H., *Ecomuseum or community museum?*, *Nordisk Museologi*, 1996  
Hudson K., *Ecomuseums become more realistic*, in *Nordisk Museologi*, 1996  
Maggi M., *Amuse: Innovation on museums*, Rosselli Foundation Technical Report, 1999  
Santagata W., *Sarà a distretti la cultura del Duemila*, in *Il giornale dell'Arte*, n.185 January 2000, Allemandi

### Notes:

- 1- and exception is the recent book by Peter Davis (P. Davis, *Ecomuseums*, Leicester University Press, 1999)
- 2- Patrick Boylan and, more recently, Peter Davis
- 3- documented by K. Hudson, 1996; H. de Varine, 1996; Argenta conference, 1998; P. Davis, 1999
- 4- Fondazione Rosselli, *amuse: innovation on museums*, F.R. Technical paper, 1999



## **“EN LISANT L’ ESPRIT DES VISITEURS DU MUSÉE NATIONAL DE RIO DE JANEIRO”**

*Angela Maria Moreira Martins\* - UFRJ / FAU - Brasil - RJ*

---

### RÉSUMÉ

Aujourd'hui, nous repensons l'action des musées dans le monde entier. Les transformations de la société post-moderne impose des nouvelles exigences pour maintenir l'attraction du public sur les collections et sur le musée lui-même.

Nous devons profiter du désir de culture de certains individus pour apporter des nouvelles connaissances. Parallèlement, les musées ont aussi besoin de promotions et de nouvelles stratégies pour améliorer leurs revenus. Donc, le fait de connaître ceux qui vont visiter chacune de ces institutions est de grande importance.

Ce travail va étudier le comportement des visiteurs du Musée National de la Ville de Rio de Janeiro, un des ses principaux musées et le plus important dédié aux études et à la recherche des sciences naturelles et sociales.

Nous allons faire ce travail avec l'aide d'une série de questionnaires qui seront diffusés auprès des gens qui visitent le musée (enfants, adolescents, adultes responsables de groupes).

En croisant ces données, nous essayons de répondre à trois questions :

- Comment le visiteur se comporte face à l'immeuble et aux collections ?
- Comment le visiteur perçoit la visite ?
- Quels sont les désirs et les besoins des visiteurs ?

Cet article fait partie d'une étude plus vaste qui analyse d'autres aspects de la visite d'un musée que nous prétendons développer aussitôt.

Doutora em Letras e Ciências Humanas pela  
Universidade de Paris X Nanterre;  
Arquiteta e Urbanista;  
Professora de Antropologia aplicada à  
Arquitetura e ao Urbanismo ; ProArq/FAU/UFRJ

## **“SCANERIZANDO” A MENTE DOS VISITANTES DO MUSEU NACIONAL**

*Ângela Maria Moreira Martins\* -*

*Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ / FAU - Brasil - RJ*

---

Hoje em dia estamos repensando a atuação dos museus no mundo inteiro. As transformações da sociedade pós-moderna impõem novas exigências a fim de manter o interesse do público no acervo e no seu imóvel.

Vivemos numa sociedade onde a cultura passou a ser objeto de consumo, desejada por muitas camadas sociais, associada diretamente ao status que ela pode aportar àqueles que fazem dela parte de suas vidas. Devemos aproveitar esta oportunidade para ampliarmos o conhecimento que ela traz, a educação que ela veicula, para transformarmos os homens e seu ambiente.

Paralelamente a este fato, a necessidade de manter o acervo e o imóvel que o abriga impõe novas estratégias de marketing cultural pois, toda a massa financeira dos museus não pode mais depender somente do papel do Estado na manutenção dos mesmos. Assim, surge a urgente necessidade de “reciclar” os museus para atender às novas demandas da população moradora e dos turistas nacionais e/ou estrangeiros que os visitam.

Novas idéias surgem, a de Museu Aberto é uma delas. Nela a noção de museu como suporte de obras de arte/arquitetura desaparece para dar lugar ao conceito de Espaço (seja, arquitetônico, seja urbano) como palco, como cenário das atividades museológicas. Explodem-se os muros, mas preserva-se e leva-se a cultura para fora da restrita área física do museu.

Tentando dar uma feição mais adaptada aos nossos dias, o Museu Nacional, vem procurando novos métodos para manter seu patrimônio móvel e imóvel e transformar-se em fator de atração dentro do contexto da Quinta da Boa Vista e da Cidade do Rio de Janeiro.

Assim, viemos propor nossa colaboração na melhoria da qualidade da experiência da visita e na compreensão de seu acervo. Nossa participação foi através do estudo do comportamento do turista- usuário do Museu, tentando responder a três perguntas básicas para este fim, que são :

- 1 - Como o usuário do Museu realmente se comporta frente ao imóvel e ao seu acervo ?
- 2 - Como o usuário percebe esta visita ?
- 3 - O que este usuário realmente deseja e espera do Museu Nacional ?

Para tanto, foram utilizadas duas técnicas de levantamento :

a - Um trabalho de observação direta de grupos (simples turistas, estudantes, professores) onde procurou-se detectar, sem interferência do pesquisador, o real comportamento das pessoas que freqüentam o museu.

b - A elaboração de uma série de questionários com seus principais visitantes (simples turistas, estudantes, professores) e com aquelas pessoas que circulam pela Quinta da Boa Vista mas que simplesmente não entram para visitar este lugar.

Desta maneira, compilou-se dados não somente quantitativos mas, principalmente, qualitativos. Estes dados, cruzados, nos permitem analisar sobejamente as situações por que poderá passar uma futura reestruturação do acervo.

Nosso trabalho para este artigo, corresponderá a 2ª Parte desta pesquisa, ou seja, aquela que vai analisar os desejos e expectativas dos visitantes face ao que o museu oferece. Pois :

1º Questionário - Destinatários: As crianças/visitantes.

Total de entrevistas : 122

1) Primeira vez que você vem?

Sim 84

Não 34

Não respondeu 04

Logo, 69 % (84) das 122 crianças entrevistadas foram pela primeira vez ao Museu Nacional, apenas 28%, ou seja, 34 já visitaram o Museu. Um índice relativamente alto de primeiras visitas.

2) Salas visitadas do museu :

Primeiro Andar:		Índice de freqüência (%):
1- Dinossauros	85	69
2- Meteoritos	85	69
3- Guarda Volumes	32	26
4- Loja	08	06

Como podemos ver, no primeiro andar as salas de exposições temporárias, na época com a exposição acerca dos dinossauros, foi relativamente visitada e serviu como atração para a sala de meteoros que antecede a esta exposição.

O guarda-volume não é mais utilizado por falta de espaço para o mesmo, mas ele é um elemento indispensável pois muitas crianças chegam com mochilas pesadas demais para a duração da visita ao museu. Muitas vezes os pesquisadores encontraram mochilas fora deste espaço guardadas por alguém do grupo, ou mesmo o guarda-volumes desativado. Este é um espaço imprescindível que deveria ser melhor organizado visto sua necessidade.

Segundo Andar (as salas mais e menos freqüentadas) :

1- Mamíferos (Macacos e Morcegos)	110	90
2- Vermes	110	90
3- Equinodermos	108	88
4- Insetos	102	83
5- Egito (estela funerária)	101	83
6- Protozoários	98	80
7- Arquitetura Brasileira (Cerâmica Marajó)	97	79
8- Geografia Indígena (Índio nu)	95	78
9- Antropologia Física (Feto)	92	75
10- Aves (Ninhos)	92	75
11- Sala Rondon	91	74
12- Peixes (Pirarucu)	90	73
13- Arquitetura (Índios Americanos)	87	71
14- Egito (Múmias)	87	71
15- Geologia e Paleontologia	87	71
16- Mamíferos (Elefante)	86	70
17- Sala dos machados	02	1.6
18- Zoologia	02	1.6

Esta interessante resposta mostra que o público considerada a sala dos dinossauros uma entrada, uma continuação da exposição do primeiro andar, o que na realidade não se dá. Esta foi uma situação excepcional. Podemos, no entanto, considerar esta sala como aquela de 100% de visitação pois, os visitantes passam obrigatoriamente por ela para ter acesso as outras.

Em realidade, o grande destaque vai para as salas dos mamíferos e as do Egito.

É preciso entender que as respostas indicam as salas que as crianças, os adolescentes e os visitantes adultos se lembram de terem sido visitadas. Isto não quer dizer que não visitaram as outras, mas sim que estas não apresentaram pontos positivos ou negativos expressivos.

Salas que mais gostou. Motivos principais :

1- Múmias / Egito	47
Achei Interessante; é legal; foi a que mais me chamou a atenção	29
Por causa das múmias	07
Mostra a cultura dos egípcios	04
2 - Dinossauros	25
Achei interessante	11
3 - Insetos; borboleta	10
Borboleta, Porque é a mais bonita	03
Achei interessante	02
Por causa das cores	02
4 - Mamíferos; baleia; elefante	10
5 - Animais empalhados	09
É muito interessante	04
6 – Meteoritos	07
São interessantes	03
Porque podem cair na Terra e provocar vários estragos	02
7 – Biodiversidade	04
Mostra as várias espécies de animais	03
8 – Equinodermos	04
Refletem a natureza	02
9 – Protozoários	04
Pela mulher sem nariz	02
Porque é interessante	02
10 – Todas	03

A resposta acima corrobora a observação feita acerca da Sala dos Dinossauros. Inegavelmente a sala mais apreciada pelos visitantes é a sala do Egito, com suas múmias e suas estelas. Quanto as outras salas, ou foram citadas apenas uma só vez ou nem mesmo foram citadas, significando a necessidade de reajustes para que as mesmas possam ser realmente apreciadas.

4) Sala mais importante. Motivos principais :

Egito (Múmias)	31
Porque podemos ficar sabendo como era nosso passado	05
Representa a cultura de um povo da antigüidade	04
Por possuir peças muito importantes	03
Dinossauros; Animais pré históricos; Esqueletos; Geologia e Paleontologia	22
Porque soube mais sobre eles	06
Porque eles viveram antes da gente	04
3- Meteoritos	08
Porque vi meteoritos que caíram na terra	02
4- Protozoários	07
Pela mulher sem nariz	04
5- Fetos	07
Mostra como o homem evoluiu ao longo dos anos	03
6- Peixe	05
7 – Todas	12
Aprende mais	02
Porque pertenceram ao nosso passado	02

Como podemos ver nem sempre as salas mais apreciadas foram as que os visitantes acharam as mais importantes, com exceção das salas do Egito e a dos Dinossauros, as outras não seguem o mesmo grau de apreciação/importância.

5) Hierarquia das peças mais importantes:

1- Múmias; Egito	38
2- Esqueleto dos dinossauros	37
3- Baleia	16
4- Elefante	12
5-Máscara da Leishmaniose	12
6- Meteoritos	08
7- Fetos	07
8- Peixes	06
9 - Peças Indígenas	05
10- Animais empalhados	04

Um detalhe importante foi a grande variação das opiniões, pois as peças mais citadas, conseguiram apenas 31 % do total. Aqui recolhemos apenas as mais citadas, mas muitas outras foram assinaladas pelo menos uma vez. Isto significa uma clara ausência de estabelecimento por parte dos próprios museólogos de uma hierarquização das peças do Museu em geral (para que possam ser visualmente destacadas) e em cada sala ou grupo de salas em particular.

6) Conseguiu ver bem, a luz estava boa ?

Sim	94
Não	22

7) E os textos, conseguiu lê-los bem?

Sim	84
Não	34

A dificuldade de leitura de certas legendas ficou claramente evidente. Aliás, recomenda-se uma alteração no tamanho das letras, na posição da maior parte das legendas, na explicação dos nomes em latim e na utilização de iluminação artificial para as colocadas nos lugares mais escuros. Este fato é particularmente sensível para as crianças menores que tem dificuldade de leitura. Deveria ser executado um pequeno catálogo explicativo das salas e de suas principais peças que poderia ser vendido ou mesmo doado aos professores, para melhor informá-los acerca do prédio e do acervo do museu.

8) Conseguiu aprender algo importante ?

Sim	76
Não	02
Mais ou menos	37
Não respondeu	07

Ficou claro por estes dados que o Museu tem uma importância no processo de aprendizagem das crianças, adolescentes e adultos que o visitam, assumido por 62% de seus visitantes.

9) Achou a visita cansativa ?

Sim	49
Não	68

As crianças menores foram as que responderam positivamente, para elas a visita ao Museu é realmente cansativa, pois não param para descansar, nem para beber, o que torna a visita estafante, principalmente nos dias de calor.

O que faltou nesta visita ?

Nada	45
Mais tempo para ver melhor as peças	12
Lanche (de graça, hambúrguer e refrigerante)	09
Poder tirar fotos	08
Guias do Museu	06
Liberação para filmadoras	05
Conservação	05
Legendas mais explicadas	05
Luz	04
Cuidado (com os objetos)	03
O cérebro humano	02
Peças, roupas, cama, guarda roupa, etc., de D. Pedro II e D. João VI	02
O guarda parar de seguir a gente	02
Não respondeu	09

Obs.: As salas de exposições do Museu ora estavam abertas ora fechadas a visitação; isto justifica algumas sugestões quanto a pergunta nº 10.

Aqui deixamos curso livre a opinião dos visitantes e elas bem confirmam nossas observações.

Um detalhe importante seria a possibilidade do museu oferecer guias que realmente conheçam o mesmo e que possam explicar seu acervo aos visitantes, ao menos para os grupos de estudantes mais numerosos que vem quase sempre na parte da tarde e nos dias de semana, estas visitas poderiam ser agendadas previamente. O guia supriria em muito a falta de legendas, a dificuldade de leitura e de apresentação do acervo.

11) Pretende voltar ?

Sim	114
Não	00
Sei lá	02
Não respondeu	06

Como podemos ver a experiência da visitação, apesar de certas dificuldades foi proveitosa para 93% dos que ali foram.

12) Quais os outros lugares da Quinta da Boa Vista que você visitou ?

Museu	95
Zôo	72
Parque	47
Restaurante	21
Outros:	
Lanchonete no Zôo	03
Banheiros	02
Barraca de água	01
Trailer	01
Não respondeu	05

Um dado interessante acerca desta pergunta é que os visitantes do museu nacional vão à Quinta da Boa Vista para ir ao museu, depois para visitar outros lugares. Logo os visitantes do museu são atraídos principalmente por ele.

Em outras entrevistas que não estão apresentadas nesta parte da pesquisa entrevistamos muitas pessoas que estavam na Quinta da Boa Vista e não entraram no Museu, observamos que elas vão para lá para passarem um tempo de lazer no parque, alguns para ir ao Zôo ou ao restaurante.

Logo, a idéia de formação de um museu-parque está longe de ser alcançada. O ideal é que esta entidades funcionassem em conjunto, algumas atrações do Zôo poderiam estar ligadas a algum oferecimento dentro do Museu e do parque, funcionando assim como um real pólo de atração turístico urbano para a cidade, melhor ainda se estas pudessem estar também ligadas a outros atrativos do bairro como a Casa da Marquesa de Santos ou o Observatório Astronômico da UFRJ, por exemplo.

#### 13) Idade :

7 anos	01
8 anos	05
9 anos	07
10 anos	15
11 anos	22
12 anos	15
13anos	14
14 anos	16
15 anos	12
16 anos	05
17 anos	02
19 anos	02
20 anos	01
21 anos	01
22 anos	01
Não respondeu	04

A maior parte dos visitantes apresentam uma idade entre 10 e 14 anos, ou seja 82 pessoas, correspondendo a 67% do total de nossas respostas. Abaixo desta idade tivemos 13 crianças correspondendo a 10% e acima desta faixa etária tivemos 24, ou seja, 19% do total.

Poucas foram as pessoas com mais idade encontradas (com exceção dos professores ou acompanhantes) e elas não responderam a este item.

#### 14) Sugestões :

Não	67	
Sim	53:	
Melhorar o Museu (reformular, recuperar)		13
Aumentar a letra das legendas; Simplificar as legendas		08
Melhorar a iluminação		07
Melhorar os cuidados com as peças expostas		07
Liberação de máquinas fotográficas		03
Conservar as peças pré-históricas		02
Colocar legendas em português (latim)		02
Botar as peças de D.Pedro II e D.João VI (Sala do Trono)		02
Preço da entrada mais barato		02
Não respondeu		08

As sugestões oferecidas correspondem em muito ao que já tínhamos observados. Interessante que as pessoas ficaram restritas ao acervo e a questão da iluminação, somente. A não liberação das máquinas fotográficas, poderiam ser perfeitamente suprida pela venda de cartões postais do acervo, aliás a lojinha poderia ser reativada desde vendesse algo apropriado à identidade do museu, a preços módicos, pois o público alvo é principalmente crianças, objetos de papelaria poderiam ser elaborados com o acervo para atender a demanda deste público.

Um guia do museu para professores e visitantes adultos e mesmo a criação de um cd-rom pelo pessoal da universidade poderia ser cogitado, algumas escolas poderiam estar interessadas neste material para pesquisas de seus estudantes.

Segundo Questionário - Destinatários : Professores, Guias. Os responsáveis pelas crianças:  
Total de entrevistas : 15

1) Motivos da visita ao Museu Nacional :

1.1- Didáticos – 12 :

Para as crianças conhecerem 05

1.2- Culturais – 04 :

Aumentar o conhecimento 02

Fazer um passeio cultural 02

1.3- Outros – 02 :

Para fazer hora de estágio 01

Nunca tinha vindo 01

1.4- Entretenimento – 01:

A passeio 01

O caráter didático das visitas é o motivo principal da ida ao Museu Nacional – 63% - pois a maioria dos entrevistados são professores que acompanham seus alunos (a maioria de escolas públicas do 2º grau) em função de pesquisas escolares.

O interesse pela cultura e pelo conhecimento é também uma motivação para a visitação por parte destes profissionais – 21% das respostas.

A maior parte dos adultos que estavam no museu acompanhavam as crianças ou os adolescente que ali estavam.

O Museu Nacional é, sem dúvida alguma, um museu educativo, mas infelizmente não de entretenimento, as crianças não tem um espaço de brincar-aprendendo, poderia ser uma sugestão para um fim de visita onde as mesmas necessitam literalmente explodir a energia contida durante a mesma, um espaço lúdico.

2) Esta é a primeira vez que você vem ?

Não 10

Sim 05

A maioria dos professores e acompanhantes já passou pela experiência da visitação neste local.

3) Quantas vezes você já veio e quando ?

3.1- Duas vezes - 06

Há muito tempo 01

A primeira foi a 8 anos atrás (1990) 01

Em 1994 e 1996 01

Em 1995 01

Em 1995 e 1997 01

Em outubro de 1996 01

3.2- Várias vezes – 05 :

Muitas 01

Mais de vinte vezes 01

Em julho 01

Umas 7 vezes 01

Desde que era estudante 01

Não respondeu – 04

Muitos destes responsáveis – 67% - já visitaram anteriormente o Museu, tendo realizado, no mínimo, duas visitas em anos anteriores pois as escolas provavelmente organizam anualmente tais passeios.



#### 4) Como você descobriu o Museu Nacional ? Como fez o contato inicial ?

Descoberta:

##### 4.1- Pessoas que conheceram o Museu na infância – 06 :

Ainda estudava no primário	03
Através de meus professores	01
Cresci sabendo que existia	01
Pessoalmente	01

##### 4.2- Pessoas que conheceram o Museu na idade adulta – 04 :

Através da Universidade Gama Filho	01
Desde o tempo de aluna na faculdade	01
Através de colegas	01
Alguns professores já conheciam	01

##### 4.3- Outros – 04 :

Conhecia, mas não havia visitado	02
Através da lista telefônica	01
Por acaso	01
Não respondeu – 01	

Como podemos ver, parte dos responsáveis (40%) conheceram o Museu Nacional na sua infância, quando eles mesmo vieram como estudantes, outros (27%) em virtude de suas atividades escolares ou profissionais. A última resposta nos incita a levantar uma hipótese de que o Museu Nacional precisa ser mais divulgado na mídia em geral, uma das maneiras para fazê-lo seria a criação de exposições temporária mais constantes e um trabalho de divulgação na mídia dos projetos e dos trabalhos dos pesquisadores ligados ao Museu. Ou seja, o Museu precisa ir mais a sua comunidade para que a mesma vá mais ao museu, para que ele se torne um museu de todos.

Contato inicial :

##### 4.1- Pessoas que conheceram o Museu na infância – 06 :

A Diretora pediu para a turma ir	01
Por ofício	01
Através de uma das professoras, por ofício	01
Contato feito por colegas	01
Vindo a primeira vez com meus pais	01

##### 4.2- Pessoas que conheceram o Museu na idade adulta – 04 :

Contato feito pela Universidade Gama Filho	01
Por telefone	02
Através da Secretaria da escola	01

##### 4.3- Outros – 04 :

Contato por telefone	01
Desta vez, a Diretora ligou para confirmar	01
Visitaram todos os museus	01
Estavam fazendo um passeio	01
Não respondeu – 01	

O contato com o Museu dá-se através de telefone e dos ofícios pedindo a entrada gratuita para os grupos escolares. Poucos responsáveis tinham idéia dos serviços e dos cursos oferecidos pelo Museu. Sugerimos que, ao estabelecer estes contatos, os professores sejam também informados acerca dos serviços oferecidos pelo Museus aos professores, como o treinamento dos mesmos antes da visitação.

## 5) Principais salas visitadas :

### 5.1- No Andar Térreo :

Dinossauros	14
Meteoritos	11
Guarda-volumes	05
Loja	01

Aqui observamos que a exposição temporária atraiu os adultos que já haviam visitado o museu. É o novo, a novidade que os direcionou diretamente para lá. Como vemos o guarda-volumes foi usado pelas adultos e mesmo a loja.

### 5.2- No Segundo Andar :

1 - Equinodermos (estrelas do mar) e moluscos (conchas)	13
2 - Geologia e Paleontologia ( sala dos esqueletos dos animais pré-históricos)	13
3 - Mamíferos (macacos, morcegos)	13
4 - Protozoários, poríferos e cnidários (corais e formas de vida mais simples)	13
5 - Vermes, crustáceos (caranguejos) e aracnídeos (aranhas)	13
6 - Geografia indígena (índio nu)	12
7 - Insetos e miriápodes (lacraias)	12
8 - Peixes (pirarucu)	12
9 - Arquitetura brasileira (cerâmica Marajó)	11
10 - Répteis e anfíbios (cobra, tartaruga)	11
11 – África	10
12 - Antropologia física (crescimento dos fetos)	10
13 - Arquitetura pré-colombiana (índios americanos)	10
14 - Aves (ninhas)	10
15 - Egito (estela funerária)	10

Fato bem interessantes foi o que as salas que mais ficaram na memória dos adultos tenha sido a dos Equinodermos; Geologia e Paleontologia; Mamíferos ;Protozoários, poríferos e cnidários ; Vermes, crustáceos e aracnídeos, ou seja, aquelas cujos animais não vemos comumente nos livros e na tv. Este fato poderia ser melhor explorado em exposições temporárias mais destinadas ao público adulto, que aprecia o caráter “exótico” dos animais ali expostos.

Ou fato interessante, é o de que a sala mais apreciada, a do Egito, tenha sido apenas a 15ª apontada como a sala mais freqüentada, e assim mesmo por causa das estelas, um dos motivos para isto pode ser a fato de já terem visto esta parte em suas primeiras visitas e estarem mais receptivos aos outros atrativos do museu, mas mesmo assim devemos considerar que 13 de 15 pessoas, ou seja, 87%, as apontaram como aquelas que mais ficaram em suas memórias.

6) Sala mais apreciada. Motivo :

Sala	Motivo	
Egito - 04	Interesse pela cultura por parte de todo o grupo	01
	Variedade	01
	Além de trazer conhecimento, fez vibrar professores e alunos juntos	01
	Pelo elo histórico que representam	01
Baleia - 03	Um dos guardas estimulou o grupo	01
Biodiversidade - 02	É incrível ver quantas formas de vida diferentes	01
	Pela variação de vida	01
Insetos - 02	Bem variados	01
	Mostra a diversidade	01
Elefante - 01	Por causa do tamanho	01
	Grande variedade	01
Macacos - 01	É interessante	01
	Relação com a matéria que os alunos estão estudando	01
Tubarão - 01	Um dos guardas estimulou o grupo	01
Zoologia - 01	Variedade	01
Conchas (Moluscos); Grande variedade; Crescimento dos fetos; Protozoários; Meteoritos; Estrelas do mar (Equinodermos)		01
Não apresentaram o motivo		

As salas de maior interesse foram a do Egito, a da Baleia e a da Biodiversidade. Observa-se o interesse maior por civilizações antigas (Egito / múmias), peças de grande porte (grandes esqueletos), e pelo desenvolvimento de todas as formas de vida na Terra (Biodiversidade).

Aqui também podemos observar que os professores responderam “profissionalmente” esta questão, ou seja, eles consideram as salas que eram mais importantes para exercerem alguma influencia no aprendizado de seus estudantes, e não as que eles mais apreciaram realmente. Foi a reação de seus estudantes que motivou estas respostas.

7) Sala mais importante. Motivo :

Sala	Motivo	
Crescimento dos fetos - 03		
Índios - 02		
Diversidade social	01	
Pela história	01	
Protozoários - 02		
	Devido a quantidade de vermes e verminoses	01
	Pela transmissão de doenças	01
Regiões do Brasil - 02		
	Porque retrata e caracteriza o Brasil	01
	Porque estão trabalhando com este assunto	01
Egito; múmias - 02		
Diversidade social	01	
Não respondeu - 01		

Aqui vemos uma resposta mais compatível com os gostos pessoais pelos animais e peças mais exóticas encontrados no museu, para aqueles que contribuíram para ampliar o seu próprio conhecimento pessoal, além de ajudar também no dos alunos.

8) Peças mais importantes do Museu :

Esqueletos; fósseis	08
Múmias	04
Esqueleto de baleia	04
Máscara da Leishmaniose	04
Fóssil da preguiça	02

Os esqueletos exercem grande atração aos usuários do Museu por representarem formas de vida existentes no passado e pela monumentalidade destas peças, como o da Baleia, o dos Dinossauros e os vários fósseis.

Nota-se que o impacto visual da Máscara de Leishmaniose – doença causada por um inseto – faz com que esta seja uma das peças mais marcantes, bem como os Insetos em geral, por estarem ligados aos temas estudados pelos alunos de 1º grau.

9) Você conseguiu ver bem as exposições, a luz estava boa ?

Sim	10
Não	04
Mais ou menos	01

A iluminação foi considerada satisfatória pela maior parte dos entrevistados – 66,7%.

E os textos, você conseguiu lê-los bem ?

Sim	09
Não	04
Mais ou menos	02

Conseguiu aprender nesta visita algo importante ?

Sim	12
Não	00
Mais ou menos	03

Este dado corrobora as nossas observações anteriores acerca do fato de que embora os professores compareçam ao Museu Nacional para acompanhar os seus estudantes, aproveitam também a oportunidade para aprenderem para si próprios algo acerca do que lá está e que falta aos seus conhecimentos. Poderíamos dar uma sugestão da elaboração de visitas guiadas, com guias especiais para professores, enfocando nos aspectos mais exóticos do museu.

12) Você achou a visita cansativa ?

Não –	11
Sim –	04
As crianças não têm hábito de visitar museus	01
Excesso de alunos	01
Muitos objetos	01
O grupo (14,15 anos) fica inquieto no final da visita	01

A visita não foi cansativa para 73 % dos visitantes, que consideraram este programa interessante e estimulante.

Dentre os visitantes que consideraram a visita cansativa – 27 % as justificativas relacionam-se ao grande número de alunos num único grupo, pela falta de hábito de visitarem museus (inquietude do grupo) e pelo número excessivo de peças expostas para uma única visita.

Aliás o controle do número de alunos por grupo e do número de responsáveis por cada grupo de alunos deveria ser feito no primeiro contato feito por telefone e na porta do museu, pois este é um dos fatores que mais prejudicam o processo de visita.

13) O que você acha que faltou nesta visita ?

Um guia do Museu	07
Mais tempo	02
Roteiro menos cansativo	01
Mais explicações	01
Mais variedade	01
Iluminação	01
A visita ao Jardim Zoológico	01
Nada	02
Não respondeu	01

47% dos entrevistados mencionou sentir falta de mais esclarecimentos e informações sobre o acervo do Museu através de guias ou relações públicas, placas informativas com explicações sobre as peças e roteiros e indicações para a visita.

14) Pretende voltar ?

Sim –	15
Não respondeu o motivo	10
Para trazer outras turmas	02
Acredita na melhora do Museu Nacional	01
Quantas vezes for possível	01
Sempre é bom	01
Não -	00

Todos irão voltar e são bem conscientes disso, por causa da atividade profissional que exercem e da importância do Museu para ela.

15) O que mais te impressionou na arquitetura interior do Museu Nacional ?

15.1- Grandiosidade da arquitetura – 05 :

A grandeza	02
Escadas, portas, desenhos de parede, colunas, apesar das infiltrações	01
O pé-direito	01
O piso	01

15.2- Falta de conservação do prédio – 03 :

A conservação	01
Falta de reformas	01
Difícil acesso para o deficiente físico	01

15.3- Outros – 03 :

Está havendo uma restauração importante	01
Notou algo diferente para melhor, mas não sabe o que é	01
Preocupação com o restauro dos animais	01
Tudo	02
Nada	01
Não respondeu	03

Dois aspectos foram mais marcantes:

- A grandiosidade da arquitetura interior – 29,4%
- A falta de conservação do edifício – 23,5%, sendo citados as infiltrações e o difícil acesso para deficientes físicos.

Fica evidente a relação entre a imponência do prédio e a falta de manutenção do mesmo, já que este é o suporte do acervo e das atividades principais do museu. Dentre os entrevistados, apenas 11,8% notaram estar havendo uma obra importante ali (nesta ocasião, o telhado estava sendo reformado).

16) Qual a impressão que você tem do exterior do prédio do Museu ?

16.1- Aspectos positivos – 08 :

Boa	02
Bonito	02
Bem impressionado com os adornos	01
Grandiosidade do prédio	01
Lembra logo D. Pedro e o Império	01
Por dentro, a conservação é boa	01

16.2- Aspectos negativos – 08 :

Precisa de melhor conservação	05
É feio, velho	01
Falta limpeza	01
Jardins em mau estado	01

16.3- Outros – 04 :

Não atrai a atenção para o que há dentro	01
Parece não ter nada	01
Parece uma casa	01
Precisavam contar a história do Museu e das coleções	01
Nenhuma	01
Não respondeu	01

As impressões quanto ao aspecto exterior do Museu dividem as opiniões dos entrevistados, 36,4% deles possuem uma boa impressão do prédio, destacando a beleza e a grandiosidade, e para outros 36,4%, a falta de conservação, de limpeza, de beleza causam impressão negativa.

O fato interessante aqui foi que para 27 %, o museu não consegue atrair como museu em seu aspecto externo, acreditamos que por falta de informação do que há dentro dele não somente na mídia, mas em diversos pontos do próprio parque, dentro do restaurante e na entrada do Zôo. O museu não convida a visitá-lo para quem vai ao parque e ao Zôo. Aliás esta não ligação entre os elementos da Quinta da Boa Vista é clara nas respostas dos entrevistados.

17) Acesso ao Museu :

Fácil	11
Ótimo	02
Depois que chega no local é fácil	01
Difícil acesso	01

18) Meios de transporte que utilizou :

Ônibus particular	11
Ônibus comum	01
Ônibus escolar	01
Ônibus da Prefeitura de Guapimirim	02

A maior parte dos alunos vem através do ônibus que pertence às escolas particulares ou fretam ou arranjam um veículo para fazer a visitação, no caso de escolas públicas.

19) Lugares da Quinta que visitou (além do Museu) :

Lugar		Freqüência (%) :
Zôo	09	56
Parque	06	37
Restaurante	01	06

Não quer dizer que tenha sido nesta visita, mas aqueles lugares que os responsáveis pelos grupos já conhecem.

20) Idade :

23 anos	01
25 anos	01
26 anos	03
28 anos	01
32 anos	01
34 anos	02
36 anos	01
38 anos	02
43 anos	01
45 anos	01
49 anos	01

A faixa etária mais expressiva fica ente 26 e 38 anos, com 67% dos entrevistados.

21) Profissão :

Professora	10
Professora (alunos excepcionais)	01
Auxiliar de secretaria	01
Vice-diretora	01
Biólogo	01
Estudante (3º grau)	01

A maioria dos responsáveis pelos alunos são os próprios professores – 73,3%, logo, o museu deveria incrementar também atividades para os mesmos.

22) Grau de instrução :

Grau		Freqüência (%) :
3º grau completo	08	53
2º grau completo	05	33
3º grau incompleto	02	13

23) Local de nascimento :

23.1- Estado do Rio de Janeiro – 12 :

Cidade do Rio de Janeiro	06
Nova Friburgo	03
Maricá	02
Duque de Caxias	01

23.2- Outros estados – 03 :

Paraná (Curitiba)	01
Santa Catarina	01
Pará (Belém)	01

O local de nascimento da maior parte dos responsáveis pelos alunos é o Estado do Rio de Janeiro, 80%, sendo 13,3% provenientes do Sul e 6,7% do norte do Brasil.

24) Local onde mora :	
24.1- Outros Municípios, Estados - 11 :	
Nova Iguaçu	03
Guapimirim	02
Maricá	02
Nova Friburgo	02
Magé	01
Paraná	01
24.2- Município do Rio de Janeiro – 04 :	
Ilha do Governador	02
Cachambi	01
Rio de Janeiro	01

Estes dados nos mostra que a maior parte dos responsáveis moram no próprio estado do Rio de Janeiro, mais do que na cidade do Rio de Janeiro e que foram levar seus estudante para conhecer o museu, embora ele seja longe de seus locais de moradia.

25) Sugestão a fazer :

Sim – 11

25.1- Sugestões relacionadas a implementação da visitação:

Colocar um guia	05
Textos melhor elaborados	02
Dar uma trajetória a visita	01
Melhorar a iluminação	01
Melhorar as placas	01
Melhorar o audiovisual	01
Informações para deficientes	01
Poder utilizar máquina fotográfica e filmadora	01

25.2- Sugestões relacionadas a implementação do espaço físico:

Ampliar os banheiros	01
Cantina e bebedouros	01
Lutar por mais verbas para manter e restaurar	01
Melhorar o Museu	01
Questão de acesso para deficientes	01

Não – 04

Quanto as sugestões a fazer, 73,3% responderam SIM e os demais 26,7% nada sugeriram. Assim, 72,2% relacionam-se ao aspecto da implementação da visitação e 27,8% dizem respeito a melhoria do espaço físico.

Este trabalho de pesquisa tentou levantar as impressões causadas pelo museu e seu acervo nos visitantes do Museu Nacional, ele reúne aqui todas as sugestões que vem a partir das parte do trabalho, ele será confrontado com os dados que vem do processo de observação direta – 1ª parte do trabalho – para que seja determinado então as respostas para as questões principais levantadas no início do mesmo.

Procedendo desta maneira, esperamos ter dado uma colaboração no sentido da melhoria da qualidade da educação nesta instituição da UFRJ e na qualidade da experiência turística, de modo a manter e enriquecer com alegria, com risos, o aprendizado das ciências ditas naturais e sociais.



## BIBLIOGRAFIA

- Giovanni Pinna. Sur le rôle social des musées d'histoire naturelle
- De Carli, Georgiana, Duckles, Richard, Solano Quirós, Mayelas . O Museu Produtivo: uma proposta de câmbio. San José, Costa Rica, Museu da Cultura Popular, 1993.
- Gavilán, Ana Isabel Pérez. O Museu: Instituição em constante processo evolutivo. In Gaceta de Museus, n.12, México, dezembro de 1998, págs. 3-5.
- Gavilán, Ana Isabel Pérez.. Museus, Museologia e Diversidade Cultural. In Gaceta de Museus, n.12, México, dezembro de 1998, págs. 46-53.
- Amaral, Lilian. Museu Aberto – A Cidade como Museu. Anais do Seminário Internacional “Museus em Transformação” : As Novas Identidades dos Museus”.
- Turrent, Lourdes. “Museología tradicional, Museología de punta” .In. Gaceta de Museos, número 10, México DF, Junho/agosto de 1998, Pág. 7-10
- Dersdepanin, Georgina. “Há uma participação ativa nos museus? – Primeira Parte: A comunicação no processo museológico” . In. Gaceta de Museos, número 10 México DF, Junho/agosto de 1998, Pág.16-19
- Editorial da Gaceta de Museos. “A nova visão de um mundo estruturado: cultura, museus e desenvolvimento sustentável” número 09, México DF, Março/Maio de 1998, Pág. 3 - 4
- Bassols, Marco B. e Treba, César C.. “A renovação do Museu de História Natural da cidade do México” In. Gaceta de Museos número 09, México DF, Março/Maio de 1998, Pág. 54-60
- American Association of Museums/ILAM. “Museus e Comunidades Sustentáveis – Conferência de Museus da America”, São José, Costa Rica, Edt. American Association of Museums & Instituto Latino-americano de Museologia, de 15 a 18 de Abril de 1998.
- Hudson, Kenneth. “A Qualidade Pública de um Museu” In. Cahiers d'étude – les musées régionaux. no6 França?(não anotei), Edt. ICOM, 199? (não anotei) Pág. 3-5
- Domingo, Rosalinda J. “A influência do turismo dentro da identidade cultural” In. Cahiers d'étude – les musées régionaux. no6 França?(não anotei), Edt. ICOM, 199? (não anotei) Pág. 25-26
- Graburn, Nelson. “O Museu e a Experiência do Visitante”. In. Les Cahiers du Tourisme, série C, no 55. França, Université de Droit, d'Economie et des Science e Centre des Hautes Etudes Touristiques, março de 1980
- Moscardo, Gianni. Mindful Visitors. Heritage and Tourism
- Myriam Jansen – Verbeke, Miriam e Van Rekom, Johan.
- Scanning Museum visitors : Urban Tourism Marketing

\*Doutora em Letras e Ciências Humanas pela Universidade de Paris X – Nanterre  
Arquiteta e Urbanista; Professora de Antropologia aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo

\*\* Poster

## **PROPOSTA PARA CRIAÇÃO DE UMA NOVA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO NA REGIÃO DE SEPETIBA, RIO DE JANEIRO.**

*Adriano Lopes de Melo 1, Marcelo da Costa Souza 1, André Lima de Alvarenga 2,3, Ariane Luna Peixoto 4, Luis Fernando Tavares de Menezes 1,4*  
(1 - UFRRJ, 2 - PUC, 3 - ONG Gnaisse, 4 - ONG Assoc. Guaratibana de Ecologia)

---

A diversidade é uma das propriedades fundamentais da natureza e responsável pelo equilíbrio e estabilidade dos ecossistemas. O termo Biodiversidade faz referência à diversidade dos seres vivos em vários níveis: a variedade de espécies de animais, plantas e microorganismos; a variedade de raças dentro destas espécies; a variedade genética dentro de cada espécie, ou seja, a soma de toda a informação contida nos genes dos indivíduos de um grupo qualquer; a riqueza de habitantes, ecossistemas e processos biológicos. As plantas, os animais e os microorganismos, as interações entre eles e os ecossistemas onde vivem constituem os recursos naturais renováveis mais importantes para o desenvolvimento de um país. O manejo sustentável e a conservação destes recursos são hoje o maior desafio para os cientistas, os governos e a sociedade, pois deles dependem a sobrevivência do homem na terra. No Brasil, país de dimensões continentais e de megadiversidade, a responsabilidade do governo e da sociedade em conhecer e conservar a biota e os ecossistemas é muito grande.

Atualmente a maneira mais viável e econômica para salvar espécies, ainda é conservar seus habitats, impedindo a degradação dos ecossistemas, manejando-os e protegendo-os eficazmente, conservando o potencial de evolução natural das espécies. Sob esta filosofia, em Sepetiba, tenta-se preservar a biodiversidade resguardando componentes da fauna e da flora em Unidades de Conservação (conservação *in situ*). Assim propõem-se a criação de uma nova Unidade de Conservação: a primeira Área de Proteção Ambiental (APA) da região; localizada nos arredores da Estrada da Fazenda, englobando 8 há, caracterizada por apresentar áreas alagadiças, contendo fauna e flora associadas e específicas desses ambientes. Áreas alagadiças litorâneas, de modo geral associadas a corpos d'água e/ou a trechos com lençol freático superficial, são hoje reconhecidas como ecossistemas de pequeno poder de resiliência. A associação, nestes ecossistemas, de populações extensas de poucas espécies dominantes, como "pau-de-tamanco" e "embaúba-d'água" capazes de suportar estresses hídricos com espécies epifíticas e outras mais, os tornam ambientes raros, dos quais muito pouco se conhece. A área a ser proposta como APA esta localizada no bairro de Sepetiba, e vem sofrendo forte pressão antrópica causada por loteamentos e invasões ao seu redor. Os passos adotados para a sua efetiva implantação foram: 1. A criação de parceria entre a comunidade local, Universidades e ONGs; 2. O reconhecimento da necessidade de proteção da área, e a elaboração de justificativas para tal. Após estas etapas, buscar-se-á a adesão de um vereador para dar encaminhamento ao projeto de Lei junto à Câmara Municipal para a criação da APA. Será importante, nesta fase, viabilizar o acompanhamento da elaboração do Plano Diretor.

\* Poster

## **PROPOSAL FOR CREATION OF A NEW UNIT OF CONSERVATION IN THE AREA OF SEPETIBA, RIO DE JANEIRO.**

*Adriano Lopes de Melo 1, Marcelo da Costa Souza 1, André Lima de  
Alvarenga 2,3, Ariane Luna Peixoto 4, Luis Fernando Tavares de Menezes 1,4*  
(1 - UFRRJ, 2 - PUC, 3 - ONG Gnaisse, 4 - ONG Assoc. Guaratibana de Ecologia)

---

The diversity is one of the fundamental properties of the nature and responsible for the balance and stability of the ecosystems. The term biodiversity makes reference of the diversity of life in several levels: the variety of species of animals, plants and microorganisms; the variety of races inside these species; the genetic variety inside of each species, or the sum of all the information contained in the genes of individuals of any group; the inhabitants wealth, ecosystems and biological processes. The plants, the animals and the microorganisms, the interactions among them and the ecosystems where they live constitute the more important natural renewable resources for the development of a country. The sustainable management and the conservation of these resources are today the largest challenge for the scientists, the governments and the society, because man's survival in the earth depends on them. Brazil is a country of continental dimensions and of mega diversity, the government's and society's responsibility to know and to conserve the biota and the ecosystems is enormous.

Now the viable and economic way to save species, is still to conserve its habitats, impeding the degradation of the ecosystems, handling and protecting them efficiently, conserving the potential of natural evolution of the species. Under this philosophy, in Sepetiba, we try to preserve the biodiversities protecting components of the fauna and flora in Units of Conservation (conservation *in situ*). We propose, for this area, the creation of it's first Environmental Protection Area (APA), a kind of Unit of Conservation; located close to Estrada da Fazenda, including 8 *ha*, characterized by swamps areas, fauna and flora associated and specific in this environment. Swamps and coastal areas, in general associated with the rivers and channels and/or spaces with sheet of underground water showing in the surface, are recognized today as ecosystems of small resilience. The association, in these ecosystems, of extensive populations of little dominant species, as "pau-de-tamanco" and "embaúba-d'água" capable to support hydric stresses with epiphytic species and others, make a rare ambient, of which a very little quantity of people knows. The proposed area to become APA is located in the district of Sepetiba. The area is under strong human pressure due to the urban expansion of the city. The steps for the effective implantation are: 1. The creation of partnership among the local community, Universities and NGOs; 2. The recognition of the need of protection of the area, and the elaboration of vindictive for such. After these stages, is needed to look for alderman's adhesion to give direction to the project of Law with the City Hall for the creation of APA. It will be important, in this phase, the elaboration of the Managing Plan.

\* Poster

# DINAMIZAÇÃO DO ACERVO MUSEOLÓGICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

*Albino Barbosa de Oliveira Júnior\** -

*Universidade Federal de Pernambuco - UFPE - Brasil - PE*

---

## RESUMO

Instalado em um casarão do século XIX, de estilo neoclássico, o Departamento de Cultura da Universidade Federal de Pernambuco acolhe rico acervo em obras de arte da coleção de pintura da antiga Escola de Belas Artes, com trabalhos de Balthazar da Câmara, Murillo La Greca, Vicente do Rego Monteiro, Telles Júnior, Francisco Brennand, Reynaldo Fonseca, entre outros que tiveram uma participação como professores e/ou alunos. Possui também uma coleção de obras e objetos referentes à Arte Popular, destacando-se, na cerâmica, obras de Lídia de Tracunhaém, Vitalino, Ciça Loiceira, Zé Caboclo, Porfírio Faustino, Zé Antônio, entre outros, coleção de folhetos de Cordel, Ex-votos e Brinquedos Populares. Compõe também o acervo, obras representativas do Movimento Armorial, inspirado e dirigido por Ariano Suassuna.

A primeira etapa do Projeto de Dinamização, concluída em 1998, foi a restauração do imóvel onde o departamento está instalado, criando-se novas salas de exposições e uma reserva técnica. Posteriormente, deu-se início a reorganização da documentação referente ao acervo. O antigo tratamento da informação variava de coleção para coleção, não obedecendo a regras e padrões. Foi, portanto, criado um padrão de registro único, em vista da organização de um banco de dados informatizado com possibilidade de cruzamentos nos diversos campos da ficha de catalogação, permitindo agilidade na realização de pesquisas e tendo, como principal meta, sua disponibilização na internet.

Terminada a primeira fase da informatização do acervo, iniciamos o processo de aproximação com o público através do desenvolvimento de dois projetos diretamente ligados as raízes culturais pernambucanas: Arte Popular - O Imaginário Pernambucano e Coleção Armorial - A Expressão de Ariano Suassuna.

Voltados para o artesanato, que é uma das mais importantes formas de integração social, estes dois projetos propõem promover o exercício da cidadania através de uma prática museológica que conduza a apropriação do bem cultural pelo cidadão, encaixando-se dentro da Política de Desenvolvimento Social que a Universidade Federal de Pernambuco vem desenvolvendo nos últimos cinco anos e procurando estar em sintonia com as ações museológicas mais atualizadas.

\* Museólogo/Universidade Federal de Pernambuco

\*\* Poster

## **THE COLLECTION OF CULTURE DEPARTMENT OF UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

*Albino Barbosa de Oliveira Júnior\** -

*Universidade Federal de Pernambuco - UFPE - Brasil - PE*

---

### ABSTRACT

The Culture Department is installed in a Neo-Classical house dating back to the mid-XIX century and has an important Collection including paintings of old Pernambuco Fine Arts School and some 3500 items of Pernambuco folk-art.

The works realized in the Collection restarted in 1996 and they were divided in three stages: house restoring, document organization and visitors enlarge.

The house restoring was from 1996 to 1998. The document organization is being review and transferred to a computing archive.

The visitors enlarge is based in two projects connected to the folk-art: Arte Popular - O Imaginário Pernambucano and Coleção Armorial - A Expressão de Ariano Suassuna. Those projects propose a citizenship exercise through the museological practice driving the visitor to have an appropriation of the cultural estate. This action is inserted in the Social Development Politics of the Universidade Federal de Pernambuco and search to be sintonized with the up to date museologicals actions.

\*Museólogo/Universidade Federal de Pernambuco

\*\* Poster

## **SAMBAQUIS DE GUARATIBA - SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM POTENCIAL CIENTÍFICO, CULTURAL E TURÍSTICO**

*Ariane Luna Peixoto 1, Luiz Fernando T. Menezes 2, Fernando Régis Di Maio 3  
e Lina M. Knaip 4 - UFRRJ/SMA - Rio/Museu Nacional/AGE – Brasil - RJ*

---

### RESUMO

Na tentativa de inventariar atrativos para a constituição de museus abertos na região de Guaratiba, procurou-se trazer para discussão, com setores da população local, os sítios arqueológicos, denominados sambaquis, assinalados para a região. Sambaqui é uma palavra de origem indígena utilizada para designar depósitos, predominantemente de conchas, deixados por habitantes da pré-história. Correspondem a locais de acampamento temporário de comunidades pescadoras, coletoras e caçadoras, geralmente litorâneas, contendo quantidades variáveis de restos de fauna, especialmente conchas de moluscos, vestígios vegetais e numerosas evidências da atuação humana como, artefatos líticos, ósseos, conchíferos, cerâmica, sepultamentos, resíduos de carvão, cinzas de fogueira, matérias corantes, entre outros. Para tal intento buscou-se o auxílio de cientistas de diferentes áreas do Museu Nacional e de outras Universidades e Institutos de Pesquisa do Rio de Janeiro e informações disponíveis em revistas e livros científicos, um dos quais, especialmente, foi de grande valia: Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba, Rio de Janeiro, publicado em 1987, tendo como coordenadora a Dra. L.M.Kneip. O primeiro cadastro dos sambaquis guaratibanos foi publicado em 1963, pelo cirurgião-dentista Sales-Cunha, que relacionou forma, altura, artefatos, restos faunísticos e sepultamentos, detendo-se, principalmente, no estudo da paleopatologia dentária dos homens da época. Cadastrou 29 sambaquis: 4 na bacia do Rio Piraquê, 15 na bacia do Rio Piracão, 9 na Bacia do Rio Portinho e 1 no Rio João Correia. Posteriormente outros estudiosos cadastraram mais 4 sambaquis na bacia do Rio Piraquê. Os estudos realizados detectaram que as populações utilizavam uma dieta predominantemente marinha, associada produtos vegetais e só secundariamente dependiam da caça; utilizavam-se de produtos manufaturados, especialmente cerâmica. Apontam para um homem de Guaratiba sadio e em harmonia com a natureza. Por análise dentária, consideram a existência de cárie raríssima, atribuindo o fato a alimentação essencialmente protéica, rica em vitaminas e minerais e hábitos de vida ao ar livre, nos brejos, mangues e restingas locais. Dos 33 sambaquis cadastrados para Guaratiba, 45% foram totalmente destruídos, 15% parcialmente destruídos (bastante comprometidos) e 40% encontram-se intactos ou quase. Ou seja, mais da metade dos testemunhos dos pescadores e coletores pré-históricos de Guaratiba foram total ou parcialmente destruídos. Na Bacia do Rio Piraquê (com exceção do sambaqui do Telegrafo), do Rio Portinho (com exceção do sambaqui cabeça de índio) e do Rio São João, todos os sambaquis foram total ou parcialmente destruídos, por sua utilização no fabrico de cal, farinha de ostra, por depósito de aterro, urbanização e mesmo por pesquisas realizadas. A maior parte da riqueza arqueológica local encontra-se hoje em terras Reserva Biológica e Arqueológica de Guaratiba que concentra o maior patrimônio em sítios arqueológicos do Estado do Rio de Janeiro. Seus limites, entretanto, precisam ser urgentemente ampliados e sua proteção efetiva. Propõe-se (1) eleger um sambaqui já aberto, porém apenas parcialmente destruído e um sambaqui intacto para serem cobertos com vidro ou acrílico transparentes e sinalizado com informações para serem conhecidos e apropriados coletivamente pela população local e utilizados em programas de educação ambiental, como feito em sítio arqueológico de Saquarema. (2) Cercar (não cerceando a visitação) adequadamente os sítios arqueológicos, programar escavações de salvamento nos sítios parcialmente destruídos ou em riscos de maiores impactos, permitindo o conhecimento científico. (3) Promover iniciativas amplas de caráter turístico cultural possibilitado à comunidade local e de todo o Estado conhecer um pouco de sua pré-história.

1,2 - Departamento de Botânica - UFRRJ; 3 - Secret. Municipal de Meio Ambiente  
4 - Museu Nacional - UFRJ; 1,2,3 - Associação Guaratibana de Ecologia  
Poster

## **GUARATIBA'S SAMBAQUIS – ARCHAEOLOGICAL SITES WITH SCIENTIFIC, CULTURAL AND TOURIST POTENTIAL**

*Ariane Luna Peixoto 1, Luiz Fernando T. Menezes 2, Fernando Régis Di Maio 3  
e Lina M. Knaip 4 - UFRRJ/SMA - Rio/Museu Nacional/AGE – Brasil - RJ*

---

### **ABSTRACT**

In the attempt of inventorying attractiveness for the constitution of museums opened in the Guaratiba region, tried to bring for discussion with sections of the local population the archaeological sites, denominated sambaquis, founded in the region. Sambaqui is a word of indigenous origin used to designate deposits, predominantly of shells, left by inhabitants of the prehistory. They correspond to places of temporary camp of fishermen, gatherers and hunters communities, generally coastal, contends variable amounts of fauna remains, especially shells of mollusks, vegetable vestiges and evidences of the human performance as, lithic, bony and shell artifacts, ceramic, human burial, residues of coal, bonfire ashes, coloring matters, among others. For the intent scientists of Universities and Institutes of Research of Rio de Janeiro was consulted, and available information in papers and scientific books, one of them, especially, was important for as: *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba*, Rio de Janeiro, published in 1987, tends as coordinator Dr. L.M.Kneip. The first cadastre of the sambaquis of the region was published in 1963, for the cirurgião-dentist Sales-Cunha. He report forms, height, engines, remains of fauna and human burial, and, mainly, in the study of the prehistoric men's dental paleopatology. 29 sambaquis was recorded: 4 in Rio Piraquê's basin, 15 in Rio Piracão's basin, 9 in Rio Portinho's basin and 1 in Rio João Correia. Later, 4 others sambaquis was recorded in Rio Piraquê's basin. The research of many scientists detected that the Guaratiba prehistoric populations used a diet predominantly navy, associated vegetable products and only secondarily depended on the hunt; they were used of manufactured products, especially ceramic. They appointed for healthy and nature integrated Guaratiba's man. For dental analysis, they consider the existence of exceptional decay, attributing the fact essentially the feeding proteic, rich in vitamins and minerals and life habits to the free air, in the local swamps, mangroves and sandbanks. Of the 33 sambaquis listed for Guaratiba, 45% were totally destroyed, 15% partially destroyed and 40% meet intact or almost. Them, more of the half of the testimonies of the prehistoric fishermen and collectors of Guaratiba were total or partially destroyed. In Rio Piraque's Basin (except for the sambaqui Telegrafo), of Rio Portinho (with exception of the sambaqui Cabeça de Índio) of Rio São João, all the sambaquis was total or partially destroyed, for its use in manufacture of whitewash, oyster flour, for embankment deposit, urbanization and even for accomplished researches. Most of the local archaeological wealth meets today in lands Biological and Archaeological Reservation of Guaratiba that concentrates the largest patrimony on archaeological sites of the State of Rio de Janeiro. Its limits, however, need to be enlarged urgently and make it effective protection. Does intend (1) to choose a open sambaqui, even so just partially destroyed and an intact sambaqui for they be covered with glass or acrylic transparent and signaled with information for they be known and collectively appropriated by the local population, many of which fishermen and collectors, and used in programs of environmental education, as done at archaeological sites ranch of Saquarema. (2) to surround the archaeological ranches appropriately, to program rescue excavations in the sites partially destroyed or in risks of larger impacts, allowing the scientific knowledge. (3) to promote wide initiatives of cultural tourist, facilitating the local community and all population of Rio de Janeiro know a little of its prehistory.

1,2 - Departamento de Botânica - UFRRJ; 3 - Secret. Municipal de Meio Ambiente

4 - Museu Nacional - UFRJ; 1,2,3 - Associação Guaratibana de Ecologia

\* Poster

## **TRILHA INTERPRETATIVA NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DAS BRISAS**

*Gustavo Luna Peixoto\** -

*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ - Brasil - RJ*

---

### RESUMO

A comunidade Guaratibana já há algum tempo vem se mobilizando, em diferentes grupos de ação e por diferentes meios, na tentativa de preservar a Área de Proteção Ambiental das Brisas (APA das Brisas). Isto se prende, predominantemente a dois fatos: (1) a região é carente de áreas verdes destinadas ao lazer e ao turismo ecológico e (2) há a consciência da importância da manutenção da vegetação existente no local para a sobrevivência de muitos animais que dependem deste espaço para reprodução e abrigo.

A mobilização de setores da comunidade iniciou-se em 1991, tendo como grupo catalisador a Associação Guaratibana de Ecologia e Cultura, culminando com uma solicitação feita à Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente para a criação de três APAs na a região. Em 1992 a Câmara Municipal aprovou a criação da APA das Brisas, sancionada pela lei nº 1.918, de 5/10/92.

A APA das Brisas destaca-se no litoral da Baía de Sepetiba pelo valor ecológico, histórico e arqueológico que representa. Nela predominam os ecossistemas costeiros de mangue e restinga, onde ocorrem alguns exemplares raros e endêmicos de fauna e flora nativas. A área apresenta notável diversidade biológica. A AVIFAUNA encontra-se representada por aproximadamente 140 espécies, algumas das quais ameaçadas de extinção.

No interior da APA trilhas e caminhos que dão acesso à diversos recantos, vem sendo utilizadas pela população local, quer em caminhadas, quer usando bicicletas. Estas trilhas são muito propícias para serem utilizadas com fins de educação ambiental na busca de maior integração do homem com o meio ambiente.

Visando atender a esta demanda e aos anseios de segmentos da população sobre informações acerca dos bens naturais locais, projetou-se uma trilha com três objetivos principais: a) Possibilitar, aos professores de escolas próximas à APA, fazer caminhadas com seus alunos, despertando, assim, interesse ecológico nestes; b) Mostrar a importância da manutenção da APA e dos ecossistemas nela presentes para os moradores próximos à área; c) Atrair pessoas idosas para caminhadas matinal e vespertina no interior da APA, aproximando-as da natureza e proporcionando uma vida mais saudável.

Deste modo elaborou-se uma trilha interpretativa utilizando-se os caminhos já existentes, evitando assim impactos da abertura de novas trilhas. Nesta trilha escolheu-se cinco pontos propícios a paradas para descanso e troca de informações devido à importância de seus recursos naturais. Nestes pontos efetuou-se um inventário paisagístico o que possibilitou a eleição de dados e informações a serem apresentados aos visitantes, seja através de guias, seja através de placas informativas. A trilha, desde a entrada da APA pela rua projetada O, abrange 2040 metros de comprimento, sendo toda em terreno plano, o que a torna acessível tanto para crianças quanto para idosos.

Por abranger vários ecossistemas, a APA das Brisas demonstra-se apta para um projeto de educação ambiental mais abrangente, que venha a atender melhor aos anseios da população local. Espera-se que a trilha ora elaborada seja uma ferramenta útil às ONGs e escolas locais, na busca de integração do homem com o meio ambiente, de modo a se alcançar o desejado desenvolvimento sustentável. Espera-se também que ela seja abraçada pela prefeitura e então sinalizada e venha a servir de mote para a discussão e implantação de novas trilhas nesta área, tornando-a assim um modelo de área de preservação ambiental e um bem de utilidade pública inserido no conceito de museu comunitário ou ecomuseu.

\*Estudante de Engenharia Florestal - UFRRJ

\*\* Poster



## **INTERPRETATIVE TRAIL IN ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DAS BRISAS**

*Gustavo Luna Peixoto\** -

*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ - Brasil - RJ*

---

### **ABSTRACT**

The Guaratiban community, there is some time, has gathering together, in different action groups and for different means, in the attempt of preserving the Área de Proteção Ambiental das Brisas (APA das Brisas). This is arrested, predominantly to two facts: (1) the region is lacking of green areas destined to have fun and to ecological tourism and (2) the local people have conscience about the importance of the maintenance of the natural vegetation in the place for the survival of many animals that depend of this space for reproduction and shelter.

The mobilization of the community began in 1991, tends as main group the Guaratibana Association of Ecology and Culture, culminating with a solicitation done to the Municipal Secretary of Urbanization and environment to the creation of three Environmental Protection Zones. In 1992 the Mayor approved the creation of APA das Brisas, sanctioned by the law no. 1.918, of 5/10/92.

The APA das Brisas stands out in the coast of the Sepetiba's Bay for the ecological, historical and archaeological value that represents. In it the coastal ecosystems of mangrove and sandbank prevail, where they happen some rare and endemic species of native fauna and flora. There are notable biological diversity. The bird population is represented for approximately 140 species, some of them threatened of extinction.

Inside the APA trails and roads that give access to several retreats have being used by the local population in walks and using bicycles. These trails are very favorable to be used in environmental education in the search of the man's larger integration with the environment.

Seeking to assist this demand and the longings of segments of the population on information concerning the local natural goods, a trail was projected with three main objectives: a) Facilitate, to the teachers of near schools to do walks with its students creating ecological interest in these; b) Show the importance of the maintenance of this APA and the ecosystems in it presents for the close inhabitants the area; c) Attract senior people for morning and evening walks inside the APA, approaching them of the nature and providing a healthier life.

This way an interpretative trail was elaborated using roads already existent, avoiding impacts of the opening of new trails. In this trail it was chosen five favorable points to stop for resting and change of information due to the importance of its natural resources. In these points an paisagistic inventory was made to facilitated the selection of data and information that can be introduced to the visitors through guides or through informative plates. The trail, from the entrance of the APA for the projected street O, embraces 2040 meters in length, being all in plane land, what turns it accessible so much for children as for senior.

For embracing several ecosystems, the APA das Brisas is capable for a large project of environmental education, that comes to assist the longings of the local population. It is waited that the trail for now elaborated is an useful tool to NGOs and local schools, in the search of the man's integration with the nature, in way being reached wanted maintainable development. It is also waited that it is implemented by the City Hall and then signaled and come to serve as example for the discussion and implementation of new trails in this area, turning the APA das Brisas a model of area of environmental preservation and a good of public usefulness inserted in the program of community museum or ecomuseum.

\*Forest Engineering Student – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

\*\* Poster

## HISTÓRIA DAS CIDADES DA BAIXADA FLUMINENSE (Vídeo Documentário)

Walter Prado \* - Ecomuseu Fluminense - Brasil - RJ

---

### RESUMO

O Vídeo Documentário “História das Cidades da Baixada Fluminense “ contextualiza , através de imagens de fotos de arquivo digitalizadas, as cidades dessa região, mostrando os aspectos sócio - econômicos desde a formação histórica, com as primeiras cartas de sesmarias até a fundação de cada cidade que forma a região. O assunto é apaixonante, abordado de forma moderna e sempre procurando relacionar os fatos passados aos atuais. As pesquisas contemporâneas procuram apresentar a trajetória histórica e geográfica desde os primórdios de sua história: a chegada dos portugueses em 1500, as expedições de reconhecimento e a defesa do litoral aos ataques estrangeiros e o sistema de colonização.

Nas comemorações dos 500 anos de “descobrimto”do Brasil, buscou - se , através desse vídeo, mostrar a nova identidade para uma região estigmatizada como pobre e violenta, pois parte da premissa de que só amamos o que conhecemos e, estando a Baixada envolvida pela fumaça que o tempo dissipará, mostra que, somente através do conhecimento, as pessoas dessa região terão a revelação do verdadeiro horizonte.

Esse vídeo foi feito com o propósito de difundir o conhecimento através da história, mostrar o verdadeiro patrimônio e identidade da região e o valor da população que trabalha e vive nessas áreas. Essa foi também a razão para a emergência do **ECOMUSEU FLUMINENSE**, não como resposta para a falta de identidade da comunidade, mas para uma comunidade ávida para preservar seu patrimônio histórico.

\* Professor e Historiador/ Membro fundador do  
Ecomuseu Fluminense

## DOCUMENTARY VIDEO ABOUT THE HISTORY OF CITIES IN THE LOWLAND OF RIO DE JANEIRO

Walter Prado \* - Ecomuseu Fluminense - Brasil - RJ

---

### ABSTRACT

This documentary video is presented through digital file photos showing the social economical aspects from its historical creation. From the first distribution of the land to the foundation of each city that forms this region. The subject is captivated in a modern way and always searching to relate facts from the pass with the present. The contemporary researcher looks to present a historical and geographical path from the origin of its history: the arrival of the Portuguese in the year 1500, the research expeditions, the coastal defense from foreign attacks, and finally to the system of colonization.

Through this video, the 500th celebration of the “ discover “ of Brazil is used to show a new identity of the region branded as poor and violent, under the premise of that we only love what we understand, and surrounded by a fog that in time will dissipate, to show that only through the knowledge the people in these region will the true horizon be revealed.

Therefore, this video was made for the purpose of spreading the knowledge to you, through history, to find the true patrimony and identity of the region and the value of the population that work and live in these areas. This video was also the reason for the emergent of the **ECOMUSEU FLUMINENSE** not as an answer to the lack of the identity of a community but as a community eager to preserve it's patrimonial history.

## **OS ECOMUSEUS NO CONTEXTO DAS AGENDAS 21 LOCAIS: CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO**

*Luciana Martins Prazeres\* - Secretária Municipal de Meio Ambiente (RIO) /  
Assessoria da Secretária Executiva do Fórum 21- Brasil (RJ)*

---

### RESUMO

A Agenda 21, principal documento da Rio-92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, que teve lugar na Cidade do Rio de Janeiro em 1992) , assinado por mais de 170 países, consiste num processo de desenvolvimento de parcerias entre Governo e sociedade visando a implementação de políticas para o desenvolvimento sustentável no século XXI. Os países signatários desse documento se comprometeram a realizar campanhas de implementação de agendas nacionais e locais, em seus Estados e Municípios.

Como um processo contínuo, a Agenda não se limita a uma única atividade ou documento. Um dos seus objetivos é criar metodologias para implementação de políticas públicas que estimulem planos de ação local visando o desenvolvimento sustentável.

Participação e inclusão estão no cerne do conceito da Agenda 21. Ela expõe de forma clara que o desenvolvimento sustentável deve ser baseado na participação democrática. É um processo onde as responsabilidades são partilhadas entre todos os que têm interesse sobre um determinado local, sejam indivíduos isoladamente ou organizações. Em termos práticos, operacionais, os diferentes setores da sociedade se reúnem para discutir e decidir prioridades, ações e soluções, dentro de uma visão de futuro estabelecida em conjunto (ICLEI, 1999). Em poucas palavras, podemos dizer que a Agenda 21 abrange em alguns conceitos-chave: cidadania, parceria, participação, envolvimento, consenso, compromisso e solidariedade.

Em vários cantos do mundo já se desenvolvem experiências que perseguem os preceitos de sustentabilidade e o critério de desenvolvimento. No entanto, o valor da Agenda 21 se concentra na consistência da sua proposta e no esforço estratégico e universal para o alcance de um modelo de desenvolvimento mais justo, com respeito aos limites do meio ambiente, com mais qualidade e durabilidade.

Os ecomuseus, enquanto espaços de dinamização dos elementos culturais de uma população num território, trabalham com pressupostos de valorização do espaço vivido na sua pluralidade e complexidade, promovendo ações de estudo, estímulo e acompanhamento do desenvolvimento local. Por essas características revelam um contraponto frente à problemática da crise das cidades e da abordagem de gestão tradicionalmente comandada pelo Poder Público.

Considerando as suas particularidades, essas iniciativas podem incorporar mais efetivamente a abordagem da Agenda 21 no seu trabalho, definindo linhas de ação, sobre alguns pontos, como por exemplo: ampliação das estratégias de democratização do conhecimento do território local; educação para valorização e gestão dos patrimônios social, natural e construído; envolvimento da comunidade na discussão e decisão sobre suas prioridades e na criação de uma visão de futuro; diagnóstico dos recursos humanos, naturais e materiais latente; capacitação para a gestão participativa do seu território, incluindo aspectos técnicos, operacionais, de avaliação, de captação de recursos e outros; estabelecimento de estratégias de cooperação entre os atores e, consolidação do seu reconhecimento frente a outros setores da sociedade, como um trabalho sólido, contínuo e comprometido com o desenvolvimento local.

\*Mestre em Psicossologia de Comunidades e Ecologia Social; geógrafa; consultora da International Development Research Center - IDRC

## **OS ECOMUSEUS NO CONTEXTO DAS AGENDAS 21 LOCAIS: CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO**

*Luciana Martins Prazeres\* - Secretaria Municipal de Meio Ambiente (RIO) /  
Assessoria da Secretaria Executiva do Fórum 21- Brasil (RJ)*

---

### **AGENDA 21: DIMENSÕES E PRINCÍPIOS**

A Agenda 21, principal documento da Rio-92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, que teve lugar na Cidade do Rio de Janeiro em 1992), assinado por mais de 170 países, consiste num processo de desenvolvimento de parcerias entre Governo e sociedade visando a implementação de políticas para o desenvolvimento sustentável no século XXI. Os países signatários desse documento se comprometeram a realizar campanhas de implementação de agendas nacionais e locais, em seus Estados e Municípios.

Para além dessa definição, falar de Agenda 21 nos remete a algumas dimensões <sup>1</sup>:

Enquanto um documento, ela se compõe de quatro seções, onde estão considerados grandes temas-chave para a questão do desenvolvimento. São eles: aspectos sociais e econômicos, onde se incluem as relações entre meio ambiente e pobreza, saúde, comércio, dívida externa, consumo e população; conservação e administração de recursos: as maneiras de gerenciar recursos físicos como terra, mares, energia e lixo para garantir o desenvolvimento sustentável; fortalecimento dos grupos sociais: as formas de apoio a grupos sociais organizados e minoritários que colaboram para a sustentabilidade; e, meios de implementação: financiamento e papel das organizações governamentais e não governamentais.

Numa segunda dimensão, a Agenda 21 traduz uma proposta consistente de como alcançar o desenvolvimento sustentável. Em terceiro lugar, apresenta uma dimensão de planejamento, com ações de curto, médio e longo prazos, concretizando-se, numa outra dimensão, em um roteiro de ações, com metas, recursos e responsabilidades definidas. Por último, a dimensão de um plano obtido pelo consenso e do comprometimento dos atores envolvidos.

Em termos metodológicos, a Agenda 21 apresenta uma forma de trabalho, baseada em alguns princípios. Contudo, uma metodologia rígida não acompanha esta proposta, porque as necessidades, os elementos do meio ambiente, o patrimônio cultural e humano são diferentes em cada lugar.

No entanto, os passos de uma agenda 21 devem estar orientados por alguns princípios básicos. Isto porque esta não deve ser um documento inerte e, sim, concretizar-se em práticas. Aí se encontram as dificuldades. Mesmo se admitirmos que a Agenda 21 é um processo ainda em experimentação e aprendizagem e que ainda não existem métodos gerais que dêem conta de tudo e de todos os lugares com máxima eficiência, devemos nos voltar para o que se entende como o centro da sua proposta: a participação.

O estabelecimento de um plano de desenvolvimento sustentável para determinado lugar, é a meta principal de uma Agenda. Para isso, a agenda tem como princípio garantir a participação de todos as representações da localidade, de modo que todos possam opinar e decidir sobre o seu futuro. Nesse sentido, a agenda tem que estar aberta para todos os segmentos da população, representados ou não. A idéia é a de consolidação de um grupo de parceiros para a implantação desse processo.

Devem se fazer presentes o poder público local e a sociedade em todas as suas formas de organização, tais como: entidades de classe, associações de bairros, sindicatos, entidades ambientalistas, universidades, escolas, igrejas, iniciativa privada e outras. A participação dos segmentos, além de paritária, deve procurar incluir todos os setores existentes, dando voz, principalmente, aqueles que representam as minorias. A Agenda 21 é clara em expor que o desenvolvimento sustentável deve se basear na participação democrática.

Trabalhar em consenso, é um outro princípio desafiador. As decisões sobre prioridades, planos e ações concretas devem ser todas baseadas na conformidade do grupo, de preferência, através de decisões que incluam as expectativas de todos. Um objetivo fundamental é o diálogo

entre os vários participantes; a agenda não pode ser um espaço para a disputas de hegemonias. Os interesses devem ser debatidos e negociados tendo em vista critérios, principalmente, de sustentabilidade, equidade e justiça.

Responsabilidade através do compromisso dos atores também é um aspecto fundamental para a continuidade do processo. As responsabilidades devem ser partilhadas entre todos do grupo da Agenda 21, sejam indivíduos ou organizações, que de acordo com a sua vocação e capacidade operacional, política ou técnica assumirão uma parte do trabalho.

## **ABRANGÊNCIA DA AGENDA 21 / O ESPAÇO DO ECOMUSEU**

Uma Agenda 21 com caráter local, normalmente é iniciada pela Municipalidade, que prepara as bases para a sua institucionalização e fortalecimento contínuo.

Mas, se pensarmos sob a ótica da sua espacialidade, veremos que a Agenda 21 pode ser aplicada em diversos lugares. Podem ser criadas, por exemplo, agendas em ruas, bairros, escolas ou comunidades específicas. A abrangência da iniciativa aponta para uma priorização de ações para as localidades escolhidas. No entanto, as experiências de agendas pontuais podem, e devem, se somar à outras iniciativas existentes na cidade, na qual estão inseridas, no sentido de que os seus planos possam fazer parte de estratégias maiores de Desenvolvimento Sustentável para o conjunto do município.

Nesse sentido, os ecomuseus, por sua delimitação territorial, parecem ser um dos lugares possíveis de experimentações piloto. Mesmo com suas especificidades, o centro da questão volta-se para: como planejar e gerir um espaço coletivamente, na direção de um desenvolvimento local sustentável?

Sobre este propósito, é interessante ter em mente, que fazer uma agenda 21, em geral, representa o desejo de trabalhar para melhorar as condições de vida, de ter um meio ambiente mais limpo, saudável e equilibrado, de viver numa sociedade mais justa, onde haja iguais oportunidades para todos, de participar como cidadão na formulação e acompanhamento das políticas públicas, de ser mais solidário, enfim, de poder contribuir na formulação de um projeto de desenvolvimento diferente do que experimentamos até hoje. Um desenvolvimento em uma concepção mais integral, que possa gerar padrões de vida que sejam sustentáveis dos pontos de vista ambiental, sócio-cultural e econômico e que garantam a sua continuidade por várias gerações.

Por outro lado, a proposição de se iniciar uma agenda 21, nos coloca diante de um grande desafio. Primeiro, porque não temos garantias de que este processo dará certo. Porque estamos lidando com algo novo, com a colocação de novas posturas. Porque é difícil dialogar e chegar a um consenso com interesses conflitantes, porque não temos cultura participativa, porque temos ansiedades em resolver nossas necessidades imediatas, porque temos intolerância com as diferenças e, dentre outras coisas, porque não temos vivência de relações de confiança entre governo e sociedade.

Nesse aspecto, a prática de museus comunitários, especialmente aqueles com forte atuação no campo social, possuem um grande apelo para a realização de uma Agenda 21. Trabalhos consolidados na comunidade e credibilidade podem ser elementos facilitadores da inserção de uma abordagem de agenda. Mas, qual a vantagem que isso traria para a comunidade? Na verdade, a Agenda não concorre com os trabalhos já desenvolvidos e, sim, procura integrá-los num planejamento maior. Pensar um desenvolvimento de determinado local, passa por identificar os parceiros e os potenciais parceiros locais. Isto significa adquirir mais confiança nas relações, maior visibilidade para o conjunto da sociedade e, conseqüentemente, maior poder de atração de recursos e investimentos para os projetos locais.

Em vários lugares do mundo já se desenvolvem experiências que seguem os preceitos da sustentabilidade e o critério de desenvolvimento. No entanto, o valor da Agenda 21 se concentra na consistência da sua proposta e na sua característica universal e de soma de esforços estratégicos para o alcance de um modelo de desenvolvimento mais justo, com respeito aos limites do meio ambiente, com mais qualidade e durabilidade.

Outras características ou tendências nas práticas dos ecomuseus sugerem uma abertura para o trabalho de Agenda 21. Essas iniciativas trabalham com a dinamização e/ou resgate dos elementos culturais de uma população num dado território, valorizando também o espaço vivido

das pessoas na sua pluralidade e complexidade, através de ações variadas como estudo e pesquisa, exposição, educação, estímulo e acompanhamento de projetos de desenvolvimento local, entre outras.

Muitos trabalhos são pautados num reconhecimento dos fatos da história local para a melhor compreensão e possibilidade de intervenção no presente. São aspectos que percebemos como distintos daqueles que compõem as formas tradicionais de gestão dos espaços pelo poder público e que se apresentam imbuídos de valores novos para resolução de problemas.

Considerando as suas particularidades, os ecomuseus podem incorporar ações mais efetivas sobre alguns pontos que, podem contribuir para a implantação do processo de uma agenda 21, como por exemplo:

Identificação dos parceiros locais;

Ampliação das estratégias de democratização do conhecimento sobre o território local;

Diagnóstico dos recursos humanos, naturais e materiais latentes;

Campanhas de divulgação sobre Agenda 21

Educação para valorização e gestão dos patrimônios social, natural e construído;

Envolvimento da comunidade na discussão e decisão sobre suas prioridades e na criação de uma visão de futuro;

Capacitação para a gestão participativa do seu território, incluindo conceitos sobre agenda 21, desenvolvimento, sustentabilidade, aspectos técnicos, operacionais, de avaliação, de construção de mecanismos de avaliação e retroalimentação e de captação de recursos;

Estabelecimento de estratégias de cooperação entre os atores e,

Consolidação do seu reconhecimento frente a outros setores da sociedade, como um trabalho sólido, contínuo e comprometido com o desenvolvimento local.

Articulação com processos de implantação de Agenda 21 em outros âmbitos (federal, estadual, por exemplo).

## **A AGENDA 21 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

A Cidade do Rio de Janeiro instituiu pela lei no 2.561/97 o Fórum 21, que tem como tarefa implementar a Agenda 21 Local na Cidade. Este é presidido pelo Prefeito e composto por 84 representantes dos mais variados segmentos, a saber: órgãos públicos municipais, Conselho Diretor do Plano Estratégico, Conselhos Municipais, entidades da sociedade civil organizada e organizações não-governamentais. Esse fato foi fruto de um longo processo democrático de discussão entre o governo e a sociedade civil, que a partir de 1996 formou uma Comissão Pró-Agenda 21 Local, tendo trabalhado nesse período no fomento de ações e na sensibilização dos setores governamentais e da sociedade civil visando a implementação da Agenda 21.

O Rio de Janeiro, por suas características de megacidade e por sua complexidade intrínseca, constitui um enorme desafio frente a Agenda 21. A lei que criou o fórum já define que a Agenda se materialize através das Áreas de Planejamento da Cidade (AP's), nas quais seriam constituídos fóruns locais, ligados ao Fórum maior da Cidade. Essa foi uma estratégia para lidar com o desafio territorial e multicultural que se apresenta no espaço carioca.

O Fórum 21 é a expressão desse processo participativo que se pretende desenrolar, espaço integrador entre os atores governamentais, atores comunitários, atores econômicos e políticos, criando as condições para que o exercício do planejamento e da gestão se dê de forma realmente participativa (premissa fundamental para o sucesso de um desenvolvimento sustentável. Atualmente, encontram-se dois núcleos iniciais de agenda 21 na Cidade: Ilha de Paquetá e região de Guaratiba.

A existência do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, na Zona Oeste da Cidade do Rio, inserida na Área de Planejamento 5, indica uma ótima possibilidade de parceria rumo ao sucesso de implementação da Agenda Local. A experiência dessa iniciativa na mobilização comunitária e na interlocução dos seus anseios junto ao poder público, na sensibilização do setor educacional, nas tarefas extra-escolares, no diálogo com setores econômicos da região, nas lutas de preservação dos seus patrimônios natural e construído e da cultura original dessa importante fatia da Cidade, assim como a delimitação do pólo irradiador

das suas ações (o quarteirão do Matadouro), sugerem uma potencialidade clara para um desenvolvimento promissor de um processo de Agenda 21.

Do mesmo modo, outras experiências de ecomuseus podem vir a se constituir em espaços privilegiados para a experimentação desse processo. A maior aproximação com as comunidades e o contato com o território e com as necessidades e anseios locais, aliada a um trabalho pautado em critérios de desenvolvimento comunitário e, de certa forma das condições locais, podem indicar um caminho já trilhado para uma experimentação de Agenda.

Não significa porém, que todas as iniciativas devam e sejam obrigadas a se integrarem numa proposta de Agenda 21. Isto não diminui em nada o seu valor para o público ou tema a que se destinam.

Nem sempre será possível abarcar todas as representações de boas experiências no processo de Agenda. O importante é que a mudança trazida pelo exercício da cidadania e pelas novas relações na gestão dos espaços que ocupamos, em todos os seus níveis, físicos, sociais, afetivos, permitam que estas continuem se desenvolvendo e contribuindo na formulação de valores sustentáveis para a vida.

## **BIBLIOGRAFIA**

ICLEI. Capacitando os Atores. Santiago:ICLEI - Oficina Regional para América Latina, 1999

COMISSÃO PRÓ-AGENDA 21-RIO. 21 Perguntas para você saber mais sobre a Agenda 21 Local. Rio de Janeiro: Alerj, 1996.

PRAZERES, Luciana M. A Interface Social e seus Desafios para Gestores de Política Ambiental nas Cidades. Conferência proferida no Encuentro Internacional de la Ciudad de México sobre Participación Social en la Gestión del Medio Ambiente Urbano: IDRC/Oficina Regional para América Latina y el Caribe. Mexico, 1998.

1 – Comissão Pró-Agenda 21-Rio (1996).

\*Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social; geógrafa; consultora da International Development Research Center - IDRC

## **LOS ECOMUSEOS EN EL CONTEXTO DE LAS AGENDAS 21 LOCALES: CONTRIBUCIÓN AL DESARROLLO**

*Luciana Martins Prazeres\* - Secretaria Municipal de Meio Ambiente (RIO) /  
Assessoria da Secretaria Executiva do Fórum 21- Brasil (RJ)*

---

### RESUMEN

La Agenda 21, principal documento de la Rio-92 (Conferencia de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente y el Desarrollo, que tuvo lugar en la ciudad de Rio de Janeiro en 1992), firmado por más de 170 países, es un proceso de desarrollo de alianzas entre Gobierno y sociedad, que pretende la instauración de políticas para el desarrollo sustentable en el siglo XXI. Los países firmantes, se comprometieron a realizar campañas de implementación de Agendas nacionales y locales, en sus provincias, estados y municipios o intendencias.

Como un proceso continuo, la Agenda no se limita a una única actividad o documento. Uno de sus objetivos principales es crear metodologías para la instauración de políticas públicas que estimulen planos de acción local contemplando el desarrollo sustentable.

Participación y inclusión están en el centro del concepto de la Agenda 21. Esta expone de forma clara que el desarrollo sustentable debe ser basado en la participación democrática, siendo un proceso donde las responsabilidades sean compartidas entre todos los que tengan intereses sobre determinado lugar, sean individuos de forma aislada o organizaciones. En términos prácticos y operacionales los diferentes sectores de la sociedad se reúnen para discutir y decidir prioridades, acciones y soluciones dentro de una visión de futuro establecida en conjunto (ICLEI, 1999). En pocas palabras, podemos afirmar que la Agenda 21 abarca algunos conceptos claves como : ciudadanía, alianzas, participación, cooperación, compromiso, consenso y solidaridad.

En varios lugares del mundo ya se desarrollan experiencias que persiguen los preceptos de sustentabilidad y el criterio de desarrollo. Sin embargo, el valor de la Agenda 21 se concentra en la consistencia de su propuesta y en el esfuerzo estratégico y universal para el alcance de un modelo de desarrollo más justo, con respecto a los límites del medio ambiente, con más cualidad y durabilidad.

Los ecomuseos, como espacios de dinamización de los elementos culturales de una población en un territorio, trabajan con supuestos de valorización del espacio vivido en su pluralidad y complejidad, promoviendo acciones de estudio, estímulo y acompañamiento de desarrollo local. Pero estas características revelan un punto opuesto frente a la problemática de la crisis de las ciudades y del abordaje de la gestión tradicionalmente comandada por el poder público.

Considerando sus particularidades, estas iniciativas pueden incorporar mayor efectividad al abordaje de la Agenda 21 en su trabajo, definiendo líneas de acción, sobre algunos puntos, como por ejemplo: ampliación de las estrategias de democratización del conocimiento del territorio local; educación para la valorización y gestión del patrimonio social, natural y construido; participación de la comunidad en la discusión y decisión de sus prioridades y en la creación de una visión de futuro; diagnóstico de los recursos humanos, naturales y materiales latentes; capacitación para la gestión participativa de su territorio, incluyendo aspectos técnicos, operacionales, de evaluación, de captación de recursos y otros ; definición de estrategias de cooperación entre los actores y consolidación de su reconocimiento frente a otros sectores de la sociedad, como un trabajo sólido, continuo y comprometido con el desarrollo local.

\*Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social; geógrafa; consultora da International Development



# ECOMUSEU DO QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO: TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E INSTRUMENTO DA COMUNIDADE

Odalice M. Priosti \* -

*Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro – Brasil - RJ*

---

## RESUMO

Através da experiência do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, em Santa Cruz, Rio de Janeiro, é analisada a construção do sujeito coletivo que gestou a ação sócio-cultural reconhecida como ecomuseu urbano, questão principal desse trabalho. Estudo de caso, discutem-se nele a participação da comunidade na gestão do presente, sua identificação com o território que a abriga, o uso do patrimônio como recurso da comunidade para o desenvolvimento local e sustentável. Explica-se a emergência do Ecomuseu de Santa Cruz, reconstruindo e reinterpretando, nas etapas diferenciadamente marcadas na história local, as relações de poder e seus reflexos, fatores que contribuíram para a formação de uma memória de exclusão e resistência. A correlação entre as relações de poder em Santa Cruz e a emergência do Ecomuseu sinaliza um território de memória em construção. Através de uma análise teórica e documental, incluindo os depoimentos de contemporâneos dessa experiência, definem-se os contornos conceituais de ecomuseu, sua prática, seus conflitos, convergências e divergências. Levantam-se questões sobre alguns pressupostos da Museologia, abordam-se problemas da Museologia convencional, no que diz respeito à preservação processual da memória, à formação da identidade, ao seu discurso lacunar em relação à diversidade cultural brasileira, à dissociação entre a instituição museu e a população. Pensar o Ecomuseu como uma alternativa viável no discurso museológico, através da experiência de Santa Cruz, pode contribuir para a ampliação do conceito de museu e questionar alguns pontos referentes ao divórcio entre o museu e a comunidade

## ABSTRACT

Through the experience of *Quarteirão Cultural do Matadouro's* Ecomuseum at Santa Cruz, Rio de Janeiro, is analyzed the collective subject construction which generated the social cultural action known as an urban ecomuseum, the focal point of this research. A study of case, it is discussed within it the community's participation in managing the present, its identification towards the territory where it is located, the use of its heritage as a community source for the local and sustainable development. The emergence of Santa Cruz' Ecomuseum is explained by rebuilding and reinterpreting, at different and marked times in local history, the relations of power and theirs reflexes which contributed to the genesis of a memory of exclusion and resistance. The correlation between the relation of power in Santa Cruz and the Ecomuseum's emergence signalize an inbuilt territory of memory. Through a theoretical and documental analysis, including oral history by people who have been living that experience, defines the Ecomuseum's concept and its conflicts, convergences and divergences. Some question are raised upon some Museology axioms as long as some questions about conventional Museology, concerning preservation of memory, molding of identity, its incomplete speech related to Brazilian's cultural diversity, the separation between museum as institution and population. Thinking Ecomuseum as a practicable option within museological speech, through Santa Cruz' experience, can contribute to broad the concept of museums and to brighten some points related to the divorce between museum and community.

\*Membro da Equipe dinamizadora do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro; Coord.Assuntos Adm. do NOPH

# **ECOMUSEU DO QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO: TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E INSTRUMENTO DA COMUNIDADE**

*Odalice M. Priosti \* -*

*Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro – Brasil - RJ*

---

## **Reflexões ecomuseológicas a partir da experiência de Santa Cruz**

O questionamento à Museologia convencional nutre as reflexões que se seguem, buscando contribuir para o aprofundamento da discussão sobre alguns pressupostos dessa disciplina. Dizem respeito desde a desconstrução do objeto museológico, a emergência da função social do museu e aos desafios que deve enfrentar a instituição museu no mundo cada vez mais globalizado, onde, fronteiras rompidas, já não se pode ter certezas quanto à gênese e preservação das identidades culturais, à gestão da memória e à transmissão dos valores simbólicos. A construção desses valores no cotidiano, as questões éticas relativas à garantia da diversidade cultural, à relação do homem com a alteridade e à concepção do museu como cenário - espaço/tempo - de uma relação do homem com a sua realidade, hoje incluindo uma relação virtual, todos esses temas contemporâneos desafiam o museu a transformar a maneira como concebe a si mesmo, assim como também o homem e sua realidade.

A provocação reflexiva a que se têm submetido os envolvidos no processo e sob o impacto dos evidentes fracassos na área museológica, quando o discurso convencional já não responde plenamente às novas questões formuladas pela sociedade, traz, no bojo das suas indagações, a necessidade de explicar a alternativa surgida em diversas comunidades, especificamente em Santa Cruz. Portanto, pretendeu-se responder por que, como e para que essas comunidades geraram ações socioculturais reconhecidas como ecomuseus ou museus comunitários ou, ainda, abordagens próximas, mesmo sem usar essa nomenclatura.

Uma segunda questão emerge quando se pergunta de que forma a comunidade chega a criar o ecomuseu, descobrindo a história desse museu comunitário que, contrariando a ordem do discurso museológico, se revela criativo, autônomo e desvia seu objeto da própria cultura material e imaterial para um outro ponto, difuso e estilizado. Descobrir nesse museu qual é esse objeto, bem como levantar as finalidades para as quais o ecomuseu ou museu comunitário foi criado, fizeram parte desse estudo, que buscou gerar novas interlocuções.

O questionamento à Museologia, decorrente do objetivo principal desse trabalho, se dá no sentido de que a sociedade, representada por seus atores, não encontra espaço para assumir no museu convencional o seu papel de sujeito. Voltamos aqui a questão da autonomia do museu que na Museologia convencional é gerenciada por uma elite dominante, detentora do poder político, econômico ou acadêmico, que produz um museu para a sociedade e quase nunca com ela, impedindo dessa forma a apropriação do museu pela população. Vinculado sempre ao poder, são museus que não reconhecem as necessidades endógenas dessa população e a alijam de sua construção, elaborando um discurso afinado apenas com os especialistas, gestores e técnicos, minimizando sua função social e sua capacidade de instrumentalizar a sociedade para se expressar e liberar sua cultura viva. São museus fechados em si mesmo, onde a população não se reconhece e que, por isso, não os integra à sua vida, excluindo-os conseqüentemente do seu desenvolvimento. Tornam-se então as “catedrais” sagradas do saber, cultivando o colecionismo exacerbado e sacralizando os objetos muito mais pela sua raridade e exotismo do que pela informação que podem conter. Transformados muitos deles em laboratórios específicos onde se desenvolvem técnicas apuradas de preservação de objetos, esses museus centram suas atividades na preservação material e na comunicação do seu acervo ao público, este então um mero consumidor de uma cultura produzida por uma elite, e que nenhum potencial transformador levam à população. O público apenas desfruta desse saber e reproduz o conceito de museu herdado do século XIX. Alguns desses museus, entretanto, pressentindo o vazio de um discurso para eles mesmos, tocados pelo alheamento da população em relação a esse discurso, começam a se aproximar das comunidades, abrindo-se

para a população, o que não atrapalha as funções tradicionais do museu, mas as enriquece sobremaneira. De outra forma, há os museus tradicionais que se voltaram para a ênfase na comunicação do seu acervo, exibindo-o espetacularmente, apresentando-o como um produto cultural a ser consumido e divulgado segundo as mais modernas tecnologias de marketing. Tornam-se museus espetáculo, aos quais se vai para consumir o produto, sem nenhum compromisso com uma transformação na sociedade.

Para responder a essas questões, a contribuição de um escopo teórico que se fundamenta em Nietzsche, Foucault, Guattari, Halbwachs, Nora, Certeau, Varine e Paulo Freire, entre outros, foi essencial para entender a implicação do ecomuseu de Santa Cruz no desenvolvimento local e comunitário, observando sua prática como uma das saídas para o impasse vivido pela comunidade museológica pela insuficiência ou desgaste de suas respostas convencionais.

O recurso à História Oral reforçou a interpretação da prática social no Ecomuseu de Santa Cruz, específica criação e expressão dos seus atores, só possível porque não conheceram o museu nos padrões convencionais, estando, pois, imunes às regras que regem a Museologia clássica.

### **Desconstrução do objeto museológico no Ecomuseu**

Com as atenções voltadas tradicionalmente para o conhecimento produzido na relação do homem com o objeto no tempo real e no espaço institucionalizado dos museus, a Museologia vem sendo provocada por uma necessidade cada vez mais instigante de se responder às perguntas: "De que modo o museu tem contribuído para o desenvolvimento das sociedades? Como responder, através dos museus, às necessidades prioritárias das sociedades, tais sejam a de expressão, de liberação de suas forças criativas e mesmo de insubordinação à hegemonia de padrões dominantes que ameaçam os valores simbólicos das pequenas sociedades? Como libertá-las para defender seu próprio patrimônio? Como predispô-las ao uso desse patrimônio para o seu desenvolvimento? Como levá-las a apropriar-se da mudança, através do museu? Como deixá-las serem sujeito de sua história?"

Ao estender a conceituação de ecomuseu para além da tríade convencional - o homem na sua relação com o espaço e o tempo que o envolvem - avança-se para o entendimento não só de outras formas de relação, como também de outra forma de conceber a própria relação. Impõe-se uma outra forma de relação, mais abrangente, criada em espaços/tempos distintos do museu, uma relação que se envereda por todos os campos da vida, envolvendo não apenas o objeto e o observador, mas todos os participantes, uma teia de relações entre a comunidade e a própria vida, diferentemente da que acontece na relação sujeito/objeto, num diálogo biunívoco, hermético, com limitada ou nenhuma perspectiva de troca. Mas, para além disso, se pensa a própria relação de uma maneira diferente: ela se torna prioritária, sendo os elementos em jogo - sujeito, objeto, realidade, etc - produzidos em decorrência dela. A partir daí, depreende-se o dinamismo do movimento ecomuseológico, uma vez que é para a própria dinâmica das relações que o foco do interesse se volta e não mais unicamente para o objeto, material ou imaterial.

Desviando-se, portanto, do objeto e jogando com a manutenção da dinâmica relacional, diríamos ainda a manutenção do cenário e da relação de troca até mesmo num plano espiritual, mantém-se viva a chama do interesse e redimensiona-se o patrimônio então alargado por tantas vezes quantos forem os potenciais partícipes da relação, pois cada um o interpreta e vive subjetivamente. Rompe-se com a noção de espaço, admitindo-se mesmo o espaço espiritual, rompe-se com o tempo linear, imaginando o instante como uma das faces do real. Desfaz-se o totem que se tinha erigido à limitada relação tempo/espaço/sujeito, circunscrita em uma única interpretação. A relação passa a ser entre todos os sujeitos, emissores/receptores no tempo histórico, tecendo uma trama *ad infinitum* com infinitas interpretações e possibilidades de troca, potencializando inconclusas manifestações, como na experiência de Pasteur e o fermento, onde os dois, pesquisador e experiência, crescem na trama das relações, construindo-se reciprocamente.

O ecomuseu faz emergir o novo objeto na Museologia: não mais o material que contém o cultural e o intangível, não só o intangível percebido através da concretude do objeto, mas a própria relação é o objeto de uma Museologia que se preocupa com um produto inacabado, com

a manutenção da dinâmica troca que só o “ser com” pode promover. Desse entendimento, é possível orientar para uma Museologia que não é feita, produzida, conservada ou comunicada em salas de reserva técnica, salões de exposição, mostras, espetáculos. Gera-se no seio da vida comunitária uma museologia popular, aberta a quantos queiram dela participar, onde cada um pode contribuir com o seu aporte para a solução de um problema, a saída de um impasse, a quebra de um ciclo, a revitalização de uma tradição, o fortalecimento da comunidade para a cidadania e para a responsabilidade para com o patrimônio da vida.

Sendo o objeto a própria relação, ele se torna, em decorrência, pluridiversificado, virtual e cinético, rompendo-se com a idéia de um objeto estático. Se, a partir das relações, tudo pode ser “objeto de acervo ... e vem povoar de imagens todos os suportes acessórios de informação que o museu produz: folhetos, cartazes, convites, catálogos e uma infinidade de outros acessórios que serão comercializados” ... ( Scheiner:1998 ) é no ecomuseu ou qualquer outro museu, que faz da relação e da mobilização comunitária seu objeto, que se pode avançar mais ainda no desafio da sustentabilidade ou duração do museu. Ele está na sua proposta de “guardar aquilo que, por natureza, está em contínua mutação”: um acervo do qual, paradoxalmente, buscamos o fim, quando relacionado aos problemas a resolver; no rastro do desmonte da coleção, do território que se desterritorializa, pergunta-se:

*“ O repto para as propostas museológicas alternativas que teimam em não perder o seu potencial transformador não estará colocado na utilização do poder da memória ao serviço dos indivíduos e das sociedades locais, cada vez mais complexas? (Chagas: 2000)*

A experiência ecomuseológica de Santa Cruz responde à questão, após demolir o conceito de coleção (com a descoleção de Canclini), de patrimônio material (colocando-o na vida) e de território (alcançando o plano espiritual). Resta à comunidade não apenas manter seu potencial transformador, gerando o desenvolvimento, mas também manter o desejo de preservar construindo - o que depende da mobilização dos atores - intervindo nessa construção, direcionando-a, segundo suas próprias escolhas, selecionando no patrimônio global um patrimônio sem a armadura de uma preservação estática.

Voltaríamos a Paulo Freire, cujos princípios nutriram a Nova Museologia no seu nascedouro, para compreender que o novo museu pode contribuir para libertar essa comunidade, para entender como nesse museu se pode praticar a crítica e a liberdade, vivenciando a cultura viva da cotidianidade: dinâmica, processual, criativa, produzida por todos os seus membros, sua única possibilidade de crescimento e de sustentabilidade.

O trabalho do NOPH - Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica , em Santa Cruz, desde 1983 atuando na comunidade como experiência de perfil ecomuseológico, *foi dessa maneira entendido por um dos sujeitos entrevistados: ele*

*“abriu as portas. Era uma casa fechada, ele abriu as portas, deu asas para as idéias, para a construção da própria história, porque você não espera, você faz acontecer ... Então você foi vendo: toda Santa Cruz está se mexendo, toda Santa Cruz. Eu não vou a uma reunião em que eu não ouça alguém dizer: “temos que fazer, tem que acontecer e é agora, é nesse momento”. É isso que estou vendo: essa influência do Ecomuseu despertando as consciências “ (Seabra: 1999)*

Percebe-se, no movimento que se processa em Santa Cruz, uma mudança de concepção do objeto museológico. Não mais a história simplesmente contada através de seu patrimônio e estudada nas pesquisas, mas o próprio presente, a própria relação e mobilização comunitária, onde essa comunidade parte do sentido da valorização que dá a determinado fato / objeto para produzir o próprio acontecimento, tendo como pilar a vontade de fazê-lo. Essas relações comunitárias, novo objeto da Museologia, produzem, ao mesmo tempo, um novo sujeito coletivo que escolhe o que deve ganhar visibilidade ou tornar-se invisível, ou seja, é a própria comunidade a gestora de sua memória, é ela quem direciona o seu desenvolvimento. No museu clássico, ainda que este tenha buscado novas linguagens, novas interpretações, novas maneiras de se aproximar do seu público potencial, ainda não se quebrou a forma que os moldou: as decisões continuam a espelhar a hegemonia da cultura das elites.

A partir dessas comparações, fica mais fácil compreender porque o ecomuseu/museu comunitário, concebido pelos próprios usuários para resolver problemas de sua organização interna e suas necessidades culturais, responde de modo mais eficaz ao grande problema da Museologia: a ligação do museu com a população, o sentido de pertencimento desse museu à sua comunidade, o entendimento dele como sua parte integrante e da qual pode lançar mão para se desenvolver.

A relação entre esse museu e a comunidade é o próprio “tornar-se”, o próprio devir do qual nos falam os pensadores da diferença, como Nietzsche, Foucault e Guattari, entre outros. Um emaranhado de ações cria e interpreta o cotidiano e a vida do museu, já não se sabendo onde começa um nem onde acaba o outro, tudo partindo de um só corpo, como fluxo e refluxo de um só movimento, a imprevisível aventura de tornar-se.

Chegaremos talvez ao museu sem coleções? Ou a coleção é a própria vida? Como garantir a integridade e a fidedignidade da memória coletiva contida num computador? As mensagens e comunicações, via Internet, podem se instituir em documentos? São questões que saturam de indefinições o museu convencional, espremido entre o manter uma situação já estabilizada e a provocação da necessidade de mudança.

Museus que não são propriamente museus, mas que trabalham a memória de uma população, comunicações virtuais e relações entre teoria e prática, encurtadas, muitas vezes, por elas, a priorização da ação sobre o discurso, enfocando um novo objeto museológico são pequenas amostras de desconstruções de instituições, documentos, diálogos e ações que serão vivenciadas, cada vez mais, em tempos de globalização. A estas se opõem as alternativas no exercício da diferença.

O fato de vivenciar um processo torna mais fidedigno o depoimento de um sujeito do que o discurso dos observadores, pois, afinal, a inserção nessa rede de acontecimentos o faz ter a dimensão exata do tempo em que ele ocorre com todas as suas implicações com o passado e com o futuro.

Em Santa Cruz as diferentes cenas vividas pelos seus moradores criaram contextos onde se produziram os sujeitos que fundaram o NOPH. Isso pode ser percebido na fala de um deles a seguir:

*“O NOPH eu acredito que seja a grande esperança para Santa Cruz. O grupo fundador do NOPH foi o grupo que optou por ficar em Santa Cruz, não saiu de Santa Cruz, não procurou fora de Santa Cruz teatro, literatura, nada disso. Sentia a necessidade de ter tudo isso em Santa Cruz. Então essa foi a idéia da fundação do NOPH. Antônio Nicolau, José Tofani, Sinvaldo, Milton Pena, Gastão, essa turma, muita força de vontade, sentia a necessidade de fazer de Santa Cruz um local onde se pudesse reunir, discutir, debater algum assunto e acho que foi essa necessidade que fez surgir o NOPH ...O Ecomuseu veio complementar a atividade do NOPH. O NOPH estrava tolhido, sem abranger algumas áreas, o Ecomuseu veio complementar, veio ocupar esses lugares não abrangidos pelo NOPH. Sem dúvida alguma foi uma grande iniciativa e o futuro do NOPH será o Ecomuseu”. (Solé: 1999)*

O exemplo da aparição de uma alternativa de fazer museológico, diferente do paradigma convencional, em Santa Cruz, nos faz refletir sobre a sua emergência no plano histórico de sua comunidade, marcada por diferentes etapas desde os tempos da Terra de Piracema aos dias atuais do Ecomuseu do Quarteirão. A alternância do poder, político ou econômico, entre períodos de apogeu e prosperidade e de declínio e ostracismo, a distância do epicentro político do Rio de Janeiro, o esquecimento dessa sociedade no contexto do Município durante décadas, gerando um sujeito coletivo, nos dá a dimensão histórica da emergência do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, a partir das ações socioculturais do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH), entendido agora como uma “miríade de acontecimentos entrelaçados” (Foucault: 29), revertendo o quadro de apatia e retomando o desenvolvimento, tendo a comunidade como o seu agente demiúrgico.

As narrativas e interpretações das diversas falas dos colaboradores no “Projeto História Oral em Santa Cruz: o feito pelo dito no Ecomuseu do Quarteirão” deixam claras algumas verdades/ impressões sobre a temática predominante no Ecomuseu de Santa Cruz. Foi possível se perceber pontos comuns, subliminarmente colhidos nas narrativas, tais como uma necessidade de falar em nome do grupo, assumindo ou retomando a fala da população, o

desejo de participar direta ou indiretamente do processo, a consciência e o sentido de grupo ou, ainda, os laços espirituais. Além disso, a compreensão do valor desse acervo de lembranças e a sua disponibilização para o futuro, bem como o tom das entrevistas, carregado de afetividade, marcam as relações dos depoentes com o território, deixando evidente o vínculo local.

A interpretação crítica dos acontecimentos e o envolvimento, principalmente, do segmento escolar apontam para a percepção e o engajamento da sociedade como um todo em uma pedagogia patrimonial na comunidade, reconstruindo os vínculos antes diluídos, valorizando a diversidade cultural local e assegurando a sustentabilidade do simbólico via transmissão às novas gerações.

Múltiplas questões abrem espaço para novas discussões teóricas com a expansão do processo ecomuseológico de Santa Cruz. Nas tentativas de romper fronteiras entre o seu fazer museológico e os conflitos trazidos pela própria vida, não se pode prever o curso do seu desenvolvimento. Chegará essa comunidade a institucionalizar a sua ação museológica. Quando tiver resolvidas as suas necessidades de expressão, afirmação identitária, integração, inclusão e liberação? Qual a contribuição de um museu educador - liberador para uma comunidade que tenta apropriar-se da mudança? Como esse museu pode ajudá-la a apropriar-se de sua cultura e fazer dela um recurso para o desenvolvimento local? Em que condições uma comunidade cria um museu em primeira pessoa? Como manter esse museu sem atrelá-lo a estruturas de poder? Como assegurar a autonomia conquistada no ecomuseu? De que forma a contribuição da pedagogia freiriana pode auxiliar essa Museologia que se quer liberadora? Até que ponto a parceria entre o ecomuseu e o poder público traz resultados benéficos para o desenvolvimento comunitário e local? Em que medida o processo ecomuseológico contribui para o enraizamento de segmentos sociais, desestimulando a diáspora de memórias de uma localidade?

Essas e muitas outras questões sinalizam para novas trilhas exploratórias sobre as quais a Museologia pode se debruçar no sentido de compreender uma nova lógica organizacional do espaço, onde a cultura viva é valorizada como único contexto possível para um desenvolvimento local harmônico e sustentável. Uma nova lógica pode trazer novas formas relacionais entre museus e sociedades, apresentando a cultura não como bem consumível, mas como o componente mais importante na construção de sujeitos, nas relações de cidadania e a memória como potencial construção dos grupos sociais para a sua coesão, sobrevivência e instrumento para apropriação do presente.

Enquanto experiência em pleno acontecimento e expansão, uma Santa Cruz híbrida entre o movimento reverso de voltar às nascentes, subindo as correntes e realizando sua piracema cultural, e o seu olhar voltado para o futuro, vai contemporizando os espaços e tempos de sua comunidade. Na construção cotidiana e coletiva da memória, de identidade e do patrimônio, lega à comunidade do futuro sua própria sustentabilidade. Está na cultura viva, renovada ciclicamente na sua apropriação pelas comunidades do futuro, a chave do seu enigma. Essa é a piracema cultural, possibilitando as continuidades e descontinuidades das gerações.

\* Membro da Equipe dinamizadora do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro; Coord.Assuntos Adm. do NOPH Educadora e museóloga

## BIBLIOGRAFIA

- CANCLINI,N.G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*.Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.1995
- CERTEAU,M.A *Invenção do cotidiano:artes de fazer*.Trad.Ephraim F.Alves. Petrópolis,RJ: Ed. Vozes.1994
- CHAGAS,M. *Memória e Poder:contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus*.Texto provocativo para o II Encontro Internacional de Ecomuseus. Santa Cruz, Rio de Janeiro:2000.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*.Org.e trad.Roberto Machado. Rio de Janeiro:Ed.Grahal,1998.13ª Ed.
- FREIRE, P.*Educação como prática da liberdade*.Rio de Janeiro: Paze Terra, 1983.
- SCHEINER, T. *Apolo e Dioniso no Templo das Musas - Museu: gênese,idéia e representações na cultura ocidental*.Dissert. de Mestrado, Rio de Janeiro:UFRJ/ECO.1998.
- SEABRA,M.Entrevista concedida para o Projeto História Oral em Santa Cruz: o feito pelo dito no Ecomuseu do Quarteirão. 1999.
- SOLÉ, A Entrevista concedida para o Projeto História Oral em Santa Cruz: o feito pelo dito no Ecomuseu do Quarteirão. 1999.
- VARINE.H. *Comunidades,Museus e Educação Permanente. Noções de comunidade e de território numa perspectiva de desenvolvimento*. Riachos:Portugal, 1999. In: Jornal Quarteirão nº 34. 1999
- \_\_\_\_\_. Contribuição ao VIII Atelier do MINOM.1999. Salvador, Bahia . In: Jornal Quarteirão nº 36. Março/abril 2000.

## **PROJETO COMUNITÁRIO “MINI-GUIAS DO PATRIMÔNIO”-**

### **Oficina de Turismo Cultural - Ecotour Santa Cruz**

*Priosti, Odalice M., Veeren, Ana Paula B. Lima, Plaza, Mônica\* -*

*E. M. Fernando de Azevedo - Santa Mônica Centro Educacional - Brasil - RJ*

---

#### **1. Título: MINI-GUIAS DO PATRIMÔNIO / Ecotour Santa Cruz**

#### **2. Justificativa:**

Trata-se de um projeto que atinge de toda a maneira as necessidades da comunidade de Santa Cruz, no momento em que ela se começa a preparar os habitantes para o **II Encontro Internacional de Ecomuseus**, que vai se realizar em maio de 2000, durante os eventos que marcarão os 500 anos do Brasil. Este Encontro foi proposto pelo MINOM- Movimento Internacional para a Nova Museologia, durante as X Jornadas sobre a Função Social do Museu (Póvoa de Lanhoso, Portugal - setembro de 1997) através de um documento assinado pelos participantes de diversos países, dirigido ao Prefeito do Rio Sr. Luiz Paulo Conde, em seqüência do I Encontro realizado no Rio em 1992.

Uma outra organização internacional - ICOFOM (Committee International for Museology) recebeu e aceitou o convite feito pelo Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro - Santa Cruz, para dele participar num trabalho conjunto com sua IX Reunião Anual do Comitê Regional do ICOFOM LAM (América Latina e Caribe).

Por outro lado, esse projeto pode se inscrever no novo conceito de educação multicultural adotada pela Secretaria Municipal de educação, da Prefeitura do Rio, porque ele trabalhará o espaço, o tempo, o meio ambiente e a identidade da comunidade, promovendo a transformação.

O II Encontro, sobre o tema **Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável** deve se fazer em Santa Cruz, porque é lá que uma experiência concreta de ecomuseu urbano acontece: um ecomuseu descoberto e reconhecido pela comunidade museológica internacional e nacional e também pelas autoridades governamentais presentes no Encontro de 1992. Este Ecomuseu está hoje na estrutura da Secretaria Municipal de Cultura / DGPC do Rio pela Lei nº 2.354 de 1º de setembro de 1995.

O Rio, berço do conceito de desenvolvimento sustentável e capital da Terra após 1992 (Eco.92), é também Santa Cruz, bairro longínquo e histórico, cuja origem está ligada à presença dos jesuítas (Fazenda Jesuítica de Santa Cruz) e da Família Real Portuguesa que vinha passar os períodos de verão no Palácio da Fazenda Real depois Imperial de Santa Cruz..

A História de Santa Cruz se liga também ao período republicano, durante o apogeu do Matadouro, que se tornou um pólo econômico muito importante no Rio no início do século XX.

Agora o Ecomuseu de Santa Cruz - Quarteirão Cultural do Matadouro - se prepara para receber os participantes do II Encontro que, nós esperamos, virão de vários países para mostrar e discutir suas experiências e conhecer como a comunidade de Santa Cruz trabalha a relação com seu patrimônio natural e cultural, apesar de um contexto de esquecimento, indiferença, dificuldades de toda a ordem, em relação às zonas mais favorecidas do Rio.

Por essas razões esse projeto é muito importante: os estudantes da rede pública da 10ª CRE, que já trabalham um projeto do Ecomuseu chamado MINI NOPH's, vão ter a ocasião de utilizar as línguas estrangeiras sobretudo o Francês, para mostrar, eles próprios, aos visitantes seu patrimônio.

Dá-se aí um valor ainda mais significativo à **língua** como instrumento de comunicação e de valorização da cultura local e ao **patrimônio** como uma fonte de desenvolvimento sustentável. Simultaneamente se trabalhará sobretudo a confiança da comunidade em si mesma.



### **3. Descrição:**

O projeto se compõe de três oficinas, cada uma trabalhando uma língua estrangeira: inglês, francês e espanhol, respeitando o mesmo programa, cada grupo com 20 ou 25 alunos.

As estratégias seguirão sempre a mesma metodologia:

Prioridade ao oral: pequenos diálogos com atos lingüísticos variados (fórmulas consagradas de abordagem e de comunicação);

A escrita imediatamente após a consolidação do oral: textos sobre o patrimônio, a história e a vida locais;

Gramática ligada aos textos / diálogos orais e escritos;

Visitas técnicas / culturais aos pontos onde se encontram os temas das aulas (patrimônio natural e cultural), ao fim de cada 5 semanas, para praticar as aquisições em língua estrangeira e o conteúdo sobre o patrimônio. É o momento de avaliar a aprendizagem que será então oral.

### **4. Objetivos:**

Preparar a competência lingüística dos estudantes em francês, inglês e espanhol para se apresentarem, saudar e apresentar aos visitantes pessoas do bairro, sua vida e o patrimônio cultural.

Sondar as aptidões lingüísticas dos estudantes, aplicando-as a uma situação real e abrindo perspectivas de conhecimento de novos campos de trabalho.

Valorizar o patrimônio local (natural e cultural) como fonte de desenvolvimento.

### **5. Público-alvo:**

Estudantes da rede pública e privada da 10ª CRE.( EM Fernando de Azevedo / Santa Mônica Centro Educacional )

### **6. Período experimental:**

De setembro de 1999 a julho de 2000

**7. Espaço:** uma sala de aula com 20 a 25 carteiras, um quadro, um mural, material áudio-visual (retroprojektor, vídeo-cassete e TV) e o território cultural e patrimonial da comunidade

\* Professores da  
EMFA e do Santa Mônica Centro Educacional  
\*\* Poster

## PROJET COMMUNAUTAIRE “MINI-GUIDES DU PATRIMOINE” – Ecotour Santa Cruz

*Priosti, Odalice M., Veeren, Ana Paula B. Lima, Plaza, Mônica\* -*

*E. M. Fernando de Azevedo - Santa Mônica Centro Educacional - Brasil - RJ*

---

1. **Titre:** MINI-GUIDES DU PATRIMOINE / Ecotour Santa Cruz

2. **Justification:**

Il s'agit d'un projet qui atteint de toute façon aux besoins de la communauté de Santa Cruz, au moment où elle est en train de préparer les habitants pour la **II Rencontre Internationale des Ecomusées**, qui va se réaliser là-bas en mai 2000, pendant les événements qui marqueront les 500 ans du Brésil. Cette rencontre a été proposée par le MINOM-Mouvement International pour la Nouvelle Muséologie, pendant les *X Jornadas sobre a Função Social do Museu* (Póvoa de Lanhoso, Portugal - setembro de 1997) à travers un document signé par les participants de divers pays, adressé au Maire de Rio M. Luiz Paulo Conde, à la suite de la I Rencontre réalisée à Rio en 1992.

Une autre organisation internationale - ICOFOM (Committee International for Museology) a reçu et a accepté l'invitation faite par l'Ecomusée du *Quarteirão Cultural do Matadouro - Santa Cruz* pour y participer, dans un travail conjoint avec sa IX Réunion Annuelle du Comité Régional de l'ICOFOM LAM (Amérique Latine et Caribé).

D'autre part, ce projet peut s'inscrire dans le nouveau concept de l'éducation multiculturelle adoptée par le Secrétariat Municipal de l'Éducation, de la Mairie de Rio, parce qu'il travaillera l'espace, le temps, l'environnement et l'identité de la communauté.

La II Rencontre, sous le thème “**Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável**” se tiendra à Santa Cruz, parce que c'est là qu'une expérience concrète d'ecomusée urbain a lieu: un ecomusée découvert et reconnu par la communauté muséologique internationale et nationale, bien que par les autorités gouvernementales présentes à la rencontre de 1992. Cet ecomusée est aujourd'hui dans la structure du SMC / DGPC de Rio par la Loi n° 2.354 du 1er. Septembre 1995.

Rio, berceau du concept du développement durable et sommet de la Terre après 1992 (Eco 92), est aussi Santa Cruz, cette banlieue lointaine et historique dont l'origine est liée à la présence des jésuites (Ferme Jésuite de Santa Cruz) et de la Famille Royale Portugaise que venait passer les périodes d'été dans le Palais de la Ferme Royale puis Impériale de Santa Cruz.

L'histoire de Santa Cruz se lie aussi à la période Républicaine, pendant l'apogée du *Matadouro*, devenu un pôle économique très important à Rio, au début du XXe. Siècle.

Maintenant, l'Ecomusée de Santa Cruz - *Quarteirão Cultural do Matadouro* - se prépare pour recevoir les participants qui, nous espérons, viendront de plusieurs pays pour montrer et discuter leurs expériences et connaître comment la communauté de Santa Cruz travaille la relation avec leur patrimoine naturel et culturel, malgré un contexte d'oubli, d'indifférence, des difficultés de tout ordre, par rapport aux zones plus favorisées de Rio.

C'est pour ces raisons que ce projet est très important: les étudiants du réseau publique de la 10<sup>a</sup> CRE, qui travaille déjà un projet de l'Ecomusée appelé **Mini-NOPHs**, vont avoir l'occasion d'utiliser les langues étrangères, surtout le français, pour montrer aux visiteurs leur patrimoine, eux-mêmes,.

On y donne une valeur encore plus significative à la **langue** comme instrument de communication et de valorisation de la culture locale et au **patrimoine** comme une ressource de développement durable. Simultanément on travaillera surtout la confiance de la communauté par elle-même.

### **3. Description:**

Le projet se compose de trois ateliers, chacun travaillant une langue étrangère: anglais, français et espagnol, en respectant le même programme, chaque groupe avec vingt ou vingt-cinq étudiants.

Les stratégies suivront toujours la même méthode:

Priorité à l'oral: petits dialogues avec des actes de paroles variés (formules consacrées d'approche et de communication).

L'écrit immédiatement après la consolidation de l'oral: textes sur le patrimoine, l'histoire et la vie locaux.

Grammaire attachée aux textes / dialogues oraux et écrits.

Visites techniques / culturelles aux points où se trouvent les sujets des cours (patrimoine naturel et culturel), à la fin de chaque cinq semaines, pour pratiquer les acquisitions en langue étrangère et le contenu concernant le patrimoine. C'est le moment d'évaluer l'apprentissage qui sera tout à fait oral.

### **4. Objectifs:**

Préparer la compétence linguistique des étudiants pour se présenter, saluer et présenter aux visiteurs les gens de la ville, leur patrimoine, leur vie .

### **5. Public envisagé:**

Étudiants du réseau publique de la 10<sup>a</sup> CRE.( EM Fernando de Azevedo / Santa Mônica Centro Educacional )

### **6. Période expérimentale :**

De septembre 1999 à juillet 2000

### **7. Espace:**

Une salle de classe avec 20 / 25 chaises, un tableau, un tableau d'affichage, matériel audio-visuel (retro-projecteur, vidéo-cassette, TV) et tout le territoire culturel et patrimonial de la communauté.

\* Professoras da  
EMFA e do Santa Mônica Centro Educacional  
\*\* Poster

## MUSEUS CIDADINOS E PATRIMÔNIO

*Marcio Ferreira Rangel* \* -

*Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro /*

*Conselho Regional de Museologia - 2ª Região - Brasil - RJ*

---

### ABSTRACT

Rio de Janeiro, symbol-city of the imagined country, that has sheltered the Republic's capital and former Empire's capital, is also the place that suffers from the most violent interferences caused by the federal government for it was the city that has been used as a kind of display of a so long desired civilization. These interferences have created an extremely fragmented holding. Most of the objects that were included in it were not deposited in the Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro because of a desire for collecting. These objects were generated by urban transformations that occurred in the City, in a chaotic way, destroying the structure of the involved communities. The inarticulate memory in the City finds in the Museum the receptacle to its fragments. Different objects, from different periods, turn out to be the testimonies of the movements that were created by Rio de Janeiro. Public spaces, governmental, religious and private buildings, are all touched by these transformations. The excessive fragmentation of the holdings has created a diversity that makes its representativity a very difficult one as to its relation to the City. As individuals and urban agents it is necessary to have a perception of the City where we live in and its present/past relation.

\* Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO  
Museólogo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro  
Conselheiro do Conselho Regional de Museologia - 2ª Região.

Este trabalho é fruto de inquietações surgidas a partir do contato mais direto com o acervo do Museu Histórico da Cidade. Este acervo, embora vasto, é extremamente fragmentado, dificultando a construção de um projeto museográfico que representasse a história do Rio de Janeiro. Como consequência deste contato passamos a ter um olhar mais atento para a cidade, seus marcos, suas paisagens, os cidadãos que a compõem, enfim tudo o que constitui seu patrimônio natural e material.

Esta inquietação nos levou a analisar a formação do acervo do Museu Histórico da Cidade, como registro da lógica particular das transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, bem como a definir a concepção de memória que subjaz esta formação perante a lógica de reestruturação do Rio de Janeiro. É inevitável focar a Cidade do Rio de Janeiro, geradora direta e indireta dos objetos que compõem o acervo do Museu que pretende representá-la.

Neste sentido, acreditamos que a formação do acervo do Museu da Cidade, reflete a maneira também caótica pela qual a cidade se organizou, proporcionando o convívio dos mais variados objetos dentro do mesmo espaço. Percebe-se, então, uma relação existente entre o museu e a própria maneira como a cidade se estrutura. Mitologicamente, o Rio de Janeiro se comporta de forma prometeica<sup>1</sup> nesta reconstrução incessante.

A cidade moderna não pode se agregar e funcionar a não ser à custa, pelo menos em parte, da cidade antiga. Uma vez que nem tudo pode ser preservado, é preciso estabelecer critérios definidores do que deve ser conservado custe o que custar. Além disso, deve-se levar em conta que a condição de sobrevivência dos núcleos antigos remanescentes é determinada pela solução urbanística geral e pelos critérios com que se disciplina, em torno do chamado núcleo histórico, o avanço das periferias urbanas. No caso do Rio de Janeiro, este avanço se deu de forma desastrosa. Se admitirmos o princípio de que os profissionais da cultura, que têm como objeto de estudo a cidade, podem exercer uma função essencial de decisão, sua ação não deve ser apenas de proteção ou censura, mas sim de opinar nas escolhas de plano e projeto urbanístico.

Andreas Huyssen afirma que o museu, assim como a descoberta da história, no seu sentido mais enfático é um efeito direto da modernização e não um acontecimento à sua margem ou fora dela<sup>2</sup>. Não é o sentido seguro das tradições que marcam a origem dos museus, mas a sua perda combinada com um desejo profundo pela (re)construção. Uma sociedade tradicional sem um conceito teleológico secular não precisa de um museu, mas a modernidade é impensável sem um projeto museal. Isso ocorre porque a modernidade relaciona-se de forma narcísica com o passado, se apropriando dele, marcando a superação, ou seja, o avanço em relação ao seu próprio presente.

No mundo moderno, os museus são instituições pragmáticas que colecionam, salvam e preservam aquilo que foi lançado aos “estragos” da modernização<sup>3</sup>. Mas, ao se fazer isso, o passado inevitavelmente seria construído à luz do discurso do presente e a partir dos interesses presentes. Fundamentalmente dialético, o museu serve tanto como um lugar do passado, quanto como um lugar de possíveis “ressurreições”, embora mediadas e contaminadas pelos olhos do espectador. Para Huyssen<sup>4</sup>, no mundo moderno nada escapa da lógica da musealização. Os museus parecem preencher uma necessidade antropologicamente arraigada às condições modernas: pois é ele que permite aos modernos negociarem e articularem uma relação com o transitório e com a morte, incluída a nossa própria.

O museu e o mundo real do presente permanecem separados. O museu é recomendado como um local de lazer, de tranquilidade e de meditação necessária para se confrontar as perdas causadas pela aceleração do lado de fora de suas portas. A Cidade do Rio de Janeiro, desde a sua fundação é marcada por modificações urbanas constantes, intimamente ligadas ao desejo quase que incontrolável de modernidade. Este discurso foi inteiramente incorporado praticamente sem críticas. Modernização, progresso e saneamento urbano são palavras-chave, e por que não dizer, palavras mágicas<sup>5</sup>. Mas, apesar da magia destas três palavras, muitos testemunhos sobreviveram a esta modernização e foram para o museu.

Ao analisar a formação do acervo, através das transformações urbanas, passamos a ter como objeto os vários projetos civilizatórios que atravessaram a História do país. Implica também em lidar com a memória construída pelos agentes mais diversos, em especial pelo Estado Nacional, uma vez que o próprio projeto de construção da nação tem o Rio de Janeiro como marco fundamental, através de suas instituições públicas e privadas. Mas esta cidade-símbolo, que abrigou a capital da República, e antes a capital do Império, é também o lugar que sofre as interferências mais violentas por parte do poder público federal, por ser a cidade que foi usada como uma espécie de vitrine para a civilização tantas vezes tentada.

Essa dimensão simbólica do Rio de Janeiro nos remete para a possibilidade de discutirmos o Rio como o lugar onde o processo civilizatório se desenvolveu e tomou corpo, o laboratório do Brasil, na perspectiva da contínua invenção de uma nova civilidade. Foi exatamente por se constituir como laboratório que a cidade foi objeto de tantas construções e tantas destruições; lugar onde, muitas vezes, foi necessário destruir para refazer espaços reais e simbólicos, criando vazios e a possibilidade de novas identidades.

Neste processo mutatório, a cidade se devora para regenerar-se. Desta relação sobram resíduos, que apesar desta situação, ainda possuem algum valor para a sociedade que os excluiu. Na tentativa de mantê-los vivos, os resíduos são levados para um lugar de memória<sup>6</sup>, ou seja, um museu. Assim é reafirmada, como observado anteriormente, a posição de vida e morte dos objetos dentro do museu. É dentro desta perspectiva que é criado o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.

Toda esta problemática cria uma crise de identidade do Museu. O que ele deve representar? A resposta simples seria dizermos que é a Cidade. Mas de que perspectiva deveria ser abordada? Quais seriam as referências nos acervos que permitiriam esta abordagem? Até hoje, o Museu ainda não encontrou o rumo certo. Esta situação acaba por deixar a instituição em uma posição muito frágil perante as sucessivas administrações.

Para investigar todas estas questões, foram utilizados os conceitos de caos, no sentido de analisar as mudanças ocorridas na Cidade; memória, como um contraponto da caoticidade e como um demonstrativo da influência das mudanças na memória social e paradigma indiciário, como o fio condutor da pesquisa do acervo como resultado de todo o processo de formação do acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro. Além disto, também utilizamos

entrevistas<sup>7</sup> com funcionários e ex-funcionários da instituição, para clarear pontos que a documentação utilizada não esclareceu.

Ao utilizarmos estes conceitos na formação do acervo do Museu da Cidade, temos a intenção de registrar os principais fatos, decisões, gestos, e os detalhes nem sempre revelados, os atalhos que se perdem ao analisarmos apenas os produtos finais, os resultados das transformações urbanas ocorridas na Cidade, os traços que se apagam quando elaboramos o desenho final do mapa.

Para demarcarmos este mapa, utilizamos os vestígios das transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro durante este século tendo, como referencial inicial, as mudanças ocorridas na administração Pereira Passos e, como marco final, a demolição do Palácio Monroe. Apesar do período Pereira Passos anteceder a própria existência do museu, elementos desta época chegaram até o seu acervo. Os vestígios, que foram utilizados para demarcar o mapa, encontram-se no acervo do Museu da Cidade. São eles: telhas, placas de ruas e prédios, esculturas de praças e chafarizes, letreiros e todos os elementos que de alguma forma nos remetem à cidade. Enviar para o Museu estes elementos, talvez signifique uma tentativa de aliviar as consciências de quem os está excluindo. Sendo como for o Museu existe e não pode ser encarado como “quarto de despejo”, depositário de objetos em desuso. É de nosso interesse, ainda, apontar para uma política de seleção que venha a contemplar a representatividade desta instituição, preservando de alguma forma os traços que caracterizam o Museu e a cidade do Rio de Janeiro.

Descobrimo sua verdadeira identidade prospectiva, o museu tende a partir deste momento a guardar dados úteis, ele não se limita mais a subtrair objetos insubstituíveis à caótica fuga do tempo, o que explica o interesse relativamente recente pelos objetos de uso, como os instrumentos agrícolas, utensílios de cozinha etc., e pelos testemunhos da história das técnicas. Ele os arquiva, mas também faz a sua triagem, já que nem tudo é útil no passado e sabe-se que o poder de esquecer é um sinal de boa saúde. Se o museu trata de armazenar e de concentrar, o recolhimento de testemunhos do passado, supõe a contrapartida de uma organização visando maior eficácia.

O objeto de museu é mais um hieróglifo histórico do que uma simples peça de informação. Sua leitura passa a ser um ato da memória e sua verdadeira materialidade assume sua aura de distanciamento histórico e transcendência no tempo. Não importa o quanto seja frágil a relação entre o objeto do museu e a realidade que documente, pois de qualquer maneira ele é exibido ou está na mente do espectador.

A popularidade do museu, acreditamos, é o sintoma cultural principal da crise da fé ocidental na modernização enquanto uma panacéia. Para julgar as atividades do museu precisaríamos determinar até que ponto ele ajuda a superar a ideologia insidiosa da superioridade de uma cultura sobre as outras representações e como ele será capaz de lidar com os problemas de representação, narrativa e memória nas suas exposições e no seu projeto.

Durante o trabalho, percebemos que as constantes transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro foram preponderantes na caoticidade do acervo. A própria dificuldade em estabelecer critérios de seleção do que deveria ser incorporado ao Museu também colaborou para esta situação, ou seja, de caoticidade. O caos e a modernização, foram os responsáveis pela desarticulação de comunidades inteiras, que repentinamente tiveram seu sistema mnemônico totalmente desestruturado.

Em relação à memória, ficou evidente a falta de um pensamento organizacional associado à preservação dos objetos, mas apenas uma vontade de guardá-los. Esta não preocupação com a memória, colocou o Museu durante um determinado espaço de tempo, semelhante a um depósito de objetos que estavam sendo retirados da Cidade e levados para um lugar aonde fossem armazenados. Apesar de estarem sendo armazenados, ao entrarem no Museu passaram a ser conservados, documentados (pesquisados) e expostos. Desta forma, mesmo não havendo um pensamento organizacional com a memória, estes objetos se tornaram indícios da “política urbana” do Rio de Janeiro.

Toda esta problemática foi evidenciada ao aplicarmos o paradigma indiciário no acervo. Estes objetos/indícios, além de especificarem as regiões atingidas no período que estamos analisando – Pereira Passos até a demolição do Palácio Monroe -, nos permitiram perceber que estas transformações só ocorreram em momentos de poder centralizado<sup>8</sup>. Observamos, ainda,

neste capítulo, que a camada da sociedade carioca mais atingida por estas mudanças foi a desfavorecida econômica e socialmente.

Ao final deste trabalho várias questões surgiram, como: Quais os critérios? Qual o conceito de memória ou aquisição estavam sendo adotados? Quem definiu o que deveria fazer parte do acervo de um museu que se propunha representar a Cidade do Rio de Janeiro, ficaram mais claras.

Neste momento, podemos afirmar que durante a formação do acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, não houve nenhuma política patrimonial que orientasse este processo. Em relação aos critérios, poderíamos dizer que o único que existiu, em quase toda a formação do acervo, foi o de origem dos objetos, pois tudo o que fosse “histórico” da Cidade poderia figurar nestas coleções. Mas mesmo este único critério teve algumas dificuldades para ser seguido a risca.

Um dos problemas do Museu, foi a sua identidade, apesar do próprio nome delimitar a sua área de atuação. Com a análise do acervo percebeu-se que a instituição oscilava entre o âmbito nacional e regional. Isto ocorreu devido ao fato do Rio de Janeiro ter sido capital do Brasil durante um longo período. Esta situação colaborou bastante, ao nosso ver, para a caoticidade do acervo.

Os museus não devem ser mais templos de meditação e contemplação, muito menos depósito. Devem ser fóruns, motores centrípetos de aglutinação social, para a crítica e a mudança da história das comunidades em que eles estejam inseridos. Os museus são instrumentos que quando bem trabalhados auxiliam na transformação social de forma adequada e coerente.

O ato de colecionar realça os modos como os diversos fatos e experiências são selecionados, reunidos, retirados de suas ocorrências temporais originais, e como eles recebem um valor duradouro num novo arranjo. Coletar, pelo menos no ocidente, onde geralmente se pensa o tempo como linear e irremissível, pressupõe resgatar fenômenos da decadência ou perda histórica inevitáveis. A coleção, teoricamente, contém o que “merece” ser guardado, lembrado e entesourado.

A questão que se põe, para o desenvolvimento quantitativo e não mais qualitativo das cidades de hoje, é de como conciliar o atendimento às demandas de uma era industrializada e informatizada e a preservação daqueles valores em evolução, que constituem por assim dizer a alma das cidades. A constituição da cidade corpo e alma é o grande desafio do tempo presente. Quer dizer, o desafio é orientar o crescimento quantitativo sem que se destrua o desenvolvimento qualitativo.

O que esperamos, é que o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro possa estabelecer um contato valorativo, do carioca com o acervo cultural da cidade e que se torne um dos eixos em torno do qual se ordenarão as atividades e a memória do Rio de Janeiro.

\* Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO  
Museólogo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro;  
Conselheiro do Conselho Regional de Museologia 2ª Região.

## Referência Bibliográfica:

- ARANTES, Antônio Augusto(org.). Produzindo o passado. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993. Coleção Debates, 70.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Desporto, Dep. Geral de Doc. e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. In: \_\_\_\_\_. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, Delgado. História da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASCO, Ana Carmen Amorim Jara. Cartografia dos discursos de memória: uma investigação nômade sobre o patrimônio. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. UFRJ, 1996.
- CAVALCANTI, Lauro. Encontro moderno: volta futura ao passado. In: CHUVA, Marcia. (org.) A invenção do patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis / RJ: Vozes, 1996.
- CUNHA, Maria C. Pereira(org.). O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.
- DETIENNE, Marcel: Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988.
- ECO, Humberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. Memória social. Lisboa: Teorema, 1992.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/ IPHAN, 1997.
- GUATTARI, Félix. Restauração da cidade subjetiva. In: \_\_\_\_\_. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GUINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HEYNEMANN, Cláudia. Floresta da Tijuca: natureza e civilização no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

1- Alusão ao mito de Prometeu, que é acorrentado a uma coluna e vê seu fígado, num perpétuo renascer, ser devorado por uma águia. Ver BRUNEL, P. (org). Dicionário de mitos literários. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1997. p. 784.

2- HUYSEN, Andreas: Memórias do Modernismo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 224.

3- Ibidem.p.123.

4- Idem. p. 226.

5- ROCHA, Oswaldo Porto: A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro - 1870-1920 Rio de Janeiro. CARVALHO, Lia de Aquino: Contribuição ao estudo das Habitações populares: Rio de Janeiro - 1886-1906. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995. p.26.

6- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História. São Paulo. EDUC, 1993. p.13.

7- Foram feitas duas entrevistas: uma com o Sr. Valvique Rosa, Encarregado de Serviços, funcionário do Museu há trinta e cinco anos e, como tal, conhecedor de várias transformações ocorridas na instituição; outra com a Sr<sup>a</sup>. Neusa Fernandes, Diretora do Museu no período de 1968 à 1975.

8- Reforma Pereira Passos – Governo Rodrigues Alves; Abertura da Avenida Presidente Vargas – Governo Getúlio Vargas; Demolição do Palácio Monroe – Governo Geisel.



## **PROGRAMA DE EDUCACIÓN AMBIENTAL, NO FORMAL Y URBANO. FORMACIÓN DE PROMOTORES AMBIENTALES**

*Elba Leonor Sánchez de Romero\** -

*Museo de Ciencias Naturales "Augusto G. Schulz" - Argentina*

---

Tomando como fundamento los principios rectores y las recomendaciones internacionales sobre Educación ambiental, se planificó un Programa cuyas etapas permiten ser desarrolladas desde el Museo, en un período no mayor a 2 años.

Este programa tiene como meta la formación de PROMOTORES AMBIENTALES, niños o jóvenes para cuya capacitación se otorgó especial énfasis a la sensibilización individual. Esta es la faceta ineludible para generar cambios de conducta ambiental y compromiso en la tarea participativa que los involucra en la transmisión o transferencia que luego ejercitan como multiplicadores de la EA.

El Museo consolida además, su presencia comunitaria integrándose a los esfuerzos de otros agentes sociales que trabajan para preservar la calidad del entorno natural y la calidad de la vida urbana.

### **FUNDAMENTACION DEL PROGRAMA A PARTIR DE LA DEFINICION DE EDUCACION AMBIENTAL**

"La Educación Ambiental se concibe como un proceso permanente en el que los individuos y la colectividad cobran conciencia de su medio y adquieren los conocimientos, los valores, las competencias, la experiencia y la voluntad, capaces de hacerlos actuar, individual y colectivamente, para resolver los problemas actuales y futuros del medio ambiente". Así se definió a la Educación Ambiental a partir del Congreso de Moscú (Agosto de 1987), durante cuyo transcurso se revisaron políticas de educación ambiental y se diseñó el plan de actuación para la década de 1990, proponiéndose la estrategia para implantarla institucionalmente en todos los países del mundo.

Este proceso educativo comprende implícitamente la articulación entre contenidos y métodos y se consolida ajustándose a principios rectores que no son producto de la inventiva personal y subjetiva, sino de análisis sucesivos y consensuados de los problemas mundiales.

Estos principios rectores revisten tanta importancia que se constituyen en la base de las Recomendaciones Internacionales sobre el medio y la educación ambiental. Pueden resumirse en los siguientes:

El medio ambiente es resultado tanto de fenómenos naturales como de la acción del hombre. Su estudio por ello comprende los aspectos físico-naturales, pero también los factores económicos, políticos, técnicos, históricos, morales y estéticos.

La educación ambiental requiere un enfoque interdisciplinario. Debe aprovechar los contenidos específicos de varias materias para construir una perspectiva global y equilibrada del medio y hacer posible la solución de los problemas que lo afectan.

Los aspectos ambientales deben considerarse de manera explícita en los planes de desarrollo y crecimiento, ante la necesidad de utilizar los recursos naturales de una manera racional y prudente.

La educación ambiental debe ayudar a los individuos a descubrir los síntomas y las causas reales de los problemas, desarrollando su sentido crítico. Al mismo tiempo debe tomar en consideración la forma en que cada individuo puede contribuir con su comportamiento, a la mejora del ambiente.

El medio ambiente es patrimonio común de la humanidad. La educación ambiental debe insistir en esta dimensión y estimular la cooperación para prevenir y resolver los problemas ambientales.

Si bien estos principios tienen vigencia universal, cada sociedad fija las finalidades y objetivos de la educación ambiental que implementará en su seno. Las finalidades constituyen el fin con que se desarrollará el o los programas educativos.

Los objetivos son los puntos problemáticos u objetos de estudio dentro del ambiente en que se desenvuelve esa sociedad y hacia los que convergerán las acciones educativas.

Es evidente que el éxito de la Educación ambiental depende en gran proporción, del criterio de selección de las finalidades y objetivos del proceso educativo a emprender.

Y en este momento es necesario recordar que los problemas ambientales no son simples, porque resultan de causas diversas, naturales o antrópicas. El punto inicial será descubrir esas causas.

A la luz del análisis precedente, todo programa de educación ambiental tendrá que seguir fielmente los principios rectores y las Recomendaciones internacionales que emergieron de ellos, particularizando únicamente las Finalidades y objetivos que están condicionados por el núcleo social que será objeto de la educación.

Asimismo, el carácter colectivo que tiene la Educación Ambiental, impone el diseño de programas sistemáticos o formales, sin descartar los que revisten el carácter de parasistemáticos o no formales, responsabilidad asumida por instituciones gubernamentales o no, que deciden comprometerse responsablemente en este proceso educativo.

Con este criterio y en la seguridad de que el Museo debe ser una entidad involucrada en la resolución de problemas atinentes a la calidad del ambiente, el Museo de Ciencias Naturales Augusto Gustavo Schulz, desarrolla desde 1996, un Programa de EA , diseñado para una sociedad urbana, contando con la participación de otros organismos oficiales como la Policía Ecológica Provincial y miembros de ONG de reconocida presencia en el medio.

## **CARACTERÍSTICAS DEL PROGRAMA.-**

### **OBJETIVOS.**

- Promover la participación comunitaria, especialmente de la niñez y de la juventud, en la identificación y búsqueda de soluciones para acciones que deterioran o degradan el ambiente urbano.
- Capacitar individuos y fortalecer instituciones.
- Promover la formulación y/o afianzamiento de normas éticas respecto a la naturaleza.
- Facilitar el conocimiento de normas legales redactadas para proteger el ambiente y la vida que en él transcurre.
- Intervenir en la búsqueda de canales de comunicación entre organismos no gubernamentales y organismos oficiales que tienen objetivos comunes, y de ambos con el individuo miembro de la sociedad.
- Colaborar en el proceso de cambio de comportamientos que son necesarios para la efectiva protección de la calidad del ambiente urbano.

### **META.**

Formar PROMOTORES AMBIENTALES en el seno de la comunidad educativa de nivel primario y secundario, capacitados para diagnosticar y producir proyectos que solucionen o mitiguen problemas ambientales que se manifiestan en el medio en el que desarrollan sus actividades cotidianas( hogar, escuela, barrio, localidad).

Transformar a estos PROMOTORES AMBIENTALES en multiplicadores educativos para promover la toma de conciencia e incrementar la participación comunitaria .

### **METODOLOGÍA.**

El Museo convocó , por los medios de difusión, a la participación de establecimientos educativos de nivel primario y secundario, mediante sus organizaciones escolares afines(clubes de ciencias, área de ciencias naturales, etc.). Se inscribieron tres grupos de Escuelas primarias y uno de Secundaria, con maestros y profesores a quienes se les denominó Docentes Guías.

Esta convocatoria no podía obtener respuesta masiva en razón del carácter no formal del programa, condicionante de los horarios de reuniones y de trabajo de los equipos.

## **ETAPAS DEL PROGRAMA.**

### **Primera: Formación y adiestramiento.**

Técnicas de trabajo.

Existe un vasto espectro de actividades que operan como recursos didácticos para la formación y adiestramiento de los niños y jóvenes. En nuestro caso seleccionamos talleres quincenales con temática propuesta por los niños o jóvenes a partir de una lista preliminar de problemas detectados y categorizados por orden de importancia en razón de su frecuencia y magnitud.

El desarrollo de estos talleres fue enriquecido con charlas informativas y participativas, a cargo de miembros de ONG y de organismos oficiales implicados en el tratamiento del problema en estudio. Los recursos didácticos: fotografías, videos y recortes periodísticos, así como la consulta de material documental aportado por la Biblioteca Especializada del Museo, contribuyeron a esclarecer la temática a los futuros promotores.

### **Segunda: Operativa.**

Trabajando con la lista preliminar de problemas detectados por los niños y jóvenes participantes, se conformaron varios equipos para abordar uno de ellos por equipo, mediante la planificación de un proyecto.

Las etapas que conformaron cada proyecto fueron: Objetivos, Metas, Localización geográfica del proyecto, Población destinataria, Actividades o Técnicas, Cronograma, Recursos.

Los proyectos desarrollados entre 1996 y 1998 estuvieron referidos principalmente a situaciones ambientales del barrio y de la escuela y las actividades planificadas tuvieron especial énfasis en promover el cambio de conductas de niños y adultos, fomentando la solidaridad para mejorar la calidad del ambiente compartido.

Tercera : de Transferencia.

Hemos denominado así al momento en el cual, los niños y jóvenes que fueron protagonistas del Programa, perciben que están capacitados para transferir lo que aprendieron, intelectualmente y sensitivamente. En el caso que exponemos, los jóvenes de un establecimiento educativo de nivel secundario desarrollaron su proyecto educativo en una escuela de nivel primario del mismo barrio. Otros lo hicieron en el barrio. Todos expusieron los resultados en encuentros concretados a ese efecto, en el Museo, evaluando los aspectos positivos y los tropiezos que existieron.

Corresponde señalar aquí, que no necesariamente la etapa de transferencia ocurre en este orden. En otros equipos, la acción multiplicadora se produjo paralelamente, sobre todo como consecuencia de la natural impaciencia y espontaneidad que caracteriza a niños y jóvenes. No obstante ello, la participación efectiva en beneficio del ambiente urbano confirma que los programas no formales, con continuidad y objetivos definidos, tienen posibilidades de éxito reafirmando el concepto de que la educación trasciende los límites del edificio escolar y el niño-ciudadano debe comprometerse y adoptar un estilo de vida cooperativo y solidario con las generaciones contemporánea y futuras.-

\* Lic. - Provincia del Chaco. Ciudad de Resistencia.

## **PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO**

*Alvimar Rocha da Rosa\* , Rovani Passos Landi\* e Ana Paula B. Lima Veeren\* -  
Estudantes da 5ª série da EMFA - E. M. Fernando de Azevedo /  
Pólo de Ciências e Matemática - 10ª CRE*

---

### **JUSTIFICATIVA**

A realização do **II Encontro Internacional de Ecomuseus** em nossa cidade, e em particular, na área em que está situada a nossa escola, nos oferece uma grande oportunidade de apresentar um trabalho que envolve professores e alunos numa abordagem interdisciplinar envolvendo aspectos do ambiente físico, sócio-cultural, patrimonial e histórico de uma área eminentemente importante no quadro histórico-cultural de nossa cidade e por extensão, de nosso país.

Vale ressaltar que são inúmeros trabalhos realizados nas escolas da região, acerca do patrimônio cultural de Santa Cruz, contudo, quase sempre essas atividades são realizadas de formas isoladas e com pouca integração da comunidade escolar.

### **OBJETIVOS**

- Proporcionar uma visão geral do “**Quarteirão Cultural do Matadouro**”, destacando o “**Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro**”, através da confecção de uma maquete e um painel fotográfico - poster.
- Proporcionar a professores e alunos conhecimento da história e cultura da região em que estão inseridos.
- Construir com os alunos um projeto ambiental que desenvolva valores sociais de Comunidade, de Patrimônio histórico-cultural e de Desenvolvimento Sustentável.

### **EQUIPE**

#### **Professores responsáveis:**

**Alvimar Rocha da Rosa** - Prof. de Ciências, MSc. Ciências Ambientais e Florestais, Prof. Regente do Pólo de Ciências e Matemática da 10ª CRE. Matr. 10/169457-9

**Rovani Passos Landi** - Prof. de História. Matr. 10/161363-7

**Ana Paula Barbosa Lima Vereen** - Prof. Inglês. Matr. 10166541-3

#### **Alunos:**

Dionni Xavier da Silva Brito	T.605
Marisvaldo Lima Silva	T.505
Roberto da Silva Moraes	T.609
João Paulo de Souza Rodrigues	T.506
James Taylor Silva de Carvalho	T.506.

\* Professores da Escola Municipal Fernando de Azevedo

## **PROJECT ON ENVIRONMENTAL EDUCATION “QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO” (Matadouro’s Cultural Block)**

*Alvimar Rocha da Rosa\**, *Rovani Passos Landi\** e *Ana Paula B. Lima Vereen\** -  
EMFA’s Students - E. M. Fernando de Azevedo /  
Pólo de Ciências e Matemática - 10ª CRE

---

### **Reasons**

The II International Ecomuseums Meeting, which will be held in our city, more specifically in the area where our school is placed, offers us the great opportunity to present a piece of work evolving teachers and students alike. A new participation approach will be used in order to link school subjects and topics. Environment will be studied as a whole in all its aspects: physically, culturally, socially and historically.

We must emphasize that countless pieces of work have been developed at schools placed in this area. Such works try to show how important and lively our cultural heritage is, but they have been developed with no effective cooperation and participation among schools.

### **Aims**

- To provide our community with a global view of our “**Quarteirão Cultural**” and to give special emphasis to the “**Ecomuseum**” that belongs on the block. It will be done by the use of photos and posters.
- To provide teachers and students with good knowledge of history and cultural of the area.
- To build up with the students an effective project on Environmental Education so that social ideals can be developed in the community.

### **Staff**

**Alvimar Rocha da Rosa** - Sciences Teacher (also Forestal and Environmental Education) Prof. Regente do Pólo de Ciências e Matemática da 10ª CRE. Matr. 10/169457-9

**Rovani Passos Landi** - History Teacher. Matr. 10/161363-7

**Ana Paula Barbosa Lima Vereen** - English Teacher. Matr. 10166541-3

### **Students:**

Dionni Xavier da Silva Brito	Class 605
Marisvaldo Lima Silva	Class 505
Roberto da Silva Moraes	Class 609
João Paulo de Souza Rodrigues	Class 506
James Taylor Silva de Carvalho	Class 506

\* EMFA’s Teachers

## **MUSEO AGRARIO DEL AZUL**

*Norma Rusconi\**, *Héctor García\*\**, *Liliana Borioli\*\*\** - *ICOFOM LAM - Argentina*

---

### **ABSTRACT**

Desde la ciencias de la museología, el proyecto de creación del Museo Agrario del Azul, diseña acciones pensando en desarrollar la participación y la autogestión de los integrantes de la comunidad rural y de las instituciones del medio comprometidas con los intereses de una formación, de una capacitación y de una gestión para el desarrollo sustentable de la región. Es decir, desde el museo se gestionará una red de acciones conjuntas que involucrarán a los trabajadores rurales, a los maestros rurales y a las instituciones vinculadas con la extensión rural. Esta red tendrá como finalidad salvaguardar los rasgos de la cultura regional desde lo arquetípico y en la cotidianidad de la vida diaria. Desde esta perspectiva el desarrollo sustentable contemplaría el mantenimiento de los valores culturales y del entorno natural sin descuidar los resultados micro-productivos que permitirán a los habitantes, "vivir en su medio y de su trabajo"

\* Licenciada em Filosofia - Membro do ICOFOM LAM/Terminologia Museológica.

\*\* Arquitecto \*\*\* Professora

## **MUSÉE AGRAIRE DU BLEU**

*Norma Rusconi\**, *Héctor García\*\**, *Liliana Borioli\*\*\** - *ICOFOM LAM - Argentina*

---

### **RÉSUMÉ**

Dès sciences de la muséologie, le projet de création du Musée Agraire de l'Azul, conçoit actions qui pensent de développer la participation et l'autogestion des membres de la communauté rurale et des institutions engagées avec les intérêts d'une formation, et d'une administration pour le développement soutenable de la région. C'est à dire, le musée travaillera des actions combinées que concernant à la population ouvriers rural, aux professeurs ruraux et aux institutions enchaînées avec l'extension rurale. Cette tâche aura comme but sauvegarder les traits de la culture régionale traditionnelle et de la culture quotidienne. Dès cette perspective le développement soutenable contemplerait l'entretien des valeurs culturelles et de l'environnement naturel sans négliger les résultats micro-productifs qui permettront aux habitants, "vivre dans son milieu et de son travail."

\*Licenciada em Filosofia - Membro do ICOFOM LAM/terminologia Museológica

\*\* Arquitecto \*\*\* Professora

## MUSEO AGRARIO DEL AZUL

*Norma Rusconi\*, Héctor García\*\*, Liliana Borioli\*\*\* - ICOFOM LAM - Argentina*

---

Este proyecto propone articular acciones tendientes a recuperar la cultura agraria que caracterizó desde sus orígenes la región central de la provincia de Buenos Aires, generando un ámbito abierto que permita, desde lo institucional y desde lo comunal, una capacitación adecuada para que la comunidad agrario-rural pueda reinsertarse en su medio natural, evitando el desarraigo y el olvido de las prácticas de su cultura .

Desde la ciencias de la museología, estas acciones se diseñaran para desarrollar la participación y la autogestión de los integrantes de la comunidad rural y de las instituciones del medio comprometidas con los intereses de una formación, de una capacitación y de una gestión para el desarrollo sustentable de la región. Es decir, el museo gestionará una red de acciones conjuntas que involucrarán a los trabajadores rurales, los maestros rurales y las instituciones vinculadas con la extensión rural. Esta red tendrá como finalidad salvaguardar los rasgos de la cultura regional desde lo arquetípico y en la cotidianidad de la vida diaria. Desde esa perspectiva el desarrollo sustentable contemplaría el mantenimiento de los valores culturales y del entorno natural sin descuidar los resultados micro-productivos que permitirán a los habitantes, "vivir en su medio y de su trabajo".

Este Museo Agrario del Azul, que debido a las características del lugar abarcaría la extensión virtual de 600 hectáreas de paisaje rural cultivable, paisaje real que rodea el área urbana, tendrá su sede en el edificio del "viejo matadero de Azul". Ubicado en la zona rural pero a sólo 30 cuadras de la ruta provincial y del acceso principal de la ciudad de Azul., este edificio que también debe ser recuperado como patrimonio histórico es representativo de la obra de uno de los arquitectos más reconocidos del estilo art déco , y del modelo de desarrollo socioeconómico de principios de siglo, hoy abortado. Por otra parte su cercanía con una ruta muy transitada desde el punto de vista comercial y turístico, facilitará la tarea de difusión cultural, la venta de artesanías y la producción de los posibles microemprendimientos.

El proyecto responde además, a las necesidades de una demanda creciente que proviene de la comunidad educativa rural y de la comunidad familiar rural quienes manifiestan conciente o inconscientemente una crisis identitaria que arrastra al desarraigo y a la marginación a gran parte de sus integrantes.

Desarraigo cultural y marginación económica factores que atentan contra el desarrollo sustentable de la región, en el marco de las políticas globales de este fin de siglo.

Por lo ya expuesto, consideramos que es de interés regional favorecer, en Azul "ciudad centro de la provincia de Buenos Aires", la autogestión de un ecomuseo que **rescate y difunda** la cultura agraria de la región; que **colabore prestando servicio** a la comunidad en general y en especial a las instituciones vinculadas con la educación rural.; y que **responda a demandas de capacitación laboral y de inserción socioeconómica para el logro de un desarrollo sustentable y la obtención de una mejor calidad de vida de la población.**

Finalmente, el proyecto tiende a que este museo logre que su tarea trascienda, sin desatender, las acciones de conservación y difusión cultural propias del museo tradicional preocupándose por las demandas reales de una población que paulatinamente está perdiendo su identidad , su calidad de vida y la de su entorno natural.

Por todo ello, pensamos que en el espacio físico del "viejo matadero" se deberían nuclear las acciones de gestión y autogestión, de administración y de planificación que luego serían puestas en práctica en el espacio natural. Para lograrlo creemos que es fundamental crear y mantener actualizado un banco de datos que guarde información acerca de:

- I. la presencia de actitudes autogestionantes de la comunidad,
- II. los hechos histórico-culturales de la región,
- III. las demandas sociales y de capacitación laboral,
- IV. la elaboración y puesta en práctica de los proyectos participativos de desarrollo sustentable que hayan involucrado a la familia rural, las instituciones de extensión y de educación rural,
- V. las políticas oficiales implementadas,
- VI. y el proceso de deterioro que podría haber sufrido el medio natural.

Este proyecto de Museología Social fracasaría sin la participación de todos y cada uno de los involucrados. Su logro necesitará el aporte de la comunidad como gestora de las acciones, y como beneficiaria y usuaria de las mismas, el aporte de las instituciones educativas y de extensión para el desarrollo de capacidades adecuadas, y una presencia de la gestión política que permita la consolidación de las estructuras y de las estrategias necesarias para la generación de recursos reales que garanticen la inserción laboral en el medio.

Por ello la tarea de lo que hoy denominamos genéricamente como Museo Social, al que se adhiere este Museo Agrario, es una tarea de compromiso que debe tener realidad ya que no se puede fracasar. El fracaso de sus propuestas afectaría no sólo a la museología como ciencia teórico-práctica, sino también a los intereses de una comunidad que invierte en ellas sus tradiciones, sus anhelos y los esfuerzos de su trabajo cotidiano. Una comunidad que para sobrevivir debe defender su identidad y evitar al mismo tiempo, el desarraigo y la marginación social.

En este caso particular, el museo comprometerá su acción en la recuperación de gran parte de la historia socioeconómica de la provincia de Buenos Aires, permitiendo que la acción participativa de la población rural y de la población urbana construya un ámbito conjunto de capacitación y producción laboral y cultural que les permita concienciar su lugar dentro del contexto globalizador de la sociedad contemporánea.

### **Fundamentación y origen del proyecto**

En la actualidad la institución museo y en particular los denominados ecomuseos y o museos sociales, deben concebirse como instituciones formadoras con acciones tendientes a la implementación de una **pedagogía del desarrollo** que permita la valorización de los testimonios materiales e inmateriales de un pasado reciente que aún se manifiesta, pese a las modificaciones del contexto natural y a las transformaciones de los modelos socioeconómicos vigentes.

Esta praxis de la museología contemporánea, consiste en mostrar el desarrollo económico, cultural, político y social del hombre en un área geográfica determinada, de manera que los visitantes del museo -habitantes o no de la localidad-, puedan identificar y objetivar los problemas que le interesan y optar por posibles soluciones. De este modo, por medio de la relación museo-comunidad-medio ambiente, se intenta concienciar en una población los problemas que la afectan, buscando las propuestas que se consideren favorables para una toma de conciencia del pasado, del presente y del futuro, revalorizándolas y propiciando actividades para el cambio.

Este compromiso que ha asumido la museología mundial al **socializarse**, es de suma importancia en los países de América del Sur con procesos de desarrollo muy dispares, en los que los espacios de formación deben estar al servicio de una capacitación que permita identificar lo que debe mantenerse y lo que debe transformarse en la educación de los agentes sociales. Por esta razón el sentido de un Museo Social y o de un Ecomuseo, que pueda planificar articulando su programación con los objetivos de las Instituciones Educativas de una región permite sumar esfuerzos y efectivizar la puesta en práctica de un desarrollo local-



regional, permitiendo que la comunidad misma se convierta en guardiana de los bienes testimoniales de su pasado, de su presente y creadora de su futuro.

Según lo expuesto, el Museo Agrario de Azul, tendrá como objetivos específicos:

- recuperar y poner en evidencia un pasado agrícola que subyace, pese a su transición hacia los procesos de industrialización y urbanización, en su paisaje y en su historia, es decir en su cultura.
- objetivar procesos históricos de cambio socioeconómicos para una mejor valoración de los mismos, en el pasado, en el presente y para un futuro..
- rescatar la creatividad de sus habitantes desde lo artesanal, lo laboral, lo intelectual y lo organizativo, según como se haya expresado en el curso de su evolución.
- y, fortalecer mediante procesos de investigación, comunicación museográfica y divulgación los contenidos y las prácticas educativas de una formación regional que articule los intereses de la comunidad con las demandas de las sociedades contemporáneas.

Este último objetivo concentra el punto de partida y la finalidad de la propuesta, ya que la misma responde a una solicitud expresa de la Directora de la Escuela Rural N° 26 de Azul ubicada a escasos 200 metros del "viejo matadero", quien acude a la Facultad de Agronomía de Azul solicitando apoyo para coordinar acciones socioeducativas que permitan desarrollar en sus alumnos y en el medio familiar, motivaciones y capacidades .

Es importante destacar que los alumnos de esta escuela rural, pertenecen a una zona de influencia de tipo agrícola-ganadera de bajos recursos y que no cuentan con otras posibilidades educativas para acceder a una formación rural que les permita insertarse en el medio. La falta de una planificación adecuada que contemple distintas opciones impide que el alumno se sienta motivado y esta carencia es la causa de un fracaso escolar que condiciona el desarraigo de las generaciones jóvenes, que emigran a la ciudad dónde se suman a los grupos marginales.

La propuesta pedagógica y museológica partió por lo tanto, del diagnóstico elaborado por la Escuela N° 26, durante 1997. Allí se ponía de manifiesto las falencias de su población escolar tales como un manejo excesivo del lenguaje gestual condicionado por la carencia de aptitudes básicas para el desarrollo de la moralidad y del lenguaje escrito, a las que se sumaban la falta de interés y de compromiso para la realización de las tareas escolares. Sin embargo se rescataron en ese alumnado manifestaciones de dinamismo, afectividad, valoración del entorno natural, actitudes participativas y, en general interés por encontrar respuestas a necesidades socioculturales insatisfechas.

Partiendo de esa demanda, un grupo de trabajo del área de las Ciencias Sociales de la Facultad de Agronomía de Azul realizó sondeos que revelaron como demanda concreta la necesidad de una capacitación laboral para mantenerse en el medio rural y la inexistencia en la zona de propuestas educativas para darle respuesta.

Teniendo en cuenta la demanda concreta, el diagnóstico efectuado por la escuela y los resultados de los sondeos posteriores, el grupo de trabajo elaboró y puso en marcha durante el período 1998/1999 un proyecto que articuló el nivel educativo escolar con el profesional mediante cursos teóricos y prácticos para maestros. En el desarrollo de los mismos se produjo un importante intercambio de datos y de conocimientos que permitió a los docentes ampliar su condición interdisciplinaria con la adquisición de técnicas y bibliografía para el trabajo en un desarrollo sustentable integral. Por su parte el equipo de profesionales obtuvo el conocimiento vivencial de la "realidad problema" que le permitió elaborar y gestionar el proyecto del Museo Agrario.

## **Resultados esperados**

Que la población rural, y en especial los jóvenes logren reafirmar su identidad fortaleciendo los valores de pertenencia al ámbito rural.

Que aprendan a aprender, desarrollando capacidades para observar críticamente su realidad con el fin de poder operar sobre y con ella.

Que se comprenda que todo proceso de desarrollo sustentable es un proceso educativo participativo integral e interdisciplinario.

Que se haga posible la esencia misma del museo social.

## **Elaboración del proyecto para el Museo Agrario del Azul.**

### **1-Marco teórico**

La creación del Museo Agrario del Azul, que se constituiría en proximidad de la Escuela Rural de Concentración N° 26 y en la zona de influencia de la Facultad de Agronomía y la Agencia de extensión agropecuaria, favorecería la implementación de acciones tendientes a un desarrollo sustentable de la región y a un trabajo museológico en investigación y en extensión de la cultura rural y el cuidado del medio ambiente.

### **2.- Objetivos :**

**2.1. General :** Articular desde el museo acciones tendientes a recuperar la cultura agraria que caracterizó desde sus orígenes la región central de la provincia de Buenos Aires, generando un ámbito abierto que permita desde lo institucional y desde lo comunal, una capacitación adecuada para que la comunidad agrario-rural pueda reinsertarse en su medio natural evitando el desarraigo y el olvido de las prácticas de su cultura .

### **2.2-Específicos:**

- I. Recuperar y poner en evidencia un pasado agrícola que subyace pese a la transición a los procesos de industrialización y urbanización, en su paisaje y en su historia, es decir en su cultura integral.
- II. Objetivar procesos de cambios socioeconómicos y deterioro ambiental para desarrollar actitudes críticas que favorezcan el futuro de la región.
- III. Rescatar la creatividad de sus habitantes desde lo artesanal, lo laboral, lo intelectual y lo organizativo, favoreciendo la comunicación y la participación
- IV. Fortalecer, mediante procesos de investigación-acción la difusión y divulgación de los contenidos y las prácticas de una formación regional que articule los intereses de la comunidad con las de otras comunidades y en el marco de la globalización.
- V. Trabajar en la recuperación del patrimonio arquitectónico del lugar

### **3.-Acciones :**

- I. Descentralizar el patrimonio cultural
- II. Promover un inventario del patrimonio regional desde lo cultural, integrando todas las formas o modos y los valores de la vida de la comunidad.
- III. Rescatar los objetos patrimoniales, que se encuentren diseminados en el espacio virtual del museo, incluyendo los testimonios orales.
- IV. Generar estrategias participativas y articulantes entre el museo, la comunidad y las instituciones.
- V. Capacitar al personal del museo para un conocimiento profundo y comprometido de los problemas que afectan a su comunidad, para poder interpretarlos favoreciendo al desarrollo sustentable de la misma y al mejoramiento de su calidad de vida.

VI. Construir un espacio que convoque no solo a los visitantes sino fundamentalmente a la familia, a los jóvenes y a los niños, ya que éstos son los verdaderos agentes del cambio social.

VII. Difundir los valores materiales e inmateriales de la cultura de la región para fomento y atracción de ingresos turísticos.

## **Proyecto para la Recuperación del Patrimonio Arquitectónico del lugar**

### **1. Marco Programático**

En el año 1994 la Municipalidad de Azul sanciona la Ordenanza 1314/94 "CONSERVACIÓN DEL PATRIMONIO CULTURAL, HISTÓRICO, TURÍSTICO Y ARQUITECTÓNICO DE LA CIUDAD DE AZUL Y EL PARTIDO DE AZUL" y la Ordenanza 1315/94 "CONSERVACIÓN DEL PATRIMONIO NATURAL DEL PARTIDO DE AZUL",

**Que establecen un sistema de reconocimiento y preservación de los bienes inmuebles y sitios que componen el patrimonio arquitectónico urbanístico.**

Se entiende fundamentalmente desde una perspectiva pragmática, como un proceso de conocimiento, **que orienta y abre caminos al individuo y a su comunidad, de un modo participativo.** La Declaración administrativa de Bienes de Interés Municipal, que constituye el Patrimonio Arquitectónico y Urbanístico, está constituida por aquellos componentes de naturaleza inmueble y sitios que sin ser en ningún caso excepcionales o únicos, en el conjunto urbano testimonian óptimamente, por sus particulares valores históricos, arquitectónicos, ambientales y/o paisajísticos las diferentes etapas del desarrollo urbano de la ciudad de Azul.

### **1.2. Denominación de la obra (denominación original y actual)**

- Denominación original "Matadero de Azul"
- Denominación actual : "Ex Matadero de Azul"
- Ubicación : Camino Viejo a Tandil - 5 Km. de Ruta 3

### **1.3. Uso original y actual**

- Uso original: matadero
- Uso actual: microemprendimiento Procesamiento de miel. Cooperativa con comodato municipal.

### **1.4. Situación Legal**

- Propiedad de la Municipalidad de Azul

### **1.5. Fechas**

- Construido en los años 1935/40 con un conjunto de obras provinciales de singular estilo Art Decó, de características monumental expresionistas.

### **1.6. Autor**

- La obra del Arquitecto Francisco Salomone, una obra pública del mismo autor que la Plaza San Martín central de Azul y la portada del Cementerio y el Parqu4 Municipal, de los mataderos de las localidades de Cacharí y Chillar, todas ellas de interés patrimonial.

## **1.7. Datos históricos**

- I. Existen publicaciones de la obra de Francisco Salomone específicos. Obra que ha despertado el interés de estudiosos por su estilo arquitectónico / monumental de la época.

## **1.8. Material planimétrico**

- Existen planos actualizados en la Municipalidad de Azul de relevamientos y un antecedente en la Secretaría de Obras Públicas de la planta.

## **1.9. Material fotográfico de época**

- Existen registros de los periódicos y fotos actuales.

## **2. Objetivos**

### **2.1. General**

- Reciclar el edificio patrimonial integrándolo al sector de la Escuela Alberque Agraria y articulándolo con los programas culturales, regionales y turísticos de Azul.

### **2.2. Específicos**

- Recuperar la estructura original adecuando las instalaciones internas para el funcionamiento del Museo Agrario del Azul.
- Restaurar las condiciones del sitio para lograr un adecuado funcionamiento que favorezca al desarrollo de las actividades y la recepción de contingentes.
- Integrarlo con un equipamiento adecuado a las características del museo con carácter interactivo, para lo cual se incorporara la tecnología adecuada con medios audiovisuales.
- Favorecer el intercambio de productos regionales, con la instalación de un stand de exhibición y venta.

## **3. Programa Arquitectónico**

- El Programa Arquitectónico comprenderá el reciclado de un área útil de 600 metros cuadrados, contando con las siguientes dependencias:

- I. Salón de Exposiciones**
- II. Salón de Conferencias y Proyecciones**
- III. Archivo/Administración**
- IV. Biblioteca**
- V. Sanitario caballeros**
- VI. Sanitario Damas**
- VII. Administración**
- VIII. Depósitos**
- IX. Investigación y Planificación**
- X. Taller de Reparación**
- XI. Ventas**

#### 4. Inversiones

**4.1. La inversión total** estimada es de \$200.000, siendo el plazo de obra de 12 meses.

**4.2. Financiación.** La financiación de la erogación se prevé con el aporte de la Municipalidad de Azul y de instituciones comunitarias. Asimismo, se gestionarán aportes provinciales y créditos del Banco Provincia específicos para obras de conservación del patrimonio arquitectónico.

\* Lic. Norma Rusconi: Profesora de Filosofía de la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina.  
Asesora del Departamento de Planeamiento y Estrategia Municipal de la comuna de Azul, Argentina.  
ICOFOM LAM, GT Terminología Museológica.

\*\*Prof. Liliانا Borioli: Integrante de la Cátedra de Filosofía de la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires.  
Profesora de Teoría Literaria y Psicolinguística del Instituto Superior de Formación Docente y Técnica N° 157 de Azul.  
ICOFOM LAM Terminología Museológica.  
\*\*\* Arquitecto / ICOFOM LAM

## **PATRIMÔNIO CULTURAL E A ESCOLA: CONSTRUINDO UM MUSEU DIDÁTICO-COMUNITÁRIO**

*Maria Célia Teixeira Moura Santos\** -

*Museu Didático-Comunitário de Itapuã - Brasil (BA)*

---

### RESUMO

Descrição e análise de uma pesquisa-ação, em que a ação museológica esteve integrada ao processo educativo, tendo como resultado a implantação de um museu didático-comunitário no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, no Bairro de Itapuã, Salvador-BA.

A partir da interação entre os técnicos e os demais sujeitos sociais envolvidos no processo, foi possível, por meio dos diversos programas desenvolvidos, “culturalizar” alguns aspectos das muitas realidades do bairro e da escola, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido.

A musealização do fazer cultural se deu de forma participativa, com a atuação de alunos, professores e moradores locais desenvolvendo ações de pesquisa, preservação e comunicação, sendo compreendida como uma ação educativa e de interação, produzindo conhecimento e contribuindo para a construção de uma nova prática social.

Da ação integrada entre os vários níveis de ensino, ou seja, 1o, 2o, 3o graus e pós-graduação, foi possível a realização de uma ação museológica como ação educativa e uma ação educativa integrada ao processo museológico, obtendo-se, como resultado, a implantação de um museu didático-comunitário, em permanente construção.

\* Museóloga, Mestre e Doutora em Educação, ex - Professora do Curso de Museologia da UFBA e autora de vários livros e artigos sobre Museologia e Educação. Integra os corpos docentes do Curso de Especialização em Museologia do MAE - USP e do Curso de Conservador / Museólogo da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Lisboa - Portugal. Fundadora do Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

# **PATRIMÔNIO CULTURAL E A ESCOLA: CONSTRUINDO UM MUSEU DIDÁTICO-COMUNITÁRIO**

*Maria Célia Teixeira Moura Santos\* -*

*Museu Didático-Comunitário de Itapuã - Brasil (BA)*

---

## **Introdução**

Sempre procuramos dirigir as nossas ações, no Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, para uma prática efetiva, em que professores e estudantes de 1o, 2o e 3o Graus atuassem de forma integrada, tornando viável a prática do ensino e da aprendizagem, por meio da observação e da análise de aspectos importantes do nosso patrimônio cultural, relacionando-o com a vida no presente e entendendo-o como produto do homem, sujeito da História, e, portanto, como resultado das relações sociais.

Compreendemos que a viabilidade de uma integração efetiva entre museu, escola e comunidade, passa, também, por uma revisão de conceitos na área da Museologia. As transformações ocorridas no mundo contemporâneo sinalizam para a necessidade de um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades da América Latina. A revisão e superação de determinados paradigmas são essenciais, considerando-se a necessidade de criação de novos museus e de reformulação dos já existentes, tornando-os instituições relevantes para a cidadania. A Museologia e o museu têm uma importância fundamental no contexto de reconstrução das nações, na busca de um mundo livre e equitativo. Para tanto, torna-se necessária a formulação de novas diretrizes, à luz dos conhecimentos historicamente acumulados, no sentido de utilizar o patrimônio cultural como um referencial para o exercício da cidadania e desenvolvimento social, por meio do processo educativo.

Compreendendo que não podemos dissociar a atuação do professor universitário de uma prática efetiva na comunidade, e acreditando que essa prática só se concretiza no momento em que professor, aluno e grupos comunitários passam a atuar de forma integrada e participativa, questionando, construindo e analisando conjuntamente, buscamos realizar, uma tese de doutorado, que permitisse a realização de uma atuação integrada entre o Curso de Museologia, Doutorado em Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA, Secretaria de Educação do Estado da Bahia - Instituto Anísio Teixeira, 1º e 2º Graus do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior e os moradores do Bairro de Itapuã, em Salvador-Bahia-Brasil, buscando a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, visando ao exercício da cidadania e à construção de uma nova prática social.

Como resultado da interação entre os técnicos e os demais sujeitos sociais envolvidos no processo, tem sido possível, por meio dos diversos programas desenvolvidos, "culturalizar" alguns aspectos das muitas realidades do bairro e da Escola, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido. Da ação integrada entre os vários níveis de ensino, ou sejam, 1º, 2º e 3º Graus e Pós-Graduação, está sendo possível a realização de uma ação museológica de cunho educativo e uma ação educativa integrada ao processo museológico, obtendo-se, como resultado, a implantação de um Museu Didático-Comunitário, em permanente construção. Resumidamente, apresentamos a concepção, a organização e a gestão do Museu Didático-Comunitário de Itapuã - MDCI para, em seguida destacar alguns aspectos considerados relevantes, a partir da experiência vivida. Esclarecemos que as informações aqui apresentadas, poderão ser encontradas, também, de forma mais abrangente, em nossa tese de doutorado. (SANTOS, 1996).

A musealização do fazer cultural está-se dando de forma participativa, com a atuação de alunos, professores e moradores locais, desenvolvendo ações de pesquisa, preservação e comunicação, sendo compreendida como uma ação educativa e de interação, produzindo conhecimentos a partir das reflexões sobre o patrimônio cultural local. Enfim, a partir dos referenciais acima apontados, desenvolveu-se o quadro a seguir, que sintetiza o pressuposto metodológico, embasando a ação museológica que está sendo desenvolvida, envolvendo o Museu, a Escola e a Comunidade, de forma integrada:

## **Concepção, Organização e Gestão do Museu**

Os programas são desenvolvidos com a participação de alunos, professores, funcionários do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, técnicos do Instituto Anísio Teixeira, alunos e professores do Curso de Museologia da UFBA e de moradores locais. São realizadas atividades de pesquisa, preservação e comunicação, integradas às atividades das diversas disciplinas do 10 e 20 Graus.

O MDCI trabalha com dois tipos de acervo:

**INSTITUCIONAL** - material arquivístico e iconográfico: fotos, plantas, audiovisuais, maquetes, depoimentos e testemunhos, documentação urbana e sobre a História do Colégio. Toda produção cultural relacionada ao universo do cotidiano e do trabalho.

**OPERACIONAL** - áreas do espaço urbano: paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos, etc.

A pesquisa é o suporte essencial para o desenvolvimento das ações museológicas. Do processo de construção do conhecimento, em vários níveis de ensino, é que está sendo constituído o acervo.

A interação entre o processo museológico e o processo educativo permitiu a organização de um grupo de trabalho cooperativo, responsável pela gestão e organização do museu, que teve como base a estrutura do seguinte Núcleo Básico:

### **NÚCLEO BÁSICO**

No curso da gestão, foi-se delineando a estrutura do Museu. À medida que o grupo foi-se ampliando, a coordenação e os demais componentes sentiram a necessidade de definir atribuições e de designar pessoas, de acordo com as suas características e as motivações de cada um para o desempenho das diversas atividades. Os setores foram sendo estruturados no decorrer das atividades museológicas, de acordo com o desenvolvimento das programações. O funcionamento dos mesmos possibilitou o andamento dos trabalhos, com organização, evitando-se o acúmulo de tarefas que envolvessem todos os componentes do núcleo, além de tornar possível atingir as metas determinadas pelo Núcleo Básico, com mais facilidade. Atualmente o MDCI possui os seguintes setores:

- Coordenação;
- Documentação;
- Comunidade;
- 1<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> Graus;
- Conservação;
- Exposição e Programação Visual.

A organização do Museu foi se dando, então, no processo. Este já existia, de fato, quando foi sentida a necessidade de torná-lo oficial, inserindo-o, de direito, na organização do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior. O que se pretendia era assegurar a existência do MDCI, dando continuidade ao processo, com amparo legal. O estatuto veio em decorrência das diversas ações desenvolvidas, tendo sido elaborado com a participação de todos os segmentos envolvidos, o que, no nosso entender, proporcionou-lhe legitimidade não só por ser o resultado de um processo participativo, o que demonstra o compromisso dos sujeitos envolvidos, como também por ter sido elaborado a partir das reflexões realizadas, tendo como referencial todo o caminhar. O estatuto neste processo não é uma norma estanque, dissociada da realidade; ao contrário, é o resultado da vivência, e, como tal, provavelmente, será tão dinâmico quanto esta. Reconhecemos que não é o estatuto que assegurará a existência do Museu, mas o compromisso assumido pelos participantes.



O Núcleo Básico, é de extrema importância no sentido de reunir as pessoas, de integrá-las, de possibilitar a divulgação das diversas ações, tornando-as enriquecidas por meio da colaboração dos membros dos diversos setores. Salientamos também a sua importância no sentido de desenvolver atitudes de respeito às idéias do outro, de ser o espaço onde os problemas, as dificuldades, as divergências, são colocadas em evidência de uma forma aberta, sincera, tornando o ambiente bastante saudável, evitando os ressentimentos, favorecendo a amizade, a descontração e possibilitando aos componentes, avaliarem a si próprios e aos demais componentes do grupo. É necessário ressaltar, entretanto, que as divergências, os conflitos, estão presentes, e, às vezes, não conseguem ser resolvidas com facilidade. O que consideramos importante é a atitude de sinceridade, de maturidade em enfrentá-los, quando aprendemos reciprocamente, tentar superá-los, sem camuflagens. A liderança da coordenação neste momento tem sido de fundamental importância no sentido de identificar os problemas e de se colocar, abertamente, em relação aos mesmos, incentivando o grupo para que tenha a mesma atitude.

Destacamos também, que a atuação participativa no Núcleo Básico contribui para o aumento da auto-estima dos componentes, pois se sentem valorizados, ao verem suas opiniões serem aceitas, respeitadas, com todos colaborando, efetivamente, para o andamento dos trabalhos, sentindo-se, realmente, colaboradores ativos, co-autores, nas diversas ações. Esta auto-estima também é evidenciada quando os componentes participam de atividades, no Colégio ou fora dele, com o objetivo de apresentar os trabalhos desenvolvidos no MDCI, quando se percebe a satisfação, o orgulho, de estarem construindo o Museu do Colégio no Bairro de Itapuã.

Definimos, portanto, na organização deste Museu, o Núcleo Básico como o ponto de referência, o Núcleo Central, no sentido de democratizar a gestão, de possibilitar a construção conjunta do MDCI. O Núcleo estruturou-se, cresceu e fortificou-se, no concreto das ações. Destacamos que a metodologia adotada privilegia a interação, a participação, contribuindo efetivamente para que todos os membros envolvidos se tornem participantes ativos na gestão e organização do Museu.

A gestão e a organização do MDCI têm sido alimentadas, em todo o curso, pela concepção inicial. Neste sentido, destacamos o poder realizador da teoria, tornando real os conceitos, ao passar do universo simbólico, que os concebeu, ao fazer cotidiano dos participantes. Construímos um processo museológico que motivou a existência de um Museu Didático-Comunitário. Este Museu é o resultado dos avanços da construção do conhecimento na Museologia em vários momentos históricos.

## **Ações Museológicas com os Diversos Níveis de Ensino**

### **As ações de pesquisa, preservação e comunicação**

#### **A Pesquisa:**

O cotidiano da Escola e do bairro, qualificado como patrimônio cultural, tem sido o objeto de pesquisa, o vetor de todas as ações desenvolvidas em interação com alunos, professores e moradores locais. As ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, são desenvolvidas pelos componentes dos diversos setores do Museu, a partir do planejamento realizado nas diversas disciplinas, relacionando os conteúdos programáticos das mesmas, aos temas escolhidos pelos diversos segmentos envolvidos. As programações são desenvolvidas na carga horária destinada às diversas disciplinas, envolvendo os moradores locais, funcionários do Colégio e instituições do Bairro. Até o presente momento já foram trabalhados os seguintes temas:

- A História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior;
- O Bairro de Itapuã;
- A Lagoa do Abaeté;
- A Preservação, na Escola e no Bairro.
- Preservação, Qualidade de Vida e Cidadania;
- O Jovem no Brasil dos 500 anos.

O que se tem buscado, em todos os momentos, é uma análise e interpretação da realidade, ou das muitas realidades, a partir dos pontos de interesse dos diversos segmentos envolvidos, produzindo, através da pesquisa, um conhecimento, que está sendo apropriado e reapropriado pelos sujeitos envolvidos nas diversas programações. O processo de compreensão, de qualificação do fazer cotidiano, enquanto patrimônio cultural, tem-se dado ao longo do caminhar, no desenvolvimento da pesquisa.

Por meio da ação interativa e da reflexão, tomando como referencial a observação e a análise da realidade, está-se conseguindo culturalizar aspectos da realidade local, em interação com outras realidades. Neste fazer museológico, pesquisa e comunicação não se dissociam, se integram, construindo conhecimento, com base no diálogo, em contextos interativos.

As ações de pesquisa também têm tornado viável a aproximação entre técnicos, alunos de 1o e 2o Graus, estudantes de Museologia, professores e moradores locais. Por seu intermédio tem sido possível construir conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural. Este conhecimento, portanto, está sendo construído na ação museal e para a ação museal, objetivando a construção de uma nova prática social no fazer cotidiano da Escola e em interação com os moradores locais.

#### **As Ações de Preservação:**

Em relação às ações de preservação, a coleta não se processa através da recolha dos objetos, para se formar uma coleção representativa da cultura local. Os documentos referentes à História do Colégio e do Bairro, já existentes no Colégio Lomanto Júnior, foram processados e colocados à disposição dos usuários, buscando-se uma ação educativa e de comunicação. À medida que as diversas programações estão sendo desenvolvidas, vai-se levantando conhecimento a respeito da cultura local, obtendo-se como produto fotos, textos, slides, vídeos, relatórios, etc. Neste processo, não existiu a ação de coleta por parte do técnico, no sentido de recolha, de retirar o acervo do seu contexto ou apontar determinados aspectos do bairro, monumentos, prédios, logradouros etc., como “culturalmente” significativos. Está sendo produzido um acervo referente à realidade do bairro e do Colégio, a partir das ações de pesquisa por meio da ação interativa entre os técnicos e os grupos envolvidos. Tem-se buscado a qualificação da cultura, da análise e compreensão do patrimônio cultural, na sua dinâmica real e não a seleção de determinados aspectos para armazenamento e conservação.

Quanto à ação de conservação, tem-se buscado, através das diversas atividades desenvolvidas, a formação de “atitudes preservacionistas” por parte dos grupos envolvidos. À medida que a técnica vai sendo aplicada, no setor de conservação, e os programas em sala de aula vão sendo desenvolvidos, cria-se um processo de discussão, de análise, com o propósito de situá-la no contexto onde está sendo aplicada. Estabelece-se, pois, uma análise no sentido de compreender os objetivos da preservação, no fazer cotidiano e o seu papel na História de vida das pessoas. A conservação é, então, um processo de reflexão para uma ação, que se dá em um contexto social, no caso, a Escola e o Bairro e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos.

## **A Ação Documental:**

Quanto à documentação, não se limita ao registro do acervo, mas busca-se, através da cultura qualificada, produzir conhecimento elaborado no processo educativo, por meio das ações de pesquisa. A ação documental não tem se dado de forma isolada pelo técnico, mas, ao contrário, os grupos envolvidos, moradores, estudantes, professores, estão sendo co-autores da mesma, na medida em que realizam a coleta de dados, utilizando os instrumentos destinados a este fim, e, ao mesmo tempo, no processo de aplicação, identificam problemas, sugerem modificações, enriquecendo-os, tornando-os flexíveis, adaptáveis às várias circunstâncias, de acordo com as características das diversas programações.

O processamento do conhecimento produzido e sua inclusão no banco de dados dão-se com a participação dos componentes do Núcleo Básico ao mesmo tempo que os técnicos responsáveis pela ação documental participam, em sala de aula, da organização das programações, na elaboração dos instrumentos de coleta de dados, através de um processo dialógico, no qual o museólogo e os demais grupos envolvidos são enriquecidos, tanto na fase de planejamento como na execução, havendo, também, um aumento da auto-estima de ambos os grupos, quando o produto do seu trabalho é utilizado para a compreensão da realidade e para a construção de um novo conhecimento, atingindo, assim, os objetivos propostos nesta ação de documentação.

## **A Ação de Comunicação:**

No que diz respeito à ação de comunicação, podemos dizer que esta permeia todo o fazer museológico. A pesquisa e a preservação, conforme análise realizada anteriormente, são gestadas por meio de um processo constante de interação em uma ação pautada no diálogo e em contextos interativos, levando-se em consideração as características dos diversos grupos sociais envolvidos, bem como as diversidades culturais, as diferentes maneiras de estar no mundo e de se expressar por meio de diversas linguagens. A ação museal está se dando como uma ação de comunicação.

Em relação às exposições, não há um espaço definido para as mesmas, podendo acontecer no corredor ou nas salas do núcleo central. Os espaços são selecionados de acordo com as programações. Assim, podem acontecer também nos jardins do Colégio, no pátio, na praça etc. Não existe, até o momento, uma exposição permanente, pois as mesmas são montadas de acordo com a dinâmica do processo, a partir do conhecimento produzido nas diversas programações, que estão sendo desenvolvidas. Apenas são mantidos alguns painéis que apresentam a concepção do Museu, o funcionamento do Núcleo Básico, os programas já desenvolvidos, as metas estabelecidas e as instituições que estão apoiando o projeto.

Como já foi explicitado no item anterior, a exposição é, ao mesmo tempo, o resultado e o início de um processo. A montagem tem-se dado de forma extremamente simples, contando apenas com as reais possibilidades oferecidas, em termos de materiais, espaço e, sobretudo, privilegiando a participação dos sujeitos envolvidos nas ações que as originaram. Desta forma, as regras tradicionais da Museografia tiveram que ser substituídas pelo “fazer possível e criativo”, quando se utilizam carteiras, tábuas envolvidas em papel metro, como bases, sobras de isopor e papel metro como painéis, cartolina, papel carmim, de cores variadas, como suportes para as informações, cordas, barrotes e as próprias paredes do Colégio, como suportes para sustentar painéis e outros materiais. O que se privilegia não é a exposição, enquanto produto estético, pronto, acabado, elaborado pelo técnico, mas as possibilidades de socialização e o desenvolvimento de atitudes de cooperação, organização e solução de problemas, através de respostas criativas.

Vale a pena ressaltar que a ação de comunicação não se limita aos momentos de exposição, embora esta também esteja fazendo parte do processo museológico. Entretanto, é necessário esclarecer que sempre fica uma distância entre o material inerte que é exposto e o processo vital que lhe deu origem. É interessante registrar também que, neste processo, ao contrário do procedimento mais usual nos museus, quando a exposição é o ponto de partida no sentido de estabelecer uma interação com o público nesta ação museológica a exposição é, ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, prenhe de vitalidade, de afetividade, de

criatividade e de reflexão, que deu origem ao conhecimento que está sendo exposto, ação dialógica, de reflexão estabelecida no processo de montagem e ponto de partida para outra ação comunicativa.

Nos últimos seis anos o MDCI desenvolveu várias programações, relacionando os temas selecionados com o conteúdo das diversas disciplinas ministradas no 1o e 2o Graus, conforme já foi explicitado anteriormente. As atividades são organizadas nos horários destinados ao planejamento das diversas áreas de ensino, apresentadas e discutidas pelos componentes dos diversos setores do Museu, nas reuniões do Núcleo Básico. No decorrer das diversas unidades de ensino os programas são desenvolvidos com o acompanhamento da equipe do Museu, e com a participação de membros da comunidade local.

### **MUSEU, A ESCOLA E A COMUNIDADE: Contribuições ao processo museológico e à educação.**

Acreditamos que os programas dos museus e das escolas são o resultado da concepção de museologia, de museu e de educação assumidas por aqueles que atuam nas instituições museais e educacionais. Por meio da sua atuação, no interior ou fora da instituição, podem alimentar a teoria museológica e a pedagogia, e, conseqüentemente, provocar a necessária transformação no museu e na escola. Acreditamos que as instituições Museu e Escola não são um dado pronto, acabado. São o resultado das ações humanas que as estão construindo ou reconstruindo a cada momento. Destacaremos pois, alguns aspectos, produto dessa interação e que consideramos relevantes, tanto para o campo da Museologia, como da Pedagogia:

As ações museológicas foram concebidas, desde o início, com objetivo pedagógico, para serem desenvolvidas no processo educativo do fazer cotidiano da Escola. Nesse sentido, não houve em nenhum momento uma dissociação entre a Museologia e a Pedagogia. Ambas estiveram integradas, uma alimentando a outra, no decorrer das programações, nos diversos níveis de ensino, do 1o Grau até a Pós-Graduação. Consideramos este processo fundamental no sentido de proporcionar um intercâmbio efetivo entre os vários cursos.

É interessante registrar que os conteúdos dos programas das diversas disciplinas, tanto no 1o Grau como no Curso de Magistério, foram relacionados aos diversos subtemas, dos dois temas selecionados pela maioria dos professores e alunos, ou sejam "Itapuã", "A História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior", o que demonstra que mesmo no currículo já instituído é possível adequar os diversos conteúdos programáticos aos interesses dos alunos, tornando o ensino mais próximo da realidade. Por meio dos diversos programas desenvolvidos, conseguiu-se revitalizar a Escola, sua relação com a comunidade, com os alunos envolvendo-se afetivamente com a Escola e com o seu Bairro. Por outro lado, foi possível através do planejamento em conjunto e do acompanhamento das diversas ações, realizar, com os professores e com a equipe de Museologia, um treinamento em serviço no cotidiano da Escola, utilizando o fazer cultural local como referencial, sem retirar os docentes da sala de aula.

É necessário registrar que o processo museológico através das ações de pesquisa, conservação e comunicação, ao produzir um conhecimento sobre a educação no Colégio Lomanto Júnior, no Bairro de Itapuã, e ao organizar um banco de dados no MDCI, do qual fazem parte fotos, vídeos, documentos relacionados à vida administrativa e didática da Escola e do Bairro, está contribuindo para a construção da História da Educação na Bahia, colocando à disposição dos pesquisadores, de forma organizada, uma vasta documentação. Desta forma, o MDCI está realizando uma ação pioneira no âmbito da educação no Estado, no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, no sentido de preservar a sua memória e de utilizá-la como referencial para a realização de diversas ações.

Através das diversas programações, foi possível repensar os conteúdos programáticos, o material didático e as atividades pedagógicas, envolvendo também os alunos na elaboração do planejamento das atividades, tornando-os co-autores dos diversos programas, desenvolvendo-os e produzindo conhecimento a partir da análise da realidade. Esse conhecimento tem sido utilizado em sala de aula pelos professores, pela equipe do Museu, enfim pelos grupos responsáveis por sua produção, como também tem sido processado, por intermédio da ação documental, tornando possível a sua utilização por parte de outros grupos, que os consultam para subsidiar os diversos trabalhos que são produzidos.

Foi possível uma rede de interação de recursos educativos, integrando-os a objetivos comuns, tornando a Escola um sistema aberto, em contínua comunicação com o meio, o que demonstra não existir uma dicotomia entre a educação formal e a não-formal. As vivências dos moradores e dos próprios alunos foram consideradas como exemplos de superação de problemas, cujas soluções foram analisadas como elementos de aprendizagem. Os resultados obtidos confirmam, assim, que é possível enriquecer a Pedagogia e a Museologia, com a participação de milhares de sujeitos que estão fora da Escola, e que, constantemente, encontram soluções criativas para a solução dos problemas que são enfrentados no cotidiano. Entretanto, para que essa troca efetiva seja realizada, torna-se necessário que o museólogo, o pedagogo ou qualquer outro profissional, que venha a desenvolver uma ação efetiva entre o museu, a escola e a comunidade, desça do seu pedestal de dono do conhecimento, tornando-se um mediador, um professor-aluno, que enriquece e é enriquecido;

Foi possível aos participantes traçarem suas próprias experiências, enriquecendo as ações museológicas, apontando para a solução de problemas, muitas vezes insolúveis, no interior da academia, presa a cânones e a “padrões museológicos” alheios à nossa realidade.

Buscou-se, através das diversas ações, a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, tornando possível ao cidadão, desde a sua formação, considerá-lo como um referencial para a construção e reconstrução da sociedade. Em se tratando do Curso de Magistério, este aspecto foi de fundamental importância, pois, ao desenvolverem programas a partir da análise da realidade, compreendida enquanto fazer cultural, os alunos vivenciaram, na prática, como planejar, organizar e avaliar programas desse teor, o que os capacitou a desenvolver ações semelhantes quando da sua futura prática profissional.

Este processo tem sido bastante útil no sentido de aumentar a auto-estima dos alunos, de desenvolver a socialização, a reflexão e o senso crítico, bem como atitudes de cooperação e de organização. As diversas programações os motivaram a fazer parte do Núcleo Básico do MDCl, onde podem trocar informações, desenvolver experiências, criar laços de amizade com os demais componentes, em um processo de crescimento pessoal e de cidadania. As ações no MDCl também têm contribuído para melhorar a capacitação do grupo, não só por meio das diversas atividades desenvolvidas, como por terem acesso à bibliografia referente aos diversos temas trabalhados, por elaborarem relatórios, por aprenderem a organizar as idéias e a apresentá-las em grupo, suscitando discussões e reflexões. Como resultado das ações no MDCl, hoje temos uma ex-aluna do Curso de Magistério, integrante do Núcleo Básico, cursando o Curso de Museologia da UFBA;

Tem sido possível realizar um intercâmbio bastante produtivo entre o Museu da Escola e do Bairro, e outros Museus localizados no Centro da Cidade, fato que tornou possível, por parte do grupo envolvido nas programações, compreender que existem diferentes categorias de Museus, sendo possível, portanto, a interação entre os mesmos, contribuindo para a formação do cidadão e para o desenvolvimento social;

Por meio das ações museológicas integradas à prática de ensino do 1o e 2o Graus, viabilizou-se a participação de estagiários do Curso de Museologia, realizando uma prática museológica, com base na participação e na interação com os diversos participantes, produzindo conhecimento a partir dos referenciais da nossa realidade. Por meio dos programas desenvolvidos, foi possível, também, divulgar e ampliar a atuação da Universidade Federal da Bahia (Curso de Museologia), integrando-a à comunidade onde está inserida, não como entidade superior que leva o conhecimento produzido na academia, mas aberta ao diálogo e à troca, deixando-se enriquecer e possibilitando também um enriquecimento dos demais cursos participantes das programações.

Salientamos que, com os resultados acima apresentados não almejamos uma neutralidade absoluta, apagando as marcas do nosso envolvimento, em nosso objeto de estudo. Assim como na nossa tese de doutorado, me incluo, também, na análise que aqui foi realizada, registrando que, mesmo após a conclusão do meu curso de pós-graduação, a minha atuação no MDCl, tem sido, para mim, uma fonte infinita de conhecimento e crescimento pessoal. Reforço, mais uma vez, que tem sido um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão e sonho, apesar das muitas dificuldades encontradas. A nossa luta no sentido de integrar o Museu, a Escola e a Comunidade, tem sido permeada por muitas “pedras no caminho”. Transpô-las, tem

sido um grande aprendizado, um desafio constante, na busca da melhoria da qualidade do ensino e de uma Museologia mais ajustada à realidade da América Latina.

\*Profa. Aposentada do Curso de Museologia da UFBA;  
Profa. Do Curso de Especialização em Museologia  
do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade  
de São Paulo-Brasil; Profa. Do mestrado em Museologia  
da Universidade Lusófona de Humanidades  
e Tecnologias-Lisboa-Portugal.

## BIBLIOGRAFIA

- APPLE, Michel W. Educação e Poder. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ARROYO, Miguel G. Educação e exclusão de cidadania. In: Educação e Cidadania. São Paulo: Cortez, 1987.
- BARBALET, L.M. A Cidadania. Lisboa: Editorial estampa, 1989.
- BLANCO, Ángela García. Didáctica del Museo. Madrid: Ediciones de la Torre, 1994.
- BATALLAN, Graciela. Museos, Patrimonio y Educacion; reflexiones en el Museo Etnografico Juan B. Ambrosetti. [s.l.], [19--]. Mimeografado.
- BELLAIGUE, Mathilde. Methodologie de la Muséologie. Conferência proferida no V Fórum de Museologia do Nordeste. Salvador, 1992.
- BERGER, Peter L. A., LUCHMANN, Thomas. Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOEMY, Helena. Patrimônio da memória nacional. In: IDEÓLOGOS do patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Promoção, 1991.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira. In: Filosofia da Educação Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- BRUNO, Cristina. Museologia e Comunicação. Cadernos de Sociomuseologia (9) Lisboa: Centro de Estudos de Socio-Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. 1996.
- CARRASCO, Manoela. O Museu nas Escolas. Conferência proferida nas VII Jornadas sobre a Função Social do Museu do MINOM/ICOM. São João do Estoril, outubro/1994. Mimeografada.
- CHAGAS, Mário. A formação profissional do museólogo: sete imagens e sete perigos. Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, n. 3, 1990.
- \_\_\_\_\_. Há Uma Gota de Sangue em Cada Museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 1996. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em Memória Social e Documento da Universidade do Rio de Janeiro - UNI-Rio).
- \_\_\_\_\_. Novos rumos da Museologia. Cadernos de Museologia, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos de Sócio-Museologia, n. 2, 1994.
- \_\_\_\_\_. Museália. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.
- DEMO, Pedro. Qualidade e Modernidade da Educação Superior. Educação Brasileira, v. 1 - n. 1 - 1978, Brasília, CRUB. p.35.
- \_\_\_\_\_. Pobreza Política. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.
- \_\_\_\_\_. Política Social, Educação e Cidadania: Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- \_\_\_\_\_. Educação e Qualidade. Campinas: SP: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- GIROUX, Henry. A escola Crítica e a Política Cultural. São Paulo: Cortez, 1988.
- GLASER, Jane R. Museums: a place to work. London: Routledge: Smithsonian Institution, 1996.
- GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GONÇALVES, Reginaldo José. O jogo da autenticidade: nação e patrimônio cultural do Brasil. In: IDEÓLOGOS do patrimônio. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Promoção, 1991.
- GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a Organização da Cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. Manual de Museologia. Madrid. Editorial Síntesis, S.A. 1994.

LEACH, Edmund. Cultura e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 1976.

LEON, Aurora. El Museo: teoría, praxis y utopia. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1990.

MACDONALDS, Sharon and Gordon Fyfe. Theorizing Museums. Oxford: Blackwell Publishes, 1996.

MELCHIOR, Maria Celina. Avaliação Pedagógica: função e necessidade. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1994.

MELLO, Guiomar Namó. Cidadania e Competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo: Cortez, 1996.

MERIDIES, TEXTOS DE MUSEOLOGIA SOCIAL. Monte Redondo-Portugal: Museu Etnológico de Monte Redondo, n. 17/18, jan/dez. 1993.

MORAIS, Regis de. Cultura Brasileira e Educação. Campinas: Papyrus, 1989.

NASCIMENTO, Rosana. O Objeto Museal, sua Historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu. Salvador, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

\_\_\_\_\_. Projeto de Documentação do Acervo do MDCI. Salvador: Museu Didático-Comunitário de Itapuã, 1993. Mimeografado.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu Escola: uma experiência de Integração. Salvador, 1981. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

\_\_\_\_\_. Museu, Escola e Comunidade - uma integração necessária. Salvador, Bureau, 1987. Patrocínio do Ministério da Cultura, Sistema Nacional de Museus.

\_\_\_\_\_. Integrando a Escola ao Bairro. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, Instituto Anísio Teixeira, 1990. (Estudos IAT).

\_\_\_\_\_. Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1990.

\_\_\_\_\_. Documentação museológica, educação e cidadania. Ciência e Museu, Belém, Museu Goeldi, p. 35-40, set.1993.

\_\_\_\_\_. Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário, em Itapuã. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, 1995. Tese (Doutorado em Educação)

\_\_\_\_\_. Formação de Pessoal Para Museus, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - O Papel da Universidade. Estudos de Museologia/Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Promoção. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994.

\_\_\_\_\_. O Papel do Museu na Construção de uma "Identidade Nacional". Anais do Museu Histórico Nacional, V. 28. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1996.

\_\_\_\_\_. Uma Abordagem Museológica do Contexto Urbano. Cadernos de Museologia (5) Lisboa: Centro de Estudos de Socio-Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. 1996.

\_\_\_\_\_. Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário. Lisboa: ISMAG/UHLT (Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias). Centro de Estudos de Sociomuseologia. 1996.

\_\_\_\_\_. Museu-Casa: Comunicação e Educação. Anais do II Seminário sobre Museus-Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.

\_\_\_\_\_. Processo Museológico: Critérios de Exclusão. Anais da II Semana dos Museus da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP (Pró-Reitoria de Extensão Universitária), 1999.

- RELAÇÃO ESCOLA, COMUNIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL
- APROPRIAÇÃO - REAPROPRIAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL PELA COMUNIDADE (processo museológico)
- PRÁTICA SOCIAL (qualificada como patrimônio cultural)
- CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA PRÁTICA SOCIAL
- CURSOS DE 1º E 2º GRAUS
- NÚCLEO BÁSICO
- PROFESSORES
- ALUNOS
- FUNCIONÁRIOS
- MORADORES
- TÉCNICOS DO INSTITUTO ANÍSIO TEIXEIRA
- EQUIPE DE MUSEOLOGIA
- COORDENADORA DO PROJETO

Ações a serem desenvolvidas no processo:

- concepção inicial do museu;
- mobilização do colégio;
- definições de temas e ações;
- programação e execução de atividades;
- nova concepção do museu.



## **CULTURAL HERITAGE AND SCHOOL: IMPLANTING AN EDUCATIVE-COMMUNITARIAN MUSEUM**

*Maria Célia Teixeira Moura Santos\* -*

*Museu Didático – Comunitário de Itapuã - Brasil - BA*

---

### **ABSTRACT**

Description and analysis of a research developed through real action, where the museological activity was integrated to the educational process, resulted in the implantation of an educative-communitarian museum at Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, in Itapuã, District of Salvador-BA-Brazil.

Beginning with an interaction among technicians and other people involved in the process, we found it possible, by means of several developed programs, “culturalize” some aspects of the different realities of the District and of the school, broadening their dimensions of value, awareness and meaning.

The museum cultural doing came about in a very participative way, with the actual assistance of pupils, teachers and local people doing research, helping with preservation and communication, as an educative and interacted action, creating knowledge and contributing for a new social practice.

The accomplishment of a museological action as an educative action and an educative action integrated to the museological process has been possible due to the integrated work among the several educations levels i.e., Elementary, High, Undergraduate and Graduate. As a result, the implantation of an Educative-Communitarian Museum, which is in continual growth, has been achieved.

\* Museóloga, Mestre e Doutora em Educação, ex - Professora do Curso de Museologia da UFBA e autora de vários livros e artigos sobre Museologia e Educação. Integra os corpos docentes do Curso de Especialização em Museologia do MAE - USP e do Curso de Conservador / Museólogo da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Lisboa - Portugal. Fundadora do Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

## **MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL DO CABOCCLO AMAZÔNICO**

*Ana Claudia dos Santos da Silva\* -*

*Museu Paraense Emílio Goeldi - Brasil - PA*

---

### **RESUMO:**

As populações nativas da Amazônia têm uma visão de mundo própria sobre o ambiente que ocupam. A transmissão desse conhecimento é uma das condições que permitem a afirmação de sua identidade de caboclo.

Com esse objetivo, esses grupos procuram desenvolver estratégias que permitam sua reprodução social de região para região.

Tais estratégias se sustentam num capital cultural que inclui hábitos, valores, práticas, saberes e visão de mundo.

Nesse contexto inserimos o Museu Paraense Emílio Goeldi, que há mais de um século pesquisa o ambiente e o homem da Amazônia, e guarda a memória social deste povo.

Mostramos como o Museu Goeldi, um monumento da memória social paraense, contribui para a identidade cultural do caboclo, através, de seus projetos culturais.

O tema prende-se a dois ecossistemas da Amazônia: o ribeirinho (Caxiuanã) e o marítimo (Marudá), pois esses ambientes representam modos diversos de adaptação humana na Amazônia, bem como memórias coletivas específicas.

## **MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI ET LA PRÉSERVATION DE LA MÉMOIRE SOCIALE DE L'HOMME DE L'AMAZONIE**

*Ana Cláudia dos Santos da Silva\* -*

*Museu Paraense Emílio Goeldi - Brasil - PA*

---

### **RÉSUMÉ:**

Les populations originaires de l'Amazonie ont une façon du monde peculière sur l'ambiance qu'elles habitent.

Une des conditions qui permettent soutenir son identité du caboclo se rapport à la transmission de cette connaissance.

Et avec cet objectif ces groupes développent des stratégies qui permettent son de la recherche de l'ambiance et de l'homme de l'Amazonie il y a plus d'un siècle et qui retient aussi la mémoire de ce peuple. Nous avons démontré de quel reproduction social d'une région à l'autre.

Et ces stratégies s'appuient sur un capital culturel qui contient des habitudes, des valeurs, des pratiques du savoir et de la vision du monde.

Et a cet ensemble appartient le Musée Emilio Goeldi, de l'État de Pará, qui s'occupe manière le Musée Goeldi aide a construire l'identité culturel du caboclo, à travers de ses projets culturels.

Le thème se rapport aux deux systèmes de l'Amazonie: le système des ruisseaux (Caxiuanã) et le système maritime (Marudá), donc ces ambiances represent les manières différentes de l'adaptation humaine dans l'Amazonie, aussi que les mémoires collectives spécifiques.

\*Mestre em Memória Social e Documento - UNIRIO  
Técnica em Turismo

# MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL DO CABOCLLO AMAZÔNICO

Ana Claudia dos Santos da Silva\* -

Museu Paraense Emílio Goeldi - Brasil - PA

---

## Considerações Sobre a Memória Coletiva e a Preservação da Memória Cabocla na Amazônia

O conceito de memória social ou coletiva é muito recente em termo de ciências sociais e humanas. Até o século XIX a questão da memória estava muito ligada a psicologia e a filosofia, sendo entendida por vários filósofos “como a capacidade de reter informações do passado.”<sup>1</sup>

Desta forma tem início a preocupação quanto a diferenciação da memória individual e memória coletiva. Esta problemática foi discutida principalmente no âmbito da psicologia, da sociologia e da história. Neste trabalho daremos maior ênfase para a sociologia, visto que trataremos da memória como instrumento de identidade dos grupos sociais.

HALBWACHS foi o que mais se destacou nesta discussão no campo da sociologia, através de diversos trabalhos voltados para a problemática da memória. Este autor fundamentou-se em pressupostos da sociologia, com DURKHEIM (representações individuais e representações coletivas) e na psicologia com BERGSON (Matéria e memória).

Em sua obra *A Memória Coletiva*<sup>2</sup>, defendeu a tese da reconstrução do passado, dizendo que lembrar é reconstruir com imagens e idéias do presente, as experiências do passado.

Para HALBWACHS, o indivíduo recorda seu passado por meio de mecanismos impostos pela sociedade e que são específicos de cada grupo, isto é, “as lembranças para existirem devem ter relações com os quadros sociais dos quais o indivíduo participa.”<sup>3</sup>

O exemplo desta consciência de pertencimento ao grupo, de forma bastante nítida nas sociedades tribais, onde seus membros passam por ritos, que introduzem os preceitos morais da tribo. Muitos grupos indígenas realizam rituais de iniciação para identificação pessoal e social do indivíduo no grupo.

## A Memória das Populações Caboclas da Amazônia

A memória individual se torna social, através das recordações que são compartilhadas com outros membros do grupo ao qual pertencemos e que são relevantes para ambos. Desta forma entendemos que o indivíduo pode participar de várias memórias coletivas.

As lembranças de eventos passados tornam-se mais confiáveis quando são evocadas por mais de um membro do grupo que viveu a mesma experiência. Elas devem adaptar-se ao conjunto de percepções atuais dos indivíduos em relação a estes eventos, pois a medida que participamos de diversos grupos a nossa memória se renova e se completa pelas experiências vividas.

HALBWACHS afirma que,  
*“na sociedade de hoje o passado deixou muitos traços, que são visíveis na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e modo de pensar e sentir, conservados inconscientemente e reproduzidos por tais pessoas dentro de determinados ambientes sem nos apercebermos deste fato.”*<sup>4</sup>

Isto ocorre em pequenas comunidades rurais ou bairros antigos com características culturais marcantes. Neste locais as tradições são conservadas, assim como as lembranças de acontecimentos relacionados a vida de seus antepassados, que continuam sendo revividos por várias gerações. Estas lembranças são estimuladas pela imagem de traços do passado percebidos nas edificações, paisagem e no próprio grupo que reproduz sua visão de mundo através de costumes, hábitos e crenças típicos de seu grupo social.

No caso das comunidades ribeirinhas da Amazônia, percebemos nitidamente estes traços do passado, através dos seus hábitos alimentares, moradia, ou pelos traços étnicos, herdados das primeiras populações humanas que se fixaram e desenvolveram-se na região e que deixaram uma grande contribuição para a formação cultural deste povo.

O caboclo amazônico é o resultado de um longo processo histórico que teve início com a chegada do europeu na região e se estendeu até o final do século XIX. Uma das conseqüências deste processo foi a perda de importantes características da cultura indígena e até o extermínio de muitos destes grupos. Neste sentido WAGLEY & GALVÃO apud VAZ, apresentam esta cultura como “o resultado original de complexas aquisições e perdas em três séculos de domínio colonial.”<sup>5</sup>

A miscigenação deste grupos indígenas com os negros e colonizadores europeus, gerou a riqueza de tradições culturais que caracteriza a sócio diversidade da Amazônia, bem como uma visão de mundo própria e um conhecimento tradicional sobre seu meio ambiente que faz parte da sua memória coletiva.

Neste sentido PARKER apud VAZ afirma que as populações amazônicas constituem o mais importante sistema adaptativo da Amazônia, pois possuem um depósito vital de conhecimento relativo ao uso da complexa ecologia regional

Isto se deve ao fato do homemamazônico viver em um complexo sistema de representações, que regula a sua relação com a natureza. O meio ambiente para ele, é muito mais do que fonte de recursos para sua sobrevivência, ele compõem um sistema simbólico que dá sentido à sua existência neste meio natural. Este sistema é composto por unidades que se interligam e interagem, (economia, religião, arte) e ao se unirem promovem a coesão do grupo e a afirmação de sua identidade de caboclo.

Neste sentido entende-se que as representações traduzem a maneira pela qual o grupo enxerga a si mesmo, nas relações com os objetos que os afetam. A memória social destas comunidades baseia-se na visão de mundo do grupo a que pertence e expressa o Ethos do mesmo, que segundo GEERTZ, “representa um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve.”<sup>6</sup>

Este fato é comum nestas sociedades, onde a tradição oral é responsável pela transmissão da memória do grupo. Estabelecendo para isto, mecanismos de regulação e permanência de suas tradições que são observados através dos hábitos, rituais, festas, e cultura material.

Estes mecanismos são responsáveis pela persistência deste saber que começa a ser ameaçado por diversos fatores tais como o turismo, os meios de comunicação de massa que estimulam o surgimento de novas necessidades e algumas vezes o desapego a certos valores que solidificam este grupo, principalmente entre os mais jovens que começam a “esquecer” várias características da cultura local. Apesar disto muito deste conhecimento ainda persiste embutido nestas práticas sociais.

### **Delimitação Temática**

Esta pesquisa foi realizada em duas regiões do estado do Pará, onde o Museu Goeldi atua com projetos de pesquisa e difusão. Estas áreas abrangem dois ecossistemas distintos da Amazônia, o ribeirinho (Caxiuanã) e o marítimo (Marudá), pois estes ambientes representam modos diversos de adaptação humana na Amazônia, bem como memórias coletivas específicas.

O primeiro ecossistema, o ribeirinho, está localizado na Floresta Nacional de Caxiuanã, à 400 km de Belém, ocupando terras do município de Melgaço. Nesta área está situada a Estação Científica Ferreira Penna, que serve de base de estudos sobre a floresta nativa para pesquisadores do Brasil e do exterior.

O segundo, localiza-se no litoral, no Nordeste do Pará, ocupando o Município de Marapanim, onde o Museu Goeldi, desde 1978, desenvolve o Projeto Recursos Naturais e Antropologia das Populações Marítimas, Ribeirinhas e Lacustes da Amazônia, Estudos sobre as relações do homem com seu meio ambiente – RENAS.

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram calcados nos pressupostos teóricos da história cultural, que estuda as concepções de mundo e as mentalidades coletivas dos grupos inarticulados. Realizaremos análise de documentos tais como: relatórios e projetos do Museu Paraense Emílio Goeldi; fontes que tratam sobre a da ocupação da Amazônia; e documentos sobre a história institucional e das duas localidades estudadas. Para as percepções das práticas culturais dos caboclos, que ainda persistem na memória social destas comunidades, recorreremos às informações fornecidas pela população local, através de depoimentos que permitiram que conhecêssemos melhor a vida cotidiana dessas sociedades.

## **O Museu Goeldi e a Difusão científica entre as comunidades caboclas da Amazônia**

Os caboclos são a expressão viva da diversidade cultural existente na região Amazônica, no entanto pouca vezes tem sido estudados sob a ótica da memória social, de forma a contribuir para a manutenção da identidade cultural desta região. Seria interessante que os cientistas dessem um maior valor para estes grupos não apenas no sentido de ter os mesmos como objeto de estudo da história cultural ou da antropologia histórica, mas para conhecer seus valores culturais e estimular a sua preservação.

Neste contexto inserimos o Museu Paraense Emílio Goeldi, que a mais de um século pesquisa o ambiente e o homem da Amazônia, e guarda a memória social deste povo. A "missão" desta instituição é produzir e difundir conhecimento e acervos científicos sobre sistemas naturais e sócio-culturais relacionados à Amazônia.

O Museu desempenha este papel através do departamento de museologia, setor responsável pelo repasse à comunidade dos resultados das produções científica desta instituição, por meio das exposições e das ações culturais desenvolvidas no seu parque zoobotânico.

Sendo assim, questionamos como o Museu Goeldi, um monumento da memória social paraense, vem contribuindo para preservação da memória social do caboclo Amazônico e para afirmação da sua identidade cultural, através projetos de difusão científica desenvolvidos por ele.

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, verificamos se esta instituição vem cumprindo sua função social, através da realização de programas de difusão que busquem situar o indivíduo em sua realidade sócio-cultural, tornando consciente de sua participação para a construção de da memória social da Amazônia.

O Museu Goeldi cumpre o papel de difusor da ciência na Amazônia, procurando repassar para o público que visita o seu Parque zoobotânico os resultados de suas pesquisas, por meio das programações educativas e culturais ali realizadas. Fazendo uma análise das ações desenvolvidas nesta instituição detectou-se uma falta de continuidade nas mesmas, visto que estas são elaboradas sem um direcionamento mais abrangente, visando atingir todos os segmentos da sociedade local.

Neste contexto inserimos as populações caboclas da Amazônia, que são a expressão viva da diversidade cultural existente nesta região, e que poucas vezes tem sido estudada sob a ótica da memória social, de forma a contribuir para a manutenção da sua identidade cultural.

O estímulo para a preservação desta tradição cultural é fator preponderante, visto que estas populações possuem uma visão de mundo própria em relação ao meio ambiente que ocupam, e que se fundamenta no conhecimento empírico sobre o mesmo, formulado com base nos ensinamentos passados de geração para geração.

A instituição através dos diversos projetos de pesquisa que vem realizando ao longo do seus 132 anos de existência, entra em contato direto com estas populações que muitas vezes já foram estudadas nos referidos projetos e contribuem com os pesquisadores através de seu conhecimento empírico sobre a floresta amazônica como acontece com o Programa Floresta Modelo de Caxiuanã sob a coordenação da Estação Científica Ferreira Penna e no projeto Recursos Naturais e Antropologia das sociedades Marítimas, Ribeirinhas e Estuarinas da Amazônia -RENAS, desenvolvido pelo Departamento de Ciências Humanas do Museu Goeldi, em Marudá.

Desta forma vê-se que o ideal de Goeldi de fazer o Museu paraense digno de seu nome concretizou-se ao longo de sua trajetória no contexto histórico e cultural do Estado. Hoje esta instituição configura-se em um espaço que guarda a memória social do povo paraense, memória esta que devido ao acelerado processo histórico porque passou esta região, está ameaçada de desaparecer ao longo de algumas décadas.

### **Projeto Desenvolvimento Sustentável Floresta Modelo de Caxiuanã**

A ECFPn foi inaugurada em 8 de outubro de 1993, contou com recurso do governo Britânico, para a sua concretização. A Estação está diretamente subordinada à direção do Museu Goeldi. Suas atividades são orientadas e supervisionadas por um conselho consultivo compostos por membros internos e externos a Instituição.

A Estação Científica Ferreira Penna, dista 400 km de Belém, está localizada no município de Melgaço, ocupa uma área de 33.000 hectares dentro da Floresta Nacional de Caxiuanã. Seus limites geográficos são ao Norte o divisor de águas entre as bacias do rio Caxiuanã e do rio Amazonas ao sul daquele rio, a leste a baía de Caxiuanã e o igarapé laranjal e a oeste o igarapé grande.

A criação da Estação Científica Ferreira Penna tem uma importância para as pesquisas sobre a região amazônica, visto que esta área abriga espécies ainda desconhecida pela ciência. Neste sentido LISBOA afirma que "a implantação da ECFPN na FLONA de Caxiuanã oferece uma oportunidade singular para o desenvolvimento de estudos interdisciplinares<sup>7</sup>".

O Museu Paraense Emílio Goeldi, está inserido na cotidianidade do ribeirinho, através dos projetos de difusão científica desenvolvidos pela Estação Científica Ferreira Penna. Estes projetos estão voltados para as atividades de educação, treinamento e aperfeiçoamento na área de educação ambiental, artesanato, ecoturismo, cooperativismo, saúde, entre outros.

O Museu Goeldi iniciou sua interação com as comunidades de Caxiuanã, através do projeto "O museu vai a Caxiuanã"<sup>8</sup>, realizado nos meses de julho, agosto setembro de 1993. Quando realizou nas cidades de Breves, Portel e Melgaço respectivamente, exposições cursos e palestras, levando aos moradores destes municípios informações acerca dos objetivos desta instituições e dos projetos de pesquisas ali desenvolvidos.

Em 1997 foi elaborado em parceria com a comunidade do entorno da Estação (Caxiuanã, Laranjal e Pedreira) e diversos órgãos do estado do Pará, O programa de desenvolvimento sustentável : Floresta Modelo de Caxiuanã, que tem como objetivo " criar uma alternativa de desenvolvimento para as populações da região de Caxiuanã, promovendo também a conscientização sobre a necessidade de conservação dos recursos biológicos da região<sup>9</sup>".

O programa de educação em Caxiuanã está direcionado para transformar esta área em referência, para a Amazônia, na educação ambiental. Através de sua estação científica o Museu Goeldi, está em constante relação com os moradores da área, afim de transmitir mais rapidamente o conhecimento produzidos para as comunidades ali residentes.

Este programa objetiva uma maior interação com o moradores das comunidades residentes nas áreas da estação, através da realização de ações voltadas para a educação, saúde, agricultura, ecoturismo. Os projetos estão sendo desenvolvidos com a parceria das comunidades, da prefeitura de Melgaço e de diversas instituições federais e estaduais.

### **Projeto Recursos Naturais e Antropologia das Sociedades Marítimas Ribeirinhas e Estuarinas da Amazônia - RENAS.**

O estudo sobre as populações que vivem em ambientes lacustres, ribeirinhos ou marinho, teve seu início no Museu Emílio Goeldi, na década de 70. A temática central destes estudos, era "conhecer as formas de organização social dos pescadores artesanais e suas dinâmica, face a fatores de transformação<sup>10</sup>". A abordagem interdisciplinar permitiu identificar os diferentes fatores que caracterizam a situação atual, destas populações, como também procurou apreender as interações existentes entre esses fatores.

Este estudo ofereceu conhecimentos que se traduzem em alternativas para as populações e para gestões de políticas apropriadas às comunidades pesqueiras da Amazônia que caracterizam um importante setor sócio econômico e cultura.

O crescente e acelerado processo de ocupação na Amazônia, especialmente nos últimos 20 anos, confrontou o homem da região com fatores de transformação de sua cultura e identidade. O estudo destes fatores em comunidades pesqueiras está relacionado a busca de alternativas para o desenvolvimento sustentável deste grupos.

Neste sentido o projeto “ Recursos Naturais e antropologia das populações marítimas, ribeirinhas e lacustres da Amazônia : Estudos sobre as relações do homem com o seu meio ambiente<sup>11</sup>” – RENAS. Este projeto buscou estimular e abrigar estudos sobre domesticação de espécies animais e vegetais, com tecnologia apropriadas pelas populações locais, tendo em vista as dificuldades produtivas da maior parte dos pescadores.

O projeto RENAS, foi desenvolvido em duas etapas, a primeira de agosto de 1994 a agosto 1997, detectou a necessidade de se investir esforços para projetos que visassem ações de desenvolvimento da comunidade local. Teve o objetivo de favorecer estas populações a continuidade de suas unidades sociais, (sítios, vilas, lugares, povoados) e um nível de qualidade de vida desejável.

A fase atual iniciou em agosto de 1997 e vai até agosto de 1999. Está voltada para o apoio de atividades que priorizam as ações de difusão dos resultados das pesquisas e o desenvolvimento de projetos comunitários que visem atender às demandas das comunidades encaminhadas através de associações e outras entidades locais.

Nesta fase o Projeto RENAS tem como objetivo “subsidiar a capacidade das comunidades para aprimorar, definir e desenvolver estratégias de gestão para a sustentabilidade dos recursos naturais em áreas pesqueiras<sup>12</sup>”.

As pesquisas estão sendo desenvolvidas nas seguintes áreas: Litoral do Pará, incluindo zona costeira; Águas interiores da região do Médio Amazonas; uma área intermediária entre o rio e o mar, no estuário amazônico. Devido a falta de verbas para pesquisa nas demais áreas, os estudos se concentraram no Litoral do Pará.

Apesar das diferenças ecológicas entre estas áreas, os problemas detectados nas comunidades ali residentes são comuns, entre os quais destacamos: o processo de mecanização da exploração dos recursos naturais; especulação de território de pesca, perda da identidade cultural e deterioração da qualidade de vida, isto ocorre principalmente devido a expansão do mercado, o crescimento da demanda turística local e a intensificação da rede de telecomunicação.

Na fase atual o RENAS propõem-se a desenvolver ações que serão realizadas em parceria com a comunidade local, concentrada principalmente na vila de Marudá, em Marapanim. A escolha desta comunidade como base de articulação do referido projeto justifica-se por verificar-se que o longo contato entre pesquisadores e moradores locais vem produzindo resultados tanto a nível acadêmico quanto na relação com a comunidade local.

## Bibliografia

- FURTADO, Lourdes G ; MANESCHY Crsitina A. Antropologia das sociedades marítimas, ribeirinhas e lacustres da Amazônia : Uma experiência de pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi. mimeo.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro. Zahar editores.1978
- HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo.Vértice.1990
- LISBOA, P . L . B . Caxinuanã – Belém: Museu Emílio Goeldi, 1997.
- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, Relatório Projeto Recursos Naturais e antropologia das sociedades Marítimas, Ribeirinhas e Estuarinas da Amazônia : Estudo sobre as Relações do Homem e o seu meio ambiente – RENAS 1997
- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, Estação Científica Ferreira Penna. Relatório de atividades,1997.
- VAZ, Florêncio A. Ribeirinhos da Amazônia: Identidade e Magia na Floresta. Revista Cultura Vozes, n.2, p.47-65 mar /abril 1996.
- WEHLING, A. & WEHLING, Maria J. Memória e História. Fundamentos Convergências, Conflitos. In: \_\_\_\_\_ et al. Memória Social e Documento: Uma abordagem Interdisciplinar, Rio de Janeiro. Universidade do Rio de Janeiro, Mestrado de Memória Social e Documento, 1997.

- 1 WEHLING, <sup>a</sup> & WEHLING, Maria J. Memória e História. Fundamentos Convergências, Conflitos. In: \_\_\_\_\_ et al. Memória Social e Documento: Uma abordagem Interdisciplinar, Rio de Janeiro. Universidade do Rio de Janeiro, Mestrado de Memória Social e Documento, 1997, p.11
- 2 HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo.Vértice.1990.
- 3 HALBWACHS, M. op. Cit. p. 68
- 4 HALBWACHS, M. op. cit p. 68
- 5 VAZ, Florêncio A. Ribeirinhos da Amazônia: Identidade e Magia na Floresta. Revista Cultura Vozes, n.2, p.47-65 mar /abril 1996. P.50
- 6 GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro. Zahar editores.1978 p.144
- 7 LISBOA, P . L . B . Caxinuanã – Belém: Museu Emílio Goeldi, 1997. P. 15
- 8 Este projeto foi uma extenção de um outro projeto do Museu Goeldi, O Museu vai a praia, que era realizado no mês de julho nos balneários do Pará.
- 9 Museu Paraense Emílio Goeldi, Estação Científica Ferreira Penna. Relatório de atividades,1997. p .23
- 10 FURTADO, Lourdes G ; MANESCHY Crsitina A. Antropologia das soiedades marítimas, ribeirinhas e lacustres da Amazônia : Uma experiência de pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi. mimeo. P. 7
- 11 Idem, op. cit., p.2
- 12 Museu Paraense Emílio Goeldi, Relatório Projeto Recursos Naturais e antropologia das sociedades Marítimas, Ribeirinhas e Estuarinas da Amazônia : Estudo sobre as Relações do Homem e o seu meio ambiente – RENAS 1997, p.7



## **INICIATIVAS LOCALES EN EXTENSIÓN UNIVERSITARIA: PROGRAMA PARA CAPACITACIÓN DE JÓVENES DE ÁREAS CARENTES.**

*Célia Regina Neves da Silva\* -*

*Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC) - Brasil - RJ*

---

### **RESUMEN**

El proyecto pretende reflexionar a respecto de la cuestión de exclusión social en las comunidades carentes de la periferia urbana, a fin de proponer alternativas para la capacitación de jóvenes en lo que hace referencia a la formación y información para el ejercicio de la ciudadanía y para la ocupación de espacios disponibles en el mercado de trabajo, como la ejecución de pequeños y medios oficios individualizados. Tratase de estimular el interés del joven en la búsqueda de conocimientos que lo capacite en la construcción de alternativas colectivas de trabajo, al mismo tiempo que atiende a una necesidad local de generación de renta.

La implementación del proyecto será posible a través de la parcería entre la universidad y la comunidad, una vez que se entiende que es urgente la elevación de la producción del conocimiento al nivel de la práctica social. Tratase de fundar un área local de realización de conocimientos a través del enlace de programa y carencia; en fin, un compromiso académico para el desarrollo de estudios y proyectos con la integración de la comunidad, y, sobre todo, estimulando la ampliación de su área de participación política.

La realización del proyecto cuenta con la parcería de la FEUC, a través del apoyo de su Colegio de Aplicación, asumiendo la función de soporte técnico en la organización de los cursos de capacitación.

Para el inicio del proyecto se ha definido una comunidad en la Zona Oeste de la Ciudad de Rio de Janeiro – RJ, el Barrio Proletario Nova Cidade, localidad en donde el NEURB ha logrado realizar un diagnóstico socioeconómico<sup>1</sup>.

El resultado que se pretende es la superación de los obstáculos entre diferentes sectores de la sociedad. Surge un tiempo en que es necesario unificar universidad, movimientos populares, ONGs, Iglesia, Estado; en fin, todos que puedan, de alguna manera, contribuir con la construcción de lugares más solidarios y capacitados para atender las demandas sociales.

Palabras en relieve: capacitación, trabajo, solidaridad, ciudadanía, exclusión.

1- El estudio a que se hace referencia ha sido realizado a través de pesquisa de datos del NEURB (Núcleo de Estudos Urbanos), de esta IES.

## **INICIATIVAS LOCAIS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PROGRAMA PARA CAPACITAÇÃO DE JOVENS DE ÁREAS CARENTES.**

*Célia Regina Neves da Silva\* -*

*Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC) - Brasil - RJ*

---

### **RESUMO**

O projeto pretende refletir a questão da exclusão social em comunidades carentes da periferia urbana, a fim de propor alternativas para a capacitação de jovens no que tange à formação e informação para o exercício da cidadania e para a ocupação de nichos de mercado como a execução de pequenos e médios trabalhos individualizados. Trata-se de estimular o interesse do jovem na busca de conhecimento que o capacite na construção de alternativas coletivas de trabalho, ao mesmo tempo que cria um mecanismo local de geração de renda.

A implementação do projeto será possível através da parceria entre universidade e comunidade, uma vez que se entende que é urgente a elevação da produção do conhecimento ao patamar da prática social. Trata-se de fundar uma arena local de realização de conhecimentos através do entrelaçamento entre planejamento e carência; enfim, um compromisso acadêmico no desenvolvimento de estudos e projetos integrando a comunidade, e, sobretudo estimulando a ampliação da arena de participação política da comunidade.

A realização do projeto conta com a parceria da FEUC, através do apoio de seu Colégio de Aplicação que assume o suporte técnico na organização dos curso de capacitação.

Para início do projeto definiu-se uma comunidade na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro – RJ, o Bairro Proletário Nova Cidade, local onde o NEURB já realizou um diagnóstico sócio-econômico .

O resultado que se pretende é a superação dos obstáculos entre setores. Emerge um tempo em que é preciso unificar universidade, movimentos populares, ONGs, Igreja, Estado; enfim todos que podem , de alguma, contribuir para construção de lugares mais solidários e contempladores de demandas sociais.

Palavras-chave: capacitação, trabalho, solidariedade, cidadania, exclusão.

O referido estudo foi realizado através de pesquisa de campo do NEURB (Núcleo de Estudos Urbanos) desta IES.

## **INICIATIVAS LOCAIS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PROGRAMA PARA CAPACITAÇÃO DE JOVENS DE ÁREAS CARENTES.**

*Célia Regina Neves da Silva\* -*

*Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC) - Brasil - RJ*

---

*“(...) Se quereis profetizar o futuro, consultai os entranhas dos homens sacrificados: consultem-se as entranhas dos que se sacrificaram e dos que se sacrificam; e o que elas disserem, isso se tenha por profecia. Porém, consultar de quem não se sacrificou, nem se sacrifica, nem se há de sacrificar, é não querer profecias verdadeiras; é querer cegar o presente e não acertar o futuro.”  
(Alfredo Bosi, citando Vieira. In. Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da cultura brasileira*, São Paulo, Ática, 1977, p. XVII)*

### **INTRODUÇÃO**

Essas breves reflexões são resultado de uma pesquisa realizada em parceria entre o NEURB (Núcleo de Estudos Urbanos) da Faculdade de Filosofia de Campo Grande) e a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro através de sua equipe de Macrofunção<sup>1</sup>, da A.P. 5.2<sup>2</sup>. A referida pesquisa buscava levantar indicadores sócio-econômicos sobre o Bairro Proletário Nova Cidade<sup>3</sup>, em Inhoaíba, Campo Grande. Trata-se de projeto piloto, através do qual foram levantadas carências do lugar, numa tentativa de traçar um diagnóstico do Bairro para posterior ação executiva da Prefeitura Esta parceria deve acompanhar administração pública no processo de execução das políticas apontadas pelo diagnóstico, e a posterior avaliação junto à comunidade.

Vale ressaltar que na trajetória do trabalho de campo, no contato com a comunidade, pudemos retomar à reflexão de antigas aspirações referentes ao campo de ação das Ciências Sociais num esforço de fundar iniciativas locais em extensão universitária que venham contribuir para a capacitação de jovens das classes populares, a fim de que possam garantir a dignidade de homens e cidadãos no lugar que escolheram para viver.

Esta perspectiva funda-se na convicção de que, cada vez mais, a Universidade só alcançará seu verdadeiro valor quando estender sua produção acadêmica à construção da integridade e da dignidade humanas através da educação<sup>4</sup> enquanto extensão da ciência, da técnica e da informação à comunidade que pertence, contribuindo, assim, na construção de um lugar onde todos possam incluir-se, trabalhando e pensando.

### **JUSTIFICATIVA**

Há alguns anos vimos desenvolvendo um trabalho de ensino e pesquisa com algumas turmas de cursos das áreas de Ciências Humanas. Este trabalho tem sido pautado no compromisso de desenvolver a capacidade crítica para a leitura da realidade social que nos cerca. Nesta perspectiva, realizamos, nos últimos anos, trabalhos de observação e análise de diferentes fenômenos do cotidiano das classes populares da Zona Oeste, sobretudo aqueles oriundos de sua condição de periferia do sistema econômico, político e social. Registramos imagens em vídeos e fotografias, recortes do cotidiano desta população marcada pela exclusão social.

Justifica-se, portanto, a criação de um Núcleo de Estudos urbanos, enquanto lócus de reflexão de fenômenos sociais que emergem da condição de periferia urbana, o que tem significado, para muitas comunidades, viver a lógica do descaso e do esquecimento no que tange a atuação do poder público. Esta iniciativa, busca, portanto, valorizar o diálogo entre os sujeitos do lugar, como instrumento de mapeamento da vida cotidiana<sup>5</sup>, seus atores e carências. Desta concepção de lugar e de política, como resultado do entrelaçamento da linguagem e ação dos diversos sujeitos do lugar, que vislumbramos nosso projeto. Trata-se de um olhar atento aos diversos sujeitos sociais e suas representações na vida cotidiana.

Este projeto pretende, portanto, refletir a questão da exclusão social em comunidades carentes da periferia urbana, utilizando como projeto piloto, um estudo num bairro da periferia da Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro - já citado na introdução deste trabalho - a fim de propor alternativas para a capacitação de jovens destas comunidades no que tange à formação e informação para o exercício da cidadania e para a ocupação de nichos de mercado.

## **OBJETIVOS**

Fundar uma forma de parceria entre comunidade e universidade, elevando a produção do conhecimento às carências da vida cotidiana. Trata-se de um compromisso acadêmico no desenvolvimento de estudos e projetos que estimulem a ampliação da arena de participação política da comunidade, levando a elaboração de alternativas comunitárias de desenvolvimento sustentável.

Estreitar os limites entre o ensino, a pesquisa e a extensão com diversos setores do Estado e da sociedade civil, levando os alunos a compreenderem que, somente desta forma, poderão qualificar-se, alargando a arena de atuação do educador ao transpor o muro das universidades, ousando atuar como parceiros de uma educação para transformar a vida cotidiana.

Capacitar nossos alunos para atuarem em setores de pesquisa, diagnósticos sociais e planejamento. Tem sido freqüente a busca de profissionais que sejam capazes de contribuir para uma análise global do espaço<sup>6</sup>, enquanto metodologia para elaboração de projetos de reestruturação espacial. Neste sentido, é condição sine-qua-non à qualificação da vida universitária que esta atue de forma a empreender novas sensibilidades.

Assim, o que pretendemos é a formação de um núcleo de estudos fundado no compromisso da pesquisa acadêmica voltada para o fomento de ações que possibilitem à construção de projetos de capacitação o trabalho e formação de atores sociais que venham envolver-se em novas<sup>7</sup> propostas de geração de renda, como as já desenvolvidas por cooperativas populares.

## **IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA JOVENS E ADOLESCENTES DE ÁREAS CARENTES**

### Considerações iniciais

Conforme definido no título deste trabalho, o universo potencial para realização deste projeto são comunidades que vivem uma situação de exclusão social, marcadas por condições de segregação no que tange às políticas públicas, uma vez que, historicamente, o Estado tem atendido, prioritariamente, os interesses das elites econômicas, seja na viabilização de infraestrutura enquanto suporte para a acumulação, seja na urbanização de áreas nobres para residenciais de luxo.<sup>8</sup>

Corroborando a análise de Maurício Abreu, constatamos, a partir da década de sessenta, a concentração de segmentos extremamente pauperizados na Região, o que tem significado, ao longo desse tempo, um intenso processo de precarização da vida, dada a sua fragilidade enquanto grupo de pressão, permanecendo, assim, na posição de beneficiados do poder público; restando-lhes aguardar.

As imagens colhidas em alguns pontos de Nova Cidade revelam parte do lugar.<sup>9</sup>

Bairro Nova Cidade, 17 de Fev. 1999 : Ausência de infra-estrutura

Bairro Nova Cidade, 17 de Fev. 1999 : Vista parcial

Dos estudos realizados pelo NEURB na Zona Oeste, aquele realizado em Nova Cidade, indicou, ainda, significativa condição de exclusão de jovens e adolescentes no que tange à formação escolar, à capacitação para o trabalho e o acesso ao esporte e lazer. Vale elucidar que esta realidade acaba envolvendo-os em atividades outras, que, longe de os tornarem cidadãos, têm significado o estilhaçamento dos grupos primários fundamentais à formação do

homem e do lugar. Nesta perspectiva, elegemos esta comunidade para a primeira experiência do projeto, assim que obtivermos financiamento.

Indicadores sócio-econômicos: perfil das carências locais

O instrumento utilizado para o levantamento domiciliar<sup>10</sup> nos permitiu elucidar alguns aspectos que fundavam nossas preocupações enquanto profissionais na área das Ciências Sociais. Para este estudo, estaremos utilizando aqueles referentes a trabalho, renda familiar e carências locais, isto é, o que a comunidade considera fundamental para melhorar a qualidade de vida.

Nas 449 (quatrocentos e quarenta e nove residências) pesquisadas, foram cadastrados 2040 moradores. Deste total, 600 – seiscentos – estão no mercado de trabalho, divididos entre o setor formal e o informal, conforme tabela 1.

No que tange à renda familiar, isto é, à soma das rendas de todos os que trabalham na casa, independente do setor, ficou caracterizado um baixíssimo poder aquisitivo, com quase 67% recebendo até dois salários, 27% até cinco salários e somente 6% acima de cinco salários, conforme demonstrado na tabela 2.

Com referência às faixas etárias, a pesquisa apontou um quantitativo de crianças, jovens e adolescentes bastante significativo, o que sinaliza para necessidade de implantação de projetos de esporte e lazer, capacitação para o trabalho e projetos voltados para a geração de renda. A tabela 3 vem elucidar este perfil da comunidade, o que justifica a relevância deste projeto de capacitação, que pode ser o limiar para a implantação de cooperativas populares, tais como as desenvolvidas pela COPPE/UFRJ<sup>11</sup>.

E, por fim, no que tange às carências locais, foi perguntado a cada um dos entrevistados, o que consideravam prioritário, a fim de melhorar a qualidade de vida. Nesta questão podiam responder a mais de um item, o que significa que os percentuais apresentados na tabela 4 referem-se sempre àquela variável em relação ao total da amostra, isto é, no conjunto de 449 moradores, 31% consideram que é fundamental que se implemente na comunidade projetos de cursos profissionalizantes e de capacitação, esporte e lazer e atividades para geração de renda.

## **O LUGAR PARA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO:**

A realização do referido projeto deverá contar com a parceria da FEUC através de seu Colégio de Aplicação, enquanto suporte técnico para os cursos de capacitação, a fim de engajar a comunidade na construção de um novo tempo.

### Perfil dos cursos

- Núcleo básico
- Comunicação oral e escrita
- Domínio de aspectos básicos da comunicação e expressão;
- Relacionamento da linguagem com a compreensão da realidade.
- Fundamentos de matemática
- Domínio das operações matemáticas, cálculos, medidas e conversões.
- Cidadania
- Noções de organização política e social;
- Direitos e deveres fundamentais na construção da cidadania;
- Noções de trabalho em equipe.
- Programas de saúde e segurança do trabalho
- Noções de saúde, higiene e hábitos alimentares;
- Preservação ambiental;
- Primeiros socorros;
- Cuidados e equipamentos de segurança no trabalho.
- Esporte e lazer
- Práticas esportivas e exercícios físicos;

### Formação especial

Fundamentos teóricos e práticos relativos a cada curso de capacitação; de acordo com a demanda da comunidade.

### Pré-requisitos

Dominar a leitura e a escrita;  
Estar matriculado no ensino fundamental ou médio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velocidade do conhecimento tem transformado o mundo moderno atingindo amplos setores da vida social. Não é possível aceitar esta avalanche de mudanças abnegadamente, tampouco ignorar e muito menos repudiar, vivendo à margem desses novos processos. Vivemos o mundo da velocidade e isto nos remete a pensar alternativas para aqueles segmentos que não partilham os mesmos códigos dessas modernas redes. O mundo da velocidade é também o da segregação, uma vez que amplos segmentos populares são alijados diariamente do partilhamento das conquistas sociais na esfera da educação e da cultura. Como sugerir que cada um crie seu próprio trabalho<sup>12</sup>, se para criar trabalho é preciso deter o capital denominado conhecimento? E, conhecimento se constrói na trajetória de práticas sociais compartilhadas, principalmente através da educação.

Portanto, o que pretendemos é pensar iniciativas de inclusão destes segmentos sociais, através da economia da solidariedade (formação-informação-capacitação) para que possam esquadrihar a cidade<sup>13</sup>, construindo, coletivamente, formas de trabalho que venham ocupar espaços potenciais de geração de renda; seja no fomento à criação de cooperativas de produção de bens ou prestação de serviços, seja na prestação de serviços de forma individualizada. Trata-se de uma iniciativa que venha a contribuir na formação do homem para se realizar enquanto sujeito de sua própria história, construindo o futuro, no presente.

Coloca-se, desta forma, como necessidade urgente, a superação dos obstáculos entre setores. Emerge um tempo em que é preciso unificar Universidade, Movimentos populares, ONGs, Igreja, Estado; enfim todos que podem, de alguma forma, contribuir para construção de lugares mais democráticos, justos e contempladores de demandas sociais; lugares onde a organização da coletividade para que o direito ao trabalho e à vida possa significar a garantia da cidadania para todos, sem distinção.

“(…) Do lugar mais fundo da miséria e da marginalidade, há o começo de um processo surpreendente: o lento redescobrimento do homem e da mulher que existe em cada um, mesmo empobrecido e excluído da sociedade, e com ele, a valorização das forças e das próprias capacidades para ser e para fazer, de trabalhar e de empreender. (…) O caminho ascendente inicia-se com a chegada de uma força que em definitivo constitui-se na mais poderosa das forças: a solidariedade que liberta, criando vínculos de organização e de comunidade.” (Razeto, 1997. p. 94)

\*Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ, Professora Adjunta da FEUC)Faculdade de Filosofia de Campo Grande, Rio de Janeiro; Coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos (NEURB/

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maurício. Evolução urbana da Cidade do Rio de Janeiro. IPLANRIO. Rio de Janeiro: 1997.
- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar , Coleção Polêmicas do nosso tempo. São Paulo: 1980.
- GUIMARÃES, Gonçalo. Ossos do Ofício: cooperativas populares em cena aberta. Publicação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, da Coordenação de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1998
- RAZETO, Luis. O papel central do trabalho e a economia da solidariedade. Revista Proposta. Ano 26, Número 75
- SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra
- SANTOS, Milton. Técnica, espaço , tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1996 a
- \_\_\_\_\_. .A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996 b
- JORNAL DO BRASIL. Caderno Empregos, 07/2/99

1- Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ, Professora Adjunta da Faculdade de Filosofia de Campo Grande, Rio de Janeiro; Coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos (NEURB/FEUC)

2- A Macrofunção de Políticas Sociais é uma proposta de ação articulada de diferentes secretarias da administração municipal da Cidade do Rio de Janeiro, como Secretaria de Desenvolvimento Social (SMDS), Secretaria municipal de Saúde (SMS), Secretaria Municipal de Educação (SME), Secretaria Municipal de Habitação (SMH), Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SEL) e Secretaria Municipal de Trabalho (SMT). Segundo a atual coordenação da equipe, esta experiência tem permitido um melhor diagnóstico das carências da Zona Oeste, construindo um campo de conhecimento que permite à gestão pública uma atuação mais eficaz no tratamento das questões emergenciais. Vale elucidar que, para o presente trabalho, contamos com o apoio de profissionais atuantes nas primeiras três secretarias, atuando na A.P. 5.2.

3- A.P. 5.2 (Área de Planejamento). Para efeito de planejamento das políticas públicas, o Município do Rio de Janeiro foi dividido em seis áreas de planejamento, sendo a Zona Oeste (Bangu, Campo Grande e Santa Cruz) território da A.P. 5. Com o desmembramento de Guaratiba, que passou a ter sua Região Administrativa, Campo Grande passou a ser nomeado como A.P. 5.2.

4- Vale ressaltar que o referido bairro nasceu de uma ocupação em 1988.

5- A concepção de educação que utilizamos encontra-se elucidada, com rara poesia, na obra de Rubem Alves, Conversas com quem gosta de ensinar: (...) Talvez que um professor seja um funcionário das instituições que gerenciam lagoas e charcos, especialista em reprodução, peça num aparelho ideológico de Estado. Um educador, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos.” (p. 28)

6- A esse respeito consultar a obra de Milton Santos, A Natureza do Espaço, especialmente o cap. 14 “(...) No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de organizações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das

paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (p.258)

7- SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. Hucitec. São Paulo, 1996.

8- A esse respeito, consultar a obra Ossos do Ofício: cooperativas populares em cena aberta. Uma publicação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas populares, da Coordenação de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Gonçalo Guimarães. Trata-se de uma iniciativa onde a coletividade supera limites e se organiza para o trabalho sem padrões, sem diferenças salariais entre homens e mulheres, e, sobretudo, vivem construindo um processo de cidadania rompendo com a profecia do desemprego, que é real e que tem atingido amplos segmentos, principalmente das classes populares.

9- Para compreender melhor esse processo no Rio de Janeiro, é valioso o estudo de Maurício de Abreu, Evolução urbana do Rio de Janeiro, "(...) A intensificação do processo de concentração, viabilizada pela política econômica pós 64, levou, por outro lado, a dois outros efeitos significativos sobre a evolução da forma urbana carioca. Em primeiro lugar, resultou num processo drástico de remoção de favelas nos locais mais valorizados da zona sul, para que aí, fossem construídas habitações de luxo (símbolos desta mesma concentração) (...) Em segundo lugar, levou a um processo intenso de especulação imobiliária que, logrando êxito, determinou a expansão da parte rica da cidade em direção a São Conrado e Barra da Tijuca, contando com a ajuda decisiva do Estado (...) em detrimento de investimentos mais urgentes e mais necessários que poderiam ser realizados nas zonas suburbanas da cidade ou na periferia metropolitana.” (p.135)

10- Segundo a Associação de Moradores, o bairro teria em torno de cinco mil residências, totalizando uma faixa de vinte e cinco mil habitantes. A partir desta informação preliminar, consideramos viável, para traçar o diagnóstico, uma amostragem de 10% da população. Terminado o levantamento, havíamos aplicado 449 questionários, totalizando 2040 pessoas residindo nas 449 residências.

11- GUIMARÃES (op. cit.)

12- Invente seu meio de vida, foi a chamada do caderno Empregos do Jornal do Brasil de 07/02/99, onde Valdez Ludwig, consultor de empresas para questão de qualidade. “Numa sociedade em que o conhecimento é o produto principal o dono da empresa seria os próprios trabalhadores”. Esta é sua tese. A que segmentos de trabalhadores estará se referindo? Certamente àqueles que, através de sua capacidade cognitiva, estão aptos a acompanhar a velocidade deste mundo moderno. E os outros? E os lentos? O que fazer com estes?

13- “(...) Nos lugares complexos, que geralmente coincidem com as metrópoles, há profusão de vetores: desde os que diretamente representam as lógicas hegemônicas, até os que a elas se opõem. São vetores de todas ordens, buscando finalidades diversas, às vezes externas, mas entrelaçadas pelo espaço comum (...) Nos tempos de hoje, a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir.” (Santos, 1996: 258)



## **MUSEUMS AND DEVELOPMENT: TOURISTIC CENTER OF THE VALLEY “ALTO MÉDIO TIETÊ”**

*Jonas Soares de Souza\* - Museu Paulista / MRCI - USP - Brasil - SP*

---

### **ABSTRACT**

The museums can develop an important role in the process of social change. Particularly the history museums, that have the aim as centers dedicate to conservation of the material goods, as a result of the system life by different social groups, then they should be preserved, researched and showed to stimulate the reflection about these groups and their social relations.

The main objective of this project is to analyze the development of history museums in a specific São Paulo region, the Valley of Alto Médio Tietê, and to examine the level of its contribution for promoting this reflection.

At the same time, the project sets out some directions that are being done to exploit the potential of these museums in the region and to evidence the variety and richness of its specific culture. Beyond of the considerations about the interventions at the expositions an treatment of the belongs of some institutions The integrated approaches of the urban equipment's are analyzed by revival of the experience of the “Street Museum” as a instrument to facilitate the comprehension of the urban boundaries, at same time as the field of the role of the museum and its action.

The “Street Museum” is a way of exposition performed on open air, in open public areas. The aim is to make museum significative in the urban sets and to facilitate the comprehension and the critic appropriation by the local residents and visitors. Through out an articulated structure of inside and outside expositions and different ways of information, the history of the city and its cultural heritage will be understood with a simple and didactic skill. The museum will be free of its walls to gain the city space.

The development of touristic center in the Valley of Alto Médio Tietê will allow the integration by the existent museums resources and the experience of “street museum”, with the program's to revitalized urban areas promoted by the district cities associations that attend the project.

\* Museólogo e Pesquisador

## **MUSEUS E DESENVOLVIMENTO: PÓLO TURÍSTICO DO VALE DO ALTO MÉDIO TIETÊ**

*Jonas Soares de Souza\* - Museu Republicano - Brasil – SP - Itu*

---

Em 1999 um grupo de representantes de sociedades de amigos da cidade, associações de amigos de bairro e associações de amigos de museu de seis cidades do interior de São Paulo reuniu-se para analisar a viabilidade da exploração do turismo como forma de desenvolvimento econômico. O debate girou em torno de questões como: a) pode o turismo ser sustentável?, b) quais as conseqüências do turismo para o meio ambiente?, c) como dimensionar a capacidade de o meio ambiente absorver o turismo?.

Os benefícios do turismo, tais como geração de empregos, impostos e taxas, já eram reconhecidos. A novidade, para muitos, foi a consideração de questões sobre os custos sociais, econômicos e de meio ambiente e a erosão dos recursos naturais e construídos provocada pelo turismo.

O primeiro resultado daquela reunião foi o Diagnóstico das Potencialidades Turísticas do Alto Médio Tietê, elaborado por um grupo de estudiosos da região sob os auspícios do INDER – Instituto de Desenvolvimento Regional, com apoio do SEBRAE-SP. Para os objetivos deste trabalho, cabe ressaltar a importância atribuída aos museus no citado Diagnóstico e, conseqüentemente, no projeto dele resultante - pólo Turístico do Vale do Alto Médio Tietê.

O Vale do Alto Médio Tietê, que abrange os municípios paulistas de Santana do Parnaíba, Pirapora, Cabreúva, Salto, Itu e Porto Feliz, começou a ser povoado em meados do século 16. O roteiro dos bandeirantes, que se iniciava no planalto de Piratininga, atravessava a região na demanda da “boca do sertão”, em Itu, e do porto de Araritaguaba, em Porto Feliz. No final do século 18 e na primeira metade do 19, a ocupação dos campos pela lavoura de cana e a produção de açúcar em centenas de engenhos lançaram as bases de uma nova economia. A partir de 1850 o café ocupou as terras das antigas fazendas de cana-de-açúcar, e passou a gerar os capitais que alimentariam a construção de pioneiras fábricas de tecido e usinas hidrelétricas. Cada momento dessa trajetória produziu um acervo de bens culturais, materiais e imateriais, em grande parte ainda conservado. Coube aos museus da região a tarefa de conservar uma respeitável parcela desse acervo. Agora, o Diagnóstico vislumbra um papel importante aos mesmos museus no processo de transformação social da região. Particularmente aos museus de história, que têm atuado como centros dedicados à conservação de bens materiais que devem ser preservados, pesquisados e exibidos para estimular a reflexão sobre o caráter das relações sociais.

Para os autores do Diagnóstico, o rol de instituições museológicas da região demonstra a existência de um “tremendo potencial” a ser explorado em benefício do desenvolvimento do chamado “turismo cultural”.

Entretanto, são apontadas duas linhas de ações para a abordagem integrada das instituições, patrimônio cultural e equipamentos urbanísticos da região, visando a concretização daquele citado potencial:

Desenvolvimento de projetos museológicos com a preocupação de definir os perfis de cada instituição e colocar em prática políticas museológicas integradas.

O território urbano deve ser não somente campo de atuação do Museu, mas ingrediente de sua ação, incorporando-se ao seu acervo operacional. Assim sendo, torna-se necessário ampliar os vínculos entre os museus existentes e suas respectivas cidades. Cabe aqui distinguir um acervo propriamente institucional e outro, mais amplo, operacional, como sugere Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes: O primeiro é aquele constituído por coleções sistemáticas e coerentes de estruturas e objetos móveis qualificados por seu valor “documental”, pela carga de referência que encerram. Não se trata apenas de prosseguir na linha tradicional predominante de coletar peças de caráter histórico-factual, fetichizadas pela vinculação a episódios ou figuras exponenciais. Devem ser ultrapassados os conteúdos imediatos, para apreender os contextos sociais e históricos que essas peças documentam e os referenciais desses contextos. Naturalmente, este acervo institucional também deve incluir material arquivístico e iconográfico,

depoimentos escritos e orais. Além do acervo institucional, museológico, no sentido estrito do termo, também viriam a constituir matéria-prima desse “museu de cidade” certos espaços, paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos – enfim, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não só na sua carga documental, mas na sua capacidade de alimentar as representações urbanas. Assim, o território urbano, que corresponde à noção de patrimônio ambiental urbano, passa a ser não só o campo de atuação do museu, mas ingrediente de sua ação, incorporando-se, portanto, ao seu acervo operacional.

Segundo a conclusão do Diagnóstico, o recurso apropriado para essa vinculação é a retomada da experiência do “Museu Percurso”, explorada com tanto sucesso pelo arquiteto Júlio Abe Wakahara, hoje enriquecida de resultados altamente positivos de múltiplas experiências similares.

O “Museu Percurso” é um modo de exposição realizada ao ar livre, em espaços públicos abertos, com o propósito de “musealizar” referenciais urbanos significativos. De certa forma, trata-se de uma derivação dos projetos de “Museu de Rua” concebidos pelo arquiteto Júlio Abe Wakahara e realizados no centro histórico e em alguns bairros de São Paulo e em diversas cidades paulistas.

O Museu de Rua, programa ligado à Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, foi idealizado em 1977 pelo arquiteto Júlio Abe como forma de divulgar o conjunto de fotografias sobre a capital. Integrado ao Museu Histórico da imagem Fotográfica da Cidade de São Paulo, a primeira edição punha na rua, em plena calçada, painéis com reproduções de ruas posicionados de forma a permitir a comparação direta. As edições seguintes atenderam, com o sucesso da fórmula que associava baixo investimento e acesso direto ao “público”, aos objetivos mais diversos. Nos anos oitenta passou a atuar como fonte de coleta de imagens ao programar eventos dirigidos a determinados bairros ou temáticos

O caminho utilizado foi um sistema de painéis fotográficos, distribuídos nos espaços de convergência popular e nos pontos importantes da formação histórica da cidade, permitindo a leitura visual comparativa de diferentes épocas, em confronto com a natural, na própria paisagem urbana. O recurso metodológico básico levou em consideração as especificidades dos discursos estéticos e científicos: o particular como principal categoria do discurso estético (no caso do fotográfico) e a integração-ligação no universal através do discurso científico (textos). A fotografia sempre fornece o dado de um momento, de um local, de um evento singular. Os textos, por outro lado, possuem a capacidade de possibilitar generalizações segundo leis históricas, sociológicas, geográficas, biológicas. As duas reflexões da realidade objetiva fornecem-nos um maior aprofundamento do conteúdo das manifestações humanas, que isoladamente poderiam nos levar a outras interpretações.

A exposição ao ar livre é articulada com uma exposição montada em espaço fechado, na Casa de Cultura ou no Museu da Cidade, que dará conta de forma global da formação social e cultural do município e de seu espaço geográfico. A articulação ainda poderá ser ampliada às exposições temáticas em espaços fechados ou abertos, que tratem pontualmente de um assunto, de uma paisagem, de um edifício ou de um conjunto arquitetônico significativo.

Através dessa estrutura articulada de exposições internas e externas e de meios variados de informação, a formação histórica da cidade e o seu patrimônio cultural são explicados com recursos simples e didáticos.

A proposta básica é evidenciar, requalificar e valorizar a cidade como espaço de vivência construído ao longo do tempo pelo trabalho de uma multidão de anônimos. Para a viabilização do projeto deverão ser mobilizados e integrados os acervos institucionais, constituídos de coleções sistemáticas e coerentes de estruturas e objetos móveis qualificados por seu valor documental, e os acervos operacionais, constituídos por paisagens, ruas, praças, edifícios, monumentos, testemunhos geológicos, equipamentos, enfim, áreas, construções e objetos significativos do tecido urbano.

As exposições poderão conter vínculos, através de referências entre elas, de forma a dar conta do patrimônio cultural da região toda.

Entre as cidades de Santana do Parnaíba e Tietê, passando por Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Salto, Itu e Porto Feliz, encontra-se uma das mais belas regiões do Estado de São Paulo, afirma o Diagnóstico. As águas do rio Tietê, depois de vencer a Bacia Sedimentar de São Paulo, se encontra com as rochas duras do Embasamento Cristalino, formando corredeiras,

cachoeiras e canyons. Entre Cabreúva e Itu uma grande quantidade de rochas espalhadas pela superfície do terreno criam uma paisagem agreste, de rara beleza, conhecida como Campo dos Matacões. O rio corre através de gargantas estreitas, corredeiras e saltos que podem ser vistos da "Estrada dos Romeiros", nome recente para um antigo caminho.

No início do povoamento de São Paulo diversos caminhos ligavam o planalto de Piratininga aos sertões desconhecidos. Algumas rotas nada mais eram que trilhas abertas pelos indígenas, aproveitadas com uns poucos melhoramentos pelos colonizadores.

O caminho mais conhecido margeava o velho Anhembi (antigo nome do Tietê) de São Paulo e Santana de Parnaíba até Porto Feliz, passando por Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Salto e Itu, que então era um ponto de encontro de uma vasta rede de rotas terrestres e fluviais. De Itu, por exemplo, chegava-se ao porto de Araritaguaba (hoje Porto Feliz), por onde se atingia as águas do Paraná e as terras paraguaias. Através das águas do Tietê se preava índios e buscava ouro e outras pedras preciosas com as famosas Monções do século 18.

Santana do Parnaíba era o ponto de partida dos "bandeirantes" paulistas em suas expedições para estabelecer os núcleos de povoamento que deram origem a um grande número de cidades. Em Itu eram organizadas as expedições de conquista e de comércio. De Porto Feliz partiam as "Monções", grandes expedições fluviais de povoamento e de comércio que singravam as águas do Tietê, Paraná, Pardo e Paraguai para alcançar as terras do atual Estado de Mato Grosso.

Nos séculos seguintes foram importantes as contribuições da região para o fortalecimento da estrutura econômica do Estado e decisiva a sua participação no processo político institucional.

O Diagnóstico conclui que de todos esses séculos de formação histórica ficou um invejável acervo de testemunhos que integram um dos mais significativos conjuntos do patrimônio cultural do país. Esse acervo, somado às incontáveis belezas naturais, deve ser apropriado pela população através de projetos que privilegiem a melhoria da qualidade de vida. Simultaneamente, ele pode ser trabalhado com a participação dos museus para transformar-se em fator predominante na motivação do turismo.

### **Dos testemunhos abordados no Diagnóstico:**

Cada momento da formação histórico-cultural da região deixou produtos (testemunhos) significativos. As casas bandeiristas de taipa-de-pilão, residências térreas e assobradadas, igrejas, conventos, fábricas, vilas operárias, caminhos antigos, festas religiosas, festas populares, música, folclore, culinária, dialeto caipira e o "saber-fazer".

Santana do Parnaíba:

Capela de Nossa Senhora da Conceição (Capela Velha, 1580) e "Centro Histórico"

Pirapora do Bom Jesus

"Centro religioso" (1724)

Cabreúva:

Engenhos de aguardente

Salto

Rocha Moutonnée, pontilhão (ponte pênsil), Brasital, mirante no Tietê, Usina de Lavras, Vila operária (quintalões).

Itu

"Centro Histórico" -

Matriz de N.S. da Candelária, Chácara do Rosário, Fazenda Vassoural (Engenho de açúcar), Igreja do Carmo, Igreja do Patrocínio, Cruzeiro, Fábrica de Tecidos São Luís, Vila Operária São Pedro, Pedreira de Varvito, Estrada dos Romeiros, Museu Republicano, Quartel (antigo Colégio São Luís), Igreja do Patrocínio.

Porto Feliz

Matriz N.S. Mãe dos Homens, Engenho Central, Museu das Monções, Casa da Alfândega, Estação da Sorocabana, Cadeia Velha, Monumento às Monções

Museus nas cidades do Vale Alto Médio do Tietê

Santana do Parnaíba:

Museu Casa do Anhanguera. Tipologia: história local e história do bandeirismo.

Pirapora do Bom Jesus:

Museu São Norberto. Tipologia: arte sacra.

Salto:

Museu da Cidade. Tipologia: história local, imigração italiana, industrialização.

Parque das Lavras. Abordagem museográfica da Usina das Lavras (pioneira no aproveitamento do potencial hidrelétrico do rio Tietê).

Parque Rocha Moutonnée. Geologia - abordagem museográfica da rocha moutonnée.

Itu:

Museu Republicano "Convenção de Itu". Tipologia: história da propaganda republicana e da primeira república (1889/1932).

Museu do Quartel. Tipologia: história da instituição militar e referências ao Colégio São Luís no século XIX.

Museu da Eletricidade. Tipologia: história da eletricidade.

Museu e Arquivo Histórico Municipal - Tipologia: história local.

Museu de Arte Sacra. Tipologia: arte sacra.

Parque do Varvito: Abordagem museográfica da formação geológica do varvito e de sua exploração comercial.

Porto Feliz:

Museu das Monções. Tipologia: história local e história das Monções.

Parque das Monções: Abordagem museográfica da história das monções.

## **BIBLIOGRAFIA**

CAMARGO, Mônica Junqueira de, e MENDES, Ricardo. Fotografia. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DIAGNÓSTICO DAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO ALTO MÉDIO TIETÊ. São Paulo: Sebrae/Inder, 1999, 2 volumes.

ELIAS, Maria José. Museu Paulista: Memória e História. São Paulo: FFCL-USP, 1996.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. "O museu na cidade x a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade", in Revista Brasileira de História. São Paulo (v.5 n. 8/9), pp. 197-205, 1985; "Patrimônio ambiental urbano: do lugar comum ao lugar de todos", in CJ Arquitetura. Rio de Janeiro (19), pp.45-47, 1978.

McCARTHY, Bridget Beattie. Cultural Tourism. Portland, Oregon (USA): BBM, 1972

## **AS MARISQUEIRAS DE SEPETIBA: UMA ABORDAGEM SISTÊMICA À UMA BASE SUSTENTÁVEL?**

*Sinvaldo do Nascimento Souza* \* -

*Faculdades Machado de Assis - FAMA / Curso de Turismo - Brasil - RJ*

---

*Este trabalho é dedicado às Marisqueiras da Praia de Sepetiba.*

O litoral de Sepetiba, onde se encontra o sítio freqüentado pelas marisqueiras para o desenvolvimento do seu trabalho de coleta, constitui uma costa baixa e orlada de mangues, com exceção das pequenas extensões ocupadas pelas praias de Sepetiba, Pedra de Guaratiba e outras menores, que marcam a presença de seres humanos bem antes da chegada dos europeus ao Brasil.

A praia de Sepetiba mede cerca de 2 quilômetros, num estirão quase retilíneo, no rumo noroeste-sudeste até uma espécie de cabo formado de rochas em frente à ilha do Tatu<sup>1</sup>.

É uma praia bastante povoada, que ainda recebe, temporariamente, veranistas de condições mais modestas, embora suas águas estejam poluídas e o banho de mar seja desaconselhável pela Feema.

As águas são tranqüilas, porque as ondas oceânicas se quebram na face externa da restinga da Marambaia. Somente os ventos fortes, principalmente os que sopram de Sudoeste, ocasionalmente, originam ondas que se vão esbater na orla arenosa. A areia é grossa e suja devido à contaminação do lodo que se acumula na baía de Sepetiba. O lodo é formado de argila, silte e areia fina, contendo muita matéria orgânica, bem como compostos de enxofre, principalmente sulfeto de ferro.

Bem antes da implantação dos distritos industriais na Zona Oeste, até, pelo menos, o final da década de 1960, muitos populares buscavam o banho de mar em Sepetiba, com fins terapêuticos, inclusive atendendo prescrição médica. Segundo Sylvio Fróes Abreu, “na praia da Pedra, [eram] atribuídas virtudes medicinais à lama, e muitos doentes de reumatismo e doenças cutâneas, para lá se dirigem para fazer uso dela. Os efeitos terapêuticos [então] freqüentemente verificados, são devidos à radioatividade das areias dessa praia, que em certos pontos contêm apreciáveis quantidades de monazita”<sup>2</sup>.

Esse litoral, apesar de toda a poluição, ainda nos dias de hoje, tem grande movimento aos domingos e feriados, e vem sendo freqüentado e ocupado pelo ser humano, há pelo menos 2000 anos, conforme estudos realizados por especialistas<sup>3</sup>.

Os moluscos ocuparam papel importante na dieta alimentar do homem pré-histórico que viveu no litoral de Sepetiba, servindo de cálcio e proteínas, fator que foi preponderante para determinar os padrões dentários dos primitivos habitantes, conforme Salles Cunha: “Como conseqüência deste padrão de subsistência verificamos a ocorrência de um baixo índice de cárie associado a um elevado grau de desgaste dentário”<sup>4</sup>.

Da relação dos sítios arqueológicos localizados no Estado do Rio de Janeiro, elaborada pela equipe coordenada pela professora Maria da Conceição Beltrão, da UFRJ - Museu Nacional, na década de 1970, 38 (trinta e oito) encontravam-se no litoral da Zona Oeste, entre Sepetiba e Guaratiba, confirmando a presença do ser humano na região, dois milênios antes da chegada dos colonizadores portugueses.

Tomando por base o estudo antropológico das populações pré-históricas do Sambaqui Zé Espinho, de Guaratiba, vizinha ao sítio onde hoje trabalham as marisqueiras de Sepetiba, podemos inferir que em todo o litoral sepetibano, já havia grupos de pescadores e coletores que dominavam uma cultura de cerâmica Tupiguarani; utilizavam utensílios rudimentares feitos com valvas de moluscos, como furadores, raspadores e lâminas pontiagudas polidas; além de praticarem rituais funerários de sepultamento<sup>5</sup>.

A respeito da origem dos sambaquis, os concheiros artificiais, onde foram encontradas as evidências materiais que possibilitaram aos especialistas descreverem a morfologia e o padrão de subsistência das populações pré-históricas de Sepetiba, vale citar o historiador e frei Gaspar da Madre de Deus:

“Povos inteiros, em certos meses vinham mariscar na costa: escolhiam entre os mangais algum lugar enxuto onde se arranchavam, e dali saíam como enxames de abelhas a extrair do lodo os testáceos marinhos. É indizível a imensidade que colhiam de ostras, berbilhões, ameijoas, sururus de várias castas e pescaria, o resto secavam, e, assim beneficiado, conduziam para as suas aldeias, onde lhes servia de alimento por algum tempo”. “As conchas lançavam a uma parte do lugar onde estavam congregados e com elas formaram montões tão grandes que parecem outeiros a quem agora os vê soterrados”. “Na maior parte deles ainda se conservam inteiras as conchas, e em alguns acham-se machados - os dos índios eram de seixos muito rijos -, pedaços de panelas quebradas e ossos de defuntos; pois que se algum índio morria ao tempo da pescaria, servia de cemitério a ostreira, na qual depositavam o cadáver e depois o cobriam de conchas”.<sup>6</sup>

Devido à sua vizinhança com o Rio de Janeiro, Sepetiba, desde os primeiros momentos da colonização da Baía de Guanabara, também passou a ser visitada pelos europeus. “Foi mesmo através de Sepetiba que os índios trazidos por Anchieta (Padre José de Anchieta) para o assalto, ‘apartando-se dos navios se vieram para dentro de uma ilha chamada Marambaia, por entre aldeias de tamoios, caminho do Rio de Janeiro’”.<sup>7</sup>

Embora fosse visitada desde o início da colonização, e, ainda que suas terras constituam áreas vastas e planas para as plantações, parece não ter sido a região procurada pelos futuros sesmeiros antes da segunda metade do século XVI. Alberto Lamego cita o historiador Matoso Maia Forte, que menciona o nome de Bartolomeu Antunes, como o primeiro sesmeiro, no Guandu, de toda a região que hoje compreende a Zona Oeste. Segundo Capistrano de Abreu, também citado por Lamego, os jesuítas só entram em Santa Cruz, região onde se localiza Sepetiba, em 1596. “Explica-se o menosprezo por essas terras pelos sesmeiros quinhentistas devido ao fácil transporte de mercadorias para o mercado da cidade.”<sup>8</sup>

Antes dos padres jesuítas, em 1567, o primeiro Ouvidor-Mór do Rio de Janeiro, Cristóvão Monteiro, vai requerer à Coroa Portuguesa a doação das terras que constituirão a Sesmaria, mais adiante denominada de Fazenda Real de Santa Cruz. Com a morte de Monteiro, as terras passam a pertencer à dona Marquesa Ferreira e filhos, que fazem a doação para a Companhia de Jesus, conforme testamento deixado pelo Ouvidor.

Sepetiba integrava a parte litorânea da Fazenda de Santa Cruz que, sob o domínio dos padres jesuítas (Companhia de Jesus), do final do século XVI até 1759, constituiu um enorme latifúndio de “10 léguas de terra, que ia desde a marinha à Serra de Matacões em Vassouras”.<sup>9</sup>

Expulsos os jesuítas do Brasil em 1760, por ordem do Marquês de Pombal, todas as suas propriedades, incluindo Sepetiba e a Fazenda de Santa Cruz, são confiscadas pela Coroa Portuguesa. Quando a Família Real chega ao Brasil, em 1808, a antiga residência-capela dos padres loiolistas é reformada e adaptada para servir como uma residência opcional de veraneio do Príncipe Regente e dos seus familiares.

No ano de 1813, ainda como Príncipe Regente, substituindo interinamente a sua mãe, dona Maria I, que estava impedida de reinar por problemas mentais, Dom João vai atender ao pedido dos pescadores, determinando a enfiteuse<sup>10</sup>, conforme Decreto Régio de 16 de julho: “Manda reduzir a perpétuos os aforamentos atuais da Fazenda de Santa Cruz e designa terreno para a povoação de Sepetiba” (...) “Hei, outrossim por bem que no Sítio de Sepetiba se demarque o terreno conveniente para se fundar em sua povoação para comodidade dos pescadores, e pessoas que ali habitam: designando-se o terreno que for mais a propósito, e proporcionando à mesma povoação, o qual se repartirá livre, sem mais foro do que um módico reconhecimento por cada morador, que agora ou para o futuro ali edificar, para o senhorio do terreno, ou ele seja somente na Fazenda de Santa Cruz ...”<sup>11</sup>.

A povoação de Sepetiba começa a se desenvolver, a partir do final do século XIX, devido à implantação da Companhia de Navegação Rio - São Paulo, que incluía uma linha de bondes de ferro, da Companhia Ferro Carril e Navegação Santa Cruz e os barcos movidos a vapor, com trajeto de Sepetiba até Paraty, com escalas em Itacuruçá, Mangaratiba e Angra dos Reis. “Faziam dez viagens redondas por mês, de acordo com o estipulado no parágrafo 194, da

Lei Provincial nº 2.803, de 19 de novembro de 1885, concedendo, ainda, a subvenção anual de 14:400\$000.”<sup>12</sup>

Com o encerramento das atividades da Companhia de Navegação, o povoado de Sepetiba volta ao seu estágio de inércia característico de um arraial litorâneo, essencialmente voltado para a pescaria, até o início da década de 1930, já sob o governo provisório de Getúlio Vargas, que vai empreender um grandioso projeto de saneamento da Baixada de Sepetiba, com abertura de valas, alargamento de canais, retificação de rios, construção de pontes e outras obras de engenharia hidráulica.<sup>12</sup> No ano de 1934, instala-se o Hangar para dirigíveis, montado pela empresa alemã “Luftschiffbau Zeppelin”, que estabeleceu uma linha aérea regular entre o Brasil e a Europa. Ao ser inaugurado, dois anos mais tarde, o aeroporto foi denominado de Aeroporto Bartolomeu de Gusmão.<sup>13</sup> A expansão das atividades aéreas, embora de curta duração, proporcionou um novo desenvolvimento de Sepetiba.

A partir do final da década de 1960, inicia-se a construção do Distrito Industrial de Santa Cruz, com a instalação da Companhia Termelétrica de Furnas, da Cosigua, Casa da Moeda, White Martins, Glasurit, Latasa, etc, acelerando o processo de poluição da Baía de Sepetiba com a decadência da antiga vila de pescadores. Além da gravidade do problema da poluição ambiental, causada, tanto pelas indústrias, que lançam dejetos químicos na Baía, como pela inexistência de estações de tratamento de esgoto na região, o assoreamento das antigas praias, decorrente das obras do Porto de Sepetiba, também tem contribuído para dificultar ainda mais a vida dos derradeiros pescadores artesanais e catadores de marisco que sobrevivem com extrema dificuldade, tendo, inclusive, que percorrer uma distância considerável no meio da lama para ter acesso às suas embarcações. Há um projeto para a construção de um ancoradouro junto à Colônia Z-15, de Sepetiba, datado de 1996, solicitado pelos pescadores locais, e encaminhado à Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro que, por falta de recursos ou vontade política, acabou sendo arquivado.

Com todos os impactos econômicos, sociais, ambientais e até mesmo no que se refere à viabilidade dos empreendimentos realizados em torno da Baía de Sepetiba, principalmente em relação à expansão do porto, localizado em Itaguaí, convém formular a seguinte pergunta: Qual será o futuro das marisqueiras e dos pescadores artesanais da praia de Sepetiba ? Qual será o futuro da Baía de Sepetiba ?

Dos contatos que mantivemos com instituições públicas e privadas, universidades e organizações não governamentais, alguns foram bastante proveitosos para a definição do problema e identificação das questões da pesquisa.

Também foi bastante valioso, o apoio da Colônia de Pesca Z-15, de Sepetiba, cujo atual presidente, Sr. Geraldo Lopes, nos colocou à disposição, todo o seu acervo documental, além de conceder longas entrevistas que serviram para subsidiar o trabalho de pesquisa.

Outro aporte de significativa importância, recebemos do Instituto de Ciências Biológicas e Ambientais (ICBA), da Universidade Santa Úrsula, principalmente do biólogo Philip C. Scott, que se encontra atualmente fazendo doutorado em Stirling, na Escócia, com quem mantivemos profícuos contatos pela Internet, quando chegamos até mesmo a enviar, por intermédio do biólogo Ricardo Polley, responsável pela análise química da água do mar, do ICBA da USU, alguns quilos de mariscos, do tipo conhecido popularmente como “sururu”, recolhidos na praia de Sepetiba, para a análise de metais pesados, pelo Institute of Aquaculture da University of Stirling, na Escócia. Como se trata de uma análise demorada, não foi possível incluir os resultados obtidos nesta monografia, mas, certamente, o material será de grande utilidades para os malacologistas e estudiosos da problemática ambiental de Sepetiba.

Escolhemos a categoria de marisqueiras, em decorrência da própria realidade observada no trabalho de campo. Começávamos a deixar de lado as idéias que havíamos formado no nosso imaginário sentimental e subjetivo e partimos para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, dentro da objetividade científica.

Como escolhemos a linha etnográfica, considerando os depoimentos das marisqueiras, procuramos embasamento teórico na história oral, que nos dias de hoje vem despertando enorme interesse entre os cientistas sociais. Procurando privilegiar, não apenas a questão da memória, mas também a chamada história do tempo presente e as trajetórias de vida das marisqueiras com as quais mantivemos contato nos três meses que permanecemos no campo.



Chegamos à conclusão que aquela Sepetiba bucólica dos nossos tempos de infância já não existe mais e que os pescadores artesanais e marisqueiras têm sido os principais prejudicados com a degradação do meio ambiente da Baía.

A população, que vai crescendo além dos índices demográficos estimados, também participa do processo de degradação da própria qualidade de vida, quer seja por desinformação ou mesmo por falta de educação. O lixo vai-se acumulando, é jogado nos valões, canais e rios da região que deságuam em Sepetiba. Os manguesais, que são os verdadeiros berçários da fauna e flora marinha, estão sendo destruídos em nome de um progresso discutível. Lamentavelmente.

Em outras partes do mundo, baías, rios e lagoas, que outrora estiveram poluídos, praticamente sem vida, puderam ser revitalizados, a partir de um intenso programa de despoluição. É o que desejamos que venha a acontecer em relação à Baía de Sepetiba. Mas que seja uma iniciativa urgente, pois a cada dia que passa, o problema se agiganta e as possibilidades de solução vão diminuindo.

Teria um significado muito mais humano, se pudéssemos um dia reencontrar as marisqueiras da praia de Sepetiba organizadas em uma cooperativa, com todas as conquistas trabalhistas e sociais asseguradas e com o fruto do seu trabalho comercializado de acordo com o esforço empreendido, sem ter de passar por constrangimentos ou admitir sempre a possibilidade da pechincha para garantir a venda.

Poderíamos afirmar que o status hoje alcançado em Santa Cruz em seu desenvolvimento tem as mesmas características do status atual dos moluscos e seu habitat e as marisqueiras em extinção ?

Que parâmetros e valores devemos analisar e que ações corretivas são necessárias para otimizar os resultados futuros ?

Os moluscos devem continuar assumindo sozinhos toda a responsabilidade da sustentabilidade e o equilíbrio do ecossistema ?

\* Professor de História e de Museologia  
das Faculdades Machado de Assis – FAMA

### ***Agradecimentos muito especiais***

*Agradeço de forma muito especial aos professores Francisco José Antônio e José Zaib e ao Engenheiro Jacob Gribbler Neto, pelo apoio, estímulo e incentivo, que serviram como sustentáculo para os bons resultados e experiências bem-sucedidas que tivemos durante mais de dez anos na Coordenadoria do NOPH – Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz.*

## BIBLIOGRAFIA

- 1 – ABREU, Maurício de A. – “Evolução Urbana do Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro: Iplan Rio, Jorge Zahar Editor, 1987.
- 2 – ABREU, Sylvio Fróes – “O Distrito Federal e seus Recursos Naturais”, Série A Publicação nº 14, Biblioteca Geográfica Brasileira, Rio de Janeiro; IGE/CNG, 1957.
- 3 – BANCO MUNDIAL, “Brasil: Gestão da Poluição Ambiental no Estado do Rio de Janeiro” – Baía de Sepetiba, Relatório de Política, volume I, Rio de Janeiro, 1996.
- 4 – BELTRÃO, Maria da Conceição – “Pré-História do Estado do Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro: Forense Universitária/SEEC, 1978.
- 5 – DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DA ATIVIDADE DE PESCA NA BAÍA DE SEPETIBA/RJ, Rio de Janeiro, Superintendência da Pesca, 1992.
- 6 – FREITAS, Benedito – “Santa Cruz, Fazenda Jesuítica, Real, Imperial – volume II – Vice-Reis e Reinado – 1760-1821”, Rio de Janeiro, ed. Do autor, 1987.
- 7 – KNEIP, Lina Maria, coord – “Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba – Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: UFF, 1985.
- 8 – LAMEGO, Alberto Ribeiro – “O Homem e a Guanabara”, publicação nº 5 da Série A “Livros”, Biblioteca Geográfica Brasileira, Rio de Janeiro, IBGE/CNG, 1948.
- 9 - \_\_\_\_\_ - “O Homem e o Brejo”, 2ª ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1974;
- 10 - \_\_\_\_\_ - “O Homem e a Restinga”, 2ª ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1974.
- 11 – LEITE, Serafim Pe. – “História da Companhia de Jesus no Brasil”, Tomo VI, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

1. Ilhota da baía de Sepetiba, situada nas imediações da praia Dona Luísa, em frente à ponta do Piaí.

2 ABREU, Sylvio Fróes, “O Distrito Federal e seus Recursos Naturais”, IBGE, Rio, 1957, p73

3 Sobre o assunto, Kneip, Lina Maria, coord. - “Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba Rio de Janeiro”, Rio: UFRJ;Niterói: UFF, 1985; Beltrão, Maria da Conceição - “Pré-História do Estado do Rio de Janeiro”, Rio: Forense-Universitária: Instituto Estadual do Livro, 1978.

4 SALLES CUNHA, E. - “Sambaquis do Estado da Guanabara. In: “Sambaquis e Ostras Jazidas Arqueológicas. Paleopatologia Dentária e Outros Assuntos. Ed. Científica; RJ, 1963.

5 Cf. KNEIP, 1985. op.cit. p. 167

6 DEUS, frei Gaspar da Madre de, “História da Capitania de S. Vicente, 3ª ed., São Paulo, 1922, pp. 120-121.

7 LAMEGO, Alberto Ribeiro, “O Homem e a Guanabara”, IBGE, Rio de Janeiro, 1948, p.169

8 LAMEGO, A.Ribeiro, op.cit. p.169

9 LEITE, Pe. Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, T.VI, pp 54-66

10 “Direito real alienável e transmissível aos herdeiros, e que confere a alguém o pleno gozo do imóvel mediante a obrigação de não deteriorá-lo e de pagar foro anual, em numerário ou em frutos”, cf. Ferreira, Aurélio de Holanda, Dicionário Eletrônico, Rio, 1996.

11 Decreto Real de 26 de julho de 1813, citado por FREITAS, Benedito, “Santa Cruz, Fazenda Jesuítica, Real, Imperial - volume II, Vice-Reis e Reinado, 1760-1821, Rio de Janeiro, 1987, pp. 292-3

12 FREITAS, Benedito, op.cit. p. 336

12 GÓES, Hidelbrando de Araújo, “Baixada de Sepetiba”, DNOCS, Rio de Janeiro, 1942.

13 BASC 54 Anos, Revista especial dedicada aos 54 anos de fundação da Base Aérea de Santa Cruz, s.ed.

# UM ECOMUSEU MINEIRO PARA A FAIXA PIRITOSA IBÉRICA

*Alfredo Tinoco\* - Portugal*

---

## RESUMO

A actividade mineira e metalúrgica está atestada na região conhecida como Faixa Piritosa Ibérica desde os finais da pré-História.

A FPI estende-se desde o Atlântico no Sudoeste de Portugal até às proximidades de Sevilha em Espanha. De ambos os lados da fronteira existem mais de uma dezena de minas de pirite que tiveram vários aproveitamentos e estão hoje quase todas encerradas. Caveira, Lousal, Aljustrel, Apariz, São Domingos, Neves Corvo, Rio Tinto, Tharsis - estas em Espanha

O encerramento das minas, nomeadamente das minas de pirites, provoca sempre consideráveis danos ambientais. A par desses, deixa atrás de si uma degradação social enorme que se traduz em desemprego, no crescimento de tóxicodependência, na exclusão social e no apagamento e na desvalorização das memórias comunitárias.

Tendo em conta que esta região (o Alentejo) é uma zona de agricultura de latifúndio, as perspectivas de redinamização social e de criação de emprego para as populações afectadas são muito escassas ou impossíveis.

Quanto ao primeiro dos problemas - a degradação ambiental - as autoridades (Instituto Geológico e Mineiro) acabam de anunciar um programa de reabilitação e de remoção dos resíduos perigosos.

O problema social é, porém, o mais complexo. Entendemos que a museologia, nomeadamente a ecomuseologia e as novas formas de intervenção museais, permitem dar um contributo válido para ajudar à preservação e à reabilitação das memórias operárias e à conservação do património etnológico e mineiro e, através delas, contribuir para a revitalização socioeconómica da região.

A presente comunicação faz um inventário do património e das especificidades de cada uma das principais minas portuguesas abandonadas na faixa piritosa Ibérica; propõe-se uma solução museológica integrada para a salvaguarda e reutilização desse património, tendo em vista o desenvolvimento integrado e sustentável; estabelece uma rede de museus mineiros nesta área geográfica transfronteiriça em colaboração com associações e organismos científicos, universidades, empresas mineiras e municípios.

Tal rede museológica beneficia das experiências museais em fase de instalação ou em projecto e do interesse crescente pelo turismo cultural e nomeadamente mineiro que garantem uma boa parte do êxito da iniciativa.

\*Presidente do MINOM - Movimento Internacional para uma Nova Museologia

## **A MINING ECOMUSEUM FOR THE IBERIAN PYRITE BELT**

*Alfredo Tinoco\* - Portugal*

---

### **ABSTRACT**

The mining and metallurgical activity exists since the end of Prehistory in the area known as the Iberian Pyrite Belt. It spreads itself from the Atlantic, south west of Portugal, to the vicinity of Sevilla, in Spain. On both sides of the frontier there are more than ten pyrite mines that suffered various utilizations and that are all closed now.

The closure of the mines, namely the pyrite mines always causes great environmental damages. Adding to these the social degradation results in unemployment, social exclusion, increasing drugs addiction, under valuation and extinguishing of community memories.

Considering that this region (Alentejo) is mainly a large estate agricultural region, the prospects to a social regeneration of the involved populations are very few.

As far as the first problem is concerned – the environmental degradation – the authorities (the Geological and Mining Institute) have just announced a program of rehabilitation and removal of dangerous debris.

The social problem however is more complex. We think that the Museology, namely the Ecomuseology and the new ways of museal interventions can provide a valid contribution to the preservation and rehabilitation of the workers memories, the ethnological and mining heritage and through it to the social and economical revitalization of this region.

This lecture presents an inventory of the heritage and specific features of the main abandoned Portuguese mines from the Iberian Pyrite Belt; it intends a museal integrated solution to the preservation and reutilization of that heritage having in mind an integrated and sustained development and suggests a net of museums in the mentioned region with the collaboration of scientific associations, universities, mining enterprises and municipalities.

This museological net benefits from the museal experiences either in production or in project, as well as the increasing interest on the cultural tourism, namely the mining tourism that assures to a great extent the success of this initiative.

\*President of MINOM - International Movement  
for a New Museology

# UM ECOMUSEU PARA A FAIXA PIRITOSA IBÉRICA

*Alfredo Tinoco\* - MINOM - Portugal*

---

## I - Introdução

Longe vai o tempo em que a Indústria e a Técnica e, mais exactamente, os seus vestígios estavam excluídos daquilo a que chamamos **património cultural**. De facto, há muito que, um pouco por todo o mundo e também em Portugal, se ouve falar de património técnico, de património industrial e, até, de património mineiro e geológico. Nasceram sociedades, associações, organismos oficiais, criaram-se Arquivos, Centros de Estudo e Museus. Existe hoje por toda a parte, e particularmente na Europa e nas Américas, um público fiel que percorre centenas e milhares de quilómetros em demanda de vestígios da civilização industrial, que visita museus e sítios ligados à pré-industrialização, à indústria e especialmente à mineração das diversas idades históricas.

Como todos aqui sabemos, naqueles lugares em que uma só actividade foi durante muito tempo o sustentáculo único da economia, logo que essa actividade entra em colapso, ficam espaços degradados e sem perspectivas imediatas de recuperação e de regeneração. No caso da actividade mineira essa degradação é não só económica e social, como ambiental, em virtude da própria actividade das minas.

Paralelamente, ficam inúmeros vestígios, quer patrimoniais, no sentido estrito (vestígios materiais) quer espirituais - cultura, saberes técnicos e empíricos, memórias, laços, emoções...

Todos estes valores: bens móveis e imóveis e bens espirituais constituem, afinal, as raízes em que entronca a identidade das comunidades em que assentou durante décadas, centenas de anos, às vezes, milénios, a exploração mineira.

Já no nosso século, demo-nos conta de que a Museologia aliada ao turismo poderia, em muitos casos, ser a porta que se abre para a regeneração económica, social e ambiental das minas abandonadas.

## II - Recuperar e Musealisar as Minas Abandonadas

Ainda que o interesse pelo património industrial e geo-mineiro seja recente, os trabalhos são já muitos: prospecção, investigações variadas, arqueologia propriamente dita e, sobretudo, de inventário. Estes últimos trabalhos, os de inventário, consideramo-los muito importantes já que não se pode defender aquilo que se não conhece.

Contudo, quase podemos dizer que só agora começamos a mostrar aos portugueses e aos estrangeiros interessados que nos procuram o património industrial português. Há pouco tempo que começamos a recuperar, a reabilitar e a reutilizar o património industrial da primeira fase da industrialização portuguesa. Começam a aparecer um pouco por todo o país alguns projectos de musealização ou de reutilização por outras formas, de algumas unidades fabris antigas. Mas creio que nesta vaga de interesse pela protecção e a conservação do património industrial é justo salientar pela dinâmica, pelo número e pelas potencialidades que têm, um sector - o sector mineiro. Portugal, já o sabemos é um território pequeno. Mas tem (teve), apesar da pequenez, uma imensa variedade de minas e de explorações mineiras: o ouro e prata, o ferro, o carvão, o volfrâmio, as rochas ornamentais, as águas até o urânio, têm sido explorados no subsolo do país. E também as pirites de que hoje nos ocupamos aqui.

Há, no entanto, que salientar que, se as minas são muitas, os filões, em geral, são pequenos. É por isso que as nossas minas estão hoje quase todas fechadas. Nas últimas décadas encerraram várias dezenas de explorações.

Por outro lado, há que dizer também, que a nossa exploração mineira é antiga, o que enriquece o património cultural ligado à mineração. Sobretudo no Sul do país há imensos vestígios de povoados do Calcolítico em que houve mineração e metalurgia.

Sabe-se igualmente que os povos do Mediterrâneo vieram à Península Ibérica entre outras coisas, em busca de minerais metálicos. Os Egípcios (o que até há pouco tempo era desconhecido) parece que vieram aqui buscar cobre; os fenícios, os gregos, e, sobretudo, os romanos que por cá se instalaram e exploraram intensivamente, e também os árabes, todos eles procuraram os recursos minerais da Ibéria.

As minas da **Faixa Piritosa Ibérica**, de que hoje nos ocupamos, quase todas conheceram mineração romana e, muitas delas, fenícia, se bem que nalguns casos sejam insuficientes as prospecções e as escavações arqueológicas que comprovem a tradição. Nalgumas delas esses trabalhos arqueológicos foram feitos e foi recolhido abundante espólio arqueológico, que está guardado em vários museus locais, regionais e até, e sobretudo, nacionais.

Como sabemos, durante a Idade Média quase não houve safra mineira no território português, já que as condições materiais de produção o não permitiram. Foi preciso esperar pela nossa tardia industrialização, pela Regeneração, para recomeçar as actividades mineiras. Nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado, assistiu-se a uma verdadeira febre mineira. Febre de prospecção. E, de facto, descobriram-se ou redescobriram-se centenas de coutos mineiros em todo o país.

Essas minas foram exploradas intensivamente durante períodos variáveis que chegaram até aos 100 anos e estão hoje quase todas encerradas, porque os filões de minério se esgotaram ou a sua exploração comporta investimentos em tecnologia que são proibitivos, ou ainda, porque os mercados mundiais estão sobreabastecidos dos derivados das pirites e os preços são instáveis.

Como atrás dissemos, quando uma única actividade suporta o desenvolvimento económico numa região, se ela termina ficam invariavelmente problemas sociais muito graves. Foi o que aconteceu em toda a região mineira portuguesa conhecida como Faixa Piritosa Ibérica. Esta faixa situa-se nas províncias do Alentejo, no Sul do país.

Ora, além da mineração, o Alentejo é uma zona essencialmente rural onde há mais de um século se pratica a monocultura cerealífera em grandes latifúndios. Tal situação impede a regeneração do tecido social e da recuperação económica nas zonas onde a mineração se extinguiu.

Infelizmente não foram só problemas sociais que resultaram no encerramento das minas da Faixa Piritosa Ibérica. São também os problemas ambientais. Um pouco por toda a parte há escombreiras e lagoas de águas ácidas. E quando vem o inverno a chuva arrasta para as ribeiras e para os rios essas águas ácidas o que, a curto prazo, pode causar sérios problemas ambientais.

Na parte portuguesa era constituída por dezenas de minas que, como disse, estão hoje quase todas fechadas. E repito, ficaram, com o encerramento, problemas muito sérios: problemas sociais - desemprego de milhares de trabalhadores, degradação social; imigração, droga; e problemas ambientais que são igualmente sérios.

Há, então, que encarar o problema. Há que resolver os problemas de degradação social e de degradação ambiental.

Todos sabemos que a região não pode, por si só, criar mais postos de trabalho. Exceptuados os recursos minerais, estamos, como vimos, numa região agrícola pobre e seca.

Ora, no seguimento de investigações sobre o património cultural, mais especificamente industrial, mais precisamente mineiro, demo-nos conta que há em toda esta região potencialidades que até hoje nunca foram exploradas. Referino-nos às potencialidades turísticas, nomeadamente do turismo rural e, sobretudo, do turismo cultural que, nos nossos dias, começam a ter peso e a inverter os fluxos turísticos.

Com efeito, no Alentejo temos paisagens muito bonitas e diferentes, que agradam aos públicos potenciais desse tipo de turismo; existem boas acessibilidades rodoviárias; há um considerável património histórico, artístico e etnográfico; há um património industrial/mineiro extremamente interessante capaz de exercer enorme atracção junto de vários segmentos de público; há, ainda (e apenas durante algum tempo) um “centro de memória” operária vivo, que são os antigos mineiros e, também, os técnicos das minas que detêm todo um saber e um saber-fazer que fascinam aqueles que são estranhos a este mundo mineiro.

Trata-se, então, de pôr estas enormes potencialidades ao serviço do desenvolvimento local e de reinserção social. Sabemos todos como a tarefa é complexa. Mas é realizável.

Trata-se de combinar os valores patrimoniais existentes (na acepção mais alargada do termo) com o desenvolvimento; trata-se de aliar a experiência e os saberes locais com os recursos exógenos - as associações, as sociedades científicas, as universidades, as autarquias que têm aqui um papel muito importante a cumprir - e pôr estas alianças ao serviço do desenvolvimento.

E entendamo-nos, desde já, sobre o conceito de desenvolvimento, que propomos; não se trata apenas do crescimento económico (que é urgente, evidentemente), mas antes do desenvolvimento integral e sustentável, que implica, igualmente, a satisfação das necessidades como o reforço identitário a produção cultural, (e não apenas o aumento do consumo) a conquista de níveis satisfatórios de bem estar pessoal e social.

Nos nossos dias, na Europa e também em Portugal, está a desenvolver-se o chamado turismo cultural, que é, freqüentemente, um turismo temático.

Há, então que aproveitar esta maré e construir "rotas de turismo cultural/mineiro" (neste caso), capazes de responder a um tempo às expectativas, que são enormes, de diferentes públicos - profissionais, escolares e universitários, público indiferenciado - e de contribuir de modo decisivo para o desenvolvimento local, valorizando as memórias e a identidade social; reabilitando e reutilizando o património; criando emprego através de microempresas de artesanato, de novas instalações turísticas, de restauração, de pequenas unidades hoteleiras, de museus ..., desenvolvendo também, a investigação científica, seja na área do património industrial, da etnografia ou da história local.

Há muito pouco tempo, o Prof. Octávio Puche Riarte publicou um interessantíssimo artigo sobre a museologia mineira na Europa<sup>1</sup>. Em mais de 500 coutos mineiros musealizados no nosso continente não constava uma única experiência portuguesa. Está, pois, na hora de inscrevermos o nosso país no mapa europeu da museologia mineira. (mesmo que não houvesse outras razões porque isso representa milhares de turistas especializados por ano).

Ora, sabemos que na chamada Faixa Piritosa Ibérica (na parte portuguesa) existem várias minas encerradas. E sabemos, igualmente, que para algumas delas existem já projectos museológicos elaborados e, alguns, já em curso.

E, felizmente, todos esses projectos contemplam aspectos que ultrapassam a simples musealização dos objectos, isto é, têm em conta a necessidade de dar resposta às problemáticas sociais e ambientais que se colocam no terreno.

Aquilo que aqui venho propor é uma articulação concreta desses vários projectos museológicos existentes, de modo a criar uma rede, não metafórica nem virtual, como está hoje na moda, mas antes uma rede tecida com os fios da realidade, de museus mineiros da Faixa Piritosa Ibérica.

Não obstante o valor patrimonial de cada uma das minas, provavelmente, não haveria turista que se deslocasse para ver umas ruínas e regressasse ao ponto de origem. Mas, certamente que há gente interessada em percorrer uma rota que lhe dê conta de uma realidade, geológica e mineira, que a informe de um património histórico e artístico interessantes, que lhe proporcione atracções etnográficas e gastronómicas ricas e únicas, que a possa alojar e divertir.

É isso que propomos com a constituição do Ecomuseu da Faixa Piritosa Ibérica (sabendo que o turista mais interessado pode atravessar a fronteira e continuar a desfrutar do mesmo património no Parque Mineiro de Rio Tinto e noutros que, sem dúvida, se lhe seguirão na parte espanhola da Faixa Piritosa Ibérica.

Teríamos deste modo, talvez, o primeiro ecomuseu internacional e transfronteiriço.

### III. Dar um Futuro ao Passado

Creemos que nos irmana a todos a idéia de que a dinâmica ecomuseal pode ser, como já afirmamos, uma porta que se abre para as minas abandonadas. Mas não basta a vontade de criar ecomuseus mineiros.

Há todo um trabalho prévio que ainda não fizemos.

- 1) Antes de mais há que inventariar e estudar as minas antigas e abandonadas e, também, aquelas que ainda estão em laboração e que já têm património desactivado. Sensibilizar para que esse património não se perca e se não degrade;
- 2) Há que pressionar os organismos oficiais, as associações, as universidades e aqueles que de alguma forma se interessam pelo património geológico e mineiro para a necessidade urgentíssima de se fazer um inventário do património geo-mineiro do país;
- 3) É ainda tempo, mas o tempo urge, de recolher as memórias daqueles que estiveram ligados à mineração: mineiros, pessoal de superfície, técnicos, engenheiros e empresários. Só com essa recolha de fontes e com o seu cotejo poderemos aproximar-nos de uma história mais segura das minas e da mineração nas últimas décadas;
- 4) Tal como apontamos no ponto 2) a respeito da inventariação do património geo-mineiro, há que juntar todos os esforços e proceder com urgência à recolha de documentação ainda existente referente às minas abandonadas: arquivos empresariais, arquivos sindicais, documentos oficiais, legislação, etc.
- 5) Na promoção de museus mineiros há que proceder a uma análise séria dos problemas de cada comunidade e de cada região, estudar as potencialidades e a viabilidade de cada projecto, reconhecer que não só os factores endógenos são relevantes, mas que acessibilidades pouco favoráveis, uma deficiente ou inexistente sinalética, a ausência de um “marketing” adequado, a concorrência de projectos similares no mesmo espaço de influência, podem inviabilizar qualquer projecto museológico;
- 6) Pelas razões acima enunciadas há que planear, desde já, o ecomuseu mineiro que queremos e podemos fazer ao nosso país. Não vá o excesso matar a “galinha dos ovos de ouro”.
- 7) Podemos recuperar algum tempo perdido trocando experiências, estudando, estabelecendo parcerias com os museus semelhantes existentes na Europa e nas Américas.

O trabalho já efectuado com as comunidades e as autarquias locais deixa antever que se vão cumprir na Faixa Piritosa Ibérica os pressupostos definidos por Georges Henri Riviére para o ecomuseu. De facto, o Ecomuseu da Faixa Piritosa do Alentejo será um **espelho** onde a população se pode olhar e reconhecer, bem como explicar o território no qual ela vive e trabalha há várias gerações; será uma **expressão do homem e da natureza**, onde o homem está interpretado no seu meio natural e a natureza modificada por ele; será uma **expressão do tempo** “com uma abertura ao tempo de amanhã em que o ecomuseu desempenhe um papel de informação e de análise crítica”; será uma **interpretação do espaço** no espaço; será um **laboratório** onde continuarão a fazer-se os estudos históricos e contemporâneos desta população e do seu meio; será um **conservatório** na medida em que se vai preservar e valorizar o património natural e cultural desta população; e será, finalmente, uma **escola** já que é obra da população e associa esta população às acções de estudo e protecção do património.



(1) PUCHE RIART, Octávio e MARTINEZ, Mazadiago, L. F. (1998) - "La Conservación del Patrimonio Minero Metalurgico Europeo: Inventario Actuaciones de Conservación, Archivos e Museos", In *Boletín Geológico y Minero*, vol. 109, nº 1, Madrid, Jan. - Fev. I. T. Geo minero de España.

(A comunicação é acompanhada de um conjunto de diapositivos e documentos cartográficos que atestam o património cultural dos coutos mineiros).

Da **Caveira**. A tradição e alguns achados arqueológicos atribuem-lhe mineração romana (e até fenícia). Nos nossos dias conheceu exploração entre os finais do séc. XIX e os anos 40 do nosso século.

Do **Lousal**. Nas imediações existem vestígios metalúrgicos do calcolítico. A descoberta da mina foi em 1882, sendo a exploração sistemática dos inícios do séc. XX. A mina foi encerrada em 31 de maio de 1988. Está em curso um projecto de musealização da responsabilidade da APAI.

De **Aljustrel**. Existem abundantes vestígios do calcolítico e da mineração romana. Esporadicamente a mina foi explorada em várias épocas, mas só na 2ª metade do séc. XIX, recomeçaram os trabalhos de safra sistemática. A mina encerrou há quatro anos, embora haja alguns troços em exploração e, sobretudo, com trabalhos de manutenção. Foi elaborado um projecto de musealização (encomendado pelo instituto Geológico e Mineiro) que não está em execução.

De **Castro verde**. Trata-se do maior filão pirítico da Europa em exploração. Há nas cercanias abundantes vestígios de mineração, desde o calcolítico e com particular incidência da presença romana. A empresa tem um núcleo museológico dedicado à arqueologia.

De **S. Domingos**. Houve aqui mineração fenícia e romana. A mina foi igualmente explorada ao longo de várias épocas sem carácter sistemático. Só na 2ª metade do séc. XIX recomeçaram os trabalhos intensivos que se prolongaram até 1966. Existe um projecto museológico da responsabilidade do Campo Arqueológico de Mértola.

De **Aparis**. A exploração data de finais do século XIX tendo a mina encerrado em 1975. Serve actualmente de depósito de materiais do Instituto Geológico e Mineiro.



# **Documentos de Base (IX ICOFOM LAM)**

# INTERVENÇÕES URBANAS: O GRAFITE COMO OBJETO MUSEOLÓGICO

*Marize Souza Chicanel\* - Escola de Museologia - UNIRIO - Brasil -RJ*

---

## INTRODUÇÃO

*Desde a pré-história, o homem come, fala, dança e graffita.  
(Villaça apud Gitahy, 1999, p.11)*

As formas de ocupação/moradia, instalação e apropriação ou uso dos espaços em qualquer tipo de sociedade, dá “singularidade” e dota de força ativa o grupo ou uma cultura”. (Sodré, 1988, p.13,16)

O homem se manifesta culturalmente através da dança, da música, da fala, do gestual expressando suas vontades, seus sentimentos, se comunicando. Essas formas de manifestação proporcionam a integração entre o indivíduo, seu grupo e seu ambiente.

Dentre as manifestações de interação destacamos as intervenções realizadas no ambiente. Com essas intervenções o indivíduo ou o grupo representa, consolida, recupera e demarca. Monumentos são construídos com o objetivo de recuperar a história, reafirmar a identidade e consolidar o novo, um novo período, uma nova era. Outras intervenções representam o cotidiano, a vida. Existem também intervenções que destroem ou modificam aquelas já existentes para também marcar um novo período, mas estabelecendo uma nova ordem, um novo poder em vigor.

A mais antiga das intervenções, como afirmam muitos autores, são as inscrições ou grafites. As inscrições vem acompanhando a trajetória do homem em toda a sua história. O homem da pré-história já se expressava, representando simbolicamente, nas cavernas, seu cotidiano. Estas inscrições são mais conhecidas como arte rupestre. Na cidade de Pompéia foram encontrados grafites e alguns deles foram estudados e comentados por Funari, que verificou que eles foram realizados pela camada mais baixa da sociedade pompeiana que por ele foi denominado como “o povo sem nome”. Este “povo sem nome” se expressava por meio de rabiscos em túmulos, portas, paredes e outros suportes. Um dos grafites encontrados em um túmulo apresentava características que apontavam que o autor da “obra” tinha o intuito de insultar o morto. Outras encontradas em espaços, já citados acima, apresentavam poemas, apoio a políticos, injúrias, marcação de propriedade e até conversas. (Funari, 1997, <http://www.ceveh.com.br/biblioteca/artigos>, p.1-6)

Podemos encontrar também inscrições nos túmulos egípcios, conhecidas como Arte Mural ou Muralismo. Estes murais além de apresentarem desenhos contavam histórias. E esta arte chegou ao século XX, consagrando-se com os artistas mexicanos que se utilizaram desta linguagem para passar idéias, opiniões, relatando períodos históricos. Um dos artistas desse período, David Alfaro Siqueiros, desejava uma arte que “falasse as multidões”:

*Pintaremos os muros das ruas e das paredes dos edifícios públicos,  
dos sindicatos, de todos os cantos onde se reúne gente que trabalha.  
(Siqueira apud Gitahy, 1999, p.15)*

Com essa noção de democratização do muralismo e a inovação da art pop, abre-se a porta para o grafite contemporâneo. Este novo grafite mantém muitas das características existentes nas inscrições da antiguidade: é uma expressão individual e/ou grupal; representa uma cultura; utiliza-se dos espaços públicos - muros, construções e monumentos; ao mesmo tempo adaptou-se à pós-modernidade e adotou produtos industrializados - tinta *spray*, tinta látex - e não mais matéria-prima oriunda da natureza; passou a utilizar novos espaços: tapumes de obras, viadutos, trens, metrô – elementos pertencentes a cidade urbana; trabalha com a circulação da informação.

## O GRAFITE E O MOVIMENTO HIP HOP

O grafite, termo originário do italiano - *graffito* – significa, segundo Gitahy:

*“inscrição ou desenhos de épocas antigas, toscamente riscados a ponta ou a carvão, em rochas, paredes etc. Graffiti é o plural de graffito. No singular, é usada para significar a técnica (pedaço de pintura no muro em claro e escuro). No plural, refere-se aos desenhos (os graffiti do Palácio de Pisa)” (1999, p,13).*

Enquanto arte, o grafite vem sendo realizado desde a década de 50, mas só alcançou seu auge através de sua inserção na mídia na década de 80. Essa trajetória Gitahy (1999, p.28-29) divide em quatro fases:

- Primeira fase – consistia em carimbar o próprio nome em grande escala por toda a cidade e em qualquer espaço com o objetivo de “chamar a atenção para si mesmo, ou seja, sair do anonimato”;
- Segunda Fase – “surge a competição pelo espaço”. Os grafiteiros passam a se utilizar de pseudônimos e a modificar a letra, tornando-as mais chamativas, trazendo a atenção para si;
- Terceira Fase – aparecem os grafites nos topos dos edifícios. Quanto maior o desafio, mais valorizado é seu grafite. Nesse período também começam os “ataques” aos monumentos públicos;
- Quarta Fase – é o auge do grafite, onde com o “apoio” da imprensa, esta divulga os “feitos” dos grafiteiros: “Aparecer, acontecer, desafiar as autoridades ou realizar obras inusitadas passou a ser ordem do dia”.

Os artistas envolvidos nesta arte, via de regra fazem parte de movimentos. É um dos movimentos da atualidade que se utilizam de expressões como o grafite, é o movimento *hip hop*.

Este movimento surgiu nos anos 70 nos Estados Unidos, especificamente nos subúrbios de Nova York, onde *disck-jockeys* mixavam músicas de *soul* e *funk* e convidavam cantores para “deitar falação”, ou seja, cantar suas poesias sobre bases mixadas. Deste processo surge a música *rap – rhythm and poetry* - e a dança *break*, e com a inclusão do *graffiti* – grafia utilizada pelos *hoppers* – iniciou-se o movimento *hip hop*.

No Brasil este movimento vem se manifestando em várias cidades, e no Rio de Janeiro encontrou espaço nas camadas mais baixas da população, principalmente nas favelas, onde o *hip hop* tornou-se um ótimo instrumento de socialização e de afirmação de identidade dos jovens dessas comunidades. O *graffiti* é ensinado assim como a dança *break* e a música *rap*, com o intuito de – segundos alguns - tirar os jovens da criminalidade e das drogas.

O *hip hop* muitas vezes é confundido com o *funk*, uma outra manifestação também espelhada em um movimento dos Estados Unidos e que englobam jovens das camadas mais baixas. Mas essa “semelhança” é contestada pelos *hoppers* pois eles afirmam que as músicas do *funk* são “melodicamente pobres e de conteúdo leve. Isto é, para eles o *funk* não contribuiria para a ‘conscientização’ da condição social ou racial dos jovens pobres e favelados”. (Herchmann, 1997, p.75)

Com a conscientização do seu papel na sociedade o grafiteiro sai as ruas para interagir com seu meio e dele participar, registrando sua presença, suas idéias e opiniões. É neste processo que o grafiteiro transforma, através da sua linguagem, os espaços públicos em espaços de circulação e suas próprias expressões em espaços também informacionais.

*A descoberta da cidade é a de um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os microestímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham". (Moles apud Pesavento, 1995, p.288)*

O *graffiti* realizado pelos *hoppers* – denominação dada aos integrantes do movimento *hip hop* – “são desenhos coloridos e densos”, bem diferente dos grafites encontrados no topo dos edifícios, mais conhecidos como pichação. E é na tentativa de afirmar essa diferença, entre o *graffiti* e a pichação, que os *hoppers* modificam a grafia, tornando as letras “gordinhas”. Existe ainda a presença de figuras ilustrativas como dançarinos, *disck-jockeys* e outras ilustrações do mundo *hip hop*, que transformam os *graffitis* em uma imagem multicolorida.

Os grafiteiros utilizam-se de muros, chão, paredes e outros espaços públicos para se expressar, demarcar território e informar, mas com objetivos específicos distintos. Uns grafitam o espaço para delimitar seu território. Outros para marcar presença em determinado espaço ou afirmando sua identidade. Outros grafitam, intencionalmente, para informar.

O conjunto dessas expressões representam a manifestação cultural de um segmento social da cidade do Rio de Janeiro, sendo assim é possível a interação entre a Museologia e o grafite, já que esta procura trabalhar a relação do homem com seu meio e principalmente o que procura a Nova Museologia. Realizando seu trabalho de preservação, recuperação e de inserção do novo.

Com a aplicação desse objetivo, a Museologia pode realizar seu trabalho de preservar, recuperar, pesquisar, informar e proporcionar a interação da comunidade com o novo, com o seu próprio produto. Com isso os grupos que interagem com o grafite - mas sem o conhecimento de seu objetivo, fazendo com que ele seja visto como algo marginalizado - possam a vir conhecer sua essência e compreendê-lo, não como um ato de vandalismo, mas como uma manifestação cultural e até artística.

## **O GRAFFITI ENQUANTO OBJETO MUSEOLÓGICO**

A Museologia ao trabalhar com o *graffiti*, transforma-o em objeto museológico que, segundo Loureiro, ao ser

*“(...) reunido a um acervo museológico, é submetido a transformações, advindas de processos teóricos e técnicos, os quais lhe atribuem usos e características específicas. Desse modo, separado de seu ambiente original e inserido em um acervo, o objeto museológico sofre um processo de anexação de novas referências e significados. (1998, p.48)*

E como transformar o *graffiti* em um objeto museológico sem que ele perca se referencial e significado? Isso será possível se considerarmos a cidade, nesse caso a cidade do Rio de Janeiro, como um museu.

A Museologia desde 1986 vem aplicando uma nova proposta que engloba a visão da cidade urbana enquanto um espaço museológico, é o Museu Aberto. Mas essa proposta trabalha apenas uma das manifestações culturais que ocorrem na cidade, a artística. O museu procura despertar reflexões acerca da arte contemporânea e a cidade.

Segundo Argan o fenômeno urbano é considerado como um “acúmulo de bens culturais. (Argan apud Pesavento, 1995, p.281), sendo assim podemos considerar que tudo o que a cidade comporta, é um bem cultural: seus habitantes, suas ruas, edificações e as manifestações culturais geradas por ela e nela, entre outros. Sendo assim a proposta do Museu Aberto é válida, no sentido de que já apresenta uma preocupação em se trabalhar a cidade urbana como um núcleo gerador e mantenedor de bens culturais.

O *graffiti*, por ser um dos representantes de uma dessas manifestações – o movimento *hip hop* - pode ser visto como um bem cultural, sendo assim um elemento portador de um testemunho, um “objeto-documento”. Segundo Lima, ao categorizarmos um objeto como bem cultural, estamos atribuindo-lhe um valor, caracterizando-o como um

*“(...) elemento possuidor de caráter diferencial, que o distingue tornando-o ‘especial’ e em posição de destaque perante os demais objetos da sua natureza. O que lhe dá sentido de ‘excepcionalidade’.*  
(1997, p.4)

Mas se o grafite enquanto bem cultural encontra-se em seu contexto, “convivendo” com “os demais de sua natureza” – entendendo estes enquanto produtos gerados pela cidade – esse “destaque” não se torna real, pois cada um possui seu valor individual, valores que são interligados uns com os outros, formando um conjunto de bens culturais que separados perdem suas características, significados e testemunho.

### **A CIDADE E O MOVIMENTO HIP HOP: UMA MANIFESTAÇÃO DA PÓS-MODERNIDADE**

Para melhor trabalhar a relação entre a cidade, suas manifestações e os bens gerados por elas se faz necessário entender movimentos como o *hip hop*, como manifestações da pós-modernidade. Um movimento juvenil que manifesta-se buscando a pluralidade, a transterritorialidade e utilizando-se de várias linguagens comunicacionais para isso. Eles se utilizam de

*(...) mecanismos de apropriação, rejeição, elaboração de significados e valores, não numa sociedade sincrônica, que guarda uma relação direta e acumulativa com a tradição, mas naquela onde os sujeitos elaboram representações e executam suas práticas através de dispositivos informacionais reinterpretados a partir das suas experiências, onde estão presentes os antagonismos e a pluralidade.*  
(Marteleteo, s/d, p.23)

\* UNIRIO - Estudante de Museologia

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DECLARAÇÃO de Quebec.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Aspectos da Cultura Popular Antiga*: apresentação, tradução e discussão de alguns grafites pompeianos. [On line] Disponível na Internet via <http://www.ceveh.com.br/biblioteca/artigos/franca97.htm>. Arquivo capturado em 18 de fevereiro de 2000.

GITAHY, Celso. *O que é Graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Primeiros Passos, 312)

HERSCHMANN, Micael (Org.). *Abalando os anos 90: funk e hip hop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LIMA, Diana Farjalla Correia. *Memória Social e Instituição Museu*: reflexões acerca da herança cultural (realmente)interpretada. Conferência Museology and Memory, ICOFOM, França, 19-29 jun. 1997.

LOUREIRO, José Mauro M. *Labirinto de paradoxos: informação, museu e alienação*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Ciência da informação) CNPq/IBICT-UFRJ/ECO.

\_\_\_\_\_. Informação, hegemonia e socialização da Informação: bases conceituais para um estudo acerca da representação nos museus científicos. *Informare*, Rio de Janeiro, v.4, n.2, jul./dez. 1998.

MARTELETO, Regina Maria. *Cultura da Modernidade: discursos e práticas informacionais*. Mimeo,s/d.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.18. n.16, 1995.

## MUSÉOLOGIE ET DÉVELOPPEMENT SOUTENABLE

*Heloisa Helena F. G. da Costa\* - Université Fédérale de Bahia - Brésil - BA*

---

La question du développement social est très présente dans la société contemporaine, car depuis le milieu des années soixante-dix, moment où la crise structurelle du capitalisme s'est manifestée de façon approfondie, l'incertitude face au projet moderne de développement social s'est intensifiée. Les institutions responsables de la préservation du patrimoine se sont engagées dans des réformes de toutes sortes et des réorganisations pour faire face tant aux transformations de l'espace sociopolitique, qu'au paradigme du changement qualitatif de la société.

Les espaces géopolitiques de la société contemporaine se sont de plus en plus fragmentés et les valeurs, jusqu'alors stables des institutions comme la Famille, l'Église, l'École et l'État, ont été ébranlées. Le discours néolibéral qui s'est développé au cours des dernières décennies a affaibli les références identitaires nationales. Ce contexte contemporain de mondialisation a placé les nations et les acteurs sociaux devant le phénomène du «village global» à la fois très vaste et privé de significations. Aussi, devons-nous nous demander comment ces changements d'ordre politique, économique et social transforment la relation entre les acteurs sociaux et le processus de conservation du patrimoine culturel et le mettent au service du développement social. Quel sera le rôle de la culture, de l'héritage des hommes dans la société en devenir?

Selon le Rapport de la Commission mondiale de la culture et du développement de l'UNESCO (1996), la présente génération a hérité des valeurs culturelles qui peuvent être comprises à travers des ressources matérielles, comme les collections des musées entre autres, ou immatérielles, comme la musique, les chansons, les légendes, les croyances, etc. Ces ressources incarnent la mémoire collective et confortent, dans l'actuel contexte d'incertitude, le sentiment d'identité et d'appartenance communautaire. Mais ces ressources ne sont pas abondantes, elles sont rares et spécifiques aux communautés, en plus d'appartenir à des périodes spécifiques de l'histoire humaine.

À partir de cette prise de conscience dont l'objectif est la sauvegarde et l'utilisation sociale et humaine du patrimoine mondial, un mouvement mondial de coopération culturelle a exprimé la solidarité entre les peuples. L'intérêt pour la préservation du patrimoine s'est manifesté surtout envers les monuments et les sites historiques auquel s'ajoute aussi un intérêt pour la construction et la fréquentation des musées, gardiens d'une partie du patrimoine. Ce sont les biens matériels qui bénéficient le plus de l'idée de préservation du patrimoine, alors que le patrimoine intangible a tendance à disparaître et à être oublié dans le monde industrialisé de cette fin de siècle.

Il s'agit d'une tendance pour le moins curieuse, car le patrimoine, issu du sentiment d'appartenance et du potentiel créatif des peuples, amène souvent la société à créer du patrimoine matériel. Par exemple, au nord du Brésil, une légende très ancienne sur la fertilité féminine qui, pour expliquer les grossesses en dehors du mariage - les femmes qui touchent un poisson de très grande taille, appelé boto, se retrouvent enceintes -, a donné lieu à la création d'une multitude de représentations matérielles. Quoique le poisson qui a donné naissance à cette légende soit en voie d'extinction tout comme la légende elle-même, l'industrie continue à produire des objets qui le représentent et dont la signification se perd de plus en plus. Le patrimoine intangible - qu'il soit banal, quotidien et profane, ou sophistiqué, rare et sacré - issu de l'univers symbolique de chaque société est ainsi une source d'inspiration et de création du patrimoine matériel. Pour cette raison, il se doit d'être préservé.

Des analyses récentes des nouvelles stratégies de gestion du patrimoine ont montré qu'il s'agissait plutôt de conserver, d'une part le patrimoine bâti et le patrimoine naturel et, d'autre part les symboles matériels de la culture dans les musées ou à l'extérieur de ces institutions, soit par les expériences écomuséales de sauvegarde d'un territoire, soit par l'enregistrement de toutes les expressions du patrimoine immatériel. Cependant, le patrimoine immatériel a été envisagé comme folklorique et nostalgique, faisant partie de la culture populaire par opposition à



la culture considérée savante, érudite du fait qu'il a été jugé inférieur par rapport au patrimoine historique, de même que les bâtiments et les documents écrits. Or, le patrimoine immatériel qui ne se limite pas à la littérature ou aux traditions orales, qui est aussi composé d'une multiplicité de savoir-faire et de créations collectives, n'a été pris en compte que récemment. Étant donné que chaque type de patrimoine est protégé de façon différente selon sa nature spécifique, il n'est pas surprenant de constater que leur étude est compartimentée et différenciée. Chacun a généré une ou des démarches spécifiques de préservation, que ce soit dans le domaine des techniques de conservation ou dans l'aspect éducatif.

Dans leur grande majorité, les études issues de la pensée préservationniste contemporaine, c'est-à-dire celles des chercheurs du Conseil international des musées (ICOM), du Conseil international des monuments et des sites (ICOMOS), du Centre international d'études sur la conservation et la restauration des biens culturels (ICCROM), proposent une nouvelle définition du patrimoine qui accorde la même importance aux trois catégories de patrimoine: le patrimoine bâti, naturel et immatériel. Cette définition constitue davantage un changement d'optique puisqu'avant on privilégiait le patrimoine bâti et les objets provenant de l'élite des sociétés. Trop souvent également, les études patrimoniales ont mis l'emphase sur la valeur du patrimoine naturel, ce qui a débouché sur le paradigme de l'écodéveloppement. De fait, le patrimoine mondial tel que conçu par l'UNESCO ne distingue pas la dimension culturelle de la dimension naturelle du patrimoine.

La Déclaration de Caracas, en 1992, formulée à la suite d'une réunion d'experts de la muséologie, de l'éducation et de la communication du Conseil international des musées (ICOM) et de la Oficina regional de Cultura para a América Latina e o Caribe (ORCALC), a réaffirmé que le «patrimoine culturel d'une nation, d'une région ou d'une communauté est composé de toutes les expressions matérielles et spirituelles le constituant, incluant l'environnement naturel» (Araújo et Bruno, 1992, p. 41). Depuis, de nombreux pays ont tenu des séminaires, des colloques et des congrès régionaux et internationaux pour débattre des futures politiques culturelles.

À l'heure où la reconnaissance du patrimoine est un des traits prépondérants de l'image culturelle, il est nécessaire de faire prendre conscience à la population de l'importance de préserver le patrimoine commun à tous. La compréhension et la valorisation des racines de chaque communauté ne sauraient que favoriser une meilleure intégration de la société civile. Les citoyens pourront s'impliquer dans la qualité de vie, pour reconstituer le lien social. En effet, selon Ivan Karpp,

Sociologists, anthropologists, and observers of society from the time of Alexis de Tocqueville, Karl Marx, and Max Weber to the present have argued that the strength and resilience of a social order resides in the capacity of civil society to aid in shaping the direction of change [...] As integral parts of civil society, museums often justify their existence on the grounds that they play a major role in expressing, understanding, developing, and preserving the objects, values, and knowledge that civil society values and on which it depends. (Karpp, 1992, p. 5)

Nous analysons les notions de patrimoine historico-culturel et de musée par le biais d'une approche interdisciplinaire et holiste afin de cerner leur contribution au développement social. En adoptant cette approche, nous nous sommes inspirés de l'épistémologie constructiviste pour l'appliquer à la question de la fonction sociale des musées et du patrimoine, parce qu'elle reconnaît l'importance et le pouvoir structurant des interactions sociales dans le processus d'apprentissage, d'élaboration de la connaissance et de la mémoire. George Hein affirme à cet effet que:

Le constructivisme est une théorie de l'éducation basée sur le postulat suivant: tout apprentissage implique une activité du cerveau qui conduit à la connaissance. Il explique le phénomène bien connu du visiteur qui, dans un musée ou un programme muséal, établit ses significations propres. Un musée constructiviste doit offrir des expositions qui permettent au visiteur d'effectuer des rapprochements qui lui sont familiers, qui l'incitent à une exploration active, l'amènent à mettre en question ses croyances, et oeuvrent pour un progrès social. (Hein, 1996, p. 13)

Selon Gabriel Gagnon et Luc Martin (1973), le Rapport Castonguay (1968) soutenait que le développement social permet à l'homme de tendre au plein épanouissement de lui-même au plan individuel d'abord, puis au plan familial (pérennité de l'espèce) et finalement au plan

social (rapports avec ses semblables). Nous parlons alors d'une démocratisation du patrimoine où les simples citoyens, autant que les spécialistes, manifestent leur engagement sur la place publique à partir de l'usage sociopédagogique du patrimoine, car l'être humain a besoin de s'enraciner dans des valeurs culturelles pour acquérir une appartenance réelle à un ou plusieurs milieux. À ce sujet, Lacroix (1995) soutient que la consommation et les pratiques culturelles sont intrinsèquement liées à la représentation de l'individualité et de l'appartenance à une ou à différentes collectivités. L'individu, le consommateur culturel, s'approprie la culture partagée dans la vie quotidienne et, ce faisant, la transforme et se transforme aussi.

Par ailleurs, les tendances de la muséologie contemporaine conduisent les chercheurs et les praticiens à s'intéresser, à la fois à travers l'observation et l'action, à l'appropriation et à la transformation de la culture partagée dans la vie quotidienne. Le mouvement pour une nouvelle muséologie, conçu dans les années quatre-vingt, et s'étant développé en synchronie avec les mouvements étudiants, sociaux et environnementaux, considère la mémoire collective comme le vrai patrimoine, tout en encourageant les individus à s'engager dans une démarche communautaire pour mieux comprendre le patrimoine et conséquemment, le préserver.

À l'aube du 21<sup>e</sup> siècle, la notion de réseau se répand. Un réseau, au sens de la physique, peut être considéré comme un ensemble de connecteurs disposés entre deux points ou comme un ensemble d'éléments passifs ou actifs interconnectés, formant des mailles et des noeuds. Cette notion de réseau peut s'appliquer à tout autre domaine d'étude où un ensemble de processeurs interconnectés forment une base de connaissance. Les réseaux ont donc une portée coopérative qui, comme des ponts, éliminent les frontières entre des points, voire entre des extrêmes. Lorsqu'on utilise le patrimoine comme point de référence pour créer des réseaux non cristallisés entre les individus et la société, on établit par des critères coopératifs et démocratiques, des interactions sociales entre les divers acteurs de façon ouverte et pluriculturelle.

Néanmoins, la protection du patrimoine pratiquée jusqu'à présent s'est surtout penchée sur la manière de conserver les caractéristiques physiques des biens culturels sans vraiment s'impliquer dans les autres aspects, environnemental et immatériel, qui sont pourtant tout aussi riches en contenus et en significations. Une étude interdisciplinaire sur le bien culturel pourrait aider à saisir ces autres aspects. C'est la raison pour laquelle nous avons choisi de pratiquer dans notre étude une approche interdisciplinaire et constructiviste afin de permettre une meilleure compréhension des nouveaux modes de gestion du patrimoine, ceux qui sont considérés dans une perspective plus globale.

L'apport principal de la muséologie sociale est de montrer que le patrimoine historico-culturel remplit un rôle important dans le développement social. Pour nous, ce développement devrait viser à éliminer, ou tout au moins à réduire les déséquilibres entre les territoires et entre les membres d'une communauté par la mise en valeur de l'aspect humain dans l'analyse des problèmes économiques et sociaux. Quand nous parlons de l'aspect humain, nous avons conscience qu'il faut aller plus loin que la simple notion d'appartenance. Ici, il y a l'idée que tout être humain doit être la cible du développement et non pas seulement un outil de croissance économique, technologique et sociale au profit d'une partie privilégiée de la société. Cependant, si nous faisons la distinction entre le «social» et l'«économique», malgré le fait que ces réalités ne peuvent être analysées séparément, c'est pour souligner une manière d'analyser. L'approche holiste nous engage en effet à faire l'intégration de ces deux domaines et, encore plus, à envisager le domaine culturel dans le but de saisir globalement, totalement, la notion de développement et de voir comment le patrimoine peut y jouer un rôle déterminant.

L'intérêt premier de cette étude est de montrer que les musées participent à la définition de la culture, attribuant en fonction des systèmes de valeurs implicites ou explicites une importance plus ou moins grande à certains aspects plutôt qu'à d'autres.

Le deuxième intérêt de notre recherche est de contribuer au développement d'une réflexion sur la muséologie urbaine en considérant les musées d'histoire de ville comme des lieux de médiation entre les citoyens et la cité autant que comme des lieux socioculturels de gestion patrimoniale.

Le troisième intérêt de notre étude est de démontrer que l'aspect humain, et, en conséquence, les racines historiques et culturelles, lorsqu'elles sont placées au centre de la quête sur le développement social permettent d'établir un pont entre les citoyens, leur patrimoine

et l'avenir. La notion actuelle de patrimoine réunit à la fois l'ensemble des productions humaines et l'environnement naturel, deux composantes qui participent à la vie sociale et qui sont modifiées, transformées, altérées par l'action humaine. Il n'est donc pas possible de parler de préservation sans d'abord soutenir que l'homme et la nature interagissent de façon obligée dans un processus dynamique.

Selon Roland Arpin (1997), l'homme a toujours besoin de points de repère pour établir des rapports de compréhension. Le musée, qui contextualise l'identité des choses, contribue à identifier les idées, les émotions et les domaines de connaissance qui composent l'identité humaine. C'est en ce sens que sa contribution au développement social peut être considérée comme essentielle.

Finalement, notre analyse de la préservation du patrimoine par l'étude des stratégies muséales innovatrices, appliquées au Québec et à Bahia, au Brésil, se veut une contribution à la création d'un modèle de musée de ville davantage intégré à la communauté. Ce modèle doit être conçu tout spécialement pour la jeunesse en stimulant les relations intergénérationnelles, à la fois entre le musée et la famille et la communauté. C'est cette nouvelle muséologie qui pourra apporter l'espoir d'une plus grande démocratie dans la construction de la connaissance. Arpin écrit à ce sujet :

[...] un des grands défis de notre temps, selon Edgar Morin, est celui de la démocratie cognitive. Le vaste savoir de notre société ne saurait demeurer sous la coupe d'une minorité d'experts. Il [le savoir] appartient à l'école mais aussi à toutes les institutions culturelles, et en particulier aux musées. (Arpin, 1997, p. 220)

Les musées, qui sont des lieux privilégiés où la muséologie se développe, sont encore dépendants du politique mais, peu à peu, les intervenants muséologues reconnaissent l'importance de leur intégration dans la cité. D'ailleurs, il s'agit sans doute de leur principal mandat.

Les musées sont à la fois des dépositaires de la mémoire et des sources d'information très variées sur les questions d'environnement naturel ou humain et de cultures locales et nationales. Ces caractéristiques leur permettent de remplir le double rôle de moyen d'information et de lieu éducatif, d'animation et de diffusion du savoir. Les musées peuvent donc contribuer à la liaison entre la connaissance, la mémoire, la culture et la communication, ce qui est fondamental, car sans mémoire et sans moyen de transmission, la culture ne peut pas exister.

Toute société a besoin de ses racines qui se situent, en fait, dans la mémoire de la collectivité. Les musées sont des lieux privilégiés de conservation de cette mémoire, mais ils doivent, pour ne pas se limiter à la nostalgie du passé, agir de façon proactive, c'est-à-dire qu'ils doivent mettre en place une action culturelle qui interroge la communauté, qui donne la parole aux citoyens, qui suscite le débat et qui confronte les idées.

\* Doutora em Sociologia da Cultura pela Universidade do Québec em Montréal;  
professora assistente no Departamento de Museologia da UFBA;  
Museóloga especialista em educação patrimonial;  
coordenadora do projeto Cultura e Educação para a Paz.

## BIBLIOGRAPHIE

- Araújo, Marcelo et Maria Cristina Bruno. 1992. «Declaração de Caracas». In A memória do pensamento museológico contemporâneo, documentos e depoimentos, p. 36-45. São Paulo: ICOM-Br.
- Arpin, Roland. 1997. Des musées pour aujourd'hui. Collection Muséo. Québec: Musée de la Civilisation, 271 p.
- Gagnon, Gabriel et Luc Martin. 1973. Québec 1960-1980. La crise du développement. Matériau pour une sociologie de la planification et de la participation. Coll. L'homme dans la société. La Salle: Éditions Hurtubise HMH Ltée, 500 p.
- Hein, George. E. 1996. «What can museum educators learn from constructivist theory?» In Cahiers d'étude du Comité pour l'éducation et l'action culturelle, sous la dir. de Nicole Gesché-Koning, p. 13-15. Paris: ICOM/CECA.
- Karpp, Ivan. 1992. «On civil society and social identity». Chap. in Museums and Communities, the politics of public culture, p. 19-33. Washington: Smithsonian Institution.
- Lacroix, Jean-Guy. 1995. «La culture, les communications et l'identité dans la question du Québec». In Cahiers de recherche sociologique, n. 25, p. 247-298. Montréal: Université du Québec à Montréal.
- UNESCO. 1996. Our creative diversity. Report of the world Commission on culture and development. Paris: UNESCO, 343 p.

# MUSEUMS AND NEW TECHNOLOGIES<sup>1</sup> - A COSMOVISION

*Karina Durand\* - Museo Nacional del Virreinato - ICOM México - México*

---

## ABSTRACT

In this article I present a general overview of the relationship between museum, new technologies, and community in a story divided in three parts, which orbits around some basic concepts of Anthropology.

I. Myth, Rite and Magic Myth, rite and magic, concepts which seem to have lost their value in these transcendent times of change we face today.

Nowadays, in the middle of the mass media boom, and all over the planet, it seems that we are all “plugged” to something. But, is new technology really imposing itself in modern society? To answer this question, the present document depicts the myths created around technological development and the so called “global village”, myths that display themselves in the museum of our own memory.

- Mythology in the Age of Cyberspace
- New technologies can solve any problem
- Updating means using new technology.
- The availability of vast volumes of information promotes more and better education.
- New technologies by themselves create interactivity.

## II. The Tradition

Myth, rite, magic, initiation, fundamental elements of tradition. Events which, in these dramatic times of overwhelming expectancy, remain in use and growing strong.

We are witnessing the widespread of technology, nevertheless, it’s expansion hasn’t reached the true majority of the world’s population. There are human beings whose hearts palpitate to the rhythm of different lifestyles, exposed to the avatars of their own dynamics. No, not everyone is “plugged” to something. Therefore, new technology does not impose, but proposes itself.

### The Discourse Of The Initiated

- New technologies do not solve every problem.
- Updating does not mean using new technologies.
- The availability of vast volumes of information doesn’t promote more and better education.
- New technologies by themselves do not create interactivity.

## III. What Cannot Be Seen/The Power of The Spirit

Myth, rite, magic, initiation, tradition, all of these are practices which amalgamate a meaningful portion of our intangible cultural heritage. Today, as never before, this treasure can be protected and perpetuated through electronic and digital media. What can be created and registered in cyberspace might as well be considered part of our intangible cultural heritage.

Even if we are “plugged” or not, our life is exposed to the consequences using new technologies. So, let us consider the discourse, the different readings that Latin American museums can impart to digital and virtual products through the riches of their cultural and natural patrimony.

## Visions and Revelations

- New technologies promote the development of fast and efficient communication systems.
- Updating lets us keep in touch with the community while getting ready to serve it's needs.
- The availability of vast volumes of information enriches the tasks of research, education and popularization of knowledge.
- Human Beings are naturally interactive and do need interactivity.

## Final Thought

Those sublime moments after sunset, when gathered around the campfire the entire family remained in silent awe while stories about the origin of man were told, still remain today, living together with new ways of guarding and sharing the ancient memories of the human race.

\* AVICOM - ICOFOMLAM

## Footnote

1. Understand the concept of new technologies in relation to equipment and systems with multimedia capabilities. In its broadest sense, multimedia refers itself to the use and integration of two or more elements working together as a unit towards communicating a certain message: text, image, sound, graphs, full-motion video, animation and virtual reality. These are part of the so-called "new technologies": audiovisual presentations, multiple projector shows, video display, CD-ROM, CD-I, videodiscs, laser discs, VR and Internet.

# MUSEOS Y NUEVAS TECNOLOGÍAS<sup>1</sup>

## UNA COSMOVISIÓN

*Karina R. Durand V.\* - Museo Nacional del Virreinato - México*

---

En este artículo, me permito dar una panorámica general de la relación entre el museo, las nuevas tecnologías y la comunidad en un relato que tiene como eje rector, conceptos básicos de la antropología.

### I. Mito, rito y magia.

Mito, rito, magia, son conceptos que pareciera han perdido validez, ante los trascendentales tiempos de cambio a los que nos enfrentamos.

Las ceremonias en que los hombres y mujeres dan un paso más al interior de la propia sociedad, reconociendo y revalidando sus usos y costumbres ya no se entienden igual. Las cosas y la gente cambian, dice un dicho popular. O al menos eso es lo que puede considerarse a primera vista. Pero estos conceptos no están en desuso, más bien tienen otras acepciones.

Hoy estamos atravesando el huracán de las nuevas tecnologías, en la explosión de los medios masivos de comunicación y a lo largo del planeta se puede ver, al mismo tiempo, quien esta ganando un partido de fútbol, la vida y obra de actores o políticos, pornografía, la superficie de Marte, incluso guerras, con toda tranquilidad, digamos hasta cierta naturalidad, con sólo presionar un botón del seleccionador de canales de televisión y si se está "mejor equipado", con el accionar de la computadora conectada a Internet.

Sí, pareciera que todos estamos "enchufados" a algo. Pero realmente, la nueva tecnología se impone?

Unos datos publicados, por la Universidad de Stanford señalan lo siguiente: (Harter, 1999)

Si pudiéramos conjuntar en un poblado de 100 personas a toda la humanidad existente, entre otras cosas observaríamos que: Seis personas serían dueñas de la toda riqueza del pueblo, 80 vivirían en condiciones inferiores, 70 no sabrían leer, 50 sufrirían de desnutrición, una persona hubiera cursado la universidad y también sólo una tendría computadora.

Desde este punto de vista el acceso a la computadora, dios tribal, está en manos de un moderno chamán<sup>2</sup>, ente que ha cumplido con el ritual de iniciación para el manejo de esta tecnología que, entre otras cosas, le atribuye el poder de conocer y usar la información.

Entonces ahora hay otro tipo de no iniciados, los que no saben usar y en su caso aprovechar la nueva tecnología. Aquellos que carecen de estos recursos están fuera de las

---

<sup>1</sup> Entiendo como nuevas tecnologías a los equipos y sistemas con capacidad multimedia. En su más amplio sentido, multimedia se refiere al uso e integración de dos o más medios y/o elementos para comunicar un mensaje: texto, imagen, sonido, gráficos, video, animación, realidad virtual. Son parte de las llamadas "nuevas tecnologías": audiovisuales de múltiples proyectores, el video, CD-ROM, CD-I, el visodisco lásser, la realidad virtual e Internet, ( Durand, 1995).

<sup>2</sup> "Chamanismo: manejo de la técnica del éxtasis por un individuo que, en estado de trance, puede ponerse en contacto y ser mediador entre los espíritus, los dioses y los hombres. El chamán está dedicado básicamente a la curación de males del alma y a ciertos rituales mágico-religiosos; para cumplir con esta especialidad necesita haber pasado las ceremonias de iniciación. Estos ritos se refieren a la instrucción de los individuos elegidos para manejar el éxtasis y el aprendizaje de todos los elementos y prácticas propias del papel que desempeñan en la sociedad." ( Eliade, 1982, p. 22, 24, 29)

“sociedades ciber-secretas”.<sup>3</sup> De manera independiente, toman la opción de actuar con sus propios medios, aprendiendo poco a poco a beneficiarse de la tecnología “de punta” y de los bancos de información, pero por falta de recursos que no le permiten solventar las necesidades de equipamiento y capacitación, no crecen en proporción al desarrollo desaforado de las nuevas tecnologías.

Estos medios se regeneran tan inmediatamente, que llegan a convertirse en lo “desconocido”, resurgen con efectos impresionantes que sólo pueden concebirse como algún tipo de magia. Es así que en la aldea global se han creado mitos alrededor de las nuevas tecnologías, mismos que se reflejan en el museo, depositario de nuestra memoria.

### **Mitología en la era del ciberespacio:** <sup>4</sup>

- Las nuevas tecnologías pueden solucionar todos los problemas
- Actualizarse significa usar nuevas tecnologías
- Tener al alcance mucha información permite educar más y mejor
- Las nuevas tecnologías por sí mismas crean interactividad.

## **II. La tradición.**

Mito, rito, magia, iniciación, elementos fundamentales de la tradición son eventos que, ante los dramáticos tiempos de cambio a los que nos enfrentamos, están vigentes y fortaleciéndose.

Hoy presenciamos la propagación de la tecnología y los medios masivos de comunicación; sin embargo, su expansión no ha llegado a la mayoría de la población. Hay seres humanos que palpitan a otros ritmos de vida, expuestos a los avatares que les impone su propia dinámica, completamente ajena a pelear por el dominio del aparato seleccionador de canales o a vivir las consecuencias de un embotellamiento en la supercarretera de la información.

No, no todos estamos “enchufados” a algo, por ello la nueva tecnología no se impone, propone.

Entre los latinoamericanos hay millones de hombres y mujeres que viven en condiciones marginales, expuestos a la desnutrición, analfabetas o con un bajo promedio de escolaridad y sin acceso a nuevas tecnologías. Bajo estas condiciones, en nuestras poblaciones se perméan los procesos de globalización. Y ante este panorama la tradición se ha reavivado. Las etnias nos aferramos a nuestro propio ser, a nuestra identidad, buscando encontrarnos a nosotros mismos frente a una mestizaje que, en muchos casos, es un mecanismo de defensa ante la homogeneización totalizadora.

---

<sup>3</sup> Basado en el concepto de: “sociedades secretas, abiertas a cualquier persona que demuestre cierta predisposición a la técnica del éxtasis, esté dispuesta a pagar la contribución exigida { para ser miembros } y, sobre todo, se someta al aprendizaje y a las pruebas iniciáticas.” ( *Ibid*, p. 253 )

<sup>4</sup>El novelista William Gibson acuñó por primera vez el término ciberespacio en 1984, en su libro *Neuromante*: “Ciberespacio: representación gráfica de abstractos bancos de datos. Alucinación consensual adictiva; mundo alternativo al que se puede tener acceso a través del módem\* de nuestra computadora. ... líneas de luz seguidas en el desconocido espacio de la mente, conjuntos y constelaciones de datos que tintilean, como ciudades en la noche” ( Rheingold, 1992, p. 16) \*Módem: dispositivo que permite a una computadora o a un sistema comunicarse con otros. La información digitalizada se convierte en sonido lo que le permite transmitirse, generalmente, a través de líneas telefónicas. Otro módem se encarga de reconvertir los sonidos en información digital.



Dentro de este acontecer, surgen algunos intentos de personas o grupos independientes por tejer hilos en esa trama que se muestra uniforme. Por ejemplo, el uso de la nueva tecnología en museos, que en casos aislados ha llevado a experiencias con resultados difusos y diversos.

¿Por qué? porque el museo, como parte viva de la comunidad, debe tomar en cuenta la ideología, costumbres y tradiciones del medio que lo circunda para un manejo adecuado y certero de las nuevas tecnologías, que realmente le ayuden a cumplir con sus objetivos de comunicación y educación.

Desde que se proyectan los guiones museológicos y museográficos, estos medios deben considerarse parte de la exhibición. Es importante que exista coherencia entre el mensaje, la información que se proyecta, la museografía y las nuevas tecnologías. Cada vez se usan más y a pesar de ello se siguen tomando como un elemento aislado y no como parte integral del discurso. Es indispensable la planeación en la aplicación de las nuevas tecnologías, para que realmente sean permanentes y tengan un mantenimiento adecuado, ya que la operación técnica es un problema cotidiano.

Hay que tener cuidado con el uso y abuso. Las nuevas tecnologías no substituyen al objeto en el museo. El peligro más común es producir y colocar información excesiva que impide el contacto casual y directo con las piezas. Entre otras cosas, se propicia el embrujo por las máquinas que, a manera de video clip o video juego, reproducen a los originales en exposición, que muchas veces tienen a su lado, propiciando una interpretación confusa.

Por todo lo antes señalado, en el museo hay que llevar a cabo trabajo multidisciplinario e interdisciplinario, el cual interconecta los fragmentos del conocimiento científico y empírico, (teoría y práctica) creando puntos coyunturales de crecimiento y mayor experiencia hecho que no impide reconocer, entre ellos, sus diferencias y avances.

## **El discurso del chamán**

### **■ Las nuevas tecnologías no solucionan todos los problemas**

En la medida en que se de buen uso a la tecnología, auxiliará en las actividades del museo. Antes hay que llevar a cabo tareas de revisión, evaluación y planeación, para no llegar al punto de realizar lo que siempre se ha acostumbrado, más el trabajo adicional requerido para operar y mantener a los equipamientos. (Dertouzos, 1997). Los procesos computarizados solucionan problemas mientras el programador los planteé y aplique modelos adecuados para ello.

### **■ Actualizarse no significa usar nuevas tecnologías**

Parecer “modernos” es una frágil frontera que nos invita a cruzarla sin meditarlo mucho. En los países latinoamericanos, la fuerza de la comunidad debe manifestarse en el museo: la obra de sus manos, los usos y costumbres, las tecnologías tradicionales. Sin duda, ahora que buscamos reconciliarnos con el entorno debemos reconocer y revalorizar los procesos de trabajo así como los materiales y tecnologías autóctonas, que forman parte de una cotidianidad de miles de años. Hay que pensar en esto y en cómo combinar fuerzas; el museo es un lugar ideal para ello ya que debe propiciar precisamente la reflexión.

### **■ Tener al alcance mucha información no conduce necesariamente a educar más y mejor**

EL proceso enseñanza-aprendizaje, requiere de una cuidadosa planeación y ejercicio. A partir de la plataforma del museo debemos considerar que no toda la abundante información disponible a través de los medios electrónicos es sustentada y confiable, sobre todo cuando el propio museo no fue el emisor. Hoy en día existen todo tipo de emisores, fenómeno frente al cual el museo se confirma: la institución tiene el don de la credibilidad.

Flota en el aire la expectativa de que vamos a aprender y a retener un volumen de información y conocimientos desproporcionados, ya sea los relacionados con el manejo de las nuevas tecnologías o los descomunales bancos de información e imágenes a los que se puede tener acceso. Pero, ¿cuál es la aplicación práctica o inmediata que le puede dar el museo y su público? ¿cuál es el beneficio que se obtendrá de su posible uso? Estamos expuestos al síndrome del aprendizaje excesivo y la sobrecarga. (*Ibid*, p. 330)

#### ■ Las nuevas tecnologías por sí mismas no crean interactividad.

Las máquinas auxilian y acentúan las aptitudes humanas, en este caso la capacidad de comunicación entre la gente. Esto debe llevar a cumplir el proceso completo; retroalimentarse no significa presionar botones en una computadora, es conocer y convivir con nuestros compañeros de trabajo, con los colegas, con nuestros visitantes. El encuentro con el público lo propicia el museo a través de los más diversos mecanismos, que pueden o no servirse de las herramientas que proporcionan las nuevas tecnologías.

### III. De lo que no se ve: la fuerza del espíritu.

Mito, rito, magia, iniciación, tradición son prácticas que conforman una parte significativa de nuestro patrimonio cultural intangible. De manera extraordinaria hoy pueden perpetuarse a través de los medios electrónicos y digitales. Nos encontramos frente a una época en que muchos de nuestros usos y costumbres se están transformando o presenciamos el surgimiento de unos diferentes. Lo registrado y creado en el ciberespacio se constituye también como patrimonio cultural intangible.

Del seno de una comunidad, la tradición puede integrarse o mostrarse a otra, manteniéndose viva, conservando sus procesos capturados en tiempo real en los más diversos formatos electrónicos.

Consideremos entonces, que el discurso o diversas lecturas que los museos Latinoamericanos impriman a los productos digitales y virtuales tienen la potencialidad de su rico patrimonio cultural y natural. Al uso y aplicación de las nuevas tecnologías hay que sumar los valiosos aportes de la tradición, de la riqueza de la identidad cultural, que en el caso de México, y puedo decir de Latinoamérica, fusiona y desarrolla conocimiento indígena ancestral, así como la herencia europea, africana y asiática, a nuestro trabajo.

Tenemos diferentes tipos de civilización, somos tan diversos como creativos y ello se ha reflejado y debe seguir reflejándose en el uso y aplicación de las nuevas tecnologías.

Mencionamos como ejemplos exitosos elaborados en Latinoamérica: los videos testimoniales realizados por los propios grupos étnicos, la llamada antropología visual, los artistas que hacen obras especialmente para mostrarse a través de los medios digitales o usando los medios electrónicos como instrumentos de creación, kioscos interactivos complemento de exposiciones, las audiograbaciones que rescatan y divulgan música autóctona, comerciales televisivos de exposiciones temporales y museos, audiovisuales con temas de arte a múltiples proyectores, los directorios de museos en Internet, las páginas electrónicas institucionales, museos virtuales, entre otros.

Estemos o no estemos “enchufados” a algo, nuestra vida esta expuesta a las consecuencias del uso y aplicación de la nuevas tecnologías.

Podemos convertirlas en beneficios, en herramientas para cumplir con un fin. Es cuestión de planear, organizar, tener iniciativa y ser ejecutivo para con lo que la tecnología propone.

## Visiones y revelaciones

### ■ Las nuevas tecnologías permiten crear sistemas de trabajo y comunicación, rápidos, oportunos y eficientes.

Estas características ofrecen otras alternativas al museo para cumplir con sus tareas y metas. Pueden aplicarse con éxito para llevar a cabo los procesos desarrollados tanto en las áreas sustantivas como técnicas. Por ejemplo, el flujo de información puede manejarse con mecanismos tan eficaces en calidad y cantidad, sólo cuantificables en números exponenciales. Casi cualquier actividad del museo puede ser tocada por las nuevas tecnologías; debemos prever que tanto y tan profundo será ese acercamiento y si así conviene a la misión, visión y objetivos de nuestras instituciones.

### ■ Actualizarse es mantenerse en contacto con la comunidad y prepararse para servirla.

Para cumplir con su vocación fundamental de trabajo por la comunidad, las instituciones museales, pueden o no puede usar las nuevas tecnologías. El museo estará actualizado y vigente, cuando más acorde se encuentre con la realidad, necesidades y aspiraciones del entorno social y natural al que se debe, al que representa. De esta manera, dentro de sus posibilidades, debe manejar materiales y tecnología que, por un lado sean congruentes con la institución y con la exposición y, por otro, vayan dirigidos al público que se van a presentar.

### ■ Tener al alcance mucha información enriquece las tareas de investigación, educación y divulgación.

Recolectar, acceder y guardar bancos de datos, información e imágenes no tiene límites en tiempo y espacio con las herramientas que proporcionan las nuevas tecnologías. El museo puede aprovechar estas facilidades para crear programas educativos con objetivos precisos, pedagógicos y didácticos, que complementen eficientemente los servicios que ofrece. Debemos trabajar con conceptos y planteamientos que sustenten nuestras acciones. Si en este mar de información, el museo no tiene clara su misión e intereses, "difícilmente los podrá expresar y compartir con el estudiante y/o visitante". (Téllez, 1996, p.44).

La divulgación científica es un conjunto de tentativas, de las más diversas variantes, que tratan de dirigirse al gran público. Se relaciona con la educación como un complemento, ya que la ciencia va más rápido que la enseñanza (Roqueplo, 1983). La comunicación instantánea a través de las nuevas tecnologías es muy útil, para cumplir con este reto. También será muy valioso lograr, que en el contexto del museo, los individuos aprendan haciendo; "la ciencia es una construcción no una contemplación". (*Ibid*, p.103)

"Se puede tomar como hipótesis de trabajo que la divulgación de la ciencia la pone como en una vitrina; para apropiarse ese saber hay que incidir en la vida cotidiana de los individuos y propiciar métodos de comunicación bilaterales y prácticos" (*Ibid*, p. 147-148)

### ■ El ser humano es interactivo y necesita de la interactividad.

Podemos considerar que existen tres formas de proximidad electrónica: máquinas con máquinas, personas con máquinas y personas con personas. (Dertouzos, 1997, p. 357). Considerándolas en el marco del museo, el primer caso aumenta la eficiencia de los procesos, en el segundo la capacidad de obtener y dar información y es la última la que propicia y facilita el diálogo, así como los mecanismos del trabajo en equipo y a distancia.

Todas estas opciones son producto del espíritu y genio creador del género humano. Aumentan las capacidades propias de nuestra naturaleza, pero con mediadores electrónicos, que en ningún momento nos substituyen. Una comunicación integral, permanente, a través de todos nuestros sentidos, establecida también con el entorno, es esencial para mantener, enriquecer y cumplir con los ciclos de vida.

## Reflexión final

... y aquellos momentos sublimes al atardecer cuando, junto al calor del fuego, toda la familia se reunía para que se contaran las historias sobre los orígenes de los pueblos, no han quedado atrás. Ahora conviven con otras formas de guardar y compartir la memoria de los hombres.

\*ICOM-México  
AVICOM - ICOFOMLAM  
Naucalpan, Edo. de México.  
febrero, 2000.  
kdurand@spin.com.mx

## BIBLIOGRAFÍA

- Burger, J.  
1994 **La Biblia del Multimedia**. Addison-Mesley Iberoamericana  
Wilmington, Delaware, U.S.A.
- Dertouzos, M.L.  
1997 **Qué será, cómo cambiará nuestras vidas el mundo de la informática**.  
Editorial Planeta. México.
- Durand, K.R.  
1995 Ponencia: "El uso de multimedia para la divulgación y valorización del patrimonio cultural" presentada en el Seminario **Museografía, el lenguaje de los museos al servicio de la sociedad y de su patrimonio cultural**.  
Ministerio de cultura, Instituto del patrimonio histórico y artístico Nacional, Organización de Estados Americanos. Rio de Janeiro, Brasil.
- Eliade, M.  
1982 **El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis**.  
FCE, México
- Gándara, M.  
1999 "Kioscos interpretativos. Multimedia en el Museo de las Culturas de Oaxaca" Ponencia presentada en la sesión: Colecciones físicas o colecciones virtuales, desafío del futuro. **Reunión anual del Comité Internacional de museos y colecciones de Arqueología e Historia. (ICMAH)**.  
ICOM-México.
- Harter, P.M.  
1999 "The Earth" en [www.earthsystems.org/list/eco-isla/0795.html](http://www.earthsystems.org/list/eco-isla/0795.html)  
Stanford University, School of Medicine.
- Mandelbaum, D.G.  
1993 "Agrupamientos sociales" en **Hombre, Cultura y Sociedad**.  
(compilación) FCE. México.
- Rheingold, H.  
1992 **Virtual Reality**. The revolutionary technology of computer generated artificial worlds and how it promises to transform society. A touchstone book. Published by Simon-Schuster.  
N.Y:
- Roqueplo, P.  
1983 **El reparto del saber. Ciencia, cultura y divulgación**.  
Colecc. Límites de la ciencia. Edit. Gedisa. Buenos Aires, Argentina.
- Téllez, A.  
1996 "Elementos para una educación alternativa, una experiencia personal" en **Prometeo, fuego para el propio conocimiento. no.12**  
Rev. Mex. de psicología humanista y desarrollo humano.  
Universidad Iberoamericana. pp. 42-47.

## EL MUSEO DEL DESIERTO EN LA CIUDAD DE SALTILLO, COAHUILA, MÉXICO

*Judith Alanis Figueroa\* - Museo del Desierto - México - DF*

---

El 25 de noviembre de 1999 fue inaugurado el Museo del Desierto en la ciudad de Saltillo, Coahuila al Norte de la República Mexicana. El conjunto museográfico está situado sobre 3.2 hectáreas distribuidas de la siguiente forma: superficie de construcción 11,200 metros cuadrados; área de exhibición 4,600 metros cuadrados; áreas verdes 20,000 metros cuadrados.

Concebido hace cinco años y realizado en tan sólo nueve meses (de febrero a diciembre de 1999) con la participación de los gobiernos federal y estatal, empresas privadas, instituciones nacionales e internacionales, así como muchos ciudadanos particulares, en el Museo se recrean la historia, las formas de vida y los ecosistemas de las zonas áridas y semiáridas del norte del país y de otras regiones semejantes del mundo.

El Museo del Desierto consta de cuatro Pabellones cuyo recorrido se efectúa en aproximadamente hora y media. Es, en gran parte, interactivo y tiene todo el apoyo de los recursos audiovisuales modernos. Además, en algunas de sus áreas se exhiben especies vivas –de la flora y fauna del desierto– para las cuales se creó su hábitat natural. También cuenta con dos patios, lobby de recepción multiusos para conferencias, pláticas o conciertos, cafetería, servicios al público (tiendas, ecoturismo y oficinas administrativas), auditorio, salas de servicios educativos y sala de exposiciones temporales con un área de 580 metros cuadrados para exhibición.

El Pabellón I lleva por título *El desierto viviente* y presenta las características de los desiertos de México y el mundo, la evolución, los rasgos y las características del desierto y las diferentes eras geológicas en el transcurso de la formación de la Tierra. En este Pabellón destaca el área donde se exhiben los esqueletos de tres dinosaurios: el tiranosaurio Rex, el Quetzalcoatlus (volador) y un Hadrosaurio. Los dos primeros son artificiales y el tercero está reconstruido con base en los restos fósiles encontrados en la zona paleontológica ubicada a 45 kilómetros al poniente de Saltillo, a un lado de la carretera a Torreón.

En el Pabellón II, *El hombre y el desierto*, se trata el tema de los grupos nómadas que habitaron en la región hace 12 mil años; la época de la Conquista, la colonización del noreste de México, las formas de vida de las tribus, los usos de la tierra y los oficios, así como los utensilios empleados en ese tiempo, hasta llegar al siglo XX y la forma en que la industria pesada, mediana, oficios y tradiciones establecen nuevas interacciones en el binomio desierto-hombre.

*La trama de la vida* se muestra en el Pabellón III. Mamíferos del desierto, así como las relaciones de interdependencia entre las especies. Ahí se recrean madrigueras de animales como el armadillo, la rata canguro y la víbora de cascabel, entre otros, y las cuevas de los murciélagos.

El Pabellón IV, denominado *Ecosistemas del desierto chihuahuense* –que abarca desde Texas (EUA) hasta San Luis Potosí (República Mexicana)- está destinado a la flora. Se hace referencia a los once ecosistemas que integran este desierto y sus características. También hay un invernadero con doscientas veinte especies, que en total suman 30 mil ejemplares, principalmente cactáceas.

De los especímenes vivos en el museo, destacan dos colonias: una de hormigas “arrieras” y otra de “perritos de la pradera”, protegidas con cristales por medio de los cuales pueden ser observadas por los visitantes.

La directora del Museo del Desierto, Magdalena Sofía Cárdenas García define que se trata de un proyecto educativo que se propone difundir la herencia histórica y natural del desierto. El Museo busca pugnar por la revaloración y el cuidado de las zonas áridas y aportar una visión novedosa a la oferta cultural de México con el fin de preservar para las futuras generaciones el patrimonio geológico, paleontológico, antropológico y natural de la región. Ofrecer, en suma, un espacio de encuentro del hombre y el desierto.

## ESPACIO ARQUITECTÓNICO Y ESPACIO MUSEOGRAFICO

Convocado, en 1997, por el Instituto Coahuilense de Cultura y por el gobierno del Estado, el concurso nacional para el proyecto del Museo del Desierto fue ganado por López-Guerra Arquitectos. El proyecto plantea un interesante recorrido, utilizando los desniveles del terreno, que guía a los visitantes por los magníficos patios exteriores y las áreas cubiertas de exhibición. El atractivo del proyecto es que utiliza tanto a la arquitectura como a la museografía para lograr un conjunto que, cumpliendo con su función, se integra con el paisaje de la sierra de Coahuila.

El diseño de este museo logra, aprovechando la pendiente del terreno, que la visita tenga la duración y la variedad que determine cada visitante. Taludes, terrazas, patios, áreas de exhibición y paisaje, se alternan en una cuidadosa integración. La arquitectura se complementa con el diseño del paisaje que aprovecha la belleza de la vegetación desértica para integrarla a los estacionamientos, patios y taludes.

Es especialmente significativo el cuidado que el proyecto refleja para ofrecer un extraordinario recorrido museográfico, que se complementa con las vistas, el paisaje y la luminosidad del desierto del Noreste.

La maestra Ofelia Martínez García, responsable del proyecto museográfico escribe: Si bien es cierto que en la práctica, en el Museo del Desierto el proyecto arquitectónico estuvo a cargo de Francisco López-Guerra y el proyecto museográfico estuvo a mi cargo, como responsable del área de Museografía, la frontera entre uno y otro se entremezcla para dar un todo que envuelve al espectador y se convierte en el Museo, unidad espacial, ambiente envolvente, espacio contenedor, espacio excepcional.

La experiencia del visitante no marca límites, su visita inicia al entrar en las áreas que rodean al museo, y puede terminar en los jardines pasando por los cuatro pabellones que conforman el espacio museográfico, para él no existe ninguna diferencia. Sin embargo para efectos de producción y de discurso comunicativo, el espacio museográfico lo conforma el interior de los pabellones y sus elementos lúdicos y didácticos.

El museo está dividido en cuatro pabellones con una historia que se cuenta en forma modular, el visitante puede entrar a cada uno en forma independiente y contemplar una historia completa; sin embargo si recorre del Pabellón I al IV, el espectador sigue un hilo que lo conduce a través de una historia completa sobre el desierto chihuahuense.

Entre los criterios museográficos de manejo espacial que contemplamos en nuestro proyecto se encuentran de manera sintética los siguientes:

- Ruptura entre el exterior y el interior.
- Utilización de un espacio envolvente. Trabajo de techos, pisos y muros.
- Diferencia de niveles en pisos a fin de dar dinamismo en la visita.
- Planos de observación a diferentes alturas para descubrir la museografía desde diferentes puntos de vista.
- Manejo de la iluminación como elemento para dibujar en el espacio, para dar color en el ambiente y para crear un ambiente fuera de lo cotidiano.
- Utilización de muros neutros en donde no exista competencia entre lo exhibido y el soporte.
- Utilización del metal como soporte para elementos gráficos, lo que le brinda gran sobriedad, un aspecto contemporáneo a la gráfica de la exposición y una extraordinaria durabilidad y facilidad de mantenimiento.
- El metal como materia prima para bases y vitrinas. El rescate del metal en su estado natural le dio un gran realce a los objetos, puesto que los enmarca de una forma sobria y elegante.
- El vidrio como elemento y soporte de exhibición y de comunicación. Este material trabajado en forma integral, es decir, jugando con la forma y la composición de las piezas, se transformó además en soporte de gráfica dándole una gran belleza al espacio.
- Utilización de gamas cromáticas distintivas para dar una personalidad a cada pabellón.
- Y por último un audio general creado ex profeso por un artista coahuilense que envuelve al espectador, proporcionando en ciertos espacios acentos específicos que vuelven inolvidable la experiencia de visita del espectador.

Nuestro reto fue crear un espacio excepcional “por fuera de lo cotidiano” en donde descubriéramos las maravillas que tras de sí oculta el desierto, un espacio en donde “nosotros habitantes del desierto” nos sintiéramos orgullosos de pertenecer. Decidimos crear un espacio museográfico contemporáneo, en donde el objeto fuera un elemento importante, pero no el único recurso museográfico a utilizar.

Crear un discurso fortalecido por todos los elementos museográficos a nuestro alcance; objetos, gráfica, ambientes, video, audio, iluminación, efectos especiales, dioramas, maquetas, interactivos mecánicos o equipamientos manuales, interactivos por computadora, modelos y todos aquellos elementos que en el desarrollo del proyecto fuéramos incorporando para darle una gran versatilidad de presentación a la información.

En el Museo del Desierto los criterios fueron, abordar la riqueza ecológica de nuestro entorno, pero también la riqueza cultural de nuestros habitantes. Los contenidos de los pabellones formaron un discurso completo en sí mismo, de tal forma que el espectador que visita un solo pabellón tendrá a su alcance una historia completa. Pero el visitante podrá encontrar una coherencia si los visita también todos de corrido, el objetivo final será que el visitante encuentre un espacio lúdico, pero también un espacio de reflexión, acerca de sí mismo y su entorno, pretendemos que el visitante construya su propio discurso a través de los estímulos presentados, deseamos un espectador creativo.

## **PRODUCCIÓN MULTIMEDIA**

Con el propósito de ofrecer a los visitantes del Museo del Desierto una alternativa que estuviese al nivel de los museos más sofisticados en cuanto a recursos tecnológicos, se produjeron 60 videos y varios interactivos como parte del discurso museográfico.

La investigación iconográfica (que se llevó a cabo con la asesoría de investigadores especializados en los temas a tratar), preproducción, producción y postproducción tuvieron como tiempo máximo de realización siete meses.

Todos los videos fueron grabados en formato Betacam SP y su duración fluctúa entre tres y cinco minutos cada uno (a excepción del material de stock proporcionado por la BBC de Londres, que básicamente contiene imágenes para quince videos de los Pabellones I y III que abordan temas de animales cuyo hábitat es el desierto chihuahuense).

En todos los casos se cuidó al máximo la calidad de las imágenes, que al mismo tiempo debían integrarse al discurso museográfico en el cual intervienen características espaciales, ambientaciones, soportes y materiales diversos, elementos gráficos, gamas cromáticas, iluminación, audio ambiente, etc. Además de los elementos visuales, había que tomar muy en cuenta la comunicación con los visitantes. La imagen debía ser clara, explícita y directa.

Una característica en la producción fue la variedad, pues por un lado había que producir videos didácticos con contenidos específicos y por otro lado, videos más propositivos donde se desarrollaron propuestas mucho más abstractas. Tal es el caso de la Multipantalla del Pabellón I, el Pentágono del Pabellón IV y el Videowall circular con ocho monitores del Pabellón II. En éste último se buscó la creación de imágenes que pueden funcionar solas o como fragmentos de un engranaje en movimiento. En todos los casos intentamos desarrollar propuestas visuales que destacaran por su calidad plástica y donde cada video tuviese su propia personalidad, sin alejarse de los objetivos del discurso museográfico.

El contenido de los videos es el siguiente:

### **PABELLÓN I. EL DESIERTO VIVIENTE:**

*Umbral* (multipantalla con 6 proyecciones sobre la variedad de los desiertos mexicanos); *Niebla en el desierto Vizcaíno* (pantalla que ilustra el fenómeno de uno de los pocos desiertos del mundo que se cubre de neblina al amanecer. Este desierto se encuentra en el estado de Baja California, México); *Desierto Chihuahuense* (monitor que ilustra la variedad de ecosistemas de este desierto, que abarca desde el estado de Texas en Estados Unidos de Norteamérica hasta San Luis Potosí en México); *Desierto Sonorense* (monitor que ilustra la variedad de ecosistemas de este desierto mexicano); *Desierto Poblano-Oaxaqueño* (monitor que ilustra la variedad de ecosistemas de este desierto mexicano); *Espejismo* (monitor que ilustra este fenómeno a través de video real y animaciones); *Animales nocturnos* (monitor que ilustra los hábitos de éstos animales que habitan el desierto chihuahuense. Se hizo una edición con material de stock proporcionado por la BBC de Londres); *Animales evasores de sequía* (monitor que ilustra los hábitos de éstos animales que habitan el desierto chihuahuense. Se hizo una edición con material de stock proporcionado por la BBC de Londres); *Animales que regulan su temperatura* (monitor que ilustra los hábitos de éstos animales que habitan el desierto chihuahuense. Se hizo una edición con material de stock proporcionado por la BBC de Londres); *Historia geológica* (monitor que ilustra las diferentes eras por las que ha transcurrido el proceso de formación de la Tierra. Se hizo una edición con animaciones creadas ex profeso y material de stock proporcionado por la BBC de Londres); *Estromatolitos* (monitor que ilustra las colonias de seres vivos más antiguos y de las cuales pueden encontrarse algunos ejemplos en el Valle de Cuatrociénegas en el desierto chihuahuense); *Rocas y Minerales* (monitor que ilustra las diversas actividades de extracción de rocas y minerales en el estado de Coahuila).

### **PABELLÓN II. EL DESIERTO Y EL HOMBRE:**

*Abrigo Rocoso* (pantalla que ilustra los restos de pintura rupestre al norte del estado de Coahuila, ejemplificando las actividades nomádicas de los habitantes del desierto chihuahuense); *La Misión* (video que ilustra algunos rasgos de la arquitectura típica del periodo de la colonización española y su relación con el ecosistema de ciénegas); *El Presidio* (video que ilustra algunos rasgos de la arquitectura típica del periodo de la colonización española y su relación con el ecosistema de ciénegas); *Búfalos* (monitor que ilustra una reserva de búfalos que se ubica al sur de la ciudad de Saltillo. Se trata de los pocos ejemplos que ilustran la importancia de la cacería en tiempos pasados); *El desierto y el hombre* (instalación de ocho monitores que proyectan imágenes simultáneas de ocho videos que ilustran la relación hombre-desierto a lo largo del siglo XX. El propósito es mostrar la importancia del agua en el contexto del desierto chihuahuense y la forma en que sus habitantes han podido desarrollar una importante gama de actividades que va desde la industria pesada hasta la preservación de artes, oficios y tradiciones ancestrales. El objetivo es crear conciencia de la riqueza de este desierto mexicano y la necesidad de preservarlo); *El desierto y la danza* (monitor que ilustra algunos ejemplos de expresiones dancísticas populares que forman parte de lenguajes expresivos que surgen dentro del desierto chihuahuense. Se trata de fragmentos de varios documentales realizados por el cineasta mexicano Nicolás Echevarría); *El desierto en el cine mexicano* (monitor que ilustra una selección de fragmentos del cine mexicano que se basan en historias relacionadas con el desierto mexicano. Es un collage de imágenes proporcionadas por la Fílmoteca de la UNAM y por el cineasta Nicolás Echevarría).

### **PABELLÓN III. LA TRAMA DE LA VIDA**

*Polinización* (pantalla y monitor que ilustran este fenómeno en el que interactúan algunas especies de plantas y animales del desierto chihuahuense. Se hizo una edición con material de stock proporcionado por la BBC de Londres); *Dispersión* (pantalla y monitor que ilustran este fenómeno en el que interactúan algunas especies de plantas y animales del desierto chihuahuense. Se hizo una edición con material de stock proporcionado por la BBC de Londres); *Nodricismo* (pantalla y monitor que ilustran este fenómeno en el que interactúan algunas especies de plantas del desierto chihuahuense); *Consumidores primarios y secundarios* (tres



pantallas que ilustran los hábitos alimenticios de algunos animales del desierto chihuahuense. Se hizo una edición con material de stock proporcionado por la BBC de Londres); *La trama de la vida* (pantalla que ilustra cómo todos los seres del desierto formamos una urdimbre frágil que es necesario conservar. Se hizo una edición con material de stock proporcionado por la BBC de Londres); *Chaparral o El Mexical* (pantalla que ilustra este ecosistema del desierto chihuahuense).

#### **PABELLÓN IV. ECOSISTEMAS DEL DESIERTO CHIHUAHUENSE**

*Gobernadoras, mezquites, yucas, candelillas y ocotillos, vegetación halófila, nopaleras, dunas, pantanos, El Mexical (chaparral), pastizales y vegetación rosetófila* (once pantallas que ilustran los once ecosistemas existentes en el desierto chihuahuense. El desierto no es sólo dunas de arena); *Mensaje final* (cinco pantallas forman un pentágono creando un ambiente de reflexión donde el visitante puede observar paisajes en 360 grados. El desierto de todos).

Ciudad de México, febrero 21 del 2000 Judith Alanís Figuero - Productora de los videos del Museo del Desierto

\* Productora para el Museo del Desierto

## **A MUSEOLOGIA DIANTE DO VIRTUAL: REPENSANDO OS ELEMENTOS CONCEITUAIS E A MEMÓRIA, A PARTIR DAS NOVAS TECNOLOGIAS INFORMÁTICAS.**

*Karla Estelita Godoy\* - Museu da República - Brasil - RJ*

---

### RESUMO

Este trabalho consiste em interrogar a Museologia frente às tecnologias do virtual. Tal reflexão tem por objetivo principal examinar quais os prováveis efeitos do virtual sobre o fazer museológico e os pressupostos encontrados em sua teoria. Trata-se, portanto, de um estudo teórico com procedimento transdisciplinar. Em princípio, apresenta a trajetória conceitual da Museologia, evidenciando a dificuldade teórico-metodológica em se definir como ciência ou técnica. Destaca e analisa quatro elementos conceituais presentes em uma das definições mais conhecidas sobre a área e aborda a memória, a partir de uma de suas funções. Tanto os elementos (sujeito, objeto, realidade e museu) quanto a memória são expostos com a finalidade de demonstrar de que maneira estão sendo pensados pela Museologia e como se manifestam no conjunto da teoria e da prática. A questão virtual é abordada sob o aspecto filosófico e informático, ressaltando sua condição de não-neutralidade, bem como a distinção entre os pares virtual-atual e possível-real. O estudo discorre ainda sobre questões relativas à interatividade, ao computador como suporte de inscrição e/ou documento e às imagens digitais e virtuais. A Dissertação constata que o virtual permite abertura a novos questionamentos e implica mudanças na forma de se conceberem as relações. Revela que, em decorrência disto, a Museologia apresenta modificações teóricas e práticas no que diz respeito à relação sujeito-objeto-realidade-museu e ao tratamento conferido à memória.

\*Museóloga, Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO, Coordenadora do Banco de Dados do Museu da República

## **MUSEOLOGY IN FACE OF VIRTUAL: REFLECTING ABOUT CONCEPTUAL ELEMENTS AND MEMORY IN THE LIGHT OF THE NEW INFORMATICAL TECHNOLOGIES.**

*Karla Estelita Godoy\* - Museu da República - Brasil -RJ*

---

### ABSTRACT

The present work consists of a questioning of Museology in face of the virtual technologies. Such reflection aims mainly at examining which are the possible effects of the virtual world on the musicological procedures and its theoretical assumptions. It is, therefore, a theoretical study with transdisciplinary proceedings. At first, the study presents its conceptual course, placing evidence on the theoretic and methodological difficulties of being defined as a science or a technique. Thus, four conceptual elements from one of the Museology definitions are detached and memory is analysed as deriving from one of the field functions. Both the elements (subject, object, reality and museum) and the memory are exposed in order to demonstrate the way in which they are being considered by Museology and how they manifest themselves in the theory and practice context. The virtual is approached under the philosophic and informatic aspects, emphasising its non-neutral condition along with the distinction between the pairs virtual-present, possible-real. It also deals with issues related to interactivity, to the computer as a tool of support to registration and/or document, and to the virtual and digital images. The research points out that the virtual allows for new questionings and implies changes in the shape in which relationships are conceived. As a result, it reveals that Museology shows theoretical and practice changes, as regarding the relationship subject-object-reality-museum and the treatment conferred to the memory

## **LA COLECCIÓN DEL MUSEO REGIONAL CUAUHNÁHUAC**

*Lorenza del Rio de Icaza\* - Museo Regional Cuauhnáhuac - México*

---

### ABSTRACT

The museums in Mexico respond to different educational and social-economical realities, from the museums varieties, the archeology and history kind, are institutions that allow interactive learning, its basic functions are in the investigation, restoration, diffusion, conservation fields

In a nation like ours, with a mainly young population, museums represent one of the most ideal nucleus to support diffusion instruments that help to preserve our historic patrimony.

The diffusion, rescue and conservation process of our historic legacy starts in 1825, when the Mexican National Museum is created, its purpose is to offer identity symbols and a unity concept. It developed and universe where natural phenomenon is mixed with artistic production and historic antiques. It was thought on this interpretation that should not only be related to past and present, not even with historic development.

It exists on the first decades of this century, an inclination for diversification and proliferation of museums and because, site, academic and community museums appear.

# LA COLECCIÓN DEL MUSEO REGIONAL CUAUHNÁHUAC

*Lorenza del Río de Icaza\* - Museo Regional Cuauhnáhuac - México*

---

## I. INTRODUCCIÓN.

- 1.1. EL PALACIO FORTALEZA
- 1.2. EDIFICACIÓN : CIMIENTOS Y MUROS.
- 1.3. EL MUSEO CENTRO CULTURAL.

## II.- SU ACERVO

## III. EL DISCURSO

### 3. ESPACIOS Y RIQUEZAS.

## MUSEUMS

### 1. Introduction.

The museums in Mexico respond to different educational and social-economical realities, from the museums varieties, the archeology and history kind, are institutions that allow interactive learning, its basic functions are in the investigation, restoration, diffusion, conservation fields.

In a nation like ours, with a mainly young population, museums represent one of the most ideal nucleus to support diffusion instruments that help to preserve our historic patrimony.

The diffusion, rescue and conservation process of our historic legacy starts in 1825, when the Mexican National Museum is created, its purpose is to offer identity symbols and a unity concept. It developed and universe where natural phenomenon is mixed with artistic production and historic antiques. It was thought on this interpretation that should not only be related to past and present, not even with historic development.

It exists on the first decades of this century, an inclination for diversification and proliferation of museums and because, site, academic and community museums appear.

### “EL PALACIO, FORTALEZA.

Muy larga y espléndida es la historia del Palacio de Cortes, es la obra laica más antigua que se conserva en el país; huella imborrable del encuentro entre diversos pueblos indígenas que habitaban los señoríos de Mesoamérica y los conquistadores españoles, testigos de naturales hazañas. Nunca antes dos civilizaciones tan distintas y distantes se habían enfrentado.

El mundo Prehispánico prodigioso y antiguo vivía la noción del mundo que se extendía mas allá del horizonte. Los Españoles por su parte, herederos de la Cultura latina, griega e influenciados por el legado de los moros dominaban un continente en expansión. De ambas civilizaciones surgió una notable fundación cultural construyendo juntos la cultura mexicana.

Los conocimientos, las destrezas y la sensibilidad de los indígenas, unidos a conceptos y pautas occidentales, crearon una cultura única y profunda. Este recinto muestra a través de sus cimientos y muros la complicada historia y transformación de este proceso. Hecho por demás significativo, fue el nacimiento en este Palacio de Martín Cortés, primer mexicano reconocido por la Corona Española.

## LA EDIFICACIÓN.

En los tiempos Tlahuicas, el lugar donde fue edificado este palacio señala la existencia del señorío Cuauhnáhuac, estableció en el centro de recaudación tributaria más importante de la región. Como parte del discurso museográfico dentro de este periodo se exhiben vestigios de las cuatro etapas de reconstrucción Tlahuica, sobre los muros se señalan las dos últimas modificaciones y superposiciones estructurales, ya que en su momento el propio Hernán Cortés redujo a escombros el "Tlatocayancalli" mediante el fuego, para, ahí en ese sitio estratégico, iniciar la construcción de sus palacio-fortaleza.

El proceso se dio varias estepas; el núcleo del edificio reconocido como la Encomienda fue establecido poco después de la caída del Imperio de Tenochtitlán, el cual, dejó huellas muy endebles. De la misma manera la capilla se construyó sobre los restos del palacio Tlahuica con el propósito de que la Corona Real no pudiera confiscarlo por su carácter de Tierra Santa.

La época del Marquesado surgió a partir de que el emperador Carlos V dio a Cortés el título de marqués del valle de Oaxaca y le cedió una inmensa porción de territorio conquistado, además de 23 mil vasallos. Cortés y su esposa Juana Zuñiga Ramírez del Valle decidieron ampliar su palacio, es entonces cuando adquiere su aspecto "medieval" que evoca a la arquitectura española y en el año de 1535 la obra se concluye.

Con el fallecimiento del conquistador, el palacio siguió habitado por sus familiares y herederos. Más tarde, un periodo de extenso abandono y ocupación popular permitió el deterioro del inmueble. Dentro de las excavaciones arqueológicas desarrolladas se descubre que fue utilizado por diversos gremios artesanales.

El primer proyecto de restauración correspondió a la Real Cárcel de Cuernavaca con el uso práctico del edificio, más adelante un nuevo periodo de abandono y reclamo obligó al congreso del estado de México a dictar un decreto dirigido a los descendientes de Cortés por incumplimiento en el pago de impuestos, dándole posesión del inmueble al Estado.

Una remodelación y segunda restauración fue ordenada por el gobernador Francisco Leyva para instalar la sede del gobierno del recién formado Estado de Morelos. Finalmente su última y actual vocación (la de Museo) se llevó a cabo cuando pasa a ser administrado por el INAH. Los trabajos de restauración estuvieron enfocados a mostrar las diversas fases constructivas del palacio, edificado sobre las ruinas prehispánicas durante el siglo XVI, así como algunas modificaciones del siglo XIX.<sup>5</sup>

## EL MUSEO, CENTRO CULTURAL

Después de un intenso periodo de trabajo en la que colaboraron un buen número de instituciones y personas coordinadas por el INAH se inaugura en 1974 el Museo Regional Cuauhnáhuac.

Durante su gestación y certero establecimiento el museo se perfila como museo regional con una característica muy singular y es que el edificio es un museo en "sí mismo", además alberga el más rico y complejo legado histórico del Estado de Morelos, se aboca a las particularidades arqueológicas e históricas de la región así como de los distintos actores políticos sociales y económicos que la integran.

Entre sus finalidades se encuentra la formación de una visión crítica, en el fortalecimiento de la difusión de la historia, la antropología y la etnografía, así como en la conservación de nuestro patrimonio histórico. A través de una oferta de actividades artísticas y culturales, el museo establece un vínculo con la comunidad, que le permite fomentar y fortalecer nuestra identidad cultural.

Además de sus funciones propias el museo, se ha constituido a lo largo de 25 años de servicio a la comunidad como centro cultural, donde se adquieren e intercambian un sin fin de conocimientos y experiencias. En este recinto, se interrelaciona el devenir histórico cultural de nuestro tiempo y del Estado. A su vez, el museo representa un instrumento de política cultural

---

<sup>5</sup> ANGULO, Jorge. *Museo Regional Cuauhnáhuac*. INAH 1970.

Esta información fue presentada por el autor como síntesis en otra investigación "Restauración del Palacio de Cortés".

indispensable para reforzar la conciencia y conocimiento de sus raíces y su historia. Su presencia en la vida cotidiana hace de él un espacio dinámico en mutación continua, puerta de entrada cultural y núcleo de orientación para el visitante hacia las demás regiones de Morelos. Se cuenta entre los museos del país con mayor afluencia de variados públicos.

El quehacer de las artes plásticas, escénicas, visuales, más el pensamiento crítico y constructivo de la comunidad morelense y del país, sin excluir las manifestaciones internacionales, han encontrado en este recinto histórico, un punto de convivencia, de comunicación, de entendimiento de su experiencia histórica, en el que se demarca un espacio donde se conjugan distintos elementos, convirtiéndolo en el símbolo de la identidad morelense.

## **SU ACERVO.**

La colección del museo esta integrada aproximadamente por más de 2,700 piezas históricas, tecnológicas y artísticas que fueron minuciosamente seleccionadas por un grupo de investigadores especialistas en arqueología, antropología, historia, etnología, paleontología, curaduría y museografía. El acervo en su conjunto se reunió con las aportaciones del Museo Nacional de Antropología, Museo Nacional de Historia, Museo Nacional del Virreinato y el de las Culturas. Asimismo, hicieron sendas contribuciones la Asociación Amigos del Museo y diversos particulares.

De esta colección forman parte substancial muestras del Morelos de hoy y siempre que lo mismo se pueden apreciar en sus pueblos y escenarios, que en la salas del recinto, lo que refleja la reciedumbre del tiempo indígena que perdura adaptándose a las imposiciones modernizantes de cualquier época o civilización mediante aparentes hibridaciones que revisten de folklore su expresión genuina de sobrevivencia.

La colección seleccionada es reducida en su número, pero permite articular la narración de doce mil años de historia en la que se muestran importantes manifestaciones culturales relacionadas con otras partes del mundo. Asimismo, el discurso considera que los desarrollos locales son una parte importante integrada en el desenvolvimiento histórico, complementando y enriqueciendo el conocimiento de la historia en general

Es importante resaltar, que a dicha colección hay que sumar las dos piezas excelsas de su acervo, que por su valor intrínseco constituyen los ejes principales del discurso museográfico: el palacio fortaleza y el mural de Diego de Rivera.

El Palacio de Cortes, con su arquitectura medieval evoca a la España de Extremadura en el siglo XVI construido con piedra hierro y madera, es el escenario y parte aguas de la historia de México durante los últimos seis siglos. En el que sucedieron múltiples acontecimientos que van desde la construcción del centro tributario Tlahuica, la edificación del palacio fortaleza, primera construcción de carácter civil a la que siguieron haciendas y palacios, el lugar en donde nació Martín Cortes, prisión de José María Morelos y Pavón, Palacio de la República, despacho oficial de Maximiliano de Habsburgo, sede del gobierno del estado de Morelos hasta su ultima y mas noble vocación, la de servir como museo de la región para el fortalecimiento del conocimiento de la antropología, historia y la etnografía morelense. Se conserva así, nuestro patrimonio cultural

“Historia de Morelos Conquista y Revolución” es el titulo que Diego de Rivera otorga al mural en el que plasma en síntesis pictórica el devenir morelense y su contexto nacional. Integra su trazo a la arquitectura del palacio al utilizar arcos y vanos de las puertas para el relato, incorpora a su vez el simbolismo del mestizaje mexicano mediante las técnicas renacentistas interpretadas muy a su manera e integradas con el colorido, valores lineales y planos de los códices prehispánicos. El mural, pintado por encargo del embajador Dwight D. Morrow entre 1927 y 1930 internacionaliza al museo y a Diego, toda vez que a la obra siguieron sendos encargos al pintor en los Estados Unidos y Europa. Este complejo mural se ha convertido en icono e imagen emblemática a nivel internacional ya que uno de los libros mas conocidos sobre el muralismo mexicano muestra en su portada a Zapata y su caballo blanco.

## **EL DISCURSO.**

La organización del contenido responde además de los objetivos propios de la difusión cultural, a objetivos educativos en cuanto a que la presentación organizada del acervo es reforzada por mapas; fotomurales, reproducciones facsimilares, paneles, guías, y otros materiales didácticos que en una dialéctica sujeto- objeto integran ideas cuya narración permite al visitante comprender los sucesos y procesos que han conformado los antecedentes del presente histórico así como de sus raíces antiguas que le dan una identidad singular.

La función educativa ha sido tan exitosa en si misma que hace del museo Cuauhnáhuac uno de los más visitados del país. Es significativo del museo el que su colección refleje además la dinámica interrelación de la región con otras áreas geoculturales y grupos étnicos. Así se presentan muestras de su papel en el comercio con Filipinas y China la influencia europea y demás objetos representativos de las épocas descritas.

La colección propia del museo se complementa con exhibiciones temporales de procedencia nacional e internacional, así como de su propia reserva que se incorporan a efecto de abundar en la ilustración de temáticas específicas que se vinculan con los interés coyunturales de la comunidad a la que sirve. Recientemente el museo ha participado a su vez aportando piezas de su reserva a la integración de otras colecciones temporales y de otros museos.

Los guiones de exploración arqueológica, ecológica e histórica, así como el aspecto socioeconómico y etnográfico existente en Morelos y su correspondiente curaduría y montaje, reflejó los resultados de investigaciones producidas en el INAH.

En el proceso mismo de la restauración del inmueble, se fueron diseñando los conceptos del diseño museográfico y la correspondiente realización técnica y artística la cual no debía dañar ni crear conflicto con el edificio, ya que, el inmueble mismo se concibe como la pieza principal de la colección.

El discurso museográfico guarda una doble estructura, por una parte, el contenido se organiza en forma cronológica, principalmente en lo que se refiere a la historia antigua de Morelos y por la otra, se integra en forma temática lo que proporciona una dinámica que permite al visitante situar en tiempo y espacio las distintas etapas y procesos en su devenir histórico.

## **ESPACIOS Y RIQUEZAS.**

El espacio museal se distribuye en dos niveles, la planta baja concentra la historia antigua de Morelos desde el poblamiento de América y Mesoamérica hasta la Conquista, la planta alta, inicia con las aportaciones del viejo mundo, los actores políticos y sociales del siglo XIX y una breve visión épica del siglo XX. En este mismo nivel en la terraza oriente del palacio se encuentra el mural que Diego realizara en 1930. Este complejo mural narra la historia regional desde la conquista hasta la revolución, constituyendo una expresión pictórica del discurso museográfico mismo.

\* Licenciada Lorenza del Rio de Icaza

## **MEDIO AMBIENTE Y DESARROLLO SOSTENIBLE COMO CATEGORÍA DE ANÁLISIS**

*Mónica Mercuri\* - Museos, Monumentos y Sitios Históricos –  
Cultura y Educación (Provincia de Buenos Aires) - Argentina*

---

### **RESUMEN:**

Hablar de un medio ambiente natural y de medio ambiente humano somete la realidad a parcelaciones incomprensibles ya que no podemos analizar al uno sin el otro, pues las interacción son infinitas y quizás sean realmente ésta las que deben ser el verdadero objeto de análisis.

El progreso en la conceptualización de la problemática medioambiental no es ni definitiva ni suficiente, intento más acercarme a una definición de problemática global, donde el medio ambiente y el desarrollo sostenible sean solo variables de análisis y no la problemática en si.

Si consideramos que la problemática ambiental tiene entidad por si misma estamos cometiendo un atropello conceptual y caemos en la práctica de seguir creando campos conceptuales y no solo categorías de análisis de una realidad social, error propio del pensamiento disgregador que pretende analizar la degradación del medio natural y la degradación del medio social como dos entidades diferentes en vez de analizarlas como dos manifestaciones de un mismo problema.

Cuando hablo de problemática global estoy englobando, valga la redundancia, y no parcelando.

¿Qué es para mi la problemática global?: Es un todo indivisible donde individuo, sociedad, política, territorio natural y territorio cultural se entrelazan, alimentan y retroalimentan, donde no es posible tratar ni diagnosticar sobre una unidad de análisis, sin hacer lo propio con el resto.

### **Los museos frente a la crisis global:**

No creo que el museo deba posicionarse como un especialista en la problemática, más bien lo entiendo como un espacio de participación que puede y debe trabajar para el cambio actitudinal del individuo y la colectividad, propiciar actitudes de cambio como la reflexividad, solidaridad y compromiso ideológico.

También creo pertinente que delimite su campo de acción y las categorías de análisis que puede abordar como para colaborar en la solución de esta crisis mundial, estos son: la diversidad cultural, la producción simbólica, la legitimación de las múltiples tradiciones de conocimiento y la reconceptualización del consumo. Quizá podrían definirse otras categorías y cada una puede estar encuadrada dentro de la tipología a la que alude cada museo, pero estas me parecieron puntualmente las más abarcativas, pues cada una de ellas pueden ser exploradas desde diferentes ángulos y visiones.

\*Dirección de Museos, Monumentos y Sitios Históricos  
Dirección de Cultura y Educación - Provincia de B. Aires



## **MEDIO AMBIENTE Y DESARROLLO SOSTENIBLE COMO CATEGORÍA DE ANÁLISIS**

*Mónica Mercuri\* - Museos, Monumentos y Sitios Históricos –  
Cultura y Educación (Provincia de Buenos Aires) - Argentina*

---

*"Un trabajo que se genera en el reconocimiento de una real amenaza de colapso civilizatorio, no tiene más remedio que admitir que nunca como ahora fue tan urgente la necesidad de obtener una comprensión del mundo y del hombre"..  
Ética ecológica- Nicolás M. Sosa- 1990*

Antes de hacer consideraciones específicas respecto al tema que nos atañe en este encuentro, creo necesario declamar mi posición respecto a un concepto tan controvertido y a la vez de tanta actualidad como es el relacionado con lo que oficial y oficiosamente se denomina Medio Ambiente y Desarrollo Sustentable, porque el abordaje conceptual está íntimamente ligado al diseño de las estrategias para la acción.

Las sociedades tienen un proyecto histórico que no está dissociado del estilo de desarrollo, la definición de este estilo podría sintetizarse así...la forma en que se organizan y distribuyen los recursos humanos y materiales dentro de un sistema y estructura particular y dentro de coordenadas de tiempo y espacio.

Esta definición a pesar de estar ampliamente difundida no satisface las expectativas ni del medio ni de la sociedad, pues hay variables de análisis que no se han puesto en juego como por ejemplo las que aportan las múltiples tradiciones de conocimiento que son el resultado de particularidades culturales (García Canclini), universos de referencia y territorios existenciales (F: Guattari) que conviven en un mismo medio: el planeta.

Así mismo hablar de un medio ambiente dissociado: humano o natural somete la realidad a parcelaciones incomprensibles ya que no pueden ser analizados uno sin el otro, pues las interacciones son infinitas.

Demostremos una pequeña vuelta atrás y analicemos como ha ido cambiando de denominación a lo largo de estos cincuenta años, la "problemática ambiental".

A simple vista puede parecer un análisis irrelevante pero sin embargo lo considero procedente porque cuando algo se " nombra", ya se lo está sometiendo a un primer nivel de análisis y este primer nivel conceptual no es ajeno a manejos de poder y responde para mal o para bien, a corrientes ideológicas, entendiendo aquí la ideología como... el modo en que se enmascaran los intereses de grupo en el mundo de las convicciones(1)

El cambio progresivo de las denominaciones no es la consecuencia de ...la amplitud y libertad del lenguaje que nos ha desbordado y lo hemos creado y recreado una y otra vez, para designar viejas o nuevas situaciones, desde nuestras particulares perspectivas teórico-investigativas, aplicaciones e intervenciones (2), sino del manejo que políticamente se ha hecho del tema.

Desde la década de los 50 a los 70 se hablaba en los medios académicos y políticos (cuando el tema era tomado en cuenta) de ecología, como una rama más de las Ciencias Naturales y donde el hombre era solo considerado a consecuencia de ser un eslabón en la cadena trófica.

Desde los 70 a los 80, cobra vigor la denominación de Medio Ambiente Natural y Humano (1972 - Estocolmo), y el tema es reconceptualizado como el hombre y su entorno y tratado interdisciplinariamente.

Se transforma en un tema de vanguardia y comienza a politizarse, saliendo de los claustros académicos para transformarse en el estandarte de la lucha de grupos comprometidos o minorías amantes de la naturaleza.

Entre los 80 y los 90, el tema entra a tallar ya en los discursos políticos oficiales pero solo a nivel declamativo. Ya no es el Medio Ambiente Natural y Humano solo como porciones de una realidad que podía ser estudiada como el objeto propio de una o más ciencias desde diferentes ángulos, sino que es analizado transdisciplinariamente y el hombre es ubicado como actor de la realidad medio ambiental. La problemática cobra importancia por la legitimación que

la comunidad hace de ella y entran en juego el Medio Ambiente asociado al Desarrollo Sostenible .

Pero este progreso en la conceptualización no es ni suficiente ni definitivo. Esta retrospectiva histórica tiene una finalidad, la de permitirme avanzar sobre lo que considero un error, el de formular nuevos enunciados dentro del mismo marco conceptual cartesiano. (3)

Su propia denominación (Medio Ambiente), somete la cuestión, al perjuicio y al prejuicio de considerarlo como algo disociado de nosotros. En consecuencia la condición a la que lo sometemos es a la de una macrorealidad, la realidad de los otros, una realidad inalcanzable e inapelable con lo que ello conlleva: la no participación, el no compromiso, y una serie infinita de actitudes de negación.

Intento acercarme a la definición de una problemática global, donde el medio ambiente y el desarrollo sostenible sean solo variables de análisis y no la problemática en sí.

Si consideramos que la problemática ambiental tiene entidad por sí misma estamos cometiendo un atropello conceptual y caemos en la práctica de seguir creando campos conceptuales y no solo categorías de análisis de una realidad social, error propio del pensamiento disgregador que pretende analizar la degradación del medio natural y la degradación del medio social como dos entidades diferentes en vez de analizarlas como dos manifestaciones de un mismo problema.

Cuando hablo de problemática global estoy englobando no parcelando. ¿Que es para mí entonces la problemática global? Es un todo infragmentable donde individuo, sociedad, política, territorio natural y cultural se entrelazan, alimentan y retroalimentan, donde no es posible tratar ni diagnosticar sobre una unidad de análisis sin hacer lo propio con el resto.

Voy a intentar esbozar un ejemplo que no responde a la apariencia de linealidad que aquí le he impuesto por una cuestión de redacción : no puedo hablar de medio ambiente sin hablar de economía, no puedo hablar de economía, sin hablar de política, no puedo hablar de política sin hacerlo de las tensiones y conflictos internos y externos, no puedo hablar de los conflictos sin hablar de la pobreza, no puedo hablar de la pobreza sin hablar de ética, no puedo hablar de ética si no lo hago desde los valores, no puedo hablar de valores si no lo hago desde el marco conceptual, no puedo hablar de marco conceptual si no hablo de la convalidación colectiva, no puedo hablar de lo colectivo sin hablar del individuo, no puedo hablar del individuo sin verlo desde la óptica de lo cultural y lo biológico, y así seguiría infinitamente esta cadena de interrelaciones por la cual pido disculpas sobre todo por el grado de simplificación a la que fue sometida. Está de más señalar que esta cadena no está sujeta a la mera relación causa-efecto y si, a factores de complejidad extrema además de los cualitativos y cuantitativos de grado infinito y del condicionamiento a coordenadas de tiempo y espacio. Por más simple que sea la cadena diseñada en este caso particular, sirve como recurso para mostrar algunas y solo algunas de las diferentes categoría de análisis a las que debe ser sometida la problemática global.

Señala Felix Guattari la incapacidad de aprehender esta problemática en el conjunto de sus implicaciones, abordándola generalmente desde una perspectiva tecnocrática, cuando en realidad sólo una articulación ético-política entre los tres registros ecológicos, el del medio ambiente, el de las relaciones sociales y el de la subjetividad humana, sería susceptible de clarificar convenientemente estas cuestiones.(4)

Además debo reafirmar que de la adecuada enunciación de un problema devienen los resultados correctos vale como ejemplo el análisis de el quinto punto del Tratado de "Principios de Educación para Sociedades Sustentables y Responsabilidad Global" (Tratados Alternativos - Rio92), donde se recomienda que la educación ambiental debe tener una perspectiva holística..., cuando en realidad la recomendación debía apuntar a exigir que la formulación de los enunciados se efectivizaran encuadrados dentro de la teoría holística lo que permitiría ampliar, no solo el campo de las acciones, sino el alcance de las mismas.

## Los Museos frente a la crisis global:

Me remito a Latinoamérica para hablar del campo de acción y el diseño de estrategias que pueden ser el aporte que los museos y la museología hagan en pos de la solución de esta crisis global

Para ello voy a hacer un encuadre teórico de las categorías de análisis sobre las que puede trabajar el museo, sin considerar que éste deba transformarse en un especialista sobre el tema ambiental.

La diversidad cultural: algunos antropólogos latinoamericanos han denominado modernización refleja (Ribeiro, 1971) a la dinámica que toma la cultura de los países no avanzados en este contexto de crisis global. La modernidad occidental se transfiere de manera impositiva en las culturas de los pueblos produciendo una homogenización que conspira con la diversidad. En este escenario, el empobrecimiento cultural no solo afectará a los países no avanzados, sino también a los avanzados, donde las nuevas tecnologías de información y comunicación han sido identificadas, como inmensas redes de simulacros. (\*)

Producción simbólica: en este esquema de cultura, las cosas, los signos, las acciones, funcionan con una indiferencia total a su propio contenido y como el hombre que ha perdido su sombra, ellas pierden su idea y caen en el delirio (Baudrillard, 1990). La penetración del aparato económico y técnico-científico en el cultural significa para algunos, una nueva barbarie, un nuevo analfabetismo, (\*)

La legitimación de múltiples tradiciones de conocimiento: es un momento de transición entre el paradigma cartesiano y el paradigma de la complejidad, donde presenciamos la desintegración de la ciencia unificada y pérdida de consenso en la naturaleza de la racionalidad científica y las tendencias a conocimientos más integrados, con posibilidades de incluir aspectos que habían estado marginados como lo ético y lo estético. Aparecen en la escena nuevas formas de conocimiento no necesariamente legitimados por lo considerado hasta ahora "científico". Aparecen cuestionamientos a nociones claves como objetividad, certeza, predicción, cuantificación y hay un manifiesto debilitamiento del conocimiento abstracto dando lugar al conocimiento contextualizado. Aparece en la escena el conocimiento "ordinario" o "popular" hasta ahora subyugados como fuentes válidas para el análisis de la realidad social y el entendimiento humano. (\*)

*(\*) Carmen García Gaudilla: Globalización y conocimiento de tres tipos de escenarios*

La reconceptualización del consumo: definitivamente como sostiene García Canclini, pensar al mercado no solo como simple lugar de intercambio de mercancías sino como parte de interacciones sociales complejas, donde el consumo es visto no como la mera posesión individual de objetos aislados sino como la apropiación colectiva de bienes que dan satisfacción biológica y deben volver a dar satisfacción simbólica.

La simple demarcación de los campos de acción no es suficiente, el museo fundamentalmente, como espacio de participación, pueden y deben trabajar los cambios actitudinales que apunten a soluciones globales: reflexividad, solidaridad y compromiso ideológico y es en el marco de estas nuevas actitudes, desde donde deben elaborarse los discursos museológicos y no desde los hegemónicos ni desde las meras reflexiones académicas.

"Atender a la toma de conciencia ya que el reflejo de esta situación, hace que el hombre no sólo se vea a si mismo, en su individualidad, como una tarea, su vida como una creación, sino que levantándose sobre la historia y el destino de su especie trate de leer su propia ley evolutiva y fijar un programa, un proyecto que la humanidad se proponga en su acción colectiva" (5).

## **BIBLIOGRAFÍA**

Rodrigo Flores Guerrero: Alcances para una conceptualización constructivista del concepto de Acción Social  
Carlos Paris: Filosofía Ciencia y Sociedad  
Mónica Mercuri: Mi acto de distinción (ICOFOM/LAM-1999)  
Felix Guattari: Los tres registros ecológicos  
Carlos Paris: idem  
Nicolás Sosa: Etica ecológica  
Fritjof Capra: El punto Crucial  
Néstor García Canclini: Consumidores y Ciudadanos  
Alain Touraine: Igualdad y Diversidad  
Conclusiones de La Cumbre de Rio92

## **DESARROLLO SUSTENTABLE, MEDIO AMBIENTE Y PATRIMONIO CULTURAL (HISTÓRICO -ARTÍSTICO)**

*María Delia Pereiro Grigaravicius\* -*

*Universidad del Museo Social Argentino - Argentina*

---

El medio ambiente construido da su sentido al paisaje urbano . Las cualidades de las zonas edificadas y la preservación de los centros históricos forman la personalidad de una ciudad , a diferencia de otras ciudades.

La naturaleza en las ciudades depende de los espacios naturales conservados o planificados de los parques, jardines, espacios verdes , avenidas pobladas de árboles , zonas peatonales, bosques periurbanos.

Ello concierne a la fauna y la flora de las ciudades , que determinará también la existencia de contaminación.

Pero, la protección del patrimonio histórico y cultural urbano constituye una riqueza colectiva que sobrepasa los intereses locales.<sup>1</sup>

La noción de patrimonio arquitectónico, evoca la idea de un talento creativo, de una comunidad que produjo los bienes culturales inmuebles de interés público , artístico e histórico.

Ese patrimonio es considerado como una herencia recibida de generaciones pasadas donde el detentador no puede disponer a su manera y tiene el deber de transmitir intacto , o bien enriquecida a las generaciones futuras .<sup>2</sup>

Pero, la localización y la conservación de los bienes culturales es un problema que ha alcanzado dimensiones insospechadas , no sólo por el interés que ha despertado y por la conciencia que han tomado de él todos los países , sino especialmente por la forma de proyectarse sobre especialidades de muy diverso carácter lo que hace ciertamente difícil que pueda ser dominado por personas formadas en una única disciplina científica.

Actualmente los nuevos métodos de investigación han permitido la enorme posibilidad de localizar yacimientos arqueológicos, de la reconstrucción del ambiente, del examen externo y el estudio de la estructura interna de las obras, pero con ello no tenemos resuelto todos los problemas.

Estos medios nos facilitan el manejo de nuevos datos, pone a nuestro alcance aspectos a los que ,sin ellos no se puede llegar ,pero debemos asimismo partir del hecho innegable de que toda obra de arte u objeto cultural en general, está integrado por dos ingredientes de distinta naturaleza : uno material que se puede contar , medir y reducir a normas y esquemas y otro espiritual que dimana del genio del artista, del grado de inspiración que en él aliente en el momento de crear la obra y del significado histórico – cultural que pueda tener un objeto , y este ingrediente espiritual esta significación histórica y cultural , no se puede reducir a escalas concretas y precisas.<sup>3</sup>

Por ello es que, quién determine la calificación y conservación del patrimonio cultural de un lugar no podrá desconocer estos dos aspectos que hemos señalado y deberá valerse por una parte de las ciencias que como , la Física, la Química, la Biología, la Historia, la Geografía etc .son indispensables para la determinación de la importancia y conservación de un bien cultural.

Pero por otra parte, no podrá desconocer los factores espirituales que rodean la obra, la inspiración de su autor, las tradiciones del lugar , de lo contrario la evaluación sería incompleta.

Pero, el tema es mucho más complejo, no podemos tampoco dejar de analizar cuáles son los factores externos que producen el deterioro de un objeto de carácter cultural.

Se deberán tener en cuenta los agentes atmosféricos ,los pájaros – especialmente palomas y golondrinas- que con su continuo revoloteo ensucian con sus excrementos mezclados con orín y dañan la superficie de los lienzos, y las pintura de aquellos cuadros colocados en claustros al descubierto.

Es importante el deterioro que provocan las lechuzas que como las anteriores, dañan los lugares, agravado por otros factores de destrucción, pues son rapaces , animales que se han encontrado en abundancia en la oscuridad de torres y desvanes.

También las piedras de los edificios sufren iguales deterioros, sin olvidar los agentes atmosféricos , líquenes plantas trepadoras y bacterias.

El daño que se deriva de la presencia de ratas , que circulan siempre pegadas a la pared atento que, sus grandes bigotes le sirven de radar ;nunca cruzan una habitación o espacio abierto, a no ser que se vean acosadas o tengan hambre, pero, un tratamiento especial merecen los murciélagos .

Este animal es un mamífero que tiene un especial interés porque causa daños a cuadros, telas, tapices y mármoles contenidos en catedrales, monasterios pinacotecas , palacios y otros edificios monumentales.

Por la costumbre de guarecerse durante el día tras los cuadros ,imágenes o esculturas tapices, etc .y sobre todo durante su sueño invernal en el que grandes grupos anidan en los sitios indicados, causan importantes daños a causa de su orín y excrementos cargados de ácido úrico que daña y descompone pinturas, telas , mármoles, etc, en los que dejan manchas indelebles difíciles de hacer desaparecer.

El tema es difícil de resolver porque es complicada la solución para desplazar y no destruir a los murciélagos de los sitios donde pueden hacer daño .

Debemos tener presente que este mamífero realiza una benéfica labor destructora sobre larvas e insectos perjudiciales en su revoloteo nocturno, pero son también ciertos los perjuicios a las obras de arte y demás objetos culturales, conforme lo hemos señalado, objetos que hay que proteger.

Este animal no actúa directamente como los insectos y hongos, pero sí indirectamente , como lo hemos señalado al guarecerse durante el día tras cuadros, tapices y telas especialmente en su largo sueño invernal.

Animal benéfico para la agricultura por la cantidad de larvas e insectos que consumen ,no debe por esta causa destruirselos , pero sí tomar medidas precisas para tenerlos alejados de las obras de arte que pueden dañar.

Un ejemplo de la envergadura de este problema lo tenemos en el Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial, en España, donde en 1952 el cuadro de la Purísima que coronaba el retablo mayor , tenía como una mancha en la cara, después de una inspección se determinó la presencia de murciélagos, lo que derivó en un importante trabajo de limpieza y restauración .<sup>4</sup>

Como hemos podido observar, existe una interrelación entre el medio natural y el cultural y toda decisión apresurada para combatir determinadas especies de animales y/o vegetales para proteger el patrimonio cultural de una ciudad, puede derivar en una importante alteración del ecosistema urbano y/o rural con relación a los campos linderos a una zona conservada como patrimonio cultural.

Esto es así porque las especies vegetales forman entre ellas asociaciones que dependen estrechamente de las características físicas y químicas del suelo y del agua, de la altitud , de la latitud ,del clima , etcétera .A estas asociaciones vegetales corresponden especies animales que se nutren de las plantas que las componen Esos herbívoros son a su vez consumidos por carnívoros que son ellos mismos las presas de otros carnívoros y así seguidamente hasta la cúspide de la pirámide alimentaria.

Ese conjunto de elementos presentes en un espacio determinado , constituyen una unidad natural , formando un ecosistema.

La destrucción de los medios naturales o ecosistemas arrastra la desaparición de las especies que de ellos dependen.

En razón de ello debe actuarse con mucha prudencia en la construcción de barreras artificiales , tales como las autopistas ,los ferrocarriles y los canales , que pueden modificar considerablemente la estructura de un ecosistema impidiendo los desplazamientos de los animales.<sup>5</sup>

Como se puede observar, la planificación urbanística puede alterar un ecosistema, y, como en el ejemplo de los murciélagos, la destrucción de ciertas especies puede derivar en la propagación de plagas que pueden afectar la ciudad o los campos linderos a una zona urbana protegida.

De ahí que hablemos de una ecología urbana que, no puede dejar de relacionarse con los conceptos de medio ambiente, urbanismo y patrimonio cultural histórico artístico.

Por ello es que una actitud negociadora y conjunta del Derecho del Urbanismo y del Derecho al Medio Ambiente es la condición indispensable del éxito de este instrumento nuevo- el medio ambiente urbano lo que se ha visto reflejado en numerosos documentos elaborados por

ciudades europeas como han sido el “Plan d’ actino d’écologie urbane dugrand Lyon” adoptado por el Consejo de la Comunidad Urbana de la ciudad francesa de Lyon” el 15 de junio de 1992 y la “ Charte d’environnement de la communauté urbaine de Cherbourg” adoptado en enero de 1993.<sup>6</sup>

Esto debe ser así porque ambos subsistemas, el natural y el social , están vinculados de tal manera , que cualquier alteración en alguno de sus componentes por parcial que ella sea provocará alteraciones concatenadas en el resto de la realidad ambiental.<sup>7</sup>

Es por ello que lo aquí expuesto debe relacionarse con los conceptos de desarrollo sustentable y museo

La necesidad de encontrar puntos de equilibrio entre los requerimientos del desarrollo y el cuidado del ambiente , a partir del reconocimiento de que uno y otro hacen a la satisfacción de las crecientes necesidades humanas.

Es por eso que el nuevo artículo 41 de la Constitución Nacional ( Reforma del año 1994) ha incorporado el derecho de todos los habitantes a gozar de un ambiente sano , equilibrado , apto para el desarrollo humano y para que la actividad productiva satisfaga las necesidades presentes sin comprometer las de las generaciones futuras ... las autoridades proveerán a la protección de este derecho , a la utilización racional de los recursos naturales , a la preservación del patrimonio natural y cultural y de la diversidad biológica , y a la información y educación ambiental .<sup>8</sup>

Introduce así en su normativa el concepto de desarrollo sustentable o sostenible que tuvo su origen en la Comisión Brundtland de las Naciones Unidas y tuvo nuevos bríos a partir de la Cumbre de Río de 1992 y tomada la idea en forma acertada por los constituyentes de 1994 .<sup>9</sup>

Esto es acorde al concepto de museo como establecimiento permanente para conservar , estudiar , poner en valor medios diversos y esencialmente exponer para deleite y educación del público , las colecciones de interés artístico , histórico , científico o técnico.<sup>10</sup>

Concepto que ha ido evolucionando desde las colecciones privadas , a las que el público carecía de acceso , a los museos con un intento claro de acercar las obras a los habitantes del país , tal el caso de la primera colección Real que pasó a formar parte del Patrimonio Nacional como fue el nacimiento del British Museum en 1753.<sup>11</sup>

Lo que ha llevado en la actualidad a la ampliación de concepto de museo y la aparición de la noción de ecomuseo , así como la promoción del museo en la ciudad , y el desarrollo indiscutible de su misión educativa.<sup>12</sup>

Para llegar así a una definición que engloba especialmente los sitios y monumentos arqueológicos y etnográficos , los jardines botánicos y zoológicos acuarios , viveros, centros científicos , planetarios y parques naturales, poco desarrollados en América Latina pero que ofrecen extraordinarios potenciales que podrían ser explotados al servicio de la sociedad y de su desarrollo y constituyen el fermento de la renovación museística en el siglo XXI.

El museo tiene su lugar en el concepto de desarrollo sustentable y debe dejar de ser considerado como un lujo .

La afirmación de la identidad cultural debe ser entendida como un derecho humano fundamental y servir de base a la cohesión y a la unidad nacional.

Para terminar, no debemos olvidar el respeto a las culturas indígenas que implican la necesidad de preservar el medio natural ,culturas unidas a su medio ambiente.<sup>13</sup>

Buenos Aires, abril de 2000

## BIBLIOGRAFIA

- 1 PRIEUR , Michel .Droit de l' urbanisme bilan et perspective . AJDA . L' actualité juridique Droit Administratif .Numéro spécial .Paris 20 mai 1993 . Pag. 85.
- 2 MORAND – DEVILLER , Jacqueline. Professeur 'a l'Université de Paris I . Patrimoine Architectural et Urbain .Monuments historiques . Collectivité territoriale Fasc. 1170 . Environnement .Fasc. 548 .Éditions du Juris – Classeur – Francia. 1998 – Pag. 4
- 3 NIETO, Gratiniano . Auxilio que la ciencia presta para el estudio y conservación de los bienes culturales .Informe y Trabajo del Instituto de conservación y restauración de obras de arte, arqueología y etnología N° 11 . Ponencia presentada en el XXIX Congreso Luso – Español para el Progreso de las Ciencias . Lisboa .1970 .Ministerio de Educación y ciencias. Dirección General de Bellas Artes. España. Pag. 5 / 7.
- 4 TORRES y ARREDONDO de la , Sebastián. Acción destructora de los murciélagos en las obras de arte Informes y trabajos del Instituto de Conservación y Restauración de Obras de Arte , Arqueología y Etnología . N°7 .Ministerio de Educación y Ciencias . Dirección General de Bellas Artes . 1968 . Madrid . España . Pag.7 /14.
- 5 BUSTAMANTE ALSINA , Jorge . Derecho Ambiental . Fundamentación y normativa .Pag.39
- 6 PRIEUR , Michel . Droit de l' urbanisme bilan et perspectives. AJDA . Obra citada . Pag. 88
- 7 FRANZA, Jorge Atilio . Manual de Derecho Ambiental Argentino y Latinoamericano. Tomo I . Ediciones Jurídicas. Segunda Edición . Buenos Aires . 1997. Pag. 51.
- 8 CONSTITUCIÓN DE LA NACIÓN ARGENTINA. Edición Zavalía . buenos Aires. 1997.
- 9 NATALE , alberto A. Protección del medio Ambiente en la Reforma Constitucional . LA LEY . Tomo 1994 – E Sección Doctrina. Pag. 1385.
- 10 FRANCESCH MOYA , Federico . Museos de España . Editorial Everest S.A. Pag. 5
- 11 PEREIRO de GRIGARAVICIUS , María Delia . Necesidad del Museólogo de conocer , interpretar y respetar la voluntad del donante de objetos destinados a incrementar el patrimonio cultural .CONCEPTOS . Universidad del Museo Social Argentino. Septiembre / octubre de 1996. Pag.36.
- 12 CACHIN, Françoise . el compromiso de Francia en el seno del ICOM .Noticias del ICOM. Especial 50 aniversario.París . 1997.
- 13 SAN ROMÁN, Lorena .Museos y Medio Ambiente. Noticias del ICOM . especial 50 Aniversario . París . 1997 .



**ISLA DEL CERRITO (PROVINCIA DEL CHACO- REP. ARGENTINA) -  
POSIBILIDAD DE CONSERVACIÓN DE ECOSISTEMAS Y PAISAJES.  
PLAN DE MANEJO DE USO Y GESTIÓN.**

*Elba Leonor Sánchez de Romero\* -*

*Museo de Ciencias Naturales "Augusto G. Schulz" - Argentina*

---

La Provincia del Chaco, en la República Argentina, posee una fracción territorial, de 11.640ha. de superficie, conformando una isla llamada del Cerrito.

Ante la intención del Gobierno provincial de promover el lugar con fines turísticos, el Museo participó realizando un diagnóstico somero acerca de la situación y características notables del medio biofísico. A partir de este informe preliminar, se continuó trabajando en el lugar, profundizando la investigación del medio físico, de los recursos bióticos y del medio social, así como de la historia de la Isla, en la seguridad de que ésta aportaría información importante, relacionada con el pasado biológico del lugar.

Del análisis de los resultados, inferimos que la Isla posee características singulares que ameritan la creación de un área natural protegida y se planifique la promoción turística del lugar. Consecuentemente con esta última propuesta, se diseñó un Plan de manejo de uso y gestión para ese territorio insular.

Con tales objetivos, nuestro trabajo enumera y fundamenta los siguientes atractivos singulares:

**En el medio físico:**

El relieve isleño es una planicie de inundación con excepción de un único afloramiento rocoso de areniscas, ubicado en el extremo norte, conocido con el nombre de El Cerrito. Estas rocas constituyen las únicas barrancas del territorio - tienen alturas que oscilan entre 3 y 6 metros- y fueron producidas por movimientos tectónicos datados en el Mioceno Superior.

El suelo del lugar recibe el aporte anual de sedimentos que bajan por el río Bermejo hacia el Paraguay y que fueran calculados en alrededor de 40 kg. por m<sup>3</sup>. Este aporte hace que los suelos y la vegetación que crece en ese sustrato, estén sujetos a hidroperíodos. Se determina así condiciones ecológicas especiales.

La hidrografía del lugar está representada por un único riacho de aguas permanentes y numerosas lagunas concentradas en la mitad SO de la isla. El funcionamiento de estos sistemas también está sujeto a los procesos de inundaciones anuales y plurianuales. Durante los períodos de aguas bajas, mantienen su individualidad pero, cuando el caudal del Paraná y las lluvias aportan mayor volumen de agua –generalmente entre diciembre y abril de cada año- esta individualidad se pierde y los ambientes se interconectan compartiendo el entretejido de especies animales y vegetales.

En los recursos bióticos:

La fauna local está incluida en la Provincia Biogeográfica chaqueña y en general se repiten las especies características del Chaco continental, pero incluye otras con situación especial, categorizadas como vulnerables, en peligro y en extinción. Entre estas últimas algunas ya fueron declaradas Monumentos Naturales por la legislación chaqueña.

Tiene ecosistemas de bosques muy variados: ribereños, de inundación, de albardón y bosque alto abierto.

Tiene elementos de la vegetación casi exclusivos y otros de aparición periódica y discontinúa.

Las inundaciones de características excepcionales determinaron la pérdida de especies en la composición florística y otras constitutivas de la fauna local.

Con tales fundamentos, nuestra propuesta es la creación de una reserva con características de RESERVA DE LA BIOSFERA, es decir: con una zona núcleo intangible, una zona de amortiguación y una zona de uso sostenible, en las 2.500 ha. donde reconocimos la

mayor variedad de unidades geomorfológicas y de vegetación, así como la mayor variedad de ecosistemas de la Isla. Se trata de tierras de propiedad privada, cuyo propietario ha demostrado durante los casi 35 años de residencia, especial preocupación por minimizar las alteraciones que podrían originarse con el uso de los recursos.

Con esta categorización se lograría la triple finalidad de:

- Conservar la riqueza genética que contiene la zona protegida.
- Que ésta sea utilizada para el estudio de los ecosistemas.
- Potenciar el desarrollo sostenible del lugar favoreciendo consecuentemente, la calidad de vida de la población isleña.

## **FACTORES QUE FAVORECEN LA CREACIÓN DE LA RESERVA.-**

Están vigentes documentos legales, destinados a preservar o a recuperar ambientes de la isla y sus componentes bióticos. Estos documentos son:

- Dcto. nº 1551/70. Declara zona de reserva a todo el territorio de la isla, prohibiendo la caza de cualquier animal silvestre.
- Ley 3126/86. Declara “área de protección, recuperación y desarrollo, a los espacios afectados por las inundaciones y la totalidad de las islas existentes”. Declara también Parque Provincial a la Punta Norte de la Isla, con una superficie calculada desde el punto más alto del sitio hasta 1.500 metros equidistantes del mismo.
- Ley 3964/93. Enuncia los principios rectores para la preservación, recuperación, conservación, defensa y mejoramiento ambiental.
- Ley 359/96. Establece normas que regirán el sistema provincial de Áreas Naturales Protegidas, dando cumplimiento al art.38, inc.4 de la Constitución Provincial.

El acceso al lugar no tiene dificultades.

Se encuentra a escasos minutos de la planta urbana, donde existe una infraestructura apropiada para recibir contingentes cuyas visitas a la zona de interés podría planificarse criteriosamente.

## **PROPUESTA PARA EL MANEJO DE USO Y GESTIÓN.**

Habiendo seleccionado un área con atributos especiales que permiten nuestra propuesta de categoría de manejo, la planificación del uso y gestión de los ambientes y paisajes protegidos puede integrarse con varios programas.

Estos conformarían una guía metodológica básica para que las intervenciones antrópicas en el área protegida respondan a criterios conservacionistas, mejorando simultáneamente las opciones posibles de uso sostenible de los recursos que existan en ellas y proponiendo la integración de la población local en las acciones que se planifiquen.

En función de tales objetivos, los Programas que tendrían que ejecutarse son los siguientes:

- A.- De Educación Ambiental.
- B.- Turístico - educativo.
- C.- De investigación del funcionamiento de los sistemas naturales.
- D.- De manejo sustentable de la naturaleza.
- E.- De restauración de ecosistemas degradados.

El diseño, la ejecución, la evaluación de resultados y el monitoreo de todos los Programas, requerirán el concurso de profesionales en distintas disciplinas, cuyos trabajos tendrán que interrelacionarse en beneficio de los resultados.

### **Constitución de un Ente Coordinador:**

Habrà que conformar un Ente Coordinador que prioritariamente se constituirà en el nexo con el àrea respectiva del Gobierno Provincial. Sus funciones principales seràn:

- Intervenir en la elaboraci3n de los planes operativos anuales que se aplicarán en la reserva.
- Intervenir en la constituci3n de los grupos de trabajo para la ejecuci3n de los Programas.
- Intervenir en la selecci3n de los Proyectos, atendiendo especialmente a la pertinencia, oportunidad y factibilidad de los mismos.
- Intervenir en la obtenci3n de los recursos necesarios para implementar los Programas integrantes del Plan .
- Adoptar la metodología apropiada para evaluar resultados y monitorear el desarrollo anual de los Programas.
- Relacionarse con institutos de investigaci3n de la naturaleza, nacionales e internacionales y promover convenios de trabajo con los mismos.

### **Centro urbano multifuncional.**

Ubicado en la planta urbana de la Isla, serà sede del Ente Coordinador y tendrà àreas funcionales en las que se desarrollarán actividades correspondientes a los programas en ejecuci3n.

Entre los servicios que se concentrarán en esas àreas, se encuentran:

- Servicios informativos: con la utilizaci3n de material impreso que asesorará al visitante sobre los aspectos mencionados en el Subprograma hom3nimo.
- Este material impreso tendrà distinto grado de complejidad y comprenderá desde sencillos folletos destinados a todo pùblico, hasta Guías de campo para visitantes diferenciados.
- Servicios interpretativos: la utilizaci3n de medios audiovisuales complementarà la visita personal del pùblico al ambiente natural.
- Servicios administrativos .
- Servicios de mantenimiento.
- Servicios sanitarios.
- Servicios de primeros auxilios.
- Servicios opcionales: de refrigerios y comercializaci3n de insumos necesarios para fotografía, filmaci3n y avistamientos.
- Atendiendo a la formaci3n profesional de la autora, se desarrollan en este trabajo los programas A y B.

### **A.- PROGRAMA DE EDUCACI3N AMBIENTAL.**

#### **A.1- Objetivos del Programa.**

- Buscar un cambio de conducta social, a favor de una nueva forma de vida, que tienda a la relaci3n arm3nica entre hombre y naturaleza.
- Buscar que este proceso de cambio se inicie en la familia, continúe en la escuela y se manifieste en el funcionario que gestiona y administra los recursos de la Isla. Debe ser un proceso continuo y orgànico.

#### **A.2- Destinatarios:**

- Miembros de la poblaci3n isleña
- Docentes
- Empleados pùblicos
- Funcionarios
- Jóvenes egresados del Establecimiento Educativo de Nivel Secundario.

### **A.3- Fundamentación:**

La formación de recursos humanos es el punto de partida para el desarrollo de los programas enunciados, en los que quienes participaron en el de Educación Ambiental serían incorporados con distintos niveles de responsabilidad, fortaleciéndose simultáneamente el rol de las instituciones locales.

Es un factor muy importante que la temática ambiental ya ha sido incorporada a los Contenidos Básicos Comunes (CBC) para la Educación General Básica (EGB). Esto significa su aplicación en los tres ciclos que comprenden desde 1º hasta 9º grado, en los cuales se promueve el análisis del papel que las actividades humanas desempeñan en la modificación de los ambientes, destruyendo, conservando o mejorándolo.

El desarrollo de temas ambientales en la enseñanza formal, implica que una fracción de los destinatarios del Programa de Educación Ambiental que integra nuestro Plan, estarán básicamente capacitados para participar en la resolución de problemas sencillos que existan en el ambiente local, iniciando el rol protagónico deseable para todos.

Atendiendo a esta situación, la estrategia educativa adoptada para los demás destinatarios, tendrá que establecer fuertes vínculos entre los establecimientos educativos y la comunidad. La constitución de comisiones o de otra organización no gubernamental, integrada por jóvenes estudiantes, docentes y miembros de la población, motivará acciones conjuntas en beneficio de objetivos comunes.

Asimismo, jóvenes y adultos formados en la temática ambiental, estarán capacitados para oficiar de baqueanos y de guías.

### **A.4- Documento básico:**

Ante la necesidad de que este Programa genere varios Proyectos de Educación Ambiental, es recomendable la adopción de un Documento Básico que actuará de hilo conductor, asegurando que todos los Proyectos respondan al mismo criterio.

Por tratarse de un documento que no solo enuncia principios generales sino que además contiene recomendaciones aplicables a la protección del medio biofísico que nos interesa, se ha seleccionado la CARTA MUNDIAL DE LA NATURALEZA, redactada por la Asamblea General de las Naciones Unidas en 1.982. No se descarta la incorporación de otros de igual relevancia. Es necesario además, que los protagonistas de este Programa conozcan analíticamente los documentos legales producidos en la Provincia referentes al tema.

#### **A.5. Selección de temas:**

Entre los temas cuyo tratamiento se considera ineludible se encuentran los siguientes:

- Cómo se relaciona el hombre con la naturaleza.-
- Cada sociedad tiene una relación diferente con la naturaleza que constituye su entorno. La comunidad isleña afronta con frecuencia los efectos de la inundación, fenómeno que altera el normal desarrollo de todas las actividades y que tiene incidencias socioeconómicas notables.
- Es necesario realizar un diagnóstico para conocer la realidad de esta relación, cuáles son sus puntos armónicos y cuáles los desequilibrios que se producen.
- Realizado el diagnóstico, se estará en situación de elaborar proyectos con objetivos y metas correctamente determinados.
- No obstante y en razón de que algunas realidades son notorias, se señala la necesidad de que los Proyectos tiendan a estabilizar la relación del isleño con el medio natural, preparando a aquel fundamentalmente para:
  - a) mitigar los efectos de la inundación sobre sus propiedades.
  - b) realizar actividades alternativas o compensatorias, durante los meses en que produce el fenómeno.
- Cual es la función de las especies que viven en la isla.
  - Es importante que los pobladores conozcan la función que cumplen plantas y animales dentro de los ecosistemas de la isla y la importancia que tienen para mantener en armonía los sistemas naturales característicos del lugar.
- Esto los convertirá en protagonistas de su protección.
- Conocimiento de normas legales nacionales y provinciales, que prohíben la caza, tráfico y/o comercialización de especies locales y su vinculación con la protección de la biodiversidad.
- El agua como recurso. Fuentes de contaminación. Medidas de prevención.

#### **A.6.-Actividades y recursos didácticos:**

En razón de la heterogeneidad de los grupos humanos que serán destinatarios del Programa, habrá que optar por actividades y recursos adaptados a sus características. Se mencionan algunos: talleres, reconocimientos in situ, interpretación de claves y de guías sencillas, interpretación de afiches, diseño de proyectos para actividades comunitarias, implementación de encuestas, redacción de publicaciones breves, simulación de incidentes críticos para el ambiente.

#### **A.7-Responsables de proyectos y de actividades.**

Se recomienda la participación de biólogos o ecólogos, con formación en educación ambiental. La intervención de profesionales de otras áreas, preferentemente con experiencia en gestión y administración de recursos naturales, complementará el equipo responsable de la elaboración de los proyectos necesarios. Los técnicos especializados tendrán también un rol importante en la constitución de los equipos.

#### **A.8-Tiempo de ejecución.**

Será función del equipo de trabajo fijar un cronograma cuyas etapas y expectativas estarán condicionadas por los resultados evaluados en la primera instancia.

## **B. PROGRAMA TURÍSTICO EDUCATIVO.**

Al integrar en un mismo Programa medios utilizados para promoción turística y contenidos educativos, se logrará reafirmar las posibilidades que tienen las áreas naturales reservadas y que exceden a la mera actitud contemplativa del paisaje y de sus elementos constituyentes.

Este Programa tiene como objetivo que los visitantes conozcan los procesos naturales que ocurren en el área que visitan, para que la percepción estética del paisaje y sus componentes se complemente con la interpretación de su significado.

### **B.1-Destinatarios.**

Serán partícipes de este programa el público que acuda espontáneamente al lugar, así como aquel cuya visita estará organizada (grupos de estudiantes de establecimientos de distintos niveles educativos, docentes que participan en cursos de perfeccionamiento o de actualización curricular, delegaciones de turistas nacionales y extranjeros).

### **B.2-Fundamentación.**

Este Programa debe promover en los visitantes la capacidad para apreciar y comprender las características singulares del lugar, que ameritaron su transformación en área reservada. Se favorecerá consecuentemente, su compromiso para conservarla.

### **B.3-Subprogramas.**

El desdoblamiento en dos subprogramas emerge de las dos facetas que tiene el Programa. Los subprogramas propuestos son: Informativo e Interpretativo.

#### **Subprograma Informativo.**

##### **Finalidades:**

Tiene como finalidades, orientar al visitante para que acceda a la Isla y guiarlo dentro de ella, facilitándole la percepción de los atributos de los nodos de interés. Estará destinado además, a informarlo acerca de la existencia de códigos a los que deberá ajustar su comportamiento en el lugar.

- La información tendrá que abarcar los siguientes aspectos:
- Características de la Categoría de Manejo que tiene el lugar.
- Restricciones y código de comportamiento del visitante.
- Importancia histórica de la Isla y situaciones relevantes que tuvieron lugar en ella.
- Vías de acceso y condiciones de transitabilidad.
- Actividades guiadas a las que puede acceder el visitante.
- Ubicación de la zona no restringida al público y vía de acceso a ella.
- Localización de la planta urbana y servicios instalados en ella.
- Nodos de interés en la zona de visita y ubicación de lugares de avistamiento.
- Otras actividades que pueden desarrollarse en la Isla.
- Centros de adquisición de productos locales.
- Parte de esta información se ofrecerá en el Centro ubicado en la planta urbana.
- Otros medios informativos serán los carteles señaladores instalados en lugares estratégicos como accesos y núcleos de interés.

## **Subprograma interpretativo.**

### **Finalidad.**

Explicar o instruir al visitante, sobre el funcionamiento de los sistemas ecológicos que está visitando. Con estas experiencias directas se fomentará la actitud participativa del público como transmisor de los objetivos de la conservación y como colaborador en la protección de las áreas reservadas.

Selección de los temas.

Los núcleos de interés, o lugares seleccionados para la interpretación, son sistemas funcionales integrados por vegetales y animales que se relacionan entre sí y con el medio. Este concepto debe tener carácter unificador para que el tratamiento de subtemas no aparte al público de la idea medular que se debe transmitir con la observación criteriosa del paisaje.

Las singularidades que existen en la Isla tendrán que recibir un tratamiento preferencial como contenido temático.

- Algunos temas que podrían desarrollarse en el área son los siguientes:
- Relaciones interespecíficas.
- Características adaptativas al medio.
- Comportamientos.
- Vegetales de la isla útiles al hombre.
- Animales de la Isla útiles al hombre.
- Especies de la flora y de la fauna local que se encuentran en Peligro.
- Presencias y ausencias en la composición del medio biótico de la Isla y sus posibles causas.
- Características de las comunidades vegetales de aguas lénticas.

### **Selección de los recursos o medios interpretativos.**

La selección de los medios que se utilizarán para desarrollar los temas seleccionados ofrecen numerosas posibilidades. Algunos pueden implementarse en el Centro urbano, otros en el lugar a interpretar y otros en ambos complementariamente.

- Medios utilizables en el Centro urbano: charlas con proyecciones de diapositivas, de videos y de transparencias; paneles ilustrativos.
- Medios utilizables in situ, en los núcleos de interés u observatorios: catálogos, guías de campo, carteles con siluetas, visitas guiadas.

Durante las visitas guiadas tendrá participación el propietario del área, en su condición de poblador con 30 años de residencia en el lugar y cuya criteriosa actitud contribuyó a conservar sus valores singulares.

### **Responsables del subprograma.**

Ecólogos y biólogos, secundados por especialistas en comunicación social y guías de turismo.

Tiempo de ejecución: anual.

\* Provincia del Chaco. Ciudad de Resistencia

## COMUNIDADES Y DESARROLLO SUSTENTABLE INCIDENCIA DE LA LABOR DEL MUSEO Y DE LA MUSEOLOGÍA

Lic. Norma Rusconi\* - Profa. y Ms. Liliana Borioli\*\* -

ICOFOM LAM - Argentina

---

En un libro publicado en 1999, el profesor Carlos Eroles<sup>1</sup> afirma que estamos en los umbrales de un nuevo tiempo histórico. El siglo XXI, afirma, constituye un desafío formidable para las profesiones y los educadores sociales. O se convierten en los transmisores de un "pensamiento único" que habla de la muerte de las utopías o se comprometen con audacia y con prudencia en la lucha por la transformación de la realidad, con una nueva perspectiva de liberación social y humana<sup>2</sup>. Pese a que Carlos Eroles es un profesional del Trabajo Social y no de la Museología creemos que su libro "Los Derechos Humanos. Compromiso Ético del Trabajador Social" debe ser considerado como bibliografía básica para la discusión crítica de las finalidades y contenidos en la formación de los nuevos profesionales de los museos interesados por el Desarrollo Sustentable.

Esto tiene una historia. Nuestra sociedad global es una nueva visión del mundo. Es un paradigma que, como tal, expresa un marco conceptual, eidético, interpretativo y prescriptivo que emerge desde grupos sociales de poder y que se difunde desde los centros a las periferias.

El tema de la globalización no es nuevo, sin embargo, no todas las globalizaciones han concentrado el dominio de la realidad social de la misma manera y ninguna ha planteado como demanda el desarrollo sustentable. Hoy, desde el centro difusor del poder, este modelo pone de manifiesto, entre otros aspectos, la exclusión social del capital humano, la rigidez de los mercados laborales, la desaprensión por el cuidado del medio ambiente y el desconocimiento de los valores identitarios de la comunidad. Estas problemáticas no pueden atenderse y solucionarse si se aíslan del contexto mundial de los Derechos Humanos y de los compromisos éticos a nivel profesional y personal.

Por ello, la historia de este nuevo paradigma, el de la globalización articula los principios del Trabajo Social con los de toda otra formación profesional, "o se mantiene el modelo de exclusiones vigentes en el que mueren las utopías o pensamos en algo nuevo". Algo nuevo que permita al hombre mantener su identidad sociocultural y su entorno, protegiendo su humanidad y su hábitat.

Si aceptamos la validez de esta opción, la que nos condiciona a todos por igual desde nuestras profesiones y desde nuestras actividades cotidianas, podemos incluir en ella la tarea museológica. No hay argumento posible para su exclusión. Para pensar el museo, como estructura educativa formal o no formal y como centro difusor de una cultura integral, los profesionales de la museología deberán preguntarse si la globalización podría hacer volver atrás el largo proceso de construcción de las naciones, la matriz de origen de los pueblos, sus procesos de unificación, la constitución de las formas ideológicas, la construcción de singularidades que hicieron posible las diferencias entre nosotros y los extranjeros. Porque la globalización desde una perspectiva universalista, utilizada como polo de análisis, es una visión inapropiada de la realidad.

Como ya sabemos, la historia y el progreso no son acumulativos. Hoy más que nunca la lectura del futuro sociocultural y ambiental es una responsabilidad histórica y social. A pesar de ello, la globalización se identifica con un proceso que da cuenta de la intensificación de los flujos portadores, en espacio y en tiempo, de nuevas formas de pensamiento, de producción, de vinculación y de relación. Este proceso avanza, sin que en nuestros países se realicen y se difundan adecuadamente los análisis sobre su naturaleza, causas y consecuencias; sin que se reformen políticas educativas para los nuevos profesionales que deberán atender el desarrollo sustentable de las problemáticas consideradas periféricas desde el modelo global.

"La Eco 92 de Río de Janeiro sobre Medio Ambiente y Desarrollo concentró a los jefes de Estado del mundo. Fue la más importante convocatoria de la historia de la humanidad. Allí quedó claro que el tema ambiental, por ejemplo, no era un tema secundario sino un tema importante del ámbito internacional de los Derechos Humanos. Pero para el caso, vale comparar



la declaración emitida por las organizaciones gubernamentales y la declaración emitida por las organizaciones no gubernamentales... En Río de Janeiro, la declaración de los no gubernamentales tampoco habló de derechos humanos pero en un documento que se llama CARTA DE LA TIERRA, se trataron temas de identidad cultural, igualdad de sexos, justicia social, derecho a la salud, al trabajo, integración de comunidades indígenas etc. "...al hablar desde la tierra pusieron de manifiesto todos los temas que demandan la atención para una propuesta de desarrollo sustentable".

Por lo tanto, si los procesos de transformación del capitalismo agrupados en el modelo global han provocado profundas transformaciones en la estructura social de los estados periféricos debilitando sus capacidades de control, de asignación y de distribución, creemos que las perspectivas del desarrollo sustentable es una de las opciones posibles para modificar la situación.

## **Museología y desarrollo sustentable**

La globalización no es un mito, sino una realidad. El concepto de globalización define un proceso de multidimensional, caracterizado por la amplitud y la complejidad de flujos transmisores, en un espacio y en un tiempo, de nuevas formas de pensamiento, de relaciones, de vinculaciones y de producción.

Si aceptamos la hipótesis según la cual dentro de un sistema hay un subsistema que domina, en la globalización segmentada por subsistemas culturales, ideológicos y económicos este último es el dominante. Es decir la globalización sólo podría ser explicada por lo económico y no por lo político o por lo cultural. Pero, ¿existe realmente una globalización segmentada económica, financiera, político o cultural?

Por supuesto que no. Lo que podríamos afirmar en este sentido, es que un proceso que se da en el nivel de un subsistema, afecta a otros subsistemas y a las relaciones entre ellos. Por eso, es inevitable que la globalización afecte al mismo tiempo lo ideológico, lo cultural, lo financiero, lo ambiental en la medida en que se hace estructural. Y por ello cuando se habla de desarrollo sustentable, como posible perspectiva de respuesta equilibrada, debe hablarse de un desarrollo sustentable integral.

Por supuesto, históricamente fue tarea de los museos y de sus profesionales valorar el mantenimiento y la difusión del patrimonio histórico cultural. Pero hoy, también el patrimonio cultural ha sido incluido en la globalización. Y, la actual globalización cultural que es a su vez un subsistema muy complejo porque incluye lo social y lo ambiental, no puede reducirse simplemente al control y al manejo de lo patrimonial, a la homogenización del discurso, al acceso y a la difusión de la información, tarea tradicional del museo.

Es por ello que aun en los centros culturales dominantes de la "cultura occidental", entre ellos los museos, están surgiendo movimientos contra-culturales, como la antimodernidad, o aspectos de la posmodernidad, que ponen en tela de juicio una determinada hegemonía cultural expresando fracturas ideológico-culturales y buscando al mismo tiempo nuevas estrategias para su funcionamiento. La actualidad impone nuevas racionalidades, pero deja de lado la discusión sobre el desarrollo y los estilos posibles de acceder al mismo. ¿Hay opciones?

Es evidente que la globalización es un paradigma. Algunas sociedades aceptan el paradigma, otras son reticentes. Pero ¿qué pasa con aquellas que no pueden responder por carecer de un modelo propio? ¿Estarán condenadas a repetir la acumulación del subdesarrollo histórico?

Es aquí donde debe insertarse la acción del Estado y de las estructuras sociales formales o no-formales, mediante políticas y planificaciones de desarrollo sustentable integral, que contemple la capacitación de profesionales para generar la autogestión y la autoadministración de los bienes patrimoniales del ciudadano y de su entorno. Porque pese a que "hoy podemos elegir el sexo de nuestros niños, y aunque la genética, la bioquímica, la física, y la tecnología asociadas nos darán poder, debemos administrar ese poder aunque por el momento parezca que se nos escapa, porque marcha más rápido y va más lejos de lo que podemos prever. Hemos resuelto la problemática cartesiana de cómo dominar el mundo. ¿Sabremos resolver la actual problemática de cómo dominar nuestra dominación?...<sup>3</sup>

En América Latina la relación entre los proyectos educativos y el ejercicio de la participación social, como agente de transformación, es bastante reciente y por lo tanto muy joven en las planificaciones museológicas.

La historia de las políticas educativas de la mayoría de los países que componen esta región, se reduce al relato de las diferentes opciones por las que cada gobernante seleccionó un modelo "exógeno" de progreso.

La imposición de esta clase de modelos, lejos de favorecer el desarrollo integral de las naciones, mostró sus falencias. Desde lo cultural, a través de progresivas pérdidas de ciertos rasgos de la identidad nacional. Desde lo social, por la generación de una marcada diferencia de clases que afecta la calidad de vida de los habitantes. Desde lo político propiamente dicho, en un progresiva ausencia de protagonismo individual u organizacional. Desde lo económico, por la repercusión en los niveles de producción, calidad y competitividad. Cada uno de estos enfoques se consolidan en el marco de los derechos humanos, en relación a la calidad de vida y teniendo en cuenta los tres conceptos básicos del desarrollo sustentable: la libertad, el medio ambiente y el ser humano.

El debilitamiento del poder de los estados y de las políticas nacionales, característico de las sociedades contemporáneas, ha cedido espacios de decisión que no pueden ser desaprovechados ni por las organizaciones, ni por la participación ciudadana. Para que ello suceda es necesario educar, formar y capacitar a los posibles agentes de la transformación. Es decir, hay que educar para generar recursos humanos capaces de superar la mera reproducción de los modelos "exógenos" mediante la elaboración de "Proyectos Innovadores" que respondan tanto a las demandas de la realidad, como a las exigencias del modelo económico vigente. En este desafío debe estar también la actual museología construyendo participativamente con la comunidad proyectos de desarrollo sustentable.

#### **La construcción participativa de un proyecto innovador: desde dónde y por qué.**<sup>4</sup>

Según lo expuesto en los puntos anteriores, la lectura de este documento base pone de manifiesto aspectos claves para la comprensión acerca de los riesgos de una pedagogía del desarrollo o de una investigación-desarrollo<sup>5</sup>, que debe planificar a la vez una defensa de las identidades culturales y una formación para la productividad, sin descuidar los valores, así como los deberes y los derechos de una "calidad de vida".

Teniendo en cuenta la responsabilidad que nos cabe como profesionales de la museología social no debemos olvidar principalmente las demandas del entorno comunitario y las expectativas que se podrían generar en aquellos ajenos a dicho entorno.

- las urgencias que son las debilidades, las carencias y las fortalezas de la comunidad y del hábitat
- la necesidad de formar profesionales de la Museología capacitados para articular la realidad sociocultural y el medio ambiente con el modelo económico, favoreciendo a ambos<sup>6</sup>.

#### **El desarrollo sustentable: materia de educación formal y no formal.**

El sistema neoliberal vigente exige niveles de capacitación y de producción en constante superación. La aceleración de los avances científicos y tecnológicos con los que la sociedad contemporánea elabora su permanente transformación, impone a los agentes del proceso social, cualquiera sea su rol, un nivel económico estable que le permita acceder a la información y a la práctica de los nuevos conocimientos.

Sin lugar a dudas, ese nivel económico de mínima (y máxima) excelencia está al alcance de parte de la población con poder adquisitivo y en una minoría de la población marginada. Estas minorías con posibilidades económicas acceden a la educación adecuada y defienden su inclusión y permanencia en los espacios del modelo. Las mayorías excluidas se defienden con muchas desventajas. Y, el Estado por su parte, legisla homogéneamente

generando abismos considerables entre las opciones de las poblaciones incluidas y excluidas, ya sean urbanas o rurales.

Es indiscutible que una transición desde modelos educativos paternalistas de reproducción que históricamente han creado dependencia y asistencialismo, a modelos de auto-organización no puede producirse rápidamente sin una formación cultural adecuada para lograrlo.

Tampoco hay que olvidar que el éxito de esta transición depende tanto de la capacidad de los que deben aprender, como de la capacidad de los que saben y deben enseñar.

Los profesionales para una pedagogía del desarrollo que haría posible el desarrollo sustentable, y particularmente los profesionales de la museología, deberían tener en cuenta no sólo el aprendizaje de las disciplinas específicas, sino fundamentalmente la adquisición de un perfil extensionista multiplicador acorde al ámbito de trabajo, que les permitiera:

- adecuar la formación profesional a los nuevos desafíos, como pre-requisito indispensable para el logro de un deseado efecto multiplicador.
- situar el programa de intervención en el contexto socioeconómico de la región.
- articular acciones con otros intervencionistas que actúan sobre el medio.
- dominar los elementos de su acción y de los proyectos para lograr resultados más eficaces y duraderos, con la finalidad de:
  - desarrollar en el seno de la sociedad toda, las competencias requeridas (laborales y organizativas, es decir de una cultura del trabajo) que les permitan ingresar al modelo económico, permaneciendo o reinsertándose en su medio de origen, el medio cultural que le es propio
  - generar y extender modelos alternativos de desarrollo sustentable que partan de un análisis de la realidad, posibilitando a los involucrados un desarrollo más endógeno y de mayor autogestión.

Ello significaría además, un ejercicio de las profesiones consubstanciado con la necesidad de favorecer el uso racional de los recursos internos y las potencialidades del medio social y ambiental rural y urbano, según un modelo educativo más protagónico.

Se trataría de reemplazar donde sea posible, los "insumos materiales" generalmente los más costosos en Latinoamérica, por los "insumos intelectuales" y de la práctica.

Se trataría de favorecer el desarrollo de las potencialidades existentes: profesionales, gente, tierra, identidad, integrándolos paulatinamente y con la urgencia requerida.

Se trataría de articular las propuestas de desarrollo económico productivo - investigación desarrollo- según la sustentabilidad de los recursos y con los objetivos de una pedagogía del desarrollo.

¿Y por qué obrar así y no de otra manera? "Con el fin de perpetuar la Tierra, para que el aire permanezca respirable, para que el mar sea mar. ¿Y por qué deber ser así? Para que el tiempo siga transcurriendo, para que la vida propague las mismas oportunidades. Simple y objetivamente"<sup>7</sup>

\* Lic. Norma Rusconi: Profesora de Filosofía de la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina. Asesora del Departamento de Planeamiento y Estrategia Municipal de la comuna de Azul, Argentina. Miembro de ICOFOM LAM, Coordinadora para América Latina y el Caribe del grupo de Terminología Museológica, dirigido por André Desvallées.

\*\* Prof. Liliana Borioli: Integrante de la Cátedra de Filosofía de la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. Profesora de Teoría Literaria y Psicolingüística del Instituto Superior de Formación Docente y Técnica N° 157 de Azul, Argentina. Miembro de ICOFOM LAM e integrante del grupo de Terminología Museológica, dirigido por André Desvallées.

- 1 Eroles Carlos. Catedrático de la Universidad Nac. de Buenos Aires. Argentina.
- 2 Eroles, Carlos. Los derechos humanos. Compromiso ético del trabajador social. 1990.
- 3 Serres Michel. Eclaircissements. François Bourin. Paris 1992. p. 225. Traducción de las autoras.
- 4 En este trabajo se respeta como fundamento para la implementación de Proyectos Innovadores el trabajo de los Ingenieros Juan Manuel Zepeda y Polan Lacki, difundido por la FAO. Oficina Regional para América Latina y el Caribe de la Organización de las Naciones Unidas. Santiago de Chile. 1993.
- 5 Pedagogía del desarrollo o investigación-desarrollo significa promover las actividades educativas de autogestión, que tengan como finalidad no sólo una formación cultural identitaria, sino también una formación que permita la subsistencia económica para el logro de una mejor calidad de vida del hombre y su medio ambiente.
- 6 Una Museología para el desarrollo es nueva y supone que junto a las innovaciones tecnológicas pertinentes, es necesario agregar rápidamente innovaciones sociales integradas y sostenibles para las categorías sociales comprometidas.  
Es un desafío no solamente para el mundo urbano y rural, sino también para encontrar un equilibrio entre ciudades y territorios, entre “espacios de identidad” y recursos naturales y humanos bien generados.
- 7 Serres Michel. Eclaircissements. François Bourin. Paris 1992. P. 230

# MUSEOLOGÍA, IDENTIDADES, DESARROLLO SUSTENTABLE: ESTRATEGIAS DISCURSIVAS

Tereza Cristina Scheiner – Brasil

---

**La identidad no es un puerto Es el viaje**  
(Miguel Wiñazki – Travesías Argentinas)

## INTRODUCCIÓN

El paisaje cultural del contemporáneo se caracteriza por la complejidad, por el movimiento y por la fragmentación. Se perciben Real e identidades de modo fragmentario, a partir de un sujeto en proceso, generador de múltiples sentidos – en oposición al ‘ego’ unificado y dotado de razón, conciencia y acción, característico del pensamiento moderno. Sociedad, cultura y nación, tradicionales representaciones del mundo moderno, ya no más son entendidas como realidades materializadas en espacios, personas y objetos, sino como discurso – y son continuamente recreadas, según las percepciones identitarias de cada individuo, grupo o colectividad. El mismo concepto de individuo ha cambiado, y hoy se vincula a la percepción compleja del Ser en multiplicidad.

Nuevas imágenes y sentidos, generados por la globalización y por las nuevas tecnologías subvierten los sentidos de la Modernidad – fundados en el concepto de separación entre el orden del mundo y la conciencia humana, anclados en los paradigmas de la igualdad, de la libertad y de los derechos humanos, e identificados con los ideales democráticos. En este ambiente, nuevos paradigmas se dibujan, creando una nueva orden, definida por el poder del capital y asociada a los mercados unificados. Hay los que creen es esa nueva orden global. Pero la globalización no solucionó los problemas del mundo, sino que dio origen a nuevas categorías marginales, en todas las sociedades. Esta sería la gran paradoja de la contemporaneidad.

Si pensamos el mundo bajo los nuevos paradigmas, nos daremos cuenta de que no existe, en ese universo de multiplicidades y contradicciones, solución ‘global’ posible, y que la verdadera orden es la de la complejidad – donde todo se ve subvertido por la aceptación del impreciso; y donde lo que hasta bien poco tiempo era ‘doxa’ o dogma se ve relativizado. Y es en sintonía con esa nueva orden que se debe percibir y analizar el Museo: a partir de su naturaleza fenoménica y de su pluralidad en cuanto representación; ya no apenas como institución, sino como espacio perceptual, como espacio / tiempo de revelación, de creación, de celebración del Hombre sobre él mismo y sobre el Universo. Plural, pasionario, contradictorio, el museo-fenómeno puede ser identificado por la relación muy especial que establece con el tiempo, el espacio, la memoria y los valores del hombre. Sus características intrínsecas serán: libertad, pluralidad, capacidad de producir conocimiento y potencial para realizarse en diferentes tiempos y espacios.

El reconocimiento del carácter fenoménico del Museo se refiere a la posibilidad de percibirlo a través de la experiencia de mundo del individuo – en si mismo y en sociedad – por medio del entrecruzar de relaciones que cada actor o conjunto de actores establece con el Real complejo.

Si la percepción es el fondo sobre el cual todos los actos se evidencian, el mundo, más que objeto, es medio natural y campo de todos los pensamientos y percepciones. Y lo que importa es el sentido que surge en la intersección de esas experiencias. Más que representación, el Museo será, por lo tanto, creador de sentidos, en la relación – de los sentidos que surgen en la intersección de todas esas sensaciones, de todas esas experiencias. Forma en permanente construcción, el Museo trasciende la materialidad de los objetos de lo representan y crea conjuntos sígnicos que sintetizan prácticas, valores y sensaciones del individuo como ser

biológico y social – especialmente aquellos que permanecen, de alguna manera, en la memoria afectiva de los hombres, constituyendo lo que se entiende como *patrimonio*.

Entendidos como instrumentos semióticos, Museo y Patrimonio se despliegan en todas las direcciones: del interior (mundo de la percepción y de los sentidos) al exterior, de lo material al virtual, de lo tangible al intangible, de lo local al global.

Percibir Museo y Patrimonio en pluralidad (no como Uno, sino Muchos) permite aún admitir la existencia de un museo y de un patrimonio virtuales, originados en las múltiples interfaces entre creación e información; se comprende, asimismo, que patrimonio y museo tienen una faz intangible – no de cosa dada, sino de algo que se configura en acto, en el momento de la relación. Mas, si es en el mundo que el patrimonio se constituye y que el museo se realiza, se podría aún reafirmar que la verdadera relación Museo x Patrimonio es la que se instituye en la práctica, a partir de las relaciones de cada grupo social con los tiempos y los espacios de la memoria individual y colectiva.

Poco estudiado en el ámbito de las ciencias humanas, el patrimonio es una poderosa construcción signica, que se constituye e instituye a partir de percepciones identitarias. Sea o no vinculado al territorio geográfico, está presente en el sentido de pertenencia que atraviesa el cuerpo y el alma del hombre, dejándose entrever en todos los juegos de memoria y expresándose en todas las formas de Museo. Equivocadamente vinculado a los sentidos del pasado, viene ahora a ser percibido en cuanto '*construcción para el futuro*', y como tal utilizado como instrumento de resistencia, en el ámbito de los discursos socio-económico-culturales. Es necesario, pues, investigar **qué** y **cómo** las relaciones entre Museo y Patrimonio significan, en el ideario de las sociedades contemporáneas.

En cuanto a la Museología, como campo disciplinar que trata de las relaciones entre el fenómeno Museo y sus distintas expresiones, debe ahora trascender espacio y tiempo para dimensionar como se darán, en el presente, las múltiples relaciones entre Museo y Patrimonio, concibiendo y actuando esas relaciones en el plano del Real complejo. Y ello se puede hacer analizando los diferentes discursos que sobre dichos objetos se construyen y se establecen.

## 1. MUSEOLOGÍA Y LOS LUGARES DE LA IDENTIDAD

En su libro *Travesías Argentinas*, Miguel Wiñatzki nos acuerda que las escenas sociales son narrativas que provienen de una historia, de una trayectoria en el tiempo y en el espacio. Aunque de cierta manera congeladas para efecto de relato, dichas narrativas integran un contexto que existe en continuo movimiento, y dónde las personas transitan continuamente, en permanente búsqueda - para, "*como Ulises, retornar a casa o, como Moisés, llegar a una nueva tierra*"<sup>1</sup>. El tiempo puede ser entendido, así, como una sucesión de viajes, aunque ilusionalmente los hombres busquen congelarlo en escenas; pero no es posible detenerlo: todo está en movimiento o en permanente recomienzo.

Para Wiñatzki, estamos en permanente viaje, sea de búsqueda o de éxodo: búsqueda en cuanto proyección hacia el devenir, hacia la construcción de identidades por medio del movimiento; éxodo en cuanto movimiento mesiánico en dirección a la libertad. Algunos viajan solos, y tejen, en su camino, una relación muy específica con el mundo; pero en general el camino se hace en grupo, en movimiento solidario, donde los que caminan, caminan cómplices, en búsqueda de un mismo objetivo. Dicho objetivo puede ser la construcción o la reafirmación de la identidad – aquí comprendida en cuanto movimiento, en cuanto proceso donde somos en permanente devenir, pero que también nos significa en el 'dejar-de-ser'. O como tenue película, que '*cuando parece captada por las filosofías o por los dogmas, ya se encuentra en otro lugar*'<sup>2</sup>.

En tiempos de globalización, cuándo las fronteras se vuelven '*un monumento histórico*'<sup>3</sup>, la cuestión de las identidades resurge con énfasis especial. **¿Dónde somos? Cuales son las fronteras – si es que existen – que nos definen?** Hay quienes digan que todos los límites se

pierden en la virtualidad de las redes de comunicación. Pero puede ser falsa la impresión de que todo camina para la virtualidad: estamos, sin duda, virtualmente en todos los lugares y en ningún lugar; pero, **aunque las redes virtuales nos diluyan los límites y nos proyecten de manera inexorable hacia los universos simulados de las nuevas tecnologías, restan algunas fronteras reales, palpables – como el cuerpo y la conciencia.** Son este cuerpo y esta conciencia que todavía nos dan el sentido de límite, y es por ello que necesitamos aún, en algún momento de nuestras vidas, estar en algún lugar en el tiempo, en algún lugar en el espacio.

...Es a través del cuerpo y de la conciencia que percibimos los otros cuerpos, en los espacios reales y virtuales que nos circundan – y con ellos interactuamos, por medio de los estados de la mente a los cuales nominamos emociones. Es del entrecruzar de esos sutiles movimientos que se alimenta la percepción de la identidad – *'ese hilo de Ariadne que continuamente desenrollamos a lo largo de nuestras vidas, y que a veces tensiona, cuando nos proyectamos de pecho abierto hacia el devenir'*<sup>4</sup>, pero que otras veces se novela con los muchos otros hilos que nos envuelven, para formar la tesoritura (a veces tenue como gasa, a veces firme como lana) de las identidades colectivas.

Inmersos en ese proceso, no siempre nos damos cuenta de que es ese entrecruzar de hilos lo que nos define frente al mundo exterior y frente a los demás mundos más allá de nuestro cuerpo – el virtual y el tangible. **Y muchas veces, tampoco nos damos cuenta de la inmensa fuerza que tenemos como individuos y como colectividades – del enorme potencial de movilización y de resistencia que representa la acción colectiva, en un dado tiempo, en un dado espacio.** Es cierto que el mundo se espetaculariza – pero, *'más allá del espectáculo, la vida continúa, y el duro trabajo de vivir prosigue por detrás de las cámaras de TV, o mismo cuando no prolongamos nuestro cuerpo en la computadora'*<sup>5</sup>.

Necesitamos, por lo tanto, volver a pensar en el cotidiano, en esas pequeñas cosas que nos definen, para a través de ellas y por medio de ellas, intentar dibujar un suelo que confiera sentido y forma a nuestras trayectorias. Y una vez más, buscar relativizar la avasalladora ola globalizante, reconociendo el inmenso poder de resistencia que existe en el interior de las pequeñas cosas, de los pequeños gestos – y en los movimientos de los pequeños grupos.

**...Cuales son las estrategias posibles de valoración de los sujetos identitarios, en un ambiente de permanente cambio cultural? Ello depende del lugar desde el que sentimos y hablamos. Pues, inmersos en el avasallador y recurrente discurso de la globalización, muchas veces no nos damos cuenta de que la contemporaneidad no ha expulsado el moderno, y que moderno y contemporáneo se articulan, hoy, en el espacio vivencial, dejando entrever sus máscaras en cada lugar, a cada momento.**

Tavares d'Amaral nos acuerda de que moderno y contemporáneo, más que *'períodos'* identificables en una trayectoria lineal del Hombre en el planeta, se hacen presentes por medio de conjuntos de significantes – posibles de coexistir en el tiempo y en el espacio. El moderno permanece aún, mientras el contemporáneo ya se venía configurando desde el siglo pasado – dejándose entrever en el movimiento que, iniciado como occidentalización del mundo, poco a poco ha resultado en mundialización económica y de las comunicaciones. Es del escenario moderno que aviene la idea de *'humanidad'* como colectivo – en un primer momento añada al concepto de 'progreso' y posteriormente vinculada al sentimiento de que existe, en el planeta Tierra, una colectividad humana que vive y que se comunica, a pesar de las diferencias. El mundo puede ser entonces percibido como holograma: *'no solamente cada parte del mundo deviene cada vez más parte del mundo, sino que el mundo como totalidad está cada vez más presente en cada una de sus partes'*<sup>6</sup>.

El contemporáneo, a su vez, se esboza ya en la conciencia planetaria, propiciadora del surgimiento de una conciencia ecológica y de una cultura mundializada, y también de un adelgazamiento de las viejas diversidades. Es en este ambiente que se dan las nuevas síntesis

y diversidades: *'al antiguo substrato bio-antropológico que constituye la unidad de la especie humana se agrega ahora un tejido comunicacional, civilizacional, cultural, económico, tecnológico, intelectual, ideológico'*<sup>7</sup> que, por un lado, configura la unidad planetaria, y por otro ya desvela, a nivel mundial, la realidad y la pluralidad de las diferencias. Pero ahora la diferencia ya no más asusta, pues la ciencia nos dice que la misma Tierra es un espacio caótico, dónde se confrontan la orden y el desorden. Y, si se puede pensar la Tierra como caos en su misma génesis, se puede también admitir que la vida ocurra de forma no-lineal, resultando de encuentros aleatorios entre moléculas.

Mundialización y complejidad, ese es el ambiente dónde se instaura el contemporáneo – esa manera de pensar el mundo atravesada por la presencia de la finitud del hombre y por la permanente sensación de que ya no hay un espacio configurado: estamos todos en la itinerancia; no el errar al acaso, como nos acuerda Morin, sino un permanente negociar con nuestras propias contradicciones. Esa intinerancia nos permite *'plenamente vivir el tiempo, no apenas como continuum que hilvana pasado/presente/futuro, sino como retorno a las fuentes'*<sup>8</sup>.

Volvamos entonces a la cuestión de las identidades – y nadie mejor que Canclini para expresar como esa cuestión se revela en nuestra América Latina. Acá, donde *'las tradiciones aún no se fueron y la modernidad no ha terminado de llegar'*<sup>9</sup>, los cruzamientos socio-culturales mezclan tradicional y moderno, erudito y popular, relativizando dichas categorías en mil sutilezas e hibridaciones, que dan origen a formas muy específicas. En el entrecruzar de lo tradicional con lo moderno (y resaltamos acá la sutileza de las categorías utilizadas por Canclini) estarían ocurriendo intentos de renovación donde, a los valores culturales tradicionales, se incorporarían nuevos valores, resultando en una heterogeneidad cultural muy propia de la región, donde hábitos autoritarios y regímenes paternalistas conviven con instituciones liberales y movimientos democráticos. En este ambiente, el universo *'popular'* – construcción de la Antropología y de los populismos políticos – sufre ahora una reevaluación: ya no es más tan importante lo que se extingue, sino el modo bajo el cual las cosas se transforman. Pues lo que se desvanece no son tanto los bienes antes conocidos como cultos o populares, sino la pretensión, de unos y de otros, de configurar universos auto-suficientes.

**Canclini propone pensar la cultura y la producción simbólica del universo latinoamericano en la intersección entre las diferentes practicas sociales y las diferentes formas de discurso que sobre ellas se establecen** – pues lo popular no se define por una esencia a priori, sino por el modo bajo el cual la cultura popular se hace representar en el museo o en la academia, o es divulgada en las medias. Y también porque *'hoy concebimos a Latinoamérica como una articulación más compleja de tradiciones y modernidades (...), un continente heterogéneo, formado por países donde, en cada uno, coexisten múltiples lógicas de desarrollo'*<sup>10</sup>. La pos-modernidad no sería, así, una etapa o tendencia a sustituir el mundo moderno, sino un modo de problematizar los vínculos existentes entre modernidad y tradición. En ese contexto, es importante analizar no solamente las contradicciones entre la utopía de autonomía cultural y la industrialización de los mercados simbólicos; o reinterpretar los vínculos entre moderno y modernización, estableciendo diferencias entre innovar y democratizar: se necesita, también, buscar comprender las estrategias de utilización del patrimonio histórico y de las tradiciones populares por parte de los museos y de las escuelas – o por parte de las antropologías, sociologías y populismos políticos.

En Latinoamérica, lo popular es identificado con el excluido, con el que *'no tiene patrimonio o no alcanza que él sea reconocido o conservado'*<sup>11</sup>: hacen parte de ese segmento los artesanos (excluidos del mercado de bienes simbólicos 'legítimos'), o los que no tienen acceso a las universidades y museos, y por lo tanto desconocen los códigos que les darían acceso a las expresiones del *'alta cultura'*. Producto de una construcción maniqueísta, que opone tradicional a moderno, popular a culto y subalterno a hegemónico – y que elabora el folklore como espacio melancólico de las tradiciones, dicha visión no ha llegado a incorporar las manifestaciones originarias de las sociedades de masa, especialmente en los medios urbanos<sup>12</sup>.



Pero el desarrollo moderno no suprime las culturas populares tradicionales – que ya ni siquiera representan la parte mayoritaria de la cultura popular. El ‘folk’ ya no se concentra en objetos, y por lo tanto no depende de forma directa del proceso de producción y consumo de los bienes estables; tampoco es monopolio de los sectores populares, y puede estar presente en las más diferentes prácticas sociales y procesos comunicacionales. Y por lo tanto, no es vivenciado por los sujetos populares como complacencia melancólica hacia las tradiciones: puede estar presente en las conmemoraciones carnavalescas, en el humor y en muchas otras prácticas que subvierten los rituales del orden tradicional.

En 1998, Rusconi<sup>13</sup> se refirió al carácter pulsante de nuestras culturas populares, especialmente en nuestra región. Mencionado a Paulo Freire, decía que nuestras culturas tradicionales permanecen vivas y se perpetúan en las prácticas cotidianas – en continuo proceso de transformación, se auto constituyendo en la permanencia y en la creatividad. Y nadie ha defendido mejor que **Paulo Freire** la dignidad de los elementos culturales nacionales y populares, rechazando la imitación y acordando, en todos los momentos de su trayectoria, que **la dignidad humana y las identidades culturales se construyen en el cotidiano, a partir de la valoración de los trazos que definen cada individuo frente a si mismo y en su relación con el mundo.**

Las interacciones entre moderno y contemporáneo vienen produciendo nuevas matrices simbólicas, como parte de un proceso de recomposición del tejido social. Nuevos procesos de producción, circulación, recepción y apropiación de bienes simbólicos se desarrollan y articulan, especialmente en el medio urbano, resultando en los más diferentes cruzamientos entre cultura popular ‘tradicional’, cultura de masas y cultura ‘erudita’. Lo mismo ocurre en las zonas de frontera – esas ‘*hendas entre dos mundos*’<sup>14</sup>, donde se desarrolla un tejido cultural muy específico, híbrido de todas las matrices identitarias disponibles.

## 2. MUSEOLOGÍA, IDENTIDADES Y LAS NARRATIVAS DEL PATRIMONIO

Saber comprender cómo, dónde y cuándo se dan esos cruzamientos es esencial para el entendimiento de los procesos interactivos entre tradición, modernidad y contemporaneidad en América Latina. En el ámbito de la Museología, dicho entendimiento servirá como base para la acción museológica. Y, si debemos pensar la cultura y la producción simbólica en la intersección entre las diferentes prácticas sociales y las diferentes formas de discurso que sobre ellas se establecen, **es fundamental buscar comprender como se vienen articulando esos discursos, y cuales son las narrativas desarrolladas.**

Sabemos – porque ya lo proponía Lyotard en 1973<sup>15</sup>, que toda narrativa organiza el discurso de acuerdo a un cierto número de operaciones específicas, utilizando los hechos como material operativo. Pero la actividad narrativa depende del narrador – y, por lo tanto, todo discurso nada más es que el resultado de operaciones mediáticas entre los hechos en si mismos y la personalidad e intenciones del que narra. **Todo discurso puede ser entendido como una ‘metamorfosis de afectos’**, que produce, a partir de si mismo, una otra forma de discurso: la historia. Lo que hace la historia es entonces, mucho menos el conjunto de acontecimientos ocurridos en el espacio y en el tiempo, que la nueva ‘*realidad*’ reinstaurada por aquellos que narran los hechos. Jamás sabremos como los hechos realmente se dan, a no ser que estemos participando directamente de los mismos – y, aún así, estaremos influenciados por nuestra percepción muy personal de aquellos segmentos de realidad.

Lyotard nos acuerda que, en el volumen teátrico abierto por la narración, el narrador sabe que el espectáculo no puede ser llevado a cabo sin que al mismo tiempo exista una realidad. Pero él elige, segmenta, interpreta, nombra, hace de cada hecho en sí mismo apenas referencia, para crear, a través del discurso, un nuevo hecho – que, en verdad, apenas existe en su percepción. **La instancia narrativa puede aún reforzar la historia interpretando los**

**hechos a partir de operaciones ideológicas definidas**, dándoles la dimensión diacrónica de sujeto supuestamente social, engendrando la historia como totalidad organizada de acuerdo a una cierta temporalidad. **Y, aunque algunas formas de discurso se detengan en los hechos, otras existirán, construidas intencionalmente, para provocar ciertos efectos emocionales en el interlocutor – buscando canalizar y regular movimientos de afectos.** Y entonces estaremos frente a una *'historia referencial'*<sup>16</sup>, engendada menos por el hecho y su causa, que por la intención de provocar, en el interlocutor, determinados efectos emocionales. Todo puede ser reinventado, adaptado o mismo manipulado: lugares, hechos, personajes – hasta el mismo tiempo de la historia puede ser un efecto de narración. Es de eso que se alimentan las ideologías partidarias, el teatro, la media impresa y televisiva y la práctica jurídica de los tribunales. **Y es de ello que se alimenta, de cierta forma, la Museología** – especialmente en lo que concierne a los movimientos interpretativos de la museografía tradicional; pero también – y muy a menudo – se lo ve en las narrativas que vienen configurando lo que se convenció llamar, en el ámbito de ciertas experiencias, *'Museología Social'* (como si toda Museología, al trabajar con el Hombre y sobre el Hombre, no fuera social en su misma esencia...).

¿Qué propuesta tiene la Museología teórica? Pues, buscar identificar, caso a caso, en qué medida los hechos se inscriben en perspectivas históricas y sociales definidas y qué acontecimientos – por imprevistos o espontáneos – apenas ocuparían lugar en el contexto social como singularidades. Pues ya no es más posible creer que cada hecho tenga causas y consecuencias específicas: ya no existe una temporalidad posible de analizar como sistema vectorial (causa – hecho – consecuencia) para garantizar la veracidad del dispositivo narrativo. Al contrario, cada hecho puede ser entendido como *'tensor o pasaje intenso (...), que requiere no el espacio tridimensional del cuerpo social organizado, sino el espacio n-dimensional, neutro e imprevisible'*<sup>17</sup> de la película de afectos y deseos que reviste cada acontecimiento. La relación causa x hecho x consecuencia no es, por lo tanto, lineal: ella se encuentra permanentemente atravesada por los movimientos emocionales y sensoriales ya tan bien identificados por la Gestalt.

Podríamos, entonces, pensar que basta reconocer la calidad orgánica de los acontecimientos para extravasar dicha linealidad: pero el cuerpo orgánico es un volumen que ocupa un espacio tridimensional y tiene límites que disocian el exterior del interior; sus unidades tienen relación con un grupo específico de unidades en funcionamiento. Es un cuerpo político, dotado de límites que circunscriben su propiedad, y afectado por un régimen que lo constituye y lo hace funcionar. Y el cuerpo social, *'cuerpo meta-orgánico'*, es un receptáculo, la superficie sobre la que se irán inscribir los hechos, en temporalidad. Aquí, lo que deseamos enfatizar es el carácter afectivo (libidinal, diría Lyotard) que inscribe los hechos en una realidad más amplia, prácticamente ilimitada, donde cada gesto, cada palabra, cada mirada se desdoblan infinitamente – como fractales – o evolucionan alrededor de si mismos, como en una mandala o una faja de Moebius, configurando la tesitura de una red donde somos al mismo tiempo actores, intérpretes y objetos. Esa es la realidad que nos atraviesa.

**En lo que toca a la Museología, es necesario reconocer la inviabilidad de desarrollarla adecuadamente en nivel teórico sin reconocer la existencia de esa pluralidad de relaciones**, que se inicia en la identificación de un *'museo interior'*, de una memoria afectiva que nos configura en el mundo y para el mundo, y que interfiere de modo permanente en nuestra forma de ver, seleccionar, retener e interpretar los hechos. Reconocer que el dispositivo narrativo no opera entre historia y discurso, sino entre la singularidad del deseo y su coherencia en el tiempo y en el espacio, *'entre película tensorial y cuerpo social articulado, entre la intensidad de los hechos y el reglaje unitario'*<sup>18</sup>, y que tanto los discursos que se elaboran sobre los hechos como el mismo análisis de las prácticas del cotidiano para fines de *'interpretación museológica'* deben llevar en cuenta dichas realidades.

Es por ello que tantos teóricos de la Museología vienen utilizando elementos de análisis del discurso para buscar articulaciones entre Museo y Sociedad. El '*discurso museológico*' se hace a partir de los códigos y procesos narrativos ya explicados, y puede ser entendido a partir de las relaciones ya mencionadas por Genette<sup>19</sup>, que se establecen entre:

- La **duración de los hechos** en el tiempo y en el espacio (que los franceses tan lindamente denominan la *durée*), y sus relaciones con las distintas narrativas que sobre ellos se establecen;
- La **frecuencia**, o repetición (extensiva o detensiva) de los hechos;
- El **modo**, o distancia entre los acontecimientos y las referencias que a partir de ellos se construyen – en intensidad y pluralidad;
- El **foco**, o perspectiva según la cual dichas referencias se construyen;
- La voz, o **tiempo de narración** – concerniente al instante mismo en el que se dan (o dieran) los hechos;
- La **función del narrador** – que puede reproducir los hechos acontecidos o testimoniar, bajo el discurso, sus propios afectos.

Es asimismo importante especificar **a quién se dirige el discurso**: pues, al no dirigirse a nadie específicamente, el narrador anula el interlocutor. O se auto-anula, posibilitando al receptor tomar su lugar y agregar, a cada hecho narrado, sus propios afectos – de tal modo que inexorablemente llevará a muchas distorsiones.

### 3. MUSEOLOGÍA, DISCURSO Y ACCIÓN COMUNITARIA

**La teoría museológica puede identificar, en el discurso elaborado por los museos sobre cultura y patrimonio popular, una serie de operaciones anulatorias, sea del narrador** (caso más específico de los museos tradicionales, dónde es común no poderse identificar quién habla), **sea del interlocutor** (caso de los museos que no conocen su público). Pero existen, asimismo, operaciones de anulación del mismo hecho, o del conjunto de realidades que deberían fundamentar el discurso: en dichos casos, o se privilegia el enfoque ideológico, o prevalecen las emociones y propuestas personales del narrador – a tal punto preocupado en describir su trabajo sobre un determinado sujeto u objeto que todo lo que resta en su discurso es él mismo, con sus estrategias personales de intervención.

Esas dos formas de operación anulatoria son más comunes de lo que se piensa, y pueden resultar desastrosas cuando se trata del trabajo museológico sobre una comunidad específica – cuando la verdadera comunidad '*desaparece*', substituida por un simulacro que apenas existe en los relatos del narrador. Y por lo tanto, las distintas narrativas de la escena social deben hacerse en pluralidad, permitiendo que las muchas identidades constituyentes del cuerpo social se puedan manifestar. Nadie mejor para hablar por una comunidad específica que la misma comunidad. Ella lo hará a través de muchas hablas, con distintas voces, y relatará muchas historias – algunas divergentes, otras sincrónicas; algunas, privilegiando el hecho, otras perdidas en el tiempo, o recuperando detalles; algunas, brillantes, otras simples – pero todas tejiendo un punto en la inmensa red de conocimientos, afectos, saberes, acciones y conflictos que constituye su Ser, en el cotidiano.

Al trabajar las relaciones entre Museología, identidades y desarrollo, en el ámbito del discurso, identificaremos, en cuanto sujetos narradores, diferentes comunidades: a) las comunidades de los museos de territorio (incluyendo ecomuseos), que suelen intervenir directamente en los procesos de constitución de su propia identidad, de gestión de su patrimonio y de elaboración de sus estrategias de desarrollo; b) las comunidades definidas en la tesitura urbana, y que generalmente constituyen el público de los museos tradicionales; c) las comunidades de profesionales que actúan en los museos; d) la comunidad académica, cuya relación en el Museo puede ser apenas del orden del discurso, o mezclar discurso y acción; e)

la comunidad 'global', sujeto y objeto del discurso y de las políticas implementadas, por las agencias internacionales, sobre el ambiente, la cultura y el desarrollo sustentable. Cada uno de esos grupos elabora discursos muy específicos sobre Museología y museos.

Cabe entonces acordar que **el discurso elaborado sobre los ecomuseos no siempre se fundamenta en las narrativas de las comunidades locales** (grupo a), sino que se construye frecuentemente a partir de las narrativas de los profesionales (c), o de la comunidad académica (d). Esos dos últimos grupos fueron los elaboradores y difusores de las teorías del Ecomuseo y de la Nueva Museología – ciertamente atravesadas por riesgos filosóficos e ideológicos definidos.

Las principales narrativas sobre el ecomuseo pueden ser halladas en la magnífica compilación elaborada por André Desvallés y Odile de Barry, y editada por Françoise Wasserman: ***Vagues, une Antologie de la Nouvelle Museologie***. Es en esa obra que podremos encontrar el texto clásico de Cameron – “*Museo: templo o foro?*”, donde se cuestiona el inmovilismo de la museología tradicionalista y se presenta la posibilidad de el museo actuar como un espacio de encuentro y de diálogo – una ágora, espacio de intercambios sociales activos. Allá se encuentran asimismo el texto de Jean Clair sobre “*Las orígenes de la noción de Ecomuseo*”, o la “*Definición evolutiva de Ecomuseo*”, de Rivière, entre muchos otros casos de estudio.

Es fundamental comprender dichos textos a partir de la ótica vigente en el momento en que fueron producidos: quiénes son esas personas, y de donde hablan? Es importante, asimismo, buscar conocer los relatos de experiencias hechos por aquellos que efectivamente han trabajado – o trabajan – en ecomuseos, como Marcel Évrad y Mathilde Bellaigue, responsables por la estructuración del Ecomuseo del Creusot. O Hughes de Varine. O Pierre Mayrand y René Rivard, que han actuado en Canadá para estructurar la Nueva Museología. O mismo Mario Moutinho y Antonio Nabais, en Portugal. En los países escandinavos, Marc Maure, John Gjestrum y muchos otros. Son esas personas las que, a través del trabajo de las comunidades, vienen contribuyendo para desarrollar una filosofía (casi una ideología) de los ecomuseos, de la acción comunitaria y del desarrollo integrado, muchas veces basada en las ideas de Paulo Freire. Poco sabemos de las comunidades a que se refieren, y de ellas tenemos noticia casi siempre por medio de los relatos de esos autores. Y, aunque dichos profesionales hablen en nombre de una comunidad que efectivamente integran y dónde actúan de forma efectivamente transformadora, cabría identificar, para efectos de análisis del discurso, qué mecanismos los han elegido como sujetos narradores de dichas experiencias. Entre los textos de esos profesionales, llamaríamos la atención para los que apuntan las dificultades del trabajo comunitario, identificando el alto potencial de conflictos presente en ese tipo de experiencia, y buscando elaborar estrategias para el desarrollo de acciones por medio de las cuales los ecomuseos efectivamente se realicen, definiéndose como instancias de renovación y movimientos de resistencia cultural.

#### **4. DESARROLLO SUSTENTABLE COMO DISCURSO GLOBAL**

Hay una otra forma de discurso, que es lo elaborado por las agencias internacionales dedicadas a la implementación de políticas sobre cultura, medio ambiente y desarrollo sustentable. En dicho ámbito, poco se hace la narrativa de hechos pasados, sino que se trabaja sobretudo con las cartas de intenciones y con las proyecciones hacia el futuro. Tomemos como ejemplo el ‘*Earth Charter*’, organizado en 1989 por la IUCN<sup>20</sup> como foro de discusión de las cuestiones relacionadas al desarrollo de las sociedades del planeta, en ámbito global – y donde se elaboró una Declaración de Principios, endosada por las Naciones Unidas, defendiendo el establecimiento de una ética global relativa al medio ambiente y al desarrollo. Basado en la experiencia práctica de sustentabilidad de los diferentes pueblos, el documento legitima un creciente sentido de comunidad y de responsabilidad moral, concerniente a todas las sociedades, asimismo como a todas las comunidades vivas del planeta. Su contenido reafirma

valores tales como: el respeto por todas las formas de vida; la protección y la restauración de la diversidad; la producción, consumo y reproducción sostenibles; el respeto hacia los derechos humanos - incluyendo el derecho a un ambiente adecuado a la dignidad y al bienestar de los pueblos; la erradicación de la pobreza; la solución de los conflictos por medio de la no-violencia; la distribución equilibrada de los recursos de la Tierra; la participación democrática en las tomas de decisión; la educación universal para la vida sustentable; y el desarrollo de responsabilidades compartidas hacia el bienestar de la comunidad global y de las futuras generaciones.

La política implementada por el Foro de la Tierra se fundamenta en la filosofía de las Naciones Unidas, y se legitima en la preocupación con la seguridad ecológica, instaurada a partir de 1972, con la Conferencia Mundial sobre el Desarrollo (Estocolmo, Suecia).

Podremos relacionar esos hechos con el discurso de la Museología, si nos acordamos de que ese fue, también, el año de la Mesa Redonda de Santiago, dónde se definieron las bases teóricas para el museo integral. Pero las relaciones no se agotan ahí: en **1982**, la Asamblea General de la ONU crea la **Carta de la Naturaleza** – una declaración de principios éticos y ecológicos que constituye el más representativo de los documentos concernientes a una ética ambiental. Y luego, en 1983, la Declaración de Québec instauro el Movimiento para la Nueva Museología. El documento de **1987** – **Nuestro Futuro Común** – recomienda la consolidación de los principios éticos del 82, a través de una Convención sobre el patrimonio ambiental y el desarrollo sustentable. La cuestión fue retomada en **1992**, en la II Conferencia Mundial sobre el Desarrollo (Río92). La **Declaración de Río de Janeiro** no llega a reafirmar el valor intrínseco de todas las formas de vida para el desarrollo sustentable; pero la **Agenda 21** – el Plan de Acción de la Río92 – incluye ya una serie de puntos que especifican las relaciones entre cultura, sociedad, ambiente integral y desarrollo.

Entre las iniciativas que se sucedieron con los mismo propósitos, destacamos el Río + 5 (1996-97)<sup>21</sup>, la Cumbre de la Tierra (*Earth Summit II*, 1997) y las reuniones efectuadas por la UNESCO en el ámbito del Decenio Mundial para el Desarrollo Cultural – que han generado el documento **Nuestra Diversidad Creativa – que define la cultura como el último catalizador hacia el desarrollo**.

**Pero más importante que relacionar esos foros internacionales, es analizar sobre qué concepto de desarrollo trabajan.** La Cumbre Hemisférica de las Américas sobre Museos y Comunidades Sustentables, realizada en 98 en Costa Rica, entendió como desarrollo sustentable '*un proceso de mejoramiento de la calidad de vida en el presente y en el futuro, que promueve un equilibrio entre el medio ambiente, el crecimiento económico y la auto-afirmación*' de las sociedades<sup>22</sup>. Esa reunión estableció un paralelo entre las tendencias del desarrollo internacional y el rol de las comunidades, enfatizando la **importancia de la comunidad 'museológica' en el diseño de las estrategias de acción hacia el desarrollo integral** – a punto de el Banco Mundial haber formalizado su compromiso en hacer de la cultura una parte vital en la toma de decisiones sobre el desarrollo. Las conclusiones de ese encuentro incorporan algunas directivas filosóficas de la contemporaneidad, tales como '*participar de la construcción de un proyecto de futuro en el marco de la diversidad*'; pretenden, asimismo, involucrar todos los segmentos de la sociedad en la generación de modelos alternativos de conservación del patrimonio y de desarrollo.

Entre las organizaciones de ámbito mundial, no podríamos dejar de mencionar el **ICOM**, cuyo **Plan Estratégico para 1995 – 2004** prevé, entre otros objetivos:

- a) Soportar a los museos como instrumentos de desarrollo social y cultural;
- b) reforzar la ética profesional, bajo la forma de legislación nacional e internacional hacia la protección y el desarrollo de la herencia natural y cultural de los pueblos;
- c) implementar redes regionales e internacionales de cooperación;
- d) establecer mecanismos de defensa y protección legal de la herencia natural y cultural;
- e) responder a las tendencias de liberalización económica que atingen a los museos;
- f) expandir y consolidar las redes de comunicación entre y para museos;

La gran contribución de esos documentos es reunir, de modo organizado, las principales aspiraciones de los segmentos que representan, buscando definir estrategias de acción en ámbito abarcador. Identificar su real eficacia, su real correspondencia a las aspiraciones de esos segmentos - o su efectividad hacia las necesidades de las sociedades en cuyo nombre se presentan -, sería nuestra tarea y nuestro rol. **Muchas veces se substituye la acción por mero discurso, o, por razones políticas, se evita debatir los puntos de conflicto de las situaciones analizadas – como si fuera fácil (o mismo posible) encetar acciones de ámbito global o regional, a partir de una carta de intenciones.**

## 5. POSIBILIDADES Y PERSPECTIVAS

...Poco analizados en el ámbito de la Academia, los discursos sobre Museología, Patrimonio, Identidad, Medio Ambiente y Desarrollo Sustentable no siempre llegan a ser conocidos (o reconocidos) por las comunidades y/o segmentos de las sociedades a las cuales se refieren. Ni siquiera han sido comprendidos y aprovechados correctamente por los especialistas, o por los profesionales que actúan en los museos y con la Museología: permanecen en la esfera de las intenciones estratégicas, o limitados a las narrativas de casos, de influencia local. Mientras tanto, magníficos trabajos se desarrollan en varios países, sin que los actores tengan conocimiento del valor de su experiencia.

Sería por lo tanto necesario realizar un trabajo urgente de reconocimiento, mapeamiento y análisis de dichas experiencias; también comparar esas iniciativas, estableciendo puntos de convergencia y divergencia; identificar su potencial transformador, a la luz de las filosofías de trabajo existentes; establecer su pertinencia, en relación a los discursos y narrativas del Museo, del Patrimonio, de la Identidad, del Medio Ambiente y del Desarrollo.

Es en ese sentido que trabaja el **MINOM**, y que se desarrolla la acción del **ICOFOM LAM**. Dedicado a las estrategias de acción comunitaria, el MINOM trabaja más específicamente con las iniciativas locales, y genera un discurso sencillo y directamente volcado hacia la acción. En cuanto al ICOFOM LAM, aunque específicamente volcado hacia el dominio del discurso, por su característica de grupo teórico, **se viene dedicando, desde su primera conferencia (Buenos Aires, 1992), a discutir las relaciones entre Museología, ambiente integral, patrimonio y desarrollo sustentable** – no solamente como línea filosófica, pero asimismo como propuesta ética. El trabajo desarrollado a lo largo de esos diez años comienza a hacerse sentir, en la influencia ejercida sobre la producción de la comunidad académica dedicada a la Museología; en el diseño de programas académicos y de entrenamiento técnico en distintos países de la región; y especialmente en el reconocimiento, por parte de los liderazgos comunitarios, de que el trabajo que desarrollan se inscribe en el ámbito de la Museología.

Un ejemplo es la comunidad de Santa Cruz (Río de Janeiro), articulada hace años sobre su identidad y su patrimonio, pero que, a partir de 92, y por contacto con el discurso de los profesionales del MINOM y del ICOFOM LAM, se ha identificado y legitimado como Ecomuseo.

***Tereza Cristina Scheiner***  
***Presidente, ICOFOM***

*Río de Janeiro, Mayo de 2000*

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASTUDILLO, Lucia, DECAROLIS, Nelly & SCHEINER, Tereza C. (org.). **Museos, Espaço y Poder en América Latina y el Caribe**. Cuenca, Ecuador: ICOM/ICOFOM LAM, 1993. Co-auspícios OEA y Consejo Nacional de Cultura del Ecuador. 134 p.
2. ATLAN, Henri. **Entre o Cristal e a Fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo**. Trad. de Vera Ribeiro. Rev. de Henrique Lins de Barros. RJ: Zahar, 1992. 268 p.
3. DAVALON, Jean, GRANDMONT, Gerald & SCHIELLE, Bernard. **L'environnement entre au Musée**. Collection Muséologies. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992. 206 p. il.
4. DESVALLÉS, André, DE BARRY, Marie Odile e WASSERMAN, Françoise (coord.). **Vagues: une antologie de la Nouvelle Muséologie**. Collection Museologia. Éditions W, M.N.E.S., 1992 (vol. 1). 529 p. y 1994 (vol. 2). 573 p.
5. DE VARINE, Hughes. **L'initiative Communautaire: recherche et expérimentation**. Collection Museologia. Editions W, M.N.E.S. 1991. 265 P.
6. GARCIA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. RJ: Ed. UFRJ, 1995. 266 p.
7. \_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. 385 p. il.
8. GJESTRUM, John Aage & MAURE, Marc. **Økomuseumsboka**. Identitet, økologi, deltakelse. ICOM, Tromso Museum, 1988. 192 p. il.
9. HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva y Guacira Lopes Louro. RJ: DP&A, 1997. 111p.
10. **ICOM/ICOFOM. ICOFOM STUDY SERIES. Anais dos Encontros Anuais do Comitê Internacional de Museologia do ICOM**. ICOM/ICOFOM, vols. 1 a 20. Vol. 1-19 ed. por Vinos Sofka. Vol. 20 and reprint by Martin R. Schärer. 1978 / 1995.
11. \_\_\_\_\_. *Museum and Community I*. ISS no. 24. Symposium Museum and Community. Beijing, China: ICOM/ICOFOM, September 1994. 124 p.
12. \_\_\_\_\_. *Museum and Community II* ISS no. 25. Symposium Museum and Community. Stavanger, Norway: ICOM/ICOFOM, July 1995. 217 p.
13. **ICOM/ICOFOM. ICOFOM LAM. Museus, Memória e Patrimônio na América Latina e no Caribe**. Coord: Teresa Scheiner. VI Encontro Regional do ICOFOM LAM. Cuenca, 29 nov. / 03 dez. 1997. 200 p. Pré-ed.
14. \_\_\_\_\_. *Museus, Museologia e Diversidade Cultural na América Latina e no Caribe*. Coord: Decarolis, Nelly & Scheiner, Teresa. VII Encontro Regional do ICOFOM LAM. 13-20 Junho 1998. México. Pré-ed. 160 p.
15. JEUDI, Henri Pierre. **Memórias do Social**. Tradução de Márcia Cavalcanti. RJ: Forense Universitária, 1990. 146 p.
16. LYOTARD, Jean-François. *Petite économie libidinale d'un dispositif narratif: le Régie Renault raconte le meurtre de Pierre Overney*. In: **Des dispositifs Pulsionnels**. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1973: 171-213.
17. MOLES, Abraham. **As Ciências do Impreciso**. Trad. de Glória de Carvalho Lins. RJ: Civilização Brasileira, 1995. 371 p.
18. MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Trad. de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Bibl. Universitária no. 19. Lisboa: Publ. Europa-América Ltda., 327 p.
19. MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1995. 189 p.
20. SCHEINER, Tereza Cristina (org.). **Interação Museu-comunidade pela Educação Ambiental**. Manual de Curso de Extensão. RJ: Tacnet Cultural, 1991. 200 p. il.
21. \_\_\_\_\_. *Museum Ethics and the Environment: in search of a common virtue*. In: **Museum Ethics**. Ed. by Gary Edson. London: Routledge, 1997. p. 176-178.
22. RUSCONI, Norma. *Extensão Cultural e Pedagogia do Desenvolvimento: um desafio para a contemporaneidade da Museologia Latinoamericana*. Trad. Tereza Scheiner. In: **ICOM/ICOFOM LAM - Museologia e Globalização na América Latina e Caribe**. Mexico, 1998.
23. TAVARES D'AMARAL, Márcio (org.). **Contemporaneidade e Novas Tecnologias: comunicação e sistemas de pensamento**. Seminários de Pesquisa, IDEA/ECO/UFRJ. RJ: Sette Letras, 1996. 165 p.
24. WIÑAZKI, Miguel. **Travesías Argentinas. Diez historias en busca de la identidad perdida**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. 142 p.

## NOTAS

1 Travesías Argentinas., p. 20

2 *Ibíd.*, p. 24

3 *Ibíd.*, p. 128

4 *Ibíd.*, p. 130

5 *Ibíd.*, p. 131

6 Tierra-Patria, p. 35

7 *Ibíd.*, p. 42

8 *Ibíd.*, p. 50

9 Culturas Híbridas, p. 18

10 *Ibíd.*, p. 28

11 *Ibíd.*, p. 205

12 Analizando la Carta del Folklore Americano, elaborada por la OEA en 1970, Canclini encuentra las siguientes afirmativas: a) el folklore es constituido por manifestaciones tradicionales de carácter oral y local, siempre inalterables; b) así entendido, constituye la esencia de la identidad y del patrimonio cultural de cada país; c) el progreso y los medios de comunicación, al acelerar el proceso final de desaparecimiento del folklore, desintegran el patrimonio y hacen los pueblos americanos 'perder su identidad'. In Op. Cit., p. 214

13 *Extensão Cultural e Pedagogia do Desenvolvimento: um desafio para a contemporaneidade da Museologia Latinoamericana*, ICOFOM LAM, 1998.

14 Canclini, Op. Cit., p. 324

15 Les Dispositifs Pulsionnels, p. 171

16 *Ibíd.*, in Op. Cit.

17 *Ibíd.*, *ibidem.*, p. 177

18 *Ibíd.*, p. 182

19 especialista francés en análisis del discurso

20 Unión Internacional para la Conservación de la Naturaleza

21 iniciativa de la UNCED – Comisión de las Naciones Unidas para el Desarrollo

22 Primera Cumbre Hemisférica de los Museos de las Américas. Agenda para la acción. Acuerdos. San José, Costa Rica, abril de 1998.



## **EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – A VISÃO DA COMUNIDADE DE SALVATERRA SOBRE OS PROBLEMAS AMBIENTAIS**

*Ana Cláudia dos Santos da Silva\* - Museu Paraense Emilio Goeldi - Brasil - PA*

---

### RESUMO

Apresenta os métodos utilizados em uma pesquisa realizada, no município de Salvaterra/PA, que teve como objetivo buscar informações sobre a interpretação da problemática ambiental do município através da memória oral de seus moradores. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa tendo como principais informantes os moradores mais antigos da comunidade.

A pesquisa detectou entre outros pontos que, a maioria das manifestações culturais desta localidade começam a ser esquecidas pelos moradores, ausência de alternativas de lazer para a comunidade local, pouca importância dada ao turismo . Baseado neste diagnóstico apresentou-se uma proposta de resgate da tradição cultural deste município, através da criação de um ECOMUSEU, que segundo SCHEINER (1991) é uma forma de museu socializado que tem como base conceitual o território do homem, e não objeto como ocorre na maioria dos museus tradicionais.

\*Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO  
Técnica em Turismo

## **EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – A VISÃO DA COMUNIDADE DE SALVATERRA SOBRE OS PROBLEMAS AMBIENTAIS**

*Ana Cláudia dos Santos da Silva\* - Museu Paraense Emilio Goeldi - Brasil - PA*

---

A escolha da Ilha do Marajó, mais precisamente o município de Salvaterra, para realização desta pesquisa deve-se principalmente a diversidade cultural e biológica característica predominante neste arquipélago, que apesar da ação depredadora do homem ainda apresenta traços marcantes da herança cultural deixada pelos povos que ocuparam aquela área.

Apesar destas peculiaridades, percebe-se os valores culturais deste povo se desintegrando, de forma que daqui a algum tempo os jovens, nativos desta região desconhecerão toda esta riqueza cultural, herança de seus antepassados, devido a acelerada aculturação advinda de fatores exógenos e pelo pouco incentivo dado à preservação destas tradições culturais, que acabam tornando-se apenas um espetáculo para "inglês ver".

Através da educação ambiental, pode-se despertar nestes jovens o interesse pela valorização do ambiente e da cultura de sua comunidade, mostrando-lhes uma visão renovada da sua realidade. Desta forma, é importante fazer uma análise da situação vivificada pela comunidade e, a partir de suas experiências estimulá-la à criação de espaços que representem a sua identidade cultural. Com isso o cidadão comum, poderá sensibilizar-se quanto à importância da preservação dos traços de sua cultura, no seu fazer diário e através da memória preservada, torná-los mais participantes da sua realidade sócio ambiental.

Quando realiza-se um trabalho de educação ambiental tratando sobre a preservação da cultura procura-se buscar uma percepção renovada do mundo através de uma leitura diferenciada deste tema. Desta forma mostra-se que o meio físico e cultural estão intrinsecamente ligados e que a ação do homem sobre a natureza pode interferir nas relações sociais afetando de forma considerável a cultura de uma comunidade.

Sobre este aspecto CAPRA (1982) afirma que, no novo paradigma emergente a proposta educativa deve englobar uma visão sistêmica da realidade, com uma interdependência das partes para evitar uma leitura distorcida do mundo real.

### **A PESQUISA COMO BASE PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Sabe-se que a educação ambiental é um processo permanente de educação que principia com a observação e o estudo da inter-relação entre o homem e o ambiente natural e cultural, sensibilizando-o de sua responsabilidade quanto ao ambiente.

Para que a E.A propicie a compreensão do meio ambiente e interprete a inter dependência de seus diversos componentes, é imprescindível que o indivíduo esteja apto ao pleno exercício da cidadania, através da formação de uma visão ampla, culturalmente adequada a cada realidade e que permita superar os obstáculos quanto a utilização sustentada do meio ambiente.

Sabe-se também, que os problemas ambientais são dinâmicos e variam de um local para o outro, sendo assim é importante conhecer a dimensão dos problemas tratados e como ele surge em uma comunidade, para elaborarmos um programa de educação ambiental adequado a esta realidade.

Em seu artigo "Educação ambiental: uma proposta pedagógica", Meyer aborda de forma clara a "miopia" que caracteriza muitas vezes os programas de E.A., quando diz que :

*" A situação ambiental das cidades e povoados é percebida em sua aparência, sendo pouco conhecida, sistematizada, refletida e questionada. O ambiente passa despercebido pois estamos acostumados a olhar e conviver com as mesmas coisas, fatos, fenômenos e pessoas sem reparar nas mudanças que vão ocorrendo..".(Meyer, 1991,p.43)*

Ainda no mesmo artigo a autora afirma que, uma proposta pedagógica de educação ambiental deve contemplar as alterações ambientais, levando em consideração a forma que os grupos sociais se apropriam dos recursos naturais em função dos fatores históricos, econômicos e sociais.

Sendo assim os problemas ambientais devem ser entendidos de forma que por seus próprios meios a sociedade possa compreender o fenômeno ambiental de tal modo que as relações dos homens entre si e com seu meio levem a uma busca constante de transformação das condições materiais e existenciais e conseqüentemente a incorporação de valores políticos, econômicos e culturais.

A importância da pesquisa para a educação ambiental é ressaltada pela recomendações final da CONFERÊNCIA DE TBILISI quando diz que todas as atividades voltadas para este fim devem ser aliada a investigação e experimentação sobre as orientações, o conteúdo, os métodos e os instrumentos necessários para a sua execução é indispensável a avaliação permanente de todas estas atividades para sua melhoria e ampliação. Neste contexto podemos inserir a pesquisa realizada em Salvaterra, pois para sua realização contamos com a participação dos moradores em todas as fases da investigação.

O turismo vem, há muitas décadas, acontecendo de forma desordenada em várias localidades, tornando desta forma sinônimo de descaracterização cultural e devastador de paisagem. Apesar do turismo ser uma das mais lucrativas atividades econômica da modernidade e ser erroneamente denominado de indústria sem chaminé, este pode se causar sérios danos uma localidade se não for planejado de forma adequada as características físicas e culturais do núcleo receptor.

Por outro lado sob a égide do desenvolvimento sustentável surge o ecoturismo que é caracterizado pela visitas a lugares naturais levando em conta toda a riqueza paisagística e cultura da localidade visitada.

Este trabalho trata da pesquisa em educação ambiental e turismo, levando em consideração os pressupostos da pesquisa participante, que tem como uma de suas principais características a participação da comunidade, visando a discussão de problemas reais da localidade.

A pesquisa participante é definida por THIOLENT (In: FIGUEREDO1993), como uma alternativa para a pesquisa tradicional, uma vez que resguarda dois objetivos principais que são melhorar a qualidade de observação e ser um projeto de ação social ou de resolução dos problemas coletivos.

A pesquisa participante crítica os métodos tradicionais da pesquisa científica, que são caracterizados entre outros pela disjunção do pesquisador do objeto ou realidade pesquisada que na maioria das vezes utiliza para coleta de dados questionários e entrevistas diretas. Segundo os novos paradigmas científicos , há uma necessidade de inserção do "pesquisador" no meio pesquisado, é importante que ele perceba como é o cotidiano deste grupo,. mas também é imprescindível a participação efetiva desta comunidade em todas as etapas da pesquisa de campo.

Através deste processo haverá uma troca de experiência que findará na construção de uma nova realidade e conseqüentemente na valorização do ambiente físico e cultural da comunidade em questão.

Com este relato, pretende-se mostrar como a comunidade de Salvaterra, percebe a problemática ambiental do seu município e as transformações que ocorreram no seu ambiente físico e humano, devido a apropriação da natureza pelo homem, bem como propõe ações culturais que visem estimular a participação da comunidade no resgate da sua História sócio ambiental.

## **A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL DE SALVATERRA NA VISÃO DE SEUS MORADORES**

O primeiro passo da pesquisa foi um levantamento bibliográfico e in loco para detectar as necessidades da população em relação ao turismo, cultura e meio ambiente, assim como os aspectos considerados mais precários pela comunidade.

O trabalho de campo prosseguiu com reuniões abertas com a comunidade, entrevistas e contatos locais buscando dados preliminares e apoio logístico para a pesquisa. Para isto contactou-se alguns líderes comunitários, a prefeitura local, a escola Vasconcelos sede da SEDUC no Município, o Centro de Educação ambiental de Salvaterra-CEAS. Esta fase foi denominada de exploratória.

Na primeira reunião realizada com a comunidade foi para a apresentação e discussão da proposta de trabalho e consulta direta aos participantes sobre questões ligadas a cultura, meio ambiente, turismo e necessidades locais. O método utilizado para coleta de informações foi as perguntas diretas que eram respondidas em papéis distribuídos anteriormente e numerados de acordo com a número da pergunta. Foram elaboradas três perguntas. Foram formuladas perguntas recentes aos seguintes temas: conceito de desenvolvimento; As causas dos principais problemas das associações; As principais necessidades da comunidade e o Perfil do entrevistado. Sendo assim, como principais problemas das associações citaram:

- Falta de experiência dos associados e dirigentes;
- Desinteresse dos associados relacionado a falta de dinheiro
- Falta de compromisso dos associados
- Pensamento no indivíduo e não no coletivo
- Falta de organização e união da comunidade
- Muitas exigências para fundação de uma associação
- Não há interesse nem esforço dos associados

As principais necessidades da comunidade, segundo os seus representantes:

- Falta de incentivo, orientação
- Bom sistema de transporte
- Uso racional dos recursos
- Ação mais efetiva do governo
- Pessoas mais interessadas na associação
- Trabalho conjunto em prol da comunidade
- Mais recursos financeiros
- Mais discussões sobre os problemas locais

Perfil do morador do município:

- Desinteressado
- Sem vontade própria
- Irônico
- Não consegue se unir ao grupo
- Desprovido de recursos financeiros

Como o maior problema encontrado na comunidade, tivemos as seguintes respostas:

- Falta de incentivo a comunidade
- Carência de educação rural;
- Não participação das autoridades governamentais nas atividades da comunidade;
- Falta de tratamento do lixo urbano;
- necessidade de um projeto agro-industrial;
- Falta de crédito bancário para os projetos comunitários;
- Ausência de organização comunitária;
- Falta de incentivo ao turismo e à cultura;

"Em relação a sua atividade, qual a maior dificuldade ?" obteve-se o seguinte:

#### TURISMO

Necessidade de incremento do transporte;

#### AGRICULTURA

Criação do conselho rural

Credenciamento rural

Falta de incentivo fiscal

#### SAÚDE

Criação de um Conselho Municipal de Saúde

Realização de programas de educação voltado para esta área

#### CULTURA

Falta de informação e não valorização da cultura local

Falta de incentivo financeiro para estruturação dos grupos folclóricos

#### COMÉRCIO

Falta de apoio ao pequeno comerciante

Dificuldade no transporte de mercadoria

#### EDUCAÇÃO

Dificuldade de locomoção para os alunos da zona rural,

Ausência de subsídios teóricos para os alunos com relação á cultura do Município

Necessidade de melhor capacitação dos professores

Falta de integração entre educação e os diversos setores da sociedade

Quando se perguntou "O que você entende por cultura ?"

Verificou-se que os participantes da reunião tem noção do que seja cultura e acham que a mesma precisa ser valorizada, pois está morrendo lentamente.

Acham também que é necessário uma participação da comunidade para sua valorização e que desta forma o município poderá desenvolver o turismo.

Em relação à pergunta "Como está o turismo no Município ?", os representantes da comunidade responderam que :

- Falta conscientização do povo em relação ao turismo;
- A infra-estrutura do município é precária
- A atividade está concentrada nas mãos de poucos não deixando espaço em termos de renda para outros setores.
- Os programas de turismo para Salvaterra são elitistas;
- Faltam planejamento e fiscalização dos projetos hoteleiros
- Não existe uma programação cultural no período de alta estação e no restante do ano.
- Falta divulgação
- Necessita de recursos humanos qualificados
- Agressão aos costumes locais e marginalização dos nativos
- Não há divulgação dos valores históricos e culturais
- Não há prioridade da atividade pelo governo municipal

As perguntas foram respondidas por representantes de vários setores da comunidade local , as conclusões apresentadas são os resultados compilados destas respostas, visto que várias repetiam a mesma idéia. As pessoas analfabetas expuseram suas opiniões através de seus depoimentos oral.

Após este primeiro contato em dezembro de 1994, detectou-se que a organização comunitária no município era quase inexistente. Com base nas informações coletadas na primeira visita organizou-se um Ciclo de palestra intitulado MEIO AMBIENTE E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA, que contou com a colaboração de professores e alunos da Universidade Federal do Pará (NUMA e NAEA). Os temas abordados neste ciclo foram GESTÃO PARTICIPATIVA; DIREITO E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA e TURISMO E MEIO AMBIENTE: PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA. Esta programação foi realizada de 23 a 30/01/95.

No mesmo período foi realizada outra reunião com os barraqueiros da Paria Grande de Salvaterra onde foi discutido a formação de uma associação de classe para este seguimento e alguns problemas verificados em relação aos mesmos tais como:

- Falta de manutenção e infra-estrutura na praia
- Alto custo do preço dos alimentos no mercado
- falta de consciência dos barraqueiros com relação a limpeza da praia
- Necessidade de incremento do transporte e melhoria no atendimento do turista
- Necessidade de cursos para capacitação de pessoal
- Realização de seminário sobre turismo
- Problemas ambientais com relação a construção de barracas, banheiros e fossas na praia
- Não há projeto urbanístico na prefeitura.

Voltamos a Salvaterra para tratar do Treinamento de Agente Multiplicadores em Educação Ambiental, sendo decidido a sua realização no período de 05 a 07 de maio de 95 , foram oferecidas 30 vagas para a comunidade, ficando o setor de cultura da Prefeitura responsável pela inscrição e divulgação do evento. A participação dos moradores no Seminário atendeu as expectativas visto que dores excedeu o numero de vagas estipulado inicialmente.

Houve a participação de várias instituições entre elas UFPa, através da Pró reitoria de Extensão e o POEMA o Museu Goeldi, UEPA e Centros Comunitários da Terra Firme - Belém. O assuntos tratados foi principalmente a organização comunitária. Os palestrante, todos com vivências em organização comunitária relataram suas experiências para os participante. A metodologia utilizada no seminário foi o a exposição aberta, o debate e grupos de trabalhos. Após os debates foram formados vários grupos para formulação de propostas para as problemáticas apresentadas durante o seminário. O resultado apresentado foi o seguinte:

Principais necessidades da comunidade:

- Melhoria do sistema de transporte
- Uso racional dos recursos
- Ação mais Efetiva do governo estadual e municipal em relação à problemática ambiental do município;
- Maior sensibilização da comunidade quanto aos problemas da comunidade
- Trabalho conjunto em prol da comunidade
- Mais recursos financeiros
- Mais discussões sobre os problemas locais

Com relação à Educação, Saúde, Cultura e Turismo:

- A juventude não tem noção de respeito , não se interessa de conhecer os seus direitos e deveres;
- O governo municipal e a sociedade devem criar formas de educação compatível para o desenvolvimento dos jovens da comunidade;
- As doenças são tratadas com soro caseiro;
- O governo municipal não atende os problemas de saúde;
- A prefeitura não oferece material de ensino adequado;
- O programa de educação não atendem as necessidades da comunidade;
- Os professores são autoritários e não desenvolvem a capacidade criativa dos alunos;
- É necessário um programa de alfabetização de adultos;
- É necessário convidar pessoas capacitadas em diversos assuntos de interesse da comunidade para assessorar na busca de soluções para os problemas locais.
- Mais incentivo para o turismo no município

## PROPOSTAS

- Formação de um conselho comunitário com participação de todas as entidades de classes;
- Escolher uma comunidade modelo para realização de um projeto;
- Feira permanente de cultura que funcione todo final de semana;
- Implantação de projetos de saneamento em pequenas comunidades do município;
- Formação de uma comissão de trabalho para atuar como agente multiplicador
- Criação de um Conselho municipal de saúde;
- Realização de um seminário para tratar os problemas de saúde do município;
- Promoção de atividades que visem o resgate da cultura local
- Incentivo à realização de atividades culturais
- Despertar o interesse dos jovens pela cultura marajoara
- Incentivar o desenvolvimento do turismo no município;
- Maior valorização do morador do município pelos empresários de turismo local.

A segunda etapa da pesquisa caracterizou-se por entrevistas, conversas informais e observações do cotidiano local. A escolha dos informantes para as entrevistas não teve uma regra, devido ao propósito da pesquisa escolheu-se pessoas na maioria com certa história de vida , ou seja, que participaram de várias etapas do desenvolvimento Município, pois assim poderia detectar as transformações ocorridas no ambiente desta comunidade.

As respostas obtidas através destes contatos foram de fundamental importância visto que, pode-se reunir os diferentes saberes, experiências e expectativas em busca de alternativas para os problemas evidenciados pela população. Pode-se também, despertar nos indivíduos a reflexão sobre a sua realidade, visando uma ação transformadora da mesma.

Após as discussões com os moradores de Salvaterra, detectou-se a inexistência de organização e participação comunitária no município e uma grande apatia tanto dos cidadãos quanto das autoridades diante dos problemas ambientais causados pela ação desordenada do homem sobre o ambiente local. Alguns informantes ressaltaram ainda que a maior parte das expressões culturais do município estão sendo esquecidas pelos moradores locais. Viu-se que vários fatores contribuem para esta desvalorização cultural, entre eles o acesso a novas informações através dos meios de comunicação de massa e o turismo, que leva principalmente o jovem a sentir-se inferior diante da cultura considerada, por eles, mais adiantada.

Daí a necessidade de resgatar a tradição cultural do município, através de ações culturais que busquem a valorização da mesma, sendo estas direcionadas especialmente para este público. Como forma de realização destas ações foi proposto por alguns moradores a criação de um museu local que teria por finalidade resgatar fatos da história e traços culturais da comunidade de Salvaterra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, o mais importante foi verificar que os moradores começaram a perceber a necessidade de trabalhar em conjunto para o bem comum. Claro que não se conseguirá de imediato, a participação de toda a população, mas a partir de um pequeno grupo poderá levar-se adiante a proposta aqui apresentada.

A partir das colocações apresentadas neste trabalho, pretende-se desenvolver uma ação conjunta para, despertar o cidadão de Salvaterra para a preservação do seu ambiente e sua valorização cultural, fazendo-o refletir que ele é o principal agente de transformação da realidade social em que vive. No entanto, depende de cada indivíduo desempenhar este papel e lutar pôr uma sociedade mais justa e um ambiente mais saudável.

A partir das colocações apresentadas neste trabalho, conclui-se que um museu, além de um espaço de educação e lazer é também um instrumento de cidadania, visto que através das ações educativos culturais ali desenvolvidas, pode sensibilizar o indivíduo quanto à importância de uma relação equilibrada entre o homem e o ambiente.

Assim poderá em conjunto com a comunidade despertar para o exercício de cidadania afim de alcançar uma melhoria de qualidade de vida. Desta forma estará se cumprindo o papel de educador ambiental, atuando como agente transformador da realidade e não apenas embarcando em um modismo através de discursos demagógicos que pregam uma falsa ideologia de "preservação da natureza".

\* Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO  
Técnica em Turismo

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A participação da Pesquisa no Trabalho Popular. In: Repensando a Pesquisa Participante. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação: ciência, cultura e sociedade emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.
- FIGUEIREDO, Silvio Lima ; EWERTON, Marilsa Daguer. Experiência em pesquisa com residentes de núcleos receptores: o caso de Mosqueiro. Belém- Pa. UFPa. 1983
- LEMO, Carlos A. C. O Que é Patrimônio Histórico. 4a ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MEYER, Mônica A. de Azevedo. Educação Ambiental: uma proposta pedagógica. Em Aberto. Brasília, v.10, n.49, p.41-46, jan/mar. 1991.
- SCHEINER, Teresa Cristina. Interação Museu Comunidade pela Educação Ambiental. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 1991



## **MUSEOLOGY AND HERITAGE IN RELATION TO THE FUTURE ENVIRONMENT OF A COMMUNITY**

*Carol Vitagliano \* - ICOFOM LAM - Argentina*

---

At present, museums have become community's fundamental education centers in order to preserve a pure environment for the future generations. They educate and create awareness from the preservation and diffusion of its heritage to the rest of the world.

Thus, the fundamentals of a heritage management able to incite

## **MUSEOLOGÍA Y PATRIMONIO EN RELACIÓN AL MEDIO AMBIENTE FUTURO DE UNA COMUNIDAD**

*Carol Vitagliano\* - ICOFOM LAM - Argentina*

---

En el portal del año 2000 los nuevos museos se transforman en centros de educación fundamentales para la comunidad presente. Concientizan y educan a partir de la conservación de su patrimonio y la difusión del mismo a todo el resto del planeta. Uno de sus principales objetivos es la protección de un medio ambiente puro y equilibrado para ofrecer a las generaciones venideras.

Definimos por Patrimonio de estos sitios al grupo de objetos naturales -flora y fauna- o culturales -producto de la interacción entre el ser humano y el área que lo circunda- heredados del pasado, que iluminan el presente y se deben conservar para el futuro. Es una ley primaria que este patrimonio existe y sobrevive al paso del tiempo sólo si es valorado y protegido como tal por un grupo humano que se ve reflejado en él.

Por lo tanto, la museología puede y debe aportar las bases necesarias para fundamentar una gestión patrimonial que provoque en la comunidad una actitud de valoración basada en la crítica y la participación constructiva y creativa de los individuos en relación con su acervo, con sus objetos plenos de capacidad de deleite y educación. Función social de los objetos, cada vez más considerada en las diferentes legislaciones y en las conclusiones de las cumbres que se vienen realizando con el objetivo de la investigación, conservación y difusión del patrimonio.

Al mismo tiempo que la comunidad tiene la responsabilidad de salvaguardar su patrimonio, el museo -cualquiera sea su tipología- tiene la responsabilidad para con la comunidad de interpretar su patrimonio y acercarlo a la gente mediante publicaciones, visitas, muestras permanentes e itinerantes.

Testimonio de esto es que en estas últimas décadas la interrelación de patrimonio "in situ" y museo se ha fortalecido al punto de estar frente a comunidades que intervienen en forma activa en la creación, política y funcionamiento de los museos comunitarios, donde el personal se transforma en el soporte técnico educativo de una población no especializada, pero sí consciente de la importancia y función social del museo.

En tanto se logre masificar estas experiencias y sus resultados, será posible hablar de la función ecológica de estos nuevos museos con mayúscula. Ya que más allá de hacer referencia a estos casos, no tan aislados como antaño, todavía se debe batallar con el usufructo económico de muchas regiones a las que no se les permite la posibilidad de la conservación.

Si bien navegar en contra de la corriente económica dominante llevará muchos años y esfuerzos, se debe comenzar a invertir y ahorrar tiempo documentando el patrimonio en vías de extinción con trabajos de campo que pueda ser utilizado como disparador de las distintas situaciones de cada área en peligro.

En el caso de no poder frenar la depredación ilimitada, sería importante intentar desde el museo extraer objetos o especímenes que puedan ser conservados en medios apropiados, con el objeto de puntualizar un antecedente de conservación que se enmarque más adelante en una legislación proteccionista del patrimonio natural y cultural, reguladora de la economía destructiva.

En relación con la legislación es importante hacer referencia también a la reglamentación, porque sin normas que claramente fijen derechos, deberes y sanciones para quienes no las cumplen, nos encontramos frente a la desprotección de la misma legislación que ampara al patrimonio.

La política cultural en general y la de los museos en particular debe lograr el apoyo de la comunidad, basándose en el conocimiento del pasado y el presente como signos de su propia identidad. Aspectos estos que no podrán ni deberán ser reemplazados por ninguna política más fuerte que ignore la memoria y la inminente relación con el presente y el futuro.

De este modo, los recursos rentables serán aquellos dirigidos a las necesidades específicas de cada región y a cada museo en el que se conserve su patrimonio tangible e intangible, porque eso hace a su individualización frente a otros pueblos y costumbres con un pasado igual de valioso y significativo.

En este proceso de revalorización del patrimonio en su totalidad y de su proyección hacia el futuro, la museología es la ciencia que cumple la función básica de sustentar las teorías que avalan las necesidades actuales del quehacer museal, en cuanto al desarrollo de la conciencia de lo propio y de las bases teóricas de todas las actividades que lleva cabo el museo.

Por su parte, su praxis -la museografía- tendrá la tarea de adaptar todos los conceptos teóricos y plasmarlos en información fácilmente interpretable por la comunidad, sin excluir a ninguno de sus miembros, por medio de proyectos museográficos que abarquen a toda la región más allá de los límites del museo.

En este presente de comunicación constante y veloz debemos alentar la difusión de cada actividad realizada por el museo como fuente de conocimiento que acercaremos a un mundo que aún ignora el valor del patrimonio, de la cultura y la posibilidad que existe en cada integrante de la comunidad de aportar algo para un futuro mejor.

Si bien suena a utopía pretender que cada museo cuente con una infraestructura tecnológica para su comunicación cuando aún existen necesidades básicas que presupuestariamente no se pueden solventar, esto no tiene que sofocar el deseo de una amplia comunicación. Dar a conocer una labor en forma masiva suele brindar la posibilidad de conseguir apoyos, lograr repercusiones y obtener financiamientos.

Regresando al tema central de la relación de la museología con el desarrollo sustentable, debemos considerar que es inherente a cada uno de nosotros -con nuestro trabajo constante- la factibilidad de acrecentar los servicios que el museo brinda a la comunidad. Sus espacios se deben transformar en núcleos de recepción capaces de captar la participación activa de los miembros que integran a cada comunidad, como así también de los públicos de otras regiones que regresan a su lugar de origen con la inquietud de formar parte de una institución similar, pero acorde a sus características identitarias.

La preservación del patrimonio es el punto fundamental de la durabilidad de los logros de esta relación museo-comunidad, ya que será el resultado que demuestre -en un futuro no muy lejano- que el patrimonio aún existe por haber sido valorado, rescatado, protegido y conservado a través del tiempo y del espacio.

La educación no formal que realiza cada museo en forma programada o no, deberá ser lo suficientemente pragmática como para permitir a la comunidad adquirir los conceptos básicos aplicables a la búsqueda de mejores espacios públicos o privados.

Por lo tanto es imprescindible que los museos comunitarios integren a los miembros de su comunidad dentro de un organigrama de funcionamiento y de planificación de actividades como el punto elemental de partida para un creciente desarrollo sustentable.

Desde su rol primero de servidor de la comunidad y en el ámbito comunal, el museo debe administrar los recursos con racionalidad; considerar los intereses y las necesidades de los habitantes de la población en que está inmerso, acrecentar al máximo el acceso de la gente a la cultura en todas sus manifestaciones y asegurar la expresión y el goce de la libertad a cada una

de las personas a quienes está dirigido, vale decir a todos los hombres del mundo de cualquier raza, religión y lugar.

Por lo tanto, el Museo debe plantearse como un pilar donde se vean reflejadas paralelamente y en armonía las dos facetas de nuestra realidad actual: la globalización inminente y el respeto por el sentir local. Sólo así el Museo será un verdadero instrumento para La Paz.

Buenos Aires, abril de 2000.

#### **BIBLIOGRAFÍA:**

“El Porvenir del Pasado”, en Boletín del Museo de la Ciudad, Rosario, 1999.  
ICOM: II Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa, Portugal, 1989.  
BENITEZ DE LUGO, LAFUENTE, LECHUGA RODRÍGUEZ: “La interpretación del Patrimonio en el Parque Natural de las Lagunas de Ruidera” en revista de la AEM, España, 1999  
ICOMOS: Carta de Florencia, Versión mecanografiada, Florencia, Mayo 1981  
FEDERICO MAYOR ET AL Nuestra Diversidad Creativa, Síntesis de temas seleccionados en el Informe de la Comisión Mundial de Cultura y Desarrollo de la UNESCO. Ed. UNESCO. México, 1996

# VI

## Posters e Vídeos Paneles y Videos

## A - Posters / Paneles

*Amâncio, Hélio, Curtis, Marlene & Turmina, Rosana - Brasil - PR*

**ECOMUSEU DE ITAIPU**

*Arruda, Júlio M., Oliveira, Adolfo N. D., Santos, Luis A G. dos e Tavares, Valdemir B.*

FUNARJ / UNIRIO - Brasil - RJ

**MEMÓRIA DA COMUNIDADE (FORMIGA)**

*Becker, Daniel e Tavares, Antônio Felix - Brasil - RJ*

CEDAPS - Centro de Desenvolvimento e Apoio a Programas de Saúde

**INICIATIVA DE SANTA CRUZ**

*Chicanel, Marize - Brasil - RJ*

Escola de Museologia / UNIRIO

**INTERVENÇÕES URBANAS: O GRAFITE COMO OBJETO MUSEOLÓGICO**

*DeCarli, Georgina - Costa Rica*

Red ILAM

**RED DE MUSEOS Y COMUNIDADES SOSTENIBLES: abriendo nuevas vías de encuentro y cooperación**

*Dias, Mônica - Brasil - Brasil - AP*

Museu do Desenvolvimento Sustentável

**MUSEU SACACA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - A EXPERIÊNCIA DO AMAPÁ**

*Martins, Angela M. M. - Brasil - RJ*

UFRJ / Museu Nacional

**“SCANERIZANDO” A MENTE DOS VISITANTES DO MUSEU NACIONAL**

*Melo, Adriano Lopes de et alii - Brasil - RJ*

**PROPOSTA PARA CRIAÇÃO DE UMA NOVA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO NA REGIÃO DE SEPETIBA -RJ**

*Oliveira Júnior, Albino Barbosa - Brasil - RJ*

**DINAMIZAÇÃO DO ACERVO MUSEOLÓGICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

*Peixoto, Ariane Luna et ali - Brasil - RJ*

**SAMBAQUIS DE GUARATIBA - SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM POTENCIAL CIENTÍFICO, CULTURAL E TURÍSTICO**

*Peixoto, Gustavo Luna - Brasil - RJ*

**TRILHA INTERPRETATIVA NA ÁREA DE PROTEÇÃO DAS BRISAS**

*Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO / Escola de Museologia - Brasil - RJ*

*Participantes bolsistas do ICOFOM*

**A MUSEOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

## B - Vídeos

*Amâncio, Hélio, Curtis, Marlene & Turmina, Rosana - Brasil - PR*  
**ECOMUSEU DE ITAIPU**

*Figueroa, Judith Alanis - México*  
**EL MUSEO DEL DESIERTO**

*Hernandez, Elizabeth - Venezuela*  
**HOMENAJE A CRUZ QUINAL**

*Kamango, Pala - República Democrática do Congo*  
**LE SECRET UTILITAIRE DES COUVERCLES A PROVERBES WOYO**

*Pereira, Nereu do Vale - Brasil - SC*  
**ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA**

*Prado, Walter - Brasil - RJ*  
Ecomuseu Fluminense  
**“HISTÓRIA DAS CIDADES DA BAIXADA FLUMINENSE” (Documentário)**

*Silva, Célia Regina Neves da - Brasil - RJ*  
FEUC / NEURB - Núcleo de Estudos Urbanos  
**A ESCOLA QUE VIVEMOS É A ESCOLA QUE QUEREMOS**

*Turma de Ciências Sociais - FEUC - Brasil - RJ*  
**ÉTICA E CIDADANIA (Os excluídos de um país chamado Brasil)**

# VII

## Conclusões Conclusiones

# MANIFESTO DE SANTA CRUZ

No marco do II Encontro Internacional de Ecomuseus, convocado pelo MINOM - Movimento Internacional para uma Nova Museologia e pela IX reunião do ICOFOM LAM, a Comissão que se reuniu no bairro de Santa Cruz, Rio de Janeiro, Brasil, com a finalidade de discutir a relação dos ecomuseus e museus comunitários e a chamada Agenda 21, ratifica e se adere à *Agenda para la Acción*, emanada da *Cumbre Hemisférica de Museos y Desarrollo Sustentable*, realizada em San José de Costa Rica em 1998. (Anexo)

## Considerou que:

- Os ecomuseus e museus comunitários que têm um papel sistemático no tempo e espaço, assim como origens significativas e duradouras para as comunidades às quais servem, são agentes ativos para a participação e relação da comunidade com seu patrimônio integral.
- A reconciliação com o patrimônio integral, sua conservação e usufruto, é uma responsabilidade compartilhada entre o museu e a comunidade em que se insere.

## OBJETIVOS E RECOMENDAÇÕES

- Recomenda-se que os ecomuseus e museus comunitários trabalhem em cooperação com os Conselhos Locais da Terra e/ou Agenda 21.
- Todos os museus devem contemplar a participação comunitária e programas de desenvolvimento sustentável.
- Os ecomuseus e museus comunitários são e devem ser reconhecidos como mediadores entre a comunidade e as instituições e organismos governamentais e não governamentais a nível local, nacional e internacional.

## LINHAS DE AÇÃO

- Capacitar e dignificar os profissionais, técnicos e agentes sociais e/ou comunitários, vinculados aos ecomuseus e museus comunitários, com programas de caráter geral, com modalidades de aplicação regional e local.
- Estimular e fortalecer as redes entre ecomuseus e museus comunitários, e destes com as comunidades que permitam e facilitem a comunicação, informação e intercâmbio.
- Estimular e promover na comunidade a criação de formas sustentáveis de uso do patrimônio integral, desenvolvendo de forma conjunta atividades projetos que beneficiem a comunidade através do museu.
- Criar estratégias de cooperação para benefício e desenvolvimento dos ecomuseus e museus comunitários, tomando como base as experiências que têm se desenvolvido em diversas partes do mundo.
- Criar e experimentar metodologias de mediação entre comunidades, autoridades e fontes de financiamento privadas e públicas.



- Concretizar estas ações através de programas - piloto de impacto local, estabelecidos em diversas partes do mundo, processo que, após sua avaliação e validação, leve a um modelo universal de direção flexível.

*Santa Cruz, Rio de Janeiro, Brasil, 20 de maio de 2000.*

Amelia Decándido, Argentina.  
Mercedes Murúa, Argentina.  
Susana Torresagasti, Argentina.  
Carlos Vairo, Argentina.  
Dalva S. Bolognini, Brasil.  
Rosana Lemos, Brasil.  
Ariane Luna Peixoto, Brasil.  
Luciana Martins Prazeres, Brasil.  
Odalice Miranda Priosti, Brasil.  
Ângela Sabastano, Brasil.  
Pierre Mayrand, Canadá.  
Georgina De Carli, Costa Rica.  
Miguel Angel Gracia, España.  
Karina R. Durand V., México.  
María del Carmen Borrallo, Uruguai.  
Amiria Curbelo, Uruguai.  
Patricia Morales, Venezuela.

# MANIFIESTO DE SANTA CRUZ

En el marco del II Encuentro Internacional de Ecomuseos convocado por el Movimiento Internacional para una Nueva Museología -MINOM y la IX reunión del ICOFOM LAM, la Comisión que se reunió en el barrio de Santa Cruz, Río de Janeiro, Brasil, con el fin de discutir la relación de los ecomuseos y museos comunitarios y la llamada Agenda 21, ratifica y se adhiere a la Agenda para la Acción, emanada de la Cumbre Hemisférica de Museos y Desarrollo Sustentable, realizada en San José de Costa Rica en 1998. (Anexo)

## Consideró que:

- Los ecomuseos y museos comunitarios que tienen un papel sistemático en el tiempo y espacio, así como orígenes significativos y perdurables para las comunidades a las que sirven, son agentes activos para la participación y relación de la comunidad con su patrimonio integral.
- La reconciliación con el patrimonio integral, su conservación y usufructo, es una responsabilidad compartida entre el museo y la comunidad en que se inserta.

## OBJETIVOS Y RECOMENDACIONES

- Se recomienda que los ecomuseos y museos comunitarios trabajen en cooperación con los Consejos Locales de la Tierra y/o Agenda 21.
- Todos los museos deben contemplar la participación comunitaria y programas de desarrollo sustentable.
- Los ecomuseos y museos comunitarios son y deben ser reconocidos como mediadores entre la comunidad y las instituciones y organismos gubernamentales y no gubernamentales, en el ámbito local, nacional e internacional.

## LÍNEAS DE ACCIÓN

- Capacitar y dignificar a los profesionales, técnicos y agentes sociales y/o comunitarios, vinculados a los ecomuseos y museos comunitarios, con programas de carácter general, con modalidades de aplicación regional y local.
- Estimular y fortalecer las redes entre ecomuseos y museos comunitarios, y de éstos con las comunidades que permitan y faciliten la comunicación, información e intercambio.
- Estimular y promover en la comunidad la creación de formas sostenibles de uso del patrimonio integral, desarrollando en forma conjunta actividades y proyectos que beneficien a la comunidad por medio del museo.
- Crear estrategias de cooperación para beneficio y desarrollo de los ecomuseos y museos comunitarios, tomando como base las experiencias que se han desarrollado en diversas partes del mundo.
- Crear y experimentar metodologías de mediación entre comunidades, autoridades y fuentes de financiamiento privadas y públicas.

- Concretar estas acciones a través de programas-piloto de impacto local, establecidos en diversas partes del mundo, proceso que después de su evaluación y validación, lleve a un modelo universal de dirección variable.

*Santa Cruz, Río de Janeiro, Brasil, a 20 de mayo del 2000.*

Amelia Decándido, Argentina.  
Mercedes Murúa, Argentina.  
Susana Torresagasti, Argentina.  
Carlos Vairo, Argentina.  
Dalva S. Bolognini, Brasil.  
Rosana Lemos, Brasil.  
Ariane Luna Peixoto, Brasil.  
Luciana Martins Prazeres, Brasil.  
Odalice Miranda Priosti, Brasil.  
Ángela Sabastano, Brasil.  
Pierre Mayrand, Canadá.  
Georgina De Carli, Costa Rica.  
Miguel Angel Gracia, España.  
Karina R. Durand V., México.  
María del Carmen Borrallo, Uruguay.  
Amiria Curbelo, Uruguay.  
Patricia Morales, Venezuela.

# MANIFESTE DE SANTA CRUZ

Dans le cadre de la IIème Rencontre Internationale des Ecomusées, convoquée par le Mouvement International par une Nouvelle Muséologie - MINOM et de la IXème Réunion Annuelle de l'ICOFOM LAM – le Subcomité de l'ICOFOM pour l'Amérique Latine et les Caraïbes, la Commission réunie à Santa Cruz, banlieue de Rio de Janeiro, Brésil, pour discuter la relation des écomusées et musées communautaires et l'Agenda 21, ratifiée et adhère à l'*Agenda pour l'Action*, sortie de la "*Réunion Hémisphérique de Musées pour le Développement Durable*", tenue à San José de Costa Rica, en 1998,

## La Commission a considéré que:

- Les écomusées et les musées communautaires, qui ont un rôle systématique dans le temps et dans l'espace, bien que les origines significatives et durables pour les communautés qui s'y servent, sont des agents actifs vers la participation et la relation de la communauté avec son patrimoine intégral.
- La réconciliation avec le patrimoine intégral, sa conservation et son usage, est une responsabilité partagée par le musée et la communauté où il s'inscrit.

## OBJECTIFS ET RECOMMANDATIONS

- On recommande que les écomusées et les musées communautaires travaillent en coopération avec les Conseils Locaux de la Terre et/ou Agenda 21 ;
- Tous les musées doivent contempler la participation communautaire et les programmes de développement durable ;
- Les écomusées et les musées communautaires sont et doivent être reconnus comme des médiateurs entre la communauté et les institutions et organisations gouvernementales et non gouvernementales, au niveau local, national et international.

## LIGNES D' ACTION:

- Rendre les professionnels, techniciens et acteurs sociaux et / ou communautaires attachés aux écomusées et aux musées communautaires capables et dignes, à travers des programmes généraux dans des modalités d'application variables, au niveau régional et local.
- Stimuler et renforcer les réseaux entre les écomusées et les musées communautaires pour permettre et faciliter la communication, l'information et l'échange.
- Stimuler et promouvoir dans la communauté la création des formules durables d'usage du patrimoine intégral, par le développement d'activités et programmes intégrés, dont bénéficie la communauté au travers du musée.
- Créer des stratégies de coopération au profit et développement des écomusées et des musées communautaires, en s'appuyant sur les expériences développées en différentes parties du monde.

- Créer et expérimenter des méthodes de médiation entre les communautés, autorités et ressources financières publiques ou privées.
- Concrétiser ces actions au moyen de programmes-pilotes d'impact local, établis dans plusieurs parties du monde, dans un processus qui, après son évaluation et revalidation, peut arriver à un modèle universel de direction variable.

*Santa Cruz, Rio de Janeiro, Brésil, le 20 mai 2000.*

Amelia Decándido, Argentine.  
Mercedes Murúa, Argentine.  
Susana Torresagasti, Argentine.  
Carlos Vairo, Argentine  
Dalva S. Bolognini, Brésil.  
Rosana Lemos, Brésil.  
Ariane Luna Peixoto, Brésil.  
Luciana Martins Prazeres, Brésil.  
Odalice Miranda Priosti, Brésil.  
Ángela Sabastano, Brésil.  
Pierre Mayrand, Canadá.  
Georgina De Carli, Costa Rica.  
Miguel Angel Gracia, España.  
Karina R. Durand V., México.  
María del Carmen Borrallo, Uruguay.  
Amiria Curbelo, Uruguay.  
Patricia Morales, Venezuela.

# CARTA DE SANTA CRUZ

Em Santa Cruz, Rio de Janeiro, Brasil, aos vinte dias do mês de maio de 2000, os participantes do IX Encontro Regional do ICOFOM LAM, no âmbito do II Encontro Internacional de Ecomuseus, e com o apoio especial das autoridades da cidade do Rio de Janeiro e da Comunidade de Santa Cruz, reafirmam a vigência das recomendações emanadas da Mesa Redonda de Santiago (1992) e da Carta de Coro (1999).

Agradecem, ainda, a todos aqueles que de forma institucional ou individual colaboraram para a realização deste Encontro; destacam a importância que reveste a reunião de representantes de treze países para debater os temas Museologia e Desenvolvimento Sustentável e Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável e informam que, e, sintonia com os princípios enunciados, constituíram-se dois grupos de trabalho que identificaram e analisaram os seguintes temas:

## **Tema 1**

Museus, comunidades, preservação e desenvolvimento sustentável: capacitação para a ação

## **Tema 2**

Museologia e políticas ambientais

Museologia e museus: impacto ambiental e equilíbrio ecológico

## **COMISSÃO 1**

### **MUSEUS, COMUNIDADES, PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: CAPACITAÇÃO PARA A AÇÃO**

**Coordenadora:** Norma Rusconi (Argentina)  
**Moderadora:** Maria Cristina Bruno (Brasil)  
**Secretário:** Jorge Terpin (Argentina)

Considerando a necessidade de analisar criticamente o papel do patrimônio intangível nas políticas de preservação, consideramos necessário:

- considerar o patrimônio intangível como um nexo entre o patrimônio natural e o patrimônio cultural, a fim de reconhecer sua integralidade na aplicação de políticas e ações sustentáveis;
- promover a análise dos períodos de exclusão valorativa do patrimônio intangível, frente ao mundo material;
- configurar espaços interdisciplinares de pesquisa científico-museológica, para lograr uma correta compreensão da problemática gerada no âmbito sócio-cultural pelo paradigma da globalização;

a fim de:

- valorizar a diversidade cultural da América Latina, como fonte de recursos criativos para *dominar a dominação*;
- identificar as vantagens que oferece o modelo global, utilizando o desenvolvimento tecnológico, informático e virtual como ferramenta e não como sustento da realidade material e imaterial dos bens patrimoniais.

Reconhecendo:

- que o Museu teve e tem historicamente a capacidade e a responsabilidade de definir as características específicas do patrimônio a preservar, já que constitui o vínculo que une a comunidade aos bens;
- que assumiu o compromisso de integrar o sujeito ao seu patrimônio Integral;

faz-se necessário:

- constituir expressões da linguagem museológica, que permitam gerar na comunidade um espaço participativo e de auto-gestão, a fim de superar paulatinamente as estruturas verticais de poder;
- capacitar os novos profissionais para difundir, nas comunidades, o novo paradigma socioeconômico e cultural, considerando que a análise crítica destas situações promoverá as conseqüentes estratégias de ação.

Conclui-se, portanto, que a instancia *Museu* e a profissão museológica podem superar meras atitudes *nostálgicas* sobre o Patrimônio e o Comunitário, já que possuem a capacidade necessária para elaborar argumentos sustentadores de ações estratégicas para um desenvolvimento socioeconômico e cultural.

#### **Participantes:**

Aidar, Gabriela	Brasil
Alcântara, Aureli Alves	Brasil
Baldez, Nanete	Brasil
Baldin, Renato	Brasil
Balestra, Marta	Uruguay
Barcellos, Myriam Arantes	Brasil
Berdague, Camila da Silva	Brasil
Borghoff, Yolanda	Brasil
Cândido, Manuelina M. Duarte	Brasil
Carpio, Manuel Julio Vera del	Brasil
Carvalho, Paulo Roberto A. F. de	Brasil
Chicanel, Marize Souza	Brasil
Costa, Luiz Tadeu	Brasil
Cumbra, Marcelo N. Bernardo da	Brasil
Cury, Marília Xavier	Brasil
Decândido, Amélia	Argentina
Dias, Mônica	Brasil
Feitosa, Antonio M. Diniz	Brasil
Ferrari, Aida	Brasil
Ferrari, Claudia Martini	Brasil
Frantz, Valéria L.	Brasil
Girão, Tatiane F.	Brasil
Gomes, Elaine Cavalcante	Brasil
Gomes, Sylvania R. R.	Brasil
Lafrate, Mônica	Brasil
Lopes, Constantino Ramos	Brasil
Lopes, Nívea	Brasil
Luz, Valéria	Brasil
Magyar, Jorge	Brasil
Martins, Luciana Conrado	Brasil
Mattos, Juliana Braga de	Brasil

Mattos, Rita de Cássia	Brasil
Molina, Paula Regina B.	Brasil
Mourad, Tamima Orra	Brasil
Munholi, Flávia Diamante	Brasil
Murúa, Mercedes	Argentina
Oliveira, Gilberto Habid	Brasil
Romero, Elba Sánchez de	Argentina
Santos, Álvaro Guimarães dos	Brasil
Savartano, Ângela	Brasil
Silva, Ana Cláudia dos Santos	Brasil
Souza, Célio Pinto de	Brasil
Tenório, Tânia	Brasil
Torresagasti, Susana	Argentina
Tronca, Leda	Brasil
Vasconcellos, Mima	Brasil
Vivela, Adriana	Brasil
Wilhelm, Vera B.	Brasil

## COMISSÃO 2

### MUSEOLOGIA E POLÍTICAS AMBIENTAIS MUSEOLOGIA E MUSEUS: IMPACTO AMBIENTAL E EQUILÍBRIO ECOLÓGICO

<b>Coordenadora:</b>	Heloísa Costa (Brasil)
<b>Moderadoras:</b>	Elizabeth Hernández (Venezuela) Mónica Mercuri (Argentina)
<b>Secretaria:</b>	Graciela Palella (Argentina)

O Desenvolvimento Sustentável é um processo social original de cada comunidade, e neste processo a incidência das bases estruturais e das práticas culturais locais e regionais é fundamental para identificar as particularidades e para salvaguardar a auto-estima.

Na Cúpula Hemisférica das Américas sobre “*Museus e Comunidades Sustentáveis*”, realizada em Costa Rica, em 1998, definiu-se o desenvolvimento como um processo que melhora a qualidade de vida presente e futura, promovendo o equilíbrio entre o meio ambiente, o crescimento econômico e a auto-afirmação.

Este grupo de trabalho entende como Desenvolvimento Sustentável o processo comunitário que congrega a participação da maioria dos componentes da sociedade, devendo facilitar a democratização e a circulação do conhecimento, a reapropriação dos recursos locais e a igualdade de possibilidades de acesso à satisfação de necessidades vitais relativas aos valores éticos, em harmoniosa convivência.

A Comissão 2 trabalhou sobre quatro eixos estruturais: *museu social, pesquisa, educação significativa e desenvolvimento auto-sustentável*.

- A Museologia, como ciência social, deve assumir a responsabilidade de que na cultura não prevaleçam de forma negativa os valores econômicos, e sim uma linha de pensamento destinada a promover um desenvolvimento auto-sustentável, fundamentado nos valores éticos da comunidade
- Sendo o museu um espaço de participação construtiva e criativa, pode e deve tender a lograr mudanças de atitude: reflexão, compromisso, solidariedade e outras que possam servir como base para fazer frente à problemática atual e futura a que estão expostas as comunidades.



- O Museu, como espaço de participação, deve dar acolhida às diversidades culturais, alentando-as para que aportem soluções à problemática global, utilizando desde os seus saberes prévios aos seus marcos teóricos e valorativos, já que é este *corpus* – seu patrimônio intangível – o que garantirá a sustentabilidade das abordagens e das soluções encontradas.
- A teoria e a práxis museológicas devem integrar-se, de forma que os estudos de impacto ambiental levem em conta não apenas o patrimônio intangível das comunidades em risco, mas também que o façam em função de sua identidade.
- Baseados na *Carta de Coro 99*, reforçamos seu conteúdo e apelamos para que o Real seja definido como totalidade, considerando este princípio como base desde a qual se definam as relações do Homem com o seu entorno.
- O Museu deve favorecer a construção coletiva de uma consciência ambiental, com sentido de pertencimento, participação e responsabilidade, o que requer um enfoque situado no presente, vinculado ao passado e em função do futuro.
- A problemática ambiental é um objeto complexo de conhecimento, que solicita não apenas a concorrência dos saberes acadêmicos, mas também a dos saberes populares. Esta visão múltipla é uma reivindicação holista, que permitirá a re-definição do problema.
- O Museu, no seu papel de educador-facilitador, pode e deve desenhar políticas e estratégias que tendam a lograr soluções para o desenvolvimento – não apenas sustentável, mas auto-sustentável – da comunidade onde se encontra inserido.

#### **Participantes:**

Angélica, Silvia	Argentina
Asouskis Curtis, Marlene	Brasil
Carnevale, Fabiana	Brasil
Cinquini, Nora	Argentina
Fontineli, Jackeline	Brasil
Jarriet, Maria	Brasil
Larazin, Marco	Brasil
Patrício, Adriana	Brasil
Queiroz, Silvia	Brasil
Rodríguez García, Jéssica	Brasil
Souza, Maria José	Brasil
Vitagliano, Carol Edith	Argentina
Xavier, André Seabra da Silva	Brasil
Xavier, Marco	Brasil

#### **Coordenação Geral:**

Nelly Decarolis – Argentina  
Tereza Scheiner – Brasil

# CARTA DE SANTA CRUZ

En Santa Cruz, Río de Janeiro Brasil, a los veinte días del mes de mayo de 2000, los asistentes al IX Encuentro Regional del ICOFOM LAM en el marco del II Encuentro Internacional de Ecomuseos, con el apoyo especial de las autoridades de la ciudad de Río de Janeiro y de la Comunidad de Santa Cruz, reafirman la vigencia de las recomendaciones emanadas de la Mesa Redonda de Santiago de Chile (1992) y de la Carta de Coro (1999).

Asimismo, agradecen a todos aquellos que en forma institucional o individual colaboraron en la realización de este encuentro; destacan la trascendencia que reviste la reunión de representantes de trece países del mundo para debatir el tema Museología y Desarrollo Sustentable y Comunidad, Patrimonio y Desarrollo Sustentable e informan que dentro del marco de los principios enunciados fueron constituidas dos comisiones de trabajo que identificaron y analizaron los siguientes temas:

## **Tema 1**

Museos, comunidades, preservación y desarrollo sustentable: capacitación para la acción.

## **Tema 2**

Museología y políticas ambientales.

Museología y museos: impacto ambiental y equilibrio ecológico.

## **COMISIÓN 1**

### **MUSEOS, COMUNIDADES, PRESERVACIÓN Y DESARROLLO SUSTENTABLE: CAPACITACIÓN PARA LA ACCIÓN**

**Coordinadora:** Norma Rusconi (Argentina)  
**Moderadora:** Cristina Bruno (Brasil)  
**Secretario:** Jorge Terpin (Argentina)

Teniendo en cuenta que es necesario analizar críticamente el rol que ocupa el patrimonio intangible dentro de las políticas de preservación, creemos necesario:

- considerar al patrimonio intangible como un nexo entre el patrimonio natural y el patrimonio cultural, a fin de reconocer su integralidad en la aplicación de políticas y acciones sustentables;
- promover el análisis de los períodos de exclusión valorativa del patrimonio intangible frente al mundo material;
- conformar espacios interdisciplinarios de investigación científico-museológica para lograr una correcta comprensión de las problemáticas generadas en el ámbito de lo socio-cultural por el paradigma de la globalización;

a fin de:

- valorar la diversidad cultural de América latina como fuente de recursos creativos para *dominar la dominación*;
- identificar las ventajas que ofrece el modelo global utilizando el desarrollo tecnológico, informático y virtual como herramienta y no como sustento de la realidad material e inmaterial de los bienes patrimoniales.

Reconociendo:

- que el museo ha tenido y tiene históricamente la capacidad y responsabilidad de definir las características específicas del patrimonio a preservar, ya que el mismo constituye el vínculo que une la comunidad con el bien;
- que ha asumido el compromiso de integrar al sujeto con su Patrimonio Total;

será necesario:

- construir un lenguaje museológico que permita generar en la comunidad un espacio participativo y de autogestión, a fin de superar paulatinamente estructuras de poder vertical;
- capacitar a los nuevos profesionales de museos para que difundan en las comunidades el nuevo paradigma socio-económico y cultural, ya que el análisis crítico de tales situaciones promoverá las consecuentes estrategias de acción.

Por lo tanto se concluye que el ámbito museo y la profesión museológica pueden superar meras actitudes *nostálgicas* acerca del Patrimonio y lo Comunitario, ya que poseen la capacidad necesaria para elaborar argumentaciones sustentadoras de acciones estratégicas para un desarrollo socio-económico y cultural.

**Participantes:**

Aidar, Gabriela	Brasil
Alcántara, Aureli Alves	Brasil
Baldez, Nanete	Brasil
Baldin, Renato	Brasil
Balestra, Marta	Uruguay
Barcellos, Myriam Arantes	Brasil
Berdague, Camila da Silva	Brasil
Borghoff, Yolanda	Brasil
Cándido, Manuelina M. Duarte	Brasil
Carpio, Manuel Julio Vera del	Brasil
Carvalho, Paulo Roberto A. F. de	Brasil
Chicanel, Marize Souza	Brasil
Costa, Luiz Tadeu	Brasil
Cumbra, Mareclo N. Bernardo da	Brasil
Cury, Marillia Xavier	Brasil
Decándido, Amelia	Argentina
Dias, Mónica	Brasil
Feitosa, Antonio M. Diniz	Brasil
Ferrari, Aida	Brasil
Ferrari, Claudia Martini	Brasil
Frantz, Valéria L.	Brasil
Giráo, Tatiane F.	Brasil
Gomes, Elaine Cavalcante	Brasil
Gomes, Sylvia R. R.	Brasil
Lafrate, Mónica	Brasil
Lopes, Constantino Ramos	Brasil
Lopes, Nívea	Brasil
Luz, Valéria	Brasil
Magyar, Jorge	Brasil
Martins, Luciana Conrado	Brasil
Mattos, Juliana Braga de	Brasil
Mattos, Rita de Cássia	Brasil

Molina, Paula Regina B.	Brasil
Mourad, Tamima Orra	Brasil
Munholi, Flávia Diamante	Brasil
Murúa, Mercedes	Argentina
Oliveira, Gilberto Habid	Brasil
Romero, Elba Sánchez de	Argentina
Santos, Álvaro Guimarães dos	Brasil
Savartano, Ángela	Brasil
Silva, Ana Cláudia dos Santos	Brasil
Souza, Célio Pinto de	Brasil
Tenório, Tânia	Brasil
Torresagasti, Susana	Argentina
Tronca, Leda	Brasil
Vasconcellos, Mima	Brasil
Vivela, Adriana	Brasil
Wilhelm, Vera B.	Brasil

## COMISIÓN 2

### MUSEOLOGÍA Y POLÍTICAS AMBIENTALES

#### MUSEOLOGÍA Y MUSEOS: IMPACTO AMBIENTAL Y EQUILIBRIO ECOLÓGICO

<b>Coordinadora:</b>	Heloísa Costa (Brasil)
<b>Moderadoras:</b>	Elizabeth Hernández (Venezuela) Mónica Mercuri (Argentina)
<b>Secretaria:</b>	Graciela Palella (Argentina)

El *Desarrollo Sustentable* es un proceso social original de cada comunidad y en este proceso la incidencia de las bases estructurales y las prácticas culturales locales y regionales es fundamental para identificar las particularidades y para salvaguardar la autoestima.

En la Cumbre Hemisférica de las Américas sobre "Museos y Comunidades Sustentables" realizada en Costa Rica en 1998, se definió el desarrollo como un proceso que mejora la calidad de vida presente y futura, promoviendo el equilibrio entre el medio ambiente, el crecimiento económico y la autoafirmación.

Este grupo de trabajo entiende como *Desarrollo Sustentable* al proceso comunitario que convoca la participación de la mayoría de los componentes de la socie, debiendo facilitar la democratización y circulación del conocimiento, la reapropiación de los recursos locales y la igualdad de posibilidades de acceso a la satisfacción de necesidades vitales en el respeto a los valores éticos y en armónica convivencia.

La Comisión 2 trabajó sobre cuatro ejes vertebradores: *museo social, investigación, educación significativa y desarrollo autosustentable*.

- La museología, como ciencia social, debe asumir la responsabilidad de que en la cultura no preponderen en forma negativa los valores económicos y sí una línea de pensamiento destinada a promover un desarrollo autosustentable, fundamentado en los valores éticos de la comunidad.
- Siendo el museo un espacio de participación constructiva y creativa, puede y debe tender a lograr cambios actitudinales: reflexividad, compromiso, solidaridad y otros que puedan servir como base para afrontar las problemáticas actuales y futuras a las que las comunidades están expuestas.
- El museo, como espacio de participación, debe dar cabida a las diversidades culturales, alentándolas para que aporten soluciones a la problemática global desde sus saberes

previos y sus marcos teóricos y valorativos, ya que es este *corpus* -su patrimonio intangible- el que garantizará la sustentabilidad de los abordajes y de las soluciones.

- La teoría y la praxis museológicas deben coadyuvar a que los estudios de impacto ambiental releven no sólo el patrimonio intangible de las comunidades en riesgo, sino que también lo hagan en función de su identidad.
- Basados en la *Carta de Coro '99* reforzamos y apelamos a la definición de lo real como totalidad, considerando a este principio como la base desde la cual se *definan* las problemáticas de la relación del hombre con su entorno.
- El museo ha de favorecer la construcción colectiva de una conciencia ambiental con sentido de pertenencia, participación y responsabilidad, lo que requiere un enfoque situado en el presente, vinculado al pasado y en función del futuro.
- La problemática ambiental es un objeto complejo de conocimiento que solicita no solamente la concurrencia de los saberes académicos, sino además la de los saberes populares. Esta múltiple visión es un planteo holístico que permitirá la re-definición de la misma.
- El museo, desde su rol de educador-facilitador, puede y debe diseñar políticas y estrategias tendientes a lograr soluciones para el desarrollo -ya no sustentable sino autosustentable- de la comunidad donde se encuentra inserto.

### **Participantes:**

Angélica, Silvia	Argentina
Asouskis Curtis, Marlene	Brasil
Cinquini, Nora	Argentina
Fontineli, Jackeline	Brasil
Jarriet, Maria	Brasil
Larazin, Marco	Brasil
Patricio, Adriana	Brasil
Queiroz, Silvia	Brasil
Rodríguez García, Jessica	Brasil
Souza, María José	Brasil
Tarnevale, Fabiana	Brasil
Vitagliano, Carol Edith	Argentina
Xavier, Andre Seabra da Silva	Brasil
Xavier, Marco	Brasil

### **Coordinación General:**

Nelly Decarolis – Argentina  
Tereza Scheiner – Brasil

# THE SANTA CRUZ CHARTER

In Santa Cruz, Rio de Janeiro, Brazil, on May 20<sup>th</sup> 2000, the participants of the **IX ICOFOM LAM Regional Meeting** held within the frame of the **II Ecomuseums International Meeting**, with the special support of the authorities of the city of Rio de Janeiro and the community of Santa Cruz, keep in force the Recommendations arisen from The Round Table of Santiago de Chile (1992) and the Charter of Coro (1999).

Likewise, they wish to thank all those who made it possible to hold this meeting, collaborating from an institutional or individual standpoint, and highlight the importance of the participation of representatives from 13 countries to discuss the issues on "Museology and Sustainable Development" and "Community, Heritage and Sustainable Development".

They hereby inform that within the framework of the stated principles, two working commissions were set up to identify and evaluate the following themes:

## **Theme 1**

Museums, communities, preservation and sustainable development: training for action.

## **Theme 2**

Museology and environmental policies.

Museology and museums: environmental impact and ecological balance.

## **COMMISSION 1**

### **MUSEUMS, COMMUNITIES, PRESERVATION AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT: TRAINING FOR ACTION**

**Coordinator:** Norma Rusconi (Argentina)

**Moderator:** Cristina Bruno (Brazil)

**Secretary:** Jorge Terpin (Argentina)

Bearing in mind the need of critically studying the role assumed by intangible heritage within heritage preservation policies, we believe it is necessary:

- **To consider** intangible heritage as a nexus between natural heritage and cultural heritage in order to recognize the integrality of heritage in the use of sustainable policies and actions;
- **To promote** the study of the valuating exclusion periods of intangible heritage facing the material world;
- **To conform** scientific-museologic interdisciplinary research spaces to achieve a correct understanding of the socio-cultural problems caused by the globalization paradigm;

In order to:

- **Appraise** the cultural diversity of Latin America as a source of creative resources to dominate domination;
- **Identify** the advantages offered by the global model making use of the technological, informatics and virtual developments as tools rather than support of the material and immaterial reality of heritage assets.

Acknowledging that:

- the museum historically has had -and still has- the capacity and responsibility of defining
- the specific characteristics of the heritage to be preserved, since it is this which forms the bond that joins community and heritage assets;
- the museum has accepted the compromise of integrating the subject to its Integral Heritage;

It will be necessary to:

- Construe a museological language to create a participation and self-management space for community, in order to gradually overcome the vertical structures of power;
- Train the new museum professionals bearing in mind that they generate a new socio-economic and cultural paradigm within communities, since the critical analysis of these situations promotes the consequent strategies of action.

Therefore, we conclude that the museum environment and the museological profession can overcome simple nostalgic attitudes concerning Heritage and Community, since they are trained to elaborate sustainable arguments of strategic measures for a socio-economic and cultural development.

### ***Participants:***

Aidar, Gabriela	Brazil
Alcántara, Aureli Alves	Brazil
Baldez, Nanete	Brazil
Baldin, Renato	Brazil
Balestra, Marta	Uruguay
Barcellos, Myriam Arantes	Brazil
Berdague, Camila da Silva	Brazil
Borghoff, Yolanda	Brazil
Cándido, Manuelina M. Duarte	Brazil
Carpio, Manuel Julio Vera del	Brazil
Carvalho, Paulo Roberto A. F.	Brazil
Chicanel, Marize Souza	Brazil
Costa, Luiz Tadeu	Brazil
Cumbra, M. Bernado da	Brazil
Cury, Marillia Xavier	Brazil
Decándido, Amelia	Argentina
Dias, Mónica	Brazil
Feitosa, Antonio M. Diniz	Brazil
Ferrari, Aida	Brazil
Ferrari, Claudia Martini	Brazil
Frantz, Valéria L.	Brazil
Girão, Tatiane F.	Brazil
Gomes, Elaine Cavalcante	Brazil
Gomes, Sylvia R.R.	Brazil
Lafrate, Mónica	Brazil
Lopes, Constantino Ramos	Brazil
Lopes, Nívea	Brazil
Luz, Valéria	Brazil
Magyar, Jorge	Brazil
Martins, Luciana Conrado	Brazil
Mattos, Juliana Braga de	Brazil
Mattos, Rita de Cássia	Brazil

Molina, Paula Regina B.	Brazil
Mourad, Tamima Orra	Brazil
Munholi, Flávia Diamante	Brazil
Murúa, Mercedes	Argentina
Oliveira, Gilberto Habid	Brazil
Romero, Elba Sánchez de	Argentina
Santos, Álvaro Guimarães dos	Brazil
Savartano, Ângela	Brazil
Silva, Ana Cláudia dos Santos	Brazil
Souza, Célio Pinto de	Brazil
Tenório, Tânia	Brazil
Torresagasti, Susana	Argentina
Tronca, Leda	Brazil
Vasconcellos, Mima	Brazil
Vivela, Adriana	Brazil
Wilhelm, Vera B.	Brazil

## COMMISSION 2

### MUSEOLOGY AND ENVIRONMENTAL POLICIES

#### MUSEOLOGY AND MUSEUMS: ENVIRONMENTAL IMPACT AND ECOLOGICAL BALANCE

<b>Coordinator:</b>	Heloisa Costa (Brazil)
<b>Moderators:</b>	Elizabeth Hernández (Venezuela) Mónica Mercuri (Argentina)
<b>Secretary:</b>	Graciela Palella (Argentina)

The Sustainable Development is the social process original of each community. The incidence of the structural basis and the cultural local practices is fundamental in this process to identify particularities and safeguard self-esteem.

In the Americas Hemisphere Summit Meeting on “Museums and Sustainable Communities” held in Costa Rica in 1998, the concept of development was defined as a process that improves the present and future standard of life and promotes the balance between the environment, the economical growth and the self-affirmation.

This working group understands Sustainable Development as the community process that summons the participation of most of the social components and necessarily expedites the democratization, the flow of information, the reappropriation of the local resources and the equal opportunities of access to the satisfaction of basic needs within a respect of ethic values and a cordial cohabitation.

This Commission worked on four vertebrating axis: social museum, research, significant education and self-sustainable development.

- Museology, considered as a social science, must guarantee the superiority of a line of thought directed to the promotion of a self-sustainable development and based upon the ethical values of the community, over the negative preponderance of economical values within a culture.
- The museum, considered as a space of constructive and creative participation, can and must lead to generate changes in attitudes such as reflexivity, compromise, solidarity and others that serve as basis to confront the current and future problems to which communities are exposed.
- The museum, considered as a participation space, must give way to cultural diversities, encouraging to bring forward solutions for the global problems from their previous knowledge



and their theoretic and valiative backgrounds, since it is this corpus -its intangible heritage- what guarantees the sustainability of approaches and solutions.

- The theory and museological praxis must cooperate with environmental impact studies to, not only reveal the intangible heritage of communities at risk, but also do so according to its identity.
- Based upon the **99 Coro Charter**, we point out and appeal to the definition of the real as the totality, considering this principle the basis from which the problematics of the relationship between man and his environment are defined.
- The museum must favor the collective construction of an environmental conscience with a sense of belonging, participation and responsibility, which requires an outlook based on the present, linked to the past and in view of the future.
- The environmental problem is a complex object of knowledge that not only demands the assembly of academic knowledges, but that of popular knowledges as well. This multi viewpoint is a holistic outlining that will allow to re-define the same.
- The museum, from its educator-facilitator role, can and must design policies and strategies to achieve solutions for the development -no longer sustainable but now self-sustainable- of the community where it belongs.

### **Participants:**

Angélica, Silvia	Argentina
Asouskis Curtis, Marlene	Brazil
Cinquini, Nora	Argentina
Fontineli, Jackeline	Brazil
Jarriet, Maria	Brazil
Larazin, Marco	Brazil
Patricio, Adriana	Brazil
Queiroz, Silvia	Brazil
Rodríguez García, Jessica	Brazil
Souza, María José	Brazil
Tarnevale, Fabiana	Brazil
Vitagliano, Carol Edith	Argentina
Xavier, Andre Seabra da Silva	Brazil
Xavier, Marco	Brazil

### **General coordination**

Nelly Decarolis – Argentina  
Tereza Scheiner – Brazil

# VIII

**Autores (Textos e Resumos)**  
**Autores (Textos y Resúmenes)**

## VIII. Autores (Textos e Resumos) / Autores (Textos y Resúmenes)

*Amâncio, Hélio, Curtis, Marlene & Turmina, Rosana - Brasil - PR*  
Ecomuseu de Itaipu

*Andrés Mateo - Espanha*  
Centro para el Desarrollo del Maestrazgo

*Bedekar, V. H. - Índia*  
Consultor Internacional/Pesquisador

*Carvalho, Ana Paula Correa - Brasil - RJ*  
Escola de Museologia da UNI-RIO - Estudante

*Chagas, Mário de Souza - Brasil - RJ*  
Escola de Museologia da UNI-RIO. Professor

*Chicanel, Marize - Brasil - RJ*  
Escola de Museologia da UNI-RIO - Estudante

*Costa, Heloisa Helena - Brasil - BA*  
Universidade Federal da Bahia - Professora

*Davis, Peter - Inglaterra*  
Senior Lecturer - University of Newcastle

*DeCarli, Georgina - Costa Rica*  
Universidade Nacional da Costa Rica. ILAM

*Decarolis, Nelly - Argentina*  
Presidente do ICOFOM LAM

*Durand, Karina - México*  
Museo del Virreinato / ICOM México

*Evres, Ana Cristina Léo Barcellos - Brasil - RJ*  
Museu da República

*Figuroa, Judith Alanis - México*  
Produtora de vídeos - Museo del Desierto

*Filipe, Maria da Graça - Portugal*  
Ecomuseu Municipal do Seixal

*Godoy, Karla Estelita - Brasil - RJ*  
Museu da República

*Icaza, Lorenza del Rio de - México*  
Museo Regional Cuauhnáhuac

*Maggi, Maurizio & Zatti, Federico - Itália*

IRES de Piemonte

*Martins, Ângela Maria Moreira - Brasil - RJ*  
UFRJ / FAU - Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Mayrand, Pierre - Canadá*  
MINOM

*Melo, Adriano Lopes de et alii - Brasil - RJ*  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

*Mercuri, Mónica - Argentina*  
Dirección de Museos, Monumentos y Sitios Históricos

*Moutinho, Mário - Portugal*  
MINOM / Museu Etnológico do Monte Redondo  
ULHT- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

*Oliveira Júnior, Albino Barbosa - Brasil - PE*  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

*Peixoto, Ariane Luna et alii - Brasil - RJ*  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

*Peixoto, Gustavo Luna - Brasil - RJ*  
UFFRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

*Prado, Walter - Brasil - RJ*  
Ecomuseu Fluminense

*Prazeres, Luciana Martins - Brasil - RJ*  
Secret. Municipal de Meio Ambiente - Fórum 21

*Priosti, Odalice Miranda - Brasil - RJ*  
MINOM - NOPH - Membro do Ecomuseu do Quarteirão

*Rangel, Márcio - Brasil - RJ*  
Museus citadinos e Patrimônio

*Reyes, Ana Maria - Venezuela*  
Centro UNESCO de Coro/ICOFOM LAM

*Rosa, Alvimar Rocha da et alii - Brasil - RJ*  
SMC/ 10ª CRE/ Pólo de Ciências e Matemática/ EMFA

*Romero, Elba Leonor Sánchez - Argentina*  
Museo de Ciencias Naturales "Augusto G. Schulz"

*Rusconi, Norma, Borioli, Liliana & Garcia Héctor - Argentina*  
ICOFOM LAM

*Santos, Maria Célia Teixeira Moura - Brasil - BA*  
USP / Curso de Especialização em Museologia - Professora

*Scheiner, Tereza - Brasil - RJ*

Presidente do ICOFOM - Diretora da Escola de Museologia / UNIRIO

*Silva, Ana Cláudia dos Santos - Brasil - PA*  
Museu Paraense Emílio Goeldi

*Silva, Célia Regina Neves - Brasil - RJ*  
FEUC / NEURB - Fund . Educ. e Unif. Campograndense /Núcleo de Estudos Urbanos

*Souza, Jonas Soares de - Brasil - SP*  
Museu Republicano - SP - Pesquisador

*Souza, Sinvaldo do Nascimento - Brasil - RJ*  
FAMA - Faculdades Machado de Assis

*Tinoco, Alfredo - Portugal*  
Presidente do MINOM

*Varine, Hugues de - França*  
Consultor Internacional para o Desenvolvimento Comunitário

*Vitagliano, Carol - Argentina*  
ICOFOM LAM

# **IX**

**Apoios**  
**Auspicios**

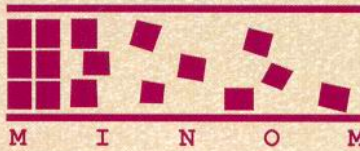
## IX. Apoios / Auspícios

- AEDIN-Assoc. das Empresas do Distrito Industrial. de Santa Cruz
- Agência Rio/Plano Estratégico da Cidade
- AMASC - Assoc. de Moradores e Amigos de S. Cruz
- BASC-Base Aérea de Santa Cruz
- B-Es Eng - Batalhão Escola de Engenharia
- CETEP-Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante
- C M S Lincoln de Freitas
- Colégio Apollo XII
- Colégio Cunha Melo
- Colégio Dom Óton Mota
- CR.5.3
- Colônia Japonesa de Santa Cruz
- 10ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação
- XIX Região Administrativa
- Educandário Edith dos Santos
- FAMA - Faculdades Machado de Assis
- FEUC - Fundação Educacional Unificada Campograndense
- Fórum - SOS Baía de Sepetiba
- Fundação Mokiti Okada
- G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz
- Imprensa Local: O Quarteirão, O Grito, Real Notícias, Costa Verde
- Instituto Sepetiba
- Lions Clube de Santa Cruz
- MSB - Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos
- Miller O Plano de Saúde
- NOPH - Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica
- Paróquia de N. Sra. da Conceição - Santa Cruz
- Rádios Comunitárias Locais
- Santa Mônica - Centro Educacional
- Sociedade Sul Riograndense
- Sub-Prefeitura de Santa Cruz/ Sepetiba
- UCB-Universidade Castelo Branco
- UFRJ/UFRRJ/UNI-RIO/UFBA/USP
- UGF-Universidade Gama Filho

# Apoios / Auspícios

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro  
**LUIZ PAULO CONDE**

Secretária Municipal de Cultura  
**VANIA BONELLI**



Mouvement International pour une Nouvelle Museologie  
Internacional Movement for a New Museology  
Movimiento Internacional para una Nueva Museologia  
Movimento Internacional para uma Nova Museologia  
Organisation Internationale de filiee au Conseil International des Musees  
International Organization affiliated with the International Council of Museums



ASCOMIFAMA

**PREFEITURA DO RIO**  
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

[www.rio.rj.gov.br/cultura](http://www.rio.rj.gov.br/cultura)



# Anexos

# **Anexo I**

## **Programa de Atividades**

## **Programa de Atividades**

# PROGRAMA

- 
- Dia 16 / 05 - Chegada dos conferencistas ao Rio de Janeiro / acomodação  
Reunião preliminar ICOFOM LAM - GT Terminologia Museológica (tarde)  
19.00 horas - Recepção de boas vindas na Base Aérea de Santa Cruz
- 
- Dia 17 / 05 - 8.00 horas - Chegada dos participantes a Santa Cruz / inscrições / credenciamento / distribuição do material  
10.00 horas - Reconhecimento do território de Santa Cruz e do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro (Caminhadas ecomuseológicas em 5 grupos)  
12.00 horas - Almoço  
14.00 horas - Reconhecimento de pontos da Zona Oeste  
17.00 horas - Reunião preparatória MINOM / ICOFOM LAM  
18.00 horas - Retorno aos hotéis
- 
- Dia 18 / 05 - 9.00 horas - Abertura (Prefeitura do Rio / MINOM / ICOFOM LAM / ICOM.BR)  
9.40 horas - Coffee break  
10.00 horas - Plenária MINOM / IX ICOFOM LAM - Comunidade, Patrimônio, Museologia e Desenvolvimento Sustentável (H. Varine, José R. M. Sanchez Hidalgo, Nelly Decarolis, Heloisa Costa, Tereza Scheiner, Peter Davis, V. H. Bedekar)  
11.30 horas - Conferências: Pierre Mayrand, Mário Moutinho, Ana Maria Reyes e Odalice M. Priosti  
12.30 horas - Almoço  
14.00 horas - Grupos de trabalho do ICOFOM LAM (salas separadas) / criação de um GT para elaboração da Agenda 21 dos Ecomuseus  
16.00 horas - Grupos de Trabalho ICOFOM LAM / Agenda 21 Ecomuseus  
18.30 horas - Traslado para o local da manifestação cultural  
19.00 horas - Manifestação cultural: Concerto Sinfônico na Praça Ruão  
21.00 horas - Retorno aos hotéis
- 
- Dia 19 / 05 - 9.00 horas - 3 ateliers liderados pelos conferencistas da véspera  
· Museus e Desenvolvimento: estratégias (Hugues de Varine, Pierre Mayrand e Miguel Angel Garcia)  
· Museus e Participação Comunitária: métodos - (Graça Filipe, Jose R. M. Hidalgo e V. H. Bedekar)  
· Museu Educador - liberador: pedagogia (Maria Célia T. Santos, Odalice Miranda Priosti, Alfredo Tinoco, Ana Maria Reyes)  
12.00 horas - Almoço  
14.00 horas - Elaboração de documento Agenda 21 para Ecomuseus / GT do ICOFOM LAM  
16.00 horas - Plenária  
1. Discussão das propostas da Agenda 21 para Ecomuseus  
2. Discussão do documento da Agenda 21 para Ecomuseus  
3. Apresentação do GT Terminologia Museológica (ICOFOM LAM)  
4. Conclusões ICOFOM LAM  
18.30 horas - Traslado para o local da manifestação cultural  
19.00 horas - Manifestação Cultural: Festa das Etnias no G. R. E. S. Acadêmicos de Santa Cruz)  
21.00 horas - Retorno aos hotéis
- 
- Dia 20 / 05 - 10.00 horas - Encerramento (leitura e divulgação dos documentos finais, conclusões das propostas elaboradas no dia anterior, relatório final)  
12.00 horas - Entrega de souvenirs, agradecimentos  
13.00 horas - Manifestação Cultural: Festa da Integração, com almoço típico, na Sociedade Sul Riograndense  
16.00 horas - Retorno aos hotéis . Encerramento do Encontro.
-

# **Anexo II**

## **Imagens do Evento**

### **Fotos**



Figura 1 - Coordenadores do IX ICOFOM LAM, na última reunião de trabalho antes da inauguração do evento.



Figura 2 - Coordenadores do ICOFOM LAM e do MINOM.





Figura 3 - Caminhada ecológica – sítio Burle Marx.



Figura 4 - Poetas de Campo Grande se apresentam.



Figura 5 - Comandante da Base Aérea de Santa Cruz.



Figura 6 - Músicos da comunidade...





Figura 7 - ...fazem Dalberto dançar





Figura 8 - ...observados por museólogos de vários países



Figura 9 - ...e pelo pessoal da comunidade.



Figura 10 - Cerimônia de abertura do evento: Representante da comunidade; Zita Posamai, Secretária do ICOM Brasil; Nelly Decarolis, Presidente do ICOFOM LAM; Tereza Scheiner, Presidente do ICOFOM; Alex Nicolaef, Diretor do DGPC; Alfredo Tinoco, Presidente do MINOM; Walter Priosti, Coordenador do Ecomuseu de Santa Cruz.



Figura 11 - Walter Priosti, Coordenador do Ecomuseu de Santa Cruz.





Figura 12 - Alfredo Tinoco, Presidente do MINOM.



Figura 13 - Hughes de Varine, ASDIC.



Figura 14 - Sorrindo para a câmara: Diretor do DGPC; Diretor Geral do Grupo Gerdau; Secretária do ICOM Brasil; Presidente do MINOM; Presidente do ICOFOM; Coordenador do Ecomuseu de Santa Cruz; Presidente do ICOFOM LAM.



Figura 15 - Conferencias de abertura do evento.





Figuras 16 e 17 - Dia 18 de maio: o coral e a orquestra da FEUC se apresentam para os participantes do evento.





**Figuras 18 e 18a - Grupos de trabalho do ICOFOM LAM discutem as questões colocadas pelos autores dos documentos de base.**







Figuras 19 e 20 - Grupos de trabalho do ICOFOM LAM.





Figura 21 e 22 - Grupos de trabalho do ICOFOM LAM.





Figura 23 - Grupos de trabalho do ICOFOM LAM.





Figura 24 - Alunas da Escola de Museologia da UNIRIO atuam como voluntárias...



Figura 25 - ...na venda de livros e CDs do ICOFOM LAM.



Figura 26 - Hora do almoço, na sede do Grupo Gerdau.



Figura 27 - Apresentação de grupo folclórico da Sociedade Sul-Rio-Grandense.





Figura 28 - ICOM LAM – apresentação de dez anos de trabalho na América Latina.



Figura 29 e 30 - Os ecomuseus se apresentam.







**Figura 31 - Coordenadores e sumaristas do ICOFOM LAM, redigindo a Carta de Santa Cruz.**



Figura 32 - Terminado o evento, é hora de celebrar o trabalho realizado.



Figura 33 - A Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz recebe o MINOM e o ICOFOM...



Figura 34 - ...com a criatividade e a beleza das meninas





Figura 35 - ...e a arte dos passistas



Figura 36 - ...unindo a Museologia às tradições populares.





Figura 37 e 38 - Flagrantes da festa de encerramento do evento.





Figura 39 - Medalha comemorativa do evento, criada pela Casa da Moeda (distrito industrial de Santa Cruz).



Figura 40 - Dr. Newton da Costa, Coordenador do NOPH de Santa Cruz, presenteia Pierre Mayrand com a medalha comemorativa.





Figura 41 - Odalice Priosti, vice-Presidente do MINOM, cumprimenta Nelly Decarolis, Presidente do ICOFOM LAM.





Figura 42 - Homenagem ao Sr. Benedito Freitas, historiador de Santa Cruz (90 anos) - memória viva do bairro e da comunidade.



Figura 43 - Aperto de mão entre coordenadores de Ecomuseus: Walter Priosti (Santa Cruz) e Graça Filipe (Seixal).



Figura 44 - Prof. Francisco José (FAMA) cumprimenta Hughes de Varine.



Figura 45 - Museóloga Rita de Mattos, recebendo a medalha comemorativa em nome da Presidente do ICOFOM.





Figura 46 - Sra. Leda Baeta fala em nome do núcleo comunitário do Hospital Pedro II.



Figura 47 - A nova geração de Santa Cruz, atuando o Ecomuseu como espaço de espontaneidade, liberdade e participação (foto de Pierre Mayrand).



*“...existir é um conceito dinâmico, que implica o diálogo incessante do homem com o homem; do homem como seu Criador. É essa troca do homem com o seu meio ambiente e também dos conflitos e dos problemas de sua existência que lhe dá a dimensão histórica.”*

**Paulo Freire**